



Carlie Ferrer

ESTÚPIDA

Proposta

TERCEIRO VOLUME
TRILOGIA V.D.A.



ESTÚPIDA
Proposta

Trilogia V.D.A.
Volume II

Carlie Ferrer

Copyright ©2015 Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito do autor.

Revisão: Bárbara Pinheiro

Capa: Amanda Lopes

1ª Edição

Dedicatórias

A trilogia V.D.A. sempre será dedicada a Amanda Lopes e Bárbara Pinheiro...

Mais uma vez, como sempre, vocês estão comigo quando concluo algo. Mais um sonho que realizamos aqui. Nossa trilogia acabou, maninhas. Mas que bom que ela me trouxe vocês. Que bom que Estúpido desejo foi sua primeira capa profissional, Mandy. E foi o primeiro livro meu que você leu, Bah. E quando tudo estava errado, foi justamente com ele, que vocês não me deixaram desistir, e me ajudaram a conquistar uma das melhores coisas da minha vida. A trilogia se encerra com mais de sete milhões de visualizações no Wattpad, então, sete milhões de vezes, obrigada minhas amigas, minhas irmãs, minha base. Amooo muito vocês.

Estúpida Proposta é dedicado a Amanda Lopes, que inspirou a Gil, a Mandy Lopes, criou a Ginger e meteu seu nariz no livro todo. É seu xodó, seu livro, minha amiga.

Agradecimentos

A Deus, mais uma vez, por tudo que tem me dado, muito além do que eu havia pedido. Por cada sonho novo, e cada oportunidade de realizá-los. Obrigada meu Pai.

A minha família, por estarem há dias sem falar comigo pra eu terminar isto. Obrigada pela compreensão, o apoio e amor de vocês.

As melhores amigas que uma pessoa poderia ter: Ellen, Michelle, Gleice, Amanda, Shirley, Daniele, Catarina, Paloma, Debora, Olivia, Naty, Andreia, Regiane e Vick.

A Maria Rosa e Maria Fernanda, nunca encontrarei palavras para agradecer a vocês por toda amizade e apoio.

A minha pimentinha Sara, a minha florzinha preferida, Jessica. A angolana mais linda do mundo, Rosa. A maluquinha mais adorável que conheço, Edilaine. A florzinha mais divertida e doce do meu jardim, Nathalia. A leitora mais linda de Proposta, Thais Martins. A minha baby mais criativa e talentosa, Emily. Um muito obrigada especial a vocês.

E sempre, sempre a minhas meninas, do Wattpad, do Face, do grupo do Whats, vocês que me ajudam, que comentam, que palpitam, que tornam tudo isso real. Nunca consigo citar todos os nomes, mas vocês sabem quem são, vocês estão sempre ali: Mel, Danny, Yanca, Shirlene, Kami, Thias, Mika, Liv, Andrezza, Martinha, Lilian, Denise, Aysha, Alexandra, Flavia, Duda, Krisley, Emanuela, Luana, Carla, Cirlene, Keissi, Lari, Josi, Jessica Bidoia, Nessah, Mony, Gabriela, Danila, Diana, Rozzy, Jessica Lorrane, Fabi, Larissa e Ícaro, Fernanda, Maria Elisa, Fabiana Nunes, Kamila Santos, Adriana Dutra, Estephanie, Glauce, Manu Moura, Mia Klein, Vic Gonçalves, Cris Fermino, Alessandra Fernanda, Emilene Choli, Eliane, Hemmylly, Dany, Raquel, Sabrina, Simone, Daisy, Julia, Thais Padalecki, Brenda, Mikaely, Leda, Mariazinha, Mirelle, Maria Evellyn, Cleide Martins, Camila Farias, Gra Giustina, Tio Eru, Nayana, Suelen Anjos, Isa Moraes, Maria Luisa, Jaliane, Thalia, Vic, Manu Becker, Simony, Juliana Felix, Debb, Daniela, Thay Braz, Yvana, Josilene, Nivia, Rosa, Luciane, Victoria, Carolina, Naah, Andreza, Sandrinha, Blenda, Deizeanne, Tatiana, Leticia, Fabiana Farah, Deborah, Lay Cezar, Carol Felicio, Vane, Deyse. E cada pessoa que leu este livro, que votou, que me mandou uma mensagem ou comentário, que indicou, ou que simplesmente acompanhou do começo ao fim, e se divertiu e se apaixonou com eles, obrigada infinitamente.

Obrigada, especialmente, a essas pessoas que conseguem me fazer sentir que estou no caminho certo, que são especiais de uma maneira surpreendente e me ajudam sempre: Diana Medeiros, Bianca Patacho, Aline Mendes, Vanessa Fiorio, Cynthia Lopes, Nathalie Graff, Amanda Pessoa, Erika Will, Gracielle Rodrigues, Sol Wayne, Camila Lima, Isnathielly, Cleidi Alcantara, Uennia, Jaqueline Borges, Jaine Gonçalves, Tania Lopes, Middian Meireles, Angela Aguiar, Sue Hecker, Jessica Laine, Su Xavier, Lyssa Camargo, Leila Rios, Jaqueline Renata, Sheyla Mesquita, Juliana Cardoso e Sueli Pinheiro (mamis Su), obrigadaaaa!

Ao Recanto das autoras brasileiras e Livros do coração, pelo apoio, carinho e parceria.

A você, que está lendo agora, espero que se divirta bastante. E obrigada por fazer parte disto.

Capítulo 1

Matheus

Há três anos.

O dim-dom dos sinos quase para o coração que bate descontrolado em meu peito. Olho para o prédio antigo, uma bela construção, e ouço o resmungo de Cleber.

— Merda.

— Não diga palavrão aqui, seu idiota. Isso é solo sagrado — ralha Sebastian.

— Matheus, todas as vezes que eu te chamei de gay, não era para você arrumar uma freira. Tantas mulheres no mundo! Pelo amor de Deus! — reclama Cleber.

— Ela não é freira — respondo calmamente.

Ele aponta exageradamente para a construção à nossa frente.

— Olá? Estamos em um convento. O que mais ela estaria fazendo aqui?

— Pegando um padre — diz Sebastian.

— Querem parar vocês dois? Já estou nervoso o suficiente. Calem a boca!

Os dois ficam rindo e dando tapas em minhas costas.

— Relaxa, homem. Vamos salvar sua freira, mas depois você vai para o inferno — diz Cleber.

Será que Gilcelle virou mesmo freira? Embora tenha sido tão doce comigo, e sempre tenha cortado os caras na nossa cidade. Ela sempre me pareceu cheia de energia. Uma fera! Não entendo o que está fazendo em um lugar como esse.

— Vamos descobrir o que ela está fazendo aqui. E claro, vamos levá-la embora — digo.

— Se você diz... — os dois babacas respondem ao mesmo tempo.

Toco a campainha e espero diante da enorme porta de madeira. Sebastian, ao meu lado, enfia as mãos nos bolsos do terno e assovia. Mas sei que está nervoso. Cleber, do outro lado...

Olho para todos os lados e não vejo Cleber.

— Cadê o imbecil...

A porta se abre e uma freira nos olha com desconfiança. Ela já tem certa idade e com certeza sabedoria.

— Pois não? — pergunta desconfiada.

— Estamos procurando uma pessoa.

Sua expressão se fecha totalmente.

— Ninguém aqui está perdido.

Ela tenta fechar a porta, mas Sebastian a impede com o pé. Ela o encara com uma careta e ele logo começa a falar.

— Tenho uma vizinha que fugiu. Ela deixou seu filho pequeno sob meus cuidados. Mas, ele tem poucos meses e precisa mamar. Preciso que ela volte e cuide dele.

A freira parece sentir pena e o olha com compaixão.

— Sou Sebastian — ele diz estendendo a mão, que ela aperta e ruboriza.

— Não temos nenhuma fugitiva escondida aqui. As meninas que aqui estão vieram de bom grado e sabiam o que estavam fazendo ao escolher dedicar suas vidas ao Criador.

— Contratei um detetive e recebi a informação de que ela estaria aqui. Ele tem absoluta certeza

disso. Será que nos deixaria dar uma olhada?

A freira parecia em um dilema, mas por fim, negou com a cabeça.

— Sinto muito. Mas é proibida a entrada de homens que não pertençam à paróquia. Talvez se você me disser o nome dela, eu possa olhar em nossos registros se ela está aqui. Mas, duvido muito.

Sebastian tenta disfarçar e me encara. Eu não havia dito o nome dela.

— Gilcelle, o nome dela é Gilcelle.

A freira então muda totalmente a expressão, e cruza os braços.

— Essa garota não é uma freira e nem deveria estar aqui! Está de visita. Veio ver a irmã e não vejo a hora de ela ir embora.

— Espera, Antônio está aqui? É uma freira? — pergunto atônito.

— Sim, Antônio é uma de nossas mais dóceis meninas. Mas a irmã... — Ela faz um gesto de cruz na testa e uma careta. — Não posso deixar que entrem. Nem sabia que essa menina era mãe, mas amanhã mesmo ela estará indo embora. Darei a ela o recado — ela diz e bate de uma vez a porta na nossa cara.

Encaro Sebastian sem saber o que fazer e o imbecil está sorrindo.

— Sua garota traumatizou a freira. Acho que gosto dela.

— Cale a boca. O que faremos agora?

— Temos que achar o Cleber.

Descemos as escadas da entrada e vamos andando, mas antes de chegarmos ao portão, algo acerta a cabeça de Sebastian.

— Merda.

Eu o encaro com uma expressão fechada e ele está acariciando a cabeça.

— Alguma coisa me acertou. Será que foi Deus? Mentir para uma freira deve ser pecado em dobro.

— Pare de falar besteiras e olhe para cima.

E ali, pendurado no muro está Cleber.

— Não sei o que seriam de vocês sem mim — ele diz se gabando.

— Não sei o que acha que vai conseguir pendurado em um muro que cerca um portão aberto — digo irritado.

— Matheus, tenha fé. E subam neste muro.

— Não vamos subir em um muro. Não há sentido nisso, Cleber, qual é o seu problema?

Olho para Sebastian buscando apoio, mas o imbecil já está subindo no muro com a ajuda de Cleber.

— Sebastian!

— O que? Não vou mais mentir para freiras, se ele diz que temos que subir no muro, então subiremos no muro.

Eu não subo. Os dois patetas vão se arrastando pelo muro, tomando cuidado para não cair e eu os sigo até onde o muro acaba. Paro ali, cruzo os braços e olho para eles. Mas, eles passam de onde parei e somem de vista.

— Ei, aonde vocês vão?

— Eu disse para subir no muro, seu babaca — grita Cleber.

— Volte aqui e me ajude.

— Não. Terá que se virar sozinho.

Sujo toda minha roupa, rasgo minha calça, sujo minhas mãos. Estou prestes a ter um ataque quando a cabeça de Sebastian aparece por cima do muro rindo de mim.

— Sabe, o lugar mais fácil de subir é perto do portão. Há uma falha no muro que serve de apoio.

— Está insinuando que terei que refazer todo o caminho e depois vir ridiculamente agachado no muro como vocês fizeram?

— Se quiser entrar aqui e descobrir onde esse muro nos leva, sim, terá que fazer isso. Mas, se quiser podemos ir embora, porque o que o Cleber deixou reservado para a gente aqui cara, é meio loucura demais.

Deveríamos ir embora. A freira disse que Gilcelle estará fora deste lugar amanhã. Amanhã eu volto e fico de plantão no portão. E ela vai fugir e resolver ficar mais uma semana assim que me vir esperando por ela. Droga!

Volto o caminho todo e acho a falha no muro. Consigo subir. Tento não me concentrar na areia grudando em minha mão, nem nestes arranhões que podem causar alguma infecção e finalmente passo pelo ponto onde Sebastian e Cleber sumiram. Pulo do muro e caio de bunda no chão.

— Isso doeu, você é o que tem mais classe entre nós e, no entanto pulou feito uma gazela com dor — diz Sebastian.

— Cale a boca.

Tiro um lenço de dentro do bolso e limpo os arranhões em minha mão o máximo possível com ele. Procuro por perto, mas não há água em lugar nenhum.

— Quer que eu cuspa? Assim você pode limpar sua delicada mãozinha.

— Vá se catar, Cleber.

— Por que não xinga como homem? — ele diz e lhe mostro o dedo do meio.

Olho para onde estamos e é a lateral da construção do convento. À nossa frente há apenas uma enorme janela, que está aberta. Poderíamos entrar por ela. Seria totalmente errado, e estaríamos cometendo o crime de invasão. Isso é loucura demais. Até mesmo por ela. Não posso obrigar meus amigos a cometerem um crime por mim. Olho para eles pronto para pedir para irmos embora, quando Cleber me estende uma roupa cinza.

— O que é isso?

— A garantia de que não seremos presos. Ou uma quase garantia.

É uma batina. A batina de um padre.

— Onde você conseguiu isso?

Cleber dá de ombros.

— Não precisa agradecer. Agora vista isso para que possamos entrar e resgatar sua pura donzela.

Pego a batina e a examino. Cheiro para ver se está usada, mas tem cheiro de amaciante. De repente um tapa acerta minha cabeça.

— Se você disser que não vai vestir porque não sabe quem a vestiu por último, juro que faço você entrar pelado neste lugar — ralha Cleber.

— Eu não ia dizer nada.

Sebastian tira a roupa e veste a batina, mas não chego a tanto. Tiro o terno e o penduro em uma roseira com cuidado e jogo a batina por cima da roupa.

— Isto está péssimo. Você parece um espião mal disfarçado — diz Cleber.

— Não importa. Esta coisa não terá contato direto com minha pele.

Cleber e Sebastian se olham, e antes que eu possa impedir, Cleber pega um pedaço da batina dele

e a esfrega na minha cara.

— Idiota! — grito quando consigo me soltar.

— Não grite seu babaca, quer ser descoberto? — ele diz rindo.

— Agora que sua frescura acabou, tira a merda da roupa e vista a batina — ordena Sebastian.

— Sebastian, aqui é solo sagrado — ralha Cleber.

— Ah, eu menti para uma freira e vamos invadir um convento para que o Matheus possa dar umazinha com a garota. Vamos todos para o inferno.

Tiro a roupa e visto a batina cinza, igual a de Sebastian. Só então reparo que Cleber usa uma batina preta.

— Por que só você está com essa roupa preta?

— Porque sou o mais bonito. Não faça perguntas, me siga.

Apoiado em um vaso de planta, ele alcança a janela e passa por ela sem dificuldade. Em seguida, Sebastian faz o mesmo. Na minha vez, fico entalado. Não tenho forças nos braços para suportar todo meu peso. Os dois me puxam pelos braços e praticamente me jogam ao chão.

— Fracote. Esse rosto de Barbie está desperdiçado neste corpo magricela. Você deveria malhar. Talvez assim comece a se parecer com um homem — diz Cleber.

— Não adiantaria nada. Ele não se parecerá com um homem enquanto não comer uma mulher.

— Sebastian! Estamos dentro de um convento, não use a palavra comer — ralha Cleber.

— O que eu deveria dizer? Procrastinar?

— Vocês dois deveriam ficar calados — concluo.

Fazemos o mínimo de barulho possível e paramos em um corredor, repleto de portas.

— Tenho certeza que você não sabe em qual porta está sua querida freirinha, não é? — pergunta Cleber.

— Ele nem sabia se ela era freira — responde Sebastian.

— Calem a boca e me sigam.

Vamos andando sem fazer barulho, passando bem devagar por cada porta. Tudo está no mais absoluto silêncio. Até que na antepenúltima porta do corredor, há um barulho.

— Escutem — digo baixinho.

Vem andar comigo, do Jota Quest, toca baixinho em um dos quartos. E alguém muito desafinada canta por cima da música.

— Essas freirinhas são bem ecléticas. Não achei que pudessem ouvir Jota Quest em um convento — diz Cleber.

— E não podem — respondo e abro a porta.

A música para de uma vez, e ali está ela. Minha Sereia. Meu paraíso. Gilcelle.

Não a via há sete anos e o tempo parece congelar quando ela nos encara atônita. Ela está usando uma blusa de frio de tricô e um shortinho tão curto, que mais parece uma calcinha. Não é mais uma menina. Não é mais a linda menina que desabrochou comigo. É uma mulher. Linda. Seu cabelo num tom bem mais escuro de vermelho, em longos cachos até sua cintura. Seus olhos cor de mel destacados por uma sombra preta. Não há mais sardas em seu rosto. Está ainda mais linda.

Fico tanto tempo parado ali, apenas olhando para ela, que Cleber é o primeiro a entrar. Usando aquela bata preta, encara-a em choque.

— Gilcelle?

Ela larga o esmalte que estava passando no pé e estende as mãos como se ele fosse um policial e

ela tivesse sido pega em flagrante.

— Não fiz nada. Era apenas uma música. E de onde saiu você? Eu olhei bem cada padre aqui e nenhum era tão bonito.

Cleber abre um enorme sorriso. Logo, uma porta no corredor bate e Sebastian me empurra para dentro do quarto, fechando a porta atrás de mim. É aí que ela me vê. E embora não tenha reconhecido Cleber, ela me reconhece.

Abaixa as mãos de uma vez, arregala os olhos e abre a boca. E não diz nada.

— Oi, Gilcelle — tento.

— Você? O que está fazendo aqui?

Nada bom. Ela me olha como se quisesse me matar. E de repente algo começa a coçar em minha barriga. Logo, coça minhas costas. Começo a me coçar, devo estar mesmo muito nervoso.

— Eu vim... buscar... droga! Droga! Está coçando.

Sebastian tenta tirar minha roupa enquanto Cleber tenta me ajudar a coçar as costas. Mas, está coçando em todos os lugares. Por fim, Cleber rasga a batina, mas continua coçando. Meu corpo está todo vermelho e estou parado diante de Gilcelle e de uma freira, apenas de cueca. Coçando-me feito um louco.

— Vocês roubaram estas roupas, não é? Há um padre aqui, que é muito chato. Pega muito no meu pé. Então eu preparei uma surpresa para ele.

— Você colocou pó de mico na batina de um padre? — pergunta Antônia espantada.

— Foi só um pouco.

— Não foi! — respondo ainda me coçando.

— Você precisa de um banho, Matheus. Não vai parar de coçar — diz Sebastian.

— Isso é impossível. Não dá para andarmos com ele assim até o banheiro. Ele seria visto pela madre superiora. Ela não dorme a noite. É como uma coruja armada pronta para matar alguém — diz Gilcelle.

— Então o que podemos fazer? — pergunta Sebastian.

— Nada. Vamos deixar que ele se coce até arrancar toda sua pele. E tomara que continue se coçando até os ossos e morra em pedaços ao chão! — ela grita.

Afasto-me de Sebastian e Cleber, e ainda me coçando, me aproximo dela.

— Gilcelle, eu ia te ligar. Vamos resolver as coisas, mas agora precisamos sair daqui.

Ela me encara.

— Você. Ia. Me. Ligar — diz pausadamente. — Claro que ia. Tenho certeza que apenas se esqueceu deste detalhe nos últimos sete anos. Olha a minha cara de quem acredita em você, seu estúpido — ela levanta o dedo do meio para mim.

Em seguida, se levanta e se atira em Cleber, pega-o de surpresa e o beija na boca.

Antes que eu possa reagir, a porta do quarto se abre e a freira que nos atendeu, que deve ser a tal madre superiora entra. Ela olha para mim, vestido apenas de cueca diante de Antônia, e olha Gilcelle agarrada com Cleber, vestido de padre.

— Valha-me Deus! — exclama antes de desmaiar.

— Porra, Matheus! Agora vamos mesmo para o inferno. Acabamos de matar uma freira — diz Sebastian com as duas mãos na cabeça.

As coisas não poderiam ter sido piores.

Estava tranquila no quarto de Antônia, pintando as unhas de rosa, e ouvindo-a reclamar que levaria uma bronca da madre superiora, pois aquela cor era berrante demais, quando a porta foi aberta, o quarto dela foi invadido e o imbecil do Matheus Amorim apareceu como um espírito mal encarnado na minha frente.

Estou pulando etapas, vou contar do começo.

Minha irmã mais velha, Antônia, resolveu ser freira. Tudo começou porque ela teve um namorado, o Jairzinho, e o filho de uma grande vaca sempre a comia por trás. Ela vivia colada com ele, não tinha amigas e mal nos falávamos. Mas então, nossos pais morreram. Uma tragédia enorme. E só tínhamos uma à outra. Acabamos nos tornando amigas. E ela acabou descobrindo por mim que estava cedendo o buraco errado. Não que eu tenha muita experiência com essas coisas, mas qualquer um sabe sobre isso. Menos ela, coitada. Ela entrou em depressão. Ficou dias de cama, sem falar com ninguém, sem comer nada. Quando resolveu sair daquela fossa e tomar as rédeas de sua vida, procurou o namorado. Assim, sem avisar, e o encontrou praticando a atividade preferida dele, no buraco preferido dele, em outro carinha. Minha irmã, um anjo de pessoa, teve um ataque. Quebrou a casa toda na cabeça dele, surtou e desapareceu. Isso foi há seis meses. E somente na semana passada, ela entrou em contato comigo para me contar onde estava e que havia se tornado uma freira. Então eu vim aqui resgatá-la. Uma mulher não pode se dar por vencida porque o namorado queima a rosca. Vim convencê-la a voltar comigo.

Mas, chegando aqui, ela me falou muito sobre a madre superiora, como era bondosa, compreensiva e sábia. Então resolvi conversar com ela, sobre uma coisa que andava me atormentando nos últimos anos. E esperava que ela me ajudasse de alguma maneira.

Ela se mostrou muito contente por eu tê-la procurado para pedir ajuda.

— Madre, tenho um problema. Há algo de muito errado comigo — eu disse.

— Não diga isto, querida. Conte-me o que a está perturbando e vamos ajudá-la.

— Eu ouço vozes. Na verdade, uma voz.

Ela arregalou os olhos e continuei falando.

— Na minha cabeça. Não é a minha voz. Mas ela sempre fala comigo.

— O que ela diz? — ela perguntou temerosa.

— Muitas coisas. Ela tem um senso de humor debochado. E não é muito boa, na verdade. Ela me dá conselhos de como agir em determinadas situações.

— O que ela te aconselha a fazer?

— Normalmente? A me defender. De homens. De pessoas más. Ela é bem agressiva.

— Olha, querida, isso pode ser um espírito mau que se apossou do seu corpo. Poderíamos exorcizá-la. Quando isso começou?

— Quando dei para meu vizinho. Eu tinha dezoito anos. Foi bom, na verdade, mas ele foi embora na manhã seguinte. E então essa voz ficou, dizendo-me o quanto eu o odiava e me mandando dar para um monte de outros caras pra não ficar pensando nele, sabe? No vizinho.

Ela arregalou os olhos e cobriu a boca com as duas mãos.

— Quando isso acontece, você perde os sentidos? Essa voz domina sua mente?

— Ah não. Ela conversa comigo. Na verdade, às vezes eu gosto dela. Ela me ensina a me vestir.

A madre olhou bem minha roupa curta e arregalou mais ainda os olhos.

— Ela também sabe um mundo de palavrões. A senhora acha que preciso ser exorcizada?

Ela negou veementemente com a cabeça.

— Precisa ser batizada! — gritou. — Se entregar para Deus, deixar essa vida mundana e fechar essas pernas, meu Deus!

Ela começou a fazer o sinal da cruz repetidas vezes desesperadamente.

— Não há espírito nenhum em você! Só mesmo a sua sem-vergonhice que é tão grande que tem voz própria.

Dei de ombros, satisfeita.

— Ah que bom. Não queria mesmo nada saindo do meu corpo. Isso é meio estranho.

E desde então, ela me deu vinte e quatro horas para sair daqui.

Eu só tinha esta noite para convencer Antônio a ir embora comigo, e agora, estou de novo na sala da madre superiora, enquanto Matheus, o fantasma, toma um banho e estou levando uma bronca por causa do pó de mico. E nem foi o chato do padre a vítima.

Enquanto ela foi verificar se arrumaram uma roupa para ele sair do banheiro, Cleber se aproxima de mim. Eu me lembro pouco dele, lembro que era um tremendo galinha e vivia cercado de meninas.

— Ele quer ajudá-la. O Matheus. Entrou aqui escondido, nos obrigou a fazer isso, tudo porque queria reencontrá-la.

Eu o encaro com todo o ódio de uma adolescente abandonada.

— Você sabia que esse imbecil tirou minha virgindade e foi embora na manhã seguinte?

— Não. Não fazia ideia. Acharia que ele ainda era virgem se não fossem as festas da faculdade.

Faço uma careta e ele cobre a boca.

— Enfim, ele deve gostar mesmo de você. Porque ele é meio chato e bem fresco e escalou um muro e vestiu uma batina batizada por você.

— Não está fazendo nada disso por mim. Provavelmente serei expulsa agora, mas não vou a lugar nenhum com ele.

— Ele quer te propor um emprego. Em nossa empresa.

— Vocês têm uma empresa?

— Somos donos de alguns hotéis. Ele quer contratá-la.

Nem sonhando! Nunca que eu me submeteria ao imbecil que tirou minha virgindade e foi embora. Nunca mesmo!

Logo, a madre retorna, com Matheus vestindo uma enorme camisola feminina. A situação não é nada engraçada, mas tenho uma crise de riso. Cleber e o outro amigo deles também têm essa crise. Ele merece, depois do que fez comigo, merece ser visto usando uma camisola de carola com bolinhas cor-de-rosa. Somos todos expulsos dali. Até mesmo Antônio. Mas ela chora e se desculpa e a madre acaba apenas dando uma penitência a ela, e a deixa permanecer ali, infelizmente.

Quando saímos pelo enorme portão, ele é trancado atrás de nós.

— Droga! Nossas roupas! — reclama Matheus, mas a madre não permite que eles entrem ali de novo.

Assim, vou caminhando ao lado de dois padres e um homem vestido com camisola. Ando o mais distante possível dele. Eles me guiam até um carro.

— Obrigada pela noite de merda, meninos, passar bem — digo e me viro para ir embora, quando uma mão me segura.

E ali está ele. Seu cabelo loiro está comprido, acima do ombro, seus olhos mais azuis do que eu

me lembrava, seu rosto, antes o de um anjo, agora é de um homem. Matheus sempre foi lindo. Essa barba loira por fazer e esse ar de bom moço caíram-lhe muito bem.

— Gilcelle, sei que você me odeia, mas venha comigo. Vamos conversar direito, tenho uma proposta para te fazer.

— Não, obrigada — digo tentando me soltar.

— Está muito tarde e você não tem para onde ir. Duvido que tenha algum dinheiro.

— Isso não é da sua conta! — respondo e puxo minha mão, mas ele não a solta.

— Venha comigo. Vou levá-la para um hotel. Amanhã, quando estiver mais calma, nós conversamos.

— Não vou a lugar nenhum com você!

— Você vai sim!

— Você não manda em mim!

— Vamos ver se não!

Respiro fundo e aviso:

— Não sou mais aquela garotinha boba que você conheceu. Eu sei me defender. Ou você me solta, ou eu vou furar seus olhos com as unhas.

— Tente.

— Um — começo a contar, mas ao invés de me soltar, ele me segura também com a outra mão. — Dois — um sorriso bobo surge em seu rosto. — Três — ele me puxa de repente e seus braços me rodeiam, seu cheiro é do sabonete do banheiro do convento, mas há um cheiro a mais, uma colônia masculina deliciosa. Um cheiro que senti por todos esses anos em cada cama que me deitei. — Quatro.

Eu o empurro e começo a gritar, pedindo socorro. Imediatamente os outros dois comparsas dele me seguram e me jogam dentro do carro. Matheus vem atrás comigo. Eles arrancam o carro, mas, durante toda a viagem, não dou paz. Eu esperneio e tento acertá-lo, e mesmo assim ele fica ali. Quando me canso, respiro fundo e fico quieta. Ele me solta finalmente. E não diz mais nada.

O carro para em frente a um hotel caríssimo.

— Você vai ficar aqui — ele diz.

— Não vou não!

— Não vamos começar com isso de novo.

— Assim que eu sair desse carro vou gritar feito uma louca e vão chamar a polícia para você.

— Esse hotel é meu e ninguém vai fazer nada contra mim. Você será tachada de louca, por nada.

Faço uma careta e desço do carro emburrada. O hotel é puro luxo, nunca havia estado em um lugar tão chique antes. Ele me guia até o elevador, sendo avaliado por várias pessoas, por estar de camisola. Quando entramos no elevador, ele se olha no espelho e solta um palavrão. Não sinta pena dele. Ele mereceu. Guia-me pelo cotovelo até uma porta, a abre e me empurra para dentro.

— Se você acha que pode me arrastar assim e...

— Cale a boca! — ele diz bravo e me calo imediatamente com seu tom autoritário. — É o seguinte! Você vai ficar exatamente aqui o tempo que eu disser que vai ficar. Se tentar fugir ou for embora, descobrirei onde está e a trarei de volta, então nem perca seu tempo!

Assinto calada.

— Não receba ninguém aqui. Pode usar o telefone, e não adianta ligar para a polícia, tenho meus contatos e você não conseguiria nada.

— Eu não pretendia ligar.

— Ótimo! — ele diz e some pelo corredor.

Fico ali parada, olhando todo aquele luxo, e resolvo segui-lo. Ele está em um quarto, o closet aberto, vestindo uma blusa. A calça social que acabou de vestir, aberta.

— Este apartamento é seu?

— Sim.

— Então, aonde você vai?

— Para qualquer lugar, já que você não quer que eu fique.

— Não quero mesmo. Por mim, que você suma.

— Vou sumir, Gilcelle, somente por hoje. Amanhã, você vai agir como uma adulta e conversar comigo.

— Talvez eu tenha ido embora pela manhã — digo com ironia.

Ele para de se vestir e me olha.

— Nem tente, eu a encontraria mesmo se você se escondesse no inferno, e a traria de volta.

— Por quê? Por que está fazendo isso? Por que agora? Você teve sete malditos anos! — grito.

— Porque agora que tomei coragem, agora que decidi corrigir meus erros, e vou começar por você.

— Fico feliz em ser um erro na sua vida, mas não preciso da sua caridade.

— Você não tem a opção de recusar. Vai fazer o que eu mandar, do jeito que eu mandar.

A forma como ele fala, com tanta raiva, com tanta segurança, autoridade, me faz vacilar. Nunca abaixei a cabeça para homem nenhum. Sempre sonhei com o dia em que o reencontraria e então me vingaria por cada noite que não dormi pensando nele. Mas, nunca pensei que faria o que ele quisesse, como estou fazendo. Quero reagir e sair por aquela porta que nem está trancada. Mas ele está aqui. E estará aqui amanhã. E não sei que merda está acontecendo comigo, mas não consigo ir embora sabendo que ele me quer aqui.

— Vai sonhando, estúpido — consigo responder.

Ele sorri. Termina de fechar a blusa, anda até mim, me puxa pelo cabelo e dá um beijo leve em minha boca.

— Até amanhã, Sereia.

Então me atira na cama e vai embora.

— Ah meu Deus! — corro até o telefone e ligo para minha melhor amiga. Ela atende no quinto toque. — Celina, está acordada?

— Graças a você.

— Você não vai acreditar! Lembra-se do idiota que tirou minha virgindade e foi embora?

— O que por acaso você fala todos os dias? Talvez eu me lembre.

— Ele apareceu. E você não vai acreditar, mas ele é um Dom.

— Um o quê?

— Um Dom, Celina, Dominador. Um homem que pega com força, que ordena, que domina. Desses de livro, sabe?

— Do tipo chicotadas e algemas? Sai fora. Homens já são chatos o suficiente se não pensarem que mandam totalmente em você.

— Eu não vou cair nessa de novo. Só estou contando.

— E onde você está agora?

- Longa história. Você ainda quer sair da casa da sua mãe?
- Com toda certeza.
- Ótimo. Conversaremos amanhã, acho que consegui um emprego.
- Isso tem alguma coisa a ver com o tal Dom? Aliás, como você sabe que ele é um Dom?
- Preciso dormir, amanhã nos falamos e te conto tudo.
- Não se atreva a desligar esse telefone, Gil sua...

Desligo o telefone e me jogo na cama macia de Matheus. E mais uma vez, durmo sentindo o cheiro dele, mas desta vez, sei que não é uma fantasia da minha cabeça.

Matheus

— Caralho, homem! A Gil Sereia! — Cleber fala espantado.

— Não a chame assim.

— Por que diabos nunca me disse? Por que nunca me contou? Foi com ela que você perdeu a virgindade, não foi?

— Sim, e a fiz gozar. Toma essa.

A expressão dele se fecha por um minuto, mas logo ele está sorrindo.

— Você é um safado escondido. Eu bem achando que você era gay e você conseguiu comer a garota mais desejada da cidade.

— Você nunca a desejou.

— Já sim, mas eu via que você olhava para ela, mais ou menos como um cão faminto encara um frango assado, então soube que ela era a responsável pelas horas que você passava no banheiro.

— Ah, cale essa boca!

— Ouvi dizer que ela é meio maluquinha. Você sabe, ela se enfiou em um convento.

— Ainda não sabemos o que estava fazendo lá. A madre acha que foi apenas visitar a irmã.

— Em um convento? Bom, boa sorte meu amigo. Acho que vai continuar virgem por um bom tempo.

Não durmo nada a noite. Ela está ali, a dois andares de distância. E o tempo todo tudo o que quero é encontrá-la. E tê-la de novo, desta vez sem pressa, desta vez amando cada pedaço de seu corpo. Minha Sereia.

Mal espero o dia nascer e vou ao seu encontro. Ela dorme espalhada na minha cama, seu cabelo vermelho, longo, embolado no meu travesseiro. Tiro uma foto com o celular para guardar aquele momento na lembrança, de como ela fica perfeita na minha cama. Deito-me ao seu lado e a observo. Mas é como se ela soubesse que estou ali, se mexe um pouco, resmunga algo e abre os olhos. Seus olhos cor de mel, turvos pelo sono, ela me olha por mais de um minuto e então sorri e volta a fechar os olhos.

Perco o controle.

Jogo-me em cima dela e beijo seus olhos para que ela os abra. Ela resmunga e sorri. Desço os beijos por seu rosto até alcançar sua boca. Mordo seus lábios e ela passa os braços por meu pescoço e me puxa para ela. Minha Sereia.

Isso tudo seria realmente lindo, se fosse verdade. Imagino tudo isso dentro do elevador, nos dois andares que nos separam. Mas, quando abro realmente a porta do meu apartamento, quase sou atingido por uma almofada. Ela está ali, parada no meio da sala, usando um blusão meu apenas, e parece irritada.

— Bom dia — digo.

— Bom dia o caralho. Quero ir embora.

— A porta estava destrancada.

— Não se faça de engraçadinho. Quero ir embora agora. Com a sua palavra de que não irá me procurar nunca mais!

— Não. Se quer ir embora, vá. Mas vou atrás de você.

— Eu te perdoo. Tudo bem, Matheus, está perdoado. Siga sua vida, arranje um homem e seja feliz.

Cruzo os braços e a observo. Está realmente irritada.

— Você sempre acorda assim de mau humor?

— Não estou de mau humor! O dia em que acordei sorrindo, você não estava ali para ver.

Essa doeu. Bato a porta e a tranco para não correr riscos, então me aproximo dela. Ela parece prestes a explodir segurando uma almofada de forma ameaçadora.

— Vamos, Sereia, coloque para fora. Brigue, grite, desconte toda sua ira em mim.

Ela fecha os olhos, respira fundo, e quando espero que vá acertar a almofada em mim, senta-se no sofá, cruza as pernas e me observa.

— O que você quer comigo?

Caralho! Ela sabe jogar. Sento-me à sua frente.

— Me desculpar. E explicar.

— Ok.

— Gil, eu era um adolescente idiota.

— Ok.

— Você era tudo o que eu queria. Eu a desejei desde quando você tinha treze anos.

Ela arregala os olhos, mas tudo o que diz é:

— Ok.

— Quando finalmente a tive... eu tinha que ir. Para a faculdade.

— Ok.

— Não fiz por maldade, não quis ser um cafajeste com você. Eu sempre me importei com você.

— Ok.

— Isso é tudo o que vai dizer?

— Ah, você quer que eu comente as merdas que está falando? Vamos lá. Você não foi um idiota, é um idiota. Se me desejava quando eu tinha treze anos, além de idiota, é um perverso. E entendo que precisou ir para a merda da faculdade, mas não entendo por que isso te impediu de pegar a porra do telefone ou deixar a droga de um bilhete na cabeceira da cama da menina idiota que você desvirginou! — ela grita, mas respira fundo e me olha com toda calma. — Eu odeio você. Posso dizer que te desculpo, mas não desculpo porra nenhuma. Sabe essas coisas de mulher magoada? Pois é, você me magoou e uma mulher magoada guarda o ódio para sempre. Pouco me importa se você quer se desculpar e bancar o bom moço agora, por mim que você morra e vá para o inferno. Eu quero que você continue sendo o grande covarde que sempre foi e suma de novo da minha vida. Desta vez eu vou ficar feliz. Quer que eu continue falando?

— Não precisa, obrigado. Vamos trabalhar seu ódio por mim. Vamos nos aproximar de novo.

— Não quero. Não me importo com você. E você não é tão bom assim para que eu fique remoendo isso.

— Não vou jogar na sua cara que eu a fiz gozar na sua primeira vez.

— Ah, que bom que você é um homem decente! Você quer se desculpar, eu não quero te desculpar. Estamos em um impasse.

— Venha trabalhar comigo.

— Quanto você vai me pagar?

— O valor que você pedir.

— O que eu terei que fazer?

— Ser minha secretária.

Ela me encara em choque. Depois, tem uma crise de riso.

— Nem sonhando que eu vou receber ordens de você, seu babaca. Aceito se for para ser secretária do bonitão.

— Cleber? De jeito nenhum!

— Então nada feito, estou indo embora e você que se exploda.

Ela se levanta, mas a puxo pela perna e a jogo de qualquer jeito no sofá. Rapidamente jogo meu corpo sobre o dela, para que ela não se mexa.

— Querida, você vai ficar aqui e vai trabalhar comigo. Vamos poupar nosso precioso tempo com discussões bobas. Do que você precisa para começar a trabalhar? Quer dinheiro? Roupas?

Aqueles grandes olhos cor de mel me fitam. Tenho uma vontade louca de beijá-la, mas quando encosto meus lábios nos dela, ela aperta as minhas bolas. Com força.

— Caralhoouooo! — berro e caio de lado ao chão.

Ela se levanta, limpa as mãos e diz:

— Estarei na sua empresinha amanhã, mas trabalharei com o bonitão. Não quero você nem perto de mim. Ou isso, ou nada feito. Nunca me dirija à palavra se não for algo relacionado ao trabalho e esqueça aquela noite horrível. No dia em que você tocar nesse assunto comigo, ou com qualquer pessoa, juro que aperto suas bolas com um alicate até que elas escorram como xixi pelo chão. Entendido?

Apenas assinto, a voz ainda não sai.

— Estou indo embora, não vou ficar no seu apartamento e você vai descobrir meu endereço quando eu preencher a ficha de contratação, então tenha a decência de não me procurar.

— Para onde você vai? — praticamente sussurro.

— Morar com uma amiga, não que isso seja da sua conta. Quero deixar bem claro uma coisa, Matheus, eu não gosto de você, não vou com a sua cara e só estou aceitando este emprego porque não tinha mesmo para onde ir. A próxima vez que colocar alguém para me seguir, vou pedir a um dos meus parceiros que te jogue em um bueiro.

— Um dos seus o que?

— Parceiros. Homens para quem eu abro as pernas. Você inaugurou querido, mas não foi o único visitante.

— Você não é escrota e rodada como tenta me convencer que é. Meu amigo te seguiu por muito tempo, Gilcelle.

— Então talvez ele também tenha me feito uma visita. Não me importa o que ele te disse, não quero você perto de mim. Acha que consegue fazer isso?

— Não é como se eu não tivesse experiência nisso.

Funciona. Ela fica magoada com minha resposta idiota.

— Estúpido — ela diz e sai batendo os pés.

E assim minha Sereia vai embora, usando um blusão meu e seu salto alto, enquanto tento recuperar minha masculinidade esmagada. E rezo para que ela realmente esteja na V.D.A. amanhã de manhã, ou meu próximo crime será sequestro.

Capítulo 2

Ainda há três anos...

Gilcelle

— Este apartamento é uma merda — digo desanimada.

— Então vamos ficar com ele — diz Celina sorrindo.

— Você ouviu o que acabei de dizer? Isto é uma merda!

— Gil, estamos na merda. Ou ficamos com ele, ou vamos morar as duas o resto da vida com a minha mãe. O que você prefere?

Olho em volta e torço um pouco o nariz.

— Ok, talvez não seja tão mau assim. O que aconteceu com seu chefe?

Ela dá de ombros, desanimada.

— O que ele tem a ver com esse apartamento?

— Não sei. Mas ele tem dinheiro, talvez possa nos indicar um lugar melhor.

Ela cruza os braços e me encara.

— Sim, ele tem dinheiro, mas seguindo sua lógica de homens que conseguem as coisas para nós, vamos nos lembrar de que o seu Dom é dono de uma rede de hotéis e flats. É mais provável que ele tenha algo melhor pra nos indicar.

— Celina, odeio quando você joga minhas ideias brilhantes contra mim.

— Odeia porque percebe que não são brilhantes coisa nenhuma.

— Você é a mais bonita de nós duas, deveria usar esse par de seios e toda sua classe a nosso favor.

— E você deveria usar sua mente suja e maldosa para fisgar o Dom. Quem sabe assim você não para de chamar por ele a noite? — ela diz e no minuto seguinte não está mais na minha frente porque sabe que vou pular em seu pescoço.

É começo de tarde quando resolvo ir conhecer meu novo emprego. Ok, preciso confessar uma coisa: não tenho dez reais. E não é exagero. Não tenho mesmo. Gastei meus últimos centavos pagando a passagem para ir buscar Antônia no convento, esperava convencê-la a vir embora comigo e então ela conseguiria com alguma alma bondosa daquele lugar nossa passagem de volta. E, se não a convencesse a sair comigo, então passaria um tempo trancafiada com Deus, provavelmente ia me fazer bem. Mas não fiz planos, além disso. Vivo um dia de cada vez.

Estou há duas semanas morando de favor na casa da Celina, nos conhecemos na faculdade, nos formamos há pouco e ela conseguiu emprego em uma engenharia. Conseguiu um emprego para mim também. Mas, o nosso chefe é um idiota e na primeira vez que gritou comigo, espremi suas bolas com os dedos e o filho de uma mãe chamou a polícia. Só retirou a queixa porque queria comer a Celina. Não achei que ela fosse dar bola, mas agora acho que estão namorando. Eu deveria ter avisado antes que ele quase não tinha bolas, apertei as duas com uma mão só, logo, provavelmente não é bem dotado. Mas, quem sou eu para dar dicas de sexo ou tamanhos a alguém? O único pau que vi na vida pertencia a um ser gay e covarde. Mas isso não vem ao caso.

O prédio é tão elegante que me sinto meio fora do lugar com esse cabelo vermelho demais e essa roupa apertada demais. Sou encaminhada por uma criatura bem patricinha até a sala do bonitão.

— Olá Gilcelle, sou Cleber Dantas — ele diz estendendo a mão.

— Olá — digo sentando-me à sua frente e aguardo o que ele vai dizer.

— Acabei de passar minha secretária para o Matheus, para que você possa trabalhar comigo — ele diz com uma careta de desgosto que entendo perfeitamente.

— Se ela ainda está no prédio então você ainda irá comê-la — digo.

Ele parece espantado no primeiro momento, mas logo sorri.

— Isso, com toda certeza. A questão aqui é, não vou comer você. Você é bonita, legalzinha, mas meu amigo, você sabe, ele é meio obcecado por você e não sou esse tipo de cara.

Abro um sorriso. Gostei deste cara.

— Bom saber que minha pureza e meu rabo estão a salvo com você.

— Vamos ao trabalho. O que você almeja entrando aqui?

— Não passar fome. E claro, me vingar do idiota do seu amigo.

Ele dá de ombros e diz calmamente:

— Tudo bem, desde que você não me envolva nisso. Soube que tem a mão pesada, por favor, mantenha-a longe das minhas bolas.

— Como quiser. Já que estamos sendo claros aqui, irei direto ao ponto. Só estou aqui, porque não tenho dez reais no bolso. Não tolero que gritem comigo, não me passe serviço aos finais de semana de maneira nenhuma, eu não faço hora extra, não sirvo cafezinhos e não sou simpática. São as minhas condições.

Ele arregala os olhos e não diz nada. Com um gesto me pede um minuto e sai da sala.

Dez minutos depois retorna, a cara fechada de quem foi derrotado e diz de má vontade:

— Está contratada. Por favor, tente não aceitar trabalho demais da secretária do Sebastian, ele é muito folgado e me passa tudo que é direcionado a ele. Não falte, fico perdido sem uma secretária. E se for dar uns pegadas no Matheus, não faça isso na minha sala. Deus me livre encontrar secreções do Matheus aqui.

— Ele o obrigou a me contratar, não é?

— Ah sim, ele acha que você estará na cama dele até o fim de semana. Amasse as bolas dele de novo e na semana que vem poderei demiti-la.

— Combinado — digo e estendo a mão.

Ele a aperta.

— Sua mesa é a de fora. Fique à vontade.

Não se passam duas horas até que ele abre a porta com uma careta e as mãos na cabeça.

— Gilcelle, desligue esse som! Não consigo fazer cálculos com esse barulho na minha cabeça. Estou tentando e tudo o que sai naquela planilha são “heys” e “fucks”. Que merda!

Abaixo o volume da caixinha de som do meu celular e o encaro.

— Você disse que eu podia ficar à vontade.

— Lembre-me de nunca mais dizer algo do tipo a você.

— Tudo bem. Posso apenas abaixar?

— O suficiente para que eu não escute nenhum gemido da minha sala.

— Chato.

— Abusada — ele diz e bate a porta ao entrar.

Abaixo o volume e cantarolo enquanto termino de organizar sua agenda. Nego pela quinta vez o que quer que a secretária de Sebastian fosse me passar, tiro os sapatos e faço um café para mim.

Imediatamente o telefone na minha mesa toca me fazendo dar um pulo.

— O que é? — atendo.

— Gilcelle, traga um café para mim, por favor — pede Cleber.

— Só fiz pra mim.

— Então faça mais.

— Eu disse que não sirvo cafés.

— Quero esse café na minha mesa em cinco minutos ou colocarei a sua mesa ao lado da porta da sala do Matheus.

— Estarei aí com seu café, querido chefinho.

— Muito melhor assim, boa menina.

Bato o telefone em sua cara e preparo um café que vai acabar com sua dor de cabeça, ou explodi-la de vez. Acho que vamos nos dar muito bem.

Cada pessoa que se aproxima da sala de Cleber, eu olho. Sempre passa uma mulher por ali, elas ficam rondando, como urubus em defuntos, e fazem caretas para mim. Provavelmente acham que vou dar para o chefe preferido delas. Faço questão de aumentar meu decote e retocar o batom, deixando claro que vou dar para ele mesmo. Mas, claro que não farei isso.

Em nenhum momento ele aparece.

Quando o telefone de Cleber toca diretamente, sem passar pelo meu, sei que é Matheus do outro lado da linha. É estranho. Desde aquela manhã, eu nunca mais tive qualquer notícia dele. É estranho de repente saber onde ele está, saber que está ao telefone com meu chefe, que posso encontrá-lo dentro do elevador quando estiver indo embora. Eu o odeio, com todas as minhas forças, e me admira que ele tenha tido ao menos a decência de respeitar minha decisão e não tenha tentado se aproximar. Ainda não entendo por que então está me mantendo aqui. Provavelmente para desengargo de consciência, tirou minha virgindade, me deu um emprego.

— Boa troca — sussurro, irritada.

Para não correr o risco de vê-lo no elevador, desço de escada. Sei que isso se tornará um hábito.

Encontro Celina na porta do prédio onde vamos morar. É bem perto da empresa. Pego uma de suas caixas e subimos conversando. Ela parece bem desanimada.

— O que houve, Celina?

— Edmundo está aqui. Espero que não tenha problema.

— Desde que ele carregue caixas, problema nenhum.

— Boa sorte com isso — ela responde.

Entendo o que quer dizer quando entramos com as caixas no apartamento. Edmundo está sentado em cima de uma caixa, tomando uma cerveja e assistindo televisão em um celular.

— Me diz que isso não é sério — resmungo.

— Dá um desconto, Gil.

— Olá, Edmundo, como tem passado? — pergunto olhando diretamente para o meio de suas pernas, e ele imediatamente as fecha.

— Muito bem, obrigado.

— Que bom que está aqui. Há caixas bem pesadas lá embaixo, não conseguiremos carregá-las.

Ele me olha em choque, então encara Celina com olhos esperançosos.

— Passarinha, você sabe que não posso pegar peso. Quer que eu chame uma equipe de mudança?

Ela sorri.

— Não, querido, quero que desça lá embaixo e traga as caixas.

— Mas você sabe que não posso fazer esforço com os braços e as mãos, por conta da LER.

— Não pode fazer muito esforço. Mas visto que normalmente não faz esforço nenhum, pode carregar umas caixas. É melhor ficar com os braços doloridos, do que as bolas, não acha? — ela diz de forma angelical.

Ele se levanta resmungando e vai buscar uma caixa.

— Não faz esforço nenhum? Não me diga que ele é ruim de cama — questiono.

Ela solta um gemido frustrado.

— Nunca mais acredito em você e suas baboseiras sobre as maravilhas de abrir as pernas. Vaca mentirosa! — ela diz e sai batendo os pés.

— Ei, não tenho culpa se foi arrumar um namorado velho, preguiçoso e mal dotado.

Quando Edmundo sobe resmungando com uma caixa enorme, porém leve, coloco sutilmente o pé à sua frente para que ele tropece.

— Vira homem, Edmundo — digo e deixo-o ali resmungando no chão.

Dez minutos depois, ele recebe uma ligação misteriosa e vai embora.

— Celina, eu amo você, mas você é péssima com namorados. E por falar em amor, sua mãe aceitou bem sua mudança?

— Depende. Se você considera atirar todos os pratos da casa em mim, como aceitar bem, sim. Graças a Deus ela é ruim de mira. E você como foi reencontrar seu Dom?

A pizza que comemos desce quase me engasgando.

— Não o vi. Não o verei. Ao que parece, ele respeitará meu pedido de distância.

— Sinto muito.

— Não sinta. Estou feliz assim, e o valor que os babacas vão me pagar é obsceno.

— Então ele se importa com você.

— Celina, vamos fazer um trato — digo deixando a pizza de lado. — Não te aconselho mais sobre sexo e você não me aconselha sobre amor. Você é péssima nisso.

— Fechado. E deveria ter me dito que ele não tinha bolas — ela diz antes de enfiar o resto da pizza na boca e bater a testa na mesa. — Oh céus! Oh céus!

Matheus

Estou concentrado em alguns papéis, quando Cleber invade minha sala.

— Ela é maluca. Isso não seria problema, mas é folgada e preguiçosa também. Isso será um problema. Não vou contratá-la.

— Vai sim — digo sem desviar os olhos dos papéis.

— Cara, vou querer dez por cento das suas ações, da sua parte nos lucros e da sua casa.

— Ela é uma excelente funcionária. Eu vi o seu currículo, é muito bem instruída — defendo.

— Ela levou uma justa causa no último emprego por acabar com a masculinidade do chefe, como fez com você. Foi até parar na cadeia.

— Seja bonzinho e não correrá riscos.

Ele resmunga um palavrão. Depois, senta-se de frente para mim.

— Cara, há milhares de mulheres no mundo. Conheci umas indianas maravilhosas, poderia apresentá-las a você.

— Não, obrigado.

— Matheus, você precisa sair, homem. Ir a bares, casas de shows, pegar mulheres, liberar essa tensão que você reprime.

— Não estou tenso. Nem todo homem é movido a xoxotas como você.

— Amigo, homens que não são movidos a xoxotas, são movidos a paus. Assuma que é gay e me livre da louca.

Largo os papéis e o encaro.

— Ela não tem onde ficar desde que os pais morreram. Já morou em uma favela com uma tia estranha e agora mora de favor com uma conhecida da faculdade. Ela precisa desse emprego. Você vai contratar a Gilcelle, Cleber. Se de tudo ela enlouquecê-lo, daremos um jeito. Mas não me venha com resmungos agora, nós dois sabemos que as mulheres que você pega não são exatamente boas da cabeça.

— São boas em outras coisas.

— Mantenha suas mãos bem longe dela.

— Nem pensei nisso. Tudo bem, você me deve sua vida, cara.

— Vá contratá-la antes que ela desapareça.

— Seu gay — ele diz e sai da sala, contrariado.

Eu a observo de longe. Vejo-a colocar uma caixinha de música em cima da mesa e dançar como somente ela seria capaz em um ambiente sério como esse. Vejo-a ajustar o decote entre maior e menor. Maior quando uma das mulheres de Cleber se aproxima, menor quando é um homem. Vejo-a passar mais tempo no espelho do que no computador cuidando de suas funções. Vejo-a procurar por mim. Aquele papo de fique longe foi da boca para fora. Embora esteja sem dinheiro algum, ela está aqui por mim. Nem que seja para se vingar, mas é por mim.

Dei uma semana para ela se adaptar, e durante toda essa semana, cuidei para que ela não me visse. Quero que pense que desisti, isso a deixará surpresa quando eu me aproximar. Preciso amolecê-la aos poucos. Gilcelle sempre foi como o fogo queimando, forte demais, devastadora, quase incontrolável. Não posso apagá-la, preciso dominá-la. Fazer com que queime somente para mim. Então ela atenderá ao telefone no próximo domingo de manhã quando mamãe ligar, e toda essa mentirinha que contei à minha família sobre nós, será verdade.

Na segunda semana, comecei com flores. Enviei um buquê de rosas vermelhas a ela. Higienizadas, para que ela não pegue nenhuma doença. Com um cartão em branco. Observei-a de longe, sei que ela adora.

No dia seguinte, esperei que ela saísse para o almoço, coloquei minha luva de plástico e mexi em seu mp3. Adicionei rapidamente uma música ali e a coloquei para repetir. Assim, quando ela voltou, havia um novo buquê em sua mesa, e *Unbreak my heart* tocava sem parar. Ela guardou as flores em um vaso, mas jogou o mp3 no lixo reclamando que não aguentava mais essa música chata.

No terceiro dia, mandei as flores e uma caixa de chocolate. Ela olhou para os lados procurando quem poderia ter mandado. Abriu a caixa, cheirou o chocolate, lambeu, pensou, e jogou um na boca. Então fez uma careta e jogou a caixa toda no lixo. Descobri assim que ela não gosta de chocolate muito amargo. E achei que isso fosse a cara dela.

Enviei chocolates nas duas semanas seguintes, junto com as flores. Ela gosta dos mais doces. Na terceira semana, ela deixou a caixa intacta em cima de sua mesa com um bilhete:

“Não me deixarão gordas suas vacas, ainda vou dar para seu chefe.”

Não entendo o que ela quis dizer, mas procurei Cleber.

— O que é isso? — digo mostrando o bilhete e a caixa de chocolate.

Ele a toma da minha mão e começa a comer.

— Isso é doce pra caralho. Não sei, mas pela letra horrorosa a Gilcelle quer dar pra alguém — dizendo com os dentes marrons.

— Não tem graça. O único chefe que tem contato com ela é você.

— Não vou comer sua garota. Mesmo porque ela é louca. Competente, embora não sirva nem água e faça um café de levantar defuntos. Mas completamente louca. Matheus, por que você a trouxe para cá? Você sequer se aproxima dela.

— Vou fazer as coisas no momento certo. Só fique de olho nela, de longe, é claro.

Ele bate uma continência.

— Sim, senhor.

No dia seguinte, pego o elevador no horário em que ela sai, mas ela desce de escada, espero-a na porta da escadaria, ela desce cantando desafinadamente uma música em japonês. Quando me vê, estaca de repente, empina o nariz e tenta passar direto, mas a paro com o braço.

— Olá, Gilcelle.

Ela olha para os lados e passa o olhar por mim como se não estivesse me vendo.

— Quem me chama?

Sorrio.

— Como estão as coisas com o Cleber? Está se adaptando?

— Ah sim, ele é muito bem dotado — ela responde para me irritar.

— É mesmo? Então imagino que esteja se divertindo — respondo calmamente, embora sinta vontade de dar umas palmadas em sua bunda.

— Ah claro, na maior parte do tempo, é muita diversão.

— Que bom. Gostaria que fosse à festa de fim de ano da empresa comigo.

Ela arregala os olhos, gagueja, mas rapidamente se recompõe e diz:

— Claro. Será um prazer.

Por um momento sinto medo pela forma como ela fala, mas a deixo passar e me parabenizo mentalmente por ter conseguido finalmente amaciá-la.

Doce ilusão.

Troco o terno seis vezes, até me decidir pelo primeiro que havia experimentado. Estou nervoso, quase suando. E odeio suar. É anti-higiênico. Dispenso o motorista, se tudo der certo, talvez Gil e eu precisaremos do carro esta noite só para nós dois. Pego o celular para ligar para ela quando paro em frente ao prédio onde ela foi morar, mas não é necessário. Ela está me esperando na porta. Está querendo me enlouquecer parada daquele jeito naquela merda de porta. Conto até cinco me decidindo entre jogá-la neste carro e rasgar este vestido indecente ou levá-la de volta ao seu apartamento e dar-lhe umas boas palmadas. Desço do carro e me aproximo dela.

— Boa noite, Gilcelle.

— Boa noite. Está atrasado.

— Eu nunca me atraso. Eu cheguei a comentar com você que a festa seria na empresa, não cheguei? Ela dá de ombros e ajusta o tomara que caia que insiste em cair.

— É, acho que comentou algo.

— E você vai vestida assim?

— Vou. Te incomoda?

— De jeito nenhum. Vamos — digo abrindo a porta para que entre e ela tem dificuldade para se sentar com aquele vestido vermelho tão justo, tão curto, tão decotado. — Definitivamente vamos precisar deste carro hoje.

Ela não me dirige a palavra durante o caminho, e mal responde o que pergunto, então desisto de tentar conversar. Assim que chegamos à festa, todos a olham. Não achei que seria diferente, paro o primeiro garçom com caipirinhas que passa e viro um copo, me preparando para a noite que está por vir.

Quando olho para ela, está com dois copos vazios nas mãos.

— Você virou esses dois copos?

Ela dá um soluço enorme e sai andando. Eu a sigo.

Gilcelle para em cada maldito cara que encontra, se esfrega nele, dá mole e eu apenas observo, com a cara fechada o suficiente para que nenhum deles dê bola para ela. Ela ri alto, e continua virando copo atrás de copo, que eu me lembre, ela é fraca para bebidas, mas como não a vejo há anos, tenho a esperança de que tenha melhorado isso.

Mas não.

Uma hora depois de chegarmos, ela está no meio da pista de dança, o vestido já curto dobrado ainda mais, os seios quase saltando para fora, dançando e cantando feito uma louca, completamente descabelada. Ela ri e chora. E tem mais uma coisa, bate em cada homem que se aproxima dela. E quando digo bate, quero dizer que ela chuta e soca mesmo. Como uma maluca.

— Ela tem sérios problemas mentais — diz Sebastian se aproximando de mim.

— Só está bêbada.

— Bêbada e louca.

Tento me afastar dele, mas ele me segura, e me diz sério:

— Matheus, você a ama? Porque cara, se não a amar, mande-a embora amanhã mesmo. Não é difícil perceber que ela é encrência, se está nessa por causa de uma trepada, por favor, desista. Vou te arranjar quantas mulheres você quiser. Afaste-se dessa.

— Não a mandarei ir embora amanhã, Sebastian. Não mandarei nunca.

Tenho vontade de socar sua expressão de pena e depois o riso idiota que ele dá.

— Cara, sinto muito. Mas, acho que isso tudo vai ser muito divertido. Aliás, se você não quer que a cabeleira ruiva de baixo dela esteja nos jornais amanhã, é melhor tirá-la da pista de dança.

Olho imediatamente para trás, mas era apenas mais uma brincadeira dele, ela ainda está ali, dançando e cantando e chorando e rindo e gritando meu nome, como uma maluca. Deixo que ela extravase toda essa mágoa. Talvez isso vá nos ajudar no final das contas. Mas, chega um ponto em que não permito mais que ela beba. Proíbo os garçons de chegarem perto dela, de levarem qualquer bebida que ela peça e neste momento, quando estou andando atrás de garçons, o som da música ambiente some, um ruído de doer os tímpanos toma o lugar e logo, a voz arrastada de Gilcelle surge em um microfone.

— Boa noooite — diz com sua voz arrastando as letras.

— Que merda! — Cleber exclama ao meu lado. — Que ela não tenha visto nada demais na minha sala, meu Deus!

Mas estou muito preocupado com ela, para perguntar que merda ele pode ter feito na própria sala que ela possa ter visto. Sei que não é dele que ela vai falar, não é ele que ela vai expor, ela vai falar de mim. Tudo o que não teve coragem de dizer na minha cara, vai dizer agora. No microfone, para todos da empresa. Caralho!

— Vá lá e a impeça, homem! — ordena Sebastian.

— Não! Nós invadimos um convento para resgatar essa louca. Agora vamos sentar e assistir ao espetáculo — diz Cleber.

Sim, eu deveria ir até lá e impedi-la. Mas não vou fazer isso. Quero saber o que ela pensa, o que ela sente. Quero que coloque para fora, vai fazer bem a ela. Que se dane o que vão pensar de mim. Imagino que ela vá começar com algo do tipo: “eu te odeio”, ou “você é um covarde”. Mas, a primeira coisa que ela diz é:

— Eu era virgem aos dezoito anos.

— Ah merda! — sussurro.

— Isso vai ser melhor do que eu imaginava — diz Cleber tirando o celular do bolso e preparando para gravar.

Tomo o aparelho de sua mão e arremesso longe.

— Nem pense nisso, seu babaca.

— Mas não porque era rejeitada pelos idiotas da cidade, não. Eu era bonita, sabe. Mas eu era apaixonada. Por um cara — ela dá um riso histérico e parece que vai chorar, mas volta a falar. — Então uma bela noite, quando eu tinha dezoito anos, ele disse que queria me comer.

Todo mundo ri e vou em sua direção para tirá-la daquele palco, mas Cleber me segura.

— Nem pensar, homem! Deixe a garota extravasar.

— Ela vai passar por ridículo!

Sebastian então praticamente abraça minha perna.

— É exatamente o que queremos ver.

— Gostei dele a vida toda e ele demorou longos três anos para falar alguma coisa assim. Aí eu dei, gente. Eu dei mesmo. Para ele, sabe. O cara. Bonitão assim. Parecia um anjo — ela soluça e volta a falar. — Me entreguei para ele, e depois de me dar a melhor noite da minha porcaria de vida, ele sumiu. Puff! Evaporou. Acordei na manhã seguinte e estava ali, desvirginada e sozinha. E ele foi embora. Da minha casa, da cidade, do mundo! Puff!

Ela faz um gesto exagerado com a mão e se desequilibra, caindo para frente. Alguém a segura pela

cintura, e ela fica com as pernas para cima, a calcinha à mostra, esperneado como uma louca. Finalmente os idiotas dos meus amigos me soltam e me aproximo dela. Ajudo a levantá-la e quando me vê, ela sorri.

— Você. Foi você.

Lembra-se do microfone na mão, que ela não soltou quando caiu e grita nele.

— Foi ele! Matheus Amorim! O filho de uma puta que me desvirginou e puff! Foi ele.

Nem preciso olhar para saber que as pessoas estão perplexas nos encarando. Tiro o microfone da mão dela e o jogo longe. Pego-a pela cintura e vou arrastando-a para fora do terraço. E tudo acontece rápido demais para que eu possa impedir. Não sei como ela consegue pegar uma garrafa de champanhe de um balde de gelo e a acerta com toda força na minha cabeça.

Ouçó o barulho, sinto o líquido gelado, e mais nada.

Minha cabeça parece que vai explodir. Olho-me no espelho apenas para confirmar a merda em que me encontro, e sim, estou mesmo uma merda. Meu cabelo está bagunçado e todo enrolado em volta da minha cabeça. Meus olhos vermelhos, com bolas embaixo, e estou mais branca do que o normal. Pareço péssima. E me sinto assim.

Celina entra em meu quarto com uma xícara de café.

— Olá.

— Oi — respondo.

— Como está se sentindo?

— Como pareço.

— Que pena — ela diz e se senta na minha cama, então toma o café.

— Achei que isso fosse pra mim — resmungo.

— Quando foi que eu levei café no quarto para você?

— Nunca, mas hoje é uma situação especial.

— Você quase matou seu ex, bebeu até rasgar a roupa e tentou agarrá-lo quando ele estava desmaiado. Isso não é uma situação especial. Você não merece ser mimada, então fique aí com sua dor de cabeça e dor na consciência.

Viro-me para ela, irritada.

— Primeiro: eu odeio você! Segundo: ele não é meu ex, nunca fomos nada. E terceiro: não estou com dor nenhuma na consciência.

— Está sim.

— Não estou.

— Sim, você está.

— Não estou.

— Ele morreu.

— O que? — sem que eu possa impedir, algo atinge bem forte meu peito, parece que o ar sumiu e lágrimas rolam por meu rosto.

Celina se levanta enquanto eu caio no chão, sem forças.

— Estou brincando. Ele está bem. Mas você está com peso na consciência.

Então ela sai do quarto e me deixa ali, jogada ao chão, como uma boneca sem vida.

— Meu Deus! Por que não me deu amigas melhores?

Permaneço ali, naquele chão, até que a porta do meu quarto é aberta de novo.

— Ele está subindo e eu estou saindo — Celina diz.

— Celina, isso não tem graça.

— Não estou brincando. É melhor sair desse chão se não quiser que ele te veja derrotada como está. Vou deixar a porta aberta, enfie-se em um chuveiro, de preferência com água fria e tente parecer alguém.

— Obrigada — digo com ironia.

— De nada, amiga — ela diz antes de bater a porta e sumir.

Conto até quatro, e me levanto. Mas não chego ao banheiro, caio na cama e fico ali, rezando para que seja mais uma brincadeira da Celina.

Mas não é.

A porta abre de novo e não preciso olhá-lo para saber que está ali. Sinto seu cheiro. Ele se aproxima a passos lentos, chama meu nome quase com medo.

— Não se aproxime. Posso estar com uma faca — digo.

— Acho que tenho sete vidas — ele diz e se senta na cama.

Então me sento também.

Ele parece péssimo. Tão ruim quanto eu, mas tem um curativo enorme na testa. Que cobre um de seus olhos.

— Eu ceguei você? — pergunto.

— Não, mas foi por pouco.

— Você deu queixa contra mim?

— Não.

— Por que não?

— Eu mereci.

— Uau! — é tudo que digo por um bom tempo.

— Como se sente? — ele pergunta.

O pior de sua pergunta, é que ele parece realmente preocupado, eu acabei de feri-lo com uma garrafada na cabeça, e ele está preocupado com uma possível ressaca.

— Uma grande e enorme bosta — respondo. — Vou me demitir. Matheus, isso nunca daria certo mesmo. Você e eu, definitivamente não é para dar certo.

— Não precisa se demitir — ele diz de forma fria, como se não fosse nada demais eu continuar ali depois do que fiz com ele. — Vá tomar um banho. E vamos conversar como adultos, Gilcelle.

— Não quero tomar banho.

— Vá tomar.

— Não vou.

— Vá agora! — ele grita. Levanto-me resmungando e vou.

Faço com que ele me espere por vinte minutos, até sair do banheiro de toalha.

— O que quer conversar? Sou louca, te odeio e bebi. A culpa foi sua por ter me levado à maldita festa. Por que não ouviu o que eu disse e ficou longe de mim?

— Porque sou um idiota — respondeu. — Você não vai se demitir. Precisa desse emprego.

— Posso arrumar outro!

— Não pode. Não depois de ir parar na cadeia por causa do seu antigo chefe, fique na V.D.A., Gilcelle. Vou cuidar para que a noite de ontem seja esquecida. Ninguém mais falará disso.

Cruzo os braços e o encaro.

— E você?

— Eu o que?

— Não quero você perto de mim.

— Não chegarei perto de você, por que chegaria? Você é uma funcionária como qualquer outra.

Não quero sentir a mágoa que sinto. E ele sabe disso, pela maneira fria como diz.

— É assim que você quer, posso fazer isso. Volte para a empresa amanhã, eu não a conheço, nunca a vi antes, não dirigirei a palavra a você. Assim está bom?

— Ótimo! E não espere que eu agradeça. Você não terá dificuldade nenhuma em ficar longe, não é mesmo?

Ele se levanta de repente e me puxa, passando os dentes por meu pescoço e me fazendo calar e

fechar os olhos, sentindo-o ali, tão perto de mim.

— Não, minha Sereia. Vou guardar meu coração na gaveta, e você não será mais nada. Só porque você quer assim. — Então ele se afasta de repente e segura meus ombros, olhando em meus olhos. — Não importa agora, Gilcelle. Eu a feri. Você se vingou. Não significa mais nada. Você não quer falar sobre, não quer que eu me aproxime, eu não a culpo. Volte para a empresa, não me aproximarei de você, não permitirei que ninguém a ofenda, você estará protegida. Você tem minha palavra. Vai ficar tudo bem.

Há anos não ouço essa frase. Há anos ninguém me diz que as coisas vão melhorar. Tenho uma vontade enorme de abraçá-lo, mas ele se afasta. Pega sua chave em cima da cama e vai embora.

Volto para a empresa na manhã seguinte, faço questão de pegar o elevador no horário em que ele entra. Ele está dentro dele. Ninguém me olha, ninguém cochicha e não faço ideia de como ele conseguiu isso. Mas ele é uma dessas pessoas que me ignora. Não olha para mim em momento nenhum, e eu sei, quando ele sai por essa porta, que tudo então foi apagado.

Matheus é gay. Devo ter sido a única mulher que ele comeu, por isso fugiu na manhã seguinte. Que ele seja feliz com os submissos dele, eu serei feliz também, e farei questão que ele veja isso.

Capítulo 3

Matheus... Dias atuais

Nunca na minha vida, bebi nada direto na garrafa. É anti-higiênico e nojento. Mas essa situação pediu por isso. Não tive tempo de procurar um copo, uma taça, nem nada disso. A garrafa de Jack desce rasgando minha garganta e me sinto aquecer quase que imediatamente. E isso tudo é culpa do imbecil do meu melhor amigo. Trancar-me em sua sala, com ela, foi uma péssima ideia. Eu preferia estar sozinho em um deserto sem um pingo de água. Preferia ser atirado em um mar de fogo. Preferia ouvir Britney Spears o dia todo, no volume máximo. Caralho! Eu dançaria Britney vestido de Xuxa no meio do centro da cidade, para não estar aqui trancado com ela.

Ela é meu pesadelo.

Ela é meu sonho.

Ela é tudo o que eu gostaria de não querer, e é tudo o que eu quero.

Há três anos finjo que não sinto nada. Há três anos respeito seu pedido de não me aproximar. E o imbecil do Cleber me força a quebrar minha promessa desse jeito. Sei que vocês sabem o que ela contou, sabem o idiota que fui. Mas as coisas não foram exatamente assim, vou contar para vocês.

Quando nos conhecemos, ela era uma menina. A menina mais linda da cidade. Não era boba, nem tímida, como as outras meninas da idade dela. Era esperta, tinha um brilho próprio e algo naqueles olhos cor de mel que sempre me deixaram louco. Claro que não encostei um dedo nela, tinha apenas treze anos, mas ela foi a responsável pela minha primeira ereção. E por todas as outras depois dessa.

Quando tínhamos quinze anos, eu a beijei. No baile da escola. Cleber e eu combinamos que não iríamos, era uma coisa muito brega, de menininha. Cleber já pegava todas as meninas da cidade mesmo, não precisava ir àquele lugar. Nessa época ele desconfiava que eu era gay, porque não me via com mulher nenhuma. E se eu fosse àquele baile, ele teria certeza. Então, claro que não ia. Até vê-la. Ela estava vestida como aquela Sereia da Disney, com um top verde e uma calda colada às suas curvas. E todos os babacas da cidade estavam apostando quem seria o mais esperto, que tiraria a virgindade dela. Tive que protegê-la. Fantasiei-me de zorro, sim coisa ridícula, mas eu era um adolescente. E as meninas ficavam doidas com aquela máscara preta e aquele chapéu horroroso. Fui ao baile escondido do Cleber. E naquele baile, dei o primeiro beijo nela. O primeiro beijo dela. Ela nunca soube que fui eu.

Seria uma historinha de amor bonitinha e fofa, se eu não tivesse feito dezoito anos, ainda virgem, e não estivesse enlouquecendo de tanto tesão por ela. Era minha última noite na cidade. Eu sabia que teria muitas relações sexuais na faculdade, mas queria que a primeira fosse ela.

Apareci um dia em sua casa, como quem não quer nada. Nós mal conversávamos e fui meio bruto na verdade. Mas era minha última noite. Sabia que ela estaria sozinha. Quando me olhou com aqueles enormes olhos cor de mel, meio assustada e curiosa sobre porque eu estaria ali na casa dela, de madrugada, fui direto ao ponto.

— Oi.

— Oi – ela respondeu com um sorriso no rosto.

— Você é linda.

— Obrigada.

— Quero comer você agora.

Ela piscou os olhos, aturdida. Achei que fosse bater a porta na minha cara. Mas ela fez um gesto com a mão e me convidou a entrar.

— Tudo bem — disse.

Foi muito bobo, fiz tudo errado, estava desesperado demais por ela, assustado demais que ela tivesse cedido tão facilmente. Eu havia ensaiado um milhão de coisas românticas para dizer a ela, e tudo o que disse foi o que Cleber falava para as vagabundas que pegava. E mesmo sendo eu um perfeito idiota, ela disse sim. Estava apaixonada por mim, pois fui seu primeiro. E garota nenhuma entregaria a virgindade a um garoto idiota que disse que queria comê-la. Posso ter feito tudo errado, e depressa demais, mas ela gozou. Cleber e Sebastian não fizeram as primeiras deles gozarem e me gabo muito por isso. E foi isso, essa foi nossa história.

Na manhã seguinte, fui para a faculdade. Escrevi uma carta explicando a ela tudo, a forma como a vigiava desde que era uma menina, de como quebrei os dentes do idiota que cortou o cabelo dela na sétima série. De como trapaceei para que ela fosse a rainha do baile, tirando todos os nomes da urna e deixando apenas o dela. De como fui tolamente apaixonado por ela, toda a minha adolescência. Mas, no fim das contas achei aquilo meio gay, meio ridículo, e não enviei. Fui embora, tive outras mulheres, mas ela deve ter me rogado alguma praga, ela gosta de fazer isso, pois nenhuma transa foi melhor do que aquela primeira, que foi péssima.

O fato é que agora ela me odeia, com todas as forças. Quando consegui que ela viesse para a cidade e viesse trabalhar aqui, pretendia me reaproximar dela. Mas ela me recebeu com um gesto feio e ainda beijou Cleber na boca. Entendi que não queria que eu me aproximasse. E esses três anos têm sido um inferno desde então.

Ouçõ o som de seu salto quando ela volta à sala de Cleber e encara a cadeira dele vazia. Então ela olha para mim, com a garrafa na boca e parece aturdida.

— Que merda é essa? Você não diz que essas garrafas contêm germes?

— Sim, e do Cleber. O que é ainda pior.

— Então por que está bebendo no bico?

Estendo a garrafa para ela.

— Você vai querer também.

— Eu não bebo.

— Vai beber. Quando souber o que seu chefe fez.

— O que ele fez?

Aponto para a porta e ela vai marchando irritada até ela.

— Senhor Amorim, não pense que o fato de estarmos unidos para ajudar Cleber queira dizer que vou realmente me unir a você. De você eu quero distância.

— Não perguntei nada.

Ela tenta abrir a porta e percebe que está trancada. Então fica parada. Começo a contar, é sempre no quatro.

Um, ela tenta abrir de novo. Dois, ela respira fundo e tenta abrir pela terceira vez. Três, ela solta um palavrão baixinho e fica totalmente parada. Quatro, ela joga a tal pasta para o alto e começa a esmurrar a porta.

— Porra! Abre a porta! Cleber, seu imbecil! Eu vou apertar suas bolas até que elas escorram pelos meus dedos! Cleber! Filho de uma puta! Veado! Safado! Volte aqui agora! O que acha que está

fazendo? Cleber! Vou atrás de você com uma foice! Seu idiota! Tira-me daqui!

Ela respira por alguns minutos e volta a bater na porta.

— Socorro! Alguém! Estou presa! Estou morrendo! Socorro! Ajudem-me!

A passos largos aproximo-me dela, a pego pelo braço e a puxo para mim.

— Acalme-se. Vamos dar um jeito de sair daqui.

Ela permanece em meus braços por dois minutos e doze segundos. É o triplo do que achei que ela ficaria, então me empurra e puxa a garrafa da minha mão. Virando-a toda na boca. Depois joga a garrafa ao chão e marcha até a mesa. Senta-se em cima dela. Tento não olhar para sua calcinha que está à mostra. Esta é Gilcelle, a louca, sempre mostrando o que não deve.

— Por que você acha que ele nos trancou aqui? — pergunta sem olhar para mim.

— Porque não consegue resolver a própria vida sentimental e quer resolver a minha.

— E o que eu tenho a ver com sua vida sentimental? Deixe-me adivinhar: ele acha que você é gay. E eu fui a azarada que estava perto quando ele teve a brilhante ideia.

— Algo assim — digo e canso de ficar ali, fingindo que a calcinha vermelha dela não está aparecendo. Caminho até perto dela, e me sento à sua frente. Olho bem para o meio de suas pernas. — Sua calcinha é da cor do seu cabelo.

Ela me encara por um momento. Qualquer outra mulher fecharia as pernas, mas é Gilcelle. Ela levanta a saia apertada e confere a cor da calcinha.

— Isso é o tipo de coisa que você não deve dizer a uma mulher. Poderia dizer que meu cabelo é como o pôr do sol nas montanhas, mas não da cor da minha calcinha.

— O pôr do sol nas montanhas não é tão vermelho. E você a está mostrando por algum motivo, então não tem importância eu comentar.

Ela bufá e fecha as pernas.

— Faz muito tempo que não vê uma dessas? — provoca.

Eu a encaro ainda sério.

— Algumas horas.

— Cretino.

— Você perguntou.

— E você precisa aprender a mentir.

Ela pula da mesa e vai até a adega de Cleber. Sim, o imbecil tem uma adega na sala da empresa. Pega a garrafa de uísque e apenas uma taça e se seve. Então, volta a sentar em cima da mesa.

— Você não devia beber assim. Você não bebe. A última vez que bebeu...

— Eu sei o que eu fiz, mas o que poderia fazer hoje? Só estamos nós aqui. E você é gay. É a mesma coisa de ficar trancada com uma freira.

Ela é sempre assim quando está perto de mim. É agressiva, impertinente e engraçadinha. Cleber diz que é a maneira dela de se defender, mas acho que é a maneira de acabar comigo. Porque eu posso manter essa expressão séria e fingir que não dou a mínima, mas dou. Fico puto quando ela diz essas coisas. Quando me provoca para dizer que não farei nada. É como se ficasse jogando na minha cara que não fiz nada quando deveria ter feito. Mas esta noite, esta noite ela terá as respostas certas para suas provocações. Vou entrar em seu jogo.

— Se eu fosse gay você ainda seria virgem.

Ela engasga com o uísque e tosse tanto, que se desequilibra e cai da mesa. Eu a pego e a puxo rapidamente para meu colo. Ela me encara espantada. E meio zonza. Está bêbada. Ela nunca bebe, a

bebida sobe rápido demais quando tenta.

— Você nunca toca nesse assunto — ela diz.

— Achei que você não gostaria de falar sobre isso.

— Foi minha primeira vez. Claro que eu queria falar sobre isso. Mas você é esquisito. Você foi embora e nunca me ligou. E quando me viu de novo, veio cheio de ordens e ficou se desculpando sem realmente ter uma desculpa. Você nunca quis fazer amor comigo de novo.

Toco seu rosto, está vermelho, como seu cabelo. Seus lábios estão molhados de uísque. Ela está tonta e dizendo coisas que nunca diria se estivesse sóbria. Mas espero que se lembre do que vou falar quando a bebida passar. Porque provavelmente não falarei isso de novo. Não falarei isso nunca mais.

— Eu quero fazer amor com você todos os dias e todas as noites, desde aquela noite. Eu penso em fazer amor com você o tempo todo. Cada vez que te olho. Eu tive que ir embora e fui um idiota. Mas você, você foi a única mulher com quem fiz amor.

Ela está me encarando, acho que quer chorar. Uma lágrima desce por seu rosto e ela sorri. Essa é a Gil bêbada. Ela sempre chora.

— Você me ama? — ela pergunta em um sussurro.

— Por que não me beija e descobre?

Ela encara meus lábios e se aproxima. Detesto beijar mulheres bêbadas. Não gosto que o gosto de nada interfira no sabor do beijo da pessoa. Gosto de sentir o sabor dos lábios, da língua, e não de uma comida ou bebida qualquer. Mas sendo Gilcelle, mesmo tendo bebido coisas fortes, é o gosto dela que sinto quando ela lambe meus lábios. É seu gosto doce, e forte, e apimentado. Não sei como ela consegue fazer isso. Seguro seu rosto para que ela não se afaste e a beijo. Com força. Tenho dez anos de vontade de beijá-la acumulados. A puxo para mim, rodeio sua cintura com o braço e a mantenho ali. Ela joga o copo vazio no chão, ouço o barulho de vidro se quebrando, e tenta tirar minha blusa. Mas não tem coordenação motora o suficiente para isso, está tonta. Afasta-se de mim irritada e tenta abrir a blusa, mas seguro seus pulsos quando ela soluça.

Sou idiota, mas nem tanto. Não vou fazer amor com ela no estado em que está.

— Calma, minha Sereia. Vamos com calma.

Ela pisca os olhos e me encara. Quer me dizer alguma coisa, mas parece desistir.

A porta se abre com um estrondo e um segurança aparece.

— Senhor Amorim. Vi pela câmera de segurança que vocês estavam aqui, não sabia se estavam presos. Mas o senhor Dantas me disse para subir em uma hora se vocês não saíssem.

Sim, Cleber estragou minha noite duas vezes.

— Obrigado, Elias. Estávamos presos. Vou levar a senhorita Gilcelle para a casa dela.

E assim a levei para sua casa, a deposei na cama, ela estava praticamente desmaiada.

Não dormi nada a noite. Fiquei pensando se ela se lembraria, do beijo, do que eu disse, se estaria me odiando um pouco menos agora. Talvez agora eu possa me aproximar. Quem sabe convidá-la para sair. Ou ao menos falar sobre o que aconteceu há dez anos. Chego a sua mesa e a encaro. Mandeí que flores fossem entregues para ela esta manhã. Rosas vermelhas. As preferidas dela. Faço isso todas as manhãs, mas dessa vez, assinei o cartão.

Ela está concentrada em uma revista qualquer e as rosas estão no lixo. Não preciso que ela diga nada. Não se lembra do que aconteceu na noite passada. Despeço-me dessa esperança idiota e me

afasto dali. Não sei como, mas vou arrumar um jeito de tê-la de novo em meus braços, disposta e excitada. Como estava ontem. Como venho sonhando em tê-la.

Infelizmente eu a amo a vida toda, e se esse amor não vai passar, só me resta fazer com que dure.

Minha cabeça parece que vai explodir. Olho-me no espelho apenas para confirmar a merda em que me encontro, e sim, estou mesmo uma merda. Meu cabelo está bagunçado e todo enrolado em volta da minha cabeça. Meus olhos vermelhos, com bolas embaixo, e estou mais branca do que o normal. Pareço péssima. E me sinto assim.

Celina entra em meu quarto com uma xícara de café.

— Eu disse que você não deveria cortar o cabelo assim, quando está na merda, ele fica parecendo um capacete.

— Celina, eu te odeio. E você não mora mais aqui, pare de invadir meu quarto.

— Ingrata, eu fiz café para você — ela diz jogando-se na minha cama e alisando a barriga.

— Meu Deus, parece que tive um déjà vu. Mas você não parecia uma jiboia que acabou de engolir um boi — digo.

Ela me lança aquele olhar maligno e diz:

— Gil, não vou levar em consideração essa comparação ridícula, porque sei que está apenas com inveja. Você adoraria estar no meu lugar alisando a barriga com um pequeno ser fresco dentro dela.

— Vaca!

— Cleber me ligou ontem.

Pronto. Ela vai tocar no assunto, e não quero tocar neste assunto. Ainda me lembro. Não de tudo, mas lembro perfeitamente a sensação dos lábios dele nos meus. Lembro-me de seus braços a minha volta, do quanto ele me apertou, da ereção dele. Lembro-me que disse algumas coisas, coisas que fizeram meu coração quase parar, mas tenho apenas flashes da nossa conversa. E depois, não me lembro de mais nada.

Não sei como ele me trouxe, mas me lembro vagamente de ter sido depositada na cama, e de ele tirar minha roupa, beijar minha testa e ir embora. Ele também sussurrou alguma coisa ao fazer isso, algo que me fez dormir bem, mas não me lembro o que foi. Mesmo porque, não quero ficar me lembrando de sua boca na minha, nem de seu cheiro, nem da forma como ele me olhou. Não mesmo.

— Não quero falar sobre isso, Celina.

— Você precisa falar com alguém. Guarda isso há tempo demais, Gil. Precisa colocar para fora.

— Não preciso. Não tente resolver minha vida só porque a sua está bem. Contento-se em ser a psicóloga sentimental do Cleber, eu não preciso disso.

— Não estou sendo sua psicóloga, mas do Matheus. E você faz parte disso, então preciso falar com você por tabela.

Suspiro.

— Não aconteceu nada. Estou uma merda. E esta não é sua casa. Vá embora.

— Sente-se aqui — ela diz batendo a mão na cama.

— Não vamos falar sobre isso.

— Sente-se, Gil.

— Nunca falei nos três anos em que nos conhecemos, por que falaria agora?

— Porque estou mandando! Sente-se e abra a boca!

Com a cara emburrada me sento na beirada da cama e a voz na minha cabeça diz que devo contar, então conto a ela. Finalmente conto a alguém. Tudo.

De como me apaixonei por ele na sétima série, enquanto ele limpava todos os dias meu banco antes de eu me sentar. De como mesmo ele sendo tão estranho, sempre com um lenço pendurado no

pescoço, ainda assim me apaixonei. Conto sobre a vez em que ele bateu em um garoto que me agarrou na saída da escola, em como eu sempre usava roupas curtas, apenas porque ele parecia me olhar muito mais quando eu fazia isso. E conto do baile, quando ele usou uma fantasia ridícula de zorro, só para entrar lá e me beijar. E mesmo que tenha sido o primeiro beijo dele (pois ele lambeu meus lábios antes de beijá-los, e se assustou quando eu enfiei a língua em sua boca) ainda assim continuei apaixonada. Conto a ela o quanto afastei os outros garotos e fiquei esperando por ele. E então falo sobre aquela noite, sobre sua tremedeira na minha porta, sua abordagem idiota, como me agarrou na metade da escada, os dentes, os dedos, a algema, conto tudo. E como sumiu. Desapareceu, sem nunca me dizer sequer um *obrigada pela noite, sua vadia*.

Celina está me encarando. Não desce uma lágrima sequer por meus olhos. Sou forte. Tenho vontade de procurá-lo agora mesmo e enforcá-lo com sua gravata cinza, mas sinto isso todos os dias, também me controlo. Ela não diz nada por um tempo, e quando por fim fala, preferia que tivesse ficado calada.

— Uma história de amor tão linda, e tão fadada ao fracasso.

— Isso não é uma coisa legal de se dizer — rebato.

— Estou sendo sincera. Vocês se amam desde a sétima série, sofrem há anos um pelo outro, trabalham juntos e que caralho estão fazendo separados?

— Eu disse. Ele...

— Foi embora na manhã seguinte como um garoto de dezoito anos que conseguiu a garota de seus sonhos e teve que ir para faculdade porque não era dono de seu próprio nariz e os pais mandaram. Sim, ele foi um idiota, poderia ter deixado uma carta, uma mensagem, um bilhete de boa transa, mas homens são idiotas!

Sinto-me magoada. A voz na minha cabeça me manda lembrá-la o que o imbecil do PP fez, mas ela encontrou sua metade agora, e Sebastian era muito idiota, vai dizer mais uma vez que está certa.

— Não acredito que você o está defendendo, Celina, sua grande vaca. Saia da minha casa e vá lambe a bunda dele se acha que ele está tão certo.

Ela se levanta rindo.

— Eu não disse que ele está certo, não está. Ele foi estúpido. Só quero que você pense. Quando montou a empresa, e se tornou dono de seu próprio nariz, ele foi atrás de você. Ele te buscou naquele convento e te colocou sob a proteção dele.

— Ele sequer fala comigo.

— Porque você não deixa. Você tem esfregado homens na cara dele esse tempo todo. Homens com quem você nem dorme. Por que ele se aproximaria?

— Porque em algum momento ele deveria deixar de ser covarde e lutar por mim. Ao menos uma vez ele poderia insistir ao não encontrar a porta aberta. Ele sempre foi um idiota e eu sempre estive ali assim mesmo. Não estou mais, e o que ele faz? Arruma submissas e desiste.

— Não sei de onde você tirou que ele pode ser um Dom se ainda desconfio que possa ser gay. Mas enfim, você é muito rancorosa e isso está enrugando sua pele. Já está com vinte e oito anos, Gil. Está na hora de agir como a adulta que é.

Estico minha pele desesperadamente e a encaro.

— Eu já disse que te odeio? Preciso de uma nova melhor amiga.

— Sugiro que converse com ele. Amasse suas bolas de novo, bata a cabeça dele na parede se for preciso, mas converse, e se resolvam.

— Isso nunca vai acontecer. Eu o odeio.

— Não odeia.

— Odeio. E chega com isso! Suma! Tchau, vá procurar seu marido gostoso e fazer sexo selvagem, suma daqui!

Ela sai rindo, mas para na porta e me olha por cima. Solto minha pele e a encaro com o dedo do meio levantado.

— Matheus é um homem lindo, rico e pelo que você diz, selvagem. Não vai esperar você a vida toda. Ele não é tão idiota quanto os outros, Gil, Matheus foi feito para se casar, e ele vai se dedicar a sua companheira.

Cruzo os braços e dou de ombros.

— Não tenho nada com isso.

— Espero que pense assim quando vir a aliança na mão dele.

Levanto-me como um raio e me aproximo dela.

— Que aliança? Ontem ele me beijou e não havia aliança.

— Rá! Então ele te beijou! Eu sabia! Não há aliança, mas que bom que você se importa. Adeus, preciso chegar mais cedo à V.D.A., pois quero conversar com ele.

Amo minha amiga, mas ela sabe ser uma vaca.

— Ele teria que ser muito gay para te contar — digo.

— Ele é um homem completamente apaixonado e deve estar louco para contar a alguém, ainda mais alguém inteligente como eu, tudo o que está guardando — ela grita da porta da frente.

— Você é uma traira.

— Sou a diva desses estúpidos. Deixe-me fazer meu trabalho e ajudá-los. Adeus, querida amiga.

— Vaca! — repito e ela sai rindo.

Não posso aparecer na empresa com essas bolas negras embaixo dos olhos. O idiota do meu chefe gay não vai entender que isso é culpa da bebida, e não dele. Tomo um banho, arrumo meu cabelo e coloco meus óculos escuros. Jogo meu casaco preto por cima da roupa curta, gosto de me vestir de preto quando estou na merda. E gosto de levantar a cabeça.

Quando você está triste, normalmente anda cabisbaixa, olhando o chão, e mostrando ao mundo a merda toda que há no seu interior. Não gosto disso. Quando estou triste, coloco meus maiores saltos, empino a cabeça e ando como se fosse a rainha de tudo. Como se controlasse minha vida. É uma enorme piada. Não controlo nem mesmo a voz na minha cabeça. Mas todos me respeitam. E ele, sempre acha que estou bem.

Assim que chego, deixo minhas coisas em minha mesa e entro na sala de Cleber, ele ainda não chegou. Meu chefe é meu melhor amigo, mas é um idiota. E depois do que fez ontem, só penso em deixar claro que nunca, nunca mesmo, deve tentar algo assim de novo. Vou até sua adega e me certifico de que há bastante gelo nela. Ele vai precisar.

Volto à minha mesa e ligo o computador, então um buquê de flores é entregue, como todas as manhãs. Eu as recebo e as deixo ali, decidindo o que fazer com elas. Normalmente eu as guardo, como uma idiota, guardei todas até agora, nesses três anos. Há um cartão ali, mas nem me dou ao trabalho de abri-lo. Estou cansada de receber flores de manhã e fotos de suas submissas à noite. Ele não tem coragem nem mesmo de assinar esses cartões. Todos esses anos eu abri cada um deles, e todos estavam em branco. Junto as flores, o cartão e jogo tudo no lixo.

Uma hora depois, Cleber aparece cantarolando. Deseja-me bom dia, mas não respondo.

Há um vulcão dentro de mim. Ele estava adormecido, mas Cleber, esse babaca, o despertou. Entro em sua sala e caminho decidida até ele. Ele está contemplando a vista como só um homem ferrado, apaixonado por duas mulheres é capaz de fazer. Assim que se vira para mim com aquele sorriso idiota, aperto suas bolas. Bem forte. Forte mesmo. Até todo o ódio que estou sentindo extravasar.

— Nunca mais tente bancar o cupido para cima de mim, seu estúpido! Você não dá conta nem do próprio pau!

Ele berra, e quando digo berra, quero dizer que grita como um maricas, sacode as mãos, põe a língua para fora e começa a ficar roxo. Então o solto. Ele está sem voz, e eu estou relaxada. Na mais completa paz.

— Tem gelo na adega.

Faço o favor de informar antes de sair de sua sala em cima do meu salto me sentindo muito melhor.

— Esses estúpidos, temos que saber lidar com eles — concluo.

Quando saio do serviço, após rir muito de Cleber, pois a vingança do idiota do meu chefe fresco, tenho que admitir, foi muito pior do que a minha. Estou rindo tranquila e calma a caminho de casa, quando um ser pequeno e rechonchudo, com um cabelo loiro embolado em um coque, me cerca com os braços e me sacode em uma dancinha ridícula.

— Gilcelle, minha querida. Estava indo ver meu menino, que bom encontrá-la, você estava com ele?

Ajeito os óculos escuros, olho para o ser e a reconheço. É uma das tias de Matheus, Lucília. Ao lado dela está um garotinho de uns oito anos tomando uma casquinha. Ele me encara com uma careta de vexame pelos gritos que a mãe acabou de dar.

— Imagino que seu menino seja o Matheus - digo.

— Sim. Saiba que toda a família está muito feliz por vocês. Desde a infância... é uma coisa tão bonita!

A mulher tira um lenço que está dentro de sua blusa, pendurado em seu pescoço e finge secar as lágrimas que não estão caindo. Quando ela faz isso, a peste de seu filho me acerta um chute na canela. O encaro imediatamente e ele está olhando a rua, tomando sorvete, como se não tivesse feito nada.

— Quando nos fará uma visita, querida? — ela pergunta.

— Eu?

Não entendo, por que precisaria visitá-la? Talvez ela esteja falando sobre Baependi como um todo.

— Não pretendo voltar à cidade tão cedo.

— Que pena! Marisa quer tanto vê-la. Você já marcaram essa data? Não quero ser mexeriqueira, mas todos na família comentam que você está enrolando nosso menino.

Ela se concentra em enfiar o lenço de volta dentro da blusa, e a peste do garoto me acerta outro chute na canela. Vou em sua direção para jogá-lo na rua, mas ele está tomando o sorvete como se não tivesse feito nada. Então paro ao seu lado quando a mulher me encara de novo.

— Não sei do que está falando. Que data eu deveria ter marcado com ele? — pergunto.

Um caminhão buzina alto fazendo-a pular e olhar para trás, e nesse momento, acerto a mão do garoto, enfiando o sorvete em seu nariz. Ele berra e se desespera, e a mulher imediatamente retira o lenço de dentro da blusa e se encarrega de limpá-lo. Fico ali, vendo a cena enquanto o garotinho me olha com ódio mortal.

— Caleb, seu desastrado! Você se sujou. Vamos embora agora mesmo! — Ela se vira para mim como quem pede desculpas. — Me desculpe, querida. Ia nos convidar para jantar com vocês, mas terei que levá-lo de volta ao hotel. Só estamos aqui para umas compras. Vemo-nos outro dia.

— Ok. Até outro dia — digo e ela sai brigando com o moleque.

Essa família dele nunca bateu bem da cabeça. Ainda bem que não demos certo, não queria fazer parte de toda essa loucura mesmo. Com essa conclusão, vou para a casa muito melhor do que me

sentia após uma tarde com Sebastian e Celina rindo de Cleber.

Matheus

As flores estão no lixo. O cartão está por cima. Ela nunca jogou as flores no lixo antes, e a diferença é que dessa vez, eu assinei o cartão. Um recado claro, ela não quer que eu me aproxime. Ainda não.

Volto para minha sala, desanimado. Tenho que me vingar de Cleber de alguma maneira. Embora eu tenha conseguido um beijo, após três longos anos, as coisas parecem piores agora. Tenho certeza que um homem virá buscá-la essa tarde, como ela sempre faz cada vez que temos qualquer tipo de contato. Assim que entro, Celina está ali.

— Bom dia — digo.

— Bom dia querido, como está?

Encaro-a desconfiado.

— Não estou morrendo, eu acho. Por que está sendo gentil?

— Matheus! Sou a mãe da gentileza! — ela diz indignada.

— Graças a Deus isso não é verdade. O que quer Celina? Você já passou pela fase do vômito, não é mesmo?

— Não vou vomitar, sente-se na sua cadeira, precisamos conversar.

Celina é a mulher do Sebastian. É brilhante, linda e completamente maluca. Maluca no nível melhor amiga da Gilcelle, então você pode imaginar o quanto é maluca. Ela normalmente é mal humorada, atrevida e nunca, nunca mesmo, é dócil ou gentil.

— Cleber me contou o que fez ontem. Achei que quisesse conversar sobre isso — ela diz.

Eu a olho, ela me olha, e não entendo o que ela quer.

— Bom, o que quer que eu diga? Ele é um idiota e vou me vingar hoje mesmo.

Ela parece confusa.

— Não era isso que eu queria saber, mas já que tocou no assunto, como pretende se vingar?

— Ainda não decidi exatamente, mas estou pensando em algo como trancá-lo em algum lugar. Como ele fez comigo. Com algumas dessas mulheres desesperadas de quem ele foge.

Ela sorri.

— Você é brilhante, Matheus, mas no primeiro grito que ele der com ela, ela irá deixá-lo em paz.

— Então com quem posso trancá-lo?

— Um momento — ela diz e revira a bolsa, depois tira de lá um cartão e me entrega.

Encaro aquilo por alguns minutos, mas não chego a nenhuma conclusão.

— Celina, por que tem o cartão de um traveco na sua bolsa?

Ela dá de ombros.

— Nunca se sabe quando vou precisar, como agora. Além do mais, não é qualquer traveco, é a Samarão. Ela é assustadora.

Já começo a rir prevendo a genialidade de tudo isso. Trancar Cleber com um traveco. Não poderia planejar algo melhor.

— Sabe Celina, eu entendo perfeitamente porque o idiota do Sebastian aposentou o documento para se casar com você.

Ela volta a ficar indignada.

— Ela não aposentou! O usa agora muito mais do que antes. E ligue para Samarão, ela é ocupada.

Espero que ela vá embora enquanto faço a ligação, mas ela fica ali, me encarando com seus olhos

escrutinadores, e começo a ficar nervoso. Combino tudo com o traveco e quando desligo, aponto para a porta.

— Resolvido. Obrigado, Celina, você é brilhante. É melhor ir para sua sala.

Ela sorri docilmente e me assusto de novo.

— O que você quer? — pergunto.

— Vocês, estúpidos, praticam bullying comigo, sabia? Quero saber como está. E sobre ontem, quero que me diga o que sente.

— Por que eu diria alguma coisa a você?

— Porque posso ajudá-lo.

— Você resolveu ajudar o Cleber, e ele se apaixonou por duas mulheres. Quero você bem longe de mim!

Ela sorri e cruza os braços. E quando ela faz isso, é porque vai acabar comigo.

— Sinto te lembrar que sua vida amorosa está mais ferrada do que a dele. E o mérito é todo seu.

Eu sabia. A punhalada.

— Agora abra o bico e comece a falar, não dou conta de resolver tudo sozinha, você precisa fazer sua parte — ela completa.

— Não tenho nada a dizer. Minha vida amorosa ferrada não tem solução.

— É uma pena, a Gil tinha tantas coisas para me contar... mas já que não quer minha ajuda, melhor eu me retirar — ela se levanta e imediatamente a sento de volta, pelo ombro.

— Quer um café, conselheira?

Ela abre um enorme sorriso vitorioso.

— Adoraria, querido.

— Sem açúcar e forte, certo?

Ela nega.

— Com creme e leite, e adoçado. O bebê não gosta desses cafés. Se tiver limão, peça, por favor, para a Bah pingar algumas gotas no meu café.

— Limão?

— Sim. Não sei explicar, só estou com esse desejo de tomar.

Peço a minha secretária que faça isso e quando digo que o segundo café é com limão, ela já deduz que é para Celina. Enquanto o café não chega, conto a ela tudo o que aconteceu na noite de ontem. Da crise de Gil à porta da sala até o momento em que a deposei na cama. Quando termino o relato, ela me encara. E suspira.

— Ah Mateus! Você é mesmo o estúpido com defeito. Por que os outros não são tão românticos?

— Não sou romântico, e comece a falar. O que ela te disse?

Nesse momento Bah entra com os cafés e nos serve. Após o café ser servido, ela se retira e pergunto logo a Celina:

— O que a Gilcette disse?

Ela sorri.

— Não vou ser uma amiga traíra e contar as dores dela. De jeito nenhum.

— Sua traíra! Só abri o bico porque você disse que tinha coisas para me contar!

Ela toma o café com aprovação e responde:

— E tenho. Basicamente, ela te odeia. Estava muito bêbada e não se lembra de nada sobre ontem. Então toda sua declaração de amor não serviu para nada. Seja homem, honre o que está no meio de

suas pernas e se declare quando ela estiver sóbria.

Pego meu café com uma careta.

— Não se lembra de nada? Por que essas coisas acontecem comigo? Não posso me declarar com ela sóbria, me atiraria do décimo primeiro andar. As coisas com ela não funcionam assim. Você não me trouxe informação nenhuma que eu já não soubesse, não foi uma troca justa.

Ela dá de ombros e termina o café.

— Uma hora você terá que enfrentá-la.

— Eu preferiria entrar na jaula de um tigre vestido de bife a enfrentá-la. Ela pode me machucar mais do que fisicamente.

Celina suspira de novo.

— Oh Matheus! Tomara que vocês se acertem. Um amor tão lindo, fadado ao fracasso — ela diz se levantando.

— Não está fadado ao fracasso. Sua visão das coisas não ajuda muito.

— Só estou sendo sincera.

Volto a tomar o café e ela anda até a porta, mas para de repente e diz:

— Ah, ia me esquecendo. Ela acha que você é um Dom.

O café quente para na minha boca quando a encaro.

— E ela gosta disso.

Cuspo o café todo na mesa.

— Que merda! — exclamo.

— Alguma coisa a ver com algemas e submissas. Enfim, boa sorte — ela diz e bate a porta ao sair.

E eu entendo que conquistar minha Sereia será muito mais difícil do que imaginava. Mas se é um Dom que ela quer, é um que terá. Normalmente ela só me escuta quando a obrigo, então a partir de hoje, Gilcelle voltará a conversar amigavelmente comigo. Nem que eu tenha que ordenar que ela faça isso.

Imediatamente pego o telefone e ligo para Bah.

— Pois não, senhor Amorim?

— O que um Dom usa?

— O quê?

— Pensa rápido, criatura!

— Chicote?

— Isso! Obrigado!

Desligo o telefone e agendo no meu celular para essa tarde, preciso comprar um chicote.

Capítulo 4

Gilcelle

Tenho um puta problema. “Isso não é nada demais, todo mundo tem problema”. Cale a boca, voz. Deixe-me fazer meu drama. Essa madrugada, estava linda e quentinha embolada em meus lençóis (durmo com 2 porque detesto vento gelado na bunda à noite) quando meu celular tocou. E era Antônia. E Antônia nunca me liga. Ela disse que se envolveu em um problema e que precisava urgente de uma quantia muito alta de dinheiro.

Sei o que você está se perguntando, mas sim, ela disse que ainda está no convento, mas não pode pedir esse dinheiro a madre, obviamente. E não, ela não me disse o que aprontou. Mas, sendo minha irmã, posso imaginar. Claro que não tenho esse dinheiro, disse isso a ela, mas ela parecia tão desesperada! Preciso conseguir.

Entro no elevador da V.D.A. pensando em pedir esse dinheiro à Celina, isso seria passar por cima do meu orgulho, da minha fama de independente, de todas as vezes em que chamei Sebastian de estúpido, uma vez que o dinheiro da Celina é dele, mas não tenho saída. A não ser, Cleber. Meu adorado chefe. Ele é meu melhor amigo, ou algo parecido. Mas ele anda tão aéreo nessas últimas semanas, desde que caiu de amores por duas mulheres. É mesmo um estúpido, quem em sã consciência se apaixonaria por duas pessoas? Amar uma só já é merda o suficiente.

Na garagem do terceiro pavimento, o elevador para, e Bah entra. Ela é a secretária nova do Matheus. Ficou no lugar da Celina. É baixinha, com olhos bem redondos e uma cara de menina.

— Eu sei que você é velha — digo a ela. — Você tem essa cara de menininha, esses olhos de boa moça, mas é velha. Não é?

Ela sorri.

— Temos a mesma idade. E não vou pegar seu estúpido, Gil. Ele é fresco demais. Eu queria mesmo o Cleber, mas ele nem me olha.

Sorrio.

— Então você é mesmo nova. Não tenho um estúpido. E o Cleber está apaixonado. Desista dele.

Ela solta um suspiro frustrado:

— Somos meninas ainda. Mas queria dizer que o SEU estúpido é muito gentil comigo — diz enfatizando a palavra *seu*.

— Não tenho um estúpido — respondo puxando meus seios para cima do decote para que fiquem do tamanho dos dela.

— Que pena! Porque eu tinha uma coisa sobre ele pra contar, mas já que não quer saber...

— Uma coisa sobre quem?

— Sobre aquele que não é seu estúpido. Mas você não quer saber, já entendi — ela diz e sai do elevador no nosso andar.

Saio atrás dela, como quem não quer nada, a sigo. E assim que confirmo que ninguém está vendo, a arrasto pelo braço para a sala dele. Não queria entrar aqui, mas foi a primeira porta disponível.

— Está legal baixinha, o que você sabe?

Ela sorri.

— Ele me mandou pesquisar chicotes.

Arregalo os olhos.

— Chicotes?

— Sim. E tem um bem aqui mesmo, na gaveta dele — ela aponta para a mesa de Matheus.

— Matheus é mesmo um dom?

— Parece. Embora nunca o tenha visto dando ordens.

— Ah, mas ele dá. Ele acha que manda em mim — dou de ombros. — Obrigada, Bah.

— Às ordens. — Ela anda até a porta e ao ver que não me mexo, cruza os braços. — Então, você vai sair ou vai esperar que eu saia para ir ver o tal chicote?

— Por que esse lugar não tem um funcionário normal da cabeça, meu Deus? Não importa! Vou olhar com você aqui mesmo!

Corro até a mesa dele, ela grita qual é a gaveta, a puxo com tudo e ali está. Negro. Lustroso. O couro com cheiro de novo. Um chicote zerado. Arregalo os olhos e o contemplo.

— Eu adoro chicotes — sussurro.

— Merda! Alerta vermelho! — ela grita e sai da sala batendo a porta.

— Merda! Você tinha que ter dado o alerta laranja primeiro! — grito e fecho a gaveta.

Ouçõ a voz de Matheus, rodo para um lado, rodo para o outro. Ele não tem uma adega, não tem uma salinha de arquivos, onde vou me enfiar? Me enfio em seu banheiro. Mas assim que entro, trombo com tudo em alguém, nós duas gritamos e Matheus entra correndo na sala.

— Mas o que está...

Ele estaca ao nos ver, emboladas na porta do pequeno banheiro, estamos Alzira e eu. Alzira é a copeira, e é meio obcecada pelo Matheus. Mais do que depressa, me empertigo, arrumo os ombros, empino o queixo e finjo estar me limpando, preciso de uma desculpa. Já rolam boatos demais sobre Matheus e eu na empresa. Não preciso ser taxada como mais uma obcecada pelo chefe gay.

— Ouvi um barulho estranho na sua sala e vim ver o que era. Apenas isso — falo e vou saindo.

— Mentira! Ela estava com seu chicote — diz a obcecada bocuda.

Eu engasgo com o nada, Matheus engasga com o nada, e apenas a risada de Bah se ouve no ambiente.

— Como é legal trabalhar aqui! Vocês são todos malucos. Alzira, pare com essa mania de invadir a sala do senhor Amorim, isso está ficando chato. Venha comigo.

A obcecada abaixa a cabeça e segue até onde Bah está.

— Senhor Amorim, a senhorita Lopes só estava aqui para ver o seu chicote. Tenham um bom dia — e assim Bah sai da sala carregando Alzira.

Maldita secretária faladeira. E eu bem achando que podíamos ser amigas. Matheus está sorrindo. Aquele sorriso idiota, e presunçoso. Ele cruza os braços e me encara, e detesto o fato de não conseguir desviar de seu olhar quando ele faz isso.

— Então você quer ver meu chicote, Sereia?

— Não me chame assim!

— Eu o mostraria a você de bom grado.

Sorrio de volta.

— Não gosto de chicotes moles, obrigada.

— Não mesmo? Porque naquela noite você gritou tanto, que quase precisei amordaçá-la. Achei que as algemas apenas não bastariam para contê-la.

Engulo em seco, gaguejo. E antes que consiga falar, ouvimos palmas.

— Caralho! Você a prendeu com uma algaema? Que merda homem, e eu achando que você é gay! —

diz Sebastian aos risos.

Já disse que odeio com todas as forças Matheus Amorim? Esse traste idiota e insensível. Que mal me dirige a palavra e consegue acabar comigo com poucas delas. Maldito!

— Desculpem atrapalhar, Sereia e Tristão, mas preciso de vocês na sala de reuniões agora.

— O que houve? — pergunta o traste.

— Temos um pequeno problema, que acho que sua Sereia pode resolver.

— Se for sobre o Cleber, eu não sei de nada — já vou logo dizendo.

O traste fecha a cara e Sebastian passa o braço por meus ombros e com cada um de um lado, sou guiada a sala de reuniões.

— Por que a Celina foi excluída dessa reunião? — pergunto ao ver que seremos apenas nós três na sala.

Sebastian e Matheus se olham, e então Sebastian pega minhas mãos, e me encara com seus olhinhos de cachorrinho pidão.

— Gil, adorável Sereia, Celina está grávida, com o humor muito alterado, ela não precisa se aborrecer à toa, certo? Assim que descobriremos exatamente o que o imbecil do Cleber está aprontando, vou contar tudo a ela, mas por enquanto, por favor, não diga nada.

Eu posso entender perfeitamente porque ele não quer que ela se envolva, mas estamos falando da Celina, e ela é a criatura mais perceptiva que conheço. E não vai gostar nem um pouco de ter sido excluída do bolo da descoberta.

— O que eu vou ganhar com meu silêncio?

Sebastian arregala os olhos e Matheus ri.

— Você está me pedindo para omitir coisas da minha melhor amiga. Para mentir para ela, caso me pergunte alguma coisa. Não vou fazer isso de graça.

Ele solta minhas mãos e bufa.

— O que você quer?

— Um aumento de salário.

— De jeito nenhum! Você já ganha quase o mesmo tanto que eu, e eu sou o dono, não vou aumentar seu salário.

Concordo com a cabeça.

— Celina! — grito. — Celina!

Imediatamente, Sebastian tapa minha boca com a mão.

— Caralho! — ele encara Matheus furioso. — Como é que você se apaixonou por essa mulher?

— Celina também não é fácil — é tudo o que ele responde, mas não nega que se apaixonou por mim.

Porém, não posso me prender às brincadeiras desses estúpidos agora, preciso de dinheiro, e esse é o momento certo.

— Tudo bem Gilcelle, te darei um aumento.

Abro um sorriso e digo:

— Mas você sabe que ela vai descobrir, vai descobrir que você a excluiu e vai atingi-lo com uma cadeira na cabeça.

— Graças a Deus, por causa da barriga enorme, ela não consegue mais levantar uma cadeira. Mas agora que estamos entendidos, isso é um pacto Gilcelle.

— Ok, eu entendi.

— Você não pode contar.

— Eu entendi.

— Ou não ganha seu aumento.

Dessa vez é Matheus quem responde.

— Sebastian, ela entendeu. Diga logo o que quer dizer, não tenho muito tempo.

— Cleber fez alguma merda.

— Qual a novidade? — pergunto.

— Essa merda envolve a V.D.A.

Começamos uma discussão sobre as ligações misteriosas que ele recebe, sobre como fica tenso sempre. Sobre algum detetive que eu sei que ele contratou para alguma coisa. Sobre como está nervoso nessas últimas semanas, o que é incomum para o sempre relaxado Cleber Dantas. Discutimos até mesmo as roupas repetidas que ele nunca usava antes, e o tempo todo, o traste fica calado. Ajeita a manga do terno, passa álcool gel na mão, e depois repete o processo, mas ele, sempre tão inteligente, não diz nada. Não esboça nenhuma reação com cada coisa que revelamos sobre Cleber, como se já soubesse de tudo. Por fim, me canso.

— Por que está calado?

Ele me encara, por longos dois minutos aqueles olhos tão azuis ficam focados nos meus. Começo a sentir falta de ar até que um sorrisinho surge em seu rosto.

— Está falando comigo, Sereia?

— Não me chame assim! Não dá para conversar com você nem mesmo assuntos profissionais. Sebastian, ele sabe de alguma coisa — acuso.

— Desembuche, Matheus.

— Sebastian, eu não sei o quão lerdo você é, levando em conta que sempre foi o mais inteligente de nós três. Mas enfim, Cleber está fazendo saques altos na conta da empresa. Há meses.

Não dá para dizer qual queixo toca o chão primeiro, o meu ou o de Sebastian. Imediatamente defendo meu chefe. Sei que ele é um idiota, babaca e safado. Mas ladrão não. Ele adora esses dois, jamais os roubaria.

— Cleber não está roubando dinheiro da sua empresa. Isso aqui também é dele! Ele nunca faria nada contra vocês.

Não dá para identificar o que se passa na cabeça de Matheus, pela forma como ele me olha. Parece possesso, ferido e cansado. Não sei bem qual dos três.

— Não disse que ele está roubando. Ele está fazendo saques, em altas quantias. E devolve poucas horas depois, da conta pessoal dele.

Ele anda até o notebook da sala de reuniões e o liga. Nós o seguimos como dois sacerdotes seguindo o mestre. Nos prostramos cada de um de um lado seu. E juro que não fico reparando seu cabelo loiro comprido, nem fico com vontade de enfiar os dedos neles e puxá-los, como fiz aquela noite...

— Que nunca existiu! — penso alto demais.

— O que? — Sebastian me pergunta.

— Nada.

Sou salva pelo traste, que aponta o dedo para a tela.

— Vejam as movimentações somente nessas duas últimas semanas. Uma quantia enorme é sacada, sem nome, cada vez para uma conta diferente. E em seguida, a mesma quantia é transferida,

diretamente da conta do Cleber.

— Não faz sentido. Por que ele tiraria essas quantias e devolveria logo em seguida? — questiono.

— Porque não é ele quem está sacando essas quantias. Ele apenas está repondo-as — diz Sebastian e Matheus concorda com a cabeça. — Que merda!

Os dois ficam naquela troca de olhares e assentem com a cabeça como dois robôs, mas não me dizem nada do que ambos parecem ter descoberto.

— Que lindo a sintonia de vocês dois, pessoas tão inteligentes, que sacam tudo com uma simples olhada e se comunicam telepaticamente, mas me chamaram para essa reunião secreta e eu não tenho um fio rosa que liga minha mente à de vocês. Querem me explicar o que está acontecendo?

— Cleber caiu em um golpe — diz Sebastian.

— De quem?

— Somos inteligentes, não adivinhas — diz Matheus.

— Na verdade, posso desconfiar de quem seja — diz Sebastian. — E se eu estiver certo, ele está sendo chantageado.

Uma gargalhada involuntária me escapa.

— Cleber? O rei das chantagens sendo chantageado? Conta outra.

— Isso faz todo sentido — diz Matheus. — Mas por que ele não nos contou? Por que não nos pediu ajuda? O homem tem andado à beira de um colapso.

— Como se Cleber, o rei do ego, fosse admitir que cometeu uma merda de proporções tão grandes.

— Querem parar de falar mal dele? Além do mais, isso é muito simples de descobrir, basta que vocês dois, ao invés de ficarem aí especulando sobre o porquê de ele ter escondido isso, perguntem a ele. Aliás, vou fazer isso.

Não dou dois passos antes que uma mão segure meu braço e me puxe, atirando-me contra a mesa, e logo o corpo de Matheus está me bloqueando.

— Vá Sebastian, vou explicar de novo à defensora do Cleber que essa reunião é secreta.

Nem vejo Sebastian sair da sala, mas logo Matheus me olha, seu olhar intenso e toda sua beleza lançados contra mim. Ele ainda segura meu braço com força, e quero desmanchar ali, apoiada na mesa, sendo prensada por ele.

— Isso é segredo. Você não vai abrir o bico sobre isso nem para Cleber, nem para ninguém! Entendeu?

Assinto com a cabeça e não digo nada.

— Ótimo! Não gostaria de ter que mantê-la algemada no meu quarto até descobrirmos tudo isso.

O ar me falha e gaguejo.

— Al... al... algemada? No quarto? No seu?

Ele confirma com a cabeça e se aproxima tanto de mim, que o ar que antes falhava, some completamente. Ele para sua boca a poucos centímetros da minha:

— Não abra a boca, Gilcelle — ordena com a voz baixa.

Nem consigo responder, quando de repente ele me solta, e sai da sala. Maldito traste dominador. Maldita eu com essa fraqueza!

Chego ainda zonza à minha mesa e Celina está ali, alisando a barriga, elegantemente sentada. Abre um sorriso doce quando me vê.

— Você vai dizer ou terei que arrancar? — pergunta.

— Celina, eu não seria louca de te esconder nada. Foi apenas uma reunião secreta, Sebastian não

quis que você participasse. Mas parece que Cleber se meteu em alguma roubada que envolve a empresa. Algo como ser chantageado por alguém.

Ela arregala os olhos.

— Cleber? O rei da chantagem?

— Foi a mesma reação que eu tive.

Ela se levanta determinada, e irradiando raiva.

— Então eu fui excluída?

— Vai matá-lo agora? Porque eu entendo a atitude dele. Você anda muito alterada.

— Estou mais calma do que nunca. Mas não vou matá-lo agora, precisarei dele a noite. Vou guardar minha vingança para o momento certo.

Assim minha amiga sai desfilando em seu salto e sei que ela vai descobrir o que quer que Sebastian acha que sabe, antes mesmo dele se dar conta disso.

*Conserte meu coração
Diga que me amará novamente
Desfaça essa dor que você provocou*

— Mas que merda!

Não me dou ao trabalho de abrir os olhos e ver a cara de reprovação de Sebastian, ou a de zombaria. Não quero vê-lo. Por que não me deixam apenas me afogar nessa dor de vez em quando? Estou sentado em minha cadeira, com a cabeça enterrada na mesa. Não me movo. Não há um fio de vida em mim agora.

Ouçõ a cadeira da frente arrastar e sei que Sebastian sentou-se nela. Ele pigarreia e diz:

— Matheus, não queria tirá-lo de seu momento de merda, mas terei que fazer isso — ele desliga o som e ouço quando se senta de novo. — Então as coisas ainda não se resolveram com ela, não é?

Balanço a cabeça o máximo que consigo, sem tirar meu rosto da mesa fria.

— Você sabe que ficar jogado na sua mesa, ouvindo música de gay, não vai fazê-la esquecer de dez anos de mágoa, não sabe?

Confirmo com a cabeça o máximo que consigo ainda sem tirar meu rosto da mesa fria.

Recebo o silêncio. Até mesmo meu amigo, um grande idiota, desistiu de mim. Não tenho conserto. Penso que Sebastian deve ter se levantado e está saindo porta afora para se livrar do meu coração partido, quando o filho de uma puta me atinge com um jato de água fria. Levanto-me imediatamente:

— Idiota! Onde estava essa água que você jogou em mim?

Ele estende a garrafa de Jack vazia ao mesmo tempo em que o cheiro da bebida em meu corpo me atinge.

— Vira homem! Ficar aí chorando pelos cantos só aumentam os boatos de que você é gay. Se quer a mulher, vá lá e a pegue.

— Imbecil! Como se você fosse fazer algo com a Celina contra a vontade dela.

Ele dá de ombros.

— Ela não está com minha aliança no dedo agora porque aceitei a situação de merda em que estava e desisti. Está comigo porque dei a cara a tapa, corri atrás mesmo e insisti. E graças a Deus fiz isso. Ficar aí se lamuriando não vai fazer a maluca da Gilcelle sentir pena e te amar de novo. Deixa essa barba crescer, honre o que tem no meio das pernas e vá pegar sua mulher!

Ele está certo. Ela é minha. Está aqui há três anos e embora a tenha visto com muitos homens, não a vi com um namorado fixo. Ela estava aqui com meu chicote, tem que significar alguma coisa. Saio marchando em direção à porta, mas ele me segura.

— Não agora! Temos um problema, descobri o que aconteceu com Cleber.

— Sim, precisamos falar sobre isso. O último saque foi alto demais.

— Então vamos para a sala de reuniões. E não se esqueça, cara de homem.

— Vá à merda.

Isso piorou nas últimas semanas. Estamos concentrados em descobrir o que está havendo com Cleber, para que possamos matá-lo, e depois ajudá-lo, é claro. E então tenho visto demais Gilcelle. E tenho estado com ela de menos. Ela me ignora completamente, é arisca, desrespeitosa é a Gilcelle de sempre comigo. A diferença está em mim. Eu a amo. E vejo Sebastian feliz, vejo o quanto ele

baba cada vez que seu bebê se mexe na barriga de Celina. E então tem Cleber, o ser mais idiota que conheço, tão apaixonado e correndo atrás da Suzana. E ela está ali, todos os dias perto de mim, e nesses três anos, não consegui com que ela sequer falasse direito comigo. Não posso mais ficar assim. Ela é minha, isso é um fato. Está na hora de reclamar o que é meu. Mas, antes que conseguisse pensar em uma forma de fazer isso, perdi a merda do fio da vida. Estou sem vontade de fazer nada nesses últimos dias. Sentindo-me o Cleber quando cantou a sofrência. Estou a ponto de fazer isso.

Não, não chegarei a tanto.

E ali está ela. Sentada com as pernas abertas. Nem olho a cor de sua calcinha e me certifico pelo canto do olho que Sebastian também não olhou. Sento-me ao seu lado, coisa que nunca faço, e ela se empertiga na cadeira. Sebastian fecha a porta e a tranca, acredito que é para que Celina não entre. Gil franze o cenho, cheira o ar, e me encara com uma careta horrenda.

— Você bebeu? Veio trabalhar bêbado? Logo você?

Ela parece horrorizada. Olho para Sebastian que tenta esconder um sorriso. Valeu, amigo estúpido. E então o olho, ela está o máximo possível afastada de mim, com uma careta de desgosto, mostrando pela primeira vez em anos que se importa com o que faço. Sorrio para ela. E de repente, me aproximo, muito. Quase enfio o rosto em seu pescoço. E digo baixinho em seu ouvido:

— Você se importa, Sereia? Talvez você possa acabar com minha tristeza no lugar da bebida, o que acha?

Ela treme. Posso sentir isso. Mas finge que não sentiu nada. E eu me afasto.

— Diga o que tem a dizer, Sebastian.

— Cleber caiu na lábia de Heitor Martinez.

— Que merda!

— Pois é. Ele está fazendo os saques e Cleber cobrindo. Heitor o está chantageando e isso deve ser desde a época da faculdade.

— Então é por isso que Cleber chamou um detetive, para achar esse homem! — diz Gilcelle.

— Sim. E o imbecil está enfrentando tudo isso sozinho.

— O que vamos fazer agora? — pergunto.

— Matá-lo, é claro. Depois teremos que ajudá-lo. Alguma coisa não bate nessa história de Cleber, Heitor e Botelho, algo não fecha.

— Me dê esses papéis, vou tentar entender o que está havendo.

Sebastian joga os papéis em mim e os pego me levantando.

— Você vai estudar esses papéis, bêbado? — pergunta Gilcelle.

— Você não tem ideia das coisas que eu consigo fazer perfeitamente, bêbado.

Ela parece assustada e Sebastian sai da sala rindo e comentando:

— O homem acordou.

Não preciso de muito tempo analisando os papéis para me dar conta do que está havendo. Cleber pegou dinheiro com Heitor. Heitor deu um golpe nele. E então o chantageia. Cleber contratou Botelho, o detetive para descobrir onde Heitor está e mandá-lo para a cadeia. Mas Botelho não fez isso. Deve estar envolvido com o golpista. Cinco anos é tempo demais para que um detetive com a fama de Botelho não tenha descoberto nada. E somente o imbecil do meu amigo para não perceber isso. Dessa vez sou eu que convoco Sebastian e Gilcelle, para uma reunião rápida, em minha sala mesmo. Mas somente ela aparece.

— Onde está o Sebastian?

— Aconteceu um acidente. Tentaram atacar a Celina hoje cedo. Sebastian e Cleber impediram e foram todos para a delegacia.

— Celina? Ela está bem? A Nath...

— Não aconteceu nada — diz levantando as mãos. — Mas quem a atacou foi o Heitor.

— Heitor Martinez?

Ela confirma.

— Não faz sentido.

— Eu acho que faz — ela responde e se senta, e então conto a ela o que descobri e ela me conta o que deduziu. E tudo se encaixa. É a primeira conversa decente que temos nesses três anos e tudo por causa de uma merda enorme de Cleber. Devo uma ao meu amigo.

Quando eles voltam da delegacia, somos convocados a uma reunião por Cleber. Sebastian faz questão de deixar Celina de fora, o que considero assinar uma sentença de morte, mas a mulher é dele, não vou me meter. Então Cleber desabafa todas as merdas que fez. E é exatamente como eu deduzi. Heitor está nisso e Botelho está nisso. Quando ele termina de falar, esperando que o matemos, o que de fato ele merece, algo atinge sua testa em cheio e ele cai com tudo para trás. O sapato de Celina. Ela ouviu atrás da porta. Cleber permanece no chão, caído, um vermelho enorme em sua testa e acho que não pretende se levantar nunca mais. Mas Celina está furiosa, e ele é quem tem que arcar com a fúria dela. Eu é que não vou passar por isso. Aproximo-me dele e o ajudo a se levantar.

— Vamos cara, enfrente seus demônios — digo encorajando-o.

Ele espera que ela o mate, eu espero que ela o mate, Sebastian espera ser morto por ela. E ela parece se controlar muito para não atirar o outro sapato quando diz:

— Em primeiro lugar, por que diabos eu fui excluída dessa reunião?

Cleber olha fixamente para Sebastian e Celina o fuzila com o olhar.

— A gente resolve isso em casa, Sebastian Vaughn.

Então ela se vira para Cleber, e o manda para a copa da sala de reuniões. Quando ele se afasta, nos encaramos.

— O que vamos fazer? — Sebastian pergunta.

— Primeiro, vamos comer um donut — diz Gilcelle. — Celina está nervosa, fica mais calma quando come doce.

Concordamos todos em ir comprar o tal doce para Celina e Gilcelle avisa a Cleber que espere.

— Isso vai ser uma tortura e tanto com o homem — Sebastian diz.

— Ele merece. Deixe-o sofrer um pouco.

— Estão sendo malvados demais com ele. Ele tem sofrido há cinco anos — defende Gilcelle e tenho vontade de apertar seu rosto nas mãos e enfiar em sua cabeça que Cleber ama Suzana e não está nem aí para ela.

No caminho, contamos tudo a Celina, como descobrimos, porque ela ficou de fora. Ela parece entender, mas ainda vai matar Sebastian, tenho certeza. Meu amigo amanhã vai andar de lado. Celina é excelente de mira. Voltamos para a sala, comendo o tal doce e libertamos Cleber de suas lamentações. Então nos reunimos para decidirmos o que fazer com Heitor, que agora está atrás das grades, por atacar Celina em plena luz do dia. Ele quis ser preso, isso é óbvio. Cleber acha que ele faz parte de uma quadrilha, uma vez que usa vários nomes. E eu acho que o detetive de Cleber é o chefe dela. Chegamos a um impasse.

— Precisamos descobrir se Botelho está metido nisso — digo, pois precisamos saber antes de procurar provas para incriminá-lo.

— Como vamos conseguir isso? Ele é um dos melhores e mais temidos detetives do submundo — diz Cleber desanimado.

— Então precisamos de um detetive ainda pior do que ele — conclui Sebastian.

— Não conheço ninguém pior do que ele, o cara tem a barba cinza — confirma Cleber.

Todos à mesa se olham, ninguém tem uma solução, até que ela, justamente ela, abre a boca.

— Acho que posso ajudar. Conheço um detetive pior do que ele.

Ela deve estar brincando.

— E você tem contato com ele? — pergunta Sebastian.

— Sim, posso procurá-lo. Farei isso. Tenho certeza que Lagartão ficará mais do que feliz em acabar com Botelho. Se provarmos que ele está envolvido.

Lagartão? Já ouvi falar desse cara. Traficante da pesada que se mete a detetive. Mas o que não entendo, é como Gilcelle pode ter algum contato com ele. Isso tem que ser alguma brincadeira!

— De onde você pode conhecer um homem como ele? — pergunto irritado.

— Conheço muitos homens — ela responde. — Vou procurá-lo essa semana mesmo. Vamos dar um jeito nas merdas do Cleber.

— Vou com você — afirmo.

— De jeito nenhum.

— Eu vou sim, ou você não vai. Que se danem as merdas do Cleber, você não vai procurar esse homem sozinha.

Ela me encara e eu a encaro. Só me faltava essa maluca ficar em perigo para defender Cleber. Mas que paixonite é essa que ela sente por ele?

— Ok guarda-costas gay. Você pode vir comigo.

E após todos abraçarmos Cleber como um bando de maricas, o dia finalmente acaba.

Para você ter uma ideia do que está acontecendo. Minha família acha que Gil e eu estamos noivos. Acha que estamos juntos há três anos. E no final do mês é aniversário da minha mãe, sabem o que ela me pediu de presente? Que eu vá passar uma semana lá com Gilcelle. Vocês sabem quais são as chances de eu convencê-la a ir comigo de boa vontade? Nulas. Tive que fazê-la precisar de mim, para que eu pudesse pedir isso em troca. Não foi uma coisa bonita, eu sei, mas com ela não dá para jogar limpo. Porém, se ela estiver apaixonada pelo meu melhor amigo, nem mesmo propondo o que vou propor a convencerei. E então, não posso fazer mais nada. Preciso tirá-la de perto de Cleber.

Quando entro cansado em meu apartamento, ouço uma risada feminina. Há alguém aqui. Caminho até o quarto tirando a roupa. Dobro a camisa e a coloco perfeitamente dobrada, no cesto de roupas sujas. E então a vejo. É Mel. Ela mora no prédio, e nas vezes em que venho para o apartamento, ficamos. Ela está prostrada ao lado da cama, nua, com os braços colados ao lado do corpo, o cabelo preso em um rabo de cavalo e as algemas estão ali, em cima da cama, ao seu lado. Como sempre peço que ela fique.

— Olá, Mel.

— Olá, Matt. Você não parece bem hoje. Quer que eu vá embora?

— Estou bem — digo e tiro a calça e a boxer, dobrando-as e colocando-as por cima da camisa.

— É a Sereia de novo? — ela pergunta revirando os olhos.

— A partir de agora, você não fala, ou cobrirei sua boca com minha gravata. Junte as mãos. — Ela

obedece e as prendo para trás, com as algemas. — Boa menina. Vai querer fotos, querida?

Ela assente e coloco a câmera em frente à cama, me certifico de que está pegando tudo, pego o controle da câmera e me aproximo da mulher nua a minha frente. Mas não sinto nada. Estou entorpecido.

— Hummmm hummmm — ela emite com os lábios colados.

— Pode falar.

— Quer apenas conversar hoje? Eu poderia te fazer uma massagem.

— Não quero suas mãos em mim, obrigado. E vou cobrir sua boca agora.

Ela assente animada e amarro uma gravata em seu rosto, cobrindo sua boca. Certifico-me de não tê-la apertado.

— Então Mel, enquanto o fio da vida não volta para mim, vou conversar com você. E fotografá-la.

— Hummm hummmm.

— Sim, pareço tenso, não é? Só estou pensativo. Não é nada demais.

Afasto-me e disparo a câmera, fotografando-a. Mas tudo me parece melancólico demais. Não sei se você consegue me entender, sentada aí, na sua cama, esperando que eu faça algo que vá fazê-la rir. Mas não vou fazer. Minha avó dizia que existe algo que faz com que levantemos da cama todos os dias, faz com que tenhamos vontades, esperanças, desejos, e isso seria o fio da vida. E somente um amor mal resolvido é capaz de nos perder desse fio. Após longos dez anos. Após muitas outras mulheres que não significaram nada. Após três, dos piores anos da minha vida vendo-a cada dia mais distante, perdi a merda do fio. Você sabe do que estou falando? É como vocês, quando estão de TPM, sentem vontade de chorar e querem comer chocolate. Estou assim, mas não como chocolate. Também não choro. E não tenho TPM, obviamente. Mas me sinto igualmente morto. Como um camelo desnutrido no deserto, que enxerga seu tão sonhado poço de água, e ele se encontra do outro lado da rocha, com um abismo profundo a ser percorrido até que o camelo alcance esse poço. Provavelmente ele morrerá antes de alcançá-lo.

A realidade às vezes é uma merda.

— Um Dom. A Sereia, quer um Dom. Você acha que posso ser um? — pergunto.

— Hummm hummmm hmmm — ela murmura desesperada.

— Foi o que pensei, não posso. Não conseguirei fazer isso. Só preciso fingir bem o suficiente para que ela acredite.

— Hummmm hummmm hummmm — ela continua murmurando.

— Acho que terei que vender seus olhos também. Está muito agitada hoje. Acalme-se, doce Mel. E silêncio!

Não faremos nada essa noite. Nada aqui está acordado. Nada aqui está bom. Darei o prazer que ela veio buscar e a deixarei ir embora. Se querem um pouco de sacanagem hoje meninas, me desculpem por desapontá-las. Voltem ao livro do Cleber, ele está melhor nisso do que eu.

— Por favor, Gilcelle, seja uma boa menina e se cuide. Não quero que mais ninguém pague pelas minhas merdas — diz Cleber quando estou prestes a entrar no carro.

— Relaxa, bebê. Estou lidando com suas merdas há muito tempo. Além do mais, tenho um guarda-costas.

Ouçó “ele” resmungar de dentro do carro e então começa a buzinar, me mandando entrar.

— Eu nem queria que você fosse. — Ao entrar no carro, digo pela milésima vez só para não deixar dúvidas.

— Vou fazer você me pedir desculpas quando eu precisar defendê-la naquele lugar — ele diz sério. — E não precisava colocar uma saia tão curta.

Reviro os olhos e dobro a saia, deixando-a ainda mais curta.

— Lembre-se de duas coisas muito importantes, senhor Amorim. A primeira: eu não queria que você fosse. A segunda: não estou com paciência para seu ciúme hoje.

Ele me olha imediatamente e mantém seu olhar preso ao meu, mas não diz nada. Odeio quando ele faz isso. Odeio quando fico esperando que ele diga alguma coisa. Definitivamente odeio Matheus Amorim.

Esse silêncio entre nós me incomoda tanto, que ligo o rádio, e uma música antiga começa a tocar. *Unbreak my heart* de Toni Brexton, eu o encaro esperando que explique essa música gay, mas ele permanece exatamente como está, olhando para frente. Eu realmente odeio esse homem e a forma fria como ele age, fingindo ser o rei do universo, fingindo que não estou aqui. Quero mostrar para ele que estou sim aqui, bem ao lado dele. Então começo a cantar a música. A berrar a música, na verdade. Ele me olha e um sorriso idiota se insinua em seu rosto.

As coisas pioraram depois de o imbecil do Cleber ter nos trancado. Fazia muito tempo que eu não ficava sozinha em um lugar com Matheus, precisava sair de lá, de uma forma ou de outra, a forma que encontrei, foi bebendo. Tudo ficou estranho depois disso. E agora estou agindo como se nada tivesse acontecido. Como tenho feito todos esses anos.

— Tem certeza de que o endereço é esse? — ele pergunta estranhando o bairro em que estamos.

— É apenas uma fachada, o escritório dele é atrás de um consultório odontológico.

Ele fica batucando no volante em um tique que já reparei algumas vezes. E diminui a velocidade. Diminui muito a velocidade.

— Eu gostaria de chegar lá hoje — reclamo.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não é?

Apenas concordo com a cabeça e ele para o carro.

— Então não faça. Podemos encontrar outro detetive — pede.

— Você sabe que não podemos. E não me importo de fazer, ligue esse carro e vamos logo.

— Você está se arriscando.

— Novamente, eu não me importo. Pare de agir como se fosse minha mãe.

— Você precisa trabalhar essa mágoa.

— Não há mágoa a ser trabalhada, eu o conheço há três anos e mal nos falamos. Agora ligue a merda desse carro se não quiser que meu salto vá parar nas suas bolas!

Não olho para ele para ver qual é a sua reação, dessa vez também não quero que ele responda, quero que ligue o carro para acabarmos logo com isso. Mas claro que ele responde:

— Criança.

— Idiota.

— Fingir que nada aconteceu é o cúmulo da criancice, até mesmo para uma *pessoa* como você.

— O que quer dizer com *pessoa*? Por que falou com essa língua presa? O que quer dizer?

— Olhe para você, tentando bancar a forte só para se mostrar, deve estar tremendo por dentro de

medo do Lagartão. Não consegue nem mesmo enfrentar seu passado.

Primeira coisa que a voz na minha cabeça me diz “*vire a merda do volante*”. Mas então percebo que estou dentro do carro e isso não seria nada inteligente. Então também ignoro seu segundo conselho “*finja que ele não disse nada*”. E respondo:

— Você disse certo, senhor Amorim, passado, não tenho porque enfrentar algo que não existe mais e que não significou nada.

Ele fica em silêncio pelo que me parece um minuto antes de retrucar:

— Está certa. Não foi nada mesmo, melhor fingirmos que nada aconteceu, não é mesmo? Você finge que não guarda as flores que te mando todos os dias e eu vou fingir que não as mando todos os dias. Melhor assim para você? Vamos fingir que nada aconteceu.

Não há raiva em sua voz, não há nenhum tipo de alteração em sua voz. Para ele é como um botão que liga e desliga. De vez em quando liga: oh, essa é a garota que desvirginei em minha última noite em Baependi. Desliga: Oh, essa é a doida da secretária do Cleber que é amiga da Celina então só pode ser louca e nunca a vi na vida fora dessa empresa. Quer fingir que nada aconteceu? Vamos fazer isso direito.

Ele liga o carro e pouco depois volta a falar, como se não tivéssemos acabado de discutir a não existência de um passado.

— Está fazendo isso por ele, não é? Pelo Cleber. Você sente algo por ele.

Era só o que me faltava, daqui a pouco a Suzana vai bater na minha porta e quebrar minha cara por achar que estou de olho no estúpido dela.

— Ah sim, sinto muitas coisas por ele. É lindo, safado e bem humorado, tudo o que uma mulher gosta. Sem falar que não é fresco. Eu devia ter investido antes, agora a Suzana o físgou, e duvido muito que ele vá se separar dela um dia. Esses estúpidos quando se apaixonam, é uma vez pra vida toda.

— Infelizmente — ele diz me lançando um olhar que me cala por longos cinco minutos.

O que esse maldito olhar quis dizer?

Ele não diz mais nada até chegarmos em frente ao consultório dentário. Mas, assim que solto meu cinto, ele trava a porta.

— Desdobre a saia, Gilcelle, isso aqui não é a sorveteria da esquina. Os homens que estão aí dentro estão acostumados a outros tipos de mulheres e não queremos que eu bata em alguém por olhar demais para suas pernas, não é mesmo?

Se tivesse como dobrar essa saia mais uma vez para ficar mais curta, eu teria feito.

— Na verdade, adoraria vê-lo tentando bater em um dos homens que vamos encontrar aí. Além de ter contato direto com o suor imundo deles, eles te partiriam em dois. E aí eu voltaria para casa no seu carro, ficaria com ele para mim e diria aos estúpidos que você explodiu.

Ele me olha com um sorriso idiota e se aproxima, se aproxima demais. A voz na minha cabeça diz para aproveitar o rosto dele ali, tão perto do meu e marcá-lo com a palma da minha mão, mas de repente meus músculos não se movem. Matheus já tirou seu cinto e planta as duas mãos no banco

onde estou sentada, uma em cada lado do meu corpo, ele está praticamente em cima de mim.

— Acho que você não vai ganhar um carro hoje, maluquinha, tente a sorte da próxima vez. — Então ele desdobra minha saia, seus dedos roçando minha coxa e todas as terminações nervosas do meu corpo se contorcem com o toque dele.

Consigo finalmente levantar a mão, e a enfio direto no cabelo dele, puxando sua cabeça para trás de uma vez.

— Nunca mais chegue tão perto, seu estúpido.

Ele se afasta rindo e sai do carro. E mal termino de destrancar a porta, ele a abre pelo lado de fora e estende a mão para que eu desça.

— Que merda! Como chegou aqui tão rápido?

Não daria tempo de ele dar a volta. Ou daria? Quanto tempo eu fiquei divagando dentro do carro sobre seu toque leve na minha coxa?

— Reflexos. Sou um vampiro.

Reviro os olhos e desço. Passamos pelo consultório odontológico, entramos no corredor onde algumas pessoas com cara de dor e outras com cara de pânico esperam. Imediatamente coloco minha mão na bochecha e finjo estar chorando.

— Ah! Esse médico é horrível. Fez um buraco na minha gengiva. Não vai parar de sangrar nunca.

Há um menino de uns doze anos que fica verde e acho que vai vomitar, então Matheus acaba com minha diversão, me puxando de repente para andar mais rápido.

— Não precisa ser tão cruel.

— É divertido.

Passamos pelo corredor todo, descemos uma escada, e então entramos em uma porta elegante, com um adesivo de um lagarto no vidro.

— Isso era mesmo necessário? Que ridículo! — digo apontando para o lagarto e Matheus dá de ombros.

Batemos e esperamos. A porta abre apenas uma fresta e um olho negro nos avalia.

— Sou Gil. Lagartão está me esperando.

Ele grita alguma coisa e depois abre a porta. Ouço a música alta assim que entro, há vários homens em atitudes estranhas espalhados pelo que parece ser uma recepção. Conforme passo, os olhos se voltam todos para as minhas pernas. Eles olham, olham mais, olham demais.

— A putinha nova do réptil? — pergunta um deles meio fora do ar.

O homem alto e assustador que está nos guiando dá de ombros, e outro deles, levanta a mão para tocar minha perna. Mas nem chega perto antes que a mão de Matheus segure a dele.

— Nem pense nisso.

O homem diz um palavrão e recua. Então entramos em uma sala de espera, com cadeiras acolchoadas e me jogo em uma delas.

— Podem esperar aqui. Ele irá chamá-la quando estiver pronto — diz o grandalhão.

— Valeu.

Matheus não diz nada. Também não se senta. Fica em pé, sem tocar em nada, franzindo o cenho por conta do cheiro do lugar.

— Um traficante — resmunga.

— Ei, não fale assim, se ele ouvir vai arrancar sua língua com uma flecha. Não é traficante, é detetive, não viu na porta?

— Não, só vi o desenho de um lagarto.

Um homem se senta ao meu lado, não está bêbado nem parece estar viajando.

— Oi, beleza. Está sozinha aqui?

Matheus arregala os olhos e concordo com a cabeça. O cara sorri e se aproxima, mas estendo a mão.

— Pertença ao Lagartão. Afaste-se.

— Você não soube? Ele divide as mulheres agora.

Então antes que eu possa impedir, a língua áspera dele está em meu pescoço e sua mão entra por baixo da minha saia. Nem tenho tempo de gritar antes que alguém o pegue pela camisa e o atire no chão.

— Olhe para ela de novo e vou furar seus olhos.

Embora seja o mais bonito dos três estúpidos, Matheus não é forte como Cleber, não tem os gominhos de Sebastian, mas tem um corpo magro bem definido. O homem que me atacou é muito magro e somente por isso ele conseguiu jogá-lo ao chão como se fosse um boneco. O homem sai de cara fechada e não me mexo. Detesto quando esse imbecil está certo em algo de que discordei dele. Mas claro que ele não perde a chance. Aproxima-se do meu ouvido e diz:

— Eu não disse para você desdobrar a saia por ciúme. Estava apenas prevendo esse tipo de situação.

Dou de ombros fingindo que não me importo, e Lagartão finalmente me chama. Entro depressa e ele está jogado em um sofá, com dois homens a sua frente e o que nos guiou fica parado na porta.

— Olá, minha garota.

— Oi, querido.

Ele se levanta e envolvo seu pescoço com os braços, como sou baixinha perto dele, ele me levanta pela cintura e prolonga o abraço.

— O que está fazendo aqui, ruivinha? Isso não é lugar para você.

— Baby, preciso de um favor.

— Tudo o que minha princesa precisar.

Sorrio. E posso sentir a tensão de Matheus vindo até mim.

Ele já me perguntou umas seis vezes de onde posso conhecer Lagartão. Disse que sou uma das garotas dele, e não é de todo mentira. Mas não como você está imaginando. Quando vim para a capital, fui morar com uma tia, na PPL, a famosa favela Pedreira Prado Lopes, e foi lá que conheci Enzo, ou Lagartão, como todos o chamam por conta de um lagarto enorme que tem tatuado nas costas. Ele era curioso e investigava coisas pequenas na favela, depois, os traficantes passaram a solicitar seus serviços, agora, tem um escritório muito bem escondido no Mangabeiras. E só atende peixe grande. Claro que seu nome correu e ele fez sua fama. Não nos falávamos há muito tempo, desde que fui morar com Celina, mas sabia que estaria aqui caso eu precisasse. Só para constar: nunca transei com ele.

Explico a situação da V.D.A., dos meus estúpidos amados e do estranho Heitor.

— Ele quis ser preso, não há dúvidas. Não se preocupe princesa, se há uma chance, por menor que seja de Romero Botelho estar envolvido, eu descobrirei. Estou com ele atravessado na garganta há anos, será um prazer ajudá-los.

É Matheus quem toma a palavra e negocia com ele, e quando Lagartão levanta a mão para selar um acordo, Matheus o cumprimenta com um lenço entre eles, evitando o contato.

— Ele é gay? — Lagartão pergunta.

— Com certeza — respondo.

Matheus não diz nada, mas pela maneira como me olha, sei que estou ferrada.

Vamos calados até o carro, os caras não mexem mais comigo, pois Matheus deposita uma mão na minha cintura deixando claro que estou com ele. A voz na minha cabeça quer que eu assuma, mas não vou assumir que é confortável tê-lo ao meu lado e que provavelmente não teria nem entrado nesse lugar se estivesse sozinha.

Assim que saímos do prédio, antes de entrarmos no carro, Matheus me puxa de repente e me joga contra a parede, prendendo meu corpo com o dele.

— Peça desculpas.

— O que?

— Eu disse que faria você se desculpar quando eu a defendesse nesse lugar.

Não consigo pensar direto. Ele tem cheiro de sabonete, uísque e um perfume amadeirado.

— Vamos Gilcelle, ou ficaremos aqui a noite toda. Peça desculpas.

— De jeito nenhum. Vai fazer o que se eu não pedir?

Ele enfia uma mão no meu cabelo e puxa minha cabeça de leve, expondo meu pescoço. Então raspa os dentes em meu pescoço e os para nos meus lábios.

— Peça — sussurra.

Não consigo pedir, nem negar. Não consigo ser nada ali, com a boca dele tão perto da minha.

— Se não pedir vou beijá-la, e vou entender que você quer o beijo.

Tenho que pedir, é só uma palavra, mas merda, quero esse beijo. Quero muito esse beijo. Fecho os olhos esperando o beijo e ele se afasta.

— Vamos.

O que? Filho da puta! Maldito! Custo a conseguir me mover, mas finalmente ando a passos lerdos até o carro, abro a porta no automático e me jogo no assento. E antes de fechar a porta, o braço de Matheus passa por cima de mim e a fecha, e então sua boca está na minha. Ele segura minha cabeça entre suas mãos e seus lábios dominam os meus, sua língua domina a minha. Não me movo, não consigo, mas correspondo o maldito beijo. E cedo demais ele se afasta, passa o cinto como se nada tivesse acontecido e diz:

— Da próxima vez que eu disser para trocar a saia, troque querida.

Ah! Eu o odeio! Viu o que ele faz comigo? Mesmo agindo como um imbecil completo que não se importa, consegue me dominar. É um dom dele. Sempre fez isso. Basta chegar perto de mim o bastante e não existo mais. Não tem voz na minha cabeça que me faça pensar quando ele quer algo de mim. Por isso sou tão arisca com ele, por isso tento me manter longe, para manter minha sanidade.

Arredo o máximo possível para perto da porta e me espremo ali. Ele apenas sorri quando vê a distância que consegui tomar.

— Você pode se sentar na janela se quiser, Sereia, mas isso não vai protegê-la de mim.

Tenho mil e uma repostas na ponta da língua, mas tudo o que sai é:

— Não me chame assim.

Capítulo 5

Matheus

Lagartão veio à V.D.A. hoje. E o rolo do Cleber é muito pior do que pensávamos. O detetive que ele contratou está mesmo envolvido. E o ex-noivo da Celina também. Está nas mãos de Pinto Pequeno, o ex dela, a informação que precisamos para colocarmos essa quadrilha atrás das grades. E ele odeia a todos nós.

Após nos dar a péssima notícia, o “detetive” da Gilcelle ainda fez questão de se despedir dela com um quase beijo na boca. E olhou para mim quando fez isso. Assim que ele saiu da sala, fiz questão de acompanhá-lo até a saída.

— Sabia que viria, Amorim — ele fala parando em frente ao elevador.

— O que quer com ela? — pergunto sem rodeios.

Não me intimido por seu olhar assassino, o meu não está menos assustador que o dele. Nós nos encaramos e ele é o primeiro a falar:

— Pesquisei sobre você. Sei sobre seu casinho com ela.

— Também sei que ela não é uma das suas garotas.

— De fato não é. Mas gosto dela e não vou permitir que um mauricinho qualquer a faça de boba.

— Estamos falando da Gilcelle, ninguém a faz de boba.

Ele abre um meio sorriso deixando que as portas do elevador se fechem sem entrar nele.

— O que você quer, Amorim?

— Saber onde a conheceu. E o que quer com ela.

Ele parece avaliar minhas perguntas e demora um pouco para responder.

— Admiro sua coragem, você sabe quem sou e se mesmo assim está disposto a me enfrentar para saber sobre a Gil, deve estar mesmo apaixonado. Posso te dar essas respostas. Se você for amigável.

Algo me avisa que a palavra amigável não pode realmente ter um significado bom.

— O que seria ser amigável? Você não precisa de mais dinheiro do que já está tirando de nós.

— Não estou tirando dinheiro de seus amigos estúpidos, estou recebendo por meu serviço, deveria me agradecer. Mas o que quero é bem simples, quero apenas que aperte minha mão.

Há uma pegadinha aqui. Ele permanece sério, sua expressão não vacila em nenhum momento, mas não pode querer algo tão bobo em troca de informações que percebeu que estou disposto a obter. Reparo bem em cada detalhe de sua mão, e não há nada demais, só não pretendo tocá-la.

— O que quer com isso?

— Nada demais. Apenas um acordo amigável selado com um aperto de mãos. Isso é comum.

— Não vou tocar sua mão.

Não sei onde ele a colocou, o que costuma pegar. Não o vi lavando a mão desde que entrou aqui, e ele comeu aperitivos na sala de reuniões, não vou tocá-la.

— Então não terá suas informações.

Ele chama o elevador de novo e faço um esforço, é por ela, e somente por ela que vou fazer isso.

— Tudo bem. — Estendo minha mão e ele a avalia.

Então, faz o impensável, ele esfrega a mão no saco, por cima da calça, mas no saco. E volta a estendê-la para mim. Encolho a minha mão e percebo a pegadinha ali.

— Sei que é fresco, não tocou minha mão e em nada quando foi ao meu escritório. Quero saber se

está disposto a passar por cima disso por ela.

— Esse é um teste inútil. Eu pegar na sua mão imunda não vai provar nada sobre o que sinto por ela. Peça-me uma prova mais inteligente.

— Sem joguinhos com minha mente, Amorim. Ou toca minha mão, ou não te dou a informação.

— Neste caso, boa tarde.

Eu me viro e volto para a sala de reuniões, mas no meio do caminho, hesito. E não acredito que vou fazer isso por uma megera, que nem sente nada por mim, mas mal tenho dormido tentando entender de onde ela o conhece. E o que acontece entre eles. Têm muita intimidade para serem apenas conhecidos. Dou meia volta e volto pelo corredor.

Entenda que o que vou fazer é nojento, anti-higiênico e não recomendável. Por mais assanhada que você seja, jamais pegue na mão de um cara que tocou qualquer parte do corpo próximo ao saco, sem tê-lo lavado nas últimas duas horas. E eu preferia estar nadando nu em um tanque de gelo do que ter que fazer isso.

Ele ainda está parado ali, as portas do elevador abertas, mas ele não pretendia entrar.

— Sabia que viria novamente, Amorim.

Se tenho que fazer, melhor fazer logo. Ergo sua mão e a aperto, rapidamente, e então a solto.

— Informações — digo.

— Você a ama.

— Não arrisquei me contaminar com germes do seu saco para ouvir algo que eu já sei. Quero saber de onde a conhece e que contato vocês mantêm.

— Ela foi minha vizinha quando veio de Baependi. Morava com a tia dela. E foi só isso. Éramos amigos, mas ela é meio maluquinha.

— Ela não é maluca.

— Ah sim, ela é. Sempre chamou a atenção dos caras da vizinhança, mas sempre que um deles se aproximava demais, acabava no chão, literalmente. E não com ela por baixo. Acho que ela ficava nervosa, algo assim, mas qualquer cara que se aproximava, ela derrubava. Não bate muito bem da cabeça, mas é inteligente e tem um bom coração.

— Ela não é maluca! — repito. — Então, ela afastava os garotos?

Ele concorda com a cabeça.

— E somente por isso não tive nada com ela. Nem tenho hoje. Não tínhamos contato até ela procurar por mim, aquele dia com você.

Respiro aliviado, apenas um vizinho, sei que ela morou um tempo na PPL, devia ter concluído que o conhecia de lá.

— Tudo bem — digo e me viro para voltar à sala.

— Boa sorte com ela. Se pretende mesmo conquistá-la, vai precisar.

Eu o encaro sem vacilar.

— Obrigado.

Chego à sala de reuniões e ouço um pouco da discussão que se segue ali. Então, pinto pequeno é o homem da vez, e provavelmente nenhum de meus sócios ou Celina poderão fazer nada para se aproximar dele. Só resta eu. Mas Gilcelle está certa, é mais fácil que uma mulher arranque isso dele do que eu. De repente, sei exatamente quem poderia arrancar essa informação. Conheço a mulher perfeita! Duvido que haja algum homem devasso nessa cidade que não a deseje.

— Posso arrumar uma mulher e arrancar as informações dele. Farei isso hoje mesmo — digo e todos concordam aliviados, pois ninguém queria realmente procurar por PP.

Saio da sala de reuniões para lavar minhas mãos, mas vejo quando Cleber e Gilcelle entram na sala dele, e ficam ali, com a porta fechada. Sei que não há a menor chance de estarem tendo um caso, Cleber é louco por sua Suzana e nunca faria isso comigo, mas por que sinto que a Gil não pensa assim? Talvez seja por isso que me afasta tanto, que me odeia tanto, talvez eu esteja em seu caminho para conquistar Cleber. Neste caso, só posso fazer uma coisa por ela, pegá-la para mim. Cleber ama a Suzana e eu nunca deixaria que ela ficasse com ele. Gilcelle é meu amor para vida toda e Cleber meu irmão. Pode me chamar de egoísta se quiser, mas esses dois jamais ficariam juntos.

Sento na cadeira de Gilcelle e espero que ela saia. Ela estaca ao me ver, então me levanto e volto para minha sala. Não digo absolutamente nada. Não adianta falar com ela, ela não age assim. Age quando a irrita a ponto de querer descontar sua raiva na minha cara ou dizer as coisas que sabe que me matam cada vez que fala, mas com ela só funciona assim.

Assim que entro em minha sala, ela aparece. Não bate na porta, mas o fato de estar aqui já diz tudo o que eu precisava saber.

— Levou um fora do Cleber? Talvez devesse ter umas aulas de pole dance com a Suzana. Quem sabe assim não chama a atenção dele também?

— Não precisodisso para chamar a atenção de um homem. Olhe só para você, não fiz esforço algum e você nunca conseguiu me esquecer.

Encaro-a com um sorriso que a desconserta.

— O que quer aqui, Gilcelle, minha querida desconhecida?

— Que mulher pretende levar para arrancar a informação do pinto pequeno?

— Uma tão linda e tão sexy, que ele não vai resistir.

— Hum... — ela resmunga e mexe no cabelo vermelho, seu rosto começa a ficar vermelho também, e adoro isso.

— Quer mais alguma coisa?

— Você já a comeu?

— Sim. E posso garantir que ela pode arrancar qualquer coisa de qualquer homem.

— Você é um imbecil! Não acredito que tive coragem de... — ela cala a boca e respira fundo.

Vamos Sereia, continue. Diga que não acredita que teve coragem de perder a virgindade comigo. Vamos, assumo isso. Preciso que dê esse passo.

— Pode me dizer o nome dessa mulher? — pergunta.

Ela espera que eu pergunte o motivo, mas não posso fazer o que espera, ou ela me dará uma reposta e sairá vitoriosa. Preciso mantê-la irritada, e mais tempo aqui.

— Não. Ela é bem reservada.

— Não deve ser tanto, já que descobre as coisas com a boca de baixo.

— Conheço alguém que também adora usar a boca de baixo, não é mesmo? Foi assim que conheceu o detetive?

Ela está ainda mais vermelha, e sem palavras. Mas logo as encontra e as atira em mim.

— Ah sim, na verdade eu conheci o pau dele primeiro.

— Deve ter sido impressionante.

Não sei o que se passa na cabeça dela, mas pela forma como está me olhando, não deve ser uma coisa boa. Daria qualquer coisa para entrar em sua mente agora e saber exatamente o que tenho que

dizer a seguir para fazer com que ela fique aqui um pouco mais.

Ela fica um tempo calada, olhando para mim, por fim, diz:

— Vai levar uma de suas submissas?

Quase deixo meu copo cair. A encaro em choque e ela me olha de volta.

— Não, não as uso para isso.

Ela concorda com a cabeça. E o que vejo em seus olhos me assusta: mágoa. Era o que eu queria ver em seu olhar desde quando a encontrei, desde quando a trouxe para cá, mas nunca pensei que isso teria esse peso tão grande em mim. Quero que ela trabalhe essa mágoa que tem de mim, que coloque-a para fora. Que me agrida, como faz para afastar os homens, mas eu serei o homem que ficarei assim mesmo.

Dou a volta na mesa e me aproximo dela.

— Você guardou as flores de hoje?

— Não sei por que continua fazendo isso, se não significam nada.

— Significam mais do que você quer aceitar. Mas você as guardou, não guardou?

— Também manda flores para suas submissas?

— Sim, Gilcelle, eu dou o mundo para elas.

Ela pisca os olhos, mesclados entre raiva e confusão. Não sei de onde tirou que tenho submissas, mas não vou desmentir. Que esse seja um assunto que ela tente descobrir, pois assim, se aproximará mais de mim.

— Eu a convidaria para ser minha submissa, mas você é atrevida demais. Gosto de mulheres mansas, boazinhas e obedientes.

A raiva toma o lugar da confusão quando ela sorri.

— Claro que sim, assim você pode tirar a virgindade delas e ir embora na manhã seguinte.

Isso! Isso! Ela falou! O sorriso que se abre em meu rosto a irrita ainda mais.

— Achei que não nos conhecêssemos, Gilcelle.

— Eu não disse... não quis dizer... não estou falando sobre aquela noite.

— Que noite?

— Merda! Eu te odeio, sabia! Te odeio de verdade!

— Sexo com ódio é o sexo mais quente — digo, sei que ela disse isso para Celina em algum momento.

Ela parece assustada e surpresa.

— Como você sabe? Você me segue? Você grampeia minhas ligações? Por que não me deixa em paz?

— Porque mesmo que não tenha feito esforço algum, nunca consegui te esquecer.

Puxo-a de uma vez para perto de mim e antes que minha boca toque a dela, ela agarra meus cabelos e puxa com toda força para trás, fazendo com que minha cabeça dê um solavanco e eu quase perco o equilíbrio.

— Não me toque, seu estúpido, dominador e comedor de virgens. Vá procurar sua submissa e faça bom proveito dela.

Então ela sai da sala batendo a porta. E só não fico mais feliz, porque a merda da minha cabeça lateja onde ela puxou.

— É você que me domina, minha Sereia agressiva.

Pegar esse telefone no celular do Cleber foi mais fácil do que pensei. O imbecil me viu com o celular na mão, não perguntou o que eu estava fazendo, nem se preocupou com isso. Nosso nível de confiança um no outro às vezes é assustador. Decorei o número dela e fiz a ligação.

— Sou eu, Matheus Amorim. Preciso de você. Estou indo buscá-la, preciso que venha comigo, se quiser ajudar o Cleber. E ele não pode de maneira nenhuma ficar sabendo disso, tudo bem?

Ela concordou meio receosa, e trinta minutos depois, aqui estou, na entrada da academia esperando que Suzana apareça.

Pouco depois avisto sua cabeleira negra e toda sua elegância quando ela se aproxima.

— Um homem tão lindo esperando por mim, estou mesmo com sorte! — brinca.

— Olá, Suzana.

— O que você quer que eu faça, Matheus?

— Você? Apenas que saia do serviço mais cedo. Mas quem vai realmente me ajudar é Miss Sue.

Ela arregala os olhos e eu arregalo de volta, sei exatamente como arrancar as informações de Edmundo. Bastou apenas uma ligação para o lendário Big Cid e minhas suspeitas foram confirmadas. Edmundo frequenta o Red. Cleber vai me matar se descobrir, mas Miss Sue é uma excelente moeda de troca.

Ele deve estar com uma maldita submissa agora. Vai conseguir a informação do PP, ser o herói e comemorar com ela depois. Que se dane! Eu não me importo. Mas acordo de madrugada gritando o nome dele. De novo. Celina diz que eu sempre, sempre faço isso. As coisas estão mais difíceis agora. Antes, quando ele me evitava e fingia que eu não estava ali, era mais fácil odiá-lo e tentar fingir que ele não existe. Mas agora, que ele me provoca, me enfrenta e traz o passado de volta, isso é quase impossível. E já não consigo fazer nada direito porque penso tanto em Matheus Amorim.

Ainda tenho aquela algema.

Chego à empresa duas horas atrasada, mas Cleber está tão bobo nesses últimos dias, feliz por ter conseguido finalmente Suzana, que não diz nada. Não é como se fosse adiantar alguma coisa ele dizer. Jogo-me em minha cadeira, deito a cabeça na mesa e espero. Espero meu buquê de flores. Eles chegam todas as manhãs. Espero. Espero. Espero, e ele não vem. Já são onze da manhã e nada do buquê.

Estou irritada, e querendo chorar. Acho que estou de TPM. Acho que deveria quebrar alguma coisa para me acalmar. Ligo o fone bem alto, com uma música alegre, cantarolo desafinada. Mostro o dedo do meio para Cleber quando ele faz uma careta. Eu poderia subir na mesa e deixar passar, dançar ao ritmo da música, mas isso não me acalmaria. Entro na sala de Cleber. Ando até sua adega. Ele apenas me observa e não diz nada. Pego uma garrafa qualquer e a atiro contra a enorme janela de vidro. Há um estrondo altíssimo, e a janela fica apenas com um trincado.

— Bela decoração na janela, Gilcelle. Melhorou?

Sim, a adrenalina me consome, o peso no peito diminuiu e não quero mais chorar, quero quebrar. Pego a segunda garrafa e ele calmamente diz:

— Você deveria quebrar essas coisas na sala do Matheus. Não acho justo que acabe com minhas bebidas se a culpa do seu estado é dele.

Ando até ele com a garrafa nas mãos e me sento.

— Você sabe quem é a mulher que ele vai levar para falar com PP?

— Não faço ideia, minha querida. Mas você pode perguntar a ele. Ele vai te dizer.

— Sim, por isso não vou perguntar. Ele é sincero demais, não quero ouvir verdades, gosto de ser iludida.

Ele larga seus papéis e me encara sério.

— Gil, sou seu amigo e por isso vou falar. Você sabe como eu tinha pavor ao amor, e como achava que não era capaz de pertencer a uma mulher só. E esse medo idiota quase me fez perder a Suzana. E eu nunca estive tão feliz como estou agora.

— Eu sei. Nunca o vi com essa cara de bobo.

— Sim. Sei que você quer odiá-lo, e ele bem merecia, mas não funciona assim. Matheus foi um idiota com você, mas ele era jovem, e já pagou por isso. Não pense que é fácil para ele vê-la todos os dias e não poder se aproximar.

— Ele não se importa. É como um botão que liga e desliga. Só quer saber o que sei fazer na cama.

Ele nega com a cabeça.

— Não é assim. Por que vocês não conversam? Por que não tentam acertar as coisas? É uma idiotice sem tamanho cada um sofrer em seu canto quando podem ser felizes juntos.

Eu o encaro, ele me encara. E então abro a garrafa em minha mão e tomo. Cleber Dantas, que até

poucas semanas atrás tinha alergia à palavra amor, me dando conselhos amorosos. É o fim!

— Essa não é uma boa ideia — ele me diz.

— Que se dane! Não gosto dele, não quero saber dele e não estou nem aí para sua felicidade e sua cara de bobo! — Viro mais um gole. — Não me importa se ele come garotinhas submissas e as dispensa na manhã seguinte sem deixar uma mensagem sequer. — Volto a virar a garrafa. — Não me importa se tenho uma coleção de algemas só porque ele me prendeu com uma quando me desvirginou. E não me importa se minha irmã está desesperada precisando de dinheiro porque provavelmente foi pega fazendo algo errado com algum padre naquele convento e quer comprar o silêncio da testemunha chantagista, que se dane! Que se explodam todos vocês!

Continuo gritando toda a merda que está entalada na minha garganta e Cleber pega o telefone. Paro de gritar e viro a garrafa na boca enquanto ele diz:

— Matheus, ainda está no prédio? A Gil está bêbada. Acho que você deveria resolver isso, já tenho uma louca como conselheira e uma louca como namorada, pelo amor de Deus, socorro.

— Você, Cleber Dantas é o pior dos estúpidos. Fuxiqueiro!

Minha cabeça gira quando me levanto, então deixo a garrafa por mais da metade em cima de sua mesa e saio de sua sala. As coisas estão dobradas. Ando até o banheiro e enfio minha cabeça debaixo da torneira da pia. Calma, não estou tentando morrer afogada. Água fria, cabeça para baixo. Choro. As lágrimas escorrem para minha testa e se misturam a água fria. Bato a cabeça na pia algumas vezes.

Sabe, eu seria uma boa submissa. Eu o obedeceria, seria como seu cachorrinho adestrado se ele quisesse. E o filho de uma puta gay me abandona e pega essas mulheres estranhas que gostam de ser fotografadas. E ele ainda faz questão de me enviar as malditas fotos. Toda semana. Por que sempre queremos o errado? Ok, vamos parar por aqui, detesto filosofar.

Tiro minha cabeça de debaixo da água, porque minha nuca parece estar congelando. Molho todo o banheiro no processo. O rímel escorreu por meu rosto e pareço uma noiva cadáver. Se Celina me visse agora, entraria no banheiro com uma xicara de café que seria dela, e me diria que me avisou para não passar tanta maquiagem, pois quando estou na merda, fico parecendo um zumbi.

Não sei quanto tempo fico ali, olhando meu reflexo bagunçado no espelho. Pensando se Cleber descontará em meu salário caso eu o quebre. Pensando no passarinho idiota que me acorda todo dia às seis horas da manhã, cantando na minha janela e que já me fez perder seis travesseiros. Pensando na idiota da minha irmã que não consegue pegar um padre com descrição suficiente para não ser pega. Pensando no imbecil... não, nele eu não estou pensando. E não me olhe assim, não estou mesmo. Pensando que tudo o que eu precisava, além de dinheiro na minha conta, era de alguém que se importasse o suficiente para me abraçar, dizer que tudo ficará bem e que me dará todo o dinheiro que eu quiser. Isso era tudo o que eu queria.

De repente a porta do banheiro abre e ele aparece. A barba feita, o cabelo loiro bem penteado para trás, seu terno impecável e a expressão séria de sempre.

— O que está fazendo aqui? Esse é o banheiro feminino, é por coisas assim que te chamam de gay.

— Você está aqui dentro há duas horas, Gilcelle. O que está havendo?

— Estou de caganeira, não posso?

— Na pia do banheiro?

— Cago onde eu quiser.

— Não seja ridícula. Diga-me o que está havendo.

Cruzo os braços e o encaro. Ele quer ouvir? Então vou falar.

— Quer que eu comece por onde?

— Pela parte que mais te aflige.

— Então não chegaremos a lugar nenhum. Não gosto de reclamar da vida, Matheus, se estou trancada no banheiro, é porque tudo me aflige.

Ele sorri.

— Você disse meu nome.

— Pequeno deslize.

— Venha aqui — ele diz estendendo os braços.

— Vai sonhando — respondo e me viro para o outro lado. Mas aí, a comporta se abre, ele para ao meu lado e deito a cabeça molhada em seu ombro. E choro.

Ele me abraça, e fica ali alisando meu cabelo molhado e dizendo que tudo ficará bem. E nem vou comentar a sensação de ter os braços dele à minha volta e sua voz baixa ao meu ouvido enquanto ele demonstra se preocupar comigo. Quando me acalmo, ele abre a torneira da pia, molha a mão e limpa o rímel do meu rosto. Com toda paciência, bem devagar. Após fazer isso ele beija cada uma de minhas pálpebras e segura meus ombros.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

— Dinheiro. Antônia precisa de dinheiro. Ela pegou um padre, e foi pega pegando o padre. Agora está encrocada.

— De quanto ela precisa?

— Seiscentos mil.

Ele assente como se não fosse nada.

— Te dou um milhão.

Ele está brincando. Claro que está. Não sorrio, não tenho ânimo para brincadeiras.

— Vou te passar o número da minha conta.

— Eu sei o número da sua conta.

— Sabe a cor da minha calcinha também?

— Vermelha — ele diz com um sorriso. — Você a mostrou quando estava dançando em sua cadeira, parecendo uma minhoca com dor.

— Eu não estava. E você não deveria ficar me espionando.

Uma mulher entra no banheiro e nos encara. Matheus segura minha mão e me tira do banheiro.

— Vamos conversar, Sereia.

— Não me chame assim.

— Às vezes eu adoro quando você bebe.

— Estou consciente. Não se anime.

Ele me guia até sua sala, onde me sento. Então joga em mim um convite. Um convite de aniversário.

— Sua mãe está ficando velha. Grande bosta — digo sem empolgação.

— Fomos convidados para a festa dela.

— Que bom, divirtam-se.

— Você também foi.

Hoje ele está cheio de gracinhas. Aproximo-me da ponta da cadeira, apoio os cotovelos na mesa e o encaro.

— Você entrou em um banheiro compartilhado e beijou meus olhos.

— Sim.

— Você nunca entra em um banheiro compartilhado. O Cleber disse que é capaz de você explodir se sentir necessidade longe de algum de seus banheiros particulares.

— Pois é.

— Beijar pálpebras é nojento. Eu estava com a mão na pia, você não sabe onde eu peguei, posso ter esfregado os olhos e você os beijou.

Ele faz uma careta.

— Não precisa me dar todas as possibilidades.

— Por que está fazendo isso?

— Porque parece que eu me importo — ele responde depositando os cotovelos na mesa e aproximando-se o máximo possível de mim.

— O que você quer Matheus?

— Que você vá à festa da minha mãe comigo.

— Por quê?

— Porque você foi convidada.

— Por que eu fui convidada?

— Porque a minha mãe também se importa com você.

Cruzo os braços e franzo o cenho.

— Você está me enrolando. Pare de meias respostas. Por que precisa que eu vá com você? Sua família acha que você é gay? É isso, não é? Você quer uma mulher para servir de bibelô. Posso ser seu bibelô. Tenho algumas regras e quero uma semana de folga quando voltarmos.

Ele sorri.

— Eu te dou tudo o que você quiser se for comigo à essa viagem.

— Posso querer muitas coisas.

— Te darei cada uma delas.

Eu me levanto cansada, quero ir pra casa. Não me lembre de que eu cheguei atrasada e vou sair mais cedo. Que chata você! Deixa-me sofrer.

— Aonde você vai? — ele pergunta receoso.

— Para casa. Diga ao Cleber que vá se danar. Preciso de folga dele e sua cara de bobo apaixonado.

— Vou levá-la.

— Não. Fiquei aí. Você já foi bonzinho demais por hoje. Isso já está estranho o suficiente.

— Semana passada você bebeu e tirou a blusa no elevador da empresa. No elevador cheio da empresa. Não vai para casa sozinha.

— Então hoje tirarei a saia. Não me siga Matheus, quero você longe.

— Ok.

— Ok — digo e saio de sua sala. É claro que ele me segue até eu chegar em casa.

Acordo uma bosta, o cabelo uma bosta, meu estômago grita tanto que treme todo meu corpo. Estou com fome, e com preguiça de ir para o trabalho. Antônia me liga pelo que deve ser a sexta vez nesses últimos dois dias, e como é dia de pagamento, acesso minha conta no celular para ver o que posso fazer por ela. É aí que engasgo.

— Um milhão de reais. Tem um milhão de reais na minha conta!

Eu me visto em tempo recorde. Chego à empresa cedo pela primeira vez na vida. Nem mesmo Bah, chegou. Entro na sala de Matheus e decido esperá-lo ali. Ok, ele foi legal comigo. Ok, ele foi mais do que legal. Mas me dar um milhão de reais? Isso eu não aceito mesmo! É como se ele estivesse pagando por aquela noite que não existiu. O tempo parece não passar e Alzira entra em sua sala. Faço uma careta feia o suficiente para fazê-la correr porta afora resmungando. Ele está demorando. Sento-me em sua cadeira e fico rodopiando. A dele é bem mais macia e confortável que a do Cleber. A mesa é branca. O notebook sobre ela, branco. O chão da sala, branco. As paredes, brancas.

— Que merda. Esse homem é muito estranho.

Fico agoniada com tantas coisas brancas, quero sujar tudo. Para me distrair, ligo o notebook, e pede a senha. Digito “estúpidos”, mas não é. “V.D.A.”, não é. “Cleber é um babaca”, não é. “Sebastian é um capacho” não é. O que pode ser? Tento de novo. “Sou a merda de um Dom”. Não é. Devo desistir, mas droga, agora quero descobrir qual é a senha do notebook dele. Olho pela porta para me certificar de que ninguém está vindo e tento mais um monte de apelidos e frases, higiene, bactérias, germes, frescura, chicotes, algemas, submissas, Gilcelle, e o notebook finalmente é acessado.

— Mais que merda! Meu nome! Que merda!

Assim que liga, chega um e-mail para ele. Deve ser a tal submissa que saiu com ele ontem. Abro o e-mail, como quem não quer nada. Não quero saber sobre a vida dele, liguei o notebook para olhar meu Facebook, mas já que está aqui, vou dar uma olhadinha rápida. E não faça essa careta para mim, você também olharia. Leio o e-mail que é de Miguel, seu irmão.

“Mamãe está ansiosa para que você e Gilcelle cheguem. Preparem-se, vocês não sairão daqui enquanto não marcarem a data desse casamento.”

Ok, isso é muito estranho. Matheus conhece outra Gilcelle. Não é? Meu nome não é comum, mas Matheus não é comum, ele é estranho, e conhece gente estranha de nome estranho, não é? Fecho o e-mail e abro um de uns dias atrás, de Marcus, o outro irmão.

“Matheus, é a mamãe. Como está sua noiva? Diga a ela que mandei lembranças. Estou com saudade, já marcaram a data do casamento?”

Noiva? Matheus está noivo? O que está havendo?

Neste momento a porta abre e ele entra. Estaca ao me ver ali. Fecho o notebook correndo e cruzo as pernas, fingindo que não estou fazendo nada demais. Ele se aproxima de mim calmamente.

— Bom dia, Gilcelle.

— Bom dia, guarda-costas gay.

— Por que está em minha cadeira?

— É sua? Ah, eu me confundi de lado, desculpa. — Levanto-me e sento na cadeira de visita.

Ele se senta em sua cadeira, e me encara.

— O que você quer?

— Te fazer duas perguntas. Você conhece outra Gilcelle?

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e parece confuso.

— Não. Por quê?

— Hum. E por que tem um milhão de reais na minha conta?

— Foi o valor que você disse que queria.

— E você vai me dar de boa vontade?

— Talvez eu vá pedir alguma coisa em troca.

Tiro a bunda da cadeira e apoio minhas mãos na mesa, aproximando meu rosto do dele.

— Tenho uma terceira pergunta.

— Prossiga.

— Por que caralho sua família acha que estamos noivos?

Ele engole em seco, olha para o notebook, sobe a tela e percebe que estava ligado. Então me encara como se não fosse nada demais. Como se fôssemos mesmo noivos e eu fosse uma maluca por questionar uma coisa tão óbvia.

— Você descobriu minha senha. Parabéns — Ele respira fundo. — noiva.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Antes que quebre a minha sala, escute. Sente-se e me escute.

— Você só pode ser louco.

Estou tentando controlar a ira que quer me tomar e me fazer apertar as bolas dele até que ele grite como uma galinha quando tem seu pescoço cortado.

— Gilcelle, há um milhão de reais na sua conta. E quero te fazer uma proposta.

— A resposta é não. Tire a merda do seu dinheiro da minha conta e conte a sua família que é gay.

Saio batendo os pés para não tentar enforcá-lo e ele grita antes que eu chegue à porta.

— Um milhão em troca de uma semana na casa da minha família. Uma semana apenas, Gil. Fingindo ser minha noiva.

Paro na porta. Acho que estou começando a entender o que está acontecendo. O encaro e cruzo os braços.

— Você disse à sua família que somos noivos.

— Sim.

— E se eu não for com você?

— Você tem que ir comigo.

Volto para a cadeira e me jogo nela.

— Quero dois milhões. Uma semana é muito tempo, você é insuportável, sua família é maluca, e não sou obrigada.

Ele se apoia de novo nos braços e responde:

— Um milhão e meio, é minha última oferta.

— Dois milhões, nada menos. Se insistir eu desisto de ir com você.

— Então desista. Posso levar uma de minhas meninas e dizer que troquei de noiva.

— E eu vou ficar como a largada na cidade toda?

— Verdade. Não tinha pensando nisso. Te dou apenas um milhão, é pegar ou largar.

— Já disse que te odeio?

— Você é difícil de aturar. Vai assustar minha família e traumatizar minha mãe. Oitocentos mil.

— De jeito nenhum, não faço nada por menos de um milhão.

— Fechado. Te dou um milhão. Viajamos na semana que vem.

Não acredito que caí nessa. Não acredito que esse estúpido me dobrou desse jeito. O sorriso idiota que se instala em seu rosto me irrita, ele acha que ganhou.

— Posso chegar na casa da sua família e contar que você inventou tudo e me pagou para ser sua acompanhante. Que na verdade vive com um garoto de programa que torra todo o dinheiro da sua empresa. Quero dois milhões para ser sua noiva exemplar.

Ele sorri mais ainda.

— Eu amo a sua inteligência, Sereia. Fechado. Vou mandar depositar mais um milhão na sua conta. E vou lembrá-la toda noite sobre isso de ser uma noiva exemplar.

Levanto-me sorrindo.

— *Querido*, nem sempre exemplos são bons.

— Vou te manter na rédea curta, *querida*. Ainda tenho um chicote.

— Você não vai pôr as mãos em mim mais do que o necessário, *querido*.

Ele se levanta da mesa e se aproxima de mim. O encaro com o nariz empinado, deixando bem claro que eu venci essa.

— Vou colocar as mãos, e tudo o que eu quiser em você, a hora em que eu quiser, e você vai aceitar de bom grado e implorar por mais — ele diz com tanta determinação, que quase ajoelho aos seus pés e digo “sim mestre”.

Mas me recupero a tempo e me afasto de seu olhar hipnótico e daquela voz autoritária deliciosa e me recomponho sem que ele perceba.

— Até mais, querido.

— Espere, temos que selar nosso acordo — ele diz e me puxa, e de repente sua boca está na minha. Ele segura minha cabeça com as duas mãos e me beija com tanta força, que dói, e gemo em seus lábios fazendo com que me aperte mais ainda. Enfio a mão em seus cabelos, puxando-o para mais perto, e ele me guia a algum lugar que só percebo ser a porta, quando ele se afasta de uma vez e a abre. — Vá para sua mesa querida, preciso trabalhar.

Ele me empurra porta afora, confusa e irritada, e quando me viro de costas, ainda acerta um tapa na minha bunda antes de bater a porta na minha cara atônita.

Bah também está atônita me encarando ali, com o batom borrado, os lábios inchados, descabelada e agredida.

— Tem cada doido neste lugar — ela comenta dando de ombros e me dirijo ainda atônita à minha mesa.

Ok, você que está de fora e não acabou de receber um beijo devastador seguido de um tapa do seu chefe gay, me diga: quem saiu por cima nessa proposta idiota? Que pergunta boba, eu, é claro. Terei dois milhões na conta. Posso suportar uma semana com a família maluca e o chefe gay por dois milhões. Posso suportar até mesmo Anitta cantando ópera por dois milhões. Eu saí por cima.

Ao chegar à minha mesa, me deparo com um conhecido envelope. O abro e ali está, a submissa da semana. No apartamento de Matheus, a mulher está vendada, amordaçada, com as mãos presas para trás, provavelmente por uma algema, e nua. E apenas um pedaço do corpo nu de Matheus aparece na foto de frente para a mulher.

— Maldito! Maldito! Vai achando que vai usar em mim o mesmo chicote que usa nelas. Você não vai suportar uma semana ao meu lado seu maldito! — grito para o pedaço de seu corpo nu na foto. — Você vai me mandar embora e terá que me pagar mais dois milhões por isso. Ah Matheus, não vai me fazer de boba de novo. Antes disso eu acabo com você. Vamos ver quem vai dominar quem, seu estúpido idiota.

Está decidido, Matheus Amorim vai aprender que ninguém brinca duas vezes com Gilcelle Lopes. Ninguém brinca sequer uma vez com Gilcelle Lopes, mas duas, é pedir para morrer.

Matheus

— Suzana Leal, a namorada do ser mais estúpido que conheço, é a mulher mais inteligente e sensual que já vi na vida — digo para Sebastian, que concorda.

— Cleber é um tremendo filho de uma puta sortudo.

— Não diria isso. Mulheres inteligentes são um perigo. Veja você, como se tornou um capacho.

Ele cruza os braços e me encara com um sorriso.

— Pelo menos a Celina não tem mania de apertar bolas. Vamos ver como vai se sair se a maluca da Gilcelle descobrir as fotos que estão no seu celular.

Dou de ombros. Ela esfrega homens na minha cara há três anos. Vai sobreviver a algumas mulheres nuas.

— Vou levá-la comigo para Baependi. E ela vai fingir ser minha noiva.

Ele fica tanto tempo olhando para o nada, parece em outro mundo. Espero. Conhecendo Sebastian como conheço, está analisando a situação. Pouco depois, ele abre um sorriso idiota e sei que estou mesmo ferrado.

— Ela concordou com essa merda?

— Por dois milhões.

Então ele cai na gargalhada.

— Dois milhões? Você vai ficar falido e sem bolas até o final da semana que vem. Meu amigo, foi um prazer te conhecer, por favor, deixe sua parte da empresa para mim no testamento. Nós dois sabemos que o Cleber não merece. E eu vou ser pai. Logo, mereço sua parte. E no mais, só posso te desejar que continue vivo. — Ele nota minha cara séria e para de rir. — Tudo bem homem. Do que você precisa?

— De você? Nada. Preciso da sua noiva.

Antes que ele responda, Celina entra na sala. Está linda com um vestido azul soltinho e sua barriga enorme.

— Olá, Matheus, você me chamou?

Levanto-me e beijo seu rosto, então toco sua barriga e a bebê chuta.

— Olá, lindinha do titio. Olá Celina, muito obrigado por ter vindo.

— Eu sabia que você ainda precisaria dos meus conselhos.

— Você vai pedir conselhos a ela? Amorosos? Que merda, não viu o que aconteceu com o Cleber?

Celina o encara com uma careta.

— Cleber só está com a Suzana agora, graças a minha inteligência e aos meus planos. Então Sebastian Vaughn, a menos que tenha algo que vá fazer a Gil amar o Matheus incondicionalmente, sugiro que cale a sua boca e não opine no que não sabe.

Porra! Eu não sobreviveria à Celina Morelli de jeito nenhum. Mas Sebastian a encara com um sorriso, ela o encara de volta, e o bundão diz:

— Estava com saudade da sua agressividade, amor.

Ela sorri docemente e constato que meu amigo é realmente um gênio. O homem doma a Celina. Mesmo que pareça o contrário.

— Sei que vocês dois estão doidos para cutucar a cabeça da minha sobrinha agora, mas Celina, preciso de você.

Ela senta-se à mesa e me olha com um sorriso enorme.

— Preciso que me acompanhe a um encontro. Um encontro com Suzana. Preciso de conselhos dela, mas se for sozinho, Cleber me mata.

Ela arregala os olhos e parece que vai saltar sobre mim ao descer da mesa.

— Matheus Idiota Amorim! Você acabou de dispensar os meus conselhos amorosos para receber conselhos da Suzana? E ainda me fez sair de casa para isso? Para uma aula de conselhos amorosos e eu serei uma aluna apenas? É isso mesmo?

Olho para Sebastian pedindo socorro, mas o infeliz dá de ombros. Todos nós sabemos que a mira da Celina é mais certa do que a loucura da Gilcelle. Todos nós sabemos o quanto ela ama raios e sapatos voadores. Não me surpreendo com o raio que risca o céu enquanto ela me olha furiosa. Como dizia o Cleber, ela é uma bruxa. A bruxa mor das três bruxas que amamos.

— Ce... Celina. Minha querida Celina.

Ela cruza os braços e me encara. Preciso de uma desculpa. Algo que não deixe parecer que estou mesmo dispensando seus conselhos e os trocando pelos da Suzana. Veja se você me entende. Celina é ótima com conselhos, mas é extremamente cruel. Suzana ao menos é boazinha.

— Sim Celina, é exatamente isso. Mas você estará lá e não é como se fosse ficar calada a conversa toda. Tenho absoluta certeza de que você vai acabar comigo nas horas certas.

Então ela sorri.

— Vou mesmo. Acabar com vocês é meu esporte favorito. Vamos estúpido, vamos encontrar a odalisca do Cleber.

Conheci Suzana antes de ontem, ela foi comigo atrás de PP, e embora o imbecil não nos tenha dado a informação que precisávamos, quase babou por ela, e deu uma pista, que pode ajudar o Cleber a desvendar tudo e acabar com essa quadrilha golpista. Então, quando estávamos voltando ao apartamento dela, ela me ouviu. E devo dizer que é muito inteligente, e claro, por ser uma dançarina de um clube noturno, é extremamente sensual. É aí que preciso dela. E Celina está nessa porque Cleber me pegou com Suzana no elevador, não estávamos fazendo nada, mas o estúpido do meu amigo é quase doente de tão ciumento, e me deu um recado claro de que não devo ficar sozinho com ela. Por isso, Celina vem comigo. Não quero de jeito nenhum lambar o chão.

As duas se cumprimentam como se fossem melhores amigas. E sinto o perigo, caso Celina decida apresentar Suzana e Gilcelle. As três juntas, não tem homem que aguento. Uma mistura perigosa de inteligência e loucura, essas três.

— Olá de novo, Matheus — ela diz com um sorriso.

— Suzana, querida, obrigado por ter vindo.

Sentamo-nos em uma pequena mesa de uma cafeteria, Celina pede um monte de coisas diferentes para beber, enquanto Suzana pede apenas um expresso. E eu, não peço nada porque esqueci minha caneca na empresa.

— Não vai pedir nada? — pergunta Suzana.

— Não — responde Celina. — Ele está sem a caneca, não coloca a boca em nada que não saiba qual é a procedência.

Suzana segura um sorriso e Celina dá de ombros.

— Em que posso ajudá-lo, Matheus? Ou será que dessa vez também precisa de Miss Sue?

— Suzana, eu preciso de vocês duas. Consegui o que você me disse, o que eu estava tentando. Vou tirar a Gilcelle da cidade.

Celina engasga com o mocaccino e me olha.

— Ela aceitou? Fácil assim?

— Não foi fácil, tive que usar toda minha inteligência, comecei o assunto quando ela estava meio bêbada, e terminei quando já tinha depositado um milhão na conta dela.

— Uau! Você sabe como agradar uma mulher — diz Suzana.

— Vou contar a vocês a confusão em que me meti. — Então conto à Suzana tudo desde o começo. Sobre aquela noite, sobre eu ter ido embora, sobre ter escrito uma carta me declarando que era idiota e gay pra caralho, e sobre minha mãe ter achado essa carta quando fui para a faculdade. E depois, quando achei Gilcelle e a coloquei na V.D.A., minha mãe deduziu que estávamos juntos, porque eu a amava. E nunca fui homem o suficiente para desmentir e revelar a ela o quão covarde sou. Digo sobre a mentira que não comecei, mas que desenvolvi e sustentei por três anos e digo que ela vai viajar comigo, para se passar por minha noiva.

— Essa é sua chance, Matheus. Você tem uma semana para domá-la — diz Celina. — Não acredito que vou fazer isso, eu ajudo mulheres a domar homens, não o contrário, mas me ligue durante essa viagem, e aconteça o que acontecer, não desista. Ah, e use um protetor para saco.

— Já pensei nisso.

— Bom, você conseguiu. Uma história tão linda fadada ao fracasso — comenta Suzana suspirando.

— Sempre digo isso — diz Celina.

— Não seja um covarde, não a deixe duvidar nem por um segundo do que sente e a terá em suas mãos — diz Suzana docemente.

Encaro Celina.

— Está vendo por que prefiro os conselhos dela? Por que você não pode ser doce?

Ela dá de ombros e enfia o resto da torta que comia na boca. Mastiga vagorosamente e quando engole, diz:

— Se eu fosse doce com vocês, Sebastian seria um mulherengo perdido e solitário. Cleber seria um solteirão comedor de gêmeas, e você estaria trancado na sua sala ouvindo aquela musiquinha insuportável, enquanto a Gil fingiria pegar homens que não pega para tentar chamar sua atenção. Vocês são todos enrolados, covardes e dramáticos demais. Precisam que eu chute suas bundas de vez em quando. Fazer o que, cada um tem a Celina que merece.

Sorrio. Adoro essa mulher. Sebastian é a merda de um sortudo, apesar de tudo.

— Não entendo por que me chamou aqui, Matheus. Você tem a Celina, ela é muito mais experiente em amor do que eu — diz Suzana.

— Acontece que não preciso dos seus conselhos no amor. O buraco é mais embaixo.

— Mais embaixo como?

Celina começa a rir e conto a Suzana:

— Gilcelle acha que sou dominador, e ela gosta disso. Então, preciso aprender a ser um, antes dessa viagem, será que você poderia me ajudar?

Primeiro ela arregala os olhos, depois encara Celina atônita, mas então, um sorriso surge em seu rosto.

— Matheus, querido, você está falando com a pessoa certa. Farei de você o dominador que sua Sereia quer.

Celina bate palmas imediatamente.

— Ah, vou adorar ver como você vai fazer isso. Porque duvido muito que nosso estúpido com defeito tenha coragem de pegar em um chicote, sem antes esterilizá-lo.

— Faria isso por uma questão de higiene, sua encenqueira — retruco.

Mas Suzana faz uma careta e diz:

— Ah Matheus, primeira lição: deixa de ser fresco! Honre o que tem no meio das pernas e coma direito sua mulher.

Meu Deus, parece o Cleber falando. Acho que isso não foi uma boa ideia. Acho que isso não vai dar certo. Devo ter dito isso em voz alta, pois Celina imediatamente responde:

— Se essa for a única maneira de conquistar a Gil, Matheus, então tem que dar certo.

Ela está certa, não tenho nada a perder. O que vai ser uma doencinha, uma bacteriazinha de nada, se eu tiver a Gilcelle comigo?

— Tudo bem. Sou todo seu, Suzana, me transforme na merda de um Dom.

Ela bate palmas, animada, e estende um dedo à minha frente.

— Pergunta número um, como você faz sexo?

Ainda bem que não estava bebendo nada, porque até Celina engasga com o suco de laranja.

Ah merda! Isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

Capítulo 6

Matheus

As duas bruxas me encaram. O copo de suco está parado no meio do caminho entre a mesa e a boca de Celina, e ela me olha com tanta expectativa, que quase saio correndo. Desvio meu olhar para Suzana, e a bruxa boazinha está calmamente balançando a xícara de seu expresso, como se não tivesse acabado de me perguntar uma coisa dessas. Pigarreio. Talvez eu devesse beber alguma coisa.

— Vamos Matheus, não tenho o dia todo — reclama Celina.

Olho para Suzana em busca de socorro, mas ela me encara de volta com um sorrisinho.

— Não perguntei a senha da sua conta bancária, Matheus. Apenas como você faz sexo.

— Você fala isso como se fosse uma pergunta normal.

— É uma pergunta normal – ela responde. – Todo mundo faz sexo. Todo mundo conhece sexo. Por que não seria normal?

— As pessoas não andam por aí perguntando umas às outras como elas transam, Suzana. É por isso que o Cleber ama você, sua devassa.

Ela dá uma gargalhada e Celina revira os olhos impaciente.

— Você não vai dizer, não é? — Suzana insiste.

Nego com a cabeça e me encolho na cadeira. Malditas bruxas. Maldita hora em que me apaixonei por uma bruxa. Maldita ideia maluca de pedir conselhos à Suzana com a Celina por perto.

— Bom, neste caso, desista. Se a Gil gosta de um Dom e você sequer fala sobre sexo, nunca será o homem que ela espera. Diga a ela para me ligar, conheço uns dominadores que adorariam...

Levanto o dedo indicador e ela se cala. Tudo bem, eu preciso fazer isso. Não é pior do que apertar a mão de lagartão após uma passada dela no pau. Não é pior do que segurar o cabelo da Gilcelle cada vez que ela bebe mais do que seu corpo suporta e vomita tudo depois. Não é pior do que entrar no banheiro feminino e beijar suas pálpebras. Não é. Eu posso fazer isso.

Olho para Suzana e tento ignorar Celina, bruxa mor, me encarando em expectativa.

— Termina a droga desse suco! — digo a Celina — Não vou dizer nada com ela aqui. — digo a Suzana apontando para Celina.

Suzana é quem revira os olhos e Celina vira o copo de suco na boca e olha para Suzana.

— Vamos ao shopping, Sue? Esse estúpido não é homem para falar a palavra sexo, imagina para fazer? Uma história tão linda fadada ao fracasso, eu disse. — Então ela me lança seu olhar de bruxa com um sorriso doce. — Você vai conquistá-la querido estúpido. Assim que virar homem. Tchau.

Ela se levanta pegando sua bolsa, e Suzana a acompanha, soltando um suspiro frustrado e resmungando.

— Eu queria tanto ensiná-lo a ser um Dom! Matheus você tirou o doce das mãos de uma criança.

Merda! Lá se vai minha única esperança de não estragar tudo com ela nessa viagem. Não posso permitir. Preciso falar, falar não é nada demais, não faço nada demais, não vou morrer, nem adoecer por isso.

— Esperem! — grito.

Mais do que depressa as duas voltam e se jogam em suas respectivas cadeiras, e em perfeita sincronia penduram a bolsa, apoiam os cotovelos na mesa e me encaram.

— Isso é assustador. Vocês duas precisam parar de andar juntas.

— Sexo, Matheus. Agiliza. Como você faz sexo? — insiste Suzana.

Pigarreio, gaguejo, desaperto o nó da gravata. Não me importo de falar sobre sexo, mas é muito constrangedor quando são as namoradas dos meus melhores amigos perguntando. Elas vão contar para eles, e eles vão usar isso contra mim o resto da minha triste vida.

— Eu faço como qualquer outro cara faz — digo.

— Mais detalhes, Matheus. Mais informações — pede Suzana.

— As levo para o meu apartamento. As faço tirar a roupa. E depois as como.

— Espera — diz Suzana estendendo as mãos. — Você as faz tirar a roupa? Quer dizer que não as despe?

Concordo com a cabeça.

— Nunca? — ela insiste.

— Não.

— Por que não?

— Porque elas já sabem que devem estar nuas quando eu chegar.

Celina franze o cenho e Suzana estende novamente as mãos.

— Espera, está dizendo que elas vão sozinhas para o seu apartamento? Você não as leva?

Abro o primeiro botão da camisa. Parece que estou suando, odeio suar.

— Não tenho esse tipo de relações, Suzana. Não as levo para jantar e não mando flores. Não sou assim.

— Então, como você é? — ela pergunta — Qual é esse padrão que você segue? Você combina com elas de te esperarem nuas em seu apartamento? Tem dias certos? Explique melhor.

Celina não diz nada. Mas me encara com olhos tão grandes que imagino que irão saltar das órbitas a qualquer momento. Está totalmente imóvel, acho que nunca a vi quieta assim por tanto tempo.

— Pare de me olhar assim, Celina. Você está me constrangendo.

— Vá à merda. E conte mais. Isso está mais interessante do que eu imaginava.

Encaro Suzana, que faz um gesto impaciente com a mão para que eu continue.

— Vocês pediram. São várias mulheres, só as levo para meu apartamento quando tenho absoluta certeza de que são de confiança. Tenho uma governanta ciente de tudo e ela deixa entrar apenas as que eu quero. Só como uma de cada vez. E elas sabem qual é o meu padrão. Quando chego, estão nuas, ao lado da minha cama, exatamente onde devem estar. Elas não falam, não me tocam e fazem apenas o que gentilmente peço. Sim, eu as como na cama, na cama própria para isso. Eu as beijo, as toco, como qualquer homem faz. Não tomo café com elas, não sei seus telefones, de algumas, o endereço. Não prometo nada. Não sou carinhoso. E elas não podem se envolver com nenhum outro homem que não seja eu.

Agora Suzana também está com os olhos grandes e totalmente parados. E isso me assusta.

— Diga alguma coisa, Suzana. Acha que tenho salvação?

Ela engole em seco e respira fundo antes de falar.

— Matheus, você disse que elas não falam, e não o tocam. Como você consegue isso? Como faz para que elas não falem nem o toquem?

Dou de ombros.

— Eu as amordaço e as algemo, é claro.

Celina dá um pulo na cadeira, e o copo que estava vazio em sua mão, estilhaça no chão. Suzana parece de repente sem ar. As duas se encaram e Suzana pede calma a Celina. Não estou entendendo

mais nada.

— Matheus — Suzana chama com aparente excitação na voz. — Você sabe o que um Dom faz?

— Dá chicotada? Gilcelle fala muito de chicotes. Não sei, achei que você me ensinaria isso.

Ela nega com a cabeça.

— Um dominador exerce controle sobre tudo, Matheus. Sobre absolutamente tudo, quando se trata de suas submissas. Quando digo que exercem controle, quero dizer que elas fazem o que ele quer, do jeito que ele quer, na hora que ele quer. Dominadores têm um padrão, e elas seguem. Eles ditam as regras, e elas obedecem. E eles conseguem com que elas obedeçam amordaçando, amarrando, algemando, impedindo de alguma maneira que possam fazer algo que ele não quer que elas façam.

— Mas eles usam chicotes — confirmo.

— Sim, porque quando elas não obedecem, são castigadas. Por isso usam chicotes e muitas outras formas de punição. O que você faz se uma delas não o obedece?

Acho que ela não vai gostar de ouvir a resposta. Acho que Celina, defensora das mulheres, atirá o sapato na minha cara assim que eu disser, mas não consigo pensar em uma desculpa a tempo, e acabo soltando a verdade.

— Não é questão de obedecer, eu não ordeno nada, apenas peço. Eu as torturo. Com prazer. As levo ao limite e não permito que tenham o que buscam. É assim que as torturo por não fazerem o que peço.

Celina emite uma espécie de grito e Suzana bate palma maravilhada.

— Não acredito! Não acredito! — Suzana repete — É a primeira vez na minha vida que vejo algo assim, e olha que já vi de tudo nessa vida.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

Então ela começa a rir, a gargalhar. E Celina também. Estão rindo como se eu tivesse cantado a sofrência em uma boate neste exato momento. Irrito-me. Estou aqui para pedir ajuda, e estou fazendo papel de idiota enquanto as duas bruxas malucas riem da minha cara. Levanto-me para ir embora, mas Suzana me segura pela mão.

— Desculpe-me. Sente-se. Vamos terminar a conversa.

— Não estou vendo qual é a graça – reclamo me sentando de novo.

— É que Matheus, eu nunca na minha vida vi alguém ser dominador sem saber que o é. Você é tipo um Dom por acidente — ela diz e começa a rir de novo, acompanhada de Celina que está vermelha de tanto rir.

— Espera! Vocês estão achando que sou um Dom porque prendo as mulheres? Estão enganadas, eu não sou. Apenas não gosto que me toquem, e descobri por acidente que algemas excitam e servem para impedir isso.

— Descobriu como? — pergunta Suzana.

— Eu... quando eu... eu... — olho para Celina, não é legal falar de minha noite com a melhor amiga dela em uma mesa de cafeteria.

— Você vai falar da Gilcelle, não é? Desembuche, eu não me importo. Já ouvi Cleber falar da minha xoxota mágica e até da xoxota da Suzana, acredite, depois de um ano convivendo com vocês, nada me assusta. Conte logo como você descobriu as algemas.

— Gilcelle tinha uma coleção. Não me perguntem por quê. Mas ela as tinha aos montes na gaveta do criado mudo. E então, enquanto estávamos... — Faço um movimento com o quadril, para não ter que falar e as duas riem, merda! — Ela é agressiva. Muito agressiva. Tinha as unhas enormes e me

arranhou todo. E tem mania de puxar cabelos. Vocês vão dizer que isso é excitante, e é verdade. Mas não gosto de ser controlado. Então não tive outra saída, tive que prendê-la com a algema, para que pudesse sair daquela cama com minha pele nas costas e meus cabelos na cabeça. Foi autopreservação.

As duas parecem em choque. Em perfeita sincronia olham uma para a outra.

— Que merda! Parem de fazer isso — reclamo.

E então as duas começam a rir de novo. Ainda mais do que antes. Lágrimas escorrem pelos olhos de Celina, e ela parece até sem ar. E Suzana joga a cabeça na mesa e vejo apenas seu corpo tremer e ouço sua risada de bruxa.

— Suas bruxas! Não sei por que ainda conto com vocês!

— Espere — Suzana diz com muito custo. — Desculpe-me novamente. — Ela respira fundo e parece se controlar. — É que Matheus, isso é hilário. Você se tornou um Dom porque sua primeira parceira te batia.

As duas voltam a rir e seguro as duas pelo queixo, obrigando-as a olharem em meus olhos.

— Parem de rir vocês duas. Calem a merda da boca e conversem como adultas.

Suzana pisca os olhos, confusa, e Celina se afasta de uma vez de meu aperto em seu queixo.

— Caralho! — grita Celina — Ele é mesmo um Dom. Você acabou de me dar uma ordem, Matheus Amorim? E eu obedeci. Não consigo mais rir. Que merda. Desfaça isso, me mande rir de novo agora. Que macumba é essa?

— Acalme-se, Celina. Isso não é nada demais, é dom de todo dominador. — Suzana então me olha séria, como se não estivesse se desmanchando de rir de mim há dois minutos. — Matheus, seu caso é fácil. Só preciso te mostrar algumas ferramentas, e o resto, você saberá fazer sozinho.

— Isso não me inspira muita confiança, Suzana querida.

— Não se preocupe. Vou mostrá-lo tudo o que vai precisar, e você irá me dizer como usaria cada coisa. Se estiver errado, eu aviso. Mas tenho absoluta certeza de que você vai se sair bem.

— De que ferramentas estamos falando?

— Ferramentas de um Dom – ela responde. – Só uma pergunta, por que a Gil tinha uma coleção de algemas?

Celina dá de ombros e responde:

— Ela ainda as tem. Muitas mesmo. Disse-me uma vez que gostava, achei que ela tivesse uma tara por policiais. Nunca imaginei que as guardaria porque o Matheus usou uma nela naquela noite que nunca aconteceu.

Por um momento, me perco perguntando-me se ela ainda tem “aquela” algema. Se ela tiver, então sim, signifiquei muito mais do que ela quer admitir, muito mais do que o primeiro. Se ela guarda aquela algema, como guarda as flores que mando, então minha Sereia não é tão impossível assim. Volto a mim ao perceber a mão de Suzana estendida em minha direção, e Celina de pé ao seu lado. Ambas sérias demais.

— Vamos querido — Suzana chama.

— Para onde estamos indo? — pergunto, me levanto e as sigo.

— Para o sex shop, onde mais?

Paro imediatamente.

— De jeito nenhum! Não vou entrar num sex shop.

— Por que não? — pergunta Celina.

— Porque não! Homens não entram nessas coisas. Homens não usam essas coisas. Não vou entrar com uma grávida em um sex shop. Isso é ridículo.

Celina me puxa pela mão e Suzana me empurra, enquanto Celina resmunga:

— Homens não entram em sex shop? Querido, homens não ouvem Toni Braxton e não levam suas próprias canecas para beber em bares. Homens não têm medo de bactérias e germes e o mais importante, homens se preocupam mais em dar prazer às suas parceiras do que em como farão isso. Sua masculinidade já está afetada o bastante, Matheus, acredite, entrando em um sex shop com a Suzana, você a estará salvando. E vai entrar com uma grávida também, porque eu não perco isso por nada.

Assim, as duas bruxas conselheiras me arrastam até um maldito sex shop, em uma galeria no centro da cidade. O lugar é pequeno e para minha surpresa, está cheio. De mulheres, é claro. Nenhum homem está aqui dentro. Nenhum além de mim, o que me faz ser de imediato o centro das atenções. Olho tudo: várias pomadas, géis, fantasias, máscaras, chicotes, algemas, e paus. Paus de várias cores e vários tamanhos. Aponto para um indignado e cutuco Suzana.

— Não deveriam fazer isso. Para que um pau desse tamanho? Depois as mulheres começam a nos comparar com essas coisas. Ficam exigentes, sabe.

Suzana aponta então para uma bela loira que entra na loja, seus seios são enormes e aparentemente bem duros. Silicone, é claro. Mas não consigo deixar de olhar.

— Se vocês homens podem comparar os tamanhos dos nossos seios e bundas, também podemos comparar os tamanhos dos seus paus. — Então ela aponta para duas coisas estranhas com correntes penduradas. — Sabe o que é isso?

Leio a embalagem sem tocá-la.

— Grampos para seios.

— Dominadores usam isso – ela diz.

Assinto e a sigo. E Celina me segue calada, as pessoas também olham para ela com essa barriga enorme e esse rosto de anjo. Devem achar que a estamos desvirtuando, Suzana e eu. Então Suzana aponta para uma coisa pequena, com uma cabeça redonda ligada a um fio, e antes que ela pergunte, já digo.

— Plug anal. Nem todas as mulheres cedem, e não é algo que eu possa exigir delas.

Ela sorri e bate palmas.

— Parabéns, querido Dom, você sabe respeitar limites.

Continuo seguindo-a com Celina atrás de mim, ela para perto de uma vitrine de vendas e mordanças, muitas delas.

— Isso você já conhece e sabe que precisa.

— Sim. Tenho algumas.

— Ótimo.

— Suzana, o que pretende com tudo isso? — pergunto quando ela pega nas mãos duas bolinhas que parecem de metal.

— Você teria nojo de enfiar isso em uma mulher? — pergunta me desafiando.

— Não querida, eu já fiz isso.

— Uau! Você está me saindo melhor do que a encomenda. Eu pretendo mostrar a você, adorável Dom, que você não precisa de nenhum tipo de lição quanto a isso. Pode ser por acidente, pode ser por frescura, mas você Matheus, é um Dom.

Dou um sorriso debochado.

— Isso é tudo? Vai me dizer que não vai dizer o que eu quero que diga, porque eu já sei?

— Não preciso ensiná-lo a usar coisas com as quais está habituado. Você pode tentar coisas diferentes, como gel, anéis, cordas, barras extensoras que pode usá-las para que fiquem suspensas no ar. Há muitas coisas que eu sei que você sabe para quê servem. Mas, há uma coisa que precisamos corrigir — ela diz olhando-me dos pés à cabeça. — Matheus Amorim! Onde estão as coisas que você deveria estar carregando?

— O que eu deveria estar carregando?

Celina me empurra e estende um amontoado de coisas, plugs, grampos, vendas, gel, coisas que Suzana me mostrou e que fiz questão de não tocar.

— Isso estúpido. Você deveria estar carregando isso. Não pretende usar com a Gil os mesmos apetrechos que usa com suas submissas, não é?

— Elas não são submissas — explico. — Apenas boazinhas. E não vou tocar em nada disso antes que passe por algum tipo de esterilização.

Celina fecha a cara e Suzana tapa os olhos com as mãos.

— Matheus! — Celina diz com a voz controlada. — Estão lacrados, fechados, virgens! Ninguém os usou. Qual o problema de você pegá-los?

Dou de ombros.

— Não sei. Quem me garante que não foram usados? Nunca se sabe quando uma vendedora assanhada fica depois do horário com um vendedor da loja ao lado, usa essas coisas e depois as limpa de qualquer jeito e as sela de novo na embalagem — digo e imediatamente peço desculpas à vendedora que me encara em choque. — Não a estou acusando de nada, são só hipóteses.

Celina olha para Suzana, e não consigo ver o que as duas tramam com essa troca de olhares. Mas de repente, algo voa em minha direção.

— Segura! — grita Suzana.

Pego a coisa no ar e é um pau. De silicone, já que a coisa fica balançando para todos os lados, e rosa, com glitter, para piorar. Arremesso a coisa mole longe e encaro Suzana, furioso.

— Sua louca! Você pegou isso desta banca? Desta banca de coisas usadas e jogou em mim?

— Não é uma banca de coisas usadas — ela explica. — É de produtos com pequenos defeitos.

O pau que ela jogou em mim estava ali, junto a muitos outros, fora das embalagens e há um cartaz dizendo que são produtos com defeitos leves.

— E como você acha que descobriram que está com defeito? Eles testaram! Suzana!

Saio do sex shop batendo os pés. Quero ligar para Cleber e dizer que jogarei o amor da vida dele do terceiro andar dessa galeria. Aliás, quero pular desse terceiro andar, porque sei que as bruxas que pensei serem minhas amigas, contarão isso aos estúpidos delas e ganharei no natal uma coleção de pintos moles e brilhantes. E como que adivinhando meus pensamentos, ouço as duas pegarem os celulares. Tiro-os das mãos delas e jogo-os em meus bolsos.

— Nem pensem nisso. Não vão contar para aqueles idiotas suicidas dos namorados de vocês. Celulares confiscados.

Volto a andar, irritado.

Ouço as risadinhas das duas que me seguem e me viro irritado.

— Suas bruxas! Não me sigam!

As duas param imediatamente onde estão.

— Parem de me obedecer assim!

Então elas voltam a andar.

— Mais que merda! Vão embora as duas. E nunca mais falem comigo. — Elas se viram e caminham na direção oposta. — Não! Preciso levá-las! Voltem aqui. Vamos até o carro e não quero um pio de vocês duas.

Elas se olham de novo, dão de ombros em perfeita sincronia e me seguem.

— Caralho! Como é que vamos aguentar essas mulheres juntas, meu Deus? Como faremos isso? Vocês, duas bruxas, e aquela Sereia bruxa vão nos enlouquecer, nos mandar para o hospício.

— Vocês nunca deveriam ter saído de lá — retruca Celina.

— Você falou, Celina?

— Não! — ela diz imediatamente. — Estou perfeitamente muda.

— Que bom. Andem mais rápido.

Tudo bem, nada de pânico. Só preciso amarrá-la, teria que fazer isso de qualquer jeito, pois suas unhas estão ainda maiores do que naquela noite. E seria bom prender seus pés também, pois ela meio que chuta forte quando goza. Tudo bem, posso fazer isso, você vê? Não é tão difícil. Dar ordens, foder direito, prendê-la. Eu posso fazer isso. Na verdade, se tratando da Gilcelle, eu nasci para fazer isso.

Vou domar você, minha Sereia bruxa e então a deixarei mole implorando por mais. Nem que eu tenha que tocar em um chicote usado. Nem que eu tenha que me ajoelhar diretamente no chão. Eu a dominarei Gilcelle Lopes. E vocês, minhas garotas, aguardem e verão o Matheus Dominador em ação.

Há alguma coisa estranha entre Matheus e Suzana. Acabamos de sair de uma reunião com Cidão, o chefe dela, e Matheus não parou de olhá-la um minuto. Até deu uma piscadela para ela, e claro, foi ameaçado por Cleber em seguida. Mas não parou por aí. Os dois têm um certo tipo de intimidade. Sei que Cleber também percebeu. Pergunto-me se Matheus está fazendo isso para se vingar, já que acha que sinto alguma coisa pelo tapado do meu chefe, mas não, ele também acha que não sinto nada por ele. Quer dizer, não sinto mesmo, então isso não é uma vingança.

Matheus realmente gosta de Suzana. E passei toda a reunião imaginando o que eles fizeram quando ele a usou para arrancar informações de PP que os uniu assim. Assim que a reunião acabou, catei Suzana pelo braço e a trouxe para um tour pela empresa. Preciso ser rápida, pois Cleber logo virá atrás dela.

— Veja, essa é a recepção e aquelas três são as garotas que você deixou depressivas ao fisgar o Cleber.

— Ele pegava as três? — pergunta espantada.

— Nenhuma delas. Mas adorava ser paparicado. Atualmente ele mal dá bom dia.

Ela sorri satisfeita e subo para o quarto andar, já que o segundo e terceiro são garagem.

— Isso aqui é onde fica o almoxarifado e veja — digo aproximando-a da janela e fazendo-a olhar para baixo. — Já é alto o suficiente.

— Para? — pergunta.

Dou de ombros.

— Sei lá. Só quero que saiba que é bem alto.

— Entendi — ela responde com um sorriso.

Há algo sobre ela, onde passa, os homens olham. Sério mesmo, eles viram cabeça como a menina do exorcista para comê-la com os olhos. Suzana é muito bonita. Acho que Matheus percebeu isso.

Subimos para o oitavo andar e mostro o RH.

— Aqui é o RH. Aquela é a Lurdinha, Sebastian a pegava antes da Celina.

— E a Celina se dá bem com ela?

Dou uma gargalhada.

— Estamos falando da Celina e de uma ex do Sebastian. Claro que não se dão bem. Mas Celina é temida aqui dentro, ninguém vai contra ela. Você devia ver o que ela fez com a Vernee, outra ex dele.

— Claro, a pontaria. Estou sabendo. E a barata voadora, ela me contou.

— E as pragas. Não se esqueça das pragas. Eu que a ensinei.

Ela me olha com um sorriso estranho e assente com a cabeça.

— Agora vou levá-la até a sala dos estúpidos — digo arrastando-a até o elevador.

— Gilcelle, não tenho nada com o Matheus. Cleber já me deixa de cabelos brancos e por nada no mundo aguentaria dois estúpidos.

Devo estar da cor do meu cabelo, mas desconverso.

— Eu sei que não. Cleber é meio possessivo com você. Mas você é muito bonita e o Matheus percebeu isso.

— Acho que não. A maioria das vezes em que saímos ele fala de uma mulher aí, por quem é apaixonado. Mas, se quer saber as coisas que ele me conta, tem que ser minha amiga, não minha inimiga.

Agora sou eu que olho para ela como a menina do exorcista.

— Tudo bem, eu te adoro e sou sua melhor amiga. Comece a falar. Vocês saíram? Mais de uma vez? De quem ele fala? Por que ele te conta intimidades dele?

Ela levanta um dedo.

— Saímos algumas vezes, mas com exceção da primeira, a Celina nos acompanha.

Traidora.

Então ela levanta o segundo dedo.

— Ele tem uma paixão mal resolvida e sim, me contou certas intimidades. Você sabe, submissas, chicotes, algemas, essas coisas.

— Merda — digo e bato a cabeça no espelho do elevador.

— Mas ele nunca deu em cima de mim, Gil. Nem de ninguém que eu tenha visto. Ele só tem olhos para a tal Sereia que ele tanto fala.

— Você só está dizendo isso porque sabe que a Sereia sou eu.

Ela se faz de desentendida e responde:

— Ah, é você? Então você é criatura rancorosa e cruel que o tem feito sofrer por tanto tempo? Você é aquela que tem um dos homens mais devotos e apaixonados que eu já vi e vai perdê-lo por pura burrice? Ah sim, uma história tão linda, fadada ao fracasso.

Coloco a mão no coração e a encaro, espantada.

— Você é cruel. Agora entendo porque o Cleber a chama de bruxa. Não fale assim comigo, você não sabe o que ele fez.

— Sei sim, ele sumiu e não deu notícias e sinto te informar que você não é a única a acordar sozinha em uma cama. Homens fazem isso. É tipo um defeito de fabricação, uma marca ruim, sabe. Todos eles fazem. Provavelmente se você se apaixonar por outro homem, ele fará também. Até que você quebre o carro dele, ou aperte suas bolas, então ele se lembrará para sempre de você.

Descemos no andar da presidência e a levo até a sala de Celina.

— Suzana, você é malvada e direta. E intrometida também. Gosto de você.

— Aproveite essa viagem, Gil. Não volte de lá sem o seu homem.

— Não vai ser fácil, mas vou tentar. Eu só preciso fazê-lo sofrer um pouquinho. Um pouco apenas, sabe.

— Não exagere. Matheus é fresco, e não aguenta o tranco.

— Eu sei, não vou exagerar — prometo com os dedos cruzados.

— Pobre Matheus — ela comenta antes de entrarmos na sala de Celina.

Está tudo pronto para a tal viagem, exceto é claro, Matheus. O fresco esqueceu a nécessaire em casa. Ok, ele não disse nécessaire, disse malinha com suas coisas de higiene, e se essa mala enorme que ele colocou no carro não está repleta com materiais de higiene, nem quero imaginar o tamanho dessa “malinha”.

Cleber me abraça antes de eu entrar no carro.

— Seja uma boa menina, Gil. Esqueça o passado, pense em sua felicidade e pega leve com ele.

Por que todo mundo me manda pegar leve com ele? Alô! Ele é um dom! Sou uma pobre desvirginada. Quem tem que pegar leve é ele (espero que não pegue).

— Isso, de jeito nenhum! Só estou indo a essa viagem para fazê-lo pagar!

Cleber faz uma careta e encara Matheus como se fosse a última vez que está vendo-o.

— Pelo menos tente devolvê-lo vivo, a V.D.A. precisa dele.

— Verei o que posso fazer — digo e entro no carro.

Passamos primeiro na casa de Matheus. Corrigindo: puta casa de Matheus. É enorme, tudo chique e para você que assim como eu esperava uma casa toda branca, sobramos. Tem creme e marrom. A casa é linda, de muito bom gosto.

— Não foi você que decorou essa casa, não é? — pergunto.

— Não. Um designer de interiores.

— E você deu carta branca para ele?

Ele me olha confuso.

— Não, eu escolhi tudo. Por que a pergunta?

Dou de ombros e me jogo no enorme sofá de canto da enorme sala.

— Nada. Só curiosidade. Achei a casa masculina demais para ser sua.

Ele abre um sorrisinho e sai falando:

— Você vai achar muitas coisas masculinas em mim, Sereia. É melhor ir se acostumando.

— Não me chame assim, estúpido! — berro.

“Luxo. Essa casa deveria ser sua.” Calo imediatamente a voz na minha cabeça. Qual é a dela? Ela sempre odiou esse dom afeminado e agora está virando a folha por causa de uma casa bonita? “E de dois milhões na conta.” Não importa! Continua sendo o idiota que me desvirginou e foi embora. “Pare com isso sua birrenta. Ele fez isso há tanto tempo, que precisará desvirginá-la de novo.” Seguro a cabeça com as duas mãos e a sacudo.

— Saia da minha cabeça. Traidora, vira-folha, mentirosa!

Após acudir de um lado para o outro, vejo a sombra de Matheus. Ele está parado na porta me encarando. Provavelmente sem saber o que fazer comigo. Finjo estar dançando e me levanto cantando Shakira e dançando pela sala com a mão na cabeça. Ele cruza os braços e me encara. Há uma pequena bolsa marrom em sua mão.

— Isso é sua nécessaire? — pergunto.

— Não. É minha bolsa de higiene.

— Nécessaire — confirmo revirando os olhos.

— Não a chamo assim. Está pronta?

— Fazer o quê? Só tenho que me lembrar de dois milhões na minha conta — digo seguindo-o.

— E de ser uma noiva exemplar — ele cobra.

— Darei o meu melhor.

— Tenho absoluta certeza disso — ele responde rindo.

Paramos na minha casa e peço que ele suba para carregar minhas malas. Celina disse que devemos adestrar os homens desde o início. Acostume-o a carregar suas coisas e ele sempre fará isso. Dê uma de independente e carregue tudo sozinha e o idiota será folgado. Guio Matheus até meu quarto e aponto.

— A mala que está em cima da cama.

Ele faz uma careta horrenda.

— Qual delas? — pergunta receoso.

— Todas, *querido*.

— Só vamos passar uma semana, *querida*.

— Sim, por isso apenas seis malas.

Ele entra no quarto e avalia as seis malas em cima da cama. Vou dizer a verdade, estou levando

praticamente todas as minhas roupas e algumas da Celina que ela deixou para trás. Não vou usar nem metade, é apenas uma semana. Mas nada assusta mais um homem do que uma mulher que carrega a casa toda em malas, principalmente quando ela o faz carregar as malas.

Matheus me olha sério, acho que vai pedir socorro, ou dizer que desiste, mas ele diz com muita convicção:

— Você não vai levar seis malas. No máximo duas. Escolha duas e as levarei, caso contrário, irá sem nada.

— Vai sonhando, *querido*. Pegue as malas, todas elas. Ou quer que eu chame o Ricardão para ajudar? É meu vizinho *macho*. E gostoso.

— É mesmo? Você soube disso sonhando com ele?

Sorrio de volta e não demonstro que esse joguinho de jogar de volta em mim o que jogo nele, me irrita.

— Não, montando no pau enorme e malhado dele.

Vejo um lampejo de raiva passar por seu rosto, mas ele diz com calma na voz:

— Duas malas, Gilcelle. Nenhuma a mais. Escolha.

Cruzo os braços como uma criança birrenta. Homens também odeiam isso.

— Não. Vou levar as seis, ou não vou.

— Terei que escolher para você?

— Você sequer se atreveria a tocar minhas malas, não sabe onde elas estavam, por onde elas passaram, ou o que coloquei aí dentro.

Ele anda até a cama e abre a primeira mala. Minha mala de roupas íntimas. Ele as pega, cheira, passeia os dedos por elas e faz uma careta.

— Velhas, compraremos novas para você. — Então anda até a janela e arremessa minha mala por ela.

— Matheus! — berro. — Você ficou louco? Minhas calcinhas! Você é maluco?

— Não fará falta. Vamos à segunda mala.

Antes que eu possa impedir ele abre a mala de roupas de cama. Sim, tive que levá-las para encher essa mala que é a maior de todas. Ele faz uma careta e segura a mala.

— Feias. Na casa da minha mãe há roupas de cama muito melhores e mais bonitas. — Então anda com a mala até a janela.

— Não jogue minhas roupas de cama fora, seu imbecil!

Pulo nas costas dele, passo minhas pernas por seu quadril e seguro seu braço. Sei que ele está rindo enquanto tenta jogar a mala pela janela, mas seguro bem forte e mordo seu ombro. Ele ri alto e vira a mala jogando todos os meus lençóis da Leader pelo ar. Então joga a mala no chão, segura minhas pernas e se aproxima comigo da janela, virando-me para que eu possa olhar para baixo.

— Veja, adeus roupas de cama. Alguns moradores de rua irão fazer a festa. Você é uma alma muito generosa.

Estou em choque. Solto seu pescoço e me apoio no parapeito da janela.

— Eu vou junto! Meus lençóis!

Ele me solta e me tira da janela, me depositando na cama.

— Ainda não, querida, ainda não é hora de pular.

Então se aproxima da terceira mala e mais do que depressa me levanto.

— Ok, você venceu essa, vou escolher duas malas.

O sorriso enorme que surge em seu rosto me irrita.

— Dois minutos — ele diz.

— Idiota.

Olho para minhas malinhas lindas, pego a de roupas, a que eu ia levar mesmo, e então fico indecisa entre outras duas. Minha nécessaire, (sim é uma mala, e fique quieta, dá trabalho ficar bonita) e minha mala de algemas. Sei que Matheus deve ter muitas, ele é um dom afinal de contas, mas as minhas são especiais. Tem de oncinha, colorida, de veludo, de coraçãozinho. São minhas. Tem até com meu nome gravado. E uma sem chave, mas não sei qual é.

Estou pensando, pensando e Matheus se aproxima.

— Acabou o tempo, vou escolher para você.

— Não! Eu quero essa – digo e pego a nécessaire. De jeito nenhum ele vai me ver na merda em que fico quando acordo. Celina estava certa, eu não devia ter cortado o cabelo. Ele tem uma mania horrorosa de subir.

Matheus pega a mala escolhida, a deposita em cima da mala grande e depois pega a outra mala, para minha surpresa. Ele a abre e arregala os olhos.

— Minha querida noiva, acho que você pode levar três malas.

Sorrio.

— Eu ganhei essa — decreto.

— Não ganhou. Você queria levar seis, eu queria que levasse duas e você vai levar três.

— Quem ganhou então?

— Empate técnico — ele diz e beija minha testa quando passa por mim.

Matheus carrega as três malas com dificuldade. Sei que a mala de roupas está muito pesada por conta dos alteres que coloquei nela. Minhas pernas tendem a ficar moles e preciso exercitá-las de vez em quando. Não podia viajar sem meus alteres. Ofereço pegar uma das malas pequenas, mas ele nega. Está suando, mais branco do que o normal e andando curvado, mas leva minhas malas até o carro. Praticamente as joga no banco, respira cerca de meia hora e depois as joga no porta-malas.

— O que tem nessas malas? — pergunta irritado.

— Algemas, maquiagem e roupa. Posso te emprestar a maquiagem, sou uma alma bondosa.

Um sorriso surge em sua expressão cansada.

— Empréstimo? Que bom!

Então o imbecil anda até mim rápido demais, com seus reflexos de vampiro e antes que eu possa impedir, sua boca cobre a minha, ele suga meus lábios e passeia a língua por eles. Não é exatamente um beijo, é mais como uma tortura. Então ele se afasta. Estou meio tonta e a boca dele vermelha.

— Obrigado pelo empréstimo, alma bondosa. Vou querer saber onde mais usa maquiagem.

Neste momento estou pensando em usá-la, tipo, no corpo todo. Entro no carro e me recomponho, preciso me fazer de indignada. Esse imbecil não vai me beijar e me deixar tonta desse jeito. Eu é que vou beijá-lo, quando eu quiser.

— Não me beije de novo, seu idiota! — reclamo.

Ele sorri.

— Essa viagem vai ser longa — diz e arranca com o carro.

Matheus

— Estou com fome — ela diz meia hora depois de sairmos do centro da cidade.

— Acabamos de pegar a estrada.

— E estou faminta. Não fico de bom humor quando estou com fome.

— E quando é que você fica de bom humor? — pergunto e ela faz uma careta.

Paro em um posto e a levo até um restaurante que há nele.

— Se você tem coragem de comer aqui, boa sorte.

Ela entra rebolando em seu salto, chama a atenção de alguns motoristas e faço uma cara feia para cada um deles, mas não parece surtir qualquer efeito. Eles continuam a olhá-la. Então me aproximo dela e a guio com a mão em suas costas. Ela pega um prato e o enche de tudo quanto é tipo de comida que há disponível ali. Eu apenas a acompanho, e guio até uma mesa assim que percebo que ela não quer pegar mais nada.

Sentamo-nos à mesa, um de frente para o outro. Há uma montanha em seu prato, e ela me encara.

— Não vai comer? — pergunta.

— Comi antes de sair de casa.

— Eu divido com você.

— Não, obrigado.

— O que é isso, *querido*? Momento fofo com sua noiva, venha comer comigo.

Sorrio, ela quer me irritar.

— Não, minha *querida*. Assim que sairmos daqui, te darei um momento fofo de verdade.

Ela sorri.

— É uma pena, perdeu sua chance de conhecer a Gil fofa, quem sabe daqui a dez anos?

Então ela começa a comer. E realmente, ela come aquilo tudo. Com uma boca tão boa, que embrulha meu estômago. Ela sequer olhou para a cozinha desse lugar, nem sabe se quem cozinha é um homem, que não usa aquele chapéu de cozinheiro, não usa avental e tem mania de coçar o saco. Então ele não lava a mão na pequena pia da cozinha porque acha que fica longe demais de sua panela fumegante e limpa os dedos na folha de alface molhada mais próxima. Que pode ser essa mesma folha que ela está mastigando com essa boca boa. E depois eu beijarei essa boca e consequentemente, os cabelos do saco do cozinheiro. Deus me ajude!

— Está tudo bem? Você está meio verde.

— Tudo ótimo. Gilcelle, você já comeu aqui antes?

— Sim.

Ela me surpreende com sua reposta.

— O Marcelão, cozinheiro, é meu amigo, se é que me entende.

Não sei se isso é verdade ou se ela quer me irritar, mas decido entrar em seu jogo.

— E imagino que cada caminhoneiro, garçom, e caixa daqui também sejam seus amigos.

— Os caminhoneiros não. São muito inconstantes, estão sempre em um lugar diferente, mas os garçons, delícias — ela diz enfiando o garfo de volta na boca.

Tenho vontade de dar-lhe umas palmadas, umas boas palmadas, para que ela aprenda a ficar calada. Mas mais uma vez, entro na dela.

— Você poderia chamar algum deles. Talvez algum possa me apresentar para a beldade sentada no caixa.

Imediatamente ela olha para trás, mas o caixa está vazio.

— Idiota!

— Termine a comida, *querida*.

Claro que ela come o mais devagar possível, mas se acha que está me irritando ao fazer isso, está enganada. Quanto mais tempo eu passar sozinho com ela, sem minha família “unida” para atrapalhar, mais chances tenho de acabar essa noite em um motel esquematizado no meio da estrada com ela.

— Não vá pensando que você ganhou, *querido*.

— Não tente competir comigo, Gilcelle. Não quero esmagá-la. Quero comê-la, amá-la e ensiná-la umas boas lições, mas esmagá-la, não.

Ela engasga com a farofa e tosse como uma minhoca retorcida. Bato em suas costas e espero que ela se acalme. Seus olhos estão lacrimejando e ela me empurra.

— Não me toque. E não me faça engasgar de novo. Pare de conversar comigo, por que não bebe alguma coisa?

— Não, obrigado — digo sentando-me novamente.

Então ela sorri.

— Claro, você não trouxe sua caneca, não é mesmo?

— Está no carro.

— E não vai pegá-la? Ah, já sei, não sabe a procedência das bebidas aqui, então não vai colocar a boca.

— Mais ou menos isso. — Tento não demonstrar o quanto ela está me irritando e seguro minha mão para não arrastá-la pelos cabelos de volta para aquele carro que deve sumir em uma hora e meia.

Ela termina de comer e bebe o refrigerante que pegou, então limpa a boca com o guardanapo.

— Quer soda? — pergunta estendendo a garrafa para mim.

— Não, *querida*.

Ela sorri e resmunga.

— Não bota a boca em uma garrafa desconhecida, será que em uma boceta você põe a boca?

Sorrio. Era disso que eu precisava. Não respondo de imediato, deixo que ela termine o que está fazendo e assim que ela me encara, pronta para irmos embora, me sento rapidamente ao seu lado e sussurro em seu ouvido:

— Por que não faz o teste?

Ela treme, vejo os pelos de seu braço arrepiados e embora abra a boca, não diz nada. Consegui. Mas imediatamente ela se levanta, parece revoltada e confusa.

— Não faça isso de novo, não fale no meu ouvido de novo e estou de saco cheio dos seus reflexos de vampiro. Desisto. Pegue seus dois milhões de volta, preciso dar uma volta.

Ela sai batendo o pé até o banheiro, e pago a conta enquanto a espero.

Acontece que eu espero, espero, espero e a maluca não sai do banheiro.

— Caralho, vivo entrando em banheiros femininos por sua causa, sua Sereia malvada, e depois você duvida da minha masculinidade.

Sem ter o que fazer, invado o banheiro. Ouço um grito, uma mulher rapidamente cobre os seios e saio envergonhado.

— Que merda!

Uma morena alta e muito bonita sai do banheiro em seguida, com um sorriso no rosto.

— Está procurando alguém, amor? — pergunta de forma oferecida.

— Sim, minha noiva. Ela entrou aí há quinze minutos e não saiu. É ruiva, tem olhos...

— Está com um vestido preto?

Confirmo.

— Ela não entrou no banheiro. Quando estava entrando aqui a vi, ela estava lá fora, conversando com um caminhoneiro. Um grandão, tatuado.

Respiro fundo.

— Onde esse caminhoneiro estava?

— Ali — ela diz apontando com o dedo.

— Obrigado — agradeço e saio atrás dessa maluca.

Meu Deus! Dê-me forças para não matar essa mulher.

Procuro entre os motoristas, um alto e tatuado e o vejo, do outro lado do posto, a certa distância. Então a vejo e a maldita está entrando no caminhão dele.

— Gilcelle! — grito e saio correndo, mas estão do outro lado do posto e não chego a tempo, o homem sai com o caminhão e leva pela noite essa maluca embora. — Merda! Merda!

Meu celular vibra e o atendo imediatamente, pronto para deixá-la surda caso não volte aqui agora mesmo.

— Senhor Amorim? Tudo certo? Já posso roubar o carro?

— Não, não faça nada ainda, Lucio. Não estou no local combinado. E tenho um pequeno problema.

— Que problema, senhor?

— A maluca da minha noiva acabou de fugir com um caminhoneiro.

Um minuto de silêncio, e no minuto seguinte, três gargalhadas estrondosas ecoam em meu ouvido. Ele não está sozinho e o telefone está no viva-voz. Claro que está.

— Quer que recuperemos sua noiva, senhor? — ele pergunta em meio a gargalhadas.

— Eu vou fazer isso — digo com a voz mais grossa possível. — Vocês não saiam daí. Chego em uma hora.

Desligo o telefone e olho para o céu estrelado.

— Meu Deus! Ajude-me a achar a maluca da Gilcelle antes dessa hora, e não deixe que aquela montanha faça algo com ela, e então eu juro, que eu mesmo irei matá-la.

Capítulo 7

Gilcelle

— Meu Deus! E ela parecia ser tão certinha! — espanto-me.

— Foi o que me disseram. Mas a danada fugiu com o maldito do coveiro na primeira oportunidade.

Dou de ombros e lamento.

— Também, quem mandou morar ao lado de um cemitério?

Hércules faz uma careta, acho que ainda sofre pela esposa fujona. Conhecemo-nos quando morei com minha tia na PPL. Ele é caminhoneiro, e quando me mudei de lá, se casou com a filha de um pastor. Juro que a garota enganou até a mim. Parecia tão certinha! E, no entanto, fugiu com um coveiro. Estou sendo muito má em querer rir da situação? Ela poderia ter fugido com um vizinho, o padeiro, o encanador. A gente ouve falar dessas coisas. Mas com o coveiro? É a primeira vez.

— Você me deixa neste posto, por favor, Hércules?

— Mas já, ruivinha?

— Sim. É que meu... — a palavra custa a sair da minha boca — noivo está me esperando.

Ele me encara em choque e tenho vontade de bater nele. Qual o problema de eu ser noiva? Eu hein! Todo mundo tem seu outro par da meia neste mundo, parece que o meu é rosa choque.

— Da próxima vez vou casar com uma maluca, igual a você.

— Ei! Não sou maluca! E nunca traí meu noivo, tá!

Ele sorri e encosta o caminhão. Mal desço, avisto o carro de Matheus encostando. Ele desce furioso e se aproxima a passos largos. Está vermelho, e piscando um olho de tão nervoso. Está possesso. “Será que você vai apanhar hoje?” Cale a boca voz.

Acho que vou apanhar hoje.

— Olá, noivo — digo sorridente.

— Gilcelle! — Ele fecha as mãos e não diz nada. Parece realmente nervoso.

Ok, foi uma brincadeira, eu não planejei nada disso. Precisei me afastar de Matheus para recuperar minha sanidade, pois ele me fez imaginá-lo com a língua fresca no meio das minhas pernas, e eu não queria imaginar isso. “Queria sim!” Cale a boca voz! Como eu ia dizendo, saí para tomar um ar e avistei Hércules chorando em um canto. Ele perguntou se eu queria dar uma volta e fui. Eu sabia que Matheus me seguiria e eu pretendia parar no posto mais próximo. Seria bom para ele tomar um susto e parar de me vencer em batalhas verbais. Eu sou a maluca e ele o fresco. Não é possível que sempre perca para ele nessas batalhas.

Dou um passo em sua direção e noto que seus olhos brilham. Mesmo no escuro consigo ver que ele realmente se preocupou. Uma mistura de raiva e alívio toma seu rosto.

— Está tudo bem com você? Ele te machucou?

— Está tudo bem, Matheus. Eu o conheço, ele era meu vizinho. Não precisa se preocupar. — Ando até ele e de repente ele me puxa para seus braços e me aperta. — Está tudo bem, querido. Estou aqui.

Ele me aperta ainda mais e posso sentir seu coração acelerado. Merda. Não era isso que eu queria. Não era para ele se preocupar assim. Afasto-me com muito custo e seguro seu rosto nas mãos, foçando- o a olhar para mim.

— Matheus, estou bem. Eu só precisava ficar um pouco longe da sua intensidade. Estou bem de

verdade. Não quis assustá-lo assim.

— Às vezes eu tenho vontade de matar você — ele diz.

— A recíproca é verdadeira.

— Nunca mais faça algo do tipo.

— Ok. Desculpe.

Imediatamente ele sorri.

— Você me pediu desculpas, Sereia? Você foi a primeira de nós dois a pedir desculpas. Mais uma vitória para mim. É melhor para você se render logo, vai ser massacrada.

Afasto-me indignada.

— Isso tudo foi uma encenação? Tudo bem, ponto para você, estúpido. A guerra está só começando.

Ele sorri, sei que não foi encenação, mas você me conhece, sou a durona, sabe. Não posso me derreter toda porque o homem quase chorou por minha causa. Porém, não consigo evitar sorrir de volta para ele. E logo o idiota considera meu sorriso um sinal de rendição, pois me arrasta bruscamente pelo braço e me joga o carro.

— Da próxima vez que você sumir assim, vou colocar uma coleira em você, e arrastá-la como minha cachorrinha na frente de todos esses motoristas.

— Filho de uma puta!

— Maluca! — ele diz e dá a volta batendo a porta do carro ao entrar.

Não andamos meia hora e ele encosta o carro no acostamento.

— O que foi? — pergunto assustada.

— Preciso aliviar.

A nossa volta só há mato. Imediatamente tiro o cinto de segurança e saio do carro com ele.

— O que foi? — ele pergunta ao me ver.

— Nada. Só quero ver isso. Matheus Amorim pegando no pau no meio de um mato? Vamos ver se seu xixi fresco será capaz de sobreviver a isso.

Ele sorri enquanto abre a calça.

— Você quer ver meu pau, querida? Não se preocupe, o terá em cada parte do seu corpo daqui a pouco.

Faço uma careta e me viro de costas. Só preciso ouvir o barulho do xixi. Espero, espero e nada.

— Eu sabia! Seu xixi não sai. Até mesmo seus órgãos genitais são frescos.

— Você não o achou fresco quando ele te fez gozar. Duas vezes.

— Idiota!

Entro no carro e ele entra em seguida.

— A vitória foi minha, já que não ouvi barulho nenhum de xixi.

— Ok, você ganhou essa.

Sorrio satisfeita e ele arranca com o carro, mas para nem dois minutos depois em uma espécie de motel de beira de estrada.

— Preciso mesmo aliviar. Quer esperar no carro?

— Sim, vá num pé e volte no outro.

— Tudo bem, mas não se assuste se ouvir qualquer barulho ao lado de fora.

— Que tipo de barulho eu ouviria? — pergunto já me sentando totalmente ereta no banco e olhando para todos os lados pela janela. Mas tudo o que vejo é neblina.

— É o que as pessoas falam. Há muito mato, uma estrada, muitos acidentes, muito mato.

— Você já citou isso.

— Sim, é porque é fácil para um ladrão se esconder no mato. Mas eu já volto.

— Vai sonhando, vou com você.

Desço do carro às pressas e o sigo. Sei que o maldito está rindo, mas não me importa, prefiro estar segura. Acabo indo ao banheiro também. Curiosamente, isso parece um motel de beira de estrada olhando de fora, mas por dentro é muito arrumado, limpo, bem decorado. Não tem cheiro de sexo. Sempre imaginei que motéis tivessem cheiro de sexo. Ajeito o cabelo no espelho do banheiro. Parece mesmo um capacete, passo uma água no rosto, resmungo mentalmente por não ter levado minha nécessaire para retocar a maquiagem que quase não existe mais e saio.

Matheus está parado na porta, com as mãos nos bolsos da calça, e olha para o carro.

— O carro! — grito ao olhar para onde ele está olhando, e onde deveria estar o carro, não há nada. — Onde está o carro? Matheus! Diga-me que um manobrista o levou para lustrar, que um amigo o levou para encher a gasolina. Diga-me qualquer coisa.

— Foi roubado — ele diz com toda paciência.

— Roubado? Mas como?

— Eu disse, aqui tem muitos ladrões — ele diz e volta para dentro do motel.

— E você está calmo?

— Sim, ele tem rastreador, logo será encontrado.

— E o que faremos até lá? E nossas coisas? Tudo ficou no carro! Até nossos celulares!

— Pois é. Já acionei o seguro e enquanto não resolvem tudo, nós vamos dormir.

— Vamos o quê?

— Dormir. Você sabe o que é dormir. Vamos fazer isso. Ainda bem que o carro foi roubado em frente um motel.

— Um motel de beira de estrada. Você vai ter coragem de deitar na cama?

— As camas aqui são bem arrumadas e higiênicas.

Como ele sabe? Aliás, é até bom demais que o carro tenha sido roubado justamente em frente a um motel. Ele está me enrolando. Matheus Cachorro Amorim aprontou alguma para passar a noite comigo neste motel. Ok, querido, você quer dormir comigo? Vamos dormir, então.

Entramos no quarto que é enorme e realmente lindo, e limpo. Sinto o cheiro de limpeza quando entro e Matheus o inspira como se fosse um alívio sentir esse cheiro.

— Não tenho roupa, nada de higiene, nada de nada. E estou exausta e suja de estrada.

Acho que ele responde algo como “cabelo de saco”, mas não tenho certeza e nem posso imaginar do que isso se trata.

— Vai tomar um banho, Sereia. Aqui deve ter roupões, durma com um e amanhã recuperaremos nossas coisas.

— É mesmo? Como você tem tanta certeza?

— Eu sempre tenho certeza no que falo, querida, está na hora de você aprender isso.

Mostro o dedo do meio para ele e vou para o banheiro. Tiro a roupa suja, estou realmente cansada. Não queria mesmo chegar à casa da família dele tarde da madrugada como chegaríamos. Melhor dormirmos aqui e viajarmos de novo pela manhã. E não quero que a mãe dele já me veja descabelada, suja e cansada. O que vai pensar de mim?

Estou ansiando por um banho quentinho e aconchegante e o alívio que só uma goteira de água

quente na costela à noite é capaz de causar. Ligo o chuveiro enorme, sai muita água e não vejo vapor. Enfio meu braço para testar a temperatura e quase fico sem ele. Parece que vai congelar. A água aqui não é fria, é gelada.

— Matheeeeeus! — berro.

Imediatamente ele entra.

— O que houve?

— Olha isso — choramingo apontando para a água, mas o maldito fica totalmente parado olhando meu corpo nu.

Está com os olhos focados na tatuagem que tenho acima da virilha. Ele se aproxima concentrado nela e a toca.

— Desde quando tem isso?

— Há muito tempo. Fiz logo depois de... — respiro fundo, quase falei merda — ir morar na PPL. A água está fria, gelada. Não tomo banho frio.

Ele me olha de uma forma tão doce, que quase me desmancho ali mesmo só para que ele me pegue no colo. Mas então, ele acaba com todo meu encantamento ao dizer:

— Então tome banho frio. Não seja *fresca*!

Ele enfatiza a palavra fresca e quero arrancar essa língua vingativa de sua boca.

— Eu não tomo banho frio.

— Azar o seu!

— Duvido muito que você tome – desafio.

— Não sou *fresco*, como você. — Novamente ele enfatiza a palavra fresco.

— Ainda bem.

Ele cruza os braços e me encara.

— Por quê?

— Vai tomar banho frio — digo e o empurro com tudo debaixo da água fria.

Ele berra, pior do que o Cleber quando apertei suas bolas. Quero rir, mas não tenho tempo, ele me puxa de uma vez para debaixo do chuveiro e berro ainda mais alto. Meu corpo tem um choque com a água gelada e tremo como um bambu.

— Você é muito mau — reclamo batendo o queixo.

— O que é isso, querida? Estou me sacrificando com você.

— Eu te odeio.

Ele sorri, e como se soubesse disso a vida toda, ergue o braço e alcança uma alavanca na lateral do chuveiro, que eu não alcançaria por estar muito no alto, abaixa essa alavanca e a água vai aquecendo até ficar bem quente.

Não acredito! Maldito! Maldito! E vocês ainda o defendem, tadinho do Matheus com essa louca! Ele é um ser humano terrível!

— Matheus Amorim, definitivamente eu te odeio! — digo e começo a socá-lo, mas ele me abraça e deixo a água quente terminar de aquecer meu corpo antes de chutá-lo para fora do banheiro.

Quando saio do banheiro, ele está na porta, e alguém conversa com ele.

— Sempre ouço gritos aqui, mas vocês dois estão de parabéns. Nunca vi duas mulheres gozarem tão alto.

Aproximo-me da porta e um homem na casa dos quarenta, muito barbudo e com uma barriga enorme (e cara de pau minúsculo) tenta olhar para dentro do quarto.

— Olha amor, ele acha que eram duas mulheres. Conta para ele que um dos gritos femininos era seu — digo.

Matheus gagueja, o homem parece espantado, então ele dispensa o homem e bate a porta. Olha-me furioso. Sua calça molhada está colada ao corpo e está sem camisa. Vejo poucos pelos loiros em seu peito e o corpo magro, mas bem definido está muito melhor do que eu me lembrava. Ele é de dar água na boca, vocês não fazem ideia!

— Sua linguaruda, você me paga por isso.

— Não tenho medo de você.

— Pois é bom começar a ter.

Ele vem na minha direção com tanta raiva nos olhos, que grito, ele avança de uma vez e corro, mas ele me alcança e me joga com tudo na cama. Tira a calça em tempo recorde e sobe em cima de mim.

— Vou calar a sua boca, sua atrevida.

Tento empurrá-lo, mas começo a rir quando ele sobe as mãos pelo roupão fazendo cócegas. E então, sua boca toca a minha. Um toque leve, mas puxo sua cabeça para mim e me perco do mundo quando sua língua domina a minha. Sim, é de dar água na boca.

Tê-la assim, rindo em meus braços, tentando me empurrar, mas cedendo com facilidade, correspondendo ao que sinto com tanta paixão, quase arranca o coração do meu peito, de tanto que ele bate. Seguro seu rosto enquanto a beijo e ela puxa meu cabelo de encontro a ela, para que vá mais fundo em sua boca. Essa é minha menina. Olho para seu rosto, e é como vê-la há dez anos. É como voltar no tempo, quando a peguei no meio daquela escada e ela gritou, exatamente como fez hoje e sorriu. E sim, ela é bem agressiva quando fazemos amor, mas é extremamente doce. Como está sendo agora. Quando me afasto de seus lábios, ela passa o rosto pelo meu, os olhos fechados, apenas me sentindo, e amo quando ela faz isso. Eu amo essa mulher.

Abro seu roupão vagarosamente, meus lábios acompanham cada pedaço de pele exposta. Suas mãos não deixam meu cabelo, mas ela não tenta me guiar, apenas mantém o toque. Beijo seus seios, tão maiores do que dez anos atrás, ela fica quieta, mas posso ouvir seu coração estando assim, tão perto. Passeio vagarosamente a língua por seu mamilo, ela geme, tão baixinho. Então sugo com força seu seio e ela grita. Isso, minha Sereia, é esse som que quero ouvir.

Passo os dentes por seu mamilo e desço arrastando-os por sua barriga, ela se contorce embaixo de mim, continuo abrindo o roupão enquanto minha boca se aproxima do que mais quero nela. Então me afasto. Com ela não funciona assim. Se fizermos amor, amanhã ela estará arrependida, ou agirá como se não fosse nada e vai me afastar muito mais do que fazia antes. Vai achar que eu ganhei mais uma, e não reconhecer que nós dois ganhamos. Mas essa noite, não podemos fazer amor. Essa noite, eu preciso dominá-la, preciso fodê-la, do jeito que ela gosta. Essa noite, ela não terá de mim tudo o que quer, mas terá aquilo que merece.

Puxo o roupão de uma vez de debaixo de seu corpo, fazendo-a pular na cama, e imediatamente ela arregala os olhos. Sua respiração está ainda mais acelerada, quando passeio o dedo por sua barriga e subo, circulo o seio e belisco seu mamilo. Ela grita. Me abaixo de novo, aproximando a cabeça de seus seios, mas tiro suas mãos de meu cabelo e as seguro com força ao lado de seu rosto.

— Não me toque! — ordeno e ela arregala ainda mais os olhos, mas assente.

Então eu chupo, com força, seu seio. Quero marcá-la. Quero que quando ela for tomar banho amanhã veja o círculo roxo em volta do mamilo e se lembre desse momento. Quero que admita, mesmo que para si mesma, que eu a domino. Chupo com tanta força que ela grita alto. Contorce-se, tenta desesperadamente soltar as mãos, mas não permito. Quando ela está se mexendo demais, me afasto. Há uma marca rosa em seu seio e sei que isso logo será uma marca roxa em sua pele branca.

— Você está inquieta demais, terei que amarrá-la?

Ela nega com a cabeça.

— Acho que terei. Não confio em você.

Saio de cima dela e a liberto. Mas como previ, ela não se mexe. Fica ali, quieta respirando pesadamente, fitando o teto, meio perdida. Exatamente como eu queria deixá-la. A mala com as algemas ficaram no carro, por isso tenho que improvisar. Puxo a faixa do roupão que joguei no chão, subo novamente na cama, em cima dela. Ela me olha, fixamente. Pego seus braços e junto os punhos acima de sua cabeça.

— Quietinha, querida. Vou garantir que você não me desobedeça.

Ela ainda não diz nada, apenas me encara. Parece nem estar aqui, parece estar em outro mundo, perdida. Vou encontrá-la, minha Sereia linda, e prendê-la a mim para sempre. Amarro seus pulsos

com a faixa e a amarro na cabeceira da cama. Fiz questão de ficar em um quarto que não tivesse uma cama box, pois sabia que precisaria de algum lugar para algemá-la, como me esqueci das algemas, isso vai servir para amarrá-la.

— Está te machucando?

Ela nega com a cabeça.

— Responda, Gilcelle. Eu quero ouvir sua voz.

— Não, não está.

Isso. Era isso o que eu queria ouvir, sua voz, normalmente tão cheia de sarcasmo e insultos, está falha, baixa, rouca, quase não pude ouvi-la. Seguro seu rosto entre minhas mãos e a faço olhar para mim, seguro bem firme e espero ter certeza de que toda sua atenção está em mim antes de lembrá-la.

— Eu a estou dominando aqui, Gilcelle. Não aceitarei que negue isso depois. Você está submissa a mim, entendeu?

Ela concorda com a cabeça.

— Ótimo, boa menina.

Normalmente eu gosto disso, gosto de ter a mulher amarrada, presa, obediente. Mas com ela é diferente. O foco essa noite é dar prazer a ela, é calar suas acusações e chacotas atrevidas. E preciso me controlar muito para não beijar sua boca, não colocar suas mãos em meu cabelo e não fazer amor com ela como quero fazer por longos dez anos.

— Se quiser que eu pare, tem que dizer agora. Não adianta me mandar parar depois. Não aceitarei que peça para eu pegar mais leve, não me afastarei e não pararei até que você se desmanche. Entendeu?

Ela assente.

— Quer que eu pare?

Ela nega desesperadamente com a cabeça. Mas eu espero, quero que ela diga, que se submeta.

— Matheus, seu ordinário. Não pare, não vou pedir que se afaste e menos ainda que pegue leve. Faça logo isso. Me fode com força, você queria me ouvir pedir, não é? Estou implorando.

Sorrio.

— Era o que eu queria, Sereia.

Então a beijo, com força, mordo seu lábio, ouço-a gemer cada vez que minha língua invade a dela e não dou espaço para que ela respire, para que se afaste ou deixe de me beijar em momento algum. Desço a mão pela lateral de seu corpo, apertando, beliscando de leve, até alcançar o meio de suas pernas. Sei que ela espera um toque leve, mas não faço isso. Passeio os dedos por uma perna, subo até tocar a tatuagem provocante de algema em sua virilha, e não deixo sua boca. Por fim, diminuo a intensidade do beijo, apenas porque quero ouvi-la. Mordo seu lábio devagar e em contraste, enfio um dedo nela com força, ao mesmo tempo em que alcanço seu clitóris e o esmago com o dedo. Ela grita, bem alto, se contorce, sacode as mãos tentando se soltar, lágrimas escorrem de seus olhos, e ela não consegue mantê-los abertos. Eu não paro. Volto a beijá-la com força, e enfio mais um dedo, rodo dentro dela, tão apertada, tão quente. Lembro-me dela exatamente assim. Ela geme em minha boca, chora, e sei que vai pedir que eu pare. Então me afasto de sua boca o suficiente para ouvi-la dizer.

— Pare, Matheus pare, eu não aguento mais, pare.

Imediatamente paro. Ela demora alguns minutos para abrir os olhos, seu corpo continua se contorcendo e ela tenta fechar as pernas, mas não permito, deixo meu joelho bem próximo ao seu centro, e quando se mexe demais, ele bate ali, e ela grita. Então percebe que é pior se mexer e fica

quieta, abre os olhos devagar, estão desfocados.

— Você me pediu para parar, Sereia?

— Você é cruel — ela sussurra.

— Eu disse que não aceitaria que você me pedisse para pegar leve.

— Mas isso é tortura. E você parou.

Sorrio e a beijo levemente.

— Não parei. Você me desobedeceu. Só queria avisá-la que agora terei que castigá-la.

Finalmente ela abre os olhos totalmente.

— O que vai fazer?

— Não tenho um chicote, não quero tirar minha mão de perto da sua boceta encharcada. O que posso fazer?

Ela engole em seco e me olha. Nunca a vi assim, tão entregue, tão quieta em meus braços. Quase tremendo em expectativa.

— Acho que sei o que fazer, querida. Grite à vontade, me peça para parar, dessa vez, eu não vou te atender.

Saio de cima de seu corpo e vou mordendo-o até parar a boca a centímetros de onde realmente queria chegar. Ela tenta fechar as pernas, mas as seguro bem separadas.

— Acho que você vai fazer o teste agora, querida. Lembre-se disso a próxima vez que duvidar do que sou capaz de fazer com a língua.

Não espero que ela responda, e o que quer que fosse me dizer, morre em um gemido quando minha língua alcança seu clitóris, chupo com força, mordisco, e enfio o dedo novamente nela. Ela fecha as pernas ao redor de meu rosto, se contorce, grita, me pede para parar, grita que não aguenta mais, e quanto mais ela grita, mais forte eu faço. Mais forte chupo, mais giro o dedo dentro dela, ela grita cada vez mais alto. Meu pau lateja para entrar nela, mas hoje ele não fará isso. Ela esperará por isso, desejará isso e será ela a me pedir para dar isso a ela.

Quando ela começa a tremer e suas paredes apertam em volta do meu dedo, sei que está no limite então paro de chupar, não paro o movimento com o dedo nela, mas enfio mais um, lambo vagarosamente seu suco, ela chora, resmunga, tenta soltar as mãos, afasto-me apenas para olhar para ela.

— Eu sou seu dono. Lembre-se muito bem disso.

Então ataco de novo, me ajoelho para vê-la gozar, com dos dedos dentro dela, e preciso apenas apertar seu clitóris bem forte e ela goza. Grita, se contorce, e seu líquido escorre por meus dedos. E então acontece. Eu me esqueci totalmente do efeito de um orgasmo nela. No momento em que ela goza, levanta os pés em chutes fortes, e acerta com tudo minha orelha.

— Caralho! — grito.

— Matheus! Ai meu Deus, me desculpe. Você está bem? Desculpa!

— Não posso ouvi-la — digo batendo a mão no ouvido, parece que estou com um surdão. — Diga alguma coisa agora.

Então ela ri, ri alto, gargalha. E eu rio junto.

— Não estou surdo — digo.

— Que bom — ela murmura enquanto deito em cima dela e liberto seus pulsos, estão vermelhos do tanto que ela puxou. Massageio um pouco, mas ela não parece sentir dor. Confiro a marca em volta de seu mamilo, então apago a luz.

— Matheus? — ela chama confusa.

— Hoje não, querida.

— Mas...

A puxo para meus braços e a beijo.

— Durma, você disse que estava exausta.

— Mas...

— Dorme meu amor, terei uma eternidade para te dar o que você quer.

Aperto-a em meus braços e ela dorme. Enroscada em mim. E nem me importo em como estou suando, nem em como ela está suada, nem com o fato de meus dedos estarem pegajosos. Nada importa, ela está finalmente em meus braços. Calada, o que é melhor ainda. Beijo sua testa, a observo um pouco, logo o sono me toma e apago todas as luzes. E a aperto bem forte em meus braços, pois se tudo der certo, não a terei assim amanhã à noite. Se tudo der certo, ela me odiará pela manhã.

Ela resmunga alguma coisa e acaricio seu cabelo.

— Shhhhh, durma querida, durma agora, porque amanhã você vai provar do próprio veneno.

Preciso que ela sinta exatamente o que me causou, para que nunca mais aja da mesma maneira. E convenhamos, ela bem merece um pequeno susto.

Acordo me sentindo dolorida, bem lá, sabe. Fecho as pernas imediatamente e resmungo. Sonhei. Sonhei bem forte. “Não foi um sonho, sua retardada. E foi algo de que você precisa se lembrar.” Então me lembro. De tudo, cada minuto, cada segundo, eu me lembro. Filho de uma mãe. Só vai me dar o que quero quando eu implorar.

Eu me viro pronta para atacá-lo, mas ele não está. A cama está vazia.

É como ter um déjà vu.

Levanto-me imediatamente e chamo por ele, mas não está em lugar nenhum. Ele não está. Olho pela janela a procura de seu carro, mas não o vejo. Foi embora. Foi embora de novo e me deixou aqui.

“Não seja paranoica, deve ter ido tomar um café.”

E essa foi a primeira frase que a voz na minha cabeça me disse na vida. E ele nunca mais voltou, e ela nunca mais parou de falar. Sento-me na cama e olho meus pulsos vermelhos, meu seio tem uma marca roxa enorme. Enrolo-me na coberta e penso no que fazer. É quando a porta do quarto é aberta e ele entra assoviando, olha para mim e estende uma bandeja com o café da manhã.

— Bom dia, Sereia.

Estou dividida entre querer matá-lo e querer pular nele por estar aqui. Ele parece perceber meu transtorno, pois deposita a bandeja na cama e se aproxima de mim.

— Está tudo bem? Você está com dor? Gil, por que está com essa cara?

Ah sim, com dor. Uma dor que você parece não saber como aliviar.

— Por que eu não te deixei surdo?

Ele sorri. Levanta-se de novo e volta a pegar a bandeja de café.

— Tome, já vamos sair.

— O carro apareceu?

— Sim.

— E sobrou alguma coisa? — Ele parece confuso. — Das nossas coisas. Levaram tudo?

— Ah isso. Não levaram nada, não se preocupe.

— Espera, está dizendo que roubaram seu carro para dar uma voltinha apenas? Não levaram nada?

— Sim. Não. É o que estou dizendo e não levaram. Parece que temos sorte.

— Parece — concordo com tanta ironia que ele ri.

— Vista-se, Gilcelle, te espero lá em baixo.

E assim, ele sai e bate a porta. Assim, sem um beijo, sem um carinho, como se eu fosse uma qualquer. Tomo o café depressa, e desço enrolada no roupão, não quero vestir roupas sujas. Matheus está conversando com o recepcionista do motel quando me aproximo. Ele me olha, então volta a olhar para o homem e age como se eu não estivesse ali. Respiro fundo, vou até o carro, puxo minha mala e escolho um vestido. Então, tiro o roupão e troco vagarosamente de roupa. Tudo o que ouço então é o silêncio. Antes de ouvir um engasgo e passos rápidos em minha direção.

— O que está fazendo? — Matheus pergunta furioso e estende o roupão tentando me cobrir.

— Trocando de roupa. Você não levou minha mala lá em cima. Tive que me virar.

— Meu Deus, Gilcelle, eu juro que ainda mato você.

— Boa sorte, *querido*.

De repente ele sorri.

— Não preciso de sorte, *querida*.

Ele devolve o roupão para o recepcionista que mal pisca olhando para mim. Então dou uma piscadela para ele quando entro no carro. Assim que arrancamos, prevalece a maldita lei do silêncio. Sabe quando você tem um monte de coisas para falar, mas não quer ser a primeira a quebrar o gelo com uma pessoa que não merece que você se renda? Estou assim. Coloco os pés no banco, mas nem para chamar minha atenção ele me olha. Fica ali, como se fosse o dono do mundo, olhando para a estrada, com as duas mãos no maldito volante, a cara lavada de gay. Irrito-me. Você não faz ideia de como ser ignorada é irritante. É muito, muito mesmo. Não suporto. Grito e viro o volante.

Ele sorri enquanto o carro dá uma derrapada, e retoma a direção.

— Está nervosa, querida?

Yes, ele falou primeiro. Sou ou não sou demais?

— Eu? Nem um pouco, por que estaria? Mas eu queria conversar, sabe. Como foi sua noite? A minha foi estranha, andei tendo sonhos.

Ele não me olha, mas há um maldito sorriso em seus lábios e sei que está com apenas uma sobrelanceada arqueada.

— A minha noite foi normal. Obrigado por perguntar.

— Normal? Filho de uma puta! Não foi uma noite normal quando você a passou com a boca no meio das minhas pernas!

Ele parece surpreso.

— Vamos falar disso? Achei que fossemos agir como sempre e fingir que nada aconteceu.

Eu o encaro em choque. Um, respiro fundo e tento me acalmar. Dois, tento me concentrar em algo que me acalme, como um frango bem assadinho girando no assador. Três, foco seus olhos arregalados e de repente ele para o carro, no meio da pista mesmo.

— Quatro — dizemos juntos quando tiro o cinto, pulo em cima dele e puxo seu cabelo.

— Idiota! Idiota! Imbecil! Sua língua nem é tudo isso. Não gosto de faixas de roupão, idiota! Eu fingi o orgasmo.

Sacudo sua cabeça para frente e para trás, batendo-a no banco, que é macio, e ele está apenas rindo de meu ataque nada dolorido. Certifico-me de puxar bem seu cabelo, pelo menos isso, antes de me cansar de sua aceitação ao meu ataque e voltar para meu lugar frustrada, e grito:

— Vamos logo!

E o filho de uma puta está gargalhando.

Vamos ser sinceras, ok? Eu não esperava acordar com um buquê de flores. Não esperava que ele se declarasse, colocasse uma aliança no meu dedo e dissesse que estamos mesmo de casamento marcado. Não esperava nada disso. Eu só queria que ele estivesse na cama quando eu acordei. E depois, eu só queria que ele entrasse no quarto, e me abraçasse e me jogasse na cama, só para eu ver que ele esteve na cama comigo em uma manhã de dia seguinte. E agora eu só quero que um meteoro caia bem no lado dele do carro, levando metade do carro e ele todo terra abaixo. Ficarei triste por perder o carro, mas prometo que gargalharei como uma bruxa de felicidade por ele.

Mas, claro que nada do que eu quero acontece. Vida real. Ninguém tem o que quer. Vou encarar a merda da situação. Acalmo-me, me recosto no banco e fecho os olhos. E finalmente, ele liga o carro. Abro os olhos e de repente, ele está em cima de mim, me dá um beijo estalado na boca e se afasta.

— Bom dia, querida.

— Filho de uma puta! — Não espero chegar no quatro, pulo em cima dele de novo e ele volta a rir, dessa vez segura minha cintura e deita a cabeça em meus seios. — Me solta! Idiota! Língua pequena!

Dedos pequenos! Idiota!

Ele afrouxa os braços e saio de seu colo.

— Meu Deus! Onde eu fui me meter? — reclama.

— Matheus Amorim, vamos deixar uma coisa bem clara aqui. Estou fingindo ser sua noiva, mas não sou de verdade. Não me toque, não me beije, nem me olhe, de preferência. Seja um noivo frio e relapso que não se importa com a noiva. Típico de homens ricos.

Ele arranca com o carro só para jogá-lo no acostamento. Abre a porta e sai. Espero, não vou sair atrás dele. Ele se recosta no carro, cruza os braços e olha para o sol rachando a estrada.

— Merda — saio do carro e me aproximo dele. — Vamos ficar aqui até quando?

— Até conversarmos como adultos. Você acha que consegue?

Cruzo os braços também, e o encaro de nariz empinado.

— Tenta a sorte.

— Gilcelle, não podemos continuar assim. Minha família acha que somos noivos. Acha que nos amamos, que temos intimidade, que nos damos bem. Não vai funcionar se cada vez que eu tocá-la, você pular em cima de mim para me deixar careca.

— Não me toque, e não te machucarei.

— Vou tocá-la. Você é minha noiva. Vai ter que entrar na minha casa de mãos dadas comigo e sem uma careta de repulsa por meu toque. Vai ter que me beijar cada vez que acharmos que ninguém está olhando. Vai fazer seu papel direito, porque tem dois milhões meus na sua conta e você se comprometeu a isso.

Nem tem mais, já passei uma parte para Antônio.

— Tudo bem. Vou me comportar. Mas você também precisa se comportar. Matheus, por favor, não me beije de novo — peço olhando em seus olhos e noto que isso o magoa.

— Gil, me desculpa se eu...

Levanto as mãos imediatamente e ele se cala.

— Não peça desculpas. Não me peça mais desculpas. Estou cansada disso. Homens que se desculpam demais são craques em fazer merda. Nada aconteceu, nunca aconteceu. Você é um gay embutido, eu sou uma oportunista, você me pagou e vou fingir ser sua noiva. Depois vou pedir conta da V.D.A., jogar o Cleber pela janela e serei rica e feliz bem longe de você. Mas não me peça mais desculpas.

Ele assente.

— Não pedirei, Sereia. Talvez eu consiga mostrá-la isso.

— Muito trabalho em vão.

— Não me importa. Preciso que fiquemos em paz, tudo bem?

Concordo com a cabeça e ele me estende a mão. Estendo a minha e coloco sobre a dele. Tudo bem, vamos tentar não nos matarmos nessa semana. Mas então, o imbecil me puxa pela mão para o meio de suas pernas e me beija. Nada de pequeno estalo dessa vez, ele invade minha boca e aperta meu corpo ao seu. Sua mão aperta tanto minha bunda, que quase me levanta. Um carro passa buzinando por nós e alguém grita que tem um motel um pouco antes, e finalmente consigo me afastar. Vou direto com a mão em suas bolas, para matá-las de uma vez, mas ele prevê isso e a segura.

— Irei beijá-la muitas vezes. Você é minha noiva. Não pode apertar minhas bolas cada vez que eu fizer isso.

— Você não leva a sério as coisas simples que te peço. Quer tornar nossa convivência um inferno?

— Não quero, Gil. Quero apenas terminar essa e as outras noites na cama com você.

— Não é agindo assim que vai conseguir isso, seu estúpido.

Me solto de suas mãos e entro no carro. Ele entra em seguida, calado. Quando entramos em

Baependi, me atrevo a perguntar, preciso mesmo saber.

— Matheus, eu fiz alguma coisa à noite?

Ele me lança um olhar malicioso.

— Que tipo de coisa?

— Falei alguma coisa enquanto dormia?

Ele franze o cenho.

— O que deveria ter dito?

— Não sei, algo como idiota, traste, imbecil, gay. Coisas assim.

Ele me olha nos olhos, parece ainda mais confuso, mas desvia o olhar para a estrada enquanto nega com a cabeça.

— Você não disse nada. Por quê?

Dou de ombros. Parece que não chamo por ele quando está na cama comigo. E então começo a pensar se é melhor que a mãe dele seja uma moralista que não nos deixará dormir juntos, como tenho rezado que seja, ou se é melhor que seja liberal e nos permita dormir juntos. Se eu dormir com ele, acabaremos todas as noites nos amando ou nos matando. Mas se eu não dormir, gritarei por ele à noite.

Descemos do carro em frente sua casa e respiro fundo quando avisto a cabeleira loira de Marisa na janela. Estou nervosa. De repente quero voltar para o carro e me esconder lá, mas Matheus passa o braço por minha cintura e me abraça.

— Relaxa, vai dar tudo certo.

— Isso vai ser um desastre, Matheus.

— Não vai. Você só tem que fingir que me ama. Eu não precisarei fingir.

Olho para ele, mas a porta é aberta e o grito de Marisa me faz olhar para frente.

— Gilcette! Que bom vê-la querida! Por um momento tive medo que o meu Matt aparecesse aqui com um cara, acredita? Ainda bem que você é uma mulher.

Matheus revira os olhos e não sei o que responder. Meu Deus, essa semana vai ser longa!

Capítulo 8

Gilcelle

Marisa é uma mulher bonita, me lembro dela. Quando era mais nova, e tinha uma paixonite pelo Matheus (tinha, não tenho mais) eu meio que a vigiava, porque ela seria minha sogra um dia e eu queria que gostasse de mim. Agora está aqui pensando ser minha sogra. A vida é uma enorme bosta irônica. Ela tem o cabelo loiro bem claro, comprido, e uma cara desconfiada. Abraça rapidamente Matheus e me arrasta pela mão para dentro da enorme casa.

Quando era mais nova e tinha aquela paixonite boba, era doida para entrar nesta casa. Para ver como era por dentro, e ir ao quarto do Matheus, claro. Eu não esperava encontrá-lo lá, sua mente suja, seria constrangedor mexer nas cuecas dele com ele presente. Eu só queria confirmar que não eram cor de rosa. E ver de que tamanho eram, não me pergunte por quê.

Ela segura minha mão me arrastando e Matheus rapidamente segura a outra, me protegendo, eu acho.

— Vai com calma, mamãe — ele diz cauteloso.

— Não seja bobo. Só quero conhecer minha nora. Venha Gilcelle, querida. Vou te mostrar a casa — ela me puxa da mão de Matheus e de repente não estou mais na sala onde entramos.

A casa é enorme, é um tal de sobe e desce escadas, estou cansada quando ela diz que estamos na metade do tour. “Pelo amor de Deus faça-a calar a boca”. Cale a boca você, voz, ela é minha sogra. Ou quase.

— Marisa, será que podemos ir ao encontro do Matheus? — Não aguento e peço.

A velha abre um sorriso enorme e assente rapidamente com a cabeça.

— Claro, querida. Está com saudade dele, não é? Sei que moram juntos, trabalham juntos, se veem o dia todo. Você não aguenta ficar longe dele. Que lindo! Vou levá-la de volta a ele.

Sorrio meu sorriso menos assustador e a mulher pega minha mão de novo e me arrasta. Assim que entramos na sala, avisto um loiro lindo (não é o Matheus). Olho para o lado e avisto uma mulher pendurada nele. (No Matheus). Espero que ela seja sua irmã, porque se não for, esse cabelo liso dela estará nos meus dedos em dois minutos.

Marisa responde meu questionamento ao gritar:

— Amanda, saia de cima do seu irmão! Miguel, chame o Marcus, venham conhecer a noiva do Matheus. Noiva! Mulher! Chame-o!

Mas Miguel não se mexe. Ele me olha. De boca aberta e sem desviar os olhos. Sinto-me sem graça e tento me enfiar atrás de Marisa, mas ela é baixinha, e o irmão de Matheus fica ali me secando. A loira, Amanda, sai de cima de Matheus e logo, mais um loiro entra na sala. Esse tem cara de malvado, e alguma coisa nele é estranha, mas não sei dizer o quê.

— Gil, minha querida nora. Esses são meus outros filhos, seus cunhados. Esse é Marcus, aquele é o Miguel, e a caçula, Amanda.

— Espera — digo antes mesmo de apertar a mão de algum deles. — Matheus, Marcus, Miguel e Amanda?

Marisa parece não entender, mas Amanda cruza os braços, claramente irritada.

— Sim, qual o problema?

— Nada. — Dou de ombros. — Só que você é meio que a renegada, sabe. Toda mãe tem aquele

filho que escapuliu, e aí ela nem se preocupa em dar sequência a nomes. Tipo, eu não queria esse filho, então vai Amanda mesmo, é com A, primeiro nome que veio à mente. Coisas assim.

— Para o seu governo, me chamam de Mandy.

— Foi você quem escolheu esse apelido?

Ela assente.

— É, você é esperta.

Ela sorri e me estende a mão. Lembro-me bem pouco dela, era criança quando Matheus foi embora, deve ter uns dezessete anos agora, embora seja bem baixinha e tenha um rostinho de boneca.

Após todas as cansativas apresentações, em que não faço a menor questão de ser simpática, Marisa me inventa um almoço na casa de alguém, que é parente de não sei quem. E tudo o que menos quero hoje é sair. Meu cabelo está sujo de estrada, o meio das minhas pernas está dolorido, Matheus ainda está meio surdo e não faço mesmo questão de conhecer o resto da família dele. Só vamos ficar uma semana. Depois serei uma rica solitária, pra que laços familiares?

O encaro com um bico e ele entende que não quero ir.

— Mamãe, a Gil está cansada. Por que não deixamos para outro dia?

— Mas Matt, ela precisa conhecer a Cotinha, a Ernestina, a Rosalinda, a Rivalda, a Margarida e a Antonela. E o Afrânio. Ele sempre disse que você parecia uma Barbie. Eles precisam ver que você tem uma noiva.

— Meu Deus! Daqui a pouco vão me pedir para tirar a roupa e abrir as pernas para ter certeza que sou mesmo uma mulher! — Não quero ser hostil com ela, mas isso de ficar insinuando que ele é gay o tempo todo me irrita.

Amanda e Matheus riem, Miguel engasga e Marcus parece horrorizado. Eu já disse que há algo estranho com esse Marcus?

— Mamãe, ela está cansada. Acho melhor tomar um banho e dormir um pouco até a hora do almoço.

— Ficar um pouco sozinha — completo. Essa casa branca, com esses móveis brancos e esse monte de gente loira, preciso sair daqui.

— Venha então querida. Marcamos o almoço depois. Vou levá-la para o seu quarto.

Ela pega minha mão e vai me arrastando escada acima. Passamos por um corredor enorme e cheio de portas, mas adivinho a porta do quarto do Matheus, porque há um cavaleiro do zodíaco pregado nela. Aponto com o dedo.

— Este é seu quarto.

Ele sorri atrás de mim.

— Sim. — Pega minha mão e me leva para dentro dele.

— Tinha mesmo que ter um cavaleiro de armadura rosa? Tantos cavaleiros e você gosta do rosa? Depois não vá reclamar quando me pedirem para abrir a boceta para terem certeza que esse rachado não é resultado de uma cirurgia.

Ele dá uma gargalhada e bagunça meu cabelo.

— Acredite, esse não era o cavaleiro gay. Veja meu quarto, Sereia.

— Você está de brincadeira!

A parede do quarto de um adolescente espinhento de interior, é cheia de:

A – fotos de jogador de futebol

B – fotos de bola

C – fotos de banda de rock

D – fotos de mulher pelada

Mas, a parede dele é cheia de Ariel. Sim, a Ariel, Sereia da Disney. Nem no meu quarto quando eu era criança e doce, tinha princesas na parede. Encaro aquilo de boca aberta e olho para Marisa com uma careta.

— Eu sei, filha — ela diz resignada. — Isso também me assustou.

Matheus me puxa pelo braço e me abraça por trás, como se fosse o máximo ter um monte de Sereias espalhadas por seu quarto.

— Matheus, você sabe o quanto isso é gay? Tipo, mais gay do que o cavaleiro rosa na porta. Mais gay do que todas as frescuras juntas. Isso é muito gay.

Ele apenas sorri enquanto recosta o queixo na minha cabeça.

— Baile do ensino médio. Você foi vestida de Sereia. Parecia com ela. Você tinha o cabelo longo, e em ondas vermelhas. Usava um top verde atrevido e aquela saia colada às suas curvas. A apelidei de Sereia. Essa Sereia ruivinha sempre me lembrou você.

Merda. Odeio quando quero odiar e o suposto odiado é um fofo. E me faz ter vontade de beijá-lo e apertá-lo e até fazer carinho nele. Odeio gente fofa.

Não consigo responder, e o “own” exagerado que a mãe dele solta é que me faz voltar a terra.

— É fofo, mas continua sendo gay — digo e ele sorri, beija meu pescoço e se afasta, pegando minha mala do chão e jogando sobre sua cama.

Mas não é fofo. É mais do que isso. Poxa, o cara encheu o quarto de Sereias por minha causa. Ou só me usou de desculpa para ter princesas espalhadas por seu quarto. Mas então, quando olho sua cômoda, quase caio para trás.

— Matheus! O que é isso? — Aponto para a foto que ele tem ali. Sou eu, com 13 anos. De aparelho, trancinha e a cara cheia de sardas. Meu apelido detestável era sardinha acesa. E ele fotografou isso.

Ele corre e abaixa o quadro, estende um dedo e fecha totalmente a cara antes de ordenar.

— Mantenha distância das minhas coisas. Não é para você tocar nisso.

— O caralho que não vou tocar, vou jogar isso fora agora.

Pego a foto, mas ele a tira da minha mão, tento pegar de novo, mas ele joga o quadro na cômoda e me pega pela cintura.

— Fica quieta ou vou te fazer cócegas.

— Covarde!

— Encrenqueira. É só uma foto.

— Não! É a pior foto, isso é pior do que uma foto minha cagando. Por que você fez isso?

— Você era assim quando a conheci.

— Não justifica.

— Foi o primeiro dia que te vi. Você estava correndo, e trombou em mim. Jogou suco de uva na minha roupa.

— E você gritou como uma menina e me mandou tomar no rabo.

Ele segura meu rosto nas mãos e sorri.

— Sim. Tive que ficar sem camisa a aula toda.

— Porque era um fresco. Foi só uma manchinha.

— A primeira de muitas, mas foi a primeira — ele diz.

— Para de ser fofo.

— Não estou sendo fofo. Eu disse que a mostraria, ao invés de pedir desculpas.

— Mentira. Você ligou para sua mãe e pediu para ela armar tudo isso. Safado.

Ele gargalha e me abraça. E Marisa nos interrompe batendo palmas como uma foquinha.

— Isso é lindo. Vocês se amam. E você é uma mulher linda, e terei muitos netinhos. Tomara que puxem seu cabelo, estou cansada de loiros nessa família. Venha Gil, vou mostrar seu quarto.

Tento ir, mas Matheus segura minha mão.

— Ela pode ficar aqui, mamãe.

— De jeito nenhum! Não me importa se dormem juntos lá na capital, debaixo do meu teto, vão seguir as minhas regras! Cada um em um quarto, e nada de fornicação na minha casa.

Ela sai batendo o pé e a seguimos.

— Ela disse fornicação? — sussurro.

— Se ela soubesse como você é chata, não nos deixaria em quartos separados — ele diz.

— Se ela soubesse como você é idiota, nos deixaria em continentes separados.

Meu quarto é aconchegante e...

— Não é branco! Nada contra o resto da sua casa, Marisa, mas estava agoniada de tantas coisas brancas em um único lugar. Marrom. Cor linda! Obrigada, Senhor!

Ela parece magoada, e empurra Matheus porta afora para que eu descanse. Mas nem dois minutos depois, a porta abre e Marisa entra.

— Oi querida, está bem?

— Sim — digo desconfiada.

— Eu queria te perguntar uma coisa, mas não se assuste.

— Claro, Marisa.

— Você e meu filho... — Ela enrola os dedos um no outro e não entendo o que quer dizer. — Assim, sei que moram juntos e provavelmente sim, mas eu, ele faz direito? É que ele sempre foi meio fraquinho, sem pegada, nunca teve namorada...

Estou em choque. De olhos abertos, boca aberta e sem saliva na boca. Ela me encara, nem um pouco constrangida. Senhor, só falta eu ter que inventar coisas sobre minhas transas fantasmas com Matheus para essa mulher. O que posso dizer? Que ele fode gostoso com a boca e age como se não fosse nada na manhã seguinte? Que ele tem um chicote e eu uma coleção e algemas? O que essa mulher quer saber?

— Só quero saber se ele sobe — ela faz um movimento com o dedo — com você.

Então, finalmente entendo aonde ela quer chegar, e me irrita, muito.

— Sim Marisa, sobe. Ele fode com força, gostoso mesmo. Me faz gozar, toda noite. Por isso queríamos dividir o quarto. Ele é macho. Era isso o que queria saber? Seu filho é homem! Pare de insinuar o contrário!

Ela está em choque, mais do que eu estava. Gagueja, fica vermelha e aponta sem graça para um papel pregado na porta do guarda-roupa.

— Regras. Leia, por favor — então sai.

Jogo-me na cama. Até que não foi tão mal, não é? Só preciso resistir às fofurices dele e às loucuras da mãe. Uma semana. Posso fazer isso. Não vamos nos matar afinal de contas. Só preciso lembrar do frango assadinho rodando cada vez que a mãe dele começar a falar, porque ela fala demais. E então a semana terá acabado e tudo ficará na mais absoluta paz.

Mas, quando desço para o almoço, percebo que não será tão fácil assim. Não preciso dizer que a cozinha é branca. Ok. Há uma mesa enorme e todos estão em pé, cada um diante de uma cadeira. Estranho. Ok. Assim que entro, Marisa sorri.

— Gilcelle — diz apontando para uma cadeira ao lado da de Matheus.

Caminho até ela e imito o que todos estão fazendo. Marisa me estende um laço. O pego sem entender para que aquilo.

— Vá prender o cabelo querida. Não queremos encontrar um fio vermelho boiando no ensopado, não é mesmo?

Olho para Matheus para me certificar de que ela está falando sério, mas ela está. Puxo o laço de sua mão com uma careta e prendo o cabelo.

— Pronto.

— Agora vá lavar a mão.

Respiro fundo e Matheus me olha quase com súplica no olhar. Saio batendo os pés e ouço Marcus, o estranho, resmungar que está faminto. Volto com as mãos molhadas e faço questão de sacudi-las em Marisa, para que ela veja a água respingando.

— Matheus, dê graças — ela ordena.

— Obrigado por esse alimento, que nunca nos falte.

Então todos se sentam. Menos eu, que achei que ainda teria mais alguma coisa na cerimônia. Matheus me puxa e caio na cadeira.

— Por que tem sete colheres aqui? — pergunto baixinho a ele.

— Uma para cada comida. A maior é a do arroz. A menor, a do purê.

— Está dizendo que não posso misturar arroz com feijão no prato?

Ele sorri, mas parece preocupado.

— Não. Eu devia ter mencionado antes. Uma coisa de cada vez. Ou enlouquecerá minha mãe.

Olho para a mesa e os siameses loiros todos comem apenas uma coisa por vez. Aliás, cada comida está bem distante da outra nos enormes pratos. Eles não misturam comida mesmo. Matheus coloca a comida no meu prato exatamente assim, uma coisa bem longe da outra.

— Gilcelle, querida. Essas colheres de cabo vermelho serão as suas. Comprei esse jogo especialmente para você.

— Obrigada?! — De tudo que imaginei ganhar de presente da sogra, um jogo de colheres não estava entre as opções.

— Você só vai comer com essas colheres enquanto estiver aqui — Matheus explica.

— Sério? E se eu quiser te dar comida na boca, da minha colher?

— Você não quereria.

— Estou com vontade agora — digo e levanto a colher de purê em direção a ele, que come da minha colher.

Então todos param de comer.

— Caralho de família esquisita! Por que ela não está com sete colheres? — pergunto apontando para Amanda.

— Ela é divergente. Não sei o que é isso, mas não me obedece — explica Marisa tristemente.

Eu quero mesmo que isso dê certo. Essa semana. Matheus me pagou bem e prometi ser uma noiva exemplar. Mas isso está me enlouquecendo! Respiro fundo. Um, é só uma semana. Dois, o frango assadinho girando no assador. Três, a comida longe uma da outra no meu prato. Quatro, Matheus

conta comigo quando pego a maior colher por perto e misturo tudo. Faço uma verdadeira gororoba no meu prato. Ainda jogo farinha, junto tudo em uma montanha e finalmente, respiro aliviada.

— Assim, eu com assim. Como gente normal.

— Comer uma montanha não é normal — diz Marcus.

— Homem usar desodorante feminino, não é normal. O seu é igual ao que eu uso.

Ele parece sem ar e Marisa o olha, horrorizada.

— Matheus. Não estou com fome, não estou mais com fome! — grito.

— Claro, querida. Venha comigo.

Saímos da mesa sob os protestos do Marcus, o estranho, e Matheus me deixa chutar folhas do lado de fora e depois amontoá-las e jogá-las nele. Então, finalmente me acalmo.

— Não vou sobreviver — choramingo.

— Vai amor, vou fazer valer a pena.

— São loucos, Matheus. É frescura demais.

— Vai ficar tudo bem — ele diz me abraçando.

— Quero quatro milhões. Ou serei divergente com sua irmã.

— Nem pensar. Se tivesse pedido antes, eu aceitaria, mas você prometeu ser uma noiva exemplar por dois.

— Eu te odeio! — Merda. Isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

Matheus

Há um motivo para eu ter ido estudar bem longe daqui. Recordei-me dele dez minutos depois de ter colocado os pés em casa. Não me leve a mal, amo minha família, mas eles enlouquecem qualquer um. Eu deveria ter levado a Gil para qualquer lugar do mundo, menos para cá. Não sei onde estava com a cabeça.

— Espero que no mínimo, nos seus próximos natais em família, parem de insinuar que você é gay.

— Não vai acontecer. Se eu aparecer no próximo natal sem você, vão achar que desistiu porque sou fraco.

Ela sorri enquanto guarda as roupas no guarda-roupa.

— Sua mãe veio me perguntar se você sobe comigo.

Engasgo com o nada e a observo curioso.

— Não se preocupe. Estou honrando meus dois milhões. Eu disse a ela que você fode com força e me dá vários orgasmos. — Sorrio. Não posso imaginar a cara da minha mãe ao ouvir algo assim. — Portanto, no próximo natal, você será o garanhão que terminou com a noiva encenqueira para curtir sua fama de bom fodeodor.

— Talvez isso se espalhe por aqui e eu consiga pegar as Lacerda.

Ela me olha com uma careta.

— Elas ainda vivem aqui? Não se casaram?

— Não. São todas solteiras, fáceis e lindas, as quatro.

Elisa, Luísa, Laisa, e Lanisa, são quadrigêmeas que estudaram conosco. Lembro-me de se juntarem para bater na Gil uma vez, na oitava série. E essa pequena Sereia arreventou as quatro.

— Cretino. Vá usar sua língua nelas, faça bom proveito de todas as doenças que aquelas pererecas carregam. — Ela suspira pesadamente e espero que vá pedir para ir embora, mas a reclamação é outra. — Não tenho uma calcinha. Nem um sutiã. Não vou descer para o chá da tarde assim.

— Não é um chá da tarde, é um lanche. E vamos a uma loja de lingerie comprar algo para você.

— Vou comprar a loja toda para você deixar de ser idiota. Não aguento mais ficar sem calcinha.

Quase engasgo de novo e me sento na cama.

— Está sem calcinha, Gilcelle?

— É claro! Você jogou todas fora! Qual acha que eu colocaria depois do banho no motel onde não dormimos?

— Está me dizendo que pulou no meu colo de vestido, sem calcinha?

— Sim.

— Sentou-se à mesa de frente para meu irmão, de vestido, sem calcinha?

— Sim. E se não me arrumar calcinhas novas hoje mesmo, amanhã farei questão de abrir as pernas para ele. Pelo menos assim ele vai dizer que minha xoxota é uma xoxota, e não tem nenhum pau embutido aqui dentro.

— Você tem ideia do quanto é atrevida?

— Seu irmão nem deve saber o que é uma xoxota. Você viu a cara dele para os meus seios? — Ela fecha a porta e encara a enorme folha que minha mãe deixou com as regras. — Vamos ver o que temos aqui. Não sentar na tampa do vaso. Uau! Essa é a regra número um! Como a Amanda faz xixi? Regra dois, usar apenas seu sabonete. Três, não entrar no quarto com sapato que veio da rua. — Ela me encara e assinto, então volta a olhar a folha, passa o dedo por um monte delas, soltando um palavrão de vez em quando. — Você precisa ver essa! Não tocar suas partes íntimas nos banheiros

compartilhados. Que merda é essa?

— Muitos homens em uma casa.

— Você quer dizer, homens que não comem nenhuma mulher e precisam se masturbar, é isso? Ainda bem que tem essa regra, ela deveria ser a primeira, Deus me livre achar algo de seus irmãos estranhos na banheira.

Sorrio e volto a me deitar, ela está levando isso bem melhor do que eu teria imaginado. Quando Miguel trouxe a primeira namorada aqui, mamãe a fez correr em dois minutos.

Pouco depois, ela se joga na cama ao meu lado.

— Não foi tão ruim — diz, mas faz uma careta e cobre os olhos. — Mentira! Foi péssimo. Sinto muito, mas não vou obedecer a sua mãe. Ali diz que não posso dizer palavrão e minha cara por si só já é quase um. Sua mãe precisa transar.

— Por favor, não fale da minha mãe e de sexo na mesma frase.

Fitamos o teto por um tempo, e seguro sua mão. Ela resmunga, mas não a tira da minha, o que considero uma vitória.

— Obrigado. Sei que não há milhão no mundo que valha o que você está fazendo.

— Na verdade isso é questionável. Aumente minha conta mais um pouco e serei obediente.

— Você nunca seria obediente, Gil. Mas, você foi ótima. Não deixou a mamãe montar em você. Ela te adorou.

— Duvido muito — ela diz, mas sorri, sabe que mamãe realmente a adorou.

Não consigo levá-la à loja de lingerie porque assim que entramos no carro, Miguel e Amanda entraram também, querendo dar uma volta com a gente. Então fomos dar um passeio para rever a cidade e voltamos para casa.

— Vou ficar resfriada. Acho que minha bichinha nunca pegou tanto vento — ela resmunga baixinho.

— Não se preocupe, eu a aquecerei com a língua.

Ela faz uma careta. E não janta quando chegamos em casa. Preciso resolver isso.

— Mamãe, não quero que minha noiva morra de fome. Ela vai comer do jeito que quiser comer, não quero nenhuma careta por isso.

— Claro, querido. Ela vai demorar um pouco a se habituar às regras da família. É meio, como posso dizer, esquentadinha, a sua Sereia.

— Ah sim, ela é fogo.

Espero todos irem dormir e entro no quarto dela. Achei ridículo isso de termos que dormir em quartos separados, mas mamãe tem um caso sério de amor com regras, e aí de quem quebrá-las. Abro a porta no mais absoluto silêncio, e ela não está na cama. Vou até a suíte, mas não está. Por um momento, temo que a maluca tenha fugido, mas ouço sua voz no corredor, em uma daquelas risadas falsas e rezo que minha mãe não entre com ela. Mas, Gilcelle não permite, ela para na porta e dispensa minha mãe dali mesmo. Posiciono-me bem atrás dela, e quando bate a porta e se vira, a agarro e a beijo.

Seu grito fica preso na minha boca, mas ela corresponde. A beijo muito, a encosto na porta, subo minha mão por sua coxa e a passeio por dentro do vestido. Quando me afasto para respirar, ela diz:

— Regra número cinquenta e três, nada de beijos nessa casa. Tenho certeza que se tivesse lido até a regra noventa e oito, chegaria na parte das mãos embaixo de vestidos.

— Adoro seu humor. O bom e o mau.

— Você me ama. E vou querer cem mil a mais por cada beijo que me der.

— E se eu comer você? Quanto terei que pagar a mais?

— Você não pode me comer, seria contra todas as regras de não fornicar que tem naquela lista. Além do mais, amanhã você fingiria que nada aconteceu e eu o odiaria por isso.

— Aprendi com você, querida, a melhor.

Ela me empurra e aponta para a porta.

— Fora, querido. Esse não é seu quarto.

— Posso ficar um pouco, se quiser.

— Não quero.

— Posso ficar assim mesmo.

— Suma, Matheus. Não quero sua mãe me dando sermão porque você dormiu aqui. Você precisa ver o que ela disse quando percebeu que estou sem calcinha.

— E como ela percebeu isso?

— Acho que seu irmão mais novo está apaixonado por mim.

— Miguel tende a se apaixonar por mulheres bonitas. Qualquer uma que veja. Mas, o que isso tem a ver com ela ter descoberto que você está sem calcinha? — Meu olho treme em tiques quando junto as peças, e quase não consigo falar. Então, a malvada começa a rir.

— Adoro esses tiques. Ele reparou que não havia marca nenhuma na traseira do meu vestido.

— Ah bom.

— Agora saia.

— Boa noite.

— Idem.

Ela bate a porta e vou cabisbaixo até meu quarto, mal entro, dou de cara com Marcus, parado no meio dele.

Vou explicar uma coisa sobre Marcus. Fui o primeiro filho e muito protegido pela mamãe. Não me deixava fazer nada. Então, veio Marcus, era a mesma coisa. Quando Miguel chegou, ela não dava conta de vigiar nós três, e Marcus era um garoto "normal". Do tipo que jogava bola com os moleques. Eu não fazia isso, nada contra futebol, mas detestava suar, contato com lamas, e garotos sujos encostando-se a mim. Foi aí que começou esse papo idiota sobre minha masculinidade. Porque apesar de termos a mesma criação, Marcus agia como um menino. Não que eu não agisse, mas esse povo de cidade pequena fala demais.

— Sei que isso é uma farsa, Matheus. Sei sobre vocês. Ela sequer falava com você há um mês e agora age como uma boba apaixonada. Quanto você a está pagando? Por quanto a comprou?

— Não ouse insinuar que ela está à venda, Marcus. Não ouse sequer olhar na direção dela. Gilcelle é minha, encoste um dedo nela e não importa que tenha meu sangue, eu o matarei.

— Vou desmascará-lo, Matheus. Não vai enganar a mamãe assim. Vou provar para a família toda que vocês estão fingindo, e que você é gay.

Então ele sai e bate a porta. Caralho! Marcus vai tentar seduzir a Gil.

Estou inquieto rolando de um lado para o outro na cama, quando ouço algo.

— Matheus! Não! Não faça isso! Não vá!

É a voz da Gilcelle. Levanto-me correndo, mas mamãe, cujo quarto é exatamente em frente ao dela, também ouviu. Amanda e Miguel também vêm sonolentos ver o que está havendo. Entramos todos no quarto e Gil grita meu nome, e rola na cama, lágrimas escorrem por seu rosto, mas está dormindo.

— Gil. Ei, amor. Acorde.

Jogo-me na cama e a puxo para meus braços. Ela abre os olhos atordoada. Mamãe segura sua mão e tenta acalmá-la.

— Está tudo bem, querida, ele está aí, com você. Veja. Não vai a lugar algum.

Ela olha para mim ainda atordoada e assente para mamãe, que solta sua mão.

— Vamos meninos. Deixem que o Matt a acalme.

— Mas, mamãe. Eles não podem dormir juntos. É contra a regra quarenta e oito. A senhora fez a Talula dormir na varanda! Mamãe! — resmunga Miguel.

— Chega, Miguel, falamos depois. Deixe-os.

Assim minha família maluca fecha a porta ao sair, e ela sai de meus braços e deita na cama. Deito-me ao seu lado, nem sei como começar a falar, como começar a entender o que aconteceu.

— Era isso que você achou que tivesse feito noite passada? Quando me perguntou no carro se havia dito alguma coisa, era isso? Você sempre chama por mim à noite?

— Foi um pesadelo — ela diz, mas não olha para mim.

— Você sempre tem esses pesadelos? Gilcelle, converse comigo.

— Preciso dormir! Não quero falar com você!

Ela seca o rosto e se vira para o outro lado. Apago a luz e a abraço. Ela não se afasta, mas sei que não está dormindo. Está tremendo levemente.

— Está com frio? — pergunto e ela assente. — Vem aqui, deite aqui comigo, vou aquecê-la.

Ela se vira para mim, mas antes que eu veja seu rosto, o enfia no meu peito. A abraço, cubro-a, e tento tranquilizá-la. Logo, ela adormece. Merda, o que foi que eu fiz com ela?

Estou louco de vontade de ir ao banheiro. Estou faminto, e ela ronca. Mas, não vou arriscar sair da cama e ela acordar bem nesse momento. Sozinha. Vou esperar que desperte, me veja aqui, brigue por eu estar aqui, mas saiba que eu estava exatamente onde deveria ter estado desde a primeira noite. Ela resmunga, ronca mais alto, e estende a mão, cobrindo minha face e empurrando.

— Para de me olhar dormir, seu esquisito.

Sorrio e mordo seus dedos.

— Você ronca como uma porquinha.

— Seu furico. Não ronco. Sou uma lady.

Ela esfrega os olhos, se espreguiça e então, me olha. Olha o sol lá fora, e olha para mim de novo.

— Estou aqui, amor. Na manhã seguinte. — Ela pisca os olhos e parece envergonhada. — Não vamos mais falar sobre ontem. Nada aconteceu — a tranquilizo.

— Sua mãe vai me dar um sermão por você ter dormido aqui? Porque se for, não vou tomar café da manhã. E o café daqui é preto, não é? Não gosto de café de outra cor. Tudo aqui é tão branco que me dá gastura. Seu irmão entrou no meu quarto pouco depois que você saiu, disse que errou de quarto, eu podia jurar que você disse que o quarto dele é no andar de baixo. E sua irmã canta durante a noite. Imagino que use fones de ouvido, pois grita tanto que não conseguiria ficar em um ambiente fechado com a própria voz. Sua família é meio estranha, e tem muita gente. Um mais estranho que o outro. Não sei que tipo de anomalia tem o gene de vocês, para terem saído todos assim.

Sorrio, ela não para de falar, porque não quer me olhar. Não quer conversar comigo, e falar sobre o que aconteceu, quer fazer o que sempre faz, agir como se não fosse nada. E neste caso, tenho que permitir. Até descobrir o que aconteceu, ela precisa esquecer. Pulo em cima dela e a beijo rapidamente, então me levanto.

— Vista-se, preguiçosa. Vou pegá-la para tomarmos café na rede, o que acha?

— Sem sua família maluca controlando com qual xícara devo tomar café e qual devo tomar leite?

— Sim.

— Ótimo. Mas, não uso short sem calcinha e não tenho vestidos longos. Mantenha Miguel longe dessa rede.

— Vou cuidar disso.

Após fazer minha higiene e tomar um banho, ligo para Celina, mas quem atende é Suzana.

— Liguei para o número errado?

— Não, meu dom preferido. Estou com Celina, estamos tomando café, ela colocou algo vermelho no café dela e agora está com gases.

— Credo! Desnecessário ter me dito isso.

— Foi só para esclarecer porque estou com o celular dela. Como andam as coisas? Quentes?

— Não. Minha família é meio incomum, não sei se a Gil vai aguentar ficar aqui uma semana. Suzana, preciso de um conselho. Ela teve pesadelos à noite. Gritou meu nome, chorou. Acho que a traumatizei.

— Merda. Isso não é nada bom. Você precisa descobrir se...

Há um barulho e então a voz de Celina preenche meu ouvido com um grito.

— Ela sempre tem esses pesadelos, e isso é culpa sua, seu grande imbecil, aaai!

— Celina? Está tudo bem?

— Sim, são os gases. Como eu ia dizendo, desde que você a deixou depois daquela noite que nunca existiu, ela chama por você à noite. Mas, não fale sobre isso, ela odeia.

— Por que nunca me disse?

— Você ouviu o que acabei de dizer? Não falamos sobre isso! Ela odeia! Além do mais, jamais confabularia com o idiota responsável por eles. Resolva isso, Matheus! Penso que não chamará seu nome se dormirem juntos. E esteja na merda da cama todas as manhãs. Ela provavelmente vai acordá-lo amassando suas bolas, mas é melhor do que lembrar que chamou seu nome à noite porque você foi um covarde há dez anos.

E fui ontem de manhã. Não estava na cama quando ela acordou. Merda. A voz de Suzana me diz de forma mais calma.

— Celina não está com o melhor dos humores. Fale sobre isso com ela. Quando conseguir conversar com você sobre isso, irá superar. Mas, não a force a falar nada, apenas deixe claro que ela pode falar.

— Suzana, você é uma mulher e tanto! Que filho da puta sortudo é o imbecil do Cleber. Já o Sebastian, coitado.

— Não fale da Celina quando ela está com gases — Suzana me adverte e ouço gritos de Celina desejando raios em algum lugar.

Só então percebo Gil parada na porta. Não sei quanto da conversa ela ouviu, mas não parece feliz.

— Então a queridinha do Cleber fica te ligando de manhã?

— Não, liguei para Celina, elas estão juntas.

Ela cruza os braços com um bico.

— Hum, não sei por que tem que tratá-la com tanto carinho. Tomara que o Cleber ainda quebre seus dentes.

Sorrio, mas ela sai batendo os pés. Mamãe já encara Gilcelle reparando algo em seu vestido, quando fecha totalmente a expressão, sei que reparou que ela está sem calcinha. Isso se confirma quando ela verifica se Amanda e Marcus estão olhando, e diz baixinho:

— Você não usa calcinha?

Ao que Gilcelle responde em alto e bom tom.

— Sim, eu uso. Mas, seu filho jogou todas as minhas calcinhas fora.

Todos a olham.

— Por que ele fez isso? — mamãe pergunta horrorizada e Gilcelle dá de ombros.

— Não sei, ele as cheirou e depois jogou todas no lixo. Vai entender.

Mamãe quase tem um ataque e Gilcelle sai em direção à varanda. Ou minha família enlouquecerá minha noiva, ou minha noiva enlouquecerá minha família. Não sei o que seria pior. Pego o café e a sigo, mas mamãe imediatamente nos impede.

— Nem pensar. Se quiser deitar nessa rede com sua noiva, vá comprar calcinhas para ela primeiro.

Tomamos café em pé na varanda, já que mamãe também não quer que a Gil sente-se à mesa sem calcinha. E logo depois, a levo para comprar as benditas calcinhas.

A loja de lingerie da cidade é enorme. Quando me mudei daqui, ela não existia, e acho que nenhum morador aceitaria uma loja de lingerie, mas hoje, quando parece que tudo é permitido, há a foto de uma mulher seminua, segurando os seios e abaixando a calcinha na vitrine.

Aponto para ela e digo para Matheus e Miguel:

— Os velhos do xadrez devem ter adorado isso.

— Ah sim, mudaram o ponto do xadrez para a praça aqui em frente — confirma Miguel.

Não preciso de dois minutos dentro da loja para reconhecer Lanisa. Ainda nos odiamos. Brigamos uma vez, na verdade minha briga não era para ter sido com ela, e sim com Elisa, a imbecil que estava planejando mostrar os seios para Matheus, enquanto Lanisa pegava o Cleber. Mas, vocês sabem como são meninas de colegial, a vaca da Elisa chamou as siamesas e vieram todas brigar comigo. Como na hora da raiva não consegui identificar qual delas era Elisa, bati em todas. E Antônia, a boa menina, sequer me deu apoio moral. Me dedou para mamãe e ainda levei uma surra quando cheguei em casa. Percebi naquele dia que essas quatro retardadas eram mais felizes do que eu, porque podiam contar uma com a outra.

Escolho alguns modelos, e em menos de dez minutos, apenas Miguel está ao meu lado. Ele levanta vários sutiãs e me mostra.

— Pequenos demais, Miguel.

— Sim, essa é a intenção. Seus seios ficarão pulando para fora.

Acerto uma calcinha nele que sai rindo para cantar Luísa. Duas Lacerda nesta loja. Saio jogando tudo o que vejo na sacola, vou comprar muitas coisas para o meu noivo pagar, já que o idiota jogou minhas coisas fora. Não vejo Matheus em lugar nenhum, mas homens nunca têm paciência de nos esperar comprar nada. Absurdo, já que provavelmente estamos comprando, esperando a reação deles.

De repente, duas mãos grandes apertam meus seios por trás, e Miguel diz admirado:

— Maiores, esses servem — me estende um conjunto enorme.

— Não tenho bunda para encher isso.

Ele se aproxima de novo e aperta minha bunda, dou um beliscão nele que se afasta rindo.

— Verdade. Quase nada de bunda.

— Imbecil. Você não diz a uma mulher que ela quase não tem bunda, é muito deselegante.

— Ok, Bob Esponja.

Faço uma careta e grito:

— Matheus, seu irmão está me bolinando!

— Miguel! — O grito de Matheus vem de algum lugar e entro satisfeita com minhas sacolas no provador.

E só então, vejo o nome da loja nas etiquetas: Lacerda's lingerie.

— Que bosta.

Abro a cortina e não vejo a cabeça loira do meu noivo, nem de nenhuma das siamesas.

— Merda.

Tiro a roupa, visto um conjunto vermelho bem pequeno, e abro toda a cortina saindo do provador.

— Miguel! Assim está bom?

Todos que estão na loja (sim, há homens também) me olham. E em menos de dois minutos, Matheus está na minha frente, com um olho piscando, vermelho como um tomate podre e me empurra de volta

para dentro do provador.

— Mas, que merda! Não posso tirar os olhos de você por dois minutos! Por que quer me enlouquecer?

— Sorry, baby. Teria evitado isso se não estivesse ocupado se esquecendo das bactérias das pererecas dessas siamesas. Seu safado!

Ele sorri. O tique no olho para e ele avalia a lingerie.

— Linda! Muito melhor do que aquela furada de moranguinhos.

— Não fale assim da minha calcinha da Moranguinho, foi minha avó que me deu.

— Quando você tinha quinze anos, imagino.

— Minha bunda não cresceu muito desde então. Ainda servia.

— Compre todas essas. Vai ser mais gostoso rasgá-las depois.

— Não sei quando acha que vai fazer isso, segundo as regras da sua mãe, você terá que purificar seus olhos por ter visto minha calcinha.

Ele me puxa de repente e morde meu pescoço.

— Vista-se, Sereia. Vamos dar um perdido no meu irmão, quero fazer uma coisa.

— Que coisa?

— Castigá-la por ser tão atrevida — ele diz e acerta um tapa na minha bunda, então sai do provador.

— Matheus Amorim! Aproxime-se de uma dessas siamesas doentes e quem usará aquele chicote serei eu! — grito.

Há um silêncio de repente na loja e ouço apenas a risada de Miguel. Pronto querido, estou acabando com sua fama de gay.

Miguel não reclama quando Matheus informa que ele perdeu a carona, e enquanto ele roda com o carro, estou na expectativa de ser castigada. Tudo passa pela minha mente: algemas, aquele chicote com cheiro de novo, tapas, puxões de cabelo. Estou ansiosa e quase tremo por dentro. Um sorriso idiota se instala no meu rosto em antecipação.

— Por que está rindo como uma hiena relaxada?

— Não posso estar feliz?

— Tenho medo quando você está feliz. Não pode ser uma coisa boa.

Ah meu querido, será uma coisa ótima.

Ele para o carro em frente um drive in e quase tenho um troço. "Vocês vão mesmo fazer isso. Esqueça o passado e use camisinha." Ok voz. Meu sorriso aumenta, mas ele liga o carro e segue adiante. Meu sorriso murcha. Mas, ele para o carro em frente a um motel. "Ele quer mesmo impressioná-la." Meu sorriso volta e Matheus ri.

— Acabei de descobrir o que te deixa tão feliz, sua safada.

— Vai achando, querido. Minha tara é por algemas, não por você.

— É uma pena que não as tenha agora.

— Você sabe se virar — digo quando ele entra com o carro no motel.

— Oi, Matheus, há quanto tempo! — a recepcionista o cumprimenta. — Ei Gilcelle, não sabia que tinha voltado para a cidade.

Ok, motel da cidade pequena onde crescemos. Péssima ideia. Subimos para o quarto e ele avisa.

— Não grite muito, ou sairá daqui apelidada.

— Você fez de propósito, não foi? Trouxe-me onde alguém que nos conhecia veria, para contar para todo mundo que você é homem. E na verdade você quer que eu grite muito, quanto mais alto eu gritar, melhor para sua fama de bom fodeador.

Ele sorri.

— Não foi premeditado, mas você me deu uma excelente ideia.

— Ai! Filho da puta! — berro quando ele belisca minha bunda, com força. Está doendo pra caralho.

— Vou ter que melhorar seus gritos.

— Boa sorte.

Ele passeia pelo quarto. Não toca em nada, e duvido muito que vá subir em um local onde não sabe a procedência de nada. Não sabe nem quem estava neste quarto antes de nós, o que foi usado, como foi usado e se foi higienizado depois. Claro que sairemos daqui sem fazer nada. Merda.

Meninas, conselho para vocês, nunca, jamais, se apaixonem por um fresco. Principalmente se ele parecer um gay. Matheus é homem porque estamos em um livro, mas os frescos da vida real, são gays mesmo. Caiam fora antes de terem o furico arrombado.

— Ok, você não é macho para me comer em um motel de cidade pequena. Vamos embora. Perdeu sua chance, playboy.

Aproximo-me da porta, mas ele me puxa de repente e me joga em cima da pequena cama.

— Adivinha, querida? Estou praticando a arte do que os olhos não veem a higiene não sente.

— Desde quando?

— Desde agora.

Abro as pernas na pequena cama o máximo que consigo, colocando os pés com as sandálias para cima.

— Comece. Aqueça minha bichinha com a língua.

— Não vai dar certo. Você vai chutar quando gozar e cair da cama.

Reviro os olhos e pulo da cama, me jogo na cama e abro as pernas.

— Esse lençol pode conter secreções do último casal que passou por aqui, vai encarar? — provoco.

Ele coça a testa e arqueia apenas uma sobrancelha.

— Por que não vamos para o banheiro?

Reviro os olhos e me levanto. Estou ficando cansada, ainda bem que esse quarto é pequeno. Mas, nem eu tenho coragem de transar neste banheiro.

— O que é isso na banheira?

— Querida, se não for cabelo, não posso imaginar o que seja.

— Verde lodo?

— Vai saber quem veio aqui.

— Vamos embora, Matheus.

— Não. Tive uma ideia.

Ele me puxa até a porta e me joga nela, me beijando em seguida. Passo os braços por seu pescoço e sua língua invade minha boca, me arrancando suspiros e gemidos. Amo o que esse homem sabe fazer com a língua. Ele aperta minha bunda com as duas mãos e tenta me levantar, mas não consegue. Tenta de novo, mas não tiro os pés do chão. Começo a rir em sua boca e ele se afasta. Vai até a cama, puxa a colcha que estava por cima, me pega pela mão e me atira na cama. Grito quando caio na cama e há outro grito junto com o meu. Agudo demais para ser de Matheus, e algo peludo roça minha mão.

— Ahhhhh! Ahhhhh! — Levanto-me aos berros, quando avisto. É um coelho. Tem um coelho na cama do motel, um coelho de cabeça vermelha.

— Chega! — Matheus grita. — Vamos embora. Vamos para casa.

Assim, saímos do quarto nem quinze minutos depois de termos entrado, e ainda digo a

recepcionista:

— Até mais Melina, há algo peludo para você na cama.

Ela arregala os olhos e Matheus me acerta um tapa.

— Para o carro, sua atrevida!

Ele está nervoso, está batucando no volante, com o tique no olho e respirando pesadamente.

— Relaxa, Matheus. Sei o quanto é fresco, quando entramos naquele quarto imaginei que não faríamos nada ali. De qualquer forma, precisarei de um banho demorado quando chegarmos a sua casa.

— Sim, vai saber onde entrou pelos.

— Pois é, estou sem calcinha.

Ele assente e dirige com a cara amarrada. De repente, algo me vem à mente e tenho uma crise de riso, o que o faz me encarar ainda mais irritado.

— Não estou rindo de você. É só que, depois dessa, jogamos todos os meus esforços para salvar sua fama no lixo. Agora sim vão dizer que você é gay.

Finalmente ele sorri.

— Você vai ter que se esforçar bem mais para acabar com essa fama agora, *querida*.

— Não faço milagres, *querido*.

— Vou descontar cem mil da sua conta, então. Você me prejudicou, ao invés de ajudar.

— A culpa não é minha se sua mãe é esquisita e anti-sexo. Não é minha se é fresco demais para mostrar seu pau para um coelho. E definitivamente não é minha, se o tesão que sente por mim não é maior do que suas frescuras. Não devolverei dinheiro algum a você.

— Não precisa, posso descontar da sua conta.

— Trapaceiro. Você me contratou para enganar sua família, se limpar seu nome está na lista de afazeres, quero mais dois milhões.

— Fechado.

— Sério? Porque tipo, eu faria isso de qualquer jeito, mas agora que disse fechado, quero mais dois milhões na minha conta quando voltarmos.

— Sem problemas. Apenas lembre-se, para acabar com essa fama infundada, vou ter que comer muito você.

— Não precisamos disso. Sempre posso inventar as coisas. Sou muito boa em fazer isso.

— Não, chega de famas infundadas, não é mesmo? Vou comê-la direito, e você terá histórias para contar e salvar minha fama.

— Ok. Mas, já que quer sinceridade, vou ser bastante sincera. Deixe a desejar e acabo com você.

Ele sorri.

— Fechado. Mas, vou descontar cem mil cada vez que a fizer gozar.

— Não é justo!

— Claro que é. Você não pode ter os orgasmos e o dinheiro. Se eu fizer errado, você fica com o dinheiro e acaba comigo. Mas, se você gozar no meu pau, na minha língua, na minha mão, ou até mesmo no meu chicote, querida, descontarei da sua conta.

— Tanto faz. Não podemos transar na sua casa, e você é fresco demais para me comer em qualquer outro lugar mesmo. Fechado.

Ele sorri no mesmo momento que a voz na minha cabeça diz: "Você acabou de aceitar sua pobreza, sua idiota." Caralho. Será que esse imbecil me tapeou de novo?

Capítulo 9

Matheus

Estamos reunidos em volta da mesa, de novo, esperando a Gilcelle. Minha adorável noiva não gosta das refeições em família, e entendo perfeitamente o porquê. Amanda me lança um olhar questionador e apenas dou de ombros. Estou prestes a ir buscá-la, quando ela aparece. Para minha surpresa, tem o cabelo preso, e suas mãos estão molhadas. Sorrio. Ela está tentando. Aproxima-se da mesa e para estacada ao lado de sua cadeira, me imitando, mas pisca para mim quando a observo.

Eu já disse que amo essa mulher? Eu amo. Muito.

— Bom, já que nossa querida hóspede apareceu, vamos comer. Marcus, dê graças.

Marcus resmunga alguma coisa e todos nos sentamos, menos mamãe, que encara Gilcelle com uma careta, e antes que eu possa impedir, solta:

— Não a vi lavando as mãos, querida.

Encaro mamãe, aturdido, as mãos dela estavam molhadas quando entrou na sala de jantar. Mamãe está contendo um sorriso. Acho que gosta de irritá-la.

— É um teste — Amanda diz baixinho. — Está tentando enlouquecê-la, para ver até onde sua noiva aguenta.

— Eu lavei, querida sogra. Pouco depois de coçar a perereca — responde Gil pegando uma concha de arroz, e usando a mesma no feijão.

Mamãe se senta calada, e com a cara fechada.

— Acho que ela encontrou uma adversária à altura — sussurro para Amanda.

— Essa briga vai ser boa. Gosto da sua noiva, sabe que não sou dessa família. Você deveria me levar embora, sei que sou adotada.

Sorrio. Estranhamente, minha pequena Mandy, é a mais “normal” da família. Minha maior preocupação no momento, é com o dia de amanhã: almoço em família para a comemoração do aniversário da mamãe. Se você acha minha mãe e irmãos demais para uma pessoa normal aguentar, é porque não conheceu meus tios e primos. Temo que ela não sobreviverá, ou eu não sobreviverei. Queria fugir com ela essa noite, antes da catástrofe final, mas isso é impossível. Eu preferia andar descalço num mar de caco de vidros a forçá-la a passar um dia inteiro com toda a minha família. Acho que nem dez milhões na conta, pagariam o que ela vai passar com todos eles.

Mamãe é a primeira a se recolher a noite, acho que para fingir que não está vendo que eu vou para o quarto dela, mas é claro que vou. Não quero acordar de madrugada com ela gritando meu nome. Vou na ponta dos pés, e abro vagarosamente a porta. Espero que ela já esteja dormindo, mas assim que entro, sou atingido na parte baixa da barriga por algo duro. Acendo imediatamente a luz.

— Ah, é você? Achei que fosse mais um de seus irmãos. Pelo amor de Deus, coloque placas luminosas nas portas dos quartos deles.

— Como me acertou no escuro? — pergunto tirando do chão o controle remoto que ela atirou.

— Não acertei, mirei na sua cabeça.

— Você quase acertou uma cabeça

— Na verdade, queria acertar a cara daquele Marcus, ele é estranho, sabia. Estava prostrado na porta do banheiro quando saí do banho. Quase tive um ataque com aquela coisa branca parada ali.

Tento controlar o tique nervoso que ameaça me tomar, enquanto me aproximo da cama.

— É mesmo? E o que ele queria?

— Provavelmente ver uma xoxota. Nem deve saber o que é uma. Matheus, vai ficar chateado se eu disser o que penso dele? Não importa, vou dizer assim mesmo, ele é gay. Seu irmão Marcus é uma bicha embutida. É sério!

Seguro o riso.

— E o que a faz ter tanta certeza?

— Bom, além de ele usar perfume feminino? Fácil, ele me pegou desprevenida de toalha saindo do banho e a primeira coisa que disse foi adoro a colônia que está usando. Eu estava ali, com os seios quase a mostra, a bichinha quase a mostra e ele presta atenção na colônia feminina que eu uso. Sinto muito. Você está sendo injustiçado, seu irmão é o gay da família.

Sento-me na beira da cama e decido ser sincero.

— Gil, Marcus quer nos desmascarar, desconfia que estamos fingindo, e quer provar para mamãe que não passamos de uma farsa.

— Que bosta! Eu já disse que essa sua família é muito estranha? Deixe comigo, Matheus, provo que seu irmão dá ré no quibe antes mesmo de ele pensar em colocar em questão nosso noivado.

— Eu amo você, sabia?

A frase me escapa. Ela me encara de um jeito estranho, mas logo, cai na gargalhada.

— Não jurarei amor a você. Isso não está no contrato, se tiver que dizer que o amo, quero cinquenta mil a mais a cada declaração.

Aproximo-me mais dela jogando-a na cama.

— Te dou cem mil se me disser agora que me ama. E mais cem mil se disser de novo, e mais cem cada vez que disser isso em voz alta.

Ela sorri quando encosto meus lábios aos dela.

— Vá embora, bonitão. Há uma regra naquela lista sobre homens em cima de mulheres nessa casa. Uma sobre ele estar com roupas e umas cinco se ele estiver sem.

— Não quer cem mil? Vamos Sereia, diga que me ama.

De repente ela me puxa, sua boca toma a minha, me convidando a invadi-la. Correspondo imediatamente, deixo meu corpo cair com tudo sobre o dela, a beijo com sofreguidão, saudade, desespero. Estamos sem ar, e mesmo assim não quero me afastar. Mas, quando o barulho da porta batendo é ouvido, me afasto num rompante.

— O que foi isso?

Gil levanta-se da cama de repente e parece atordoada.

— Seu irmão, Marcus. Eu o vi no momento em que ele abriu a porta devagar. Acho que ele nos ouviu, então o beijei.

— Estamos encrocados, então. —Ela ainda tem a respiração acelerada. — Venha aqui. Venha para mim, Sereia.

— Não. Neguei cinquenta mil por declarações falsas, não vou perder meu dinheiro tendo orgasmos. Mesmo porque, naquela lista, há uma punição severa para qualquer orgasmo nessa casa.

— Você decorou aquela lista?

— Claro! Ela é um absurdo!

Ela se deita novamente, o mais distante possível de mim e diz, de forma resignada:

— Matheus, por que veio aqui?

— Você não quer que eu responda a verdade. Então vamos dizer que vim dormir com você, porque

senti sua falta.

Ela assente, se deita debaixo da coberta e me olha.

— Então venha. Durma aqui comigo. — Demoro um pouco para reagir. — Não quero chamar seu nome à noite. Seria meio... constrangedor — ela explica cabisbaixa.

Algo aqui no meu peito quase me sufoca. Aproximo-me e deito embaixo da coberta com ela. Ela me olha. Não sorri, não diz nada, apenas fecha os olhos.

— Eu te amo, Gil — sussurro, e ela finge não ter ouvido. — Mesmo você sendo assim.

— Mesmo eu sendo assim como? — ela pergunta na mesma hora com os olhos arregalados e uma expressão de raiva.

Sorrio.

— Te amo por ser exatamente assim.

— Não tenho cem mil. Venha aqui e me beije logo.

Não precisa pedir duas vezes, a beijo, devagar, domino sua língua. Mordo seu lábio. Mesmo que não possa tocá-la como queria estar tocando, tento mostrar nestes beijos que a amo, que estou aqui, apesar de tudo, apesar de nunca ter demonstrado. Mas, como sempre acontece quando a toco, me perco nela. Quero mais, muito mais do que esses beijos. Quero tocá-la, em cada pedaço de seu corpo, amá-la, como venho imaginando por tantos anos. Quero que ela me peça para ser minha.

Seguro suas mãos acima de sua cabeça e a olho. Seus lábios estão vermelhos e seu olhar perdido.

— Você acha que consegue ficar calada?

— Sem chance — ela sussurra.

— Terei que amordaçá-la?

— Vai sonhando, querido. Saia de cima de mim.

— Por que você não quer? — pergunto apertando seus pulsos ainda mais, ao invés de soltar.

— Sua mãe está no quarto ao lado. Ela deixou regras no meu guarda-roupa. Seus irmãos entraram aqui a noite inteira. Não é que eu não queira, só não quero aqui. Com esse tanto de gente estranha. Se você me fizer gozar...

— Eu a farei gozar.

— Ok, se você fizer...

Solto suas mãos para segurar seu rosto com força.

— Não tem se, sua atrevida. Eu a farei gozar, dezenas de vezes, só para vê-la falida.

Vejo-a sorrir.

— Ok machão, *quando* você me fizer gozar, sabe que irei chutá-lo e você vai gritar ainda mais alto do que eu. — Um suspiro de frustração escapa de seus lábios. — Matheus, venha aqui, deite-se ao meu lado, e me faça dormir. E se quer mesmo me deixar falida, arranje um motel decente, onde possa fazer todas essas coisas que tem prometido. Ok?

— Você às vezes é frustrante.

— Frustrante é essa sua família maluca. Iriam nos pegar no pulo.

— Estão todos dormindo, sua exagerada.

Mas, bem neste momento, o trinco da porta se mexe. E ela me olha com a aquela cara que detesto de “eu te avisei, estúpido”.

— Ok, dormir, Sereia.

Jogo-me ao seu lado, ela se enrosca em mim, e rapidamente adormeço.

Não preciso abrir os olhos para saber que temos visitas em casa. Ouço gritos por todos os lados.

Começo a me mexer na cama para que ela acorde, já que tem que me ver ali. Mas, ela não acorda. Cutuco-a com o pé, passeio meus dedos por seu rosto, puxo de leve seu cabelo, e quando contorno seus seios com a mão, ela me belisca.

— Pare com isso. É muito cedo para eu ser bolinada.

— Acorde, Sereia, temos visitas.

— Não. Mal aguento sua mãe e irmãos. Tios e primos não sou obrigada.

— Levante-se logo. É aniversário da mamãe. Você é uma mulher ou um rato?

Levanto-me da cama e a deixo ali resmungando.

Meia hora depois de ter descido e cumprimentado toda a família, estou aqui sentado como um bobo na sala, olhando de segundo em segundo a escada, esperando que ela apareça. Mas a maldita da minha noiva realmente não acordou. Para piorar minha situação, Marcus está a minha frente, com os olhos, ora fixos em mim, ora fixos na escada, uma sobrancelha arqueada e aquela cara de *vou te desmascarar*.

Puxo Mandy para o meu lado e sussurro:

— Acha que consegue tirar todo mundo de casa hoje?

— Mil reais.

— Te dou dois mil se os fizer ficarem fora por duas horas.

— Fechado. Use camisinha, e esconda todas as provas depois.

Quase engasgo com o ar.

— Como? Amanda! Onde aprendeu essa palavra?

Ela revira os olhos e se levanta.

— Ah meu Deus, me poupe Matt, leio muito, acho que sei mais sobre sexo do que toda essa família. Até mais.

Só não vou atrás da minha caçula maluquinha, porque minha noiva finalmente dá o ar da graça. E quando digo dá o ar da graça, quero dizer que ela aparece na escada, trajando um macacão vermelho curto, e colado às suas curvas, com um batom mais vermelho ainda, e seus cabelos revoltos presos em um rabo de cavalo. Linda. Não há um homem nessa sala que não esteja olhando para ela. Claramente, ela está vestida para confrontar os padrões da minha família.

Ela desce as escadas vagorosamente, não abaixa a cabeça para os olhares reprovadores das minhas tias, Amanda a recebe na ponta da escada, cochicha algo que a faz rir. Um tapa no meu ombro me traz de volta a realidade.

— Acorde, homem. Sua baba irá nos afogar.

— Sai fora, Miguel.

— Ela é um espetáculo. Como um gay como você conseguiu isso?

— Sendo menos idiota do que você.

— Isso, com certeza.

Ela dá dois passos, ao lado de Amanda, quando de repente grita:

— Um rato!

É uma confusão. Todos se amontoam para subir em cadeiras, sofás, mesas de centro. As mulheres gritam e os homens mais ainda. Empoleirado no sofá, dividindo um pequeno espaço com Miguel, encaro-a. E a maldita está rindo. Ao lado dela, Amanda parece decepcionada.

— Meu Deus! Como são frescos! Isso é sério mesmo?

— Infelizmente — diz Amanda.

— Mandy, me acompanha no café?

— Claro, cunhada. Vamos.

As duas saem e eu sou o alvo de todos os olhares.

— Eu... sinto muito por isso. Minha noiva é, agitada.

Os olhares de reprovação me fazem querer rir. E Miguel bate de novo no meu ombro.

— Irmão, sua noiva é maluca. Gosto dela. Vai acabar a tarde pendurando cada membro dessa família no portão de entrada pelas calçolas.

— Ninguém aqui usa calçolas.

— Você não presta atenção na sua família — ele diz saindo para a cozinha, provavelmente para cantar minha noiva.

E ela se torna o centro das atenções. Todos querem falar com ela. Não estão sendo exatamente simpáticos, perguntam demais, cobram demais, até que minha tinha Rosalinda, bocuda como é, grita:

— Mas, onde estão suas alianças?

Caralho! Como fui esquecer as alianças? Gaguejo, tento controlar o tique no meu olho, e ela sorrindo, responde:

— Joguei fora. — Os olhares de espanto de todos a fazem continuar com a mentira. — No mesmo dia em que ele jogou minhas calcinhas no lixo. Foi meio que uma coisa por outra.

Tia Rosalinda parece sem ar, Marcus corre para socorrê-la, minha Sereia pisca para mim e recebo mais dois tapas nas costas.

— Irmão, seria mais fácil se você fosse mesmo gay. Essa mulher é realmente maluca.

Mas, nem estou ouvindo. As alianças. Estão na minha mala. Como pude esquecer-me de entregar as alianças? Preciso de algo. Uma coisa especial, preciso dar essas alianças a ela, essa noite mesmo.

— Amanda!

Rapidamente minha caçula se prostra ao meu lado.

— Preciso da sua ajuda.

— Dois mil, está ficando abusado.

— Fechado, venha comigo.

Se mais alguém me perguntar se o Matheus sobe, juro que abaixarei suas calças e o farei subir, na frente de toda essa gente. Não estranhem, estou estressada. Vocês também estariam. Sim, podem falar: o Matheus é lindo, o Matheus é fofo, o Matheus é um dos sócios da V.D.A., não importa, não há mérito no mundo que valha essa família maluca. Imagina se fôssemos mesmo nos casar? Todos os natais aqui? Todos os aniversários aqui? Todos os nascimentos de qualquer ser loiro dessa família, aqui? Nem pensar! Nem mesmo por dez milhões. E Matheus ainda veio reclamar que preciso fingir melhor, pois vai descontar da minha conta minha falta de bons exemplos. Ele não perde por esperar.

Estou a ponto de sair correndo e fugir do mundo, quando esbarro em alguém na varanda.

— Olá, querida cunhada.

— Oi Marcus. Deixe-me passar.

— Para que a pressa? Mal nos falamos.

Ele me prensa contra a parede e só tenho vontade de rir.

— Verdade, e nas poucas vezes, você esteve meio que obcecado por minhas colônias. Eu as empresto a você. Aliás, pode ficar com elas, depois meu noivo me compra outras.

— Ele é gay, Gilcelle, você está sendo enganada.

Sorrio.

— Ele pode ser fresco, louco e chato. Mas gay, querido, ele não é.

— Está se engraçando para o irmão errado.

Acho que estou me engraçando para a família errada. Mas enfim, o barulho ensurdecedor de uma moto é minha tábua de salvação. Ainda mais do que o loiro espetacular que desce dela. Quando eu digo espetacular, quero dizer que passo bons dois minutos olhando para o cara. Músculos, beleza, músculos, olhos azuis, músculos, cabelo loiro e uma moto.

Somente ao ouvir um suspiro exagerado ao meu lado, me dou conta de que minha cunhada, única pessoa que gosto nessa família, está ao meu lado.

— Hum, então esse é seu futuro marido — digo provocando-a.

— Não seja brega, não é porque suspiro para um cara que vou me casar com ele. Além do mais, somos primos.

— Sua mãe teria um treco.

— A mãe dele também — ela responde com um sorriso.

— Você vai pegar o primo, não vai?

— Não. Ele vai dar em cima de você.

— Claro que não. Sou a noiva do primo dele.

— Pois é, por isso mesmo. Esse é o Nuno, não tenha prazer ao conhecê-lo.

O Nuno se aproxima de mim com um sorriso enlouquecedor e me estende a mão.

— Prazer, prima. Sou o Nuno. Você só pode ser a Gilcelle.

Quase não consigo responder. Ele solta minha mão e olha para Amanda.

— Olá, cabritinha.

Ela revira os olhos e sai resmungando. E ele fica uns bons trinta segundos de olhos colados nela.

— Vocês vão se pegar, que legal! Quero ver a cara da Marisa quando descobrir isso. Não que eu vá contar! — digo rapidamente quando ele me lança um olhar desesperado. — Isso é, se me deixar dar uma volta na sua moto.

— Sabe pilotar?

— Não, quero morrer esborrachada — digo e puxo a chave de suas mãos.

Há anos não ando de moto. Há anos não sinto a adrenalina de ter o vento contra o rosto, e o poder de guiar minha direção de acordo com o que me causará mais adrenalina. “Está destreinada e acabará com a cara no chão”. Cale a boca, voz! Não vou cair. Olho de relance para os lados e vejo toda a família Buscapé na varanda me olhando. Ótimo. Sou de novo o centro das atenções. Acho que essa família na verdade me ama, é isso, querem ser como eu. Livres, loucos e com cabelos coloridos.

Aprumo-me mais na moto, empino a bunda para dar efeito, ouço os gritos de Matheus me pedindo para ter cuidado, e é aí que vejo. A pequena cabeça vermelha. Calma, mente suja! Estou falando do coelho. Um coelho de cabeça vermelha, na direção da moto, viro o guidão de uma vez e me desequilibro. Apoio os pés no chão e vou cambaleando com a moto até cair em cima de uma poça de barro. Dói pra caralho. Mas, ouço a família Buscapé vindo em minha direção, portanto, vou fingir que não foi nada. Tento me levantar, mas meu ombro dói, contendo o gemido, e duas mãos me levantam de repente.

— Você está bem? Está machucada?

Matheus parece uma pilha. E pegou no meu braço, sujo de barro.

— Estou ótima, amor! — Dou ênfase à palavra amor ao ver Marcus, Nuno e Miguel nos rodearem. Preciso tirar a atenção de mim, caí diante de toda a família Buscapé, o que podia ser pior do que isso? Preciso que foquem em outra coisa que não seja meu tombo espetacular, minha cara cheia de barro e meu orgulho engolido pelo maldito coelho. — Obrigada pela preocupação, meu amorzinho mais lindo. — Dou um passo e o abraço. Sujando toda sua roupa de barro.

Matheus fica totalmente parado, penso que sequer respira. De repente, começa a tremer levemente. Está com os braços colados ao lado do corpo, e de olhos fechados. Toda a família Buscapé parece horrorizada com meu gesto. Espero que ele vá gritar como uma garota, ou simplesmente gritar comigo. Mas, ele me surpreende ao me pegar de repente pelo cabelo e me arrastar.

— Sua atrevida! Queria me sujar? Vou fazê-la limpar cada gota de barro com a língua. Atrevida! Peste!

Ele me arrasta pelos cabelos para dentro da casa e vamos em direção as escadas.

— Ok, não estão mais vendo, solte-me.

— Vai sonhando, estúpida.

Ele me joga no banheiro e tranca a porta. Está tão furioso, que rasga a camisa ao tirá-la.

— Matheus — suplico estendendo as mãos. — Não foi nada demais. Um barrinho bobo. Um pouco de água e tudo sairá. Não restará mais nada. Não precisa ficar tão bravo.

Mas, ele não sorri, nem parece estar me ouvindo. Puxa-me novamente, me recostando na pia, e empurra meu ombro para baixo, forçando-me e ficar em uma posição desconfortável, enquanto ele passeia a mão por minha bunda empinada, e dá um tapa forte.

— Estou tentando ser legal com você, estou tentando não enlouquecer com todo o seu atrevimento, mas você me leva ao limite.

Acerta mais um tapa e grito.

— Matheus! — grito. — Está indo contra a regra trinta e dois, onde homens não encostam em partes íntimas de mulheres, contra a regra cinquenta e alguma coisa sobre homens e mulheres fechados no banheiro, e contra a regra...

— Calada!

Ele puxa meu macacão, e o tecido de feirinha rasga, então ele o tira apressadamente.

— Quer me sujar, Sereia? Ficarei bem sujo agora, e você, cem mil reais mais pobre.

Antes que eu possa retrucar, ele me beija. Não é um beijo carinhoso, sequer possessivo, é punitivo. Empurra-me para debaixo do chuveiro e a água quente vai lavando a bagunça em que nos encontramos. Ele me prende à parede fria, puxa meu cabelo para ter acesso ao meu pescoço. Sua ereção aponta através da cueca branca, colada nela por causa da água. Quero tocá-lo, quero senti-lo em mim. Mas, quando toco seu membro, ele segura minha mão.

— Essa noite. Agora, toda a família está de ouvidos na porta, para saberem se baterei em você. É o que acham que eu deveria fazer após seu atrevimento.

Sorrio.

— Se soubessem como você é mole, jamais esperariam qualquer som de tapa... merda! Você ficou louco?

O maldito acertou minha bunda de novo, dessa vez com muita força, doeu. Olho para trás e há a marca certa de seus dedos ali.

— Não acredito que você me bateu! Tipo, de verdade!

— Não acredito que não te bati antes, cale a boca e vire-se de costas.

— Vai achando que porque sabe dar um tapa... ok, estou me virando.

Viro-me com medo e excitação, e de repente, sua língua contorna as marcas de seus dedos na minha bunda. Derreto, esse homem me enlouquece. Sinto minhas pernas moles e rapidamente ele me ampara.

— Não, nada de chão de banheiro. Vamos nos trocar, e mais tarde, farei você pagar por isso.

— Frescoooo! Por que tem que ser tão fresco?

Ele dá de ombros e fecha a torneira do chuveiro. Envolve-me em uma toalha, passa uma cobrindo seu membro, e me arrasta pelo braço porta afora. Rapidamente toda a família sai correndo.

— Mexeriqueiros! — grito, mas ele mal me dá tempo de brigar, me joga na minha cama e bate a porta do quarto.

— Sorte sua, que essa porta não tranca, ou eu a faria gritar tão alto, que minha família mexeriqueira a ouviria do outro lado da cidade. Agora vista-se, algo apresentável, solte esse cabelo e desça. Você tem três minutos.

— Nenhuma mulher se veste em três minutos. Sequer consigo escolher uma calcinha em três minutos.

Ele para na porta e me encara.

— Três minutos, Gilcelle. Virei pegá-la, é melhor estar pronta. — Então sai e bate a porta.

Jogo-me de novo na cama.

— Caralho! Merda! Como vou aguentar tanta tensão sexual assim?

“Pense depois, vista-se agora. Nada de ataque de Dom fora da cama. Obedeça”. Rapidamente me levanto e escolho uma roupa “decente” para me despedir da família mexeriqueira. Mal começo a fechar o zíper da blusa, Matheus entra no meu quarto. O cabelo loiro molhado, bagunçado como raramente o vejo estar. A camisa meio molhada por conta de seu cabelo. Aproxima-se calado, termina de fechar meu zíper, me puxa pelo ombro e me beija.

— Você me deixa louco, pequena Sereia. Agora seja uma boa menina — sussurra em meus lábios antes de me arrastar pela mão escada abaixo.

E estranhamente, passo o resto da tarde sendo a merda de uma boa menina, até sorrio para a tia

carocha insuportável dele, e não bato na mão do velho tarado de um tio que cisma ter uma sujeira na minha calça. Quero gritar com eles, quero gritar: olha o rato! Quero sair de perto de Matheus, tirar minha mão da sua e ser a Gil de sempre, mas não consigo. Há algo errado, uma magnitude inexplicável que me prende a ele, que me prende a esse sofá e me faz sentir tão feliz só porque esse babaca está com as mãos entrelaçadas nas minhas e não as solta por um segundo sequer. Algo me faz ficar eufórica quando tremo levemente e ele imediatamente me abraça, me aquecendo. Algo aqui, me faz admirar como uma besta cada palavra dele, sorrir quando ele sorri e inflar como um balão, quando alguém o elogia. Acho que é a primeira vez que o tratam com o devido respeito. E ele merecia esse respeito da família, a vida toda.

É estranho que eu não me importe que ele tenha conquistado isso passando por cima do meu orgulho. Que entendam que ele não é gay, porque ele foi um brutamontes comigo. Deveria estar possessa, mas sequer consigo ouvir a voz na minha cabeça, sinto-me feliz, por vê-lo feliz. Aninho minha cabeça em seu pescoço, ele me abraça mais forte e fico quietinha, ouvindo-o falar de mim, da empresa, dos amigos, de Nath e parece que não estou sozinha. Vejo de relance um olhar satisfeito no rosto de Marisa. Sim, isso é bom, apesar de tudo.

A família está se despedindo finalmente, a noite já caiu, e graças a Deus não querem esperar o jantar. Todos se apertam na varanda da frente, e várias mãos me são estendidas para que eu as aperte. Não faço questão. Passo a mão rapidamente por várias delas e depois volto a enfiá-las no bolso. Matheus me olha com uma careta e dou de ombros. Já fui boazinha demais por um dia.

— Até mais.

— Até mais, querida.

— Marquem logo essa data, até mais.

— Meu Deus, vão logo! Não se preocupem, serão convidados, agora sumam, estou faminta e estão atrasando o jantar.

Alguns riem sem graça, as mulheres balançam a cabeça de forma negativa, e é aí que começa. Fogos de artifícios brilham no céu. Várias cores, vários formatos. É um espetáculo. Estou centrada nas luzes, no barulho, na beleza de uma coisa tão simples, quando a família inteira suspira. Ao invés de um feliz 2015, o que aparece no céu estrelado é a frase: case-se comigo.

Estaco. Olho para Matheus imediatamente e ele está parado ali, uma caixinha preta em sua mão, e duas alianças douradas nela.

— Foi gay demais? — pergunta sorrindo.

— Definitivamente, mas eu gostei.

— Pegue uma, Sereia. E me diga sim.

É uma encenação. Tenho que me lembrar de que é a merda de uma encenação. Mas, não consigo esconder a emoção que me toma. Ele beija minha testa e estende a caixinha preta. Tiro de lá a aliança maior e o encaro. Ele pega a menor, segura minha mão, beija cada um de meus dedos, e a encaixa no anelar. Então beija minha testa de novo.

— Para sempre. — Beija meu ouvido. — Minha.

E então para a ponto de beijar minha boca.

— Isto é sério — ele afirma olhando em meus olhos.

Seus lábios tocam os meus por poucos segundos, antes de ele se afastar e estender a mão.

— Não espera que eu me ajoelhe, não é? — brinco e todos riem.

Meio tremendo, enfio a aliança em seu dedo, e ela fica presa no meio dele. Certifico-me de que

estou no dedo certo, minha vista está meio embaçada, vai saber. Tiro a aliança, conto os dedos, e enfio de novo, e ela fica agarrada na metade do dedo.

— Comprou duas alianças femininas? — pergunto espantada forçando para que a aliança entre.

— Não! — Ele ajuda a empurrar, mas ela não desce mais, e também não volta. Está presa no dedo dele. Ouvimos uma risada e ele encara Marcus com puro ódio. — Um pequeno problema com a minha aliança, amanhã mesmo resolvo isso. Fique com a sua, querida.

— Nem pensar! Não vou ficar como a comprometida, enquanto você é livre. Isso é o tipo coisa de uma menina iludida, usar uma aliança com seu nome enquanto você perambula mostrando esse dedo nu.

Começo a tirar minha aliança, mas ele segura minhas mãos bem afastadas.

— Você não vai tirar essa aliança. Falei que era para sempre. Não se atreva ou levará umas palmadas.

— Coitado de você se acha que vou ficar com isso exibindo como uma coleira por aí que você é meu dono, sendo que não sou sua dona. Vou tirar. Solte-me.

— Por Deus, Gilcelle, como você é difícil! — Ele me puxa para seus braços e me aperta. Morde meu pescoço de leve e sussurra em meu ouvido. — Cem mil para cada dia que permanecer com essa aliança.

Sorrio.

— Eu te amo, estúpido. Você me deve duzentos mil só hoje.

Ele fica paralisado um tempo longo demais, me prendendo em seus braços. Quando volta a falar, seu tom de voz parece estranho.

— Vou descontar esta noite, minha pequena Sereia.

Toda a família Buscapé nos encara, aquele monte de gente estranha.

— Duvido muito, machão. Mas, boa sorte.

Bem que eu queria acabar esta noite algemada, amordaçada e sendo comida.

Matheus

Gil vai bagunçando tudo o que pode pela casa. A casa de minha família, não é tão grande, mas é grande o bastante para uma pessoa apenas cuidar, e por isso, temos três secretárias do lar para auxiliar na limpeza. Mamãe na verdade gosta de fazer isso. Confesso que tudo é branco demais, mas arrumado demais, como deve ser. E ela, enlouquece aqui dentro. Sai pela casa, às vezes sem nem mesmo perceber, tirando as coisas dos lugares, jogando coisas pelo chão, entortando os quadros, e eu a sigo, consertando tudo o que ela bagunça.

— Pare de me seguir. Você tem TOC, sabia? — reclama.

— E você tem TOC ao inverso. Gosta de tudo pelo avesso.

Ela gargalha e para de repente, vendo uma foto minha aos dois anos. Ela toca o quadro, num gesto atípico, e sorri para mim.

— Você era tão lindo! Não que não seja agora, mas fico pensando, se você tivesse um filho um dia, ele se pareceria com você?

Não sei o que responder, encaro-a para ter certeza de que não estou tendo alucinações. Ela foi boazinha demais o dia todo, quero dizer, após me sujar de barro. Comportou-se tão bem, que por poucas horas esqueci-me da verdadeira fera que vive nela. Minha memória foi refrescada quando começou a bagunçar a casa, fez uma gororoba na hora do jantar e iniciou uma guerra de bolinhos com a Amanda que quase fez mamãe desmaiar. E então, de repente, ela está aqui, olhando uma foto minha bebê e falando sobre bebês comigo.

— Espero que se pareça com você. Não aguento mais loiros nesta família — digo.

Ela sorri, mas parece triste.

— Não terei filhos, Matheus. Estou velha demais. Até que eu me case e tenha estabilidade mental e financeira para ser mãe, não dará tempo. Ainda bem que tenho Celina. Ela engravidou em poucas semanas com Sebastian, provavelmente terá quinhentos filhos, serão como coelhos, aqueles dois. E eu serei mãe por tabela dos filhos deles.

Gil tem a minha idade, vinte e oito anos, é mais velha do que a Celina e a Suzana, mas ainda é bem jovem. Levanto sua mão e mantenho a aliança diante de seus olhos.

— Veja, já está noiva, primeiro passo dado. Se quiser filhos, podemos fazê-los agora mesmo.

— Isso é uma encenação, Matheus. Não é? Não podemos ter filhos de mentirinha.

Não é uma encenação, ela sabe bem disso. Só precisa que eu confirme, mas não posso ainda. Ela precisa sentir que vai perder isso, minha proteção, meu amor. Precisa achar que não terá isso para sempre, para então querer não perder. Se souber que esse noivado é de verdade, que nosso casamento está realmente marcado, me afastará em dois tempos por ter mentido. E você é testemunha de que não estou mentindo, estou apenas omitindo algumas pequenas informações.

— Posso te fazer uma proposta. O que acha? Um milhão a cada filho?

Ela gargalha de novo e me abraça.

— Idiota! Não venderia meus filhos nem por todos os milhões do mundo. Mesmo eles sendo frescos como você. Serão meus.

— Se tenho certeza de uma coisa nesta vida, minha cara Gilcelle, é de que meus filhos serão seus.

— Matheus, já pedi para não ser fofo. Isso é chato. As pessoas não gostam de ler isso. Seja estúpido, eu serei louca e vamos ser felizes. Mas, quando você é fofo, vamos por caminhos tortuosos que não irão acabar bem. Seja estúpido, ok? Não fofo.

— Vocês dois, parem de agarramento nesta escada ou minha cunhada será punida pela regra

dezesseis. Matheus, em dez minutos tirarei todos de casa, vocês têm duas horas. Aqui está o número da minha conta — diz Amanda me estendendo um cartão.

— Por que você tem um cartão com o número da sua conta?

— Sou boa em negócios. Minha conta é muito movimentada.

— Como vai tirar todos daqui? — questiono.

— Tenho meus meios — ela diz, sorri para Gil e desce a escada gritando.

Gil e eu descemos atrás dela. Ela coloca a mão na bochecha e lágrimas escorrem por seus olhos.

— Mamãaaa, está doendo! Socorro! Leve-me ao dentista!

Marcus e Miguel se aproximam. Imediatamente Miguel vai pegar o carro, e mamãe me olha:

— Vamos Matt, vamos levar sua irmã ao dentista.

— Ele não precisa ir — retruca Amanda.

— Claro que precisa!

— Apenas Marcus e Miguel bastam.

— Os três devem ir, é o dever de irmão.

Merda. Mamãe e suas leis de irmandade nesta casa.

— Ai! — Gil grita de repente. — Acho que meu ombro está machucado, pelo tombo. Matheus, pode me ajudar a colocar gelo?

Aproximo-me de seu ombro, mas não vejo nada, ela revira os olhos e sorrio ao entrar em seu jogo.

— Claro, querida. Venha comigo.

A arrasto para a cozinha e poucos minutos depois, ouvimos minha família saindo ao som dos gritos de Amanda.

— Adoro sua irmã. Deveríamos adotá-la — diz Gil empolgada.

— Adora porque conviveu poucos dias com ela, espere até o fim de semana e terá mudado de ideia.

Sem mais, a arrasto apressadamente para o quarto. Há anos anseio por esse momento. Há anos sonho com isso, em tê-la assim, só para mim. Só temos duas horas, não poderei amá-la da maneira que queria, mas a terei estas duas horas apenas para mim, passarei duas horas dentro dela.

— Como será, querida? Terei que amarrá-la? Amordaçá-la? Ou acha que pode ser uma boa menina?

— Nunca fui uma boa menina — ela responde tirando a blusa.

Merda. Não conseguirei esperar muito tempo.

— Adoro as meninas malvadas — digo tirando a roupa também. — Parada aí! — ordeno quando ela faz menção de tirar a calça. — Esta função é minha, faço questão de executá-la.

Ela para com a mão no zíper e me aproximo, abaixo-me diante dela, tiro suas mãos do zíper, e o desço bem devagar, roçando o dedo em sua calcinha. Sinto-a tremer, e lhe escapa um pequeno gemido. O primeiro de muitos. Após abrir o zíper, a olho, ainda abaixado diante dela, enfio um dedo de cada lado do cóis da calça e a puxo para baixo, vagarosamente. Admiro cada pedaço de pele exposta, quero tocar cada parte. Não terei tempo agora, mas ainda irei amá-la como ela merece, venerando-a por completo.

— Pare de me olhar assim. Como se nunca tivesse me visto antes. Você me viu nua hoje mesmo.

— Irei olhá-la assim cada vez que tirar a roupa perto de mim, Gil. Irei adorá-la dessa maneira, cada pedaço do seu corpo, todos os dias. Nunca será rotineiro ter você. Será sempre um momento único, e eu sempre reagirei como o garoto de dezoito anos que finalmente consegue sua Sereia. Você é sempre uma grande surpresa para mim, acostume-se a isso.

Ela não diz nada. Assente com a cabeça e toca levemente meu rosto.

— Por que você nos tirou tanto tempo juntos, Matheus?

— Porque sou idiota. Você me pede para ser estúpido, mas olha só o que acontece quando sou.

Recuperaremos cada dia desses dez anos. Eu prometo a você.

— Beije-me — ela sussurra.

Levanto-me no mesmo instante e tomo seus lábios, a guio até a cama e caio sobre ela, nossas bocas não se separam, ela passa os braços por meu pescoço, está totalmente entregue. Paramos para respirar, mas não quero afastar o contato de meus lábios com seu corpo. Passeio vagorosamente por seu pescoço, seus seios, subo novamente e mordisco seus lábios. Desço a mão por sua barriga, levemente, ela geme e arqueia o corpo em direção ao meu. Estou a ponto de explodir por ela.

Toco sua calcinha pequena, sinto-a tensa embaixo de mim, e no momento em que meu dedo ultrapassa a barreira do pano, e a toco, ela relaxa, geme mais alto e crava as unhas nos meus ombros. Com força. Droga, sairei todo arranhado de novo. Não importa. Aperto mais forte enquanto volto a beijá-la. Brincando ali, sentindo-a encharcar-se cada vez mais. Quero que ela goze no meu dedo, depois na minha língua, para então fazê-la desmanchar no meu pau. Preciso apenas colocar seu mamilo na boca, morder forte e enfiar um dedo nela, e ela convulsiona embaixo de mim em um orgasmo. Grita, agarra meu cabelo, e chuta o ar com a perna livre.

— Agora, minha pequena Sereia, a farei gozar na minha língua.

Ela nega com a cabeça.

— Nada disso. Quero você em mim. Preciso disso.

Imediatamente a puxo para cima de mim, só assim para ela não me chutar. A calcinha ainda está entre meu pau latejante e o lugar onde ele necessita estar, puxo a calcinha na intenção de rasgá-la, e quando ouço o barulho do pano rasgando, ouço também um outro barulho do lado de fora do quarto.

Gil se assusta e encara o corredor à nossa frente. Sequer fechamos a porta, não havia ninguém na casa mesmo.

— Que barulho foi esse? — pergunta assustada.

— Nenhum. Venha aqui e monte em mim.

— Não, Matheus, eu ouvi algo.

Ela se levanta e veste um roupão. Então sai pelo corredor.

— O que vai fazer? — pergunto indo atrás dela. — Se ouviu um barulho tem que fechar a porta e chamar a polícia, não sair procurando um possível ladrão!

— Não seja frouxo. Pode nem ser nada. Quer mesmo chamar a polícia em nossa única oportunidade de ficarmos sozinhos aqui?

— Então vamos voltar para o quarto e terminar o que começamos, volte aqui sua peste!

Paro na escada e a maluca desce. De repente, grita e corre até a cozinha.

— Gil! O que você viu? Por que gritou? Gilcelle!

Ela não responde. Merda! Não quero ir até lá, não quero descobrir o que causou o barulho, mas droga de mulher curiosa e metida a corajosa. Desço a escada correndo e a vejo na porta dos fundos da cozinha com uma frigideira em posição de ataque.

— Tem mesmo alguém aqui? — pergunto já procurando facas.

— Shhhh! Tem sim. E sei bem onde o meliante está.

— Ótimo, vamos chamar a polícia.

— Não vamos não — ela diz e abre de uma vez a porta da despensa, já descendo a frigideira no meliante, que por acaso, é Marcus, com uma filmadora nas mãos.

— O que você acha que está fazendo? — grito pegando-o pelo colarinho da blusa.

Gil toma a câmera de sua mão e olha horrorizada.

— Ele estava nos filmando, Matheus! Seu doente!

— Não queria filmar cenas íntimas de vocês. Queria filmar a conversa, para provar que estão mentindo.

— Ora, você atrapalhou nosso momento nada gay e ainda insiste nisso? — ela grita.

Ele parece confuso. O solto irritado e logo o barulho de carro lá fora faz com que Gil se desespere com a câmera para apagar o vídeo. Ajudo-a, e no minuto seguinte mamãe entra na cozinha.

— Miguel ficou com a Mandy porque esqueci o cartão de... — ela estaca horrorizada ao olhar para mim.

Eu estaco ao olhar para mim. Estou nu. Enfio-me atrás da Gil, tentando me esconder.

— Oi, mamãe.

— Mas, o que está acontecendo aqui? — ela parece prestes a ter um treco.

— Nada demais. Seu filho gay atrapalhou minha foda, para variar. Estou indo embora, Matheus, cansei desta sua família que só sabe empatar minha vida — diz Gilcelle irritada afastando-se de mim, mas a puxo de volta.

— Fique quieta! Cubra-me. — Então olho mamãe. — Não é possível que eu não possa ter um momento a sós com minha noiva, que a tenha colocado em um quarto sem tranca e mandado tirar a tranca do meu! O que acha que somos? Duas crianças que andam de mãos dadas? Chega! Vou subir com minha noiva e ao menos que queiram dar uma de *voyeur*, fiquem bem longe do andar de cima.

Saio detrás dela, a pego pela mão, e a arrasto decidido escada acima.

Ela entra no quarto cabisbaixa e se joga na cama.

— Dois minutos — digo e volto à cozinha. Mamãe e Marcus estão parados, estacados, um olhando para a cara do outro.

Passo por eles, pego duas cadeiras, os encaro para deixar claro que meu recado foi sério, e subo com as cadeiras.

— Para que trouxe estas cadeiras? — Gil pergunta sentando-se na cama.

— Não se preocupe, tarada, estou apenas providenciando a nossa chave.

Bato a porta, escoro uma das cadeiras abaixo do trinco e puxo para me certificar de que não abrirá. Deixo a outra no centro do quarto e a encaro.

— Agora levante-se, Sereia.

— Está maluco se acha que vou querer alguma coisa sabendo que sua mãe e seu irmão mexeriqueiros estão aí de ouvidos colados na porta querendo saber se grito palavrão na hora H. Vou dormir. Vá dormir no seu quarto, bem longe de mim!

Ela se enfia debaixo da coberta e puxo a coberta com tudo.

— Saia desta cama em três segundos, ou eu a tirarei.

Ela me avalia, para saber se estou falando sério.

— Um, Gilcelle — digo estendendo o dedo. — Dois. — Ela continua me olhando com seu jeito desafiador. — Três!

A pego pelos braços, consigo arrastá-la pela cama, ela se levanta cambaleante com minha pressão, puxo a faixa de seu roupão e o tiro rapidamente. Empurro-a contra a cadeira e prendo seus braços para trás com a faixa do roupão. Dou a volta e paro à sua frente. Ela parece mais surpresa do que assustada.

— O que vai fazer? — pergunta.

Ajoelho-me diante dela e abro suas pernas.

— Eu disse que a faria gozar na minha língua. Farei. Se tentar fechar as pernas, então antes de fazê-la gozar no meu pau, te darei uma surra. Seja boazinha e terá logo o que tanto quer. A escolha é

sua.

— Mas... não posso ficar parada se você estará com a língua no meio das minhas pernas!

— Se vire! Esta noite, querida, você vai fazer do meu jeito! E aí de você se fechar as pernas!

Ataco-a veementemente com a língua. Ah minha Sereia, não tem família no mundo que nos impeça agora. Dez malditos anos de espera. E essa espera acabará esta noite.

Capítulo 10

Gilcelle

Ouçõ o barulho quando o carro sai cantando pneus. A família dele se mandou. Seu dom de ser um Dom funciona até mesmo com sua mãe maluca e irmão estranho. Estou amarrada a uma cadeira, com as pernas abertas, enquanto Matheus ajoelha-se diante de mim. Não posso tentar fechar as pernas, mas, ao sentir seu hálito ali, imediatamente as aperto contra sua cabeça.

— Desobediente. Está querendo apanhar, Sereia?

— Estou querendo ser comida. Seja por sua língua ou por seu pau, então ande logo com isso.

Ele me toca com apenas um dedo. Levemente no começo, brinca com meu clitóris, e faço um esforço tremendo para não fechar as pernas. É um movimento repetitivo e torturantemente lento. Ele brinca ali, se diverte com a força que preciso fazer para não fechar as pernas, me olha, presta atenção em cada reação minha, em cada olhar que lhe lanço. E sorri, seu sorriso mais doce e mais cruel. De repente, ele aperta um dedo no meu clitóris e enfia outro em mim. Grito. Ele sorri ainda mais, e sua mão está longe de onde necessito que esteja. O encaro com súplica no olhar.

— Vou te dar o que você quer, minha Sereia. Darei a você tudo o que você quiser, todos os dias.

Não digo nada. Ele me desarma quando age assim, quando me olha como se eu fosse tudo, prefiro nem tentar formular respostas. Seus dedos agora passeiam por minhas coxas.

— Estamos sozinhos, meu bem. Pode gritar à vontade, pode se entregar sem medo ou pudor.

— Eu sei — consigo sussurrar.

— Só não pode fechar as pernas, lembre-se disso.

Merda, isso vai ser muito difícil. Ele confirma minhas suspeitas assim que sua língua me toca, não tem a delicadeza e a tortura lenta de seus dedos minutos antes, ele me domina, chupa com força, arranha com os dentes, me prende, de uma maneira deliciosa, me invade com a língua, e me perco. Tento fechar as pernas, mas elas param em sua cabeça, sua língua não para de se mover em mim, me puxando, me prendendo, me invadindo. Meu coração bate forte no meu ouvido, quero tocá-lo, afastá-lo dali ou puxá-lo ainda mais perto, mas minhas mãos presas tornam tudo ainda mais intenso. Quando estou prestes a liberar toda a tensão que quer explodir de mim, ele para. Simplesmente se levanta e fica me observando.

Atordoada, abro os olhos e levo um tempo para conseguir vê-lo com clareza. Está com os braços cruzados, a respiração acelerada e me olha atentamente.

— Por que você parou? — lamento.

— Porque você foi desobediente.

Quero matá-lo, mas ele está rindo.

— Venha aqui, amor. Eu amo seu gosto, amo quando ele preenche minha boca e a vejo perder os sentidos nela, mas não é isso que quero agora. Agora quero que perca tudo, que se perca comigo, que grite meu nome enquanto meu pau preenche cada centímetro de você. Gil, não me importa quantos homens você teve depois daquela noite, nem quantas mulheres tentei ter. Você sempre foi a única, sempre foi quem estive em meus pensamentos, em cada segundo. Anseio tanto por esse momento, você não faz ideia.

— Então pare de falar e me preencha logo.

Ele me desamarra, tento me levantar, mas estou bamba. Ele me ampara, e me leva até a cama.

Observa cada pedaço de meu corpo como se nunca o tivesse visto.

— Você cresceu — diz com alguma emoção desconhecida na voz.

— Você também — retruco olhando seu pau enorme e duro.

Ele sorri.

Estou ficando louca, contado os segundos, quase posso sentir seu toque por antecipação.

— Posso te pedir uma coisa? — ele pede pairando seu corpo a centímetros do meu.

— Qualquer coisa.

— Beije-me. Sem medo, sem mágoa. Eu te amo, sinta apenas isso, e me beije.

Ele aproxima seus lábios dos meus, nenhuma parte de seu corpo toca nenhuma parte do meu, não consigo mais, levanto meu rosto e alcanço seus lábios. Não o toco com as mãos, apenas com a língua. O beijo devagar, mordo seu lábio, sugo sua língua, ele geme, e não tenta mudar meu ritmo. Não consigo mais, quero que seja ele a perder a cabeça, mas não aguento, toco seu peito, passeio meus dedos por seus poucos fios loiros, arranho seu ombro, suas costas, ele apenas geme, mas me dá o contato que preciso.

— Matheus, por favor, preciso de você, por favor — sussurro em seus lábios.

Ele afasta sua boca da minha e me olha. Há algo estranho em seus olhos. Ele sorri, não com alegria genuína, mas sim algo que não sei decifrar, algo parecido com como você fica quando olha para a pessoa que você ama e não pode acreditar que teve tamanha sorte.

Então de repente seus lábios estão nos meus, seu beijo é faminto, invade minha boca, e seu corpo cai sobre o meu. Sinto seu peito esmagando meus seios, suas mãos estão em todos os lugares, suas pernas prendem as minhas, quero tocá-lo, em todos os lugares possíveis, mas não consigo me mover, ele me toma de tal forma, que não existo, eu sinto, cada toque, cada beijo, cada respiração, cada suspiro, sinto sua língua passeando por meu corpo, detendo-se em meus seios, sugando meus mamilos, sinto sua ereção passeando em minhas pernas conforme ele se move sobre mim. Sinto seus dedos como choques quando ele segura cada uma de minhas pernas e as afasta, encaixando-se no meio delas. O encaixe perfeito.

— Vou apagar da sua mente qualquer outro homem que tenha estado aqui. Vou apagar qualquer outra lembrança de alguém tocando-a. Você pertence a mim e somente a mim. Darei a você o que ninguém nunca deu, nem mesmo eu.

Suas palavras soam como promessas de um paraíso que imaginei não existir. Soam como a corrente, que me prenderá a ele sem volta. Não tenho escapatória, nunca tive. Eu pertenci a ele desde o primeiro momento em que ele me olhou e me mandou tomar no furico. Eu o amo tanto, e não quero amar. Mesmo que tenha mudado, mesmo que esteja aqui amanhã de manhã, não quero mais sentir o vazio desesperador, que ele deixou quando foi embora. Não quero dar a ninguém, especialmente a ele, tamanho poder sobre mim. E, como se estivesse lendo meus pensamentos, ele cobre lentamente seu sexo com a camisinha e me diz:

— Afinal de contas, o que é o amor senão dar a outra pessoa o poder total e completo sobre você? E aceitar que isso, é o que o fará feliz por toda vida, pertencer a alguém. Não ser mais você, mas o que você sente. — Ele me olha nos olhos. — Não tenha medo. Nunca mais irei machucá-la. De nenhuma maneira.

Olho de volta em seus olhos e quero acreditar em suas promessas, mas bem neste momento ele me invade, e sinto uma dor horrorosa, tento conter o grito, mas ele está totalmente parado, tenso, em cima de mim. Cubro o rosto, não quero olhá-lo, não quero que ele saiba que foi o único.

— Gil... — sussurra confuso.

— Saia de cima de mim — peço.

— De jeito nenhum. — Ele segura meu rosto entre suas mãos, não diz nada quando o olho de volta, apenas me observa com algo parecido com adoração em seu olhar. — Você sempre foi minha, desde o primeiro toque, e eu sofri tanto por imaginá-la com outros. — Ele sorri — Não posso acreditar.

— Matheus — peço. — Saia de cima de mim.

Ele nega veementemente.

— Olhe para mim, Sereia, olhe em meus olhos.

Eu o faço porque não tenho saída. Me sinto envergonhada e derrotada por ele descobrir a enorme farsa que me tornei depois que ele me deixou.

— Eu. Amo. Você. Sempre amei. Achei que não existisse um amor maior do que o que eu sentia. Mas, saber que você só pertenceu a mim, me faz amá-la ainda mais, de uma forma que quase me sufoca, que me toma. Amo você. Não estou brincando Gil, isso não faz parte de nenhum acordo ou proposta. Eu amo você.

Ele não está brincando. Fico meio em pânico quando percebo a verdade exposta na maneira como me olha. Ele me ama. Mas então por que...

Seus lábios tomam os meus novamente e todo pensamento se esvai quando ele se move dentro de mim. Junto a dor suportável, a percepção de que é ele ali, me preenchendo, me dominando, cada centímetro, de novo, me faz esquecer de todo o resto. Agarro seu cabelo, o arranho e ele se move. Não deixa de me olhar, passeia suas mãos de forma carinhosa por meu corpo, me beija lentamente, em contraste com seus movimentos rápidos e fortes em mim. Eu posso senti-lo de tal forma, que não sei como vou sobreviver quando não o tiver mais dentro de mim. Ele alcança cada pedaço meu enquanto estoca cada vez mais forte. Seguro seu rosto entre as mãos, ele me olha de volta, do jeito que sempre quis que olhasse, e então acontece.

Se eu me desmonto quando sua língua ou seus dedos me dominam, isso não é nada comparado ao que o seu pau faz. A explosão é muito maior, mais forte, me deixa surda, me anula para tudo à minha volta, estou suada, quente, e pulsando e ele me toma mais forte, grito seu nome, cravo as unhas no seu ombro e o orgasmo me atinge com tudo, me nocauteia.

Ele grita comigo, se aperta em mim, e no momento em que se afasta para ir mais fundo na última estocada, acerto a lateral de seu rosto com o pé Não sei se o grito que lhe escapa é de dor ou é por conta do orgasmo que o atinge. Mas ele parece não se importar, cai pesado sobre mim. Suado. A respiração pesada e me prende em seus braços.

— Gil — sussurra.

— Oi — respondo com dificuldade.

— Lembre-me sempre, sempre, de amarrar suas pernas. Merda. Está doendo pra caralho! Começo a rir. Logo, ele também está rindo.

— Quanto tenho que descontar da sua conta mesmo? — provoca.

— Nem um mísero centavo. Você também teve prazer, e uma enorme vitória sobre mim. Portanto, preciso ao menos continuar rica.

— Certo. Vou ser bonzinho com você apenas esta noite, amanhã quando a fizer gozar, você ficará falida.

— Tenho quase dois milhões na conta. Vai ter que me fazer gozar muito se quiser me falir.

— Está me desafiando, Sereia?

— Não mesmo. Apenas alertando.

Ele me aperta em seus braços e beija meu cabelo.

— Durma. Antes que minha família maluca retorne. Durma agora.

— Sua mãe vai me expulsar amanhã — sussurro sonolenta.

— Não vai. Vai te amar infinitamente por me fazer ser homem. Por que meu rosto e costas estão ardendo?

Dou de ombros.

— Corte essas unhas! — ordena.

— Não seja fresco.

Ele sorri porque isso nos é familiar. É assustadoramente familiar. Começo a enrijecer, mas ele me acalma, passeando os dedos por minhas costas e beijando meu rosto todo onde seus lábios alcançam.

— Não será como da outra vez. Isto é apenas familiaridade, mas estarei aqui, exatamente aqui quando você acordar. Estarei todas as manhãs. Acalme-se, amor. E durma.

Uma mistura de uma Gil iludida dez anos atrás e uma Gil iludida agora toma minha mente e adormeço. Mas lembro exatamente como tudo aconteceu.

10 anos antes... a noite que nunca existiu...

— Esqueça pirralha. Matheus Amorim é areia demais para seu caminhãozinho. Além do mais, desconfio que o cara é gay — Rosa comenta.

— Ele não é gay Rosa, é amigo do Cleber, e todas sabemos que o Cleber...

As duas suspiram e Rosa dá um tapa em Mia. Elas são o que mais posso chamar de amigas, mas não são exatamente isso. Elas riem de mim por ser virgem, e riem mais ainda por conta da minha obsessão por Matheus Amorim.

— Não podemos negar que ele é lindo. Tipo, modelo de revista. Aqueles olhos azuis, e aquele furo no queixo. E o cabelo? Adoro quando ele coloca aquele rabo de cavalo e...

Mia se cala quando puxo seu cabelo de uma vez, fazendo-a cair de costas na cama.

— Mais uma palavra cobiçadora sobre ele e ficará sem a língua! — Ameaço.

— Agressiva. Gilcelle aceite que vocês nunca dariam certo. Você é macho demais e ele de menos.

— Calem a boca as duas e sumam da minha casa.

As duas saem emburradas como nas últimas duas noites. Meus pais estão viajando e Antônio aproveitou para dormir na casa do namorado estranho dela. Para não ficar sozinha, pedi as minhas “amigas” para dormirem comigo. Mas é a terceira noite que elas vão embora porque as agrido de alguma forma. O que há de errado comigo?

Me jogo entediada no sofá e zapeio os canais, quando a campainha toca. Levanto-me emburrada, se aquelas idiotas tiverem voltado para me atormentar lançarei as duas escada abaixo. Mas, quando abro a porta, quase tenho um ataque e me derreto ao mesmo tempo.

É ele.

Matheus Glorioso Amorim está parado ali, na minha porta. Com as duas mãos plantadas nos bolsos da calça. Ele olha para o chão, para o alto, e finalmente, fixa seu olhar no meu. Aqueles olhos tão azuis focados em mim. Quase me derreto de novo.

— Oi — ele diz meio sem jeito.

— Oi.

— Você é linda.

Me sinto corar imediatamente. Nunca nos falamos e de repente ele me acha linda. Devo estar sonhando.

— Obrigada.

— Quero comer você agora.

O que? Comer? Tipo: comer?

— Tudo bem — digo quase num sussurro. Fico ali, parada o encarando, e ele olha para dentro de minha casa. Me toco que ele deve entrar, não vamos fazer isso na calçada. Mas, assim que ele entra, não sei como agir.

Não estou preparada para ter Matheus Amorim na minha casa, na minha cama, na minha bichinha. Sequer estou com uma lingerie bonita. Sequer me preparei. Graças a Deus tomei um bom banho pouco antes de ele chegar.

— Bom... quer... subir?

Ele assente, parece tão nervoso quanto eu. O que será que se passa pela cabeça de um garoto popular como ele, (Cleber é o popular na verdade, mas eles andam juntos, logo, Matheus acaba sendo conhecido também) ao saber que vai transar com uma garota idiota e virgem? Bom, ele não

precisa saber que sou virgem. Que se dane, ele pode achar o que quiser, desde que me coma realmente e me dê um orgasmo, porque perder a virgindade com a paixão da sua adolescência e ainda gozar na primeira vez é o sonho de toda garota. Ainda mais quando ela tem dezoito anos, amigas piranhas insuportáveis e uma bichinha totalmente trancada.

Subo os degraus na sua frente, uma a um, ouvindo meu coração bater no ouvido. Estou nervosa e meio tremendo. Ele vem silencioso atrás de mim, até que de repente, suas mãos pousam em minha cintura e ele me arrasta escada acima. Grito de susto, mas estou rindo como uma boba e ele também sorri. Abre a primeira porta que encontra e me lança contra a porta, sua boca já tomando a minha em um beijo selvagem. Uau!

— Math... Math... Mathus! — consigo gritar por fim — Este não é meu quarto.

Ele pisca confuso e pego sua mão, levando-o para meu quarto. Imagino que ele vá entrar e ficar reparando minhas coisas nada convencionais, mas ele não o faz. Não no quarto todo pelo menos, ele só repara em uma coisa praticamente, a algema no meu criado mudo. A ganhei de presente no ano passado da safada da Mia, e ganhei mais duas esse ano só porque deixei essa pendurada na minha cabeceira por um ano. E comprei duas, porque eram estampas de bolinhas e achei muito bonitinhas. Tenho quase uma coleção de algemas. Ficam na minha gaveta, mas a enxada da Mia a tirou essa noite para futricar. Deveria tê-la guardado. Ele encara a algema e me encara. Imediatamente e vergonhosamente, pego a algema, abro rapidamente a gaveta e a jogo lá. Então sento-me na cama e o olho com a maior cara de santa que consigo. Ele sorri.

Aproxima-se de mim e volta a me beijar. Dessa vez bem devagar, posso saborear seu gosto, sua língua brincando com a minha, ele me deita e deita-se por cima de mim. Seus lábios descem por meu pescoço, descem ainda mais e rodeiam meu seio por cima da roupa. Então ele a tira, vagorosamente, começa a me despir de forma tão lenta e centrada, que perco a paciência. Tiro eu mesma a roupa, com pressa, e tiro a dele, para não correremos o risco de ele fazer isso com tanta paciência.

Sei o que está pensando, mas tente me entender. Ele é lindo, sou louca por ele há anos. Tenho dezoito anos e sou virgem. Nunca vi um pau, e o primeiro que vou ver é o dele. Então não me julgue por ficar tão desesperada e ansiosa para tê-lo em mim. Tiro rapidamente sua blusa e calça, enquanto ele ri. Mas não tenho coragem de tirar a cueca. Quando a toco, coro como um morango azedo e me afasto. Seu sorriso fica terno e ele acaricia meus cabelos.

— Tão linda. Parece uma Sereia.

Sorrio abobalhada. Que coisa tão linda de se dizer!

Ele volta a me beijar, estou completamente nua, mas não me sinto envergonhada por isso. Meu pudor foi substituído por puro tesão, pois o volume que vejo em sua cueca promete. Se joga sobre mim de novo e dessa vez seus lábios alcançam meus seios. Ele desce os dedos pelas laterais do meu corpo gentilmente, e me toca ali. Gemo alto. É algo inexplicável ser tocada ali. Não que eu já não tivesse me tocado antes, mas um homem que você deseja, lindo, gostoso e quente, te tocar ali enquanto suga seu mamilo e geme, é alucinante. Ele me toca tão de leve, mas há uma reação tão poderosa em mim, que puxo seu cabelo. Acho que o faço com força demais, pois ele grita.

— Perdoe-me — peço sem graça.

— Não tem problema — ele responde antes de pressionar com força seus dedos em mim e volto a gritar, puxando fortemente seu cabelo de novo.

— Perdoe-me.

Ele sorri, mas um sorriso meio para esconder a dor. Preciso manter minhas mãos ocupadas. As

finco no lençol ao lado do meu corpo enquanto ele deposita beijos ternos em minha barriga e seu dedo mágico volta a trabalhar em mim. Mordo o lábio com força, tento me controlar, isso é muito gostoso. As coisas que ele me diz, me fazem viajar enquanto seus dedos me tocam como nunca fui tocada. Quando ele enfia um dedo em mim, grito mais alto ainda e agarro seu cabelo, puxando-o com força maior.

Ele se afasta e me olha fascinado.

— Não vou mais pedir perdão — digo louca para enfiar a cara no travesseiro e me esconder. — Sou meio, agressiva. Se quiser ir embora...

Ele se levanta e quase choro. Fico perdida entre pedir que ele fique, ou lançá-lo escada abaixo por me excitar assim e parar na metade do caminho por causa de um puxãozinho bobo de cabelo. Mas ele apenas abre a primeira gaveta do criado mudo, antes que eu possa impedir. Então ele estaca.

— Caralho! — diz admirado, ou assustado, não consigo decifrar. — Você tem uma coleção de algemas?

Dou de ombros envergonhada.

— Mas, você é virgem. Por que tem uma coleção de algemas?

O que? Isso é sério? Ele sabe sobre isso? Precisa jogar isso na minha cara?

— Olha Matheus, primeiro, você não diz a uma virgem que está prestes a desvirginar que ela é virgem. A garota com certeza está tentando esconder isso de você e não é legal jogar isso na cara dela.

— Não estou jogando na sua cara. Adoro saber que serei seu primeiro.

— Não venha me bajular agora. Segundo, eu sou virgem ainda, não quer dizer que vá morrer virgem. Nunca tive essa pretensão. Logo, posso ter algemas, fantasias, bolinhas de calor, canetas comestíveis e até mesmo pênis de borracha. Sou virgem, não retardada.

— Ai céus. Isso me lembrou uma coisa. — Ele corre até a roupa estendida no chão e apalpa os bolsos — Então, garota virgem atrevida e fogosa, você tem camisinha?

— Você veio me comer e não trouxe camisinha?

— Eu não vim te comer. Eu não... — Ele pega uma das algemas e aproxima-se de mim. Me empurra na cama, pega minhas mãos e as junta no alto da minha cabeça. — Você tem a chave disso, certo? — assinto e ele as prende com a algaema, e a prende na cabeceira da cama. — Pronto, problema cabelo sendo puxado, resolvido. Minha cabeça ficará quieta no meu pescoço.

— Ou não — retruco e ele me lança um olhar tão cheio de promessas que quase gozo.

— Ou não, Sereia. Espero que não. Agora, você tem camisinhas?

— Por acaso, tenho. Estão na gaveta.

Ele abre a gaveta e tira de lá um pacote verde.

— Isso acende no escuro? — pergunta sorrindo.

— Ah cale a boca, cubra logo seu bichinho e venha aqui.

Sorrindo, ele tira a cueca, então esqueço de provocá-lo porque merda! Ele é demais! Merda! Vai acabar comigo! Merda! Isso vai doer.

— Isso vai doer — ele me alerta ecoando meus pensamentos.

— Ok, a vida é dolorida e menos prazerosa do que perder a virgindade.

Ele volta a deitar-se por cima de mim e volta a me beijar. Com fogo, urgência, necessidade. Quero puxar seu cabelo, mas minhas mãos estão presas e posso ver em um vislumbre, suas costas arranhadas. Melhor mesmo ter as mãos presas. Nunca pensei que fosse realmente usar essas algemas,

ainda mais com ele. Logo, seus dedos ágeis estão de volta ao meio das minhas pernas, ele me toca com tanta maestria, que por um momento penso que ele deve pegar mais ou o mesmo tanto de garotas que o tal Cleber.

Mas, logo esses pensamentos somem na névoa do desejo. E, quando ele enfia novamente o dedo em mim, gozo, é uma coisa indescritível, muito forte, que me tira da realidade e me leva até o céu, para então me derrubar de uma vez de volta a realidade. Grito alto, impulsiono meu corpo e estico as pernas, tentando me libertar dessa coisa que aperta todo meu corpo nesse prazer delicioso. E só quando me acalmo, o vejo ali, ajoelhado na cama, com a mão na boca. E sua boca está sangrando.

— Ah meu Deus, o que houve? — Quero me soltar e tocá-lo, mas estou presa, e desesperada.

— Ei, acalme-se. Não foi nada.

— Eu chutei você? Fui eu que fiz isso?

— Você me avisou que era agressiva.

Estou assustada. Eu acabei mesmo de chutar a boca do cara por quem sou apaixonada, que graças a Deus não é gay e que está prestes a tirar minha virgindade? Ai meu Deus!

— Acalme-se, Sereia. Relaxe. — Sua boca volta e percorrer meu corpo, parando em meu seio, e me sinto relaxar mesmo contra a vontade.

Ele me beija um pouco mais, e logo sua boca volta aos meus seios alternando entre chupões e mordidas. Mas ele não se demora ali dessa vez, afasta-se e pega a camisinha estranha que brilha. Abre o pacote e xinga um palavrão.

— O que houve? — pergunto temendo que a porcaria esteja furada e que isso signifique que ele está indo embora.

— O líquido. Sujou minhas mãos.

— Não é a lubrificação? Você nunca usou uma camisinha?

Ele sorri.

— Quietinha, Sereia. E me desculpe.

— Pelo que?

Ele deita-se sobre mim, me beija, e então, me penetra. Grito, dói pra caralho.

— Por isso. Eu disse que ia doer.

Ele volta a se mover e grito mais ainda. Quero muito, muito mesmo enfiar as unhas em suas costas. Por que só eu tenho que sentir dor?

— Quer que eu pare? — pergunta preocupado.

— Ah não. De jeito nenhum. Continue, agora mesmo. E faça com força. Não me importo se doer.

— Não vou machucá-la mais do que o inevitável, Sereia.

Ele se move gentilmente, vagorosamente. Presta atenção em cada expressão minha. Vejo seu rosto ir mudando enquanto se movimenta, está se segurando. Não precisará se segurar muito tempo. Logo, a dor não me incomoda, e só consigo senti-lo, inteiro dentro de mim. Tento desesperadamente mover minhas mãos, mas estão presas. Ele arremete contra mim mais algumas vezes e para.

— Sereia, vamos, goze comigo. Não aguento mais muito tempo.

Confirmo com a cabeça e ele se deita sobre mim e me beija. E quando me penetra de novo, aquela sensação deliciosa, esmagadora me atinge. Ele grita comigo, arremete como um louco, seu corpo todo se tenciona antes de relaxar completamente e ele cai sobre mim, após cair comigo. Nossas respirações aceleradas se misturam. Nossos corações apressados batem no mesmo compasso.

— Onde estão as chaves? — ele pergunta levantando-se e aponto com a cabeça na direção da

gaveta, ele a revira e logo encontra a penca de chaves das algemas. Me solta meio desastrado, e assim que meus braços estão livres, ele massageia meus pulsos. Não doem muito. Acho que estou maravilhada demais para sentir qualquer dor. Ele me puxa para seus braços e acaricia meu cabelo. Ri como um menino, e fico quietinha ali. Quando passeio minha mão por seu corpo e toco seus ombros, ele geme.

— Por que meu rosto e costas estão ardendo? — pergunta confuso. Vira-se para o espelho que fica em frente minha cama e arregala os olhos. Seu rosto e costas estão muito, muito arranhados. — Caralho! Corte essas unhas!

— Não seja fresco — retruco, quando foi que fiz isso se minhas mãos ficaram a maior parte do tempo presas?

Ele sorri e me beija.

— Sereia agressiva. Da próxima vez amarrarei também suas pernas, para sair inteiro do seu quarto.

Sorrio como uma boba. Terá próxima vez. Me aconchego a ele e durmo. Não dizemos nada. O sinto acariciar minha cabeça umas duas vezes durante a noite. Me pergunto se ele não dorme, mas não consigo perguntar isso a ele, pois estou muito cansada. Caio em um sono profundo.

Acordo com a memória clara e lembranças nítidas até mesmo das sensações que ele me causou, e quando abro solhos, a cama está vazia. Levanto-me imediatamente e chamo seu nome. Desço as escadas correndo, louca para pular de novo nele. Mas ele não está. Ligo para sua casa, já são duas da tarde, por que dormi tanto? Uma mulher atende, e diz que o senhor Amorim já embarcou.

— Para onde? Como embarcou? Ele estava comigo agora mesmo!

— Não senhorita. Ele foi para a rodoviária. Está indo para a capital para cursar a faculdade.

Bato o telefone na cara dela e visto uma roupa rápido demais. Só quando pego o taxi percebo que está de trás para frente, que se dane! Ele não pode sair assim. Deve ter tido medo de me acordar, mas tem que me dizer alguma coisa, qualquer coisa. Ele me disse que haveria próxima vez. Tem que haver.

Corro como uma louca pela pequena rodoviária, chamo seu nome, estou a ponto de ter um colapso nervoso, quando uma senhora aproxima-se. Conto entre soluços que estou procurando por Matheus Amorim e ela me diz o ônibus em que ele está. E é o ônibus que está saindo. Ele não pode ir. Não pode! “Tarde demais idiota. Você o perdeu. Tomara que o ônibus vire e ele quebre o saco em uma árvore caída no meio da estrada”. Diz uma voz estranha em minha mente.

Sim, tomara.

Algo pesado está apertando meu peito, e não são mãos masculinas. Um sonho, acho que tive lembranças demais durante a noite, mas não quero mais esse sentimento de perda. Sei que o dia amanheceu porque o maldito galo está berrando quase em minha janela. Resmungo e me mexo, e algo me cutuca no meio das pernas. Uma fincada. Então me lembro da noite anterior, e de tudo o que fizemos. Sorrio. Tateio a cama em busca dele, mas ele não está.

Ele. Não. Está.

Abro os olhos de repente e a cama está vazia. Presto atenção, mas não está no banheiro também. Estou sozinha. Na cama. Na manhã seguinte. De novo.

— Idiota!

“Acalme-se e controle-se. Não seja paranoica. Você está na casa dele, para onde acha que ele iria:”

— Ele que vá para o inferno! Tinha que estar na cama comigo!

Levanto-me furiosa e visto um roupão. Saio descabelada e mal humorada escada baixo, toda a família Buscapé ainda está dormindo. Então, onde está Matheus? Ouço um ruído na porta e de repente ele aparece. Parece em pânico ao me ver, coloca todas as sacolas da padaria sobre a mesinha de entrada e aproxima-se de mim com passos cuidadosos. Não sei o que fazer, não sei o que sentir.

— Por que acordou tão cedo?

— Sonho ruim — respondo baixinho.

De repente, ele quebra o gelo e aproxima-se de mim. Me prende em um abraço e beija meu cabelo.

— Bom dia, meu amor. Não era para você ter acordado tão cedo. Eu deveria estar ao seu lado quando acordasse.

Não correspondo o abraço. Ainda estou meio assustada. E irritada. Afasto-me dele e subo de novo as escadas. Ele sobe atrás. Me jogo na cama, estou cansada. Física e emocionalmente. Porque sei que não tenho volta, por mais idiota que ele seja, eu o amo. E preciso fazer isso dar certo. Pelo menos dessa vez ele não foi embora para outra cidade. Ainda.

Ele se deita comigo e me aperta em seus braços.

— Quer dormir mais um pouco? — Concorro com a cabeça. — Ficarei aqui com você.

— Até que horas? — pergunto com ironia.

— Até você acordar mal humorada, e empurrar meu rosto para que eu não a observe dormindo.

Sorrio.

— Você vai ficar aqui?

— Juro que não vou sair daqui.

Relaxo, pouso minhas mãos por cima das dele que me rodeiam e adormeço.

Quando acordo, o idiota não está na cama. Levo um susto inicialmente. “Ok, você precisa superar isso”.

— Preciso superar isso. Eu posso superar isso. Maldito Matheus estúpido de uma figa!

Levanto-me, nem quero saber qual a desculpa da vez. Tomo um banho rápido e pego meu celular.

— Bom dia, mãe, sou eu, Gilcelle, lembra-se de mim? — O barulho do bip soa em meu ouvido, ela desligou. — Velha mal educada.

Ligo de novo, e de novo e a velha não me atende. Então envio uma mensagem para o celular dela.

Olá mãe. Sou eu e quero falar com a Antônio. Vou ligar até que a senhora me atenda,

portanto, pela pouca saúde que resta a minha audição, atenda a porcaria do telefone!

Por favor!

Espero acalmá-la com esse por favor, porque fui meio grossa com ela. Espero alguns minutos, ligo novamente, e ela atende.

— Bom dia, madre! Como é bom falar com a senhora, sua educação e seu humor!

— O que quer?

— Falar com minha irmã.

— Antônio não está.

— Como não está?

— Pediu para ir visitá-la.

É estranho, não estou em casa. Deve ter algo a ver com o tal padre em quem ela dá uns pegadas.

— Hum. Madre, eu vou me casar. Estou neste momento na residência da família do meu noivo.

Há um silêncio e depois ela murmura:

— Pobre alma!

— Não, ele não é tão mau assim. E meio estúpido, mas acho que posso resolver isso. Tenho uma amiga muito boa em consertar estúpidos.

— Não estou falando por você, e sim por ele. Deus tenha piedade dessa pobre alma que irá juntar-se a você para o resto da vida. Que ele aguente sua loucura e sem vergonhice que tem vida própria.

— Ei! Não sou tão ruim assim, sabia? Além do mais, se a senhora conhecesse a família dele, pediria misericórdia por mim. E além do mais, até mais. Espero que Deus lhe ajude também, mostrando que existe algo chamado educação. Passar bem. – desligo o telefone.

Será que voou para o inferno por desligar o telefone na cara dela?

Tomo café com Amanda, que abaixa a cabeça cada vez que Marisa passa por ela.

— O que houve, Mandy?

— Vocês são uns estúpidos! Mamãe flagrou vocês dois, não foi? Porque ela voltou furiosa para o dentista, e mandou que eu parasse de fingir pois ela daria tempo para que seus netos fossem fabricados. Resultado total da noite de ontem: mamãe babando seu ovo por tornar meu irmão gay um macho, chateada comigo por ter fingido estar doente para ajudá-los e Matheus trapaceiro se negando a me pagar os dois mil porque mamãe voltou em menos de meia hora e não em duas horas como combinamos.

— Você sabe que ele está certo. Foi pego nu em pelo pela sua mãe. Foi constrangedor. Você falhou, querida.

— Merda. Odeio falhas. E se vocês tivessem ficado quietos se comendo no seu quarto, ela não teria pegado ninguém nu pela casa.

— Isso também foi culpa da sua família estranha. Marcus estava nos espionando com uma câmera. Ela engasga com o café.

— Marcus? Os filmando? Mas para quê?

Dou de ombros.

— Ele é estranho. Precisa de motivo?

Terminamos o café uma mais emburrada que a outra.

— Então, sabe onde está o Matheus?

— Não está desmaiado na cama? Não o vi hoje.

Estranho. Onde será que ele se meteu? Nesse momento Marcus aparece, nos olha com seu jeito

estranho e aproxima-se de mim.

— Distância, Amorim estranho. Não estou com o melhor dos humores — aviso.

— Achei Gilcelle, que gostaria de saber onde está seu noivo.

O encaro de olhos arregalados e Amanda me cutuca.

— Isso está cheirando a armadilha, Gil. Não caia na dele.

Ela está certa. Mas ele está ali com a mão estendida a mim, me oferecendo o que mais quero no momento, achar a merda do meu noivo. Olho Amanda, esperando que eu seja forte, e não resisto. Pego a mão do estranho e Amanda logo vem atrás com sua xicara de café das Super poderosas. Ele nos guia por trás da casa, anda um pouco, passa por umas árvores e avistamos uma garagem enorme.

— A garagem fica aqui? Que lugar mais escondido! Quero dizer, olha o tanto que vocês andam para chegar a casa. Qual o sentido de vir de carro?

Os dois dão de ombros e Marcus me indica com a mão que abra a porta de madeira da garagem.

— Gil, eu diria que não deve abrir essa porta, pois se Marcus a trouxe de tão bom vontade, é algo de que você não vai gostar. Por outro lado, estou muito curiosa. Abra logo essa porta — Amanda diz.

Meu coração está acelerado, o escuto retumbando nos ouvidos. Minha respiração falha. Algo me diz que não deveria abrir essa porta. Mas abro, porque sou dessas. E não acredito no que estou vendo. Estaco. Então fecho a porta e torno a abrir, dando a chance da cena que flagrei ali dentro ter mudado e eu me convencer de que foi uma alucinação.

Mas, quando torno a abrir a porta, é a mesma cena. Fecho a porta de novo e espero um pouco, logo, Amanda bate em meu ombro.

— O que há aí dentro? Gil querida, não importa o que você viu, não vai mudar só porque você fechou e abriu a porta. Abra a porta e deixe-me ver o que tem aí dentro.

Então eu abro. Que todos sejam testemunhas do porquê Matheus Amorim morrerá hoje.

Amanda arregala os olhos, escancara a boca e solta um palavrão.

— Merda! Eu não precisava ver isso! — Ela se vira de costas e não fecho mais a porta. Preciso encarar a merda da vez.

Meu Deus! Me de paciência! Ou força. Ou eu o mato, ou me mato.

— Meus parabéns, Matheus, isso supera todas as merdas que você já fez na vida.

— Gil, isso vai parecer clichê, mas não é o que parece.

— Definitivamente — confirma Alzira. Sim, aquela Alzira esquisita da V.D.A. que é vidrada nele.

Explique-se, querido. E para o seu bem, seja bem convincente.

A respiração leve da minha noiva me faz sentir uma calma e paz indescritíveis, ela acordou inesperadamente essa manhã, e eu não estava na cama. Idiota. Mas estarei quando ela acordar novamente, e todas as manhãs, e ela vai superar essa síndrome do abandono. Volto a fechar os olhos e tento dormir mais um pouco com ela, mas há um barulho, quase mínimo, vindo do guarda-roupa.

Aperto mais os olhos, não quero olhar.

Mas, e se for Marcus? E se estiver com a filmadora e a Gil acordar nervosa porque eu não estava na cama e falar de alguma forma sobre a proposta, sobre as merdas que passamos ou qualquer coisa que ele possa filmar e usar para me desmascarar? Meu Deus! Pareço um criminoso perigoso falando assim.

Abro os olhos, fico ali um tempo me decidindo entre dormir de novo e fingir que não ouvi nada, o que seria o sensato a se fazer. Ou levantar-me e descobrir o que está fazendo barulho. Merda. Terei de descobrir o que é antes que a maluca acorde e resolva descobrir ela mesma e se exponha ao perigo de alguma forma. Desvencilho-me dela e vou na ponta dos pés ver o que causou o barulho. E qual é a minha surpresa, ao ver a porta do guarda-roupa entreaberta. Aproximo-me, termino de abri-la, e ali, há uma foto minha.

Uma foto minha, nu, no quarto do meu apartamento. E Kami está nela. Uma de minhas antigas companheiras. Está nua, com os braços amarrados para trás, ao lado da minha cama. Como isso veio parar aqui? Como alguém conseguiu essa foto e por que ela está na mala da Gilcelle? Escondo a foto no guarda-roupa bem a tempo de ver um vulto correr porta afora. Visto rapidamente uma calça apenas e corro atrás.

O invasor de privacidade é lento, e consigo alcançá-lo quando está chegando perto da garagem. Está usando uma roupa toda preta, é bem rechonchudo e sua cabeça está coberta por uma touca também preta. Agarro seu braço e o viro. E quase caio para trás.

— Alzira?

— Olá, senhor Amorim.

— Mas que merda está fazendo aqui? E de onde tirou aquela foto? Que merda toda é essa?

Ela gagueja, pisca os olhos freneticamente, e então começa a chorar.

— Ok, acalme-se, você precisa me explicar o que está acontecendo.

O sol está nos matando, vou começar a suar se ficar aqui, e não curto esse tipo de suor. O que a Gil me provoca quando estamos juntos na cama, eu curto. Esse, nem um pouco. A guio para dentro da garagem e ela se joga com tudo sobre uma caixa de madeira largada ali.

— Comece a se explicar.

— Senhor Amorim, eu não estava fazendo nada. Apenas senti sua falta, e queria vê-lo.

— Alzira, você invadiu minha propriedade, invadiu meu quarto, mexeu nas coisas da minha noiva e ainda tinha uma foto minha nu. É melhor se explicar ou chamarei a polícia agora mesmo.

Ela arregala os olhos e volta a chorar.

— Alzira, não quero ter de chamar a polícia. É melhor explicar-se.

— Não estou chorando por isso. Vocês estão noivos? Não é justo! Ela é maluca senhor, e sequer gosta do senhor.

— Isso é passado. E não me enrole. Explique-se, mulher.

É aí que acontece, um pequeno vulto passa pelos pés dela, que grita, e então corre em direção ao meu. Grito também, mas meu grito não surte efeito e a criatura abominável passa por meu calçado e sobe na minha perna. Ficando preso entre minha perna e a calça.

Tem um rato na minha perna. Um rato asqueroso na minha perna.

Berro, sacudo a perna e a criatura horrenda crava as garrinhas mais ainda.

— Merda! Tira isso daqui! Tira isso daqui!

Alzira se levanta para ajudar-me, ajoelha na minha frente e tenta acertar o rato.

— Assim não, Alzira, assim não. Se acertá-lo ele vai me morder. Meu Deus, que nojo! Tire-o daí de dentro.

— Então tire a calça, senhor.

Começo a abrir desajeitadamente o zíper da calça e quando a desço, o rato cai junto, e fica embolado na calça no chão. Então, o pequeno portão da garagem é aberto. Ela estaca ao me ver ali. Não sei por que está com essa cara horrorosa, droga! Eu não estava na cama, de novo. Mas ela fecha a porta, e pouco depois a abre de novo. Mais uma vez o olhar assassino e magoado. E só então me dou conta.

Estou com as calças arriadas e Alzira está ajoelhada na minha frente. Ah merda!

— Mexa-se, Alzira, levante-se.

Ela se levanta aturdida e puxo a calça, mas o bicho guincha e não sei o que fazer. A porta é aberta novamente e dessa vez ouço o grito de Amanda.

— Merda! Eu não precisava ver isso!

— Meus parabéns, Matheus, isso supera todas as merdas que você já fez na vida — diz Gil não de uma maneira agressiva, mas magoada. Isso é bem pior.

— Gil, isso vai parecer clichê, mas não é o que parece — suplico.

— Definitivamente — diz Alzira.

— Você! — Aponto para ela. — A culpa é toda sua, sua maluca. Está demitida.

Ela põe a mão no coração com uma cara de dor.

— Não faça isso senhor! Meu emprego não. Como irei vê-lo todos os dias?

— Gil, ela invadiu nosso quarto. Mexeu nas suas coisas. Eu a peguei e ela correu para cá. A segui. Foi isso o que aconteceu.

Ela cruza os braços como se fosse me matar.

— Sei, e como essa perseguição alucinante terminou com a louca ajoelhada bem na frente do seu pau, e suas calças largadas no chão?

— Então, isso foi por culpa do rato.

— Que rato?

— A criaturinha asquerosa que subiu na minha perna.

Ela estende as mãos e me calo.

— Matheus, está querendo que eu acredite que você tirou as calças na frente dessa mulher porque um rato subiu na sua perna? Isso é sério?

— Sim. Veja você mesma. — Puxo a calça, mas o bicho sumiu. — Onde ele está? Rato! Apareça! — Olho para minha noiva, e há tanta mágoa em seu olhar, ela não pode acreditar que eu a trairia debaixo de seu nariz com a Alzira ainda por cima. Ela não pode acreditar que eu a trairia. — Gil, como foi que chegou aqui? Por que Marcus e Amanda estão com você?

Ela fica tempo demais calada. Então vira-se de uma vez para Marcus.

— Por que me trouxe aqui? Como sabia que eles estariam aqui?

— Eu o vi correndo atrás de alguém e pensei...

— Que a maluca ia me agarrar! Foi isso o que você pensou. Você a deixou entrar, seu idiota!

Marcus, vou matá-lo! — Tento correr até ele, mas tropeço na calça caída aos meus pés e me desequilibro caindo de cara no chão.

— Você! — Gil grita apontando para Alzira — Tem dois minutos para sumir daqui ou arrancarei cada fio da sua cabeça maluca.

Vejo pelo canto do olho Alzira correr, pouco depois ela volta e para a uma certa distância de Gilcelle.

— Senhor Amorim, posso voltar para a V.D.A. não é?

— Não! — Gil grita. — Está demitida! Qual é o seu problema? Aproxime-se dele de novo e juro que vou furar seus olhos com minhas unhas!

Alzira volta a correr e Gil sai batendo os pés, e eu fico ali. Com a cara na poeira. Por que tanta merda em uma vida só? Por quê?

Amanda aproxima-se de mim e toca meu cabelo.

— Saia da poeira irmãozinho. Vai pegar alguma bactéria, seu sistema imunológico não é acostumado a isso. Vá tomar um banho e depois vá acalmar sua noiva. E boa sorte, você vai precisar.

Resmungo e fico ali choramingando. Ou ela some da minha vida, ou ela tira a minha vida.

Gil está balançando na rede e não abre os olhos quando me aproximo. Está com o celular na mão e sua testa vincada.

— O que houve querida? Está preocupada?

Ela não responde. Continua ali, como se eu não estivesse ali. Ao longe, Mandy me dá apoio moral, com gestos, para que eu insista. Balanço um pouco a rede, e logo, um carro aproxima-se da entrada e mesmo assim, ela não se mexe.

— Matheus! Que bom vê-lo aqui! Sua mãe está?

— Olá dona Laís. Sim, está lá dentro, sinta-se à vontade.

Laís faz parte do clube de pingue-pongue da mamãe. As duas saem juntas algumas noites da semana para jogarem. Gil se levanta de repente da rede e Laís a avista.

— Ah, olá querida. Não sabia que tinha voltado para a cidade.

Mas Gil parece congelar. Parece ter visto um fantasma. Aproximo-me imediatamente, pois ela está prestes a cair, e a seguro pela cintura.

— O que foi, amor?

— Ah que bom que estão juntos finalmente. Sabe Matheus, sua garota protagonizou a cena mais linda e triste que já vi na vida. Quando você foi para a faculdade, sabe. Ela correu atrás do seu ônibus, estava desesperada, pobrezinha. Eu a levei de volta para a casa.

Acho que preciso de alguém para me segurar. Que merda! Gil solta-se da minha mão e corre para dentro de casa, e sei que devo ir atrás dela, mas não consigo me mover. Pesadelos à noite. Medo de acordar sozinha de manhã. Correr atrás do meu ônibus após eu tirar sua virgindade e sumir. Merda! Nunca conseguirei com que ela confie em mim. Nunca conseguirei sanar toda a mágoa que ela carrega. Preciso tentar mais, me esforçar mais. Preciso tê-la de volta.

Dou alguns minutos antes de ir procurá-la, até que ela pense um pouco e decida não me matar. Ou arme algo para me matar assim que eu entrar em seu quarto. Abro a porta e ela está parada, em frente o guarda-roupa com algo na mão. A foto.

Assusta-se quando entro e joga a foto no meio de suas roupas.

— Ela veio trazer isso. Alzira — digo apontando para a foto.

Ela arregala os olhos.

— O que? Alzira trouxe isto? Está me dizendo que esse tempo todo era ela?

— Era ela o quê?

Ela puxa a mala e abre um compartimento menor atrás dela, e tira de lá um envelope. Abre e sacode em cima da cama. Várias fotos caem. Fotos minhas, com diversas mulheres diferentes, em diversas situações diferentes. Muitas fotos.

— De onde você tirou isso? — pergunto sacudindo-a.

— Eu as recebi. Toda semana, sempre recebo essas fotos. Desde quando entrei naquela empresa e decidimos esquecer tudo o que houve entre nós, comecei a recebê-las, e achei que fosse você esfregando na minha cara o quanto estava seguindo sua vida sem se importar comigo!

Estou em choque.

— Gilcelle, todos aqueles homens que iam buscá-la, que você beijava, tudo isso era para que eu visse?

Ela assente e segura para não chorar.

— Era minha vingança. Você me mandava as fotos com outras, por que não poderia me ver beijando outros? Por que não poderia pensar que eu tinha muitos outros também?

— Merda! — A seguro pelos ombros e a forço a olhar para mim. — Nunca te mandei essas fotos. Nunca nem soube que elas estavam sendo tiradas. Tenho o costume de fotografar as mulheres com quem... mas nunca percebi que estava sendo fotografado. Não fui eu Gil, jamais faria algo assim quando a levei para perto de mim para reconquistá-la e tê-la de volta.

Ela fecha os olhos e afasta-se.

— Então todo esse tempo era a Alzira me mandando as fotos?

— Meu Deus! Como você ainda aceitou viajar comigo depois de receber isto? Como ainda conseguia olhar para minha cara?

— Eu não conseguia. E se não fosse por Antônio, nunca teria aceitado essa proposta. E também, eu sentia sua falta, apesar de tudo. Mas isso não muda nada, Matheus. Não muda o fato de você ter dormido com tantas mulheres enquanto eu perdia minhas noites sem dormir e gritando seu nome. Não muda o fato de eu ter acordado sozinha na cama esta manhã. Não muda nada.

— Claro que muda, olha o que está falando! Eu te amo. Não me importo se me odeia nesse momento, não vou desistir, nem deixar que desista. Essas mulheres não significaram nada. Eu nunca fiz amor com elas, elas nunca me tocaram. Isso foi somente com você.

— Muito romântico na teoria, mas não diminui em nada a mágoa que sinto de você agora!

— Eu sei. Vou diminuir essa mágoa. Deixe-me fazer isso.

— Como? O que vai fazer? Aumentar minha conta? Quer comprar meu amor?

— Não, não preciso disso. Eu o tenho. Você não estaria aqui se não me amasse. Não teria ficado na V.D.A. recebendo essas fotos por três anos se não me amasse. Merda, eu nem estaria vivo uma hora dessas se você não me amasse. Gil, eu não estava com a Alzira, por mais louco que pareça, a história do rato é verdade. Veja. — Estendo a calça e mostro os arranhões que a criatura horrenda deixou na minha perna. — Eu nunca a traíria. Não depois de todo o trabalho que tive para trazê-la até aqui. Você entende isso?

— Sim, Matheus, não sou nenhuma demente e sei que você não é burro.

— Você correu atrás do ônibus?

— Não quero falar sobre isso.

— Uma hora teremos que falar sobre todas essas coisas, Gil.

— Não será agora.

— Ótimo. Agora a jogarei nessa cama e a farei esquecer desse dia horrível.

— Vai achando que irá tocar em mim com esse corpo repleto de secreções de rato.

— Olha quem está ficando fresca?

— Vai à merda. Tenho algo a te falar, seu irmão Marcus, acho que sei como desmascá...

Eu a beijo. A aperto em meus braços porque não achei realmente que ela me deixaria aproximar de novo.

— Vamos tirar todas essas fotos de novo, mas com você no lugar dessas mulheres.

— Não vou reproduzir suas putas.

Sorrio.

— Então vamos tirar fotos muito melhores do que essas.

— Não vou abrir minhas pernas assim, de graça.

— O que você quer em troca?

— Descubra. — Ela se afasta e vai até a porta. — Vou sair com a Amanda. Se pretende cuidar da minha bichinha de novo terá que se esforçar bem mais. Boa sorte, estúpido.

— Não preciso de sorte, Sereia.

Ela sai e só tenho certeza de uma coisa.

— Essa mulher me ama! — berro.

Capítulo 11

Gilcelle

O celular está desligado, de novo. O que será que Antônia está aprontando dessa vez? Liguei mais três vezes para o convento na esperança de que a madre superiora estivesse de folga, mas parece que madres não têm folgas. Nem secretárias. Logo, saber sobre ela está se mostrando uma tarefa impossível. Olho para Amanda ao meu lado, estamos empoleiradas em uma árvore, esperando alguma coisa. Minha cunhada divergente segura um celular na mão e cantarola músicas da Taylor Swift.

— Minha bunda está dolorida — resmungo. — E até agora não entendi o sentido de ficarmos aqui como duas macacas.

— Você está ficando velha. Cale a boca, é agora.

O barulho de uma moto irrompe de repente e vejo Nuno aparecer no meu campo de visão. Não acredito que minha cunhada safada me fez ficar meia hora empoleirada nessa árvore apenas para avistar seu glorioso primo chegar.

— Não é o que está pensando — ela diz como se lesse meus pensamentos. — Você disse que Marcus esconde alguma coisa. Eu também acho. E tem a ver com o Nuno. Não sei explicar, mas sempre que o Nuno chega, o Marcus o recebe na porta. Basta ouvir o barulho da moto e ele se prontifica a recebê-lo. Houve um tempo em que desconfiei que estivesse apenas de olho em mim. Mas não, há algo de estranho nisso.

Ah minha queria cunhadinha. Se for o que estou pensando, seu querido Nuno queima a rosca. Claro que não digo isso a ela. Nuno olha para a árvore e nos cumprimenta. Fico totalmente sem graça, por ser pega ali como uma retardada o observando de cima de uma árvore, mas Amanda reage tão naturalmente que penso ser normal para ela ficar empoleirada aqui.

— Olá, Nuno — digo.

— Olá, ruivinha. Fique longe da minha moto.

— Maricas — resmungo revirando os olhos.

E bem nessa hora, para confirmar as palavras de Amanda, a porta da frente abre, mesmo que Nuno não tenha chamado, e Marcus aparece. Ele não nos vê na árvore, mas aproxima-se de Nuno com um sorriso estampado no rosto que não o vi dar a mais ninguém desde que cheguei aqui. Toca a mão de Nuno em um cumprimento de homens, e então, enquanto Nuno dá dois tapas em seu ombro, Marcus passeia sua mão pelas costas de Nuno, que se afasta imediatamente.

— Amanda, tire uma foto — peço.

— Por quê?

— Explico depois, bata a foto.

Ela tira algumas fotos e não aguento mais ficar nessa posição. Pulo da árvore, fazendo Marcus dar um grito comprometedor e um pulo mais feminino dos que os saltos da Daiane dos Santos.

— Mas que merda estava fazendo empoleirada nessa árvore, sua maluca? — ele grita.

— Tirando algumas fotos, querido cunhado.

Ele arregala os olhos, mas não diz nada. Sei que deveria ser mais delicada e paciente e esperar o momento certo de atacar Nuno, mas que se dane, paciência nunca foi um de meus defeitos. O agarro pelo braço e o arrasto para debaixo da árvore, sob os olhares atentos de Marcus e Mandy.

— Então, desde quando o irmão estranho dá em cima de você? — Vou logo perguntando.

Ele faz um som estranho e estampa um sorriso sem graça no rosto.

— Não sei do que está falando.

— Querido, tenho umas fotos interessantes do seu lindo primo Marcus passeando a mão por suas costas. Se a Marisa teria um ataque por saber que você pega a Amanda, imagina se souber que pega o Marcus?

Ele arregala os olhos, olha para os dois que nos observam curiosos, e entra em minha frente de forma que meus cunhados não possam ler nossos lábios.

— Não tenho nada com ele, nem nunca pensei em ter. Veja bem, meu negócio é mulher, de preferência aquela loirinha atrevida naquela varanda, então não me venha com fotos estranhas agora. O que você quer? Dar uma volta na minha moto? Eu deixo. Fique à vontade, só não quero o Matheus me ameaçando de novo caso você caia de cara no chão. Ele é magro, mas tem uma mão muito pesada.

— Ele fez isso?

— Ah sim, ficou uma fera por eu não ter de dado equipamentos de proteção adequados. E ainda me fez comprar uma moto para você. Vim conferir se entregaram. Bem segura.

— Ele fez isso? — Meu coração parece que vai sair pelos ouvidos. Esse homem está me causando problemas cardíacos.

“Foco Gilcelle! Concentre-se nas fofuras do seu noivo estúpido depois, agora, vingança.” Volto a mim e balanço a cabeça afastando qualquer imagem de amarrar o Matheus na cama e chupá-lo a noite toda em forma de agradecimento.

— Marcus tem me dado dor de cabeça. E embora sua família maluca desconfie da masculinidade do Matheus, sei que é ele quem queima a rosca — confesso.

Nuno sorri.

— Na verdade, se eu não conhecesse você e sua cara de satisfação, diria que os dois são gays. Mas sim, Marcus é bicha.

— E desde quando dá em cima de você?

— É aí que mora o perigo, querida prima. Ele não dá em cima de mim. O máximo que faz é me lançar olhares estranhos, sempre me receber na porta e demorar demais com a mão em mim quando me cumprimenta. Nunca passou disso, graças a Deus. — Ele faz um gesto exagerado estendendo as mãos para o céu. — E não podemos acusá-lo com isso.

Sorrio. Sei exatamente como desmascarar meu cunhado queimador de roscas.

— Mas, você nunca o corresponde, certo?

— Claro que não! Sou homem! Graças a Deus! — Novamente o gesto exagerado.

— E se você o correspondesse? O que ele faria?

— Prima, não vamos descobrir isso porque nunca o corresponderei.

— Você pode fingir.

— Nunca farei isso.

— Consigo deixá-lo a sós com a Amanda nessa casa.

Ele me avalia como que medindo se eu conseguiria tal façanha.

— É sério, eu consigo mesmo. Não duvide de mim! — Faço minha pior cara de assassina e ele assente com a cabeça.

— Ok, desde que isso não inclua beijo, nem língua, nem abraços, nem nenhum tipo de toque. Ok.

Começo então a explicar o que ele deve fazer. Como faria meu primo, quase joga os braços para o

alto, porque graças a Deus, é só depois de combinarmos tudo que Matheus aparece zangado, puxa Nuno pelo braço e vai gritando:

— O que está fazendo debaixo dessa árvore com minha noiva, seu idiota? — E então, acerta o rosto dele com um soco.

Uau! Matheus irritado é muito sexy, mas não tenho tempo para isso agora. Deixo os dois quebrando o pau e arrasto Amanda totalmente contra sua vontade para dentro da casa.

— O Nuno vai quebrar o Matheus, você sabe disso, não sabe? — ela diz alarmada.

— Duvido muito, ele detesta sangue. Quando seu primo arrancar a primeira linha, o Matheus se renderá.

— Você é cruel. Matheus será eternamente feliz com você.

— Sente-se e cale a boca Amanda, temos um plano para colocar em prática, e se tudo der certo, você vai pegar seu primo.

— Sou toda ouvidos — ela cantarola sentando-se.

Quando voltamos para fora, os dois conversam, Nuno tem um roxo debaixo do olho e Matheus uma fileira de sangue no canto da boca.

— Quem ganhou? — pergunto ao aproximar-me, mas Matheus me arrasta imediatamente para dentro de casa, e para dentro do banheiro, e praticamente me joga contra a parede, me deixando ali antes de ir lavar a boca. — Você está bem, certo?

— Estou furioso com você.

— Desta vez eu não fiz nada. Eu apronto muito, portanto deixe para se enfurecer comigo quando eu realmente fizer algo.

Ele me encara e tira a camisa. Ok, não estou gostando dessa brincadeira de fúria. “Está sim, sua safada”.

— Nunca mais se aproxime do Nuno desse jeito. Já não me basta a minha caçula suspirando por ele, terei que vigiar você também?

— Não suspiro por ele, gosto mais dos frescos. E a Amanda não é sua única irmã que suspira por ele.

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e cruza os braços. Embora esteja me deixando falar, sua expressão não amenizou nada, e ele ainda parece furioso.

— Marcus está afim do seu primo gostosão.

Ele não diz nada. Espero pelo que parece uma eternidade. Por fim, ele dá um passo ameaçador em minha direção e diz parecendo ainda mais irritado:

— Você disse que ele é gostosão?

— Matheus! Você ouviu o que eu falei?

— Ouvi, você disse que meu primo é gostosão. Quer testar o quão gostosão ele é, *Gilcelle*?

— Não me venha com esse *Gilcelle* atravessado, estou dizendo que seu irmão... — Antes que eu possa concluir, ele me alcança, sua boca toma a minha com toda aquela fúria lançada sobre mim. Merda. Não tenho forças contra isso.

Seus braços me apertam contra seu corpo, ele morde meus lábios com força. Grito. E batidas na porta me fazem dar um pulo no instante em que ele me solta e pula também.

— Nada de gemidos nesta casa! Regra vinte e quatro! Saiam daí os dois! O almoço está pronto.

— Sua mãe é um porre — sussurro.

— Não sou! Vocês dois que mais parecem adolescentes virgens descobrindo o orgasmo. Saiam daí

em dois minutos ou abro a porta.

— Ela tem a chave? — pergunto baixinho.

— Com certeza! — ela grita.

— Ela tem a chave, e uma ótima audição, querida. Continuamos isso mais tarde. — Ele se vira como se não fosse nada e examina a boca, então sai calmamente do banheiro assoviando enquanto custo mover minhas pernas. Maldito homem e seu autocontrole.

Marisa me lança olhares feios durante o almoço. Então, também lanço olhares feios a ela. Quando os olhos dela se desviam para Matheus, os meus se desviam para Marcus. E então, voltamos à nossa batalha. Estou rodopiando a colher na boca e até franzindo a testa para minha sogra cafona, quando algo roça meu joelho. Levo um susto e dou um pulo na cadeira enfiando a colher quase toda na garganta. Engasgo em seguida e quase morro. Encaro Matheus furiosa.

— Que merda foi essa?

Ele dá de ombros e se certifica de que estou respirando antes de voltar a comer como se não tivesse acabado de enfiar a mão por baixo do meu vestido.

Entenda a situação: a enorme mesa de vidro onde nos encontramos é transparente. Portanto, sim, qualquer um da família Buscapé poderia ver sua mão atrevida roçando minha coxa. Contudo, há vários pratos e tigelas em cima dela, logo, a mão de Matheus parece bem escondida. Mal coloco a colher de volta na boca, a mão dele me roça de novo. Desta vez não dou um pulo. Apenas o encaro furiosa. E ele sorri. Maldito. Passeia calmamente a mão, e a sobe por minha coxa. Discretamente abro as pernas para que ele alcance onde quer chegar.

— Por que está arreganhando as pernas? — pergunta Marisa desconfiada.

É, acho que não fui tão discreta.

— Porque estou com calor na perereca. Se não quiserem vê-la é só não olharem debaixo da mesa.

Miguel dá uma gargalhada enquanto Marisa e Marcus resmungam algo. Pronto, querido estúpido, caminho livre, ninguém vai olhar por baixo da mesa, a não ser Miguel, mas ele não vai contar o que vir aqui embaixo.

Matheus espera um pouco e então sua mão volta a passear por minha coxa. Sei que os pelos do meu braço estão eriçados, estou toda eriçada. Mas pego a sobremesa e no momento em que ele alcança o meio das minhas pernas e aperta, gemo.

— Hummm! — Todos me olham e completo. — Que delícia esta mousse.

— Você comeu dela ontem, e não disse que estava bom — provoca Marcus.

— Porque o de hoje está melhor. Não posso elogiar as sobremesas da minha sogra?

Marisa finalmente sorri.

— Deve, querida. O Matheus ama essa mousse. Você sabe fazer mousse, não sabe?

Os dedos dele roçam de leve ali no meio e quero derreter nessa cadeira, mas minha sogra observadora aguarda uma resposta, então me forço a respondê-la.

— Claro! Sou uma cozinheira de mão cheia.

Marcus revira os olhos e Marisa parece maravilhada. Uns pontinhos com a sogra não é nada mal a essa altura do campeonato.

— Que bom minha querida. Amanhã, o almoço é por sua conta.

Engasgo e fecho as pernas de uma vez, dando um puxão na mão de Matheus que passeava ali e fazendo-o dar um solavanco para o lado. Todos nos olham, mas ele apenas sorri e se levanta quando liberto sua mão.

— Com licença, querida família, mas minha noiva e eu precisamos dar uma volta.

Antes que Matheus alcance minha mão, Marisa me puxa para o outro lado.

— Nem pensar, filho. Vocês estão preocupados demais com necessidades carnis. Gilcelle vem comigo. Vamos à cidade fazer compras, coisas de mulheres.

Pelo canto do olho vejo Amanda saindo de fininho da mesa, mas Marisa a enforca também.

— Você também vai, Amanda! Há tempos não compramos nada juntas.

— Porque na última vez você me levou para a sessão infantil. E eu tinha quinze anos!

— Você não se desenvolveu muito — diz Marisa dando de ombros.

E assim, é decretada a tarde mais chata de toda a história das tardes chatas. Minto. O dia em que a família inteira se juntou e ficaram tentando me fazer falar sobre o Matheus fazendo sexo foi bem chato também. Ok, esse dia acabou bem, então vou considerar este o dia mais chato. A cidade é pequena, não há muitas lojas, não há nada que eu queira comprar, e estou em um estado constante de excitação desde que meu noivo dominador me arrastou até o banheiro para uns pegadas e minha sogra arcaica manteve minha bichinha presa na gaiola. Ou seja, estou irritada.

Não faço questão de ser simpática. Marisa me mostra um vestido horroroso de flores enormes e amarelas.

— Que tal, querida?

— Horroroso.

Ela passeia por mais algumas araras e levanta uma saia cinza quadrada.

— Nem ouse levantar isto — já vou advertindo e ela a devolve.

Então pega uma blusa florida de cores berrantes.

— Isto? — questiona esperançosa.

— Claro! Se você quiser parecer uma viúva que não faz sexo há três décadas. Espere um minuto.

Passeio pelas malditas araras, acho que minha sogra está na sessão para clientes do asilo, só pode. Vou para a sessão dos jovens e volto de lá com algumas peças. As jogo nela.

— Tome, nada atrevido demais, nem recatado demais. Você não vai parecer uma menina, mas não parecerá mais velha. Não parecerá uma virgem e nem uma mulher que precisa dar. Experimente essas.

Ela vai com uma careta vestir as roupas e volta com um sorriso enorme no rosto.

— Vou levar todas!

Depois de pagarmos, ela me surpreende em um abraço.

— Você é minha nora preferida!

— Acho que sou a única que você tem.

— Das que já foram lá em casa. Miguel leva muitas, mas você, é a minha preferida.

— Achei que você me odiasse — confesso.

— Ah não. Sei que pego pesado às vezes, mas tenho uma menina em casa, tive que aprender a protegê-la em uma casa com tantos homens e tantos hormônios descontrolados. Além do mais, preciso ter certeza de que você é a mulher certa para o meu filho. Quero dizer, a história de vocês é linda, toda essa coisa de perderem a virgindade juntos e ele ir embora e você esperar por ele e depois ir encontrá-lo, é coisa de livro.

Engasgo com o vento e a encaro em choque. Como é possível que ela saiba que Matheus e eu tivemos aquela noite?

— Ah, sei porque se assustou. — Ela tenta me acalmar. — Mas não, ele não me contou o que

vocês.... Eu li na carta.

— Que carta?

— A que ele deixou para você. Na certa te mandou uma outra bem menor e menos gay, mas aquela carta foi a coisa mais romântica e idiota que já li na vida.

— Que carta? — Matheus nunca me deu uma carta. Nunca me deu nenhuma explicação de nada.

— Quando ele foi para a faculdade, a que ele deixou para você. Quero dizer, ele deixou uma no quarto dele, na gaveta de cuecas. Eu a achei. É muito linda. Sinto orgulho que meu filho possa amar de uma maneira tão desmedida.

Espera, não estou entendendo nada. “Lenta, é muito simples. O gay do seu noivo deixou alguma carta mais gay ainda quando foi embora e não foi homem para te entregar. Agora pergunte onde está essa carta.”

— Você ainda tem essa carta? É que a que ele me deu eu já joguei fora e queria me lembrar do que disse.

— Claro! Vou procurá-la e a darei a você. É sua mesmo! Ele não vai se importar.

De repente, este dia chato não me parece mais tão chato. Há uma carta gay, romântica e idiota de dez anos atrás, do dia em que ele foi embora. Preciso lê-la.

Espero ansiosamente que minha mãe retorne com ela, a semana está acabando, meus dias com ela estão chegando ao fim, só mais dois dias, e não sei dizer, se precisássemos ir embora neste momento, para onde ela iria ao chegarmos a capital. Não acredito muito que fosse para minha casa. E preciso corrigir isso. No momento, quero apenas que ela chegue, para que eu possa estar dentro dela. Esses contatos interrompidos estão me custando muito caro.

Finalmente a porta da frente abre e apenas Amanda aparece.

— Cadê elas? — pergunto.

— Você não quer saber da mamãe, só da Gilcelle. E não sei, dei um jeito de fugir. Mas se mamãe não tiver assassinado sua noiva por cada má resposta que ela está dando, então sua noiva assassinou mamãe por obrigá-la a passar essa tarde quente naquela loja cafona. Enfim, boa sorte para sua noiva.

Ela some de vista e fico me perguntando se Gil deveria ser mais boazinha com a minha mãe, ou mais grossa. O que me parecem horas depois, ouço o som do carro de mamãe. As duas aparecem sorrindo e conversando, e quando Gil me olha, há algo diferente ali. Um brilho diferente. Ela me dá um sorriso tímido, mas tudo o que quero agora é arrastá-la para cima, e para sua cama e comê-la de todas as formas que ela pode ser comida.

— Quero te mostrar uma coisa, amor. Vem comigo? — Estendo a mão e ela deixa as sacolas em cima de uma mesa e vem comigo.

Devo admitir, melhoramos muito. Mesmo o aparecimento de Alzira, e a descoberta de todas as merdas que causei a ela, não a fizeram sair correndo e me odiar como sempre achei que odiasse. Não fizemos amor ontem à noite, preferi não forçar a barra, apenas a abracei e dormimos assim. E claro, estava ao lado dela na cama quando acordou. Preciso trabalhar para que supere cada sequela que minha estupidez deixou nela.

Aliás, a descoberta das coisas que causei nela, é o que me faz amá-la ainda mais. Era uma garota, fui um idiota, fodi com sua mente, causei vários surtos e sequelas por isso, e mesmo assim ela está aqui.

A levo para a garagem e tiro a lona de cima de seu novo brinquedo. Seus olhos brilham, e ela parece sem fala. Aproxima-se da Kasinski 250 maravilhada e a toca.

— Isso é para você. Para que não fique dando voltas na moto do Nuno. Posso ensiná-la a pilotar, se quiser. E jamais ande sem os equipamentos de segurança. Me prometa que os usará sempre, Gilcelle.

Ela me olha e pula de repente em mim, passando os braços por meu pescoço e gritando:

— Eu prometo! Isso é meu mesmo? Quer dizer que posso levá-la quando formos embora? Posso ir nela?

— Calminha aí, querida. — Afasto um pouco para explicar as regras. — Gil, esta moto é sua, independente do que aconteça entre a gente, ela é sua. Mas não, não pode ir montada nela, você vai embora montada em mim, no carro.

Ela revira os olhos e afasta-se alisando a moto, fascinada.

— É linda.

— Combina com você. Não pode tirá-la daqui, Gil — digo de repente.

Não havia planejado estabelecer Baependi para que ela possa andar na moto, mas de repente, dar a ela uma opção de fuga não me parece inteligente.

— De Baependi. É seu brinquedo, para quando viermos para cá.

— Não entendi. Não viremos de novo para cá. Então não está de verdade me dando a moto.

— Estou.

— Então posso levá-la onde eu quiser.

— Não agora. Vou te fazer uma proposta.

Ela cruza os braços, esconde um sorriso e me encara.

— Você tem se saído bem com essas propostas, prossiga.

— Ela é sua. Pode usá-la à vontade, desde que com segurança, mas só poderá tirá-la daqui quando nos casarmos de verdade.

Seu sorriso some e ela abre a boca para brigar, mas a impeço, a beijo, mordo seu lábio, e em seguida a solto e viro de costas, dando um tapa em sua bunda.

— Vamos, me mostre o que sabe, querida. — Jogo o capacete e ela o pega no ar.

— Não pense que mordidas e tapas nos impedirão de ter essa conversa.

— Sei que não, meu pau impedirá. Sabe ligá-la ou não?

— Claro que sei, há alguma outra moto aqui? Poderíamos apostar uma corrida.

— Não precisaremos de outra moto, querida. Eu vou com você.

Subo na moto atrás dela e a agarro pela cintura. Mordo seu pescoço e ela me dá uma cotovelada.

— Se fizer isso vamos cair, gênio. Não me toque mais do que o necessário. E não me diga qual direção tomar, você é meu enquanto estiver de carona.

— Sou sempre seu.

Ela finge que não ouviu e arranca com a moto, nos guia em volta da casa, sorrindo e gritando, eu me seguro firme nela, não curto muito motos e todo o risco que elas oferecem. Ela não corre demais, acho que por eu estar sem capacete, mas assim que a casa some de vista, ela diminui a velocidade e para a moto. Tira o capacete e olha para todos os lados.

Desço imediatamente da moto e a ajudo a descer.

— Ninguém pode nos ver aqui, amor. Venha aqui, não aguento mais.

Minha boca toma a sua imediatamente, ela geme quando encosta o corpo ao meu. Preciso tê-la. Abaixo seu vestido pelos ombros e tiro seu sutiã, passeio as mãos por todo lugar que elas alcançam em seu corpo. Ela é tão linda! Seguro um de seus seios na mão, a encho com ele, e aperto, minha língua toma a sua com mais vontade, posso estar machucando-a, mas não consigo parar, e ela não quer que eu pare.

Tento colocá-la em minha cintura, para que possa abrir minha calça e penetrá-la, mas não consigo levantá-la assim. Afasto meus lábios dos seus e enquanto beijo seu pescoço, tento encontrar uma solução para podermos fazer amor no meio de todo aquele mato. Ela se afasta e me encara, os lábios estão inchados e vermelhos, e sua respiração rápida demais.

— Podemos nos deitar em cima de nossas roupas — sugere.

— Não. Não sabemos o que pode haver nesse mato. Não queremos nenhum bichinho entrando aí — digo apontando para o meio de suas pernas.

— Você quer dizer além deste? — Ela aponta para a ereção que aperta minha calça.

— Isto aqui não é um bichinho. É enorme, ouviu? — Olho em volta e só há esse mato seco e sujo.

— No mato não, Gilcelle.

Ela bufá, mas olha ao mesmo tempo que eu, para o que pode ser nossa solução. Olhamos a moto, olhamos um para o outro, sorrimos juntos. Nunca comi uma mulher em uma moto.

A puxo para meus braços e volto a atacar sua boca enquanto a guio até a moto. Consigo colocá-la sentada sobre ela, tiro minha roupa rapidamente, pegando apenas a camisinha de dentro do bolso da calça. Volto a beijá-la e a puxo com cuidado para mais perto, enquanto abro suas pernas, enfiando a mão por baixo do vestido. A altura não está batendo, não conseguirei penetrá-la assim.

Cuidadosamente, a arrasto na moto mais para a beirada, e a altura é a certa. A beijo e vou penetrá-la, mas encosto na moto e ela tomba para trás. Em um segundo, sua boca está na minha e meu pau a centímetros de penetrá-la e no segundo seguinte, ela está caindo com as pernas arreganhadas. A moto faz um barulho abafado no mato, mas temo que minha noiva tenha quebrado o pescoço.

— Gil, você está bem?

Consigo levantá-la e ela permanece com as pernas abertas, e parece em choque.

— Pode fechar as pernas, querida. Está bem? Machucou-se?

De repente, ela começa a rir.

— Você me pede para usar equipamentos de segurança para não cair da moto. Terei que pôr um cadeado na bichinha, querido, para me proteger do seu pau?

Sorrio também. A ajudo a se vestir, certifico-me de que não está ferida, me visto e a subo na moto atrás de mim.

— Ei, eu quero pilotar minha moto — ela reclama.

— Agora não, amor. Estou com pressa.

— Mas, eu posso correr.

— Nada disso, minha querida. Quero chegar logo, e vivo, para comê-la como você merece.

— Ok, ande logo com isso — ela diz passando os braços em volta de mim e deitando a cabeça em minhas costas.

Não curto motos, como disse, mas tenho carteira e sei pilotar. Fui meio que obrigado por Cleber quando fizemos dezoito anos e tiramos rápido demais a carteira B. Ele me fez tirar carteira de moto em seguida para dar mais emoção. Quase levei pau por pilotar devagar demais, enquanto Cleber levou pau, por pilotar como um louco alucinado.

Chegamos em tempo recorde, a desço da moto e praticamente a arrasto escada acima para seu quarto. A porta.

— Espere aqui, amor.

Desço correndo e pego uma cadeira, subo mais depressa ainda e a posiciono abaixo do trinco, fechando a porta. Mal me viro, Gil me abraça, sua boca está na minha e está nua. Tira rapidamente minha roupa e nossos lábios se juntam quando caminhamos em direção a cama. E como em um déjà vu, assim que nos jogamos sobre ela, há um grito esquisito. Nos levantamos depressa e ali, na nossa cama, está a merda do coelho de cabeça vermelha.

— Como isso veio parar aqui? — ela pergunta espantada.

— Tenho uma ideia de como isso aconteceu.

Juro que ainda mato o Marcus, tenho certeza de que tem dedo dele nisso. Esse idiota precisa crescer!

Gil se aproxima da criatura peluda e a pega, e quando solta um “own” me desespero.

— Querida, solte essa coisa, vamos tocá-lo para fora. Não sabemos de onde veio, não o toque.

Ela levanta o coelho e sorri.

— É uma menina. E deixa de ser fresco. Oi de novo coisa fofa. Essa coelhinha está sempre em meu caminho. Ela que me fez cair da moto.

Quase tenho um ataque. Maldito! Se Marcus tiver realmente algo a ver com esse coelho eu o mato! Mas descobrirei isso depois, agora, preciso tirar esse bicho das mãos da minha noiva. Me aproximo cauteloso, e ela abraça o bicho, encostando-o em seu ombro.

— Que fofinha que você é. Quer ficar comigo?

O tique no meu olho ataca de uma vez. Tenho dificuldade de andar, falar e até mesmo respirar.

— Ti - Ti - vo - Gi.

— Não estou entendendo nada, Matheus. Fale como um homem.

— Tire as mãos desta coisa agora mesmo! Você não vai ficar com isso, não sabemos se isso tem alguma doença, deve estar imundo e você está nua! Chega! Coloque isto no chão e vamos tomar um banho!

Ela me encara com uma careta típica.

— É só um coelho, não seja fresco. — Levanta o bicho e olha seu focinho peludo. — Como vamos chamá-la, querida?

— Gilcelle! Ponha este bicho no chão agora mesmo!

Ela estende o coelho para mim e dou um pulo para trás.

— Não aproxime esta coisa de mim.

— Ok, Matheus, chega. Você está exagerando. Vamos deixá-la em uma caixa, no quarto e amanhã mesmo trato de limpá-la. É só um coelho, não é nojento assim.

— É um bicho que estava em um motel, que você não sabe como veio parar aqui, pode estar cheio de gozos de homens doentes, e outras secreções que tenho ânsia só de imaginar e você o está segurando próximo aos seios! — Aponto furioso para seus seios à mostra. — Eu coloco a boca nisso! Quer colocar esse bicho no chão?

Ela fecha a cara e aperta o coelho mais ainda em seus braços.

— Frescura. Vai se chamar Frescura. Venha Frescura, vamos dormir.

A maluca coloca o bicho de volta na cama, se embrulha no roupão, deita-se e o abraça.

— Vá para o seu quarto, estúpido — ordena.

— Você não pode estar falando sério. Gilcelle, seja sensata. — Sento-me na cama a uma certa distância da coisa peluda. — Se você quer um animal de estimação, compro o que quiser para você, até mesmo uma cobra. Desde que saibamos a exata procedência e higiene do animal. Amor, por favor, não deixe esse coelho de motel na nossa cama.

Ela se senta também e tenta pegar minha mão, mas a afasto. Ela pegou no bicho.

— Sinto-me sozinha, Matheus. Fico muito tempo sozinha em casa, não tenho com quem conversar ou para quem cozinhar. Eu deveria ter adotado um bichinho de estimação assim que a Celina foi embora, e não estou dizendo que ela era meu bichinho de estimação, embora me desse muito trabalho, mas eu acho que preciso de um. Gostei desse. Entendo que queira saber se está doente, e cuidar de sua higiene, eu entendo. O colocarei para dormir em uma caixa. Mas me deixe ficar com ele.

— De jeito nenhum!

— Você disse que me amava!

— Amo você, não essa coisa cheia de pelos.

— Acontece que sou um pacote com coisas cheias de pelos, e há coisas cheias de pelos no meu pacote que você ama.

— Não compare minha bichinha limpinha com essa coisa asquerosa de cabeça vermelha.

— A Frescura fica! Você pode ficar também, se quiser, mas se eu tiver que escolher...

— Não acredito que está trocando uma noite de prazer por um coelho imundo. Isso estava num motel!

— Você não pode ter certeza de que é o mesmo coelho!

— Duvido muito que haja dois coelhos com a cabeça pintada de vermelho!

— Isso deve ser sua raça, seu idiota! Não é tinta! Ela é vermelhinha assim mesmo.

Respiro fundo, levanto-me e tento ser razoável. Mulheres gostam de bichinhos de estimação, nunca imaginaria a Gilcelle com a merda de um coelho, mas se é isso o que ela quer, posso aceitar.

Não.

Não posso.

Essa coisa defeca e solta pelos. Não vai rolar.

— Tudo bem amor, então vamos levá-la para baixo essa noite, está bem? Depois de devidamente limpa e avaliada, você pode deixá-la em uma caixa no quarto.

Seu sorriso em resposta é enorme.

— Sério mesmo? Uau! Eu acho que você me ama.

— Eu tenho absoluta certeza. Vamos, traga essa coisa.

— Ah não, estou cansada. Vou trocar os lençóis porque tenho certeza de que você não dormirá nesses. Leve a Ginger lá para baixo.

— Ginger?

— Sim, já que você parou de frescura não tenho mais porque provocá-lo. O nome dela é Ginger, por ter a cabeça vermelha assim, como a da mamãe, não é querida?

— Meu Deus, pare com isso. Você não é mãe de um coelho vermelho asqueroso, se quiser filhos posso dá-los a você aos montes. Não vou tocar nisso. Desça.

— Será que terei de voltar o nome dela para Frescura? Talvez possa chamar-se Frescura Ginger, que tal?

Termino de vestir a roupa, puxo um lençol e o enrolo nos braços.

— Vamos, me dê essa coisa. Vou me livrar disso.

— Vai o que?

— Levá-la para baixo. Dê-me. — Pego o coelho asqueroso através do lençol e saio do quarto com a coisa pendurada.

— O que é isso, irmãozinho? — pergunta Miguel quando passo pela sala com o bicho.

— Tome, dê um sumiço nessa coisa. Cuide para que a Gil não o veja nunca mais na vida dela.

Ele encara o coelho com uma careta.

— Não vou tocar nisso. De onde tirou um coelho?

— Longa história. Pegue-o logo! Minha noiva está lá em cima, nua, à minha espera.

— Já disse que não vou tocar nisso.

A voz de uma Amanda irritada é minha salvação para não ficar mais tempo com a coisa nos braços.

— Meu Deus! Quanto alarme por conta de um coelho fofo. Me dê Matheus, eu cuido dele pra Gil.

Amanda pega o bicho e como a Gil fez, diz “own” e o aperta em seus braços.

— Não cuide, suma com ele.

Ela faz uma careta e vai para fora com o bicho, olho para Miguel.

— Ela quer que essa coisa durma com a gente. Toda noite. Pode por favor dar um sumiço nisso?

— Certo, vou sumir seu coelho, só porque você custou a encontrar sua masculinidade, não quero arriscar que a perca de novo.

Ele corre antes que eu o acerte. Rapidamente, joga o lençol no lixo, e corro escada acima. Só preciso pegar minha Sereia, levá-la para um banho relaxante na banheira e então estarei dentro dela. Mas, quase trombo em mamãe no alto da escada.

— Preciso falar com você. — Sua expressão me assusta, ela parece triste e decepcionada.

— Algum problema, mamãe?

— Você me dirá, meu filho. Você me dirá.

Sou conduzido em silêncio à biblioteca da casa, e assim que entramos, avisto Marcus em uma cadeira.

— Amanda e Miguel não vem? — pergunto.

— Não. O assunto hoje diz respeito apenas a você.

— Marcus, saia! — ordeno.

— Ele fica! — mamãe decreta.

Não pode ser coisa boa. Minha mente se divide por um momento entre a imagem de Gilcelle nua na cama à minha espera e o semblante de decepção no rosto de minha mãe. Mas, decido de qual lado ficar quando percebo a expressão de vitória no rosto de Marcus. Não acredito que ele fez mesmo isso.

— Matheus. — Mamãe senta-se na grande poltrona e me olha nos olhos, imediatamente sento-me também, na mesinha de centro, de frente para ela e de costas para o traíra do meu irmão — Quero que saiba que pode e deve me dizer toda a verdade. Não tolero mentiras nessa família e você sabe bem disso.

Apenas assinto. E torço, que ela não pergunte o que acho que vai perguntar.

— Você e Gilcelle estão mesmo noivos? Ou seu irmão está certo e isso é uma armação para nos convencer de que você não é gay?

Não respondo. Minha mente pensa em mil maneiras de matar meu irmão, meu problema maior, é como minha mãe ficaria depois. E a Gilcelle, porque eu seria preso e minha Sereia sofreria. Mas ele bem merecia uma morte dolorosa e lenta para que encontrasse seu caráter antes da morte. Não consigo olhar nos olhos da mamãe, não quero ver a mágoa ali também, está complicado demais trabalhar com a da Gil, não vou suportar mais uma pessoa que amo me olhar assim por conta da minha idiotice.

Eu poderia negar, sim. Dizer que ele está mentindo, que provas ele pode ter se realmente nos amamos? Mas não farei isso. Não posso mais, chega de mentiras. Se tudo der errado, levo a Gil embora amanhã mesmo e dou um jeito de obrigá-la a ficar comigo. Talvez, com ela ao meu lado, possa superar a perda de todo o resto. A verdade, posso dizer a verdade, boa parte dela, sem precisar mentir.

— Estamos noivos, mamãe. Nosso casamento está mesmo marcado. A senhora sabe disso, foi a tia Lucília quem me ajudou na última vez em que foi à capital. Eu a amo, a senhora sabe disso também, a amo a vida toda. E isso não é um plano para que pensem que não sou gay, pouco me importa o que vocês pensam, se não são capazes de respeitar alguém que carrega o mesmo sangue que vocês. Não me daria ao trabalho.

— Ele está mentido! — Marcus grita — Eu posso provar.

Meu irmão se levanta com o celular na mão, e logo, a voz de Gilcelle toma o ambiente.

— *Antônia, acalme-se. Eu consegui o dinheiro, transferi para sua conta. Vai dar tudo certo. O que quer tenha aprontado, resolva, e se quiser sair deste lugar, eu a ajudarei também. Podemos dar um jeito.*

— *Onde você conseguiu o dinheiro? Gilcelle! É muito dinheiro. Como conseguiu tão rápido?*

Há um silêncio antes da voz dela voltar a preencher o ambiente, mais fraca, ela estava triste em falar disso.

— *Matheus Amorim. Ele me deu o dinheiro. Me pagou para fingir ser sua noiva por uma semana. Não se preocupe com isso, Antônio.*

O som de sua voz cessa e Marcus me olha com a vitória estampada no olhar. Posso matá-lo agora, não posso? Sei que você deixa, mas permaneço onde estou, e olho nos olhos de mamãe.

— Você mentiu — ela sussurra inconformada.

— Não menti. A senhora me perguntou se estamos mesmo noivos, sim, estamos. Ela não sabe disso ainda, mas essas alianças em nossos dedos, são reais. O amor que sinto por ela, é real, e acredite, ela também me ama.

— Eu sei disso meu filho, não é difícil perceber. Por isso não quis acreditar quando Marcus me contou, mas diante dessa ligação...

— Não foi um plano para enganar a vocês, foi para enganá-la.

Mamãe arregala os olhos, é hora de admitir o grande idiota que sou.

— Mamãe, eu tirei a virgindade dela. E fui embora na manhã seguinte. E ao contrário do que a senhora pensa, eu não fui homem para dar-lhe uma explicação. Eu sumi. A senhora não faz ideia de como me arrependo por ter feito isso, e de todo o mal que causei a ela.

— Pobrezinha — ela sussurra.

— Assim que pude a encontrei, e a levei para perto de mim, mas como pode imaginar, ela me odiava. Mamãe, há três anos tento de tudo para me aproximar dela, para reconquistá-la. Eu a amo, mas ela nunca dava uma brecha. Então eu tive que fazer isso. Procurei por sua irmã no convento, e pedi a ela que pedisse a Gilcelle uma quantia alta em dinheiro. Uma quantia que ela não pudesse conseguir sozinha. E então ofereci ainda mais do que essa quantia à Gilcelle, para que ela viesse para cá comigo.

— Meu Deus, Matheus! Não foi você que pensou nisso!

— Não, foi ideia do Cleber. Mas eu executei. O que preciso que entenda é que não fiz isso para enganar vocês, mas ela. Fiz porque foi a única forma de tê-la comigo. A senhora viu mamãe, ela me ama. A estou conseguindo de volta. Não me importo que pensem que armei tudo. Me importa que ela não pode saber que não é uma armação. Não pode saber que estamos mesmo noivos e que vamos mesmo nos casar, porque senão ela foge. E se isso acontecer, não irei mais atrás dela, não a machucarei mais.

Mamãe cobre a cabeça com as duas mãos. Estou desolado. Saber que você é um idiota já é ruim o bastante, mas ter de admiti-lo em voz alta diante de sua mãe e seu irmão sem caráter, é pior ainda. Sou um merda, não mereço aquela mulher lá em cima, ainda não. Mas vou merecer, só não posso perdê-la agora.

— O que você pretende, filho? Irá forçá-la a se casar com você? O que acha que ela fará quando descobrir sobre este casamento?

— Me baterá, brigará, será agressiva. Mas vai aceitar. Ela me ama, mãe. Ela vai aceitar. Não estrague tudo agora.

Ela se levanta com sua imponência e uma expressão tão séria, que penso que subirá agora mesmo as escadas e dirá a minha noiva nua, o quão mentiroso eu sou. Mas, ela me surpreende ao dizer:

— Essa história de amor de vocês tem tudo para dar errado, é impressionante.

— Ah não, a senhora também não. Não vai dar errado.

— Já está dando errado, está tudo errado. Se tivesse me contado antes, eu teria ajudado. Não seria tão brava com ela, para começar, a faria se sentir mais confortável aqui em casa.

Marcus então, diz indignado:

— Mais confortável do que já se sente? Se a senhora fizesse isso a maluca a expulsaria da sua própria casa e dormiria na sua cama.

— Não direi nada, filho. E acho que posso ajudá-lo. Não faça mais isso, pode contar qualquer coisa a sua mãe. Agora vá, Deus abençoe que isso não seja um fiasco, e vá dormir com sua noiva, pois a última vez que abri a porta do quarto dela, estava apenas com um roupão testando posições estranhas na cama.

— Pare de abrir a porta do quarto dela. A senhora precisa bater antes. Deveria devolver a chave da porta.

— Não. Ela tem que merecer a chave da porta. Gosto dela, mas se tivesse uma chave eu não o veria o resto da semana, e sinto sua falta. Vá, suba, cuide dela. Depois nos falamos.

Dou um último olhar mortal ao meu irmão, e antes de entrar no quarto de minha noiva, ligo para Sebastian e conto a merda toda.

— Que caralho! O que vai fazer agora, homem?

— Agora? Vou ali comer minha mulher. Mas preciso descobrir como o Marcus teve acesso àquela ligação. Tenho certeza de que não foi através do celular da Gilcelle. Por que ela gravaria essa conversa?

— Se quer um conselho, conte a Gilcelle. Peça a ajuda dela. Se de tudo não pensarem em algo, ela pode torturar seu irmão até que ele dê com a língua nos dentes.

— Dê com a língua nos dentes? De onde tirou isso?

— Sempre quis dizer isso. Vá homem, preciso cuidar da minha mulher, você sabe que ela não é muito paciente.

— Ah sim, temos sorte meu amigo, temos muita sorte.

A luz do quarto está apagada, mas mesmo assim arrasto a cadeira para debaixo da maçaneta. Tiro a roupa e me jogo na cama. Gil está dormindo, de costas para mim. Toco de leve seu cabelo e beijo seu rosto.

— Você dormiu, sua maluquinha? Vai me deixar na mão?

Ela não se move e continuo a acariciá-la. Minha mãe é uma péssima mentirosa, e é péssima em guardar segredos. Temos ainda mais dois dias aqui, e duvido muito que ela não dirá a verdade a Gilcelle até lá. Acho que está na hora de começar a contar a ela que temos um casamento marcado.

De repente, ela pula em cima de mim e beija meu pescoço.

— Você demorou tudo isso para achar uma caixa para a Ginger? E terá que me dar cem mil a mais por não te deixar na mão.

A puxo de repente e a beijo.

— Eu te amo — digo — de verdade. Por mais idiota que eu seja, lembre-se disso.

— O que foi que você fez?

— Eu? Absolutamente nada, mas vou fazer agora. Se...

Ela fica imóvel em cima de mim.

— Se? Precisa de um se para me comer?

Sorrio.

— Vou te fazer uma proposta.

Ouçó sua risada deliciosa e ela se aninha em mim, enquanto acaricia meu pau.

— Faça. Estou ouvindo.

— Estava disposto a dar a você três deliciosos orgasmos. Mas, se você fizer uma coisa por mim, te darei cinco.

— Eu não aguentaria cinco orgasmos. O que quer que eu faça?

— Quero que você acabe com o Marcus.

— Só isso? Eu já ia fazer isso querido, você me deu dois orgasmos de graça. Agora venha aqui e cumpra sua promessa.

A beijo novamente e a viro na cama, darei a ela tudo o que ela quiser e muito mais. A noite toda, todas as noites.

Após me certificar de que minha Ginger estava limpinha e bem alimentada, fui encontrada pela minha querida sogra. A última vez que nos vimos foi meio estranha, eu estava tentando uma maneira diferente de ficar na cama para surpreender o Matheus, e ela abriu a porta sem avisar. Tenho certeza de que no mínimo, a traumatizei. Por isso, assim que a vi no corredor, dei meia volta e saí o mais discretamente possível correndo, mas ela, não tão discretamente correu atrás de mim.

— Maratona, minha nora? Por dentro da casa?

— Ah sim, estou tentando manter a forma.

Ela sorriu e de repente, me pegou em um abraço.

— Meu filho te ama, não importa o que aconteça, não se esqueça disso.

Afastei-me furiosa.

— O que foi que aquele imbecil fez agora?

Ela cobriu a boca com as duas mãos e me arrastou até a cozinha dizendo que eu não me livraria de fazer o almoço.

Agora, aqui estou, parecendo um astronauta. Mal consigo me mover. Já não bastasse a dorzinha no meio das pernas, ainda estou vestida de astronauta.

— Por que está andando assim? — pergunta Amanda com uma careta.

— Por que estou coberta dos pés à cabeça. Como queria que eu andasse?

Ela arqueia apenas uma sobrancelha e me encolho olhando para o feijão à minha frente e não para ela.

— Pare de me olhar assim e pique couve, garota. Está uma péssima ajudante de cozinha.

— Na verdade, não irei mais ajudá-la. Você tem um novo e melhor ajudante do que eu. — Ela desfila até a porta, mas para e nos olha dramaticamente com uma cena toda. — E só para que você saiba, não sou boba. Está andando com as pernas abertas desde cedo. — Olha para o irmão antes de acusar. — Matheus, você é um cavalo.

— Ora sua... — Mas ela já saiu correndo da cozinha quando ele tenta brigar.

Ele se aproxima de mim com um sorriso bobo no rosto.

— Onde está você? Só consigo ver seus olhos.

— Não tem graça — choramingo. — Sua mãe é cruel comigo.

Ele me abraça ainda rindo e tenta me beijar, mas não tem onde.

Veja bem minha situação, principalmente você que acha que sou má demais com esse estúpido. Queria ver você aqui, no meu lugar, enfrentado essa família maluca, e tendo de preparar o almoço. Só para constar, você seria obrigada a lavar as mãos, os braços e o rosto com álcool gel. E vestir uma calça branca enorme e larga, para não correr o risco de cair nada na sua roupa. E uma blusa branca enorme e larga, para que não caia na comida, nada da sua roupa. E uma touca branca cobrindo todo seu cabelo, e luvas, porque o álcool gel também deve ter germes, e para finalizar seu visual cozinheira da NASA, uma máscara branca, para que você não converse, boceje, cuspa, ou solte bafo na comida. É sério. Apenas meus olhos estão para fora.

— Por favor, Matheus, não me diga que há alguma chance de ela me mandar colocar óculos.

— Não, meu amor. Vou ajudá-la.

Ok, agora quero ver você ter o lindo e delicioso Matheus Amorim como ajudante. O cara tem nojo do líquido do tomate. Não pega no pimentão sem luva e não consegue segurar a faca com luva. Corta

as tirinhas de couve maiores do que a própria folha, reclama do cheiro do alho, e acho que está prestando atenção a cada movimento meu, com medo de que eu pisque em cima da comida, só pode.

Após todo esse tratamento de choque, me pergunto onde fui amarrar meu jegue. Mas bem, um pau para amarrar o jegue anda difícil, então não vou reclamar. Deixa meu jeguinho quieto nessa família maluca.

Saio andando com as pernas abertas atrás das meninas que levam a comida para a mesa, e me troco no quarto. Quando desço, ainda estou meio com as pernas abertas, tento disfarçar, mas sinto um incômodo quando fecho as pernas.

— Pronta para hoje à noite, querida? — Miguel caçoa dando um tapa na minha bunda.

Dói.

— Toque a bunda dela de novo e não sobrarão dedos para tocar seu pau esta noite, otário — diz Matheus virando a mão dele, que grita e afasta-se rindo.

— Não atrapalhe meus planos, irmãozinho.

Reviro os olhos. Por que os homens dessa família são tão esquisitos? É algum gene ruim, só pode.

Todos se sentam à mesa e é meu dia de dar graças, porque parece que sou tudo eu nesta casa. Fico nervosa rodando o garfo acima do prato, esperando o que a família Buscapé vai achar do meu Feijão Tropeiro, um prato típico mineiro que mistura um monte de coisas, não tem como comê-lo mantendo uma coisa em cada parte do prato, e essa é a graça. Estou esperando que surtem a qualquer momento tentando separar o feijão, da farinha, do ovo, do bacon, da linguiça, do toucinho, da couve, mas não é o que acontece. Sei que estou aprovada assim que minha ilustre sogra geme à mesa. Não estou nem aí se os outros não gostarem, ela gostou.

— Meu Deus, filha! Isso está esplêndido! Deveria ter colocado você para cozinhar desde que chegou!

— Deveria mesmo! — Amanda concorda entusiasmada — Matheus, definitivamente, quero ir morar com você.

— Por Deus, Matheus, como é que você conseguiu isso? A mulher é linda, inteligente, divertida, maluquinha e cozinha muito bem. Preciso de uma Gilcelle. — Fecha Miguel.

Sei que meu rosto está da cor do meu cabelo, estou lisonjeada e me inclinando na cadeira para disfarçar, mas estou feliz, de verdade, que tenham gostado assim. E eles gostaram mesmo, comem uma quantidade que nunca vi nenhum Amorim comer. Em um determinado momento, Matheus aperta minha mão por baixo da mesa e sussurra:

— Eu te amo, Sereia.

Minha felicidade está mais completa junto a minha excitação, pois esta noite, desmascararei o rabo do meu cunhado. Conto o plano a Matheus que faz uma careta.

— Isso não vai dar certo, Gil. Ele não é gay, e se fosse, não daria em cima do nosso primo. Quando você disse que sabia como derrubá-lo, achei que tivesse realmente alguma coisa.

Trinco os dentes e cerro os punhos, controlando-me para não matá-lo.

— Não subestime meus planos maquiavélicos, seu idiota. Quando isso der certo, você terá de me devolver os quinhentos mil pelos orgasmos de ontem.

— Isso não faz sentido, se seu plano bobo der certo, devolverei os quinhentos mil e você os perderá novamente esta noite.

Dou de ombros, desafiando-o.

— Talvez minhas pernas estejam fechadas esta noite.

— Talvez eu saiba como abri-las — ele responde aproximando-se de mim.

Sim, meu amor, você sabe. Mesmo assim me afasto tentando segurar o riso e me faço de ofendida, afinal, ele duvidou do meu plano brilhante.

A parte mais difícil dele, é manter Marisa no andar de cima, e para isso, Miguel foi designado, ele irá vigiá-la. Assim como fez Marcus achar que sairíamos todos para dar uma volta. Como a casa é muito grande, acredito que não correremos risco algum de ela aparecer e ver a cena. Matheus deve estar escondido em algum lugar desta enorme sala, Mandy está abaixada a minha frente com uma filmadora (a do próprio Marcus que ele usou para tentar nos desmascarar, sou ou não sou um gênio?) e só para garantir que não haverá erros, estou com um celular para tirar fotos.

— Você está muito ocupada agora, não está? — Amanda pergunta.

— Por que quer saber?

— Assim, se eu te contasse algo, você não sairia como uma louca para tirar a história a limpo, certo?

— Acho que não posso sair daqui agora.

— Ah bom. O Matheus mandou o Miguel dar um sumiço na Ginger.

— O que? — grito e ela acerta um soco na minha perna.

— Silêncio, quer estragar nosso plano? Uma coisa de cada vez, primeiro, o Marcus, depois, você pensa em algo para se vingar do Matheus. E vingue-se do Miguel também, ele está me dando nos nervos.

Deve ser sobre isso que Marisa estava se referindo quando disse que deveria recordar-me que Matheus me amava. Eu sabia que ele havia aprontando alguma coisa, mas isso é fácil de resolver. Ai dele se não me devolver minha coelha viva.

A moto de Nuno encosta ao lado de fora, e antes mesmo que ele a desligue, Marcus aparece. Olha para os lados desconfiado, anda com as mãos para trás como quem não quer nada, e então, corre para a porta. Não consigo ver o que estão fazendo lá fora, mas seguindo nosso plano, Nuno entra na casa com ele. Posso sentir como Nuno está nervoso, o imbecil não honra seus dois metros de altura e fica tremendo e gaguejando. Péssimo ator.

— Mandy, se este idiota continuar assim, seu irmão vai desconfiar — reclamo.

— O que você quer que eu faça?

— Mostre os seios.

— O que?

— Faça alguma coisa.

Ela resmunga e abre o primeiro botão da blusa que usa, esses dois tem uma ligação estranha, pois Nuno olha exatamente para onde ela está e sorri aliviado. Fica tempo demais olhando para ela e quero matá-lo, mas, munido de uma coragem que não pertence ao clã Amorim, ele diz estar com calor e tira a camisa. O sol está se pondo e realmente está quente. Ele a rodopia se abanando e Marcus falta lambe o suor em seu peito. Não podemos ouvir o que conversam, mas pelas caretas de Nuno, o irmão bicha está mostrando as garras. Eles ficam ali de conversinha por mais dez minutos. Merda! Marisa vai descer com essa lentidão toda. Isso não dará certo.

Faço alguns movimentos com o braço e Nuno me olha, então movo os lábios para que ele entenda: *anda logo, idiota!*

Ele fecha os olhos, toma um ar e passa a mão pelo braço de Marcus. É o suficiente, Marcus o ataca. Ataca mesmo. Gruda no peito dele e alcança sua boca em segundos. Nuno se afasta em

nanosegundos e Mandy voa em cima de Marcus em um tempo menor ainda. Matheus sai de seu esconderijo chocado, e eu saio cantarolando e fazendo uma dancinha pela sala.

— É bicha, queima a rosca, dá ré no quibe, gayzinho.

Marcus olha furioso para cada rosto naquela sala. E Miguel desce correndo as escadas atrapalhado.

— Eu perdi? Perdi a cena?

— Não se preocupe, querido cunhado, gravamos tudo e você pode ver quantas vezes quiser — garanto.

— O que você pretende? — Marcus pergunta vindo para cima de mim, mas Nuno, Matheus e Miguel entram na minha frente, me protegendo.

Ahhh eu amo essa família!

— Eu? Nada cunhado, só gostei da sua ideia de filmar coisas que desmascaram. Não é que isso é legal mesmo?

Ele olha para os irmãos e o primo.

— Minha própria família contra mim. Meu sangue, se unindo com uma estranha qualquer contra o próprio irmão, como puderam? — ele dramatiza.

— Você não estava ligando para essa coisa de sangue quando agarrou seu primo. Seu sangue, que feio né. O que será que vai chocar mais a sua mãe? Você ser o gay da família ou ter agarrado o próprio primo?

Ele tenta ir para cima de mim de novo e saio de trás da minha bela parede de machos Amorim.

— Quer cair no tapa? Vem pra mão! Vamos brigar como mulheres!

Ele se controla e afasta-se. Então, abaixa a cabeça entre as mãos, e suplica a Matheus.

— Não faça isso, Matt. Somos irmãos.

— Você não se importou com isso ontem, não é mesmo? — ele retruca.

O que? O que esse idiota fez ontem? Olho para Matheus buscando uma explicação, mas ela não vem. Ele está olhando decidido para Marcus, e sou eu quem tomo a frente.

— Não mostrarei isso à sua mãe, Marcus, a menos que seja necessário. É você quem decide o destino desta gravação e destas fotos. Apenas lembre-se que deve ter cuidado, posso ser bem perigosa quando quero.

— Eu já percebi — ele responde olhando em meus olhos.

— Que bom, cunhado. Não se aproxime de mim ou do Matheus novamente.

Ele apenas assente.

— Meu Deus, Matt! — diz Miguel quase salivando em êxtase. — Ela é mais macho do que você. Eu preciso me casar com sua noiva!

Mandy some em seguida com Nuno, e o pobrezinho parece traumatizado. Eu corro para a sala de tevê e assisto ao vídeo, o edito e deixo apenas o necessário. Mas realmente, não pretendo mostrar essa gravação, apenas usá-la para chantageá-lo. Para que ele deixe Matheus em paz.

Quando estou saindo ainda cantarolando minha mais nova canção preferida, avisto minha ilustre sogra saindo escondido. Escondido, porque ela está com sandálias nas mãos e saindo pela porta dos fundos. Enfio a câmera nos seios e tiro o sapato, seguindo-a. Ela anda até a garagem, e há um carro a esperando por ali. Eu os espero sumirem de vista, pego minha moto e vou atrás dela.

Calma, eu coloquei o capacete.

Os sigo quase congelando por te esquecido a jaqueta, e eles param em frente a uma casa de dança.

Espero um pouco, desço da moto, ajeito o cabelo e entro no local. Achei que me barrariam por estar descalça, mas isso não acontece. Há vários homens e mulheres ali, na flor da idade, como diria minha avó. Eles dançam e se entrelaçam em movimentos... estranhos.

É aí que avisto. Minha ilustre e cafona sogra. Está soltinha da vida com um dos vestidos que indiquei a ela, se agarrando com um coroa em um canto do que identifico agora, ser um rela bucho, um lugar onde os “velhos” dançam forró de uma maneira mais ousada. Ousada até demais para a idade deles. O rela do nome, é porque eles relam mesmo. Ok, parei de trocadilhos. Vamos ao que interessa.

A família Amorim é uma farsa. O irmão afeminado é macho, o macho é gay, e a matrona careta e cheia de regras, vai escondida a rela buchos. Filmo um pouco daquilo e volto na minha moto. Sento-me na varanda e aguardo, aguardo. Procuro por Ginger, mas não a encontro. Matheus mandou mesmo dar um sumiço nela. Envio-lhe uma mensagem.

Amor, vou demorar a subir, não encontro a Ginger.

Passam-se quase dez minutos até ele responder.

Está com a Mandy, amor, suba, a cama está chamando por você.

Não está com a Mandy querido, acabei de vê-la. O único bicho na mão dela é o do seu primo.

Em seguida, antes que ele tem um enfarto, mando outra.

Brincadeira. Mas não está com ela.

Sua peste, quase tive uma parada cardíaca e um surto de adrenalina ao mesmo tempo agora. Suba agora mesmo!

Primeiro, a Ginger.

Amor, ela deve ter ido passear, venha aqui cuidar de seu outro bicho de estimação.

Não subo enquanto não encontrá-la. Vá dormir você.

Rio da situação. Ele deve estar louco. Recebo em seguida a confirmação de Amanda de que encontrou Ginger e está com ela, e deixo que meu noivo idiota aprenda que não se mente para Gilcelle Lopes. Não mesmo.

Estou cansada de contar estrelas quando finalmente minha ilustre sogra entra. Veja bem, não estou na varanda da frente, mas na de trás, assim que ela me vê ali, estaca na escada e me encara em pânico.

— Ei sogrinha, que belas pernas.

— Gilcelle! — Ela baixa a cabeça desconsolada.

— Sabe, seus filhos amados não precisam saber que a senhora curte um rela bucho.

Ela arregala os olhos mais em pânico ainda.

— Mas, como sou uma nora muito boa em guardar segredos talvez mereça a chave da porta do meu quarto.

Um enorme sorriso surge em seu rosto, embora a tensão ainda esteja ali.

— É claro, você com certeza merece essa chave.

Entro com ela feliz da vida, após matar Matheus de susto por Ginger, teremos a noite toda só para nós sem precisarmos de uma cadeira no trinco. E a manhã toda, e a tarde toda, uau! Nunca pensei que a simples chave de um quarto pudesse me fazer tão feliz. Principalmente se essa chave não é de um quarto de dinheiro. Aliás, é de um quarto da falência, mas não importa, uma pobre bem comida é mais feliz do que uma rica frustrada.

Marisa coloca a chave em minhas mãos, seu sorriso vacila e ela as aperta entre as suas.

— Querida, sei que me acha uma farsa. Você não entenderia.

— Marisa, não vou me meter na maneira como cria seus filhos e menos ainda no que faz com suas noites. Seja feliz, solte-se mulher. Não contarei a ninguém.

Ela respira aliviada e quando nos viramos, ele está ali. Parado na escada, me olhando como se fosse me matar.

— Olá, Marcus — digo sorridente, que ele pense que contei tudo para a mãezinha dele, assim, terá uma péssima noite de sono antes de perceber que não falei nada.

Ele está mais branco do que o normal. Matheus desce correndo as escadas, e estende as mãos para mim, como que prevendo que o matarei por não achar a Ginger. Mas, antes que Matheus me suplique pela vida de suas bolas, Marcus é quem fala.

— Você contou a ela, não contou? Deu o vídeo a mamãe? Tudo bem Gilcelle, eu não ia dizer nada, mas já que destruiu a minha vida, tenho o direito de retribuir.

A cena seria cômica, se não fosse tão fodidamente trágica.

Matheus percebe que ele vai falar algo e corre em sua direção, Marisa também corre em sua direção, e bem quando vão pular em cima dele, Marcus desce os últimos degraus e Matheus e Marisa trombam um no outro, em um tombo espetacular, enquanto Marcus acaba com o chão sob os meus pés ao gritar:

— Esse plano idiota de fingir ser a noiva do Matheus não foi para enganar nossa família. Nós sabemos, Gilcelle. Todos nós sabemos, que vocês tiveram apenas uma noite, que ele foi embora sem dar satisfações, pegou todas na faculdade e quando deu na telha, a pagou para fingir estar com ele. Nós sabemos, ele enganou você.

Matheus e Marisa estão gritando alguma coisa, mas só consigo ouvir nitidamente o que Marcus grita.

— A família sabia que era fingimento, fui orientado a fazê-la se sentir em casa, o plano na verdade, era para que você achasse que estão fingindo, para que ele tivesse acesso a você sem assustá-la. E funcionou, não é? Nem três noites ao lado dele e você já estava abrindo as pernas de novo. Fácil, como da primeira vez.

Ele para de falar quando Matheus o acerta com um soco. Seguido de outro. Marisa senta-se na escada e chora, enquanto Matheus desconta sua fúria em Marcus. Miguel aparece e os separa, e quando Marcus volta a gritar que eu fui a idiota enganada esse tempo todo, Miguel apenas abaixa a cabeça. Eles sabiam. Olho para os rostos de cada um ali, nenhum deles consegue me olhar nos olhos, exceto Marcus. Encaro Matheus, não há fúria em meu olhar, eu sei, é como se eu não tivesse forças

para sentir fúria. Não tenho forças para sentir nada. As portei-
ras estão prestes a se abrir e só não quero cair sozinha.

Caminho até a sala de vídeo e ligo a câmera na tevê. Eu sabia que eles me seguiriam.

— Eu não pretendia fazer nada disso. Não havia dito nada a sua mãe, Marcus, não ia fazer isso. Assim como não pretendia contar o seu segredo, Marisa. Mas vocês, não merecem! Vocês não merecem que eu tenha qualquer consideração! Falsos! Bando de mentirosos! Vocês todos são uma farsa!

Grito tanto, que Matheus tenta aproximar-se de mim, mas o empurro, a fúria que não transborda em meus olhos, está concentrada em meus pulsos.

— Não me toque! Saia de perto de mim! Você é o pior deles! O pior!

Ligo a tevê e me afasto, e deixo que Marisa descubra o grande bicha que seu filho é, para em seguida, ele descobrir a safada que há nela. Que se danem todos eles.

Começo a juntar minhas roupas, enquanto as lágrimas rolam livres, não me importa. Matheus está parado na porta, me olhando. Há lágrimas em seus olhos também, mas sequer quero pensar nelas.

O pior de tudo, é que junto a dor por ter sido enganada, há a compreensão do motivo de ele ter feito isso. Sei porque ele agiu assim, talvez eu não mentisse tanto, mas seria algo que eu faria. Não vivi a vida toda cercada de mentiras? A única coisa boa que achei ter, era mais uma delas, de novo.

— Você não vai sair a essa hora sozinha, e nessas condições.

Não respondo. Continuo juntando minhas coisas. Quero ir embora. Só quero ir embora. Ou matá-lo, isso, quero matá-lo, me sentiria mais feliz do que indo embora com o coração em pedaços enquanto ele fica bem e inteiro.

— Vai parecer ridículo, e não me importo. Mas fiz isso porque a amo. E não estou dizendo que justifique, mas o que o amor não nos dá o direito de fazer?

Finalmente o encaro.

— Muitas coisas — respondo da maneira mais fria que posso. — Mentir e enganar, não há amor no mundo que justifique.

— Gilcelle, o que você faria no meu lugar? Eu não suportava mais estar tão perto e tão longe de você. Estava a ponto de roubá-la e fugir com você para uma ilha até que ficasse em abstinência e cedesse ao seu desejo por mim. Eu estava a ponto de fazer qualquer coisa. Porque eu te amo.

— Não use um sentimento como desculpa! Cadê meu coelho?

Ele arregala os olhos e dá um passo vacilante em minha direção.

— Ginger! A quero aqui agora! Vá buscá-la!

— Amor, sobre isso...

— O que você fez com o coelho? Até mesmo a merda do coelho você tirou de mim, não é? Será que não pode me permitir ter as coisas? Você nunca me deixa ter nada, me deu a merda do prazer para tirá-lo de mim em seguida. Me deu esse dinheiro, e quanto tem na minha conta mesmo? Você o está pegando de volta. E até o coelho você tirou, o que mais você quer? Quer as calcinhas que estou usando? As que você pagou? Eu devolvo!

Pego todas as calcinhas da mala e as atiro nele. Tiro a que estou usando e a atiro nele também. É essa que ele pega no ar e coloca no bolso.

— Gil...

— Ginger, sem ela, sem conversa.

Só preciso que ele saia de perto de mim agora, porque juro por Deus, quero matá-lo, e nem mesmo

o fato de sua mão estar coberta de sangue e ele, o fresco mor, não ter corrido para lavá-la ainda, ameniza a confusão em que me encontro. E o instinto assassino que ele me desperta.

— Ok, vou achar sua coelha, e você vai me ouvir.

— Boa sorte.

Ele desce correndo as escadas gritando por Miguel e imediatamente tranco a porta do quarto. Ele vai descobrir que está com a Amanda e voltar cedo demais, e não quero enfrentá-lo agora, estou furiosa demais. A merda do plano dele foi ótimo. Eu fui enganada, Gilcelle Lopes nunca é enganada.

Nunca pensei que quando finalmente tivesse essa chave, a usaria para trancá-lo para fora, mas é o que estou fazendo. Sento-me no chão recostada a porta. O que fazer? O que fazer?

“Você poderia fingir perdoá-lo e amassar as bolas dele durante a noite, assassiná-las.” Não. Isso me deixaria em um prejuízo eterno caso um dia eu o perdoe. E que merda. Não sei o que pensar. Quero acreditar que ele me ama, que todas as merdas que fez foi por pura estupidez, que há amor ali. Mas fica tão difícil quando ele é tudo o que acho que tenho e não posso ter certeza de que realmente o tenho.

— Gil — a voz de Marisa chama do lado de fora.

Estranhamente, ela não parece chorosa como achei que estaria.

— Querida, sei que não quer abrir a porta, mas tenho algo que pertence a você. Não a leia agora, e por favor, não jogue fora. Leia quando estiver pronta, quando achar que é o momento certo.

Ela empurra por debaixo da porta um papel envelhecido.

É a carta. A carta de Matheus.

— Querida — ela chama de novo. — Sei que está magoada, você estava certa, essa família se tornou uma farsa. Mas, por favor, pelo que ainda sente pelo meu filho, mesmo que seja ódio agora, leia esta carta.

— Tudo bem — respondo baixinho, mas sei que ela ouviu.

— Quando estiver pronta. De preferência, ainda este mês.

Não respondo, e ela continua.

— Aliás, esta semana. Vá para casa, descanse e a leia esta semana mesmo. Melhor, você poderia lê-la amanhã. Durma, amanhã acordará melhor disposta e poderá lê-la. Talvez...

— Entendi, Marisa. Lerei quando achar que é a hora. Mas eu lerei.

— Obrigada — ela diz e ouço seu salto afastando-se da porta.

Pego a carta envelhecida na mão e avisto pelo papel fino a caligrafia perfeita para um garoto adolescente.

— Agora, somos só você e eu, querida. Me diga o que fazer.

Capítulo 12

Matheus

— Vamos Miguel, ajude-me! — peço.

Passo por Amanda, sentada no balaústre da varanda com uma expressão tensa.

— Aonde você vai? — pergunta levantando-se.

— Procurar o coelho. Gil só vai me ouvir se eu tiver o maldito coelho.

Ela abre a boca para dizer algo, mas desiste e corro com Miguel mato adentro.

— Onde você o deixou? — pergunto desesperado.

— Se eu soubesse, já o teria levado até ele. O soltei por aqui.

O cansaço e o desespero começam a me tomar. Não encontraremos o coelho. Preciso achar esse coelho.

— Preciso achar esse coelho! — grito.

— Eu sei, cara. Relaxa. Vamos encontrá-lo. Ginger! — ele grita de repente.

O encaro para ter certeza de que está mesmo fazendo isso, e ele grita novamente.

— Coelhos não respondem pelo nome, seu tapado, não estamos procurando um cachorro — ralho.

Há muito mato, muito desespero e nada de coelho. Começo a golpear o mato, a escuridão da noite atrapalha, caio no chão, arrasto-me pelo mato procurando. A terra se mistura ao sangue em minhas mãos, mas não tenho tempo. Não tenho saída.

— Saia da terra, Matheus. Está ficando imundo.

— Foda-se. Foda-se a sujeira, preciso achar o coelho, preciso consertar as coisas. Prefiro fazer o parto de um bezerro a ver de novo aquele olhar de decepção no rosto dela.

Miguel joga-se ao meu lado no mato, desistindo de me fazer levantar.

— Meu Deus, cara, você está mesmo ferrado. Tudo bem, te ajudei a sumir com o coelho, te ajudo a achar o coelho. Tudo pela Sereia.

Reviramos quase toda a área, Miguel ajoelhado ao meu lado, não há nenhum rastro de Ginger. Sei que não vamos achá-la, é grande demais aqui, mas passarei a noite procurando. Não tenho coragem de voltar de mãos vazias para implorar que ela me ouça. Não tenho sequer uma desculpa decente para o que fiz.

Homens que leem este livro. Não sejam idiotas. Não tentem armar para conquistar suas amadas, ao invés disso, as comam direito. É mais fácil, mais gostoso e menos perigoso do que fingir assim.

Quando o sol começa a nascer, me sinto morrer no meio do mato. Caio de costas, não há coelho, já deve estar longe a essa altura, não há chance de ela me ouvir. Não há mais nada. Prometi que não iria atrás dela se a perdesse de novo, e neste momento, não sei se conseguirei cumprir essa promessa. Como pude achar que suportaria ficar sem ela? Tento pensar em uma nova proposta, algo que a mantenha comigo, mesmo me odiando de novo, mas nada me vem. Estou cansado, com sono e praticamente morto.

— Deixa de frescura. Levante-se daí e vamos. Você deu uma moto para sua noiva maluca, não queremos arriscar que ela tenha fugido, certo?

Seguro na mão de Miguel e ele praticamente me arrasta até em casa.

— Valeu por passar a noite comigo, cara. Talvez possamos beber todas em um bar imundo de estrada esta noite — digo.

— Não, obrigado. Não quero morrer tão jovem e lindo. Beba você em bares imundos. Vai precisar.

Mal avisto a casa, avisto um zumbi nela, bem ali na varanda. Amanda, com olheiras enormes e cara de poucos amigos.

— Matheus Amorim, quero que saiba que você é um babaca. E toma esta droga de coelho. Passei a noite te esperando. — Minha irmã traíra tira de uma caixa Ginger, e me estende.

Puxo o coelho de sua mão e o abraço.

— Ginger! Ginger, meu amor! você apareceu!

Nem quero saber onde ela estava, ou como foi parar com minha irmã, nem quero começar a pensar no fato de que provavelmente estava com essa peste da Amanda o tempo todo e passei a noite me lamuriando no mato à toa, só quero entregar este coelho a Gil e tentar explicar a merda que não tem explicação. Paro no meio da escada, sem coragem.

— Ah, pelo amor de Deus! Se eu tiver que empurrá-lo escada acima também, eu mesma direi a Gilcelle para cair fora porque você é frouxo demais! — reclama Amanda ao pé da escada.

Subo sem ânimo e como previ, a porta está trancada.

— Gil, abra a porta! Gil! Trouxe o coelho.

— Você pode deixá-lo um pouco no seu quarto? — ela pergunta sem abrir a porta.

— O quê?

— Se não puder, deixe-o com a Amanda.

— Você disse que me ouviria se eu trouxesse isso — protesto.

— Se eu abrir essa porta agora, não ouvirei realmente nada do que me disser, te odeio demais neste momento. Só quero me acalmar e dar uma chance a você de me dizer algo que eu vá entender.

— Tudo bem, estamos no meu quarto, quando quiser conversar.

Sento-me no chão, ao lado da porta de seu quarto, sentindo-me como um escritor que perdeu a inspiração, um pintor que perdeu sua musa, um motoqueiro que perdeu sua habilitação, um cozinheiro sem uma faca, vocês sem um estúpido para ler, estou acabado, faltando um pedaço e com o pedaço que sobra destruído.

Volto a mim quando alguém se aproxima e me estende o celular, não quero atender, mas é mamãe, e ela diz que é Sebastian e precisa falar comigo.

Pego o celular e Sebastian diz:

— Apenas escute.

Há um silêncio, e de repente, um resmungo baixo e fraco. Seguido de um choro fraco. Levanto-me imediatamente quase derrubando Ginger no chão.

— Ouviu? — ele pergunta com tanto orgulho na voz, que não pode ser outra coisa.

— Quando ela nasceu?

— Há poucas horas. Ela é linda, Matheus. A coisa mais linda que já vi na vida.

— Estamos indo — digo e desligo o telefone.

Bato na porta com força, para acordá-la, parece que fiquei algumas horas sentado ali, pois o sol que entra pela janela do corredor é da tarde, e não o morno da manhã.

— Gilcelle! Gil! Abre a porta!

— Ainda não.

Giro o trinco e a porta abre. Em algum momento ela abriu a porta, eu devia estar dormindo, que merda! Entro em seu quarto e ela está sentada na cama, parece horrível, com enormes olheiras e o

cabelo todo bagunçado. Demoro um pouco para conseguir dizer.

— A Nath nasceu.

— O quê? — Ela se levanta imediatamente e tira Ginger da minha mão, depositando-a numa poltrona próxima a cama.

— Sebastian me ligou, eu a ouvi chorar, ela nasceu a pouco. Precisamos ir embora. — Por algum motivo, minhas palavras parecem estar arrastadas.

Gil se aproxima de mim e pega minha mão. Seus olhos estão cheios de lágrimas e ela sorri.

— Sim, temos que ir embora, como essa danadinha nasce uma semana antes?

— Pois é.

— Primeiro, você precisa de um banho. Não pode chegar lá assim.

Ela me guia até a suíte e me ajuda a tirar a roupa. Mal sinto a água quente escorrer por meu corpo. Logo, ela desliga o chuveiro e passa algum remédio no meu rosto. Resmungo e ela explica:

— Você está com alguns cortes aqui. Estou apenas impedindo que infeccionem.

Concordo fechando os olhos. Tenho dificuldade em mantê-los abertos.

— Estava imundo, e ferido. Onde você estava? — ela questiona.

— Procurando o coelho. No mato. E ele estava com a Amanda.

Ela não diz nada, me guia até a cama e só então percebo que vai me jogar nela.

— Nath, precisamos ir — insisto.

— Sim, vamos daqui a pouco. Mas durma um pouco primeiro. Não vou entrar em um carro com você neste estado, eu dirigiria, mas também não dormi nada. É melhor descansarmos um pouco.

— Você não vem? — digo estendendo a mão para que ela se deite comigo.

Ela parece hesitar, anda até a cortina e a fecha, então volta para perto da cama e deita-se ao meu lado. Estou cansado, provavelmente ela também. Sei que é só por isso que está aqui ao meu lado agora, mas preciso mesmo dormir. A puxo para perto de mim e adormeço antes mesmo que possa dizer que a amo.

A noite está caindo e estou sozinho quando acordo. Visto uma roupa qualquer e desço imediatamente, Miguel está ajudando Gilcelle a colocar suas malas no meu carro.

— O que está fazendo? — pergunto desesperado.

— Quero ver minha afilhada. Por sua culpa não estava lá para vê-la nascer. — Ela me encara impaciente. — Vamos, pegue suas coisas, temos que ir.

Ela está me incluindo nesta viagem de volta, então digamos que tenho um ponto a meu favor. Pego minhas coisas depressa, já estavam organizadas na mala há dois dias, iríamos embora amanhã de qualquer jeito. Ela está na porta, conversando com mamãe e escuto apenas o final da conversa.

— Espero que volte, querida. Não dissemos a avó dele que esse casamento não existirá, isso é o que a mantém viva, sabe.

Gil revira os olhos e me encara com uma careta.

— Isso é sério? Você colocou toda a família para me chantagear? A Amanda já disse que vai se matar afogada no poço se eu não entrar para a família, o Miguel ameaçou ir morar em BH e me perseguir até me pegar se eu não entrar para a família, agora isso? Serei responsável pela morte da sua avó?

Sorrio.

— Sim, Sereia, a culpa será toda sua.

Ela abraça mamãe, que fica repetindo que a adorou e precisa dela na família, e quando estamos

prestes a entrar no carro, Marcus aparece.

— Espero que não volte nunca! Em uma semana você destruiu nossa família! — ele diz ressentido.

— Ah, para de drama, borboleta. Te dei liberdade. Agora você pode voar por aí com a bunda aberta à vontade — ela responde.

Ele tenta avançar na direção dela, mas Miguel o segura. Essa é minha família, esse é o efeito que essa maluca causa nela. E eu devo ser mais maluco ainda por querer tanto que isso seja para sempre, mas merda, eu quero.

Seguimos as primeiras três horas em silêncio. Preciso que ela fale, mas ela fica ali, conversando com alguém pelo celular, quando ouço um áudio de um bebê chorando, sei que é com Celina, em seguida ela parece histérica por não ter visto o nascimento da pequena, mas não me dirige a palavra. Tenho vontade de tomar o aparelho de sua mão e arremessá-lo pela janela, mas estou ao volante, não quero essa maluca machucada em algum acidente quando ela virá-lo.

— Ela mandou fotos? — pergunto animado e Gil vira a tela em minha direção, ali, há uma coisa pequena, com um bico, os olhinhos fechados e toda encolhida nos braços de Sebastian. É linda! — Ela é linda!

— Sim.

É minha chance de puxar assunto. Filhos é uma questão pessoal para ela, acha que não os terá, e é louca para tê-los. Talvez eu possa animá-la a querer praticar filhos comigo. Só preciso tocá-la, uma única vez, e ela me perdoará.

— Acho que nossa filha será mais bonita do que a Nath. Pense, ela terá seu cabelo, meus olhos, o charme dos Amorim, a loucura das Lopes.

Ela me encara, parece estar segurando o riso, mas apenas revira os olhos e volta o olhar para a tela do celular.

— Você cuidou de mim ontem. Isso quer dizer alguma coisa, certo? Não fique aí fingindo que não quer falar comigo — provoco.

— Você apareceu como um pintinho ferido, sujo e perdido. Não arriscaria minha vida entrando em um carro com você naquele estado. Não foi por você, foi por mim.

— E dormiu aconchegada a mim por você também?

Ela se vira no banco e me encara.

— Matheus, está vendo esse corte no lado esquerdo da sua testa?

Olho pelo retrovisor e assinto.

— Pois é, posso fazer um pior no lado direito. Dirija em silêncio.

E lá se foi minha chance de conversa. Chegamos de madrugada e vamos direto para o hospital. Antes de destravar a porta, para que ela desça, tento mais uma vez.

— Eu deixei o coelho dormir no meu colo, andei arrastado pelo mato, fiquei horas com o sangue do Marcus na mão, tudo por você. Isso quer dizer alguma coisa, certo?

Ela pensa um pouco, mas quando fala, não é no tom que eu esperava sua resposta.

— Sim, quer dizer que é um grande idiota! Se não tivesse dado um sumiço na Ginger, não precisaria se arrastar pelo mato atrás dela. Se não tivesse me feito de boba, o Marcus não teria o que revelar que o fizesse agredi-lo. Se não fosse estupidamente mentiroso e babaca, a porta estaria aberta e você não dormiria num corredor com o coelho no colo. Por que não abre esta porta e nos poupa dessa conversa? Não quero conhecer minha afilhada com todo o ódio que você me provoca estampado no rosto.

Destravo a porta e demoro cerca de cinco minutos para descer. Caralho! Meninas, me ajudem. Sei que fui um idiota, sou um idiota, mas tem que haver algo, qualquer coisa que a faça querer me bater e extravasar esse ódio. Enquanto ela estiver calma, e centrada assim, ficará remoendo e cultivando isso, e não me deixará aproximar.

Abro a janela para que Ginger tenha ar, desço do carro e encontro Cleber logo na entrada.

— Por que demorou, homem? — ele logo pergunta.

Abraço meu amigo que abre um enorme sorriso ao reparar minha cara.

— Você está na merda. Eu disse que ela acabaria com você. Fico feliz que tenha voltado vivo.

— Preciso que ela me bata — confesso.

Cleber me analisa um tempo, depois faz um gesto negativo com a cabeça.

— Não está totalmente vivo. Não acredito que aquela maluca afetou o cérebro mais pensante da V.D.A., vou matá-la. Gilcelle! — ele grita recebendo reprimenda das enfermeiras.

O sigo até uma porta, e assim que entro, não consigo dar um passo adiante. Gilcelle está ali, no meio do quarto, a pequena Nathalia está em seus braços, segura um de seus dedos e a olha com fascinação. E ela está tão linda ali, com um bebê nos braços. Um bebê que poderia ser nosso.

— Eu sei, homem — Cleber diz ao meu lado. — Quando vi a Suzana com ela nos braços, consegui visualizar todo um futuro de pequenos estúpidos nos braços dela. Sebastian é sempre o mais inteligente. Olhe para nós, dois idiotas, que quase perderam as mulheres de suas vidas por medo. Não temos tempo para medo, Matheus. Vou pedir a Suzana em casamento.

— Meu casamento com a Gilcelle já está marcado — digo.

— Merda! Sou sempre o último a fazer as coisas!

— Onde está o Sebastian?

— Ah, na casa dele, acompanhado. Ele merecia uma lição.

— Cleber, a filha dele acabou de nascer!

— Matheus, meu caro, você não estava aqui e não sabe o que aquele idiota aprontou, portanto, fica na sua. Vá pegar sua afilhada. Melhore esse rosto, ou vai assustá-la.

Aproximo-me de Celina e beijo sua testa.

— Celina, está incrivelmente linda para alguém que acabou de dar à luz.

— Adoro vocês, estúpidos, e o quão bem conseguem mentir. Obrigada, Matheus, senti sua falta.

Me aproximo de Suzana, que me olha preocupada.

— Olá, minha bela Suzana. — Beijo sua mão e Cleber resmunga atrás de mim. — Cleber está cuidando bem de você? Se não estiver, meu carro está aí fora.

— Por incrível que pareça, ele está. Mas obrigada pela oferta, meu querido.

Eu realmente adoro essa mulher. Pisco para ela, que assente e aperta minha mão. Ela sabe que precisarei de sua ajuda, de novo. Claro que desta vez tomarei o cuidado de não incluir a Celina nisso.

— Onde quer que a Suzana vá, eu irei. Só para você saber, Matheus — decreta Celina.

Caralho de mulher esperta.

Aproximo-me de Gil, com a pequena nos braços. Tento melhorar o rosto para não assustá-la.

— O que esta criança está fazendo acordada em plena madrugada? — pergunto quando a olho e a pequena olha para mim. Fixa seu olhar em mim e sua boca se move um pouco para o lado, rapidamente.

— Celina! Ela sorriu. Sorriu para o Matheus! — diz Gil animada.

— Não é possível! Ela tem a mãe mais engraçada que uma criança pode ter e sorriu para o idiota do tio zumbi dela? Olhe para a cara dele? Como uma criança pode sorrir para isso?

— Cale a boca, Celina, e aceite a derrota. Dê-me esta pequena — peço.

Gil hesita um pouco, mas estende o pequeno pacote de olhos verdes, e a pego com cuidado. Nunca segurei uma criança. Em menos de um minuto, Suzana e Cleber estão ao meu lado, com medo de que eu a derrube. Também estou com medo de derrubá-la.

— Oi, minha princesa. Que linda você é!

Toco levemente seu rostinho e a pequena me olha.

— Ela me ama — decreto.

— É bom mesmo que ame, já que passará muitas noites com você — diz Celina.

— Bruxa.

Ficamos alguns minutos conversando, não deixo que mais ninguém toque a pequena nos meus braços, travo uma briga com Cleber por isso, mas ela dorme aconchegada a mim. Não quero entregá-la nem mesmo a Celina quando a pequena precisa mamar.

— Acho que quero uma coisinha dessa! — digo derrotado a entregando a Celina.

— Espere um pouco, por favor. Primeiro me ajudem a criar a minha, depois tenham quantos vocês quiserem — ela pede.

— Gil, você quer uma carona para casa? — tento.

— Vou ficar aqui, obrigada.

— Vá para casa, Gil. Está cansada. Volte amanhã durante o dia, Cleber e Sue irão embora, e você precisa me ajudar a ir para casa com a bebê — diz Celina.

Gil concorda e anda em direção a porta, mas Suzana a chama.

— Gil, será que podemos falar com você? A sós.

Cleber e eu saímos do quarto e Suzana vem fechar a porta, ela sorri para mim e dá uma piscadela.

— Ela vai tentar te ajudar, não vai? — pergunta Cleber.

— Espero muito que sim.

O primeiro natal em família, do qual participei após os meus seis anos, foi quando eu tinha doze anos. Veja bem, antes que me julgue, não é fácil passar o natal com toda a minha família reunida. Mas, aos doze anos, uma coisa aconteceu. Eu, uma pirralha, pequena e magra, e nada desenvolvida, recebi um buquê de flores. Rosas vermelhas. Com um cartão em um papel rosa, e uma mensagem gravada: flores para uma flor. Contudo, havia rabiscado bem pequeno na parte detrás do cartão: *nos vemos no natal*.

Por conta disso, fiz questão de participar deste natal, que fique claro que foi o último desde então. Sentei-me na varanda, com o buquê nas mãos, esperando que ele aparecesse, pois, eu precisava realmente mandá-lo enfiar aquelas flores no rabo. Pelo amor de Deus! Se você vai mandar flores para uma garota, ao menos pesquise antes do que ela gosta. Rosas? Não gosto de rosas, gosto de tulipas, há tulipas no papel de parede do meu quarto, não pode ser tão difícil saber. Quando você entra em uma floricultura, a primeira coisa que te oferecem são rosas. E todo mundo compra rosas, é um presente que você não tem que escolher, pega o primeiro ramalhete oferecido, com o primeiro cartão de frase brega e manda para a idiota da garotinha de doze anos. Ela nem deve ter beijado na boca, vai te amar por conta dessas rosas. Passei toda a noite com aquele buquê horroroso nas mãos e o autor desta palhaçada, não se manifestou.

E então, no meu aniversário do ano seguinte, nasci em novembro, eis que recebo, outro buquê de rosas, rosas claras, tão delicadas. Só que eu não sou delicada. E no cartão? A mesma frase brega programada para todos os caras que traem suas esposas e mandam rosas para elas, enquanto as amantes recebem as mais belas e variadas flores. Não participei da reunião familiar, porém, fiz questão de jogar as belas rosas na lixeira da frente. Recado dado. E se isso fosse alguma armação do Miguel, eu o furaria com cada espinho daquelas rosas.

Porém, quando acordei na manhã seguinte, havia um recado na minha porta, colado com meu post-it rosa. O que mais me assustou não foi o fato de algum desconhecido ter entrado em meu quarto durante a noite, mexido nos meus post-its e escrito aquilo com minha caneta de brilho. O que me assustou foi que o idiota escreveu no bilhete:

Tulipas, entendido.

Tive que admitir que não era nenhum de meus irmãos, nunca seriam tão espertos. Não foi por isso que me recusei a usar as roupas de criança que a mamãe comprava e nem que comecei a pentear com mais frequência o cabelo, nada a ver. Mas o fato é que no aniversário de catorze anos, recebi uma caixa de chocolates. Não gosto de doces, mas isso não vem ao caso. Comecei a entender que meu admirador, era retardado. E deixei um bilhete para ele, escrito com uma caneta de brilho em um post-it amarelo, nada de rosa, pelo amor:

Uma vez por ano? Sério isso?

Quando acordei na manhã seguinte, ele havia respondido atrás do bilhete:

Você precisa crescer, cabritinha.

Só não pulei mais, porque meus ossos sedentários sentiram os primeiros pulos e tive que me contentar em dançar pelo quarto em comemoração. Só havia um ser sem noção o suficiente para achar que cabritinha era um elogio, e esse ser era meu primo Nuno. Para que você entenda a dimensão da minha sorte, eu tinha catorze anos, uma pirralha. E ele estava prestes a fazer dezoito. Além de ser mais velho, ele ainda era extremamente gato, o mais famoso da cidade, o maior rival do

Miguel, meu irmão, e mais disputado pelas meninas. Ele era tipo o sonho de consumo de toda garota de Baependi, e estava há três anos me mandando presentes errados. Tudo bem.

Fiz de tudo para marcar um encontro com ele, mas cada vez que conseguíamos ficar a sós, ele só falava das cabritas que haviam parido, dos bezerros que aprenderam a pular, dos passarinhos que cantavam Asa branca. Então, não tive saída, quis me livrar dele. Homens lindos e sem papo, não funcionam comigo.

No meu aniversário de quinze anos, o que ganhei de presente? Uma cabrita. É sério, não ria. Ele me deu mesmo. E ela se chamava Mandy, para piorar tudo. Não deu para ficar com o bichinho lá em casa, claro, ficou na fazenda da família, mas naquela noite, deixei um bilhete para ele no meu post-it preto, para que ele entendesse que era o fim:

Sinto muito, mas não vai rolar.

Você é chato demais.

Ass: Amanda, e não Cabritinha.

A partir daí, fiquei um ano inteiro sem vê-lo. Até que, no meu aniversário do ano passado, recebi um buquê de flores. Dessa vez não foi anônimo. Dei uma festa para poucos amigos, com um karaokê ao ar livre, estávamos bagunçando e nos divertindo e o filho de uma mãe apareceu de repente. Com aquelas roupas que os peões usam, blusas abertas e coladas, e calças coladas demais, e ele estava bem mais musculoso do que eu era capaz de me lembrar. E quando você tem dezesseis anos, um cara gostoso pode ser idiota à vontade. Então ele me apareceu com um buquê de rosas brancas.

— Você só pode estar de brincadeira — reclamei.

Ele apenas abriu um sorriso enorme. Enquanto todas as minhas amigas babavam nele e abriam os botões das blusas para que ele as visse, eu permaneci ali, como se ele não estivesse ali, quase dois metros de puro músculo. Não escutei quando ele relatou os nascimentos de seus bezerros. E nem quando falou das namoradas. Ele era um idiota, certo? Certo. Mas era bem gostoso. E todos os homens eram idiotas, e nem todos eram tão gostosos. Acabei a noite escondida em cima de uma árvore, bem em frente a varanda para vigiá-lo, e no minuto em que o perdi de vista, ele apareceu atrás de mim na árvore, sentando-se ao meu lado.

— Oi, cabritinha.

— Amanda. Me chamo Amanda, Nuno, não cabritinha.

— Você cresceu.

Jesus, Maria, José. Só faltava eu crescer.

— Como vai a Mandy? — perguntei tentando disfarçar meu nervosismo.

— Cresceu também. Mas não está tão bonita.

— Que bom.

Olhamos um para o outro, e caímos na risada.

— Isso foi péssimo, desculpe — ele disse envergonhado. — Fico meio nervoso perto de você. — Então me olhou com olhos arregalados, meio em pânico. — Também não deveria ter dito isso.

— Cala a boca e me beija.

E assim demos nosso primeiro beijo.

Agora, aqui estou eu, sentada nessa mesma árvore, vendo meu irmão levar a única pessoa legal que já passou por essa família, embora. Nem consegui dar adeus a Gilcelle.

— Você acha que ela vai voltar? — ele me pergunta.

— Se for um pouco esperta, o que acho que é, não. O que viria fazer aqui?

— Sua mãe vai mesmo se mudar para a capital?

Eu o encaro e não preciso responder. Vamos nos mudar. Mamãe acha que isso será uma surpresa para o Matheus, eu acho que será um tormento para o pobrezinho, e ele já tem a Gil, não precisa de mais provações.

— Fuja comigo — ele diz de repente.

Sorrio e não respondo, ele segura minha mão e vira meu rosto para o dele.

— Fuja comigo, Mandy. Deixe-me levá-la daqui, na minha moto.

— Para onde iríamos? Não tenho dinheiro.

— Eu posso conseguir. Posso vender um boi.

Reviro os olhos e ele sorri.

— Cabritinha, um boi custa muito dinheiro, o suficiente para rodarmos por este país na minha moto, só você e eu.

— Você me devolverá intacta a minha mãe ao final da viagem? — brinco.

— De jeito nenhum. Estou falando sério, Amanda, fuja comigo. Não vá para a capital sem mim.

— Se fugirmos, você sairá da sua amada terra de qualquer jeito. Como acha que vai sobreviver sem seus bezerros?

— Com a minha cabritinha. Não precisarei de mais nada. Venha comigo, não estou brincando.

Desço da árvore quando percebo Marcus nos olhando. Ele meio que travou uma guerra comigo pelo coração de Nuno.

— Eu me livraria da rivalidade com meu irmão — brinco.

— Não tem graça. Você vem?

— Me convença, caipira.

— Desafio aceito, cabritinha.

Ele se afasta quando mamãe se aproxima e desaparece em sua moto. E à noite, recebo um bilhete:

Vá para a capital com sua família, para que ninguém desconfie de nós. Eu a buscarei lá.

Não posso fugir com ele. Ele é fazendeiro, só pensa em bezerros, é meio bruto e todo safado.

Ah meu Deus! Vou fugir com meu primo!

— Posso saber por que o Sebastian avisou ao Matheus sobre o nascimento dela antes de você me avisar, sua amiga da onça? — reclamo.

— Porque eu estava rasgada, sangrando e aprendendo a dar de mama para minha filha, acho que o Sebastian teve mais tempo — Celina responde com seu jeito delicado de sempre.

Dou de ombros e cruzo os braços.

— O que as duas amiguinhas traíras querem?

— Quero saber onde está a Gilcelle, minha amiga. Porque essa coisa pálida e sem vida, não é ela — diz Celina entregando Nath à Suzana.

Jogo-me na beira da cama e mantenho os braços cruzados.

— Não consigo me sentir eu mesma. O Matheus fez uma coisa terrível. Um monte de coisas, na verdade, e agora estou aqui pesando até onde vou aguentar tudo isso.

— Bem-vinda ao clube, Gil — diz Suzana. — Se eu fosse olhar quantas merdas o Cleber já fez, não estaria com ele agora. E não estaria feliz como estou agora. Há vantagens e desvantagens em amar um estúpido. Mas há mais vantagens, você vai ver.

— O que ele fez, Gil?

Então conto a elas, a coisa com Alzira, as fotos que recebi por três anos, e a grande farsa que foi nossa farsa. Sinto que Celina quer rir, e quero matá-la, então já vou logo apontando o dedo.

— Não ria, sua vaca! Não me faça atacar uma mulher recém-parida.

— Gil, você tem noção de como isso é engraçado? Quer dizer, você foi para fingir ser noiva dele, e na verdade, é mesmo a noiva dele e ele fingiu que não era. É muita loucura para uma história só — ela diz rindo.

— Não tem graça nenhuma. Parece que ele não consegue dizer as coisa de frente, sabe. Sempre está mentindo e criando jogos e propostas e não sei mais como agir. Para piorar, ele deixou uma carta e ainda não consegui lê-la.

— Que carta? — as duas perguntam juntas.

— Há malditos dez anos quando ele me desvirginou e foi embora, deixou uma carta. Claro que não foi homem para me entregá-la. Mas agora, anos depois, esta carta chegou em minhas mãos. Já tentei lê-la, mas não sei se quero saber o que o Matheus de dezoito anos tinha para dizer que explicasse ele ter sumido depois daquela noite.

As duas se encaram e então me olham.

— Sebastian nunca me escreveu uma carta — reclama Celina.

— Você está com essa carta aí? — pergunta Suzana levantando-se para fazer Nath dormir.

— Suzana, não faça isso. Se a fizer dormir na base do balanço, terei que andar com ela todas as noites pela casa. Deixe-a na cama e ela dorme quando se cansar de resmungar — ralha Celina.

Suzana encara a pequena em seus braços e nega com a cabeça.

— Ah não! Você a educa depois, tias servem para estragar. Se ela quer que a tia Suzana a balance, a tia Suzana vai balançá-la.

— Sinto muito, Celina, mas ela está certa. Se a Nath resmungar para mim, imediatamente dançarei com ela.

— Vocês são duas vacas, apenas lembrem-se que um dia terão filhos e farei questão de estragá-los — ela ameaça. — Gilcelle, a carta está ou não está aí?

Levanto-me e a tiro do bolso. Eu queria lê-la, esperava que ela me fizesse simplesmente apagar o que Matheus fez e então ficaríamos bem. Mas, bem quando fui lê-la, Amanda bateu na porta, e me disse que Matheus estava pelo mato afora procurando Ginger, perguntando se ela deveria devolver o coelho. Pedi que deixasse que ele procurasse a noite toda, se fosse preciso. Mas não achei que ele fosse mesmo fazer isso. Quando o dia estava nascendo ele bateu na minha porta, não quis abri-la, estava com a carta na mão, pensando se deveria lê-la, ou se deveria esperar me acalmar um pouco para então lê-la. Quando a abri, ele estava no corredor, cochilando ao lado da minha porta, Ginger dormia em seu colo. Estava todo sujo e com alguns cortes no rosto. Primeiro, tive uma espécie de crise de amor por ele, queria acordá-lo e levá-lo para dentro e cuidar dele. Mas, não consigo diferenciar quando ele está realmente fazendo algo fofo por mim, ou quando está jogando de alguma maneira, para que eu caia na dele, então o deixei ali. E não consegui ler a carta.

Estendo o papel velho para Celina. Suzana me entrega Nath e joga-se na cama ao lado dela, as duas leem juntas.

— Seu tio é um idiota, pequena. Não deveria ter sorrido para ele. Aliás, você nem deveria olhá-lo. Mas não se preocupe, a dindinha vai ensiná-la a se proteger de homens como ele.

Celina ergue os olhos da carta por alguns minutos e me diz:

— Nem pense em transformar minha filha numa criatura agressiva e solitária que afasta o homem que ama por excesso de mágoa.

— Isso foi cruel, sabia? — reclamo.

Ela dá de ombros e suspira.

— Vou voltar para esta carta.

Não leram nem metade da primeira página e já estão contra mim. O que será que tem nesta maldita carta? Em algum momento, as duas começam a chorar. Silenciosamente, lágrimas escorrem por seus rostos. Não sei se devo me preocupar. Seguro a mãozinha de Nath, que dorme tranquila e digo:

— Sua mãe e sua tia são duas bundonas. Estão se virando contra mim por conta de palavras idiotas de uma adolescente imbecil.

— Cale a boca, Gilcelle! Não estrague este momento — ralha Suzana me deixando ainda mais irritada.

— Chega vocês duas, devolvam minha carta. — Aproximo-me e a tiro das mãos de Celina.

As duas e olham e Suzana diz:

— Será que o Cleber me ama assim? Embora tenha sido meio gay, foi a coisa mais linda que já li.

— Tenho quase certeza de que esse tipo de amor, o Sebastian não é capaz de sentir — Celina responde.

Entrego Nath para Suzana e coloco a carta no bolso.

— Estou indo, passar bem suas traíras.

— Gil, espera — grita Suzana. — Pessoas passam a vida procurando em livros e filmes o tipo de amor que você tem agora. Nada é perfeito, não procure isso. Mas, um sentimento tão forte como esse, você não vai achar de novo. Leia essa carta, Gil. Abra sua mente e pense. Você só tem uma vida para viver isso, e já perdeu tempo demais. Não importa de quem foi a culpa, você pode consertar as coisas.

Não tenho que consertar nada! O errado foi ele! Por que estão contra mim? Encaro Celina e ela está assentindo freneticamente.

— Suzana, odeio você e sua inteligência. Celina, odeio você e sua queda por estúpidos, é sério,

você me trocou por eles. E tchau para as duas, preciso dormir.

Quando saio do quarto, Matheus levanta-se imediatamente e vem em minha direção.

— Quer ir para casa?

— Para minha casa. — Despeço-me de Cleber e vou andando na frente.

Confirmo que Ginger está bem, Matheus lembrou-se de deixar o vidro da janela aberto. Coloco o cinto e abaixo a cabeça. De repente, quero chegar logo em casa e ler essa carta. Mais por curiosidade do que por vontade de perdôá-lo. É sério, não revire os olhos para mim, não quero perdôá-lo mesmo. Nem sentirei falta se não o vir nunca mais.

Ele não tenta falar nada durante a viagem, mas não é preciso. As palavras de Suzana ficam martelando em minha mente. Como o babaca do Cleber pode aguentar alguém tão inteligente como ela? Eu não aguento. E não sou babaca como ele. Bom, espero que não seja.

Quando o carro para em frente ao meu prédio, vou logo descendo. Matheus desce atrás e tira minhas malas do carro, eu pego apenas Ginger.

— Pode deixar aí, eu mesma subo com elas.

— Não vai conseguir, e tem a Ginger — ele responde e há algo em sua voz que me assusta. Não está supondo que não vou conseguir subir as malas, está decretando. Algo em sua postura está diferente. Não estou gostando nada disso.

Ele pega a mala e vem atrás de mim. Subimos em silêncio, quero dispensá-lo da porta, mas quando tento, ele a empurra e entra, mesmo sem ser convidado. Meu apartamento de repente parece pequeno demais, está abafado e frio, e ele parece grande demais, ameaçador demais, completamente diferente do Matheus cansado e quieto de dentro do carro.

— Não passe a noite sozinha aqui. Venha comigo. Você pode dormir no meu quarto, eu fico em outro qualquer. Mas venha.

— Não, obrigada. O dia já está quase nascendo mesmo. É melhor você ir.

— Aqui está frio e duvido que tenha algo para você se alimentar, por favor, eu não falo com você se não quiser, sequer a olho, mas venha comigo.

— Eu já disse que não. Vá embora, Matheus!

Ele assente e deixa a mala no chão da sala. Coloco Ginger no chão para fechar a porta, e assim que me livro do coelho, ele me puxa pelo braço e me beija. Me beija com tanta força, que não tenho a opção de não corresponder, ele me toma completamente. Seus braços me apertam ao seu corpo, ele sobe uma mão por minhas costas e a prende em minha nuca, aprofundando ainda mais o beijo. Estou ficando sem ar, mas não quero me afastar.

De repente, ele se afasta. Nossa respiração está acelerada, precisamos recuperar o fôlego.

— Você quer ficar aqui? Tudo bem. Já entendi como você funciona. Nada de te dar uma opção ou você vai responder sempre que não.

— Não sei do que está falando — me esquivo.

Ele entra na minha cozinha e abre minha geladeira e os armários.

— Como eu disse, não tem nada para você comer.

— Isso não é da sua conta. Não estou doente, posso ir até a esquina de manhã e comprar algo.

— Claro, mas nós dois sabemos que não fará isso. Você vai beber até ficar bem tonta, fazer alguma besteira e depois, ficará trancada aqui com um capacete na cabeça. Na merda completa, remoendo sua vida triste.

O que? Como ele se atreve a me tratar assim? Vou com os punhos em sua direção, mas ele os

segura.

— Você quer me bater? Por eu dizer a verdade? Vamos, me bata. — Ele me solta e espera ser atingido. É como se ele quisesse que eu fizesse isso, e não vou cair na dele.

— Caia fora da minha casa.

Ele sorri. Me paga pela mão e me arrasta até o banheiro.

— Tome um banho.

— Não quero tomar banho.

— Vai tomar sim! — Ele me empurra para debaixo do chuveiro e o liga, encharcando minha roupa.

— Você não tem escolha, Gil. Eu disse que era para sempre, não importa quantas merdas eu faça, ou quão cabeça dura você seja, vai ficar comigo, e vai ficar bem, porque não vou sossegar enquanto não vê-la feliz e realizada ao meu lado.

— Adoro seus sonhos de contos de fadas e que bom que tem essa capacidade de sonhar, mas na real, você está longe de ser um príncipe, saia da minha casa, leve seu lado Dom para as putas das suas vizinhas e suma daqui.

— Sim, farei isso. E eu mesmo mandarei as fotos para você depois.

Ele fecha a porta do banheiro quando sai e quero matá-lo. Se horas antes eu não conseguia me sentir eu mesma, não conseguia reagir de nenhuma maneira a tudo, agora consigo. Quero matá-lo, quero muito afogá-lo no vaso, para que ele morra de nojo, antes de morrer afogado. Desligo o chuveiro e troco de roupa. Abro a mala na sala mesmo, puxo de lá um blusão qualquer e o visto. E só então percebo, a mala de algemas não está ali.

— Maldito!

Ele entra de novo em minha sala, como se tivesse o direito de fazer isso e deixa um pacote com alguma coisa na bancada da cozinha.

— Comida. Coma agora, de preferência, não quis comer nada a viagem toda. Nunca a vi tanto tempo sem comer. E durma.

— Vai me mandar cagar também? Já que controla meus olhos e meu estômago, por que não tenta controlar meu cu?

Ele sorri.

— Vou controlar, sua atrevida, vou controlar cada buraco do seu corpo.

— Fique longe dos meus buracos.

— Quer dormir comigo? Última chance.

— Vai à merda.

— Boa noite, meu amor.

Viro-me para não vê-lo sair e ele me acerta um tapa na bunda e me puxa, mordiscando meu pescoço.

— Eu te amo. Tenha uma boa noite — Então afasta-se de repente e sai porta afora.

“Você não pediu sua mala de algemas, sua anta. Não pode ver um homem gritando que já esquece do mundo.” Ah cale a boca, queria ver se fosse com você essa dominação toda.

Corro até o banheiro e tateio o bolso da calça. Matheus me enfiou embaixo do chuveiro, mas por sorte, a carta estava no bolso detrás, e saí debaixo da água antes que ele molhasse. Minha carta está inteirinha, sã e salva.

— Agora sim, o que você tem a me dizer, Matheus.

Jogo-me na cama fria e abro a carta.

Pută que pariu!

CARTA DE MATT PARA GIL - 2004

Minha Pequena Sereia.

Você deve estar me odiando agora, eu me odeio agora. Pensei em escrever algo que explicasse por que você acordou sozinha, mas não há explicação. O que eu poderia dizer que justificasse tamanha estupidez?

Talvez você possa entender coisas que eu mesmo não entendo. Vejo agora, enquanto termino de fechar essa mala, que deveria tê-la tido muito antes. Deveria tê-la mostrado o que sinto, muito antes. Eu vi você, desde o primeiro dia, desde aquele suco na minha roupa, como a coisa mais bela que já existiu. E você foi crescendo e se tornando ainda mais bela, mais viva, mais autêntica, tão diferente dessas meninas bobas que correm atrás do Cleber. Tão diferente dessas meninas nerds que acham que devo pegá-las porque sempre tenho um livro debaixo do braço. Você é tão diferente de tudo o mais que já vi neste mundo, e de tudo que já vi nele de errado, você é a única coisa certa. A melhor coisa. Eu amei você, quando sentou-se ao meu lado na sétima série, eu deixava que você colasse as minhas provas, eu seria capaz de fazer as suas por você, seria capaz de qualquer coisa por você, ainda sou.

Estou me perdendo, desculpa. Eu não vou te dar isso. Não entregarei essa carta, eu sei, tenho esse defeito. Sou um covarde. Não amo quase nada de verdade, e o que mais amo me assusta, você me apavora. Vou deixar essa carta aqui, na esperança de que tome coragem e a entregue a você um dia, e quem sabe nesse dia você não me odeie tanto. Porque você está livre agora, pode viver seus amores, ter suas histórias, enquanto eu estou tentando ser alguém para você. Mas eu voltarei para buscá-la, onde quer que esteja, te levarei comigo, sem essa covardia que agora me domina, e a farei feliz, mostrarei a você todo esse amor que guardo há tanto tempo, eu sei que me amará de volta. Sei que já me ama, e se soubesse disso há uma semana, não teria saído de dentro de você desde então. Bati na sua porta, esperando que a batesse na minha cara, só para eu ir em paz e não ter essa sensação de que não fiz nada em relação a você. Mas você a abriu e se abriu para mim, e nunca na vida vou esquecer cada segundo desta noite e nunca vou esquecer você. Você é minha. Vai me achar um maluco perseguidor, mas temos que ficar juntos. Nos pertencemos, simplesmente nos pertencemos.

Sereia, quero que seja assim, essa garota forte e viva, com esse sorriso delicioso e encantador, com esse humor ácido e seu jeito carinhoso, que continue a mulher que ninguém mais vai ter. Quando eu voltar, e a tomar de quem quer que pense ser seu dono, quero encontrar de volta a minha menina, a encrenqueira que me fez tropeçar tantas vezes nos corredores da escola, a difícil que deixou apenas que eu, vestido de zorro, me aproximasse. Agora entendo que você sabia que era eu, você sempre soube. Sempre foi minha. Se eu não tivesse sido um babaca covarde, poderia ter dito a você aos treze anos que a amava, e teríamos sido aquele tipo de casal cafona que se ama desde sempre e namora desde sempre e se casa logo após o colegial e tem uma penca de filhos, e se fôssemos assim, eu estaria mais feliz agora do que me sinto arrumando as malas sem você ao meu lado.

Então, por toda as vezes em que fui covarde, pela noite passada em que fui mais covarde ainda, quero dizer que te amo. E dizer que sim, impedi cada cara que tentou se aproximar de você, desde que seus seios cresceram. Sim, cuidei para que nada te faltasse quando seu pais se foram, consegui a escola da Antônia, eu a vigiei em cada dia, e cuidei de você como pude. Eu estava ali até mesmo nas noites em que você se escondia atrás do Pinheiro da praça e ficava ali perdida no seu mundo, ele não era só seu, eu sempre estive ali, do outro lado da rua, esperando que uma lágrima escorresse por seus

olhos para então me aproximar, mas você sempre foi tão forte! Nunca a vi chorar.

E merda, estou fazendo errado de novo, você vai achar que estou jogando isso na sua cara, não estou. A única coisa boa que já fiz foi cuidar de você. Posso estar do outro lado do estado, e ainda cuidarei de você. Pode me achar o estranho perseguidor, mas você é meu ar, a razão por eu estar tentando não ser mais um fazendeiro nessa família, eu vou ser alguém a quem você irá admirar, e vou ser alguém que te dará tudo, e vou ser principalmente, alguém que vai te fazer feliz o tempo todo, como essas famílias cafonas de interior. São nossas raízes, Sereia.

Vou escrever aqui meu telefone, ninguém tem esse número, ele é apenas seu. Me ligue quando quiser, a qualquer momento, seja para me ofender, para me contar sobre seu novo namorado, ou cada coisa que aprender a fazer com suas algemas, ligue. Seja livre, se cuide, fique inteira para mim. Se alguma coisa te machucar, me ligue, juntarei seus pedaços, a farei inteira de novo, a farei inteira sempre, porque é para isso que tenho vivido.

Estou sendo dramático e meio gay, eu sei, o que não sei é como te dizer isso. Posso resumir toda essa baboseira desesperada em cinco pequenas frases.

Isso não é um adeus.

Sou um idiota.

Te amo demais.

E vou te buscar um dia.

E a quinta frase, que espero que seja a que mais vai ficar na sua memória.

Você é o meu mundo, então lembre-se que é o mundo de alguém e nunca se sinta menos do que tudo.

Eu te amo, perdoe as minhas merdas, a minha covardia, as minhas omissões, e um dia, quando eu a encontrar e a resgatar desses amores rasos, me ame de volta.

Matheus Reis Amorim

Não acredito que vou fazer isso. Pego meu celular, não é possível que ele ainda tenha esse número. Tenho acesso a todos os números dele, o que está na carta não é um deles. Sei que é um número que não existe mais, mas, para não ficar com essa pulga atrás da orelha, disco. Estou tremendo, não quero ser fraca, não quero ouvir meu coração no ouvido, quero que uma gravação me diga que esse número não recebe chamadas ou não existe. Mas o que ouço do outro lado da linha, é o bip de chamada.

Deve pertencer a outro alguém agora. Talvez um dos irmãos Buscapé. Espero ansiosa que atenda, talvez esteja em um aparelho largado, esquecido no cu do tempo, mas ele atende. A voz dele, me diz oi. Fico completamente muda, não sei o que falar, ouço o barulho da rua, ele está dirigindo.

— Ligo quando estiver em casa — digo baixinho.

— Parei o carro, pode falar. O que quer contar? Como conseguiu esse número? Desde quando sabe sobre ele? Você leu?

— Em que aparelho está esse chip?

— No meu principal. Gil, você está bem? Quer que eu vá até aí?

Não sei o que quero.

— Não, não venha. Eu quero te contar, você me disse para te contar qualquer coisa que acontecesse. Você disse que juntaria meus pedaços. — Tento disfarçar as lágrimas que teimam em correr, ele não precisa saber disso.

Ouçó seu suspiro pesado do outro lado da linha, antes de ele me pedir:

— Fale, Sereia, o que a machucou? O que precisa que eu faça?

— Eu me apaixonei — sussurro. — Eu tinha treze anos, e entrou um garoto na escola, e ele era muito fresco e os meninos riam dele, mas ele era bonito, como um anjo. E eu queria me aproximar. E isso não passou. Eu recusava todos os outros garotos para que ele entendesse que estava esperando por ele, e mesmo que não o visse com nenhuma outra garota, eu não sabia se era porque era mesmo gay, ou se estava esperando alguma coisa.

Ele sorri.

— Meio devagar o seu amado.

— Totalmente parado. Mas isso não foi o pior e não quero ficar remoendo tudo. Você disse que me ajudaria, então como eu faço? Como faço para esquecê-lo?

Ele demora uma eternidade a responder.

— Por que você quer esquecê-lo?

— Porque ele sempre será devagar demais, covarde demais, e nunca será meu. Eu fui dele. Desde o primeiro instante. Fui somente dele, mas ele teve tantas...

— Ele não deixou que nenhuma delas sequer o tocasse. Nenhuma, nunca. Você não sabe como ele sentia falta do seu toque, como ele o sentia, mesmo anos depois.

— Ele sabia onde eu estava. O tempo todo. Ele é tipo um detetive de Gilcelle. Sabia cada passo que eu dava, e mesmo assim, mesmo quando precisei, ele não me procurou.

— Está enganada. Ele estava ali, esteve por trás de tudo, tudo que envolveu você. Ele não ficou sequer uma semana sem notícias suas. Eu... — Ele respira fundo — Espere um pouco. — Então desliga o telefone.

Espero. Imagino o que ele vai fazer, e nem vinte minutos depois, ele entra no meu quarto. Parece péssimo. Não sei qual de nós dois está pior. Tira o sapato, a calça e senta-se na cama, de frente para

mim.

— Não posso ajudá-la a esquecê-lo, meu bem. Não posso nem permitir que o esqueça. Tenho outro defeito além da covardia, sou egoísta — ele diz.

— Você tem um monte de defeitos.

— Tenho mesmo. Mas amo você acima de qualquer um deles. Venha aqui. — Pulo em seus braços e ele me aconchega em seu colo. Beija minha testa, meu pescoço, minha orelha. — Não chore, deixe-me amá-la, deixe-me te fazer esquecer tudo. Vou cuidar de você, tudo bem?

— Está me pedindo?

— Sim, sem ordens esta noite. Estou pedindo que seja minha. Vou ser mais claro. — Ele me coloca deitada na cama e paira sobre mim, quase tocando seu corpo ao meu. — Quero comer você agora. — Sorrio. — E depois, vou te fazer uma proposta.

— Ah não, Matheus.

— Ela inclui muito dinheiro na sua conta, e um coração nas suas mãos.

— Que coisa gay.

— Mas você amou — ele diz beijando o canto da minha boca.

— Parece que amo coisas gays — digo e ele me morde, fazendo-me dar um grito.

— Eu queria muito mesmo, amar você, não me force a castigá-la.

— Não consigo simplesmente esquecer tudo isso e dizer sim — confesso.

— Eu sei, vou fazê-la esquecer. Somente esta noite, amanhã você volta a me odiar, tudo bem?

Concordo e em segundos sua boca está na minha, de um jeito tão doce, e tão profundo. Suas mãos passeiam por meu corpo acariciando cada centímetro de pele que toca, ele tira meu blusão tão devagar, os primeiros raios de sol surgem pela janela, não consigo ouvir os carros lá fora, apenas as coisas que ele sussurra em meu ouvido, e o barulho de seu corpo se chocando contra o meu, cada vez que me penetra. Em nenhum momento ele me solta, nossos corpos estão totalmente conectados, nenhuma parte minha sente frio, ele me cobre por inteiro. Posso sentir seu amor ali, posso sentir as palavras escritas naquela carta em cada movimento dele.

Merda, eu o amo. Amo demais. Não sei mais o que fazer.

Adormeço em seus braços, sequer nos damos ao trabalho de nos cobrir antes de cairmos no sono. Por isso, quando sinto um lençol sobre mim antes mesmo de abrir os olhos, sei que estou sozinha na cama.

— Ah Matheus, você não aprende.

Abro os olhos apenas para confirmar que estou sozinha, e há um bilhete dele ali. Em cima do travesseiro em que sua cabeça idiota deveria estar.

Você me disse que ainda não conseguia esquecer, eu disse que a faria esquecer por uma noite. Agora você sabe que posso. Se quiser esquecer mais coisas desse passado errado comigo, você tem meu número. Espero muito, muito mesmo, que ligue. Estou à sua disposição, sempre.

Pego o celular para disar. Ok, vamos ser sinceras aqui, vocês têm acompanhado toda essa bagunça que amar alguém causa a uma vida comum como a minha. Enfim, a questão é que Matheus Amorim é um tremendo estúpido. Ele é covarde ao ponto de não ser confiável, nós sabemos disso. A questão maior é que eu o amo. E ele me ama, da maneira estúpida dele, mas ama. E fico pensando no que a Suzana disse, talvez eu nunca mais vá encontrar um amor como esse.

“Você não quer encontrar um amor como esse, vá logo atrás dele.”

Deixo o celular em um canto, jogo um sobretudo por cima do blusão, escovo rapidamente os dentes, enfio os pés em um par de chinelos mesmo e corro escada abaixo porque a merda do elevador está em manutenção. Chego ao hall quase morrendo e tomo um fôlego enorme antes de ir atrás de um táxi. Assim que viro a esquina, não acredito no que vejo.

— Mas que merda é essa?

O mendigo me olha com uma careta e dá de ombros. E não consigo falar, nem me mover.

Era uma vez um homem idiota que pegou minha mala de lingerie e a jogou pela janela, mandando toda as minhas adoradas calcinhas vento abaixo. Era uma vez um morador de rua mais idiota ainda, que juntou todas as minhas calcinhas e fez um varal com elas. E se isso já não fosse ruim o suficiente, havia calcinhas personalizadas naquela mala. Logo, bem ao lado da minha querida calcinha de moranguinho, está uma vermelha sangue com meu nome escrito em glitter.

— Quem usa calcinhas para fazer um varal? — pergunto.

— Como queria que eu as usasse? Não cabem em mim. Tentei vendê-las, mas estão muito puídas.

— Puídas estão suas nádegas, seu imbecil.

— Estas calcinhas são suas? As achei na rua, não devolvo não.

Ok, esse dia vai ser ótimo, já estou vendo. Acho que devo voltar para cima e dormir o resto da semana, mas não serei covarde como o senhor meu noivo, então, vamos negociar.

— Tudo bem, quanto quer por essas duas calcinhas? — digo apontando para a calcinha que minha avó me deu, não que eu vá usá-la, quero apenas guardar de lembrança, e para a calcinha com meu nome em glitter.

— Dez real, dona.

— Por essas calcinhas puídas? Tudo bem, dê-me elas, assim que voltar te pago.

— Ah não, não senhora. A senhora está usando uma roupa estranha por cima de um blusão, e está de chinelo e seu cabelo é estranho. Pega as calcinhas quando me der o dinheiro.

— Há quantos dias estas calcinhas estão penduradas aí?

— Uns três dias.

— Bom, então todo o prédio já viu meu nome bem estampado.

— Ah sim, alguns até tiraram fotos. O porteiro mesmo, foi um deles.

— Merda de porteiro, deveria ter deixado a Celina matá-lo. Não tenho trocado. Tire estas calcinhas do seu... varal... e te pago o dobro na volta.

— Fechado.

Ele tira feliz minhas calcinhas amadas do varal estranho de calcinhas e as guarda no bolso.

— Eu mereço.

Praticamente pulo na frente de um táxi, quando o vejo, e entro antes que o motorista me impeça. Dou o endereço da casa de Matheus, vamos resolver logo isso.

Capítulo 13

Matheus

Minha casa é grande demais. E silenciosa demais. Não que esteja com saudade de toda a bagunça que é morar com os Amorim, mas não me oporia a ter mais alguém aqui. Alguém bem barulhenta, ruiva, cuja presença fosse impossível ignorar.

Sorrio.

O telefone tocou. Por tantos anos, mantive esse chip no celular, eu o tirava, e tornava a colocar, porque pensava em enviar uma mensagem, em ligar como um desconhecido para ouvir sua voz. Pensava em tudo, menos que ela leria aquela carta. E ela a leu. E por mais gay e exagerada que essa carta tenha sido, ela a amoleceu, porque a maneira como ela me olhou quando entrei em seu quarto, foi a maneira como sempre quis que ela me olhasse.

Ando pela casa inquieto, sei que deveria dormir um pouco, mas não consigo. Tenho vontade de voltar lá, em seu apartamento e obrigá-la a ficar na cama comigo o dia todo. Temos tantos dias perdidos para recuperar! Tenho tanto amor, tanto desejo para dar a ela!

O barulho do meu celular me faz correr como um menino pela sala até o quarto, o pego meio desesperado, mas não é ela. É um número desconhecido, no meu chip principal.

— Alô.

— Matheus? Tenho um problema, poderia me ajudar? É a Thaís.

Thaís, Thaís. Ah sim, Thaís.

— Onde você está?

— Podemos nos encontrar no seu apartamento?

Sei que está pensando que não é uma boa ideia, mas, até pouco tempo atrás, ela era uma das mulheres com quem me divertia, e tínhamos um acordo, que ainda não rompi com elas, de que eu as ajudo, sempre.

— Claro, precisamos mesmo conversar.

Pego da minha mala tudo o que não deve ficar nesta casa e aproveito para deixar no apartamento. Se tudo der certo, como espero que dê, esse apartamento só será utilizado pela minha mulher. Deixarei que ela o redecore e será como uma válvula de escape, um lugar dela, para quando precisar se afastar, porque sei que haverá dias em que ela precisará. Gilcelle é muito acostumada a ser sozinha, e não posso de repente obrigá-la a ficar o tempo todo comigo.

Subo com a mala que contém: a maleta de algemas da Gilcelle, o chicote, e alguns apetrechos de dominador que comprei. Acabou que não precisamos usar ainda. Ainda. Thaís deve chegar a qualquer momento e aproveitarei para avisar que nossas brincadeiras chegaram ao fim, pois estou noivo da mulher da minha vida.

Pode dizer que isso foi gay, estou feliz demais pra me importar com suas gozações.

Resolvo guardar a mala para esperá-la na sala, nada de entrarmos neste quarto de novo. Mas, assim que entro, dou de cara com ela, nua, a cabeça baixa, os braços para trás, ao lado da minha cama. E do outro lado da cama está Mika, outra de minhas amiguinhas, nua, a cabeça baixa, os braços para trás.

— Mas que merda! Preciso que se vistam. Precisamos conversar.

As duas não se movem.

— Thaís e Mika, por favor, vamos para a sala, não vamos brincar hoje.

Elas permanecem com as cabeças baixas e sem a menor intenção de se moverem.

— Vistam-se agora! — grito — É uma ordem!

Imediatamente as duas correm até suas roupas e saio do quarto para aguardá-las na sala. E então, quase desmaio. De verdade, minhas pernas perdem as forças.

— Amor! Que surpresa! — Que merda! O que Gilcelle está fazendo aqui?

— Oi, você me disse que podia ligar — ela diz olhando fixamente minhas mãos.

E devia ter ligado.

— Mas, eu quis vir vê-lo. Fui até sua casa e não estava, achei que estaria aqui.

— Estou muito feliz que tenha vindo, Gil. Quer tomar um café comigo?

Ela sorri docemente e quase desarmo ali mesmo. Nunca a vi tão serena assim diante de mim. Corando, meio nervosa, como se estivesse procurando palavras para me dizer.

— Esta hora, as pessoas já estão almoçando.

— Então quer ir almoçar comigo?

Ela sorri e assente.

Passo por ela e pego minha carteira e a chave do carro, saio pela porta, mas ela permanece parada. Por um momento, temo que tenha ouvido algo no quarto, mas ela está olhando fixamente para minha mão.

— Matheus, nós vamos almoçar, certo? Tipo, comer comida em um restaurante?

Que espécie de pergunta é esta?

— Sim, assim espero. Algum problema?

— É que não estou entendendo por que está levando este chicote.

Só então percebo o chicote em minha mão. Como isto veio parar aqui? Que horas eu o peguei?

— Não! Não levarei isto, meu Deus, que cabeça a minha.

Vou até o quarto para guardá-lo, e assim que abro a porta, me deparo com a bunda de Mika, que está em uma posição bem reveladora, vestindo a calcinha. Fecho a porta de repente e olho para trás.

— O que foi isso? — ela pergunta desconfiada.

— Isso o quê? Não foi nada. Por que não vamos almoçar?

— Por que não guardou o chicote? — Ela vem em minha direção e meu tique no olho ataca. Ela para de repente e olha para esse tique maldito que não consigo controlar. — Por que está nervoso?

— Porque eu te amo. E você está aqui, e não está me ameaçando, então, estou nervoso. — Ela me lança um olhar ameaçador e completo. — E tem duas mulheres nuas no meu quarto, mas não tive nada a ver com isso.

Ela sorri, pensa que estou brincando. Peço a Deus que elas tenham ao menos vestido as calças e abro vagarosamente a porta.

— Gilcelle, essas são Thaís e Mika, que vieram para cá sem que eu as chamasse, sem me avisar, eu não sabia de nada. Meninas, esta é minha noiva, Gilcelle.

Não olho para trás para ver a reação das meninas. Mas minha noiva está totalmente parada. Estacada, olhando para dentro do quarto. Ela anda os dois passos que faltavam para me alcançar, e gentilmente, pede:

— Sai da frente!

— Amor, foi tudo um terrível engano. Eu não sabia que elas estariam aqui, assim que as vi, as mandei ir embora. Não foi meninas?

Mas as meninas não respondem, deixando-me em uma situação ainda mais complicada. Gilcelle assente, como se entendesse, o que sei, não é o caso. De repente, ela me empurra e entra no quarto. Para na porta, próxima a mim e avalia as duas meninas.

— Ele chamou vocês aqui? — pergunta.

As meninas se olham e não dizem nada.

— Que merda, respondam a pergunta dela!

— Não — as duas dizem em uníssono.

— Então, por que estão aqui?

— Não precisamos avisar quando viremos. Eles nos deu permissão para entrar — responde Mika claramente irritada.

— Ah, vocês entram quando querem?

— Não é bem assim, amor. Era o acordo antigo e eu ia agora mesmo dizer às meninas que não temos mais acordo... — Minhas desculpas são interrompidas quando ela puxa de repente o chicote da minha mão.

— Ele deu permissão para vocês entrarem? Estou revogando esta permissão. Vocês. Não. Entram. Mais. Aqui. Agora, fora suas sem vergonha, safadas, oferecidas e magrelas. Sumam! — Ela ataca as meninas com o chicote, elas gritam e saem correndo, com Gilcelle atrás, meio vestidas apenas, corredor afora.

Corro atrás delas e seguro Gilcelle que pretendia descer as escadas atrás das duas com o chicote, tamanha a sua raiva. O vizinho de corredor está na porta divertindo-se com a situação e acho que nunca me senti tão constrangido.

— Gilcelle! Acalme-se. Elas já foram, acabou.

Ela para de se mexer e respira fundo. Solto seus braços vagorosamente, e só percebo a burrice que foi fazer isso, quando ela os levanta de uma vez e desce com tudo o chicote em meu ombro.

— Safado! Filho da puta! Quer ser dominador, é? Gosta de brincar com chicotes? Vou te mostrar como se brinca com chicotes! — Ela me bate com força, acerta minhas pernas, braços, barriga, e, no momento em que o acerta em meu rosto, perco a paciência.

— Chega! — grito e puxo o chicote de sua mão, estendo-o diante dela. — Para dentro de casa, agora mesmo!

— Vai sonhando que eu vou entrar aí, onde suas putas...

— Entre!

— Não adianta gritar e levantar esse chicotinho de gay para mim. Você não é homem para.... Ahhh! — grita quando a acerto. — Caralho! Isso dói!

— Entre agora mesmo, porque minha vontade neste momento é de te dar uma surra, e você não vai querer que meu vizinho veja isto.

— Ela quer! — o vizinho grita animado.

— Matheus... não há necessidade... ahhh! Ok, estou entrando.

Ela entra afagando a bunda onde a acertei as duas vezes e para na sala.

— Para o quarto, Gilcelle.

— Não há chicote no mundo que me faça entrar no quarto onde você comia essas magricelas! O que pensa que eu sou? Mais uma das suas submissas?

— Sim. Não mais uma, mas no momento, é uma submissa.

Ela pisca os olhos rapidamente e gagueja um pouco, mas logo se recompõe e cruza os braços me

confrontado.

— Não sou sua submissa coisa nenhuma.

— Você sabe que não tive nada a ver com essas meninas aqui. Não sabe?

— Não sei de nada.

Acerto o chicote em sua perna, sem força, mas ela grita.

— E agora, já sabe?

Ela tenta conter um sorriso.

— Você sabe que eu não seria burro a ponto passar a noite com você, e comer duas meninas em meu apartamento, e ainda mostrá-las a você quando entrou aqui. Não sabe?

Ela dá de ombros.

— Não. Nunca se sabe o tamanho da burrice de um homem.

Abaixo a cabeça em negativa.

— Ah, Gilcelle, por que você me obriga a ser mau? Você me acertou na frente do meu vizinho, me desafiou, desobedeceu e agora está duvidando da minha inteligência, o que vou fazer com você?

— Absolutamente nada, porque estávamos indo almoçar. Então sugiro que guarde esse chicotinho de gay e me leve para comer.

— Isso! — grito de repente assustando-a. — Irei levá-la para comer agora. E nunca mais insulte meu chicote.

Acerto o chicote em seu braço, e o mantenho ali. Ela sorri. Nunca usei uma coisa dessas, não era assim que convencia as minhas amigas a fazer as coisas como eu queria. Mas, esse troço doma até mesmo a Gilcelle, então, acho que gosto disso a partir de agora. Jogo-o no chão e a viro pelo braço bruscamente, acertando um tapa em sua bunda.

— Para o quarto!

Ela nem tenta retrucar, não dou tempo, já a empurro e bato a porta quando entramos. Vou até a cama e tiro todos os lençóis, deixando o colchão descoberto. Pego um lençol novo enquanto ela me observa com uma careta.

— Porra, acabei de perder a vontade! Você vai mesmo trocar os lençóis da cama antes de me comer?

— Há dias não venho aqui e as meninas estavam aqui. Nunca se sabe.

— Não consigo entender como é que você consegue chupar uma boceta, porque nunca vi ser tão fresco! — ela resmunga.

— Não entende? Eu te explico. — Termino de forrar o lençol e me aproximo dela bem devagar. Está uma bagunça, usa um blusão enorme e um sobretudo. Seu cabelo claramente não foi penteado. E está de chinelos de dedo. E está linda assim. Sorrio. — Eu te amo — sussurro e a beijo levemente. — Muito mesmo. — Mordo seu lábio devagar e ela geme. — E chuparia qualquer parte do seu corpo até fazer você desmaiar de prazer na minha boca, quantas vezes fossem necessárias.

Ela fecha os olhos e aproxima-se para me beijar, mas a viro de repente e a jogo na cama.

— Tire a roupa, agora!

Ela parece confusa, então eu mesmo tiro. Tiro seu roupão, ela me ajuda com a blusa, tiro o sutiã e rasgo a calcinha.

— Ei, você está me deixando sem opções de lingerie.

— Não vamos prender minha bichinha neste apartamento. Aprenda isso, sempre que vier aqui, venha sem calcinha.

— Quer que eu desça do táxi pelada, também? — ela desafia.

— Quem sabe ele não tenha essa sorte? — Vou até a mala largada em um canto e a abro, tiro de lá a maleta de Gilcelle, e ouço seu arquejo.

— Você me roubou isso.

— Não roubei. A trouxe para onde ela deve ficar a partir de agora.

Ela arqueia as sobrancelhas e explico, enquanto passeio por algemas procurando alguma que me chame atenção.

— Imagino que tenha vindo até aqui, para render-se. Você não viria atrás de mim se não fosse capaz de superar tudo o que já passamos.

— Não vim exatamente atrás de você.

— Sim, você veio. Já que quer superar tudo, é bom que saiba que não permitirei que fique naquele apartamento pequeno e mal ventilado.

— Eu não vou morar com você!

— Vai sim.

— Não vou! Posso estar cedendo para tentarmos recomeçar, mas isso não significa que viveremos sob o mesmo teto.

— Significa.

Ela emite um grunhido e cruza os braços, elevando seus mamilos rosados e quase me fazendo desistir dessa ideia de algemas para chupá-la primeiro.

— Você é tão ridículo quando age como um menino pirrcento achando que manda em mim.

Paro de me mover e ouço sua respiração acelerar. Pego a primeira algaema que toca minha mão e me viro para ela.

— Eu não acho que mando em você, eu mando em você. Agora cale a boca, não quero que dê mais um pio, só permito gemidos. — Pego suas mãos e as junto acima de sua cabeça, prendo uma parte da algaema nelas, segurando-as, as mantenho elevadas e abaixo minha boca de encontro a dela. Passeio a língua por seus lábios e em seguida, mordo.

Ela geme.

— Isso, garota obediente.

— Idiota!

— Eu disse para não falar! — Prendo seus pulsos na cabeceira da cama, de forma que ela fica nua, estendida na cama à minha disposição. — Ah querida, eu poderia fotografá-la agora. Que tal um quadro novo neste quarto?

Ela arregala os olhos, penso que não sabe se estou falando sério. Mas eu estou. Apenas não farei isso hoje. Me aproveito de seu momento de confusão para segurar seus pés. Subo minhas mãos por suas pernas, e as desço de novo. Ela não emite ruído nenhum. Com toda força possível, reforço meu aperto em suas pernas e a viro, deixando-a de barriga para baixo.

— O que está fazendo?

— Silêncio! — Acerto um tapa em sua bunda, e ela grita. — Fique de quatro.

Ela demora um pouco para se mover, e quando subo na cama, rapidamente se movimenta, apoiando-se nos joelhos, eu a amparo, até confirmar que está segurando na cabeceira com as mãos presas. Passeio os dedos por sua bunda, subo por suas costas, noto os pelos de seu corpo arrepiarem, e ela geme.

— Vou te fazer uma proposta, querida. Se você não emitir nenhum som, te dou cem mil reais.

Ela sorri.

— E se eu emitir?

— Tiro cem mil da sua conta.

— Mas apenas cem mil, independente do quando eu grite?

— Você vai gritar? Já está admitindo que não é capaz de se controlar?

— Eu não vou gritar, só não vou aceitar propostas suas às escuras. Você não é tudo isso, querido.

— Sim, irei descontar apenas uma vez, não importa o quanto você grite. — Acerto um tapa no meio de suas pernas e ela grita com a surpresa.

— Não valeu. Você não disse já — reclama.

— Tudo bem, valerá a partir do momento em que eu disser já.

Saio da cama e tiro minha roupa, vê-la ali, nua, de quatro, presa por uma algema, na minha cama, sempre foi o sonho, em cada noite que passei aqui. E cada garota que passou por aqui, nenhuma teve sequer metade da beleza que ela tem, estando assim, submissa a mim. Posso senti-la mesmo sem estar tocando-a. Eu a sinto em cada poro da minha pele, ouço sua respiração ao longe. Sei de cada reação que provoço nela, sei o quanto ela me quer dentro dela agora, e não vejo a hora de dar-lhe isso.

Subo novamente na cama e sua respiração acelerada cessa. Ela a está prendendo agora, em expectativa. Passeio dois dedos por suas costas e os desço por sua bunda, os afasto, e então enfio dentro dela. Ela grita.

— Está sensível, querida? Quem a deixou assim se eu não sou tudo isso?

Ela apenas sorri, recuperando-se da invasão. Tiro os dedos e alcanço seu clitóris, ela fica tensa à espera do toque, mas faço isso rapidamente e de leve.

— Não vai dizer já? — pergunta.

— Ainda não. Paciência, querida. — Então pressiono seu clitóris com força, ela grita. — Você veio fazer o que aqui, Gilcelle? Veio render-se? Dizer que vai ficar comigo? É o que veio fazer?

Ela não consegue responder, faço círculos em seu clitóris e pela posição em que está, consigo colocar mais força no movimento. Ela tenta se afastar de meus dedos, mas não tem força para se manter afastada muito tempo, e cai de novo em meus dedos.

— Só pararei quando disser o que preciso ouvir — alerta.

— Sim — ela sussurra. — Vim dizer que estou aqui. Estou aqui.

— Era tudo o que eu precisava ouvir.

Posiciono-me atrás dela, puxo sua cintura de encontro a mim e a penetro. Ela grita, e digo em alto e bom tom:

— Já.

Ela arqueja, penetro com força, belisco seus seios, deito meu torso sobre suas costas. Desço minha mão e ela nega veementemente com a cabeça em um pedido mudo para que eu não faça isso. Mas quero ouvi-la. Assim que toco seu clitóris, e a penetro, ela grita, alto.

— Merda! Vai mais fundo! Isso! Mai rápido! Mais forte! Ahhhh! Ahhhh! Ahhhhhh!

— Também não precisa gritar tanto.

— Cale a boca e meta mais rápido. Se estou pagando para gritar, farei valer cada centavo.

Meto mais rápido, mais fundo, como ela quer.

— O clitóris, seus dedos... — suas palavras saem confusas.

Aperto os dedos em seu clitóris e ela se desmancha, deixando o corpo cair com tudo na cama, desço meu corpo com o dela, sem perder o contato e arremeto mais três vezes antes de gozar com

ela. Ela grita meu nome e treme levemente enquanto se acalma.

Deito-me sobre ela e fico ali. Nossos corpos suados, juntos. Salpico suas costas de beijos, e ela sorri.

— Então, estou cem mil mais pobre. Acho que gosto dessas suas propostas. Acabarei falida, mas estou gostando.

— Tenho outra. Uma bem melhor que vai encher sua conta de novo.

— Inclui que eu veja sua família maluca?

— Você os ama, então não reclame. Vou libertar suas mãos. Precisamos ir comer.

— Sim, exercício demais nas últimas horas, estou faminta.

Procuo na algema a chave pendurada, mas não está. Vou até a mala, e todas as chaves estão juntas em uma bolsinha. Subo na cama, Gil está com os olhos fechados, parece exausta, e imagino que ter de ficar com os braços para cima não seja nada confortável neste momento. Testo uma por uma as chaves, quando estou na nona, ela abre os olhos.

— Qual o problema?

— Nenhum, estou apenas procurando a chave certa.

Ela sorri e olha para cima, então sua expressão muda totalmente.

— Ah merda. Merda! — grita agitada.

— O que foi?

— Esta é a algema que não tem chave! Lembra que eu disse? Não tem!

Ela puxa as mãos desesperada.

— Como não tem chave? Por que você deixa uma algema sem chaves aqui dentro?

— Porque eu perdi a chave e não vou me desfazer de uma algema da minha coleção. Além do mais, nunca se sabe quando eu precisarei de algo que não abra.

A encaro confuso.

— Está maluca? Por que precisaria de algo que não abre?

— Vai saber, a gente precisa de tudo em algum momento da vida.

Levanto-me da cama e me visto. Pego o celular e procuro o telefone de um chaveiro.

— O que está fazendo?

— Ligando para um chaveiro.

— Não pode trazer um chaveiro aqui, estou nua e isto é uma algema de sex shop. Vai me expor ao ridículo!

— Prefere ficar presa aí? Porque não tenho como soltá-la!

— Se você fosse mais macho, a abriria com um alicate!

— Se eu fosse um bandido, faria isso.

Ela começa a reclamar e ligo para o chaveiro, deixando claro que estou disposto a pagar qualquer valor para que ele venha o mais rápido possível. Assim que desligo, com Gilcelle resmungando o quão idiota tudo isso é, sorrio. A situação toda é ridícula.

— Quem manda você ser uma menina safada que tem uma coleção de algemas e gosta de um Dom? E se eu fosse você, parava de me insultar assim, porque você está presa e ainda tenho um chicote.

Ela sorri, e nesse momento, um barulho horrendo sai de algum lugar dela.

— O que foi isso?

— Estou com fome — ela reclama.

Vou até a cozinha e só o que acho são morangos. Vai ter que servir. Deito-me ao seu lado na cama e

coloco em sua boca. No terceiro, ela resmunga que estão azedos. Então remexo o armário e acho creme de leite.

— Só tem isso, Sereia. Vai ter que servir.

Cubro o morango com o creme de leite e coloco em sua boca e ela aprova.

— Nem azedo, nem doce demais. Perfeito.

Provo um e o gosto é realmente bom. Vou colocar outro em sua boca quando meu celular toca, me assustando e o viro em seus peitos, sujando o meio deles de creme. O chaveiro avisa que chegará em dez minutos. Deixo a bandeja de morango de lado e aviso:

— Temos dez minutos.

— Para que?

Deito meu corpo sobre o dela e lambo o creme.

— Para que eu a faça perder mais cem mil. — Ela abre a boca para protestar, mas a impeço imediatamente. — Já.

Então, ataco seus seios, lambendo o creme e o espalhando por seus mamilos, para sugá-los em seguida. Desço a língua por seu corpo e tenho a brilhante ideia de jogar creme no corpo todo. É uma delícia. Chupo com força sua boceta deliciosa coberta de creme e ela goza no minuto nove, gritando como uma louca. Assim que saio da cama, a campainha toca.

— Espere, não abra ainda, não me recuperei — ela pede.

A cubro com uma coberta e beijo seus lábios.

— Boa sorte, Sereia.

E ela fica mais vermelha que seu cabelo enquanto o chaveiro arregala os olhos ao ver que se trata de uma algema, que ela está presa a cama e a quantidade de creme de leite espalhada no lençol. Fico apenas sorrindo e de olho para que ele não veja nada que não deve ser visto. Ele solta a algema e a tira envergonhado, então, sem saber o que fazer com ela, a joga dentro da mala de algemas.

— Não! — Gil grita assustando-o. — Tudo bem, eu a pego depois.

— Bom começo, Sereia. Bom começo — digo para sua cara fechada.

Matheus para o carro em frente ao meu apartamento. Preciso de um banho, e de roupas que não estejam grudadas no meu corpo por conta de creme de leite, para ir ver a Nathalia. Confesso que tinha muita expectativa quando fui atrás dele, e ao ver aquelas garotas magricelas, nuas ali, quase corri de volta para casa, para não vê-lo nunca mais. Ainda bem que a raiva falou mais alto e quis bater nelas primeiro. Eu deveria saber que sendo o Matheus, a situação não era realmente o que parecia.

— A culpa disso é sua, que nem sabe lambar uma mulher direito. Por que não tirou todo o creme de leite? Assim minhas roupas não estariam grudando em meu corpo agora — reclamo.

— Da próxima vez, eu mesmo irei carregá-la para ao banheiro e te darei um banho de água gelada, para aprender a não ser reclamona.

Olho para a frente e avisto o mendigo. Então corro até ele.

— Ei, minhas calcinhas. — Estendo as notas de dez e ele as pega mais do que feliz.

Pego as calcinhas, mas antes que consiga guardá-las no bolso, Matheus as toma da minha mão.

— Ficou maluca? Está tocando em coisas íntimas de um mendigo?

— Eu não uso essas coisas — o morador de rua protesta.

Mas Matheus as joga no lixo, e me puxa pela mão levando-me para dentro do prédio, resmungando que terá que desinfetar nosso corpo todo. Olho para trás apenas para ver o mendigo sorridente tirar as calcinhas do lixo e gritar:

— Da próxima vez é vinte!

Merda!

Após um super banho com sr. Fresco e uma roupa limpa, estou terminando de pentear o cabelo no banheiro. Ouço Matheus assobiar a música chata da Toni Braxton e sou obrigada a pentear os cabelos no quarto, para que ele converse ao invés de assobiar essa música chata.

— Por que foi que você começou a ouvir isso? — questiono.

— Porque essa música fala de alguém que perdeu seu amor e não sabe viver sem ele. Eu vivia isso até hoje de manhã.

Estaco com a escova e tento não sorrir, mas falho miseravelmente.

— Não seja fofo comigo. Ainda não esqueci das duas magricelas nuas no seu apartamento.

— Aquele apartamento agora é seu, mais algumas ainda irão entrar lá, porque não sabem que nosso acordo foi rompido, mas tenho certeza de que você saberá lidar com elas.

— Claro, querido, me dê uma arma e resolverei tudo.

— Gil, meu amor, eu jamais permitiria que você se aproximasse de uma arma. — Ele abre a porta do meu guarda-roupa e passeia as mãos por algumas peças.

Não posso ver seu rosto de onde estou, mas ouço seu resmungo a cada peça que vai jogando no chão.

— Velho, indecente, feio, ruim, péssimo material. Meu Deus, de onde você tirou isso? Algum brechó de porta de cemitério? — ele pergunta levantando algo volumoso e negro.

— Ei, não fale assim do meu tutu.

— Você não usa realmente isso, usa?

— Tenho fetiches.

Ele dá uma gargalhada e pega o tutu, levando-o até o nariz. Olha para mim com uma expressão tão

sexy, que quase tiro a roupa de novo para tê-lo no meio das minhas pernas, mas me controlo. Ele vem em minha direção e já começo a prender a respiração, quando ele passa direto, vai até a janela e joga meu tutu por ela.

— Matheus! Idiota! Terei que pagar caro para recuperar meu tutu agora!

— Você não vai recuperar isso. Aliás, podemos pôr fogo em todo seu guarda-roupa. Vamos te comprar coisas novas.

Sento-me na cama e cruzo as pernas, espero ter sua total atenção antes de resmungar:

— Vamos, continue, jogue tudo no lixo. Estou adorando ser a sua bonequinha. Você quer que eu me mude, quer engordar minha conta, quer trocar meu guarda-roupa, daqui a pouco vai me pedir para descolorir os cabelos da perereca. Você não é meu dono e não tem que decidir o que devo fazer só porque te deixei me dar chicotadas. Se você não me quer como eu sou, então você não me quer de verdade.

Ele senta-se na cama de frente para mim e me observa um tempo, antes de responder:

— Amo você exatamente do jeito que é, mas o fato é que me incomoda que tenha vivido tantos anos tendo tão pouco, sendo que eu poderia ter te dado tudo. Vou te dar tudo agora. Não adianta reclamar disso.

Abro a boca para retrucar, mas ele me impede, colocando o dedo sobre meus lábios.

— Gilcelle, este sou eu. Não sou fofo com você, sou apaixonado. Não quero ter dar coisas diferentes, quero te dar melhores. Não pediria nada disso se você estivesse em uma casa decente, com roupas decentes, como você merece, mas não é este o caso. Você pode brigar, fazer pirraça o que for, eu darei tudo a você. E não vou permitir que me negue isso.

Não sei o que responder. Sempre fui independente e dona de mim. Sempre decidi tudo sozinha, e mesmo que nem sempre soubesse o que fazer, eu me virei até aqui. Por mais que o ame, é difícil me acostumar com alguém decidindo até mesmo que lençóis devo forrar na cama. Vamos ter que trabalhar isso.

— Vamos fazer assim, querida. Tenho umas propostas para te fazer, e elas te darão um bom dinheiro. Então você mesma comprará coisas melhores para você.

— Tudo bem, mas vou continuar morando aqui.

— Não vai. Isso não está em discussão! Este lugar é horrível, pequeno, mal ventilado, seu porteiro deixaria até a alma penada do maníaco do parque entrar aqui, e seu vizinho morador de rua tem um varal com suas calcinhas. Aquele apartamento agora é seu. Mude-se quando quiser.

— O dinheiro que vai depositar na minha conta, dessa tal nova proposta, também me permitirá mobiliá-lo como eu quero?

— Sim.

— Que proposta é essa?

— Mais tarde eu falo. Vamos, temos que ir ver a pequena.

— Por que não pode falar agora? Odeio ficar curiosa!

— Porque ela é um pouco diferente e pode ser meio assustadora.

Se eu esperava encontrar uma Celina diva, montada em um robe maravilhoso de seda, muito bem penteada, dando elegantemente de mamá a bebê, caí feio do cavalo. O que encontro quando entro é um choro estridente, Celina descabelada, com a camisola molhada de leite, uma pantufa do pateta em um pé e um chinelo xadrez no outro.

Sebastian não está muito melhor. Parece uma pilha e fica rindo e falando sem parar.

— Quantos energéticos você tomou, homem? — pergunta Matheus.

— Uns seis. Ela não dorme. A bebê não sabe dormir. — Sebastian olha para mim esperançoso e tenho vontade de sair correndo. — Gil, como se ensina um bebê a dormir?

— Acho que eles já nascem sabendo.

— Não — ele diz negando com a cabeça em movimentos rápidos. — Ela não sabe. Não dormiu desde que entrou aqui. Deve ser a casa. Celina! — grita me assustando. — Vamos nos mudar, vamos levá-la de casa em casa para que ela decida qual quer. Então dormiremos por uma semana.

— Não seja idiota. Uma criança de dois dias não vai decidir onde moraremos. Meu leite não está saindo, Gil. No hospital saiu normalmente, mas desde que cheguei aqui, parece que não sai o suficiente. E meus seios estão cheios e doloridos. Já fiz de tudo, e não sai. Ela está faminta.

— Não pode dar nada mais a ela?

— Não. Liguei para a pediatra e preciso conseguir puxar o leite. Ela disse que a Nathalia deve fazer isso, mas ela apenas chora quando percebe que vai continuar com fome. Não sei mais o que fazer.

Há o barulho de saltos e Suzana aparece animada.

— Boa tarde família... feliz? O que houve aqui? Alguém morreu?

— Um bebê que não dorme, dois seios que não saem leite e um namorado idiota que tomou energético demais. Está bom ou quer mais? — responde Celina me entregando Nath.

Assim que a pego, a pequena tenta mamar em meu braço, ao ver que não sai nada, chora. Coloco um dedo em sua boca e ela se acalma mamando nele, na esperança de que algo saia.

— Você pode usar uma dessas bombas de tirar leite, Celina. Vou até a farmácia. — Suzana sai e entrego Nath a Matheus saindo imediatamente atrás dela.

— Ei, Suzana.

— Ei, Gilcelle. Algum problema?

— Nenhum, só quero acompanhá-la, não posso?

Ela me olha desconfiada e reviro os olhos. Por que as pessoas estranham assim quando faço algo legal?

— Poder, pode. Mas antes, quero deixar bem claro que não tenho nada com o Matheus e amo o Cleber. Caso reste alguma dúvida.

Vamos até a farmácia, ela pede a tal bomba, e quando estamos voltando, me para.

— O que você quer, Gilcelle?

Preciso soltar. Ela provavelmente vai rir de mim, então, você que é mais minha amiga do que ela, não ria.

— OK, você sabe que o Matheus é um dominador. E ele tinha muitas amiguinhas, tipo, muitas mesmo. Hoje mais cedo, peguei duas delas em seu apartamento. Ele não teve nada a ver, mas a questão é que ele vai abrir mão de muitas mulheres.

Ela cruza os braços e me olha confusa.

— Ele ama você, não vai querer transar com nenhuma outra mulher.

— Sim, mas e se por acaso, ele enjoar sabe? De ter uma só?

— Pouco provável. Ele é homem de uma mulher só.

— Ah, não estou falando disso. Tenho medo que ele enjoar de uma bichinha só. Quer dizer, ele me amarra e me bate e tem todo esse lance de ter que segurar minhas pernas quando gozo, mas, ele foi meu único homem e não sei fazer muita coisa.

— Mas isso é fácil. Vocês praticam e você aprende.

Reviro os olhos e puxo seu braço, para voltarmos a andar.

— Suzana, não vou pedir a ele que me ensine. Seria constrangedor.

— E quer que eu te ensine? — pergunta espantada.

— Claro! Você já deve ter visto muita coisa na sua vida. Por causa da sua mãe. E do clube noturno onde dançava.

Ela começa a rir.

— Não sou uma especialista exatamente, Gil. Mas sei de alguns truques. Vá lá em casa e vou te dar umas coisinhas que podem ajudar.

— Certo, você acaba de se tornar minha melhor amiga. — Você perdeu, leitora! Suzana é mais devassa que você, quero ela como amiga.

A bomba funciona. Celina senta-se de frente para Matheus, que segura a pequena, e ordenha o leite com a coisa.

— Está parecendo uma vaca — observo.

— Não me importo, se minha bezerra conseguir ser alimentada, posso parecer qualquer coisa. Acontece que não sei como se usa isto.

Ela coloca a bomba no seio, aperta o seio, puxa, e de repente, quando puxa bomba, o leite sai. Não só sai, ele espirra, como se uma mangueira tivesse sido ligada. E cai tudo em Matheus. Ele fica totalmente parado por cerca de dois segundos. Quando começa a tremer, Suzana tira Nath de suas mãos.

— Foi mal, Matheus — desculpa-se Celina. — Dê-me ela, Sue. Já posso amamentá-la. Isso funciona mesmo.

E Matheus permanece ali, tremendo, com leite escorrendo por sua cara. Aproximo-me cautelosa e toco seu ombro.

— Amor, está tudo bem? Não quer ir lavar o...

— Ahhhhhhhhhh! Merda! Caralho! Tira isso de mim! Está quente! E é horrível! Celina!

— Não grite, está assustando minha filha! — ralha Celina.

Tenho tocar nele para arrastá-lo até o banheiro, mas ele tem um ataque. Literalmente, um ataque. Sai pulando pela sala, leva as mãos a centímetros do rosto, mas não tem coragem de tocar, grita feito uma mulher dando pela primeira vez e então, o ápice: ele começa a tirar a roupa. Não me pergunte porque está fazendo isso, não sei é medo de sujar a roupa ainda mais, ou se pretende tomar um banho na sala, mas não posso permitir que Sebastian filme isso. E o filho da mãe já pegou o celular.

— Sebastian! Abaixei isso! Matheus, venha comigo.

Tento segurar seu braço, ele já tirou a camisa e está abrindo a calça.

— Vá com ela homem, não quero mostrar seu saco no meu vídeo. Vou fazer um canal que terá mais visualizações que o do Cleber: amigos estúpidos do Sebastian.

— Per que não coloca amigos estúpidos do Sebs? Daí vídeos seus com ele à mostra podem ir parar lá também — defendo meu homem.

— Que vídeos dele mostrando o Sebs? — pergunta Celina imediatamente

— Ops! Foi mal, Sebastian — digo.

Ele abaixa o celular e sorri docemente para Celina, mas posso ver o pânico em seus olhos.

Suzana finalmente me ajuda, pegamos Matheus cada uma por um braço e o arrastamos até o banheiro. Ela me ajuda a jogá-lo lá, e sai murmurando:

— Bando de gente doida. Como o Cleber aguenta?

Ligo o chuveiro e nem preciso pedir, ele corre para debaixo dele.

— Você, não terá filhos! Mudei de ideia, imagina se eu for chupar seus seios à noite e isso sair na minha boca?

— Ótimo, você matará duas fomes de uma vez — retruco.

— Não tem graça.

— Ah, vira homem! Você chupa minha boceta, não pode engolir meu leite? Acabe logo com isso e vamos, agora que a bebê mamou, quero pegá-la.

— Vou ficar a mil metros de distância da Celina e suas tetas assassinas.

— Se o Sebastian colocar esse vídeo no Youtube, acho que você vai ganhar do Cleber com a sofrência.

— Não é uma competição — ele diz temeroso.

Então uma ideia começa a se formar em minha cabeça. E sei que Sebastian vai adorar.

— Mas pode ser. Sebastian! — grito saindo do banheiro enquanto Matheus chama meu nome em desespero.

Adormeço no carro e quando acordo, Matheus está entrando na garagem de sua casa.

— Eu não moro aqui — resmungo.

— Você quer dormir sozinha hoje?

Nego com a cabeça e ele afaga meu cabelo.

— Para dormir comigo, tem que aceitar minhas condições. Então, vamos dormir aqui — seu sorriso idiota me faz querer acertá-lo com um tapa, mas ele prevê isso e segura minha mão, levando-a à boca. — Desça, minha Sereia, não vejo a hora de levá-la para a cama.

Desço do carro e aproveito para tentar falar de novo com Antônio, ainda não consegui nenhum contato com ela, apenas com a madre mal humorada. E mais uma vez, é ela que me atende.

— Puta que pariu! — solto sem querer, pois planejei este horário em que ela deveria ter se recolhido e não atenderia.

— Valha-me Deus, é você, Gilcelle?

— Olá madre, como a senhora está?

— Estava bem, até agora. O que você quer? Achei que nunca mais precisaria ouvir sua voz.

— Sabe, a senhora não é uma boa pessoa, não deveria ser uma madre. Quero falar com a Antônio, estou preocupada com ela.

— Então terei de admitir que temos algo em comum. Também estou preocupada com ela. Não a vejo desde a semana passada.

— Como assim?

— Ela foi embora do convento. Disse que descobriu que a vida de freira não é para ela. Um homem veio buscá-la. Me preocupo porque isso tem acontecido com muita frequência. Noviças desistem e homens aparecem na porta para buscá-las, mas se estavam sob minha proteção aqui dentro, não entendo de onde conhecem esses homens.

— Bom, vocês deveriam começar a fazer teste de virgindade antes de receber as noviças, então não correriam o risco de elas desistirem. Antônio disse para onde iria? Disse quem a buscaria? Deixou algum número?

— Nada, ela sumiu, portanto você não precisa me ligar de novo. Que Deus tenha misericórdia da sua alma, passar bem.

Onde Antônio está? Não tenho nenhum número que possa falar com ela, não tenho ideia de quem é esse homem que foi buscá-la. Se a mãe não conhece, então não é um pai. Só posso esperar que ela precise de dinheiro, ou de alguma coisa, e apareça.

Tento comer e relaxar antes de dormir, mas minha cabeça está longe. Ainda não sei porque ela precisou de todo aquele dinheiro há poucas semanas, e agora vai embora com um homem. Nunca fomos as melhores amigas, mas ela sempre compartilhou seus dramas. Desde que descobriu que não era normal dar o rabo, passou a me contar tudo, para que eu a aconselhasse. E agora, simplesmente sumiu. Querendo ou não, ela é minha única família.

— O que foi, amor? Parece estar com a cabeça longe.

— Antônio foi embora do convento. A mãe disse que um homem foi buscá-la. Ela não me ligou, não tenho ideia de onde pode estar.

Esperava que ele fosse ficar preocupado também, ou compadecer de minha angústia, mas a reação do Matheus e no mínimo, estranha.

— O que sabe sobre isso, Matheus? — pressiono imediatamente.

— Eu? Nada. Não sei nada. Não sei.

— Por que está com esse tique no olho?

— Eu? Nada, não sei nada. Não sei.

Cruzo os braços e fecho totalmente a cara, ele respira fundo e sei que desistiu de esconder o que quer que esteja tentando esconder.

— Tenho uma proposta para te fazer — diz de repente.

— A menos que essa proposta tenha a ver com a minha irmã, não quero ouvir.

Ele abre os dois primeiros botões da camisa e parece realmente nervoso.

— Na verdade, tem.

— Então sou toda ouvidos.

Ele segura minha mão e olha em meus olhos. Nas outras vezes em que me fez propostas, não parecia tão nervoso.

— Eu vou precisar de um favor seu, e em troca, posso trazer sua irmã de volta.

Acho que estou entendendo errado, ou o Matheus está me dizendo, que mandou dar um sumiço na minha irmã?

Matheus

— Não posso demorar. Celina e eu estamos revezando para dormir. A pediatra disse que isso é só nas primeiras semanas. Quantas semanas são consideradas as primeiras? Só essa, não é? — reclama Sebastian jogando-se na cadeira diante de mim. — Que merda é essa embaixo do seu traseiro?

Avalio o pano que trouxe e dou de ombros.

— A última vez em que estive aqui, tinha um cara vomitando nas cadeiras. Prefiro me prevenir — explico.

— Gay. Fale logo o que quer, homem. E me pague uma cerveja.

Confiro o relógio em meu pulso e estendo a mão para ele.

— Três minutos e o Cleber aparece, vou contar para os dois de uma vez, não quero ter que repetir tudo.

— Sua cara não está da melhores, portanto, o assunto será um porre. Duas cervejas. — Ele chama o garçom e começa seus pedidos.

Logo, Cleber aparece. Um sorriso enorme no rosto, assoviando, tão sorridente que chega a irritar. Dá um tapa na cabeça de Sebastian e toma a cerveja de seu copo, então se joga na cadeira vazia. Joga uns papéis em cima da mesa e bate a mão nela, fazendo Sebastian dar um pulo na cadeira.

— Aqui está o que me pediu. Mas acho que não vai gostar de saber o que descobri — informa.

— Como é que descobriu o que quer que tenha descoberto, tão rápido? — questiono espantado.

— Você está falando com Cleber Dantas, eu sou rápido.

— Quanto tempo mesmo ele foi engando pela Suzana e a Sue? — pergunta Sebastian contando as semanas nos dedos.

— Vai à merda. Agora abra o bico, Matheus. Por que a Gilcelle foi dormir na minha casa? — pergunta Cleber curioso.

Então começo meu relato, pela parte mais difícil:

— Não mandei dar um sumiço na irmã da maluca da Gilcelle.

— Eu sei que não. Já sei quem foi que fez isso. Mas, ela acha que foi você? — pergunta Cleber contendo um sorriso.

Assinto. Explico para Sebastian, ele está mais por fora deste assunto, do que a própria Gilcelle. E olha que ela não sabe absolutamente nada.

— Ofereci dinheiro a Antônio, para que ela fingisse precisar de dinheiro e com isso, eu desse esse dinheiro a Gil e a convencesse a fingir ser minha noiva.

Ele levanta as sobrancelhas e vira seu copo.

— Engenhoso. Duvido que essa ideia tenha sido sua. Prossiga.

— Na noite passada, a Gil descobriu que a irmã dela fugiu do convento com um homem. E ninguém sabe quem é este homem. Eu desconfiava de quem era, e precisava de um outro favor dela. Então, ao invés de simplesmente explicar toda a situação, como um cara normal faria, prometi trazer a irmã dela de volta, caso ela me fizesse este favor.

Cleber resmunga e Sebastian solta:

— Que merda, homem! Está parecendo o idiota do Cleber!

— Parecer o Cleber não é a pior parte. Imediatamente, ela deduziu que eu mandei dar um sumiço na irmã dela, para chantageá-la.

— Uau! Ela achou mesmo que você se parece comigo! — diz Cleber admirado. — Acontece que você, mesmo que indiretamente, tem a ver com o sumiço da irmã dela. Você estava certo. O que pretende fazer? Vai atrás da freira arrependida?

Não sei o que vou fazer. Imaginei quem era o homem que a buscou na porta do convento assim que Gilcelle mencionou este fato. Mas, para ir atrás de Antônio, precisaria contar a Gilcelle a verdade sobre o dinheiro. Isso levaria dias, entre ela me perdoar e aceitar que eu fosse junto atrás da maluca da irmã. E não tenho esse tempo.

— Vou me casar amanhã — anuncio.

Os dois bebem suas cervejas e me olham com zero credibilidade. Acham que estou brincando.

— Vou ser mais claro. Meu casamento no civil está marcado para amanhã.

Cleber larga seu copo e me avalia, quando abre um sorriso, sei que entendeu que estou falando a verdade.

— Caralho! Mude esta data, homem. Não tem a menor chance de você convencê-la a comparecer ao próprio casamento amanhã.

— Não vou mudar. A próxima data disponível no cartório é para daqui a três meses. E nosso

casamento na igreja é em duas semanas.

Os dois idiotas cospem as cervejas um no outro, e me encaram.

— Matheus Idiota Amorim, diga-nos que você está brincando. Não pode ter sido estúpido a ponto de ter marcado o casamento na igreja antes mesmo de voltar a falar decentemente com ela — pede Sebastian.

— Acontece que eu fui. E se aquele imbecil não tivesse dado um sumiço na Antônia, Gilcelle se casaria comigo. — Ou não? — Talvez. — Era uma possibilidade, certo? — Bom, estávamos caminhando para isto.

Cleber dá dois tapas em minhas costas e diz:

— Amigo, vou te ensinar como tratar as mulheres. Primeiro, não marque um casamento sem que elas saibam. Elas gostam de planejar essas coisas. Vestido, convites, festa, convidados. Se você anunciar a ela que o casamento é em duas semanas, mesmo que ela não esteja a ponto de te matar, ficará no mesmo instante. Não dará tempo de ela fazer nada.

— Você não entende. Nenhum de vocês entende. Ela não funciona assim. Se eu a pedir em casamento e deixar que ela marque as datas, nunca nos casaremos, porque brigaremos quinhentas vezes em uma semana e ela mudará a maldita data quinhentas vezes. Tenho que levá-la amanhã em frente ao cartório e anunciar que estamos nos casando. Se der a ela tempo para pensar, ela vai dizer não.

Os dois passam tempo demais calados me observando, e quando acho que vão acabar comigo, começam a bolar um plano.

— Celina não poderá organizar as coisas estando de resguardo. Mesmo porque, Nath nem daria tempo. Faça com que a Gilcelle vá para a minha casa esta noite — diz Sebastian a Cleber, que imediatamente saca o celular e liga para Celina. — Você Matheus, só precisa pedir um favor a sua melhor amiga.

— Suzana não irá convencê-la a aparecer lá amanhã.

— Não mesmo. Ninguém irá. Suzana deve apenas cuidar de deixar a Gil vestida de noiva. Acredite em mim, Cleber está certo. Ela não vai aceitar se casar trajando qualquer peça de roupa.

— Trajando? — questiono com uma careta. — Você anda lendo esses romances de faroeste de novo?

— Ah, cale a boca e ligue logo para a Suzana.

Assim, em uma mesa de bar, com dois amigos idiotas e suas mulheres, graças a Deus, inteligentes, tenho um plano.

Você deve estar perdida em tudo isso, certo? Vamos lá. Assim como você, a Gil está achando que sumi com a Antônia para convencê-la a fazer algo por mim. E isso, não é verdade. A verdade é que nosso casamento no civil estava mesmo marcado. Eu pretendia dar esta notícia a ela ontem à noite, na minha cama, enquanto estivéssemos fazendo amor. Mas, depois de se sentir chantageada, ela quis ir embora. E foi para o apartamento do Cleber, porque consegui falar com a Suzana antes que ela falasse com a Celina, e Suzana a acolheu. Ela não quis me ver hoje, não quis me atender. Estou louco de saudade dela, mas pior do que isso, é o fato de que vou vê-la novamente no momento do nosso casamento e ela ainda está pensando que eu sumi com sua irmã.

Você deve estar se perguntando por que não conto a verdade a ela. Mas não posso. Eu não fui lá e sumi Antônia, mas, indiretamente, tive a ver com o sumiço dela. Se eu for sozinho atrás de Antônia, não conseguirei trazê-la de volta, e para que a Gilcelle vá comigo, precisarei contar tudo. E ela não

vai aceitar se casar comigo depois. Pode parecer confuso, mas preciso me casar com ela, para então, irmos atrás de Antônia. Ela vai querer me matar de todo jeito, mas, estando casada comigo, vai pensar duas vezes antes de fazer isso.

Passo a noite em claro, entre súplicas silenciosas por misericórdia a Deus e pesadelos acordado, em que ela saca uma arma de dentro das calças e atira em mim quando a peço em casamento. Ou, na pior das hipóteses, grita um não na minha cara. Acho que prefiro levar um tiro.

A pior coisa do mundo é amar alguém sem medidas, amar a ponto de viver para essa pessoa, amar como se não houvesse mais nada no mundo digno do seu amor. Porque se essa pessoa te falta, não sobra mais nada.

Confiro meu terno pela décima vez, respiro fundo, e tento pensar que em poucas horas estaremos nesta cama, casados, e esta aliança que pesa um chumbo em meu bolso agora, estará em seu dedo. Então ela assinará meu sobrenome e isto será para sempre. Qualquer merda que vier depois disso, estaremos juntos para enfrentar.

Recebo uma mensagem de Suzana:

Tudo certo, ela está desconfiada, mas muito bem vestida. Terá a noiva mais linda que essa cidade já viu.

Sorrio. Em seguida, ela me manda outra mensagem.

Estou muito orgulhosa de vc, não tenha medo. Dará tudo certo, hoje à noite, quando voltar para sua casa, levará sua esposa contigo. Sorte, querido.

Assim espero, Suzana.

Quando estou saindo de casa, recebo uma mensagem de Celina:

Matheus, não acredito que esteja mesmo fazendo isso. Quero que saiba que retiro o que disse sobre o fracasso de sua história, vai dar certo. Não tenha medo, ela pode até se negar a dizer sim no começo, para torturá-lo, não seria a Gil se não fizesse isso, mas tenho certeza de que entenderá a grandiosidade do que está fazendo. Nunca vi na vida, amor tão desmedido como o seu. Conserve-o assim.

Conservarei, Celina.

Enquanto as mensagens que recebo de Cleber e Sebastian, são de despedida, pois um deles está portando uma arma para dar a ela, quando eu disser o que fomos fazer no cartório.

Fico dando voltas como um maluco, mal respiro, estou nervoso e acho que vou suar. A menos que seja nu com a Gilcelle, odeio suar. Tiro o lenço do meu bolso e seco a testa a cada dez segundos, e nada delas aparecem. Celina e Sebastian são os primeiros a chegar e eu nem imaginei que eles viriam. Celina sorri docemente para mim e me abraça.

— Acalme-se, minhas tetas assassinas estão bem cobertas.

Sorrio e nem consigo responder. Pego a pequena de seus braços e ela fixa seus olhos verdes em mim. A encosto em meu rosto e a mantenho ali. De alguma forma, ela me acalma.

— Matheus, acho lindo que minha filha consiga acalmá-lo, mas acabei de dar de mamar a ela e é possível que ela golfe.

Em dois segundos a pequena está de novo nos braços de Celina, mas por pouco tempo, pois Cleber aparece e a pega.

— Onde está a pequena mais linda do titio mais gostoso deste mundo?

Celina e Sebastian reviram os olhos juntos, mas Cleber realmente leva jeito com ela.

— Suzana está chegando com ela, homem. Calma, ela não está dirigindo, Elias está.

E pouco depois, o carro de Cleber aparece, e Suzana é a primeira a descer.

— Sumam daqui vocês todos — ordeno e eles entram no cartório resmungando.

Gilcelle desce sorridente dizendo algo a Suzana, mas estaca no meio da rua ao me ver ali. É preciso que Suzana a arraste, dizendo alguma coisa, e finalmente ela está diante de mim. Suzana sorri me encorajando e vai ao encontro de Cleber. Gil cruza os braços e me encara esperando.

Ela está linda. Usa um sobretudo branco, que termina com uma renda negra, que toca o meio de suas coxas. Imediatamente quero tocar essa renda, saber se é macia como parece, e tocar nela. É quase como um desejo desesperado de ter qualquer contato com ela após tantas horas.

— Não consigo mais dormir sem você — constato.

— Você fez com que a Suzana me trouxesse aqui?

— Sim.

— O que quer?

— Te fazer uma proposta. Que não tem nada a ver com sua irmã, apenas com a gente. Você não precisará mentir, fingir nada, nem fazer algo que não queira.

— Estou ouvindo.

Está na hora. A proposta que deveria ter feito dez anos atrás. Preciso convencê-la a aceitá-la agora.

— Quero cuidar de você, dar a você tudo o que tenho, tudo o que você precisar, tudo o que desejar. Quero te dar os melhores dias, anos até, os maiores sorrisos. Quero dar os melhores orgasmos, os melhores momentos, quero fazer de você, a pessoa mais feliz deste mundo. Todos os dias. E em troca, quero apenas que você diga sim. E que seja um sim verdadeiro, que me deixe mesmo fazer tudo isso.

Seus olhos estão cheios, e ela desvia o olhar do meu. Aproximo-me e toco seus braços, seguro suas mãos nas minhas, e seus olhos voltam para os meus.

— Eu te amo. Não me condene a tentar sobreviver sem você.

— É uma proposta tentadora — ela diz contendo o choro.

— A maior proposta que já fiz na vida. Claro, que não será a única. Para domar você, Sereia, terei que propor coisas todos os dias, eu sei disso.

— E me quer mesmo assim?

Sorrio e a puxo para junto de mim.

— Para sua sorte, sou muito bom com propostas.

Quando tento beijá-la, ela se afasta.

— Você tem alguma coisa a ver com o sumiço da minha irmã?

Merda. Se eu for ser inteligente, direi que não, mas que irei ajudá-la a encontrá-la. Mas esta não seria a verdade, e quero ser o homem em quem ela vai confiar depois de tudo.

— Não mandei dar sumiço algum nela, Gil. Mas posso encontrá-la. E a pessoa que a levou,

provavelmente fez isso por minha causa. Por nossa causa.

Ela franze o cenho e parece confusa, mas não permito que pense nisso por muito tempo.

— Vai me dizer sim? Estou a horas sem beijá-la, louco de saudade e quase suando nessa roupa fechada.

Ela sorri e assente.

— Sim, Matheus.

Nem sei dizer quantos quilos perco no momento em que ela diz sim. Beijo rapidamente seus lábios e a arrasto cartório adentro.

— Então venha, estamos atrasados.

— O que vamos fazer no cartório?

— Oficializar seu sim.

Ela estaca de repente ao ver nossos amigos ali dentro, e um juiz com cara de irritado resmungando que estamos atrasados.

— Você não pode estar falando sério. Ficou maluco? Não vou me casar com você.

— Você acabou de dizer sim.

— Não! Eu disse sim para tentarmos, sim, eu sinto sua falta. Não sim, vamos nos casar.

— Você não entendeu a minha proposta então, você disse sim, para se casar comigo.

— Não, eu não disse.

— Você vai se casar comigo agora!

— Não vou não.

— Vai sim!

— De jeito nenhum!

— Você não tem escolha.

— Não vou assinar esse livro.

— Vai assinar sim!

O juiz nos encara em choque, parece prestes a sair correndo.

— Por Deus, Gilcelle! Será que tudo na nossa vida será resolvido na base da discussão? Cale-se, me dê a mão e comporte-se ao menos no seu casamento!

Ela abre a broca para retrucar, mas não permito. Se eu deixar, ela vai dizer não. A arrasto para diante do juiz, ela olha para a rua de dois em dois minutos, acredito que tramando um meio de fugir, e por isso, aperto sua mão na minha. O juiz começa a falar e começo a rezar que ela assine esse caderno e não se atreva de maneira nenhuma a me dizer não.

Capítulo 14

Gilcelle

Ele me estende a caneta. Esse homem barbudo, que desde que entrei aqui, me olha como se eu fosse louca, agora me estende a caneta e espera que eu assine neste livro. Sei que você também espera isso. Eu mesma, deveria esperar isso. Acho que ninguém entenderia. Eu não sou normal, sei bem disso, tenho medo, e muitas vezes, acho que devo mesmo ser uma pessoa sozinha. E então tem o Matheus, que é o amor de toda uma vida, e é também o que mais me machucou. Não quero me prender a isso, mas o que martela em minha cabeça quando ele me estende essa caneta, é o que ele ainda pode fazer comigo.

É muito fácil nos casarmos agora, comemorarmos com uma noite de sexo alucinante, com esse brinquedinho novo que a Suzana me deu. Mas não será fácil quando ele tentar controlar cada passo meu, e eu revidar sendo agressiva. Não será fácil quando ele pisar na bola, porque ele é um estúpido e vai fazer isso, e eu não souber como aceitá-lo assim, sem passar antes por cima de mim mesma. E penso que deveríamos sim tentar, nós merecemos isso, mas não com um casamento. Não com algo que já nos obrigue a permanecermos juntos. Precisamos ficar juntos, por querer. Quero ir embora sempre que der na telha e quero poder expulsá-lo sempre que me irritar, e não poderei fazer isso estando na casa dele, sob o seu teto, ganhando o seu dinheiro, trabalhando em sua empresa. Serei muito dele, e nada minha. Não sei se dá para entender.

É claro em minha cabeça, eu o amo e não vou viver sem ele. Só preciso que ele entenda, que não podemos ir rápido demais, nenhum de nós dois sabe lidar com a pressa. Olho para ele, para dizer tudo isso que passou pela minha mente, quando seus olhos me encontram. Ele parece suplicar que eu pegue esta caneta. Parece que só assim vai acreditar no que sinto, ou perder o medo de me perder. Se esse idiota tivesse conversado comigo sobre isso antes, eu teria dito tudo, e teríamos resolvido antes de ele me assustar com esse homem mal humorado e essa caneta assassina em minha direção.

Olho novamente para a rua e ele solta a minha mão. Ele me deixa ir. Celina balança a cabeça e Suzana sussurra que eu não faça isso. Mas sei que posso procurá-lo mais tarde, e amá-lo, e ele vai entender que para mim não funciona assim. Que não preciso deste compromisso tão sério. Apenas de seu amor. Mas, quando dou o primeiro passo, em direção a saída, ele diz:

— É só uma proposta. É só uma promessa.

Estaco ali. A proposta. Ele me pediu para dizer sim, a ser o homem que toda mulher sonharia ao seu lado. E eu sei que você está dizendo que ele é o mais perfeito que eu poderia encontrar e eu sei disso, mas eu não sou perfeita assim.

— Eu te amo. Juro que vou fazer isso dar certo. Juro que não vou fugir quando estiver com medo, eu vou protegê-la. Apenas venha aqui e assine meu sobrenome — pede mais uma vez.

Eu me viro para ele, quero pular nele, abraçá-lo e dizer que o amo, mas não sou assim, sabe. Não posso depender dele assim. Acho patético mulheres que amam a ponto de se tornarem uma metade, que vivem em prol da outra metade, que só vivam com ela. E não reste mais nada. Não serei essa mulher que passa por cima de qualquer medo por amor, e passa por cima de suas próprias escolhas por amor. Eu... “Continue fugindo. Corra. Você não tem que se encontrar.” Cale a boca, voz, não me confunda ainda mais. “Vamos, fuja enquanto é tempo. Para que você precisa de alguém que a ame? Quem precisa de amor? Vá embora e continue sendo a maluca solitária que verá o homem da sua vida se casar com outra que nunca sentirá por ele metade do amor que você sente.” Maldita voz, que

resolveu ser irônica e estar certa.

De repente me vejo caminhando de volta em sua direção, paro em sua frente e seguro seu rosto. Nem sei como começar a falar.

— Olha só, não sei fazer isso. Eu sou maluca, ainda vou matar você. Eu vou estragar tudo todo dia, você não sabe como sou de verdade. Eu tenho medo, e fujo. E você não vai sempre estar ali quando eu me esconder. Não entende que se eu disser sim a isso, vou matar o que sente por mim? Quero te fazer uma proposta. Eu te amo, muito mesmo. Acho que era a única coisa que amava na vida, até a Nath nascer, e não posso perder isso de novo. Só me deixa dizer não agora, e ficar com você assim mesmo. Eu juro que fico. Aceite minha proposta.

Ele nega com a cabeça. Segura minhas mãos entre as suas e diz de forma tão serena, que nem parece que está prestes a me dar um ultimato.

— Gil, minha Sereia. Eu faço tudo por você, eu te prometo isso, faço tudo, menos isso. Não posso confiar em você assim. Se assinar esse caderno e se tornar minha, eu juro que a farei feliz não importa o que seja necessário para isso. Mas, se não puder assinar meu sobrenome, se preferir não se prender a mim, prefiro que paremos isso agora. Antes que seja tarde. Eu te amo, mas não quero mais me preocupar todos os dias se a terei na minha cama ou não. Quero me preocupar em fazê-la feliz, não em fazê-la ficar, entende? Posso ser tudo o que você quiser, e só estou pedindo que seja o que eu quero.

Malditos homens fofos, românticos, idiotas e chantagistas que usam de seus amores desmedidos para acabarem com sua vida.

Abaixo a cabeça derrotada. Me viro de costas para ele e olho para minhas amigas ali, e Cleber, meu estúpido preferido.

— Vocês são testemunhas de que eu tentei fazer isso não fracassar. São testemunhas de que eu avisei que vou errar todos os dias. E principalmente, são testemunhas de que ele prometeu estar aqui assim mesmo. Vocês vão assinar isso comigo.

Puxo a caneta da mão do juiz e assino, a última vez que posso usar este Lopes no final. Gilcelle Lopes. Agora, Gilcelle Lopes Amorim. Parece que sou alguém de repente. Suzana e Celina quase saltam sobre mim, enquanto os meninos brigam para assinar o tal caderno. Eles me cercam, e só consigo vê-lo, quando o juiz decreta que fiz mesmo isso. Me tornei a senhora Amorim.

Preciso urgentemente elaborar uma lista de regras. Matheus é acostumado, vai se sair bem com elas.

Termino de vestir Nath e a estendo a Cleber, ele me seguiu quando entrei aqui para trocá-la, e está me olhando estranho desde então.

— O que é? Por que está me olhando com essa cara de demente?

Ele sorri pegando a pequena que já se aconchega a ele.

— Quem diria que vocês seriam os primeiros a se casar?

— Olha só, estou tentando não pensar muito nisso. Então, silêncio, ok?

— Não sei como quer esquecer com esta aliança de dez centímetros de largura no dedo.

— Tenho certeza que isso é coisa sua — acuso e ele apenas sorri. — O que quer de verdade, Cleber?

— Gil, você sabe que a amo. Só quero te dar um conselho.

— Eu mereço! — reclamo.

— Merece mesmo. O homem já se arrastou demais por você. Ele já abriu mão demais, por você.

Talvez seja sua hora de começar a fazer isso.

Boto as mãos no peito em um gesto de dor e digo indignada:

— idiota! É assim que você me ama? Defendendo a ele?

— Estou defendendo você. Era bem divertido vê-lo com cara de tacho cada vez que você aparecia com aqueles homens estranhos, mas não quero te ver infeliz, bebê. E sem ele, você vai ser.

Cruzo os braços em claro sinal de pirraça.

— Eu sei. E se não percebeu já fiz isso, já cedi meu espaço, minha vida e até meu sobrenome pra ele. Estou tentando, ok? Você não é ninguém pra vir me dar lições de amor, tenho pena da Suzana.

— Eu também. Somos dois errados, mas temos a sorte de sermos amados.

Eu o empurro porta afora e o sigo.

— Pelo amor de Deus, não! Nada de filosofia de Cleber sofrência a essa hora do dia. Vá almoçar e me deixe em paz.

— Só prometa que não vai por tudo a perder.

— Não posso. Quem é que sempre sabe onde pisa no amor, Cleber? Nem mesmo você, que sofreu pra aprender a amar, sabe. Prometo que vou tentar. Se ele quer viver pra me fazer feliz, quero viver para que ele faça.

Ele dá uma gargalhada e sai resmungando que esperava que eu fosse devolver o gesto.

Mas o senhor meu marido, que estranho dizer isso, não se aproxima de mim hora nenhuma. Ele sorri, me lança aqueles olhares com promessas devassas por trás, mas não se aproxima. Até que a noite cai, e estou mesmo cansada, e quero usar esse brinquedo no meu bolso. Então como quem não quer nada, levanto do sofá me espreguiçando e digo com voz de sono, esfregando os olhos.

— Ah, como estou cansada. Acho que vou pra casa dormir.

Ninguém me olha e ninguém diz nada do que quero ouvir. Me espreguiço mais alto, fico na ponta dos pés e repito a frase, nada. Perco a paciência. Eu não queria ser aquela que vai se aproximar primeiro, o imbecil me evitou o dia todo, mas quero ir pra cama com ele, e vocês sabem como ele é lento. Me aproximo e pego sua mão.

— Quer me levar pra casa agora? Estou cansada.

— Não parece cansada, aliás, parece animada até demais — responde me provocando.

— Ok, você está certo. Vamos ficar aqui. Eu nem queria transar a noite toda, mesmo. — Me jogo de volta no sofá e menos de dois minutos depois, ele está praticamente me jogando dentro do carro.

E fica calado todo o caminho. Eu assovio, cantarolo, e nada de ele falar comigo. Eu acabei de me casar com o cara, estou usando uma coleira na mão esquerda com o nome dele, e ele sequer se digna a falar comigo? Preciso de uma segurança aqui! Não acredito que ele vai ser tipo esses cara, que basta casar, para virar outro. E eu bem pensando que ele ia beijar o chão que eu piso. Me estrepei.

— Unbreak my heart, tell me love me again... — me pego cantando do nada.

Quando olho para o lado, ele me olha, e sorri. Me calo e ele liga o som do carro, e essa mesma música chata começa a tocar. Reviro os olhos e canto alto com a música, até que estou cantando a plenos pulmões e acreditam que essa música dói? Só pode, porque uma lágrima escorre por meu rosto.

Quando ele para o carro eu desço ainda cantarolando a música, ele dá a volta no carro e me abraça. Ele me puxa para ele, me prende em seus braços, e distribui beijos por meu pescoço.

— Eu te amo, sua maluquinha atrevida e gostosa. Juro que achei que você fosse ir embora daquele cartório, e eu juro que teria ido atrás de você e a teria sequestrado. Você me leva ao limite. E eu te

amo por isso. — Então ele me beija. Ele devora meus lábios, e há tanto desespero em seu beijo, que correspondo da mesma maneira, desesperada.

— Por que não falou comigo? Isso foi cruel da sua parte.

Ele me arrasta até a porta, sem me deixar afastar de seus braços e de seu corpo.

— Porque eu não sei como dizer o que sinto vendo-a com meu nome em seu dedo. Não sei agradecer o suficiente por tê-la em minha cama esta noite e todas as noites da minha vida. Eu quero te dizer que te amo de uma forma que você possa entender o quanto, e não acho palavras.

Eu o beijo.

— Eu amo quando você é fofo. Se eu te disser para parar de ser fofo, não me escute. Nenhuma mulher tem um homem fofo como o meu.

— Não sou fofo. Mas amo você. Se quer que eu demonstre isso em cada segundo de cada dia, eu o farei.

— Está vendo? Fofo!

Ele me morde em advertência e se afasta de repente.

— Vire-se Sereia.

Olho para os lados espantada. Ele mora em um condomínio elegante, e as casas não têm muros, de forma que qualquer vizinho enxerido pode nos ver agora.

— Está maluco? Não vai me bater na rua.

Seu sorriso é enorme e me faz rir também.

— Não vou te bater, sua safada. Quero pegá-la no colo, antes de entrarmos em nossa casa.

Dessa vez sou eu que abro um sorriso enorme.

— Amor, amo seu romantismo, mas nós dois sabemos que você jamais conseguiria me levantar do chão. Te faltam músculos e me sobram gorduras. Dê-me a mão e vamos entrar juntos.

Ele nega com a cabeça e se aproxima de mim.

— De jeito nenhum. É tradição. Você vai entrar em nossa casa carregada por mim.

— Matheus, não quero quebrar o nariz no dia da nossa lua de mel. Dê-me a mão e deixe de ser birrento.

Mas o teimoso tenta me levantar. Até que me divirto com suas tentativas frustradas, e quando me canso, advirto:

— Acho que está começando a suar, querido.

Ele se vira de costas para mim e abaixa-se na minha frente.

— Suba. Vai entrar no meu colo de um jeito ou de outro.

Sorrindo, passo as pernas por suas costas e ele me segura pelas coxas, e com muito custo, entra comigo empoleirada nele em nossa casa. Imediatamente após eu fechar a porta com os pés, ele me desliza por seu corpo e antes que meus dois pés toquem o chão, estou em seus braços, e sua boca está na minha e sua ereção cutuca minha barriga e só quero ir para a nossa nova cama com ele. Mas nossa bolha erótica é estourada, por um arranhar de garganta.

Nos afastamos em um pulo com o susto, e quase desmaio ao ver o que há ali, na sala dele.

Marisa, Miguel, Amanda e uma velha que nunca vi na vida.

— Mas, que merda é essa? — pergunto fechando os olhos e esperando que a família Buscapé suma quando eu os abrir novamente.

Isso não acontece, é claro. Em menos de dois segundos, os braços de Amanda estão a minha volta e ela sussurra:

— Eu disse para ela que não seria uma boa ideia, mas a vovó insistiu.

— Isso foi mesmo uma péssima ideia — respondo a abraçando.

Marisa me abraça como se realmente me amasse e posso ver no rosto de Matheus que os Buscapé vieram sem avisar. Miguel me puxa para um abraço apertado em seus músculos e dá um tapa da minha bunda.

—E aí, gostosa já desistiu desse bichinha?

— Por falar em bichinha, cadê... — antes que eu possa completar, Amanda tapa minha boca, Marisa dá um grito e Matheus me belisca.

Acho que não posso falar sobre Marcus na frente da velha.

—Gilcelle, querida. Queremos que conheça Mariana, a mãe do meu falecido esposo, a senhora Amorim.

A velha me olha de cima abaixo com uma careta e olha para Matheus com uma careta pior ainda. Ele se ajoelha diante dela e beija sua mão, então ela a estende para mim. Todos me olham, mas se esperam que eu vá me ajoelhar e beijar essa mão que não sei de onde vem, vão sonhando. Toco sua mão e sacudo.

—E aí, vovó?

Todos parecem horrorizados. E ela puxa a mão da minha.

— Então, você é a famosa Gilcelle.

— Poxa, que legal! Eu sou famosa?

— Ah sim, toda a família fala de você.

— Que bom, devem ser bem gratos a mim por ter salvo a masculinidade do seu neto, não é mesmo?

Matheus me belisca de novo, e só quero matá-lo. Pra que assanhar minha bichinha se temos os Buscapé todos plantados na nossa sala?

A velha não responde, resmunga que está cansada e Matheus chama alguém que vai arrumar o quarto dela. Enquanto Marisa me diz toda feliz que resolveu fazer uma surpresa. Me estende uma xícara de café que ela acabou de passar e quando acho que tudo ficará bem, ela solta a bomba:

— Viemos morar com vocês. Acho importante que o Matheus tenha a família por perto, para que não cometa mais nenhuma besteira com você.

Eu a encaro atônita. Quero chorar, jogar essa xícara para o alto e sair puxando os cabelos. Posso fazer isso?

— Mamãe tem medo de que você saia da família, cunhada — diz Miguel de maneira debochada.

— Então não deveria aparecer nessa casa sem avisar — retruco.

Ela sorri e bate em minhas costas.

— Ah, querida, como senti falta do seu senso de humor!

— Não estou sendo engraçada — tento argumentar, mas ela já está dando ordens às empregadas como se a casa fosse dela e eu não me casei para ter alguém dando ordens na minha casa.

Preciso dar um jeito nisso, já sei o que fazer, uma lista de regras. Minha casa. Minhas regras. Essa família maluca não perde por esperar.

Matheus

— Como é que você não me avisa que a mamãe pretendia trazer a vovó para cá? Que espécie de irmão é você? — ralho com Miguel.

— Irmão, elas estão planejando isso desde que vocês foram embora. Acho que mamãe está meio apaixonada por sua noiva. Ou isso, ou quer descobrir as festinhas de forró da capital.

Faço uma careta.

— Ela é minha mulher. Nos casamos hoje, e esta deveria ser a nossa noite de núpcias, seu bastardo. Suma com todos eles daqui.

Ele nega com cabeça.

— Não posso. Não há dinheiro no mundo que arraste dona Mariana de um lugar, quando ela quer ficar.

— Merda. Estão em que quarto?

Vovó escolheu o seu, mas sua mulher gentilmente a despachou para o quarto do primeiro andar. Aliás, ela arrumou quartos para todos nós aqui em baixo.

— Eu amo a minha mulher.

— Também amo sua mulher, mas sugiro que tomem cuidado. Vovó é muito ativa e curiosa. Você sabe.

E assim, com minha família instalada e vovó de cara virada para minha mulher, subo para meu quarto, para encontrá-la parada no meio dele, olhando para a cama.

— O que foi, meu amor?

— Não trouxe nada, nenhuma roupa. E não sei bem em que lado da cama devo dormir. Eu nem sei bem como é que fui me casar com você e encontrar toda sua família e uma velha extra na sala na nossa primeira noite! A família Buscapé não estava no pacote! — ela grita irritada.

— Amor, minha família está sempre no pacote, mas você os ama, e vai amar a vovó também. De qualquer forma, esta é a sua casa. Faça o que quiser, trate-as como achar que deve. Te dou carta branca.

Um sorriso assustador se insinua em seu rosto.

— Jura? Não chame a polícia para mim depois. Foi você quem deixou.

Ando até o closet e abro a porta.

— Venha aqui, Gilcelle. Quero que veja algo.

Ela caminha desconfiada e arregala os olhos ao entrar no closet.

— Caralho!

— Você quis dizer lindos, eu sei. São todos seus — afirmo.

— Eu sei, não achei que cada vestido desses, fosse para você. Quando comprou tudo isso?

— Um pouco antes de viajarmos. Estou planejando ter você morando nessa casa há muito tempo. Você ainda vai se surpreender com cada coisa sua que vai encontrar aqui.

Ela me olha espantada, mas sorri.

— Matheus, você às vezes parece um personagem de livro. Eu amei tudo isso. Mas não quero que gaste mais do que deve comigo.

A puxo para meus braços e beijo seu pescoço.

— Vou começar a cumprir minha promessa agora. Diga-me o que quer eu faça para que fique feliz neste instante.

— Quero que suma sua família chata dessa casa. E que seu pau esteja em mim em no máximo cinco minutos.

— Você vai dar um jeito de sumir a minha família. Quanto ao seu segundo pedido, realizo com prazer.

Eu a empurro até a cama e acerto um tapa em sua bunda. Ela grita em surpresa e tapo sua boca com a mão.

— Sem gritos, ou terei que amordaçá-la.

Ela concorda com a cabeça.

— Tenho algo que gostaria de experimentar — diz tirando do bolso interno de seu sobretudo, um frasco preto, com o desenho de um morango bem vermelho na frente, só consigo ler algo terminado em shock, e imediatamente, sinto medo.

— O que é isso?

É impressão minha, ou ela parece nervosa?

— Quero te propor algo. Você não me bate e não me amordaça esta noite. Apenas passe isto em mim, e faça amor comigo. Garanto que a sensação será maravilhosa pra você também.

Não sou acostumado a tê-la pedindo as coisas tão gentilmente e confesso que isso me causa um certo receio, pego o frasco de sua mão para ler do que se trata, e então, sorrio. Um gel que causa a sensação de vibração. Isso pode ser interessante.

— Onde conseguiu isso, Sereia?

Ela dá de ombros.

— Você sabe que gosto dessas coisas.

Jogo o frasco preto sobre a cama e me aproximo lentamente dela.

— Então, hoje você quer fazer amor?

Por que continuo com a impressão que ela parece sem graça? Do que está com medo? Ela desvia os olhos dos meus, e está corando. Pego suas mãos. Acho que essa coisa de sempre dominá-la não está permitindo que eu a ame como deve ser amada na cama. Passeio meus dedos por seus braços, e espero que ela me olhe. Quando seus olhos fixam nos meus, digo:

— Eu amo você a cada segundo do meu dia. Mesmo quando a amordaço, prendo suas mãos ou suas pernas. Amo quando você é agressiva e me arranha todo. Amo quando goza na minha boca. — A puxo para mim e rodeio seu corpo com meus braços, posso sentir seu coração acelerado e quero que permaneça exatamente assim. — Amarei ainda mais quando entrar em você, olhando em seus olhos e ouvi-la dizer que me ama.

Ela deita a cabeça em meu ombro e sorri.

— Não vou dizer. Você sabe que minhas declarações tem um preço.

A aperto ainda mais de encontro a mim, para que sinta a ereção que sua proximidade despertou.

— Seu bichinho de estimação preferido só vai trabalhar hoje se for muito amado.

Sua risada deliciosa só não é mais gostosa do que os beijos que ela deixa por meu pescoço. Até parar os lábios a centímetros dos meus.

— Não seja fofo agora, Matheus. Me joga nessa cama e faça amor comigo.

— Seu pedido é uma ordem. — A empurro na cama e tiro vagarosamente sua roupa. Não consigo fazer o mesmo com a minha, quase rasgo minha camisa na pressa.

Seus olhos não se desviam do meu corpo em nenhum momento, e quando estou totalmente nu, subo na cama por cima dela.

— Você não pode fazer barulho esta noite, meu amor. Quietinha, ok? — Ela assente e passeio meu rosto pelo seu, deixando beijos rápidos onde meus lábios alcançam. Então os desço por seu colo, alcanço seus seios, deixo apenas que minha língua os toque levemente, ela geme, mas desço a língua sentindo o sabor do resto de seu corpo. Posso ver cada pelo de seu belo corpo arrepiado com meu toque. Amo essa mulher.

Quando chego onde mais quero sentir seu sabor, me lembro do frasco negro. O abro e um cheiro de morango invade o quarto.

— Você pode pôr a boca nisso — ela diz sorrindo.

— Imaginei que pudesse.

— Está limpo, vê? Estava dentro do frasco.

A encaro atônito e ela tenta conter um sorriso.

— Está tirando uma com a minha cara quando estou fazendo amor com você?

— Vou considerar que está fazendo amor comigo, quando estiver dentro de mim. Até lá, estou tirando uma com a sua cara fresca.

Acerto um tapa em sua coxa e ela grita.

— Silêncio, Sereia. Você não quer a vovó batendo nessa porta em poucos minutos. A audição dela é melhor que a da mamãe, mas o coração não é tão forte quando o dela.

— Deus me livre ter sua avó na nossa porta enquanto fazemos amor, e não tente jogar um problema de coração para me fazer ser boazinha com ela. Eu não sou boazinha. Se não quiser que ela tenha uma parada cardíaca, tire-a da nossa casa.

O gel gelado em meu dedo me dá uma ideia de como calar a boca dessa malcriada.

— Não é legal ser tão cruel, Gilcelle. Vou deixá-la mansinha esta noite. Amanhã você dará bom dia à vovó com um beijo em seu rosto.

— Boa sorte com isso.

Apago a luz, volto para a cama, e posiciono meu rosto entre suas pernas. Sei que ela espera o contato gelado do gel, mas primeiro, a ataco com a língua. Ela grita assim que a toco, e a belisco para que fique quieta. Passeio minha língua em seu clitóris bem devagar, com lambidas leves, ela move o quadril em direção a minha língua, mas não permito que tenha um contato mais forte com ela. Deposito beijos em suas coxas, tudo o que ouço é sua respiração pesada. Ainda beijando levemente sua coxa, pressiono o dedo com o gel em seu clitóris. Ela grita novamente e a mordo, em punição para que fique quieta. Então pressiono com mais força. Espalho aquilo por seu clitóris, ela morde os lábios para não gritar.

— Está sentindo a vibração? — pergunto e ela nega com a cabeça.

Passo ainda mais do gel e espalho, mordisco sua barriga, suas coxas, quero que ela sinta a vibração para então penetrá-la.

— Está sentindo agora? — Ela nega mais uma vez. — Acho que isso não funciona.

— Tudo bem, deixe isso para depois, quero você dentro de mim.

Mas insisto, pego bastante, talvez precise usar o frasco todo, e passo nela. Fico por ali, beijando suas coxas e provo o gel, realmente tem um gosto bom, levemente de morango. Por fim, não aguento mais, ela não mostra qualquer sinal de estar vibrando e meu pau já está doendo de vontade de se enterrar nela.

— Compramos um gel mais forte depois, amor — digo e a penetro.

Ela grita. Então olha para mim e tapa a boca com as mãos.

— Vou ficar quieta — diz entre os dedos — vai fundo!

Não é necessário que peça de novo. Deito meu corpo sobre o dela e ela tira as mãos da boca para puxar meu cabelo. Calo seus gemidos com a minha boca. Suas unhas passeiam por minhas costas e sei que sairei daqui ardendo e marcado, mas não me importo, cada vez que ela me arranha, eu meto mais fundo. Isso me excita mais, de uma maneira meio louca.

De repente ela grita, e mesmo com minha boca sobre a dela, não consigo contê-la. Está gritando alto.

— Psiu! Amor, menos.

Mas ela grita ainda mais alto e começa a se mexer embaixo de mim, não entendo se quer que eu vá mais fundo, ou se quer se afastar. Mordo seus lábios e meto com mais pressa, e ela grita ainda mais. Tapo sua boca com a mão, ela morde meus dedos e lágrimas escorrem por seus olhos. Alguma coisa está errada. Paro de me mover e no momento em que tiro a mão de sua boca, ela grita:

— Tremeeeeendo. Está tudo tremeeeeendo. Socorro!

— O quê? — Saio de cima dela e ela começa a pular na cama, bate a mão no meio das pernas desesperada e se vira de bruços, pega o lençol e esfrega ali. — Gilcelle, por que está fazendo isso com a bichinha?

— Está tremendo! A porcaria do gel! Passou muito! Socorro!

Alguém começa a bater na porta e a minha mãe grita que eu a abra. Não sei o que fazer. Gilcelle grita se esfregando no lençol, mamãe grita que eu abra a porta, mas ela está nua se esfregando no lençol. Corro até a porta e grito para mamãe:

— Não posso abrir! Gil está nua! É um gel, que vibra, como faz parar?

Há um silêncio de repente do outro lado da porta, e só quando ouço a risada de Miguel, me dou conta que toda a família está ali e que acabei de expor minha mulher de uma maneira ridícula. Vão acabar com ela amanhã de manhã.

— Água, querido. Vá dar banho na bichinha da sua mulher. Boa sorte. Vamos, meninos, vamos dormir.

Por que caralho não pensei nisso sozinho? Corro até o banheiro e ligo as torneiras da banheira, então volto para perto dela.

— Venha, amor. Vamos tomar um banho que passa.

Ela se levanta com dificuldade e anda batendo a mão na bichinha, praticamente se joga na banheira. Ela passa a mão repetidas vezes, mas ainda chora e acho que não está adiantando. Entro na banheira com ela, pego o sabonete e a ajudo a tirar o gel. Aos poucos, ela parece aliviada, já não chora mais, e nem está dando pulos na banheira.

— Pronto? Melhorou?

Ela assente com a cabeça. Guardo o sabonete e ela me encara, de repente, temos uma crise de riso.

— Não vou sair do quarto amanhã — ela diz.

— Eles vão se lembrar disso em todas as festas de família. Agora, já que fez todo o escândalo, venha aqui, você ainda me deve um orgasmo.

Nada como estar de volta a V.D.A., tudo está uma bagunça, esses dois idiotas atrasaram tudo. Também, o que eu esperava tendo o Sebastian de licença e o Cleber apaixonado como presidentes? Gilcelle não quis vir comigo, disse que viria depois, com um de meus carros, e imagino que esteja dando um jeito de se livrar da minha família. Eu os amo, mas isso de irem morar com a gente é demais até mesmo para eles. Espero que ela consiga.

A mesa vazia do lado de fora me lembra que preciso recuperar minha secretária. Deixo a bolsa sobre a mesa e vou até a sala de Cleber. Ali está ela, quietinha em sua mesa, colada a tela do notebook, concentrada em seu trabalho. Me aproximo e quando falo, ela dá um pulo na cadeira e fecha imediatamente a tela do notebook.

— Isso era o WhatsApp, Bah?

— Não senhor. Era uma planilha.

— Deixe-a em seu whats, homem. Ela trabalha mais feliz quando entra no grupo dos gogoboyes que participa logo pela manhã — diz Cleber me acertando um tapa.

— Aquilo não é um grupo de gogoboyes, são meus amigos — defende-se Bah.

— Sei. — Então ele se vira para mim com aquele sorriso de deboche. — Fico feliz que tenha sobrevivido à lua de mel. Onde dói?

— Na alma. Imagine você que toda a minha família está hospedada na minha casa. Toda não, o idiota do Marcus não está.

— Justo quem mais precisávamos. Mas não demorará a aparecer se sua família está lá.

— Ele tem que aparecer logo, antes que a Gilcelle os expulse.

— Por falar nela, onde está minha secretária linda?

— Estou bem, aqui — responde Bah sorrindo.

— Nada disso, você volta comigo e a Gil volta para o Cleber — decreto.

Barbara arregala os olhos e parece em pânico.

— Senhor Dantas. Eu juro que não limpo mais os óculos com sua gravata, juro que não como mais sua sobremesas, mas não me obrigue a voltar para ele. — Aponta o dedo para mim.

— Mas o que é isso? Você virou a casaca pra ele? Sua ingrata! Fui eu quem te deu emprego aqui! Volte agora mesmo para a sua mesa! — ralho.

— Senhor Amorim, agradeço sua ajuda, foi de grande valia, mas não sou obrigada a ter que esterilizar cada caneca, limpar sua mesa com álcool gel três vezes ao dia e usar luvas para tocar os seus papéis. Senhor Dantas, por favor, me mantenha com o senhor.

O sorriso de Cleber está ainda maior quando ele acaricia o cabelo dela.

— Claro, querida. Ela é minha, Matheus, você perdeu.

E assim, volto para minha sala derrotado, sem uma secretária e sem saber onde enfiar a Gilcelle quando ela aparecer. Não vai gostar nem um pouco de saber que foi trocada pela dialeto gaúcho.

O que me parecem horas depois, a porta da minha sala abre e espero que minha mulher apareça, mas é Alzira quem me traz café em uma bandeja.

— Bom dia, senhor Amorim. Café com leite e creme, em sua caneca aquecida e esterilizada, como o senhor gosta.

— O que está fazendo aqui, Alzira? Achei que a tivesse demitido.

— Isso foi um equívoco, senhor. O senhor não me demitiu.

— Tenho absoluta certeza... — a porta abre e Gilcelle aparece. Ela encara Alzira que quase joga a bandeja sobre a mesa e sai correndo.

Gil anda a passos largos até minha mesa e espero que vá brigar por ter sido trocada pelo Cleber, ou por ter encontrado Alzira na sala comigo, mas sua reclamação é outra:

— Matheus Estúpido Amorim! Por que caralho tem seis milhões na minha conta? Você ficou maluco? Acha que vai ficar distribuindo dinheiro? Seu patrimônio é meu agora! Vamos lá, pra quem mais você deu dinheiro? Vamos pegar de volta.

Recosto a cabeça nas mãos e a observo segurando o riso.

— Amor, meu patrimônio é seu, certo? E o seu é meu — ressalto.

— Eu não tenho nada.

— Tem seis milhões na conta.

— Qual o sentido de tirar o dinheiro da sua conta e passar pra minha se continua sendo de nós dois?

Levanto-me e a abraço por trás, matando a saudade de seu cheiro delicioso.

— O sentido é que você não precisa me pedir nada. Pode usar seu cartão, do jeito que quiser, quando quiser. Claro que se quiser me pedir, estarei aqui para atendê-la. Mas se sentir-se mal com isso, este é o seu dinheiro.

Ela se vira de repente em meus braços e quando vou beijá-la, se afasta com um sorriso.

— Não pode me beijar aqui, é contra as regras da empresa.

— E quem foi que criou essas regras?

— Um idiota com mania de boas regras.

— Um tremendo idiota! Acho que vamos quebrar todas elas. — A puxo e beijo antes que ela possa correr, e ela sai da minha sala dez minutos depois sorrindo e descabelada.

Jogo-me em minha cadeira, acho que ela ainda não descobriu que foi trocada, então tenho mais alguns minutos de paz. Porém, essa paz acaba assim que abro a conta dela no notebook. Zerada. O extrato que ela esfregou na minha cara era de hoje de manhã, então...

A porta abre e ela entra furiosa.

— Estúpido! Eu gostei do seu gesto! Por que caralho mandou tirar o dinheiro da minha conta?

Passo as mãos pelos cabelos e me levanto.

— Amor, eu não mandei.

— Então, onde estão os seis milhões que estavam nela agora há pouco?

— Foram roubados.

Ela cai sentada na cadeira e tudo o que posso ouvir do que murmura em desespero, é a palavra *matar*.

3 horas antes

Como é que eu vou dar as caras?

Estou sentada na cama enorme que agora também é minha, mirando a porta e amaldiçoando a Suzana e sua sabedoria em utensílios sexuais. Se não fosse por ela, toda a família do meu marido não estaria agora sentada naquela mesa de café da manhã, esperando ansiosamente que eu saia do quarto para rir da minha cara. Tenho certeza de que todos estarão tremendo ou com as vistas coladas no meio das minhas pernas para ver se há algum tremor aqui.

Um beijo estalado na minha testa me traz de volta a realidade e aquele par de olhos azuis, mais lindo do mundo, me fita com todo amor que um par de olhos azuis pode conter.

— Quer tomar café na rua comigo? Podemos sair pelos fundos, passamos em uma cafeteria e você não precisa enfrentá-los logo cedo — ele oferece.

— Não, não vou sair como um ladrão na surdina quando os donos da casa assaltada chegam mais cedo. Vá para o trabalho, você disse que eu poderia cuidar deles, quero fazer isso do meu jeito.

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e parece com medo.

— Como você irá para a V.D.A. depois?

— Pego um de seus carros. E não faça essa cara, são meus carros agora.

Ele beija minha boca, pega sua pasta e se afasta, mas, para na porta e praticamente suplica ao me lembrar:

— A vovó é velha, bem velha, tem o coração fraco.

Cruzo os braços irritada e empino o queixo para ele.

— Por que está me falando isso?

— Só para que não se esqueça. Bom dia, meu amor.

É minha vez. Estou montada no salto, como diria Samarão, com meu macacão mais fino da linha de roupas finas que estão naquele closet obscuro lá em cima. E muito segura do meu papel na noite passada, mas principalmente, do meu papel nesta casa. A minha casa.

Cumprimento a todos com um sorriso, não grande demais, não precisam achar que estou feliz por estarem aqui, apenas para que saibam que não estou nem aí para seus julgamentos. Como eu previ, Miguel olha o meio das minhas pernas e as abro na cadeira.

— Quer tocar pra ver se está tremendo? — desafio e ele abaixa a cabeça, enquanto a velha arqueia e quase engasga com seus ovos mexidos. — Vamos deixar uma coisa bem clara aqui! O que aconteceu na noite passada, provavelmente vai acontecer em quase todas as noites. Porque Matheus e eu somos casados. Nós transamos. Muito. E as coisas tendem a sair do controle quando fazemos isso. Na verdade, temos um azar danado quando se trata disso. Portanto, não quero ninguém no corredor de cima nas madrugadas. E não quero ninguém olhando minha bichinha no café da manhã. Fui clara?

Mandy e Miguel riem, Marisa parece meio desconsertada, mas assente. Apenas a velha me encara como se eu fosse um diabinho dançando Macarena nu na mesa.

— Não me olhe com essa cara, vovó. A senhora já foi casada e sabe o que é isso. Afinal de contas, os Buscapé vieram de algum lugar. Também quero tê-los, portanto, não atrapalhem. — Ao perceber o que acabei de falar, explico. — Quero ter filhos, não Buscapés, tomara que meus filhos não sejam loucos como vocês.

Assim, tomamos café em silêncio. No instante em que termina seus ovos frios mexidos, a velha Mariana tenta escapar, mas não permito.

— Espere, vovó. Há uma coisa que quero mostrar a vocês. Quando eu estava em sua casa, Marisa, havia uma lista de regras pregada em meu guarda-roupa. Era sua casa, suas regras. Eu juro que me esforcei para segui-las. Agora, vocês estão em minha casa, portanto, seguirão a minha lista de regras. Eu as preguei nos guarda-roupas de vocês. Devem segui-la à risca para garantirmos uma boa convivência. Caso não gostem de algo, sintam-se à vontade para sair porta afora. Agora sim, pode ir vovó, bom dia. A senhora sabe ler, não sabe?

A velha sai xingando mais palavrões do que eu seria capaz de xingar e vou feliz e contente para o meu trabalho. Vamos ver quando tempo os Buscapé sobreviverão à minha lista.

Hora atual

— Acalme-se querida, já chamei um especialista. Vamos descobrir quem fez isso e recuperar nosso dinheiro.

O mundo gira, a mesa do Matheus gira, o próprio Matheus gira. Não é possível. Sabe quando você tira um extrato, porque sua irmã anda fazendo saques na sua conta, e você está acostumada com alguns milzinhos ali, os que sobraram dos orgasmos que o Matheus não cobrou. E de repente, você é milionária, sua conta pula de casa e ele é o homem mais fofo e mais preocupado do mundo e você acha que seu dia será lindo e rico? Então, a égua da sua irmã vai lá e cata tudo. Tudo! Meu Deus! Como vou falar para esse homem lindo, que me deu sua fortuna de bom grado, que compartilhei a conta com a imbecil da minha irmã, que deve estar de caso com algum padre salafatório que a convenceu a pegar tudo?

Alguém bate na porta e o alívio no rosto de Matheus me indica que é o tal especialista. Olho para a porta com súplica, mas quem aparece é Cleber. Sei que meus ombros murcham imediatamente, mas quero que esse homem chegue logo, para esclarecermos isso, e se Deus quiser, descobrirmos que a Antônia não tem nada a ver com esse sumiço.

Cleber senta-se de frente para mim, pega minhas mãos suadas e diz:

— Quem mais tem acesso a sua conta?

Eu o encaro aturdida, e olho para Matheus.

— Isso é brincadeira, não é? O seu especialista não pode ser o Cleber.

Ele se faz de ofendido e incha o peito antes de falar:

— Eu achei a sua irmã em um par de horas. Portanto, não duvide da minha capacidade. Vamos, quem mais tem acesso a sua conta?

Ok, não custa tentar.

— Antônia.

Ele e Matheus soltam mais palavrões do que a velha no café da manhã.

— Já sei como resolver isso — diz Cleber se levantando.

— Pode não ter sido ela! Você não pode simplesmente acusá-la — insisto.

— Não vou. Primeiro de tudo, abrirei uma conta nova para você, uma que apenas você terá acesso e não ouse passar essa senha nem mesmo para o seu marido.

— Vai achando. Eu vou abrir a conta da minha mulher, agradeço sua prontidão, mas eu sempre saberei a senha dela — defende-se Matheus.

Matheus sabe minha senha? Todo mundo sabe minha senha? Quando volto a mim, Cleber sumiu e estou no colo do meu marido, que beija meu cabelo e acaricia meu rosto tentando me acalmar.

— Acho que vou trabalhar. É melhor do que ficar pensando nisso. Me desculpa por não ter te contado sobre essa conta antes — digo de cabeça baixa.

Ele parece surpreso, mas logo sorri e me beija.

— Não tem que desculpar-se. Fique tranquila, darei um jeito em tudo.

Enfio minha cabeça em seu pescoço e ele me rodeia com os braços.

— Vai dar um jeito na minha burrice também? Como é que não cancelei o cartão que está com ela, assim que esse dinheiro caiu? Ela já havia feito saques na minha conta antes. Eu devia imaginar.

— Amor, ninguém imagina uma coisa dessas. Não fique assim, vamos dar um jeito.

Levanto-me para ir para a minha mesa, em frente a sala do Cleber, quando reparo que a mesa do Matheus está vazia.

— Onde está sua secretária nanica?

— Então, sobre isso. Ela não quer voltar para mim, quer ficar com o Cleber.

— E onde eu irei trabalhar?

— Amor, você não precisa...

— Que bom querido! — interrompo antes que ele estoure a bolha de amor que estou sentindo no momento, dizendo que devo ser uma louca e irreverente dona de casa. — Adorarei ser sua secretária.

Ele arregala os olhos e seu tique no olho ataca.

— Eu não... eu não disse... você não.

— Acalme-se amor, darei um jeito em tudo. Como gosta do café mesmo? No copo descartável?

Ele se segura para não brigar comigo por minha falta de paciência enquanto eu me seguro para não chamá-lo de gay por tantas frescuras. Assim passamos a tarde enquanto ele me explica como gosta de cada coisa, até que ele percebe que não serei a secretária que ele espera e desiste, transferindo boa parte dos afazeres para ele mesmo.

— Você deveria me contratar uma assistente — resmungo entrando em sua sala.

— Para dividir o serviço que você não tem? — retruca mal humorado.

— Sou a melhor secretária que você poderia ter.

Ele sorri com ironia. Aproximo-me dele e monto em seu colo.

— Sou a melhor secretária que você poderia ter. — Mordo seu pescoço e ele fecha os olhos — Discorda?

Sua boca toma a minha e ele sussurra em meus lábios que sou mesmo a melhor secretária de todos os tempos.

De repente um palavrão me faz sair de cima dele em um pulo e Cleber está parado ali com aquele sorriso safado.

— Parem de se agarrar e vamos, já sei como atrair Antônia até sua casa. Depois, caberá a você descobrir se esse dinheiro está com ela.

— Vamos! — grito correndo em direção a porta. — Coloque-a na minha frente, e eu me asseguro de arrancar tudo daquela vaca!

Se Antônia mexeu em um centavo que seja desse dinheiro, ela não perde por esperar.

Regras

Olá, você está na residência da Gilcelle Amorim. Leia e siga estas regras para garantirmos a boa convivência desta família. Críticas a minha lista, não serão aceitas. Se não concordar com algo, a porta da rua é serventia da casa, mas deixo que nos visite, às vezes, com hora marcada.

Casa da Gil. Regras da Gil.

- 1 - Proibido mais de um banho por dia
- 2 - Proibido usar roupas brancas
- 3 - Proibido usar sapato na sala de TV
- 4 - Proibido separar a comida no prato
- 5 - Proibido recusar a sobremesa
- 6 - Proibido mexer na arrumação da casa (Ex. Quadros, vasos e qualquer coisa aqui dentro devem permanecer no lugar e na posição em que estiverem)
- 7 - Só é permitido bebidas em copos descartáveis (questão de higiene, vocês entendem)
- 8 - Permitido colocar o pé no sofá
- 9 - Lavar as mãos antes de cada refeição e depois de usar o banheiro, nada mais do que isso.
- 10 - Vale a lei dos 5 segundos, se algo cair no chão tem que comer, não pode jogar fora (Nada de desperdício)
- 11 - Não pode lavar louça a noite
- 12 - Pode beijar a vontade dentro desta casa, sem restrições (isso vale para a borboleta também)
- 13 - É permitido sentar na tampa do vaso
- 14 - Ginger tem preferência no banheiro e nas refeições (ela é a bebê da casa)
- 15 - Pode falar palavrão à vontade
- 16 - O cardápio será escolhido apenas por mim (Gil, dona da casa)

Capítulo 15

Matheus

Ela se deita em meu ombro e Cleber me olha pelo retrovisor. Apenas assinto para ele. Eu vou contar. Só preciso achar a melhor maneira de fazer isto. Desde que voltamos à capital, muitas coisas têm acontecido e ainda não tive uma boa oportunidade após o nosso casamento no civil, de falar sobre nosso casamento na igreja. Sim, ela ficará furiosa quando descobrir, mas sinto que se ela souber antes, a data e o local, algo a impedirá de aparecer, então me deixe com minha covardia por enquanto.

Cleber fica para jantar em nossa casa, pois quer esperar que nossos ladrões apareçam, e vejo a careta que a Gil faz cada vez que ele se refere a irmã dela como ladra. Mas infelizmente, tem dedo nela no sumiço deste dinheiro. E com certeza, da merda do meu irmão também. Ela me abraça e caminhamos na mais absoluta paz, até entramos em casa.

Se alguém da minha família morresse e resolvêssemos velar seu corpo em minha sala, acho que a cena seria exatamente a que estou vendo. Com exceção de Amanda, que está descalça, com os pés em cima do sofá e um fone enorme no ouvido, cantarolando. Mal piso na sala, mamãe e vovó vêm para cima de mim como duas loucas, e não consigo entender nada do que falam. Por fim, Gil assovia fazendo as duas se calarem e me diz como se não fosse nada demais.

— Lembra a lista de regras que sua mãe nos fez seguir na casa dela? Pois é, elaborei uma parecida para que elas sigam na minha casa. Não é nada demais, mas tire o sapato ao pisar na sala. — Ela me lança um beijo e vai para a cozinha.

— Isto não é uma lista de regras, isto é um absurdo! Vai contra toda a tradição da nossa família! — reclama mamãe me estendendo um papel.

Passo a vista pela lista realmente absurda da minha mulher e me seguro para não ter um ataque de riso.

— Bom, mamãe. A casa é dela. E de qualquer forma, se formos analisar, a sua lista também ia contra todos os princípios dela e não fazia sentido, e mesmo assim ela a seguiu. Não custa tentarmos deixar minha esposa satisfeita, não é mesmo?

As duas parecem que vão me fuzilar, mamãe tira a lista da minha mão, cruza os braços e diz irritada:

— Quer satisfazer sua mulher? Ótimo! Tire o sapato para pisar na sala, está na lista dela, nada de sapatos na sala. E pode ir tirando esta camisa que está usando. Ela também proibiu roupas brancas.

Sim, a lista da minha Sereia é absurda e não dou dois dias para que minha família se mande daqui. Ela sai cantarolando do banho e a observo passar seus cremes, sorridente.

— Amo este creme — diz observando um de seus cremes preferidos que fiz questão de estocar aqui para ela. — Mas é muito difícil achar por aqui. Como o conseguiu?

— A Bah me ajudou com algumas coisas. Foi antes de viajarmos.

Seu sorriso aumenta e ela monta em meu colo, deixando o creme esquecido em cima da penteadeira. O cheiro dele, misturado ao aroma de sua pele formam uma combinação deliciosa. Cheiro seu pescoço e ela me abraça.

— Acho incrível a forma como preparou tudo antes mesmo de eu dizer sim.

— Amor, estou planejando tê-la na minha vida desde o primeiro instante em que pus os olhos em você.

— Eu amo tanto você. Por mais maluca que eu seja, e por menos que demonstre, não duvide disso. Sorrio, acaricio seu rosto e me sinto um bobo. É tão difícil conseguir que ela fique assim, tão dócil, tão aberta sobre seus sentimentos.

— Achei que ficaria bravo pela lista de regras — confessa.

— Aquilo é mesmo um absurdo. Mas eu dei carta branca para que você os expulse do seu jeito. Fico feliz que não tenha utilizado uma arma de fogo.

Ela se levanta e volta para o creme, parece aliviada, e sei que estou encrencado quando explica seus suspiros de alívio.

— Ah que bom que você me entende, porque o jantar hoje será feijoada. E não faça essa cara, há regras contra o desperdício e contra separar comida no prato, você vai comer como uma pessoa normal.

— Não vou comer pés e orelhas cabeludas de porcos. Ficou maluca?

— Sim, você vai. Se eu abrir uma exceção para você, os Buscapé reclamarão. Além do mais, me diga uma maneira mais eficaz de tirar visitas indesejadas da sua casa do que fazendo-as passar fome.

Olho para aquela panela fumegante com enormes orelhas cabeludas boiando e meu estômago embrulha. Nada contra a culinária tradicional de nosso país, mas tudo contra partes nojentas de porcos boiando no meu estômago.

— Eu comi algo na rua — justifico quando percebem que não comerei. — Cleber, será que pode vir comigo ao meu escritório? Precisamos trocar uma palavra.

— Um segundo, homem. — Ele enche seu prato de feijoada e me segue.

Logo, Miguel entra atrás. Parece meio verde e sei que o prato da noite o enjoou também.

— Sei que querem nos expulsar, irmãozinho, mas sua mulher está iniciando a terceira guerra mundial com a velha Mariana. Isso não vai acabar bem.

— Não se meta e sairá vivo. Temos um problema maior do que este. — Saco os relatórios das últimas duas semanas e mostro a Cleber. — Estes são os relatórios das obras do hotel de Madri das duas últimas semanas. Avalie e me diga o que há de errado.

Ele termina calmamente sua refeição, antes de pegar os papéis da minha mão.

— Caralho! De onde saiu este valor?

— Solicitei hoje mesmo as notas fiscais e autorizações de gastos ao engenheiro, algo está errado.

— Algo está muito errado, se isto estiver certo, a V.D.A. vai falir em uma semana. — Ele me encara e sorrimos, os gastos são exagerados, mas não é para tanto.

— Estou te mostrando, porque essa é sua parte, portanto pare de agir como um estúpido apaixonado e preste mais atenção no seu serviço — alerta.

— Farei isso, amigo. E você, pare de agir como um estúpido covarde e conte a sua mulher sobre o casamento de vocês. Não é possível que em dez anos não tenha aprendido que ser covarde sempre dá merda.

— Farei isso, amigo. Esta noite.

Quando Miguel disse que a guerra se iniciaria em minha casa, não estava brincando. Ao invés de irem embora, como Gil queria, mamãe e vovó, principalmente a vovó, resolveram peitá-la. Estamos todos assistindo ao jornal na sala, e se não bastasse Ginger empoleirada na poltrona principal bem de frente para a TV, quando vovó deixa sua torrada cair no sofá, Gilcelle logo se levanta. Vovó a pega e prepara-se para jogá-la fora, mas Gil grita:

— Sem desperdício, vovó. Coma.

Minha avó a encara, esperando que ela diga ser uma brincadeira. Eu a encaro, esperando a mesma coisa, pois sei que esta lista é para expulsá-los, mas ela não precisa segui-la tão à risca. Não precisamos de nenhum extremo.

— Não estou brincando — ela informa.

— Não colocarei na boca algo que contém germes de nádegas de outras pessoas.

Gil revira os olhos com uma careta.

— Os únicos germes aí são dos peidos que a senhora soltou neste sofá, acha que não ouço?

Vovó parece prestes a ter um treco, e mais do que depressa, arrasto minha mulher escada acima pelo braço. Ainda acabarei com problemas nas pálpebras se ela continuar me fazendo ter estes tiques diários.

— Gilcelle! Estou usando uma blusa rosa, andando descalço por um tapete imundo e morrendo de fome, tudo isto para não tirar sua autoridade nesta casa, mas fazer a minha avó, uma senhora de idade, comer algo que caiu no sofá é maldade!

— Muitas pessoas dariam tudo para ter uma torrada de sofá para comer — justifica-se.

— Amor, se quer fazer uma boa ação, eu te passo a lista de cada causa e Instituição que a V.D.A. ajuda e você pode doar e ajudar também, mas, por favor, tente não matar a minha avó do coração.

— Ok.

Esta é minha chance, ela está mansinha para que eu não brigue por conta desta lista absurda, não haverá momento melhor de iniciar isto.

— Sabe uma coisa engraçada que aconteceu hoje? — começo. — Imagine você, que encontrei um amigo da faculdade e ele está de casamento marcado.

Ela começa a tirar a roupa e vai logo avisando:

— E o convidou para ser padrinho de olho no presente, certo? Eu vou comprar o presente, você não vai gastar uma fortuna com alguém que sequer manteve contato.

— Não é isso. Imagine você, que ele organizou este casamento surpresa para sua noiva. Ela não sabe.

Ela para de tirar a roupa e me encara de repente.

— Como assim? Está dizendo que estão de casamento marcado na igreja e a noiva não sabe?

Quando confirmo ela sorri.

— Uau! Este sabe ser burro! Vai perder a noiva antes mesmo de se casar com ela.

— Você achou a ideia dele tão ruim assim? Achei meio... romântica. — Tento fazê-la ver as coisas por outra perspectiva.

— Amor, acredite. Não é nada romântico você descobrir que vai se casar no dia do seu casamento. Tipo, a graça é ficar noiva, escolher convites, fotógrafo, buffet, vestido. Como ela vai escolher o vestido se não souber? Com que roupa ele acha que ela vai se casar? Mesmo porque, um casamento é uma coisa tão de duas pessoas, que é idiotice e egoísmo que ele planeje tudo sozinho. Está privando os melhores momentos dela com isto.

Merda. Caralho. Estou fodido.

Saio do quarto com o rabo entre as pernas e vou atrás da mamãe. Ela me disse que deveria contar tudo a ela, então tomara que tenha uma boa ideia para me ajudar nessa. Explico a situação e ela coloca as mãos no rosto, chocada.

— Filho, me diga que está brincando e não cometeu tamanha burrice. Pelo amor de Deus, Matheus, você é mais inteligente do que isso.

— Não deu tempo de avisar, o que faço agora?

— Cancele! Adie! Faça qualquer coisa, mas não a leve para a igreja para descobrir lá que é o casamento dela.

— E se ela receber o convite amanhã?

— Ficou maluco? O casamento está marcado para daqui a dez dias. Ela não conseguirá nem mesmo encontrar um vestido neste prazo. Vai matá-lo afogado no vaso se descobrir isso assim. Adie este casamento.

Sento-me de frente para ela e seguro suas mãos.

— Não posso. Vai me achar maluco, mas não posso fazer isto. É minha única chance.

— Filho, isto não é uma chance. Vocês já estão casados no civil, para que este desespero? Cancele esta data, a peça em casamento decentemente e deixe que ela marque e organize tudo.

— Mamãe, ela não é uma mulher organizada. Se eu deixar em suas mãos é capaz que ela se case usando um vestido vermelho ao som do Mc Gui.

— Melhor isto do que perdê-la de novo.

Mamãe não entende, então, tento minha melhor amiga.

— Alô, Suzana, como está, querida? Sim, o Cleber ainda está aqui, mas preciso da sua ajuda. Não sei se o Cleber comentou com você, mas meu casamento na igreja é em dez dias e vai ser uma surpresa para a Gilcelle.

— Ah Matheus, merda. Ele comentou e não levei a sério porque pensei que você não seria tão burro. Isto não vai funcionar, você viu a reação dela com o casamento no civil, se descobrir que vão se casar na porta da igreja, sairá de lá viúva.

— Então, o que eu faço?

— Cancele este casamento e marque outra data. A peça em casamento e deixe que ela planeje tudo.

— Mas será que vocês só sabem dizer isto?

De repente há um resmungo do outro lado da linha, um resmungo de um bebê e a voz de Celina preenche meus ouvidos.

— Olá, meu novo estúpido preferido. Primeiro de tudo, se você tivesse aceitado e seguido meus conselhos, jamais marcaria um casamento sem que a noiva soubesse. Isso é o cúmulo da burrice e do desespero, até mesmo para você.

— Ela me disse hoje mesmo que acha incrível a forma como planejei tudo para tê-la em minha vida.

— Acredite, ela não estava se referindo a um casamento na igreja. Mulheres gostam de planejar essas coisas. Mas, já que já cometeu a burrada, penso que ela se chateará também se descobrir que você marcou a data e desistiu. E já que já deu com a língua nos dentes e contou aos outros, não pode cancelar.

— Deu com a língua nos dentes? Você anda lendo esses romances de faroeste do Sebastian?

— Ah sim, eles contêm umas partes bem interessantes.

— Interessantes? O que podem conter de interessantes? Cavalos?

— Sim, nos dois sentidos. Mas vamos nos focar no seu casamento. Se você contar a ela, ela não irá, isto é fato. E se levá-la até lá para só então descobrir, ela sequer vai entrar na igreja.

— Então, o que eu faço?

— Não sei. Não mandei ser idiota a este ponto, agora se vire, querido. Mas não desmarque a data!

Maldita bruxa e seus conselhos inúteis.

— Mas — ela continua. — Talvez ela tenha uma melhor amiga que ficará os próximos nove dias dizendo a ela como é romântico este tipo de casamento surpresa e fazendo com ela que ela veja as coisas do casamento, sem saber que estamos falando do próprio dela.

— Celina, eu te amo. Juro que se ela disser sim naquele altar, nunca mais eu *trollo* seu marido.

— Ah não, não quero promessas tão bobas, quando ela disser sim, graças a mim, quero que se comprometa a ficar com a Nath todos os finais de semana em que eu e o Sebastian quisermos dar umas voltas.

— Eu deveria imaginar que você pediria a minha alma. Fechado. Leve a maluca da minha mulher para o nosso casamento e eu adoto a sua filha.

— É por coisas assim que você é meu estúpido preferido.

Cleber entra no meu escritório para receber algum fax e encerro a ligação menos desesperado. Celina sabe ser persuasiva. E gosta de bancar o cupido. Ela não contará a Gilcelle e ainda a convencerá de que este foi um gesto lindo da minha parte. Nada como ter a Celina Morelli como amiga.

Deixo Cleber com seus fax no escritório e vou à procura de Gilcelle, quando a vejo empoleirada em alguém. É Antônia. Está parada na sala, uma mala ao lado, parecendo meio fora do lugar.

— Olá, Antônia, que bom vê-la. Onde está o...

Não preciso terminar a pergunta, pois ele aparece. Com uma mala enorme nas mãos, sorrindo como só alguém que acabou de roubar seis milhões poderia sorrir.

— Boa noite, Matheus — diz.

— Boa noite, Marcus. Acho que precisamos conversar.

Ele assente e um Cleber meio pálido me arrasta para longe de onde minha avó abraça Marcus.

— Não sei como isto aconteceu, Matheus. Mas o engenheiro me enviou por fax as notas e autorizações dos gastos e todas elas, sem exceção, estão assinadas por você.

— O que?

Puxo os papéis de suas mãos e é minha letra ali, em valores absurdos que com certeza não foram gastos apenas nas obras.

— Quer me explicar por que caralho autorizou isto?

— Cleber, não seja idiota, é claro que eu não autorizei isto.

— Então, como é que sua assinatura foi parar aí?

Meu Deus, quantos capítulos faltam para o final mesmo? Não é possível que eu tenha caído em um golpe.

— Eu não faço a menor ideia — admito.

Este será o final de livro mais conturbado da história.

— Mas que caralho está fazendo aqui? — pergunto atônita encarando Marcus.

A careta de Antônia me faz começar imediatamente uma canção de negação na minha mente. Não é possível. Não pode ser. Isto não aconteceu...

— Ele está comigo, Gil. Marcus é o meu namorado.

Minha nossa senhora das mulheres ímãs de gays. Desse jeito minha irmã vai morrer virgem. Não tenho tempo de arrastá-la para um lugar reservado, para contar que seu bofê é uma borboleta, porque a velha, Mariana, a abraça e inexplicavelmente puxa muito saco dela. Cruzo os braços e a observo perguntar a vida toda de Antônia. Coisa que não fez comigo.

Fico mais de meia hora tentando arrastar Antônia da sala, onde todos querem conhecê-la, Marisa parece tão emocionada, que acho que vai chorar a qualquer momento, e mais uma vez serei eu a acabar com esta felicidade toda, mas não permitirei que minha irmã seja enganada por um comedor de rabo de novo. Quando finalmente consigo aproximar-me dela, a arrasto imediatamente para o andar de cima.

— Antônia, onde diabos você estava? Por que fugiu do convento? Por que não me deu nenhuma notícia?

— Oras, se foi você mesma quem me convenceu que aquele não era o meu lugar.

Abaixo a cabeça e respiro fundo, preciso começar do começo.

— Onde conheceu Marcus? Desde quando estão juntos?

— Ele me procurou pouco depois do Matheus, para ajudar-me a mando dele. Ele é lindo, educado e nos apaixonamos.

— Depois do Matheus? Para que o Matheus te procurou? — Ela abre a boca para explicar, mas não permito, preciso contar. — Olha, é impossível que tenham se apaixonado. A semana que passei na casa da família Amorim, acabou quando eu consegui provar para a família que o Marcus é gay.

Ela arregala os olhos, põe a mão no coração e parece indignada.

— Ele me disse que teve problemas com você e sua agressividade, e que poderia inventar algo do tipo. Mas achei que ficaria feliz por mim e não seria capaz. Eu não devia ter insistido para vim vê-la.

— Não estou inventando. Pode perguntar ao Matheus, e se acha que ele vai puxar sardinha para o meu lado, pergunte ao Miguel ou a Amanda, qualquer Buscapé pode confirmar o que estou dizendo.

— Chega, Gilcelle, ele não é gay. Espero que Deus tenha misericórdia da sua alma e tire de você toda essa inveja.

— inveja? Olhe minha mão, querida. Estou casada com o Matheus, jamais teria inveja de uma borboleta. Não estou mentindo, ok, vamos direto ao ponto. Quantas vezes ele comeu sua bichinha?

Ela parece ainda mais horrorizada.

— Vamos nos casar primeiro.

— Claro que vão. É essa desculpa que ele usa para não tocá-la?

— Não é uma desculpa. Ele me tirou de um convento há poucos dias, não sou você que vai abrindo as pernas para qualquer Amorim.

— Isso não foi legal da sua parte. Tudo bem, deixemos o assunto borboleta para depois. Agora, quero que me diga onde estava e quem mais teve acesso a minha conta além de você.

Ela abaixa a cabeça e meu coração para. Vai dizer que roubou meu dinheiro e terei que matá-la. Ah meu Deus, que final mais triste eu terei.

— Não posso dizer onde estava, não é um segredo meu. E não sei nada sobre sua conta. Desde aquele dinheiro que me deu há algumas semanas, não mexi em mais nada.

O que? Como não? Então, quem foi?

— Tem certeza? Porque sumiram seis milhões da minha conta hoje, Antônio, fora isso, vários saques foram feitos nos últimos dias e a única pessoa além de mim que tem acesso a minha conta é você.

— Além de tudo está me acusando de ladra? Não mexi na sua conta e me faça um favor. Não fale comigo até que queira me pedir desculpas. Passar bem! — Ela bate a porta ao sair e não estou entendendo mais nada.

A semana passa e os Buscapé não foram embora ainda, mas estão perto, pois Marisa resmungou que está emagrecendo por conta dos cardápios nojentos que escolho. Respondi que dizer que comida é enjoenta é pecado e todos riram, menos ela. Além dessa bosta com Antônio, que não me deixa aproximar, cada vez que tento, ela pergunta se já vou pedir desculpas e quando começo a me irritar, me manda ir passear, algo está acontecendo na V.D.A.. Matheus, Sebastian e Cleber andam bem estranhos. No começo, faziam reuniões às escondidas, mas atualmente, trancam a sala e me deixam para fora mesmo. E nem consigo questionar Matheus sobre isto, porque o idiota está chegando muito tarde e saindo muito cedo, e só não vou ter uma crise de mulher traída, porque sempre que ligo para ele nas madrugadas, Sebastian está ao seu lado. E ele tem a Celina como namorada, jamais a trairia, seria quase um suicídio. Logo, não estão fazendo nada demais.

Matheus está trancado no escritório com Miguel e Cleber há horas, então, só me resta uma coisa a fazer: resolver a questão do “amor” entre minha irmã e meu cunhado *purpurinado*. Para isso, só preciso de uma mãozinha, aliás, uma mãozona: Miguel.

Sorrio para ele, que larga a colher de sorvete que tomava e me encara receoso.

— O que você quer?

Nem reclamo por sua desconfiança desnecessária, e vou logo pedindo:

— Seu irmão biba está fazendo a minha irmã, ímã de biba, de boba.

— Isso soou engraçado — ele diz rindo.

— Miguel, isso não tem graça! Preciso que me ajude. Marcus é bonito, mas você é bem mais. Só preciso que mostre qualquer tipo de interesse por minha irmã e ela vai trocar rapidinho o Marcus por você.

Ele olha para trás e observa Antônio atentamente.

— Sem sal. Lembre-se que só estou fazendo isto por você. E você me deverá uma.

— Ok, mas vá logo.

Ando de um lado para o outro no quarto, até que ele aparece. Está vermelho, irritado e andando meio encurvado.

— O que houve?

— Essa maluquice é de família? — grita irritado. — Dei um tapa na bunda da sua irmã e a chamei de gostosa, e ela me acertou as bolas berrando que eu ficasse longe de seu rabo. Qual é o problema de vocês?

Sei que não devia, Miguel é minha única saída, mas não resisto, tenho uma crise de riso.

— Desculpe-me, cunhado, me esqueci de avisá-lo. Antônio tem o rabo escaldado. Quando for tentar se aproximar de novo...

— Não vou me aproximar de novo, não há favor no mundo que valha minhas bolas. Arrume outro

para aguentar as loucuras das Lopes. Adeus.

Merda. Estou ferrada.

O café da manhã é uma merda. Matheus não estava quando acordei, havia apenas um bilhete avisando que precisou sair mais cedo. E odeio acordar sem ele na cama. Sim, ainda não superei isso. Ainda há o fato de ter que aguentar Marcus me olhando de cima, como se fosse mais do que eu, e ainda não descobri o que esse idiota aprontou, mas assim que descobrir, darei uma rasteira enorme nele. E se não bastasse, a velha agora ama Antônia. Passei todo o café da manhã ouvindo frases do tipo “Você sim é uma boa menina”, “Pelo menos o Marcus sabe escolher”. Então, tive que devolver com frases do tipo “Não separe o bacon dos ovos, vovó” e “Gostou do chá? Tinha um fio de cabelo vermelho nele, mas eu tirei e ficou uma delícia”. Sou um pouco vingativa.

Encontro Celina, Nathalia e Suzana em um restaurante na hora do almoço. Estou chateada, disse ao Matheus que Antônia não teve nada a ver com o sumiço do meu dinheiro, e tudo o que ele fez foi me mandar solicitar um extrato detalhado no banco. Estão andando os três estúpidos tão nervosos, que estou com uma pulga bem gorda atrás da orelha. Assim que as vejo, vou logo soltando:

— Está acontecendo alguma merda na V.D.A.. Os três estúpidos não saíram da sala de reuniões nos últimos dois dias.

— Cleber tem chegado em casa muito estranho, ontem mesmo, passou a noite mexendo em papéis e murmurando maldições — diz Suzana me estendendo Nath.

— Aqueles idiotas estão nos deixando de fora. Mas não se preocupe. Vou descobrir o que eles aprontaram — garante Celina.

Almoçamos e então, Celina me arrasta para uma loja de vestidos de noiva. Ela tem me feito almoçar com ela todas as tardes, e depois me leva para algo relacionado a casamento. No primeiro dia, desconfiei que fosse pegar o Sebastian pelo laço, mas ela ainda tem pavor a se casar, então não posso imaginar por que está pedindo minha opinião para convites, buffet e agora, vestidos.

— Gil, se o Matheus fosse idiota a ponto de marcar seu casamento na igreja sem avisá-la, que vestido você escolheria?

— Que tipo de pergunta é esta?

Ela dá de ombros e quase tenho um treco.

— Ah não. Não me diga que aquele idiota...

— Não estou dizendo nada — ela diz imediatamente. — Mas, me faça um favor e escolha um vestido.

Entro na loja entre vestidos brancos e véus brancos o que me lembra dos Amorim, o que já começa a me dar gasturas.

— Posso te garantir duas coisas, Celina. Se o Matheus fez algo sequer parecido, não tem a menor chance de eu entrar na igreja. E caso eu entre um dia, porque ele marcou a data e me avisou com um ano ao menos de antecedência, eu jamais me casaria de branco.

Ela encara Suzana, que faz uma careta, e as duas dizem juntas:

— Merda.

É, eu acho que vou matar meu marido.

Quando volto à V.D.A. eles ainda estão enfiados na sala de reuniões. Entro sem bater e os quatro se calam imediatamente. Não, você não leu errado, os quatro. Aponto para Miguel, irritada.

— O que é que ele está fazendo aqui, e por que tem direito a participar desta reunião secreta e eu não?

— Cunhada, estou tentando conseguir uma vaga aqui, você me deve uma, portanto fique quietinha. Matheus levanta-se e me abraça. Apertado. Posso sentir que está tenso.

— Vamos conversar em casa, meu amor. Vou contar tudo o que está acontecendo.

Vejo pelo canto do olho as caras de bosta de Sebastian e Cleber para meu marido, afasto-me dele e vou logo avisando:

— Vocês dois, idiotas. O que quer que esteja acontecendo, caso estejam colocando a culpa no meu marido, eu mato vocês.

Matheus sorri e me abraça de novo, ainda mais forte.

— Não estamos colocando a culpa em ninguém, criatura. Vá fingir que trabalha e nos deixe resolver isso — diz Sebastian.

— Vocês sabem que só vão resolver o que quer que esteja acontecendo, quando chamarem Celina e eu para esta reunião.

— Desta vez, bebê, nem mesmo vocês duas poderiam ajudar — diz Cleber com um semblante meio triste.

Mas que merda está acontecendo?

— Bom, só queria saber se estava bem, Matheus, e se comeu alguma coisa. Ah, e não sei se faz diferença, mas hoje me lembrei de tirar o extrato no banco, e todos os saques na minha conta foram feitos em Madri.

De repente, quatro homens estão em cima de mim me puxando para todos os lados, pedindo para ver os extratos. Quando os mostro a eles, Matheus me beija, Cleber bate palmas, Sebastian e Miguel fazem uma dança estranha e fico ainda mais perdida do que estava quando entrei aqui.

— Amor — Matheus diz segurando meu rosto, parece realmente emocionado com alguma coisa. — Deveria ter te contado tudo bem antes. Você é a melhor secretária e esposa do mundo! — Então me beija de novo, de um jeito atípico dele na presença de outras pessoas, ainda mais, dentro da empresa.

Quando estou sem ar, ele me coloca porta afora com um tapa na bunda.

Ok, fui dispensada, logo, posso ir para casa, certo?

Há uma cabeça branca rondando a entrada da minha casa, e não é da velha chata. Aproximo-me na ponta dos pés e grito:

-Há!

O velho dá um pulo desajeitado e me olha com a mão no peito.

— O que o senhor quer aqui? Tem vindo aqui observar minha casa nos últimos três dias que eu vi.

Ele parece sem graça, mas admite.

— Há uns dias vi uma mulher entrando aí. Ela é alta, esbelta e tem os cabelos grisalhos.

— O senhor é casado? — pergunto logo.

— Viúvo.

— Ótimo, acaba de ser convidado para jantar conosco. — Arrasto o vizinho de Matheus para dentro de casa. Serei agora, a neta preferida da velha Mariana.

Enquanto Matheus não chega para me contar que merda está acontecendo na V.D.A., preciso dar um jeito em outro problema: Antônia. Estou a semana toda tentando fazer com que ela entenda que não estou mentindo. Como não adiantaria ficar repetindo em sua cabeça que as colônias do namorado dela são femininas, resolvi mostrar de outra forma.

Sei que estão todos na sala, após o jantar, menos o Matheus que ainda não chegou, então, carinhosamente, jogo Ginger no colo de Marcus. Em menos de dois segundos ele está gritando e

sambando pela sala, e vai correndo lavar-se. Antônia me encara com uma careta, mas ainda não está convencida. Entro escondido no banheiro onde ele toma banho e deixo minha loção Victoria's Secrets à vista. Sei que ele irá usá-la. Assim que ele desce, cheiro o ar e comento:

— Não sabia que também tinha uma loção da Vic's, Marcus.

— Não tenho. A encontrei no banheiro, não havia conseguido achar desta. — Ele se cala ao perceber que falou demais e enquanto Marisa nega com a cabeça em desolação, Antônia arregala os olhos e mais uma vez, fecha a cara para mim.

Preciso pegar mais pesado. Ligo para Celina, e é ela, minha amiga diva, que tem a melhor ideia de todas.

Todos estão na sala, alisando as barrigas cheias de buchada e fingindo que não gostaram, quando a campainha toca. Não me movo, e não tiro os olhos da entrada da sala, e então, ela aparece. Em seus dois metros e seu salto de três, minha mais nova melhor amiga (você perdeu de novo leitora, por não me ajudar com a Antônia).

— Samarão? O que faz aqui? — Marcus pergunta espantado.

— Oras, olá, Marcus. Há quanto tempo não nos vemos. Que bom te reencontrar.

Ela aproxima-se dele e o abraça e a família toda o está observando atentamente.

— Olha, não sabia que a conhecia, Marcus. Estou me perguntando de onde será que você pode conhecer a Samarão? — digo.

Ele gagueja, e Samarão, como sempre, fala primeiro.

— Ele frequenta a boate onde trabalho, toda vez que está na cidade. Celina disse que o Cleber estaria aqui, Gil, onde está meu gostosão?

Bem quando acho que irei levar uma surra de um traveco, Matheus chega acompanhado de Sebastian, e para deleite da minha amiga, Cleber. Assim que bota os olhos nele, Samarão sorri e Cleber sai correndo, mas claro que ela corre atrás.

— Boa sorte, Cleber! — grito.

Há um silêncio constrangedor para Marcus no ambiente, e é uma questão de tempo para que minha irmã aceite que seu namorado queima a rosca.

Matheus sobe as escadas corrigindo os quadros e eu vou atrás entortando-os de novo. Entramos no quarto em silêncio e ele parece realmente exausto.

— Vai me dizer agora o que está acontecendo?

— Sim, mas preciso que confie em mim, Sereia, mesmo que tudo aponte para o contrário, você sabe que nunca faria nada de ruim aos meus amigos, ou a V.D.A..

— Você está me assustando. Fale logo.

Ele me senta de frente para ele e solta a bomba da vez.

— Uma quantia muito alta de dinheiro foi desviada das verbas das obras do hotel de Madri. Foram autorizados saques enormes, e a V.D.A. não tem de onde cobrir esses saques. Solicitamos ao engenheiro as notas e todas elas estavam assinadas por mim. Mas não fui eu, não desviei dinheiro da empresa.

— Foi o Marcus, não foi? Filho de uma puta!

— Sim, graças a você descobrimos isso. Saques feitos em sua conta em Madri, se seu cartão estava com a Antônia e ela estava com o Marcus, só pode ter sido ele. Mas, para provarmos, precisaremos de Antônia, precisaremos que ela conte a verdade.

Eu pulo em cima dele e caímos juntos na cama.

— Podemos dar um jeito nisso, por que não me disse nada? Você não tinha que aguentar isso sozinho, devia ter me dito. Aqueles dois babacas desconfiaram de você?

— Era meio difícil não desconfiar. Era a minha assinatura ali. Mas não, não me acusaram em momento algum, embora eu visse a dúvida em seus olhares de vez em quando. Não os culpo, é uma merda de situação.

— Se provarmos que Marcus falsificou sua assinatura, será possível devolver o dinheiro que foi desviado?

— Sim, se o localizarmos. Já mandamos averiguar todas as contas em nome do Marcus e da Antônia, e apenas os seus milhões foram encontrados numa conta em nome dela. As contas do Marcus, todas elas, estão zeradas.

Onde será que esse imbecil enfiou tanto dinheiro?

— Vá falar com a Antônia, Matheus. Ela vai ajudar.

— Eu vou, só estou esperando que Cleber retorne. Tomara que ele retorne.

Não quero estar por perto quando provarem para Antônia o salafrário que a borboleta é. Por isso, fico dando voltas pelo corredor, perto da porta do escritório dele, para que se ela precisar de mim, ou de algum apoio, eu esteja ali bem perto. É aí que ouço um barulho estranho, vindo da janela. Devo estar mesmo louca, aproximo-me e vejo um vulto. Imediatamente saio correndo, passo pela porta dos fundos e pulo em cima da coisa abaixada embaixo da janela do quarto de Amanda.

— Ladrão! Ladrão! — começo a gritar, mas a própria Amanda aparece alarmada.

— Psiu! Silêncio, Gilcelle! É o Nuno, não é um ladrão, fique quieta.

— O que?

Após sair de cima do primo é que reparo seu cabelo loiro, e os músculos.

— Oras, que ideia é essa de aparecer todo vestido de preto embaixo da janela? Por que não entrou pela porta, como uma pessoa normal? — reclamo.

Os dois se olham e só então percebo a mochila na mão de Amanda.

— Aonde você está indo, Mandy?

— Vou fugir com ele. Gil, por favor, não fale nada. Não aguento mais tanta loucura e não quero ser o que esperam que eu seja. Estou quase fazendo dezoito anos, quero uma comemoração de verdade, ao lado de alguém que goste de mim como sou. Eu já planejei esta fuga milhares de vezes, sozinha. Mas agora que ele irá comigo, não tenho mais medo.

Aproximo-me dela e tento colocar algum juízo em sua cabeça.

— Amanda, eu sei que não é fácil aguentar sua família. Mas não fuja. Vai matar a todos do coração, sua avó já é bem velha. — Não acredito que estou usando o truque de Matheus contra ela. — Você está quase fazendo dezoito anos, aguarde mais estas semanas, e assim que for maior de idade, eu te darei um apartamento e você irá morar sozinha. Consigo emprego pra você na V.D.A., sua família não poderá se opor.

Seus olhos brilham e ela aperta minhas mãos.

— Todos ficarão contra você — diz.

— Não gosto deles, estou pouco me lixando, você é minha Amorim preferida.

— Obrigada, Gilcelle, você é a melhor irmã que eu poderia ter. — Ela me abraça e vai levar Nuno até o portão.

Mas claro que sei que ela não vai aceitar isso assim, tão facilmente.

— Amanda! — grito.

Ela se vira meio desconfiada e volta ao meu encontro.

— Me passe o número da conta do Nuno, em poucos dias depositarei algum dinheiro para que se virem. Mas tem que me prometer que assim que fizer dezoito anos, estará de volta a esta casa.

— Eu prometo. — Ela me estende um cartão. — Esta é minha conta, pode depositar aqui. Eu não queria ir embora mentindo para você, Gil, obrigada por me entender.

— Você não está indo embora e não concordo com isto. Quero você aqui assim que completar dezoito anos. Tenho contato com um detetive nada legal, não me obrigue a colocar alguém atrás de vocês.

— Juro que estarei aqui. Eu te amo. — Ela me abraça rapidamente e corre portão afora, montando na moto de Nuno.

E eu sei, que isso vai sobrar pra mim.

Não queria ser eu a fazer isto, mas não tive saída. Não obrigaria minha mulher a acabar assim com a própria irmã. Antônia segura os extratos de Gil, alarmada.

— Não fiz estes saques — diz pela milésima vez.

— Verifiquei seu passaporte, Antônia. Você estava em Madri, você tem o cartão da conta dela, os saques foram feitos lá. Sinto muito, mas se não me disser a verdade, terei que chamar a polícia, e deixar nas mãos deles — ameaço. Não vou realmente fazer isto, jamais chamaria a polícia para minha cunhada, mesmo que a ladra fosse ela. Mas preciso assustá-la.

— Antônia — Sebastian tenta. — Será muito mais fácil se disser a verdade logo. Quem tirou o dinheiro da conta da Gilcelle?

Ela não vai falar, o que quer que Marcus tenha feito, fez muito bem feito. Não terei outra saída. Pego as notas assinadas por mim, e alguns papéis com a letra de Marcus e mostro a ela. Primeiro, mostro os papéis dele.

— Reconhece esta letra, Antônia?

— Sim, é do Marcus.

— Sim. — Então mostro a ela as notas fiscais assinadas com meu nome. — Estas são notas assinadas por alguém, em meu nome. Graças a estas notas, muito dinheiro foi desviado das contas da V.D.A., e se não recuperarmos esse valor logo, teremos que fechar as portas. Talvez você não entenda, mas não estive em Madri recentemente, como pode ver, a letra de Marcus se assemelha muito a esta assinatura. — Ela encara a assinatura e abaixa a cabeça, ainda não vai falar. — Antônia, se fecharmos a V.D.A. mais de cinco mil pessoas ficarão desempregadas. Cinco mil famílias dependem deste trabalho para sustentar seus filhos. E não estou falando só por eles, mas o cara ao meu lado tem uma filha de poucos dias. Eu acabei de me casar com sua irmã na intenção de dar a ela a vida que nunca teve. E por causa destas assinaturas que não são minhas, perderemos todo o império que trabalhamos anos para construir. Você acha isso justo?

Ela começa a chorar. Sei que estou pegando pesado, mas não estou brincando. O desvio foi muito maior do que havíamos imaginado, há notas frias envolvidas, se a V.D.A. for investigada agora, fecharíamos as portas e eu acabaria atrás das grades. Preciso que ela colabore.

— Ele vai ser preso. Ah meu Deus, não posso acreditar. Matheus. — Ela me olha com súplica nos olhos. — Marcus é homossexual?

— Sim. Ele não te contou?

Ela começa a chorar mais alto, dizendo repetidas vezes algo como “meu rabo”, mas não sei o que quer dizer. De repente, Gilcelle aparece. Ela puxa a irmã para seus braços e tenta consolá-la, porem Antônia parece inconsolável.

Esperamos vinte minutos, Celina liga a cada três para Sebastian. Ele terá de contar a ela. Cleber finalmente aparece, há um rasgo em sua blusa, e quando vou perguntar, ele estende a mão me impedindo.

— Silêncio! Nem uma palavra sobre isto. Não me pergunte.

Sebastian e eu apenas rimos.

— Cara, se você não falar, chegaremos às nossas próprias conclusões — adverte Sebastian.

— Sebastian, se eu falar, vocês se tornarão meus cúmplices.

Então rimos mais ainda.

Por fim, até mesmo Gilcelle parece cansada de tentar consolar Antônio, a sacode até que minha cunhada olhe em seu rosto, e pede:

— Antônio, pare de chorar. Você precisa se vingar. Preciso que me diga se viu Marcus com estas notas, ou se ele se encontrou com alguém, qualquer coisa que possa nos ajudar a pegá-lo.

Antônia soluça e tenta falar, mas nada sai. Então Gilcelle me encara impaciente.

— Quer dar um jeito nisso?

— Eu? Se você que é irmã não consegue, o que eu poderia fazer?

— Você é um Dom! Ordene que ela diga.

— Amor, isso não funciona assim. Não posso simplesmente gritar com ela e fazer com que ela desenrole a língua.

— Quantas vezes você gritou comigo e eu fiz o que você queria? E estamos falando de mim, a chefe das pirraças. Faça o favor de vir até aqui e tentar, pelo menos.

Isso só pode ser uma brincadeira. Uma piada, um teste, algo que esses estúpidos filmarão e colocarão no canal do Sebastian no YouTube. Não farei isso. Todos me olham, Antônio ainda soluça, Gilcelle está ficando irritada, merda! Só podem ser loucos!

— Primeiro, Sebastian e Cleber, quero seus celulares. Ninguém vai filmar isso.

A contragosto, os dois me entregam os celulares e os enfio no bolso. Sinto-me um idiota caminhando até minha cunhada chorosa, sento-me diante dela e olho para minha esposa malvada implorando que não seja necessária esta cena tão ridícula.

— Nem adianta me olhar, ou isso ou você vai para atrás das grades. Vamos, tente. E tente com vontade.

— Antônio, sinto muito pelo que está passando... — Ela começa a chorar ainda mais alto.

— Assim não, com esse tom de voz não convenceria nem mesmo o Cleber a pagar um mico — ralha Gilcelle.

— E como você quer que eu faça?

— Quero que você ordene.

— Acontece que eu não mando nela, não mando nem mesmo em você, quem dirá nela.

— Apenas tente, homem! — diz Sebastian por fim. — Além de rirmos da sua cara, não tem mais nada a perder.

Ok, eu não queria fazer isso, vou parecer um idiota gritando neste escritório com uma criatura fragilizada, não sei porque fui inventar de amar logo essa louca, com uma irmã mais louca ainda.

— Antônio! Você viu o Marcus sacando a merda do dinheiro da Gil? — grito.

Ela arregala os olhos e nega imediatamente com a cabeça.

— E as notas? O que sabe sobre as notas? Fale logo!

— Isso eu vi. Ele as assinou, ele e um outro homem, mas não me lembro de seu nome.

— O que mais eles disseram? O que você sabe? — A seguro pelos ombros e ela desanda a falar.

— Nos encontramos com um homem lá, ele é bonito e elegante e falavam muito de dinheiro, Marcus tem muito dinheiro, não poupou gastos quando estávamos em Madri, ele visitou as obras do hotel. Como seu irmão, teve livre acesso a tudo, também estava com um investidor da V.D.A., e foi assim que teve acesso ao projeto de gastos do hotel. Eu o vi assinar as notas, mas achei que era ele mesmo quem deveria assiná-las, e não que estivesse assinando seu nome. É só isso que eu sei. — Então ela volta a chorar e encaro meus amigos, admirado.

— Caralho, homem! Essa coisa de Dom funciona mesmo! Me ensine a fazer isso! — pede Cleber.

Gil sobe com Antônio, orientando-a a não dizer nada a Marcus e nós ficamos ali até tarde matutando o que podemos fazer e mais ainda, quem é o tal homem que é investidor da V.D.A. e que ajudou Marcus a falsificar minha assinatura.

Estou cansado e desanimado, e morrendo de medo. Eu sempre fui muito correto com tudo na V.D.A., e agora, após anos de absoluto controle, saber que há notas frias com meu nome assinado rodando por aí não me permite um segundo sequer de descanso. Não é como se alguém fosse ligar para a Receita e nos denunciar, mas há essa possibilidade. E tudo me assusta neste momento.

O quarto está totalmente escuro quando entro, presumo que Gilcelle deva estar com a irmã. Acho que preciso de um banho. Talvez eu possa morrer afogado na banheira. Tudo bem, vou parar de drama, podia ser pior. Antônio podia não ter confessado e então meus amigos estariam achando que eu emiti essas notas falsas, logo, não preciso me preocupar tanto. Ok, isso não funciona, eu preferia nadar num rio cheio de piranhas a passar por isto.

Entro no banheiro distraído, e um som horroroso quase me faz morrer de infarto.

— Hoje, é hoje, é hojeeeeeeee...

— Gilcelle, por que está berrando?

— Só estou cantando para você amor, veja.

Ela sai de trás do box do banheiro e quase não consigo falar. Está usando um top roxo, e uma calda verde colada às suas curvas deliciosas. Minha Sereia. Seu cabelo vermelho indomado me faz querer puxá-lo no mesmo instante.

— Sereia.

— Me vesti assim para você, achei que precisava se distrair um pouco.

— Gilcelle, eu te amo.

Em menos de um minuto minha boca está na dela, e sua língua brinca com a minha, e minha mão aperta seu seio por cima desse top atrevido. Ela me guia até a banheira e vai tirando minha roupa. Eu a ajudo e a puxo para a banheira que ela teve o cuidado de encher para mim. Tiro como um desesperado seu top e minha boca alcança seu mamilo antes mesmo que eu consiga jogá-lo ao chão. Ela geme e se se joga para frente, pressionando ainda mais o seio em minha boca. E então, puxa meu cabelo de uma vez para trás e acabo arranhando seu seio com os dentes.

— Caralho! Isso doeu! De verdade! — reclama.

— A culpa foi sua por puxar desse jeito meu cabelo, não sei como ainda não fiquei careca.

— Se não gostasse dos meus puxões de cabelo, já o teria cortado. Você mantém esse cabelo de Barbie exatamente para que eu puxe.

— Cabelo de Barbie? — Arqueio uma sobrancelha e ela começa a rir. — Vou te mostrar a Barbie, sua atrevida.

Jogo-a do outro lado da banheira e corro até o closet. Tiro a primeira algema que encontro e volto mais rápido ainda. Entro na banheira de novo e quase rasgo sua calda, na pressa para tirá-la.

— É por isso, minha Sereia atrevida, que temos algemas. Dê-me sua mão.

— Venha pegá-las, gostosão.

Pulo em cima dela, fazendo-a gritar, e consigo capturar suas mãos. Minha boca alcança seu mamilo de novo e enquanto prendo suas mãos para trás, sinto-a tremer presa em meus braços. Recosto-me na borda da banheira, a puxo pelas pernas e a posiciono de uma vez no meu pau. Ela grita, joga a cabeça para trás e depois para frente, acertando-a com tudo na minha.

— Merda, terei de prender sua cabeça também? — reclamo.

— Quer parar de reclamar e meter logo? Estou com saudade!

A levanto pelas coxas e a abaixo e vou repetindo o movimento, até que a amparo para que ela possa cavalgar em mim. Seus seios passam por meu rosto e tento abocanhá-los, mas a sensação de tê-la assim, de estar dentro dela, me toma, e só consigo dizer que a amo. Não me importo nem mesmo com a dor que lateja em minha testa. Ela tenta soltar as mãos desesperada e acho que vai gozar. Foco em seu rosto para observar esta cena, a que mais amo no mundo, quando ouço um grito:

—Matheeeeeeus! Matheeeeeeus! Abra a porta! Aconteceu uma tragédia!

Ficamos totalmente parados com os gritos da minha mãe. De repente, tentamos sair juntos. Nos embolamos um no outro e caímos com tudo de volta na água.

— Um de cada vez. Levante-se e eu me levanto em seguida.

Ela se levanta e a ajudo a sair da banheira. Enrolo a toalha em minha cintura e a cubro para que não sinta frio.

— Já vou mamãe! — grito. — Me espere aqui dentro amor, vou me livrar dela e já volto.

Tento abaixar a barraca que aparece pela toalha, mas meu pau ainda pulsa e mamãe não para de gritar, ela nos atrapalhou, então que saiba o que interrompeu. Abro a porta de uma vez e ela está chorando.

— Amanda sumiu. Desapareceu. Não há mais nenhuma roupa dela aqui. Ela fugiu, Matheus.

— Tem certeza? Já tentou ligar para ela?

— Ela não atende. Precisamos chamar a polícia. Quero minha filha.

— Mamãe, acalme-se. Vou apenas me vestir e vou lá para baixo. Vamos achá-la. Acalme-se.

Volto para o quarto e me visto rapidamente. Pego a penca de chaves e corro até o banheiro.

— A Amanda sumiu, temos que descer.

Ela apenas assente enquanto enfio as chaves na algema, que não abre. Na nona chave que não funciona, paro de me mover e a encaro.

— Ah não, Matheus.

Ela olha pelo reflexo no espelho e começa a xingar.

— Que merda! Mais de trinta algemas naquela mala, por que você só pega esta?

— Porque ela deve ter um ímã. Só pode!

— Onde está a chave?

E aí eu me lembro, e acho que ela se lembra junto comigo, porque quase chora ao resmungar. O chaveiro não deixou a chave. Estávamos tão envergonhados com a situação toda, que ele abriu a algema, recebeu seu pagamento e se mandou. Saco o celular e rapidamente ligo para ele de novo, mas, como não posso ficar aqui esperando que ele apareça, cubro minha mulher com uma tolha e desço correndo.

A gaveta dela está vazia, há apenas um bilhete dizendo que foi ser ela mesma e a veremos de novo um dia. O celular só cai na caixa postal. Chamo a polícia, mando fazerem chás para a vovó e a mamãe que parecem prestes a ter um ataque e estamos todos aflitos na sala, quando Gilcelle aparece. Enrolada na tolha e com as mãos para trás.

— Mas por que é que esta criatura está algemada? — pergunta vovó horrorizada.

— Ela está meio... agressiva esta noite — justifico.

Ela dá de ombros e recosta-se em mim. E pouco antes da polícia chegar, Gil morde com força a boca, num gesto de nervosismo.

— O que foi amor? E o que é isso na sua testa? — Há uma mancha rosa ali.

— Está na sua também. Acho que foi do incidente na banheira. — Ela afasta-se de mim e completa — Amanda não fugiu sozinha, fugiu com o Nuno, mas disse que assim que completar dezoito anos voltará. Eu a darei um emprego na V.D.A., prometi a ela.

O que? Vamos todos para cima dela, e consigo acalmá-los para perguntar:

— Ela ligou para você? Te falou onde está? Por que caralho está com o Nuno?

Ela abaixa a cabeça e solta um palavrão. Então, a levanta de repente e diz de uma vez:

— Ela não me ligou. Eu a vi, ontem à noite. Vi um movimento estranho no jardim, fui ver o que era e era o Nuno, ela já estava com a bolsa pronta e me disse que estava indo embora. Tentei convencê-la a ficar, e consegui com que promettesse que voltará em poucas semanas. Então é meio que uma viagem, apenas.

— Está me dizendo que minha filha disse a você que estava fugindo e você simplesmente deixou?

— pergunta mamãe aos gritos.

— O que queria que eu fizesse? Eu tentei colocar algum juízo na cabeça dela, mas estava decidida. Não pude fazer nada!

— Não pôde fazer nada? Você poderia ter gritado, tê-la segurado, é tão boa em bater nos outros, por que não o acertou? Deveria ter no mínimo nos contado isso assim que eles saíram! Como pôde ser cúmplice de algo assim? A minha filha é menor de idade e está por aí com um cara mais velho, sem um centavo!

— Não! Não está! Está com o Nuno, vocês o conhecem a vida toda, sabem que ele não faria mal algum a ela. Além do mais, eu deposei um dinheiro para ela, e ela...

— Você o que? — mamãe grita mais ainda. — Você financiou essa fuga maluca?

— Não! Ela ia fugir de qualquer jeito! Eu tentei convencê-la a ficar, como não consegui, tentei ajudá-la. Mas ela vai voltar, ela me prometeu. É só por algumas semanas.

Não ouço o que mamãe fala por alguns segundos. Há um zumbido em meus ouvidos, fecho e abro os olhos esperando que tenha entendido errado, e quando volto para aquela sala, consigo captar o que mamãe está falando.

— Eu estava muito enganada sobre você, mocinha. Achei que fosse uma boa pessoa apesar de tudo, que seria uma boa mãe para meus netos, mas uma mulher tão desajuizada como você sequer merece tê-los. — Posso sentir a mágoa de mamãe quando ela me olha. — Matheus, anule este casamento. Não quero ver esta maluca nunca mais na minha vida! Ou ela, ou sua família!

Gil me encara atônita e ainda não acredito que ela fez isso. A campainha toca e pouco depois o chaveiro entra. A situação está péssima, ele abre a algema de Gilcelle, que toma a chave de sua mão. Eu o pago e ele vai embora satisfeito. Gil esfrega os pulsos vermelhos e reprimo minha vontade de ir massageá-los para ela. Ainda não acredito que ela fez isso.

— Mamãe — digo por fim. — Acalme-se. A polícia está chegando, vou acionar uns detetives e até amanhã à tarde Amanda estará aqui. E quanto a você — digo a ela — não acredito que teve coragem de fazer isso. Como pôde, Gilcelle? Eu confiei em você. Achei que tivesse ao menos um pouco de juízo. Onde eu estava com a cabeça, meu Deus?

— Onde estava com a cabeça quando? Hein! Começou, termine! Ia reclamar de onde estava com a cabeça quando se casou comigo? É isso?

— Não! Onde estava com a cabeça quando parei de usar camisinha por achar que você poderia ser a mãe dos meus filhos!

Ela reage como se tivesse levado um tapa. Abaixa a cabeça e Antônia imediatamente a abraça,

olhando-me como se o errado fosse eu.

— Não se preocupe com isso, Matheus, eu tomo remédio. E quanto a você — diz olhando minha mãe. — Amanda está certa. Deve ir embora mesmo, e se for esperta, não voltará nem mesmo quando fizer trinta anos, porque qualquer coisa deve ser melhor do que ficar nesta família que espera que ela seja tão certa e moralista como nenhum de vocês é! Quer cobrar dela? Por que não conta pra vovó os forrós que você frequenta nas madrugadas e o que seu filho é uma bicha que fica tentando derrubar o próprio irmão? Vocês todos têm teto de vidro e ela é a única que presta desta merda de família!

Ela sobe correndo as escadas, Antônia corre atrás dela e a polícia chega. Passo o resto da noite com eles, procurando pela maluca da minha irmã.

Volto para casa quando o dia está nascendo, mas não quero vê-la ainda. Vou para um quarto qualquer e durmo ali. Não sei o que me preocupa mais neste momento, a situação da V.D.A., o sumiço da minha irmã, ou o quanto me enganei com a Gilcelle.

Capítulo 16

Gilcelle

As horas passam, meu pulso arde, o celular do idiota do meu marido continua desligado e não sei mais o que fazer. Não ajudei a Amanda a fugir, eu simplesmente não podia obrigá-la a ficar, e eu no lugar dela, também fugiria. E o Matheus está sendo um idiota ao me culpar pelo fracasso de sua família maluca em ser uma família. Silêncio! Não venha defendê-lo.

Não consigo pregar os olhos nem por um minuto, sequer tento. Não tenho paciência para ficar na cama quando estou sem sono. Resolvo andar pra ver se distraio a cabeça de cada pensamento homicida que me toma, e mal abro a porta, vejo um vulto branco no corredor escuro. Berro imediatamente e acendo a luz, é a velha.

— Caralho, vovó! Ficou maluca? Quer me matar do coração?

A velha revira os olhos e entra no meu quarto sem pedir permissão.

— A senhora veio aqui me dar uma bronca, não é? Dispensso. A da Marisa já foi mais do que suficiente.

— Não vim dar bronca alguma, Amanda precisava mesmo se afastar desta família maluca antes que enlouquecesse.

Meu queixo só não toca o chão porque acho que ele some de sob meus pés.

— Gilcelle, eu tenho observado você. Marisa me disse que era uma mulher forte e meio difícil de lidar. Fui hostil com você propositalmente.

— Como? Por quê? Por qual motivo alguém é chato com outra pessoa de propósito? Porque a senhora foi insuportável!

— Eu sei. Para ser sincera, tirando o dia em que tentou me fazer comer a torrada do sofá, ter que tirar meus chinelos para entrar na sala, dividir a poltrona com um coelho, perder metade do meu guarda-roupa e cada comida estranha que me obrigou a comer, eu gosto de você.

— Uau! Eu fiz tudo isso e a senhora ainda gosta de mim?

Sua expressão séria me faz parar de rir e acabo me jogando ao lado dela na cama. A cara de enterro não condiz com as palavras quase gentis que disse.

— Vamos, vovó, dê a facada. O que houve?

— Meu filho, Arthur, morreu há quase nove anos. Foi pouco depois de o Matheus entrar para faculdade. Ele era dono de uma enorme fortuna e deixou em testamento este dinheiro dividido igualmente entre a mulher, e os três filhos.

Ah meu Deus, acabei de brigar com meu marido, estou cansada, com um orgasmo acumulado e a velha vai me contar a história da família! Preferia quando ela me odiava.

— Acontece que este dinheiro nunca chegou a nenhum deles. Apenas Marisa recebeu sua parte. Todas as outras foram para uma única pessoa. O Matheus.

Eu a encaro e ela me encara de volta. Espero que explique o que acabou de falar, mas ela espera que eu deduza. Ok, ela pediu.

— Então, o seu filho percebeu que ele era o mais sensato e deixou tudo para ele? Ou deixou nas mãos dele até que os outros merecessem receber suas partes?

— Nem uma coisa, nem outra.

Levanto-me irritada.

— Escuta aqui, vovó. Se a senhora acha que vou cair nessa de que o Matheus roubou o dinheiro

dos irmãos, pode sair deste quarto agora mesmo. Ele nunca faria isso! A senhora deveria ter vergonha de sequer insinuar uma merda dessas!

Ela sorri e levanta-se também.

— Não insinuei nada, querida. Conheço muito bem os netos que tenho. Eu te garanto que o Nuno não fará mal algum a Mandy. Eu os conheço muito bem. Assim como sei que o Matheus jamais roubaria um centavo de ninguém. Ele é a educação e respeito em pessoa. Mas, também conheço o Marcus. Melhor do que qualquer outra pessoa desta família. E é isso que espero de você. Proteja-o.

— O Marcus? Ah nem, não mesmo. Nunca protegeria aquela biba maldosa. A senhora tem noção do que ele aprontou para cima do Matheus e da V.D.A. agora?

Ela sorri.

— Não quero que proteja o Marcus, quero que proteja o Matt. Sei que alguma coisa está acontecendo e sei que o Marcus está envolvido, não posso criar uma guerra na minha família colocando um irmão contra o outro, mas você já acabou com a família mesmo, você pode.

— Ei! Eles me amam! E não acabei com nada, só mostrei as verdadeiras faces. Ok, eu odeio o Matheus neste momento, mas posso protegê-lo. O que quer que eu faça?

A velha segura minha mão e sei que está triste ao dizer:

— Cuide dele. Fique de olho no Marcus, e ao menor sinal de qualquer coisa estranha relacionada a dinheiro, interfira. Matt não acredita que Marcus é capaz de certas coisas, mas ele é. Cuide do seu marido.

— Sim, senhora. Eu cuidarei. Se não matá-lo eu mesma, juro que cuidarei.

E assim, pelo menos alguém da família Buscapé gosta de mim. Pois, quando o dia amanhece e desço para ir para a V.D.A., estão todos à mesa tomando café. Todos, inclusive o Matheus, que não se incomodou em ao menos me avisar que chegou. As malas deles estão na sala. Nem pergunto, por mim que vão todos embora. Não dou bom dia a ninguém ao passar por eles, e apenas a velha chama por mim.

— Não vai comer, ruivinha?

— Ah não, obrigada vovó. Preciso ir.

Matheus sequer olha para mim. E só não acerto o vaso da entrada em sua cabeça até que ela exploda, porque quero que ele pense que não me importo com sua falsa indiferença. Não me importo mesmo!

Trabalhar com ele sem estarmos nos falando, já seria uma merda. Mas é uma merda maior ainda, porque ele não fala comigo, mas de mim. Sou obrigada a ouvir coisas do tipo: “Bom dia, Cleber, que tem uma namorada ajuizada em quem pode confiar sua vida.” Ou “E aí Sebastian, soube que minha irmã fugiu acobertada por uma maluca sem juízo?”.

Quando Bah se aproxima e ele abre a boca para falar de mim, aviso:

— Se fizer qualquer insinuação sobre mim de novo, esmagarei suas bolas até que elas explodam e não sobre nem mesmo a pele.

Ele me olha pela primeira vez no dia, e pela primeira vez desde que voltamos a nos falar, não há o amor e a admiração por mim ali. Eu deveria saber que aquele papo de estar ao meu lado mesmo quando eu vacilasse era conversa. O amor das pessoas anda tão frágil, que a menor ferida pode matá-lo. O do Matheus não era diferente no final das contas.

Quando estou indo almoçar, Bah entra comigo no elevador. Parece meio sem graça, encaro-a e ela solta de uma vez:

— Você sabe se Miguel Amorim é comprometido?

Meu cunhado já fez sua primeira vítima.

— Não que eu saiba. Mas ele não é homem de se comprometer. Por que não fala com a Celina?

Estou indo me encontrar com ela agora, ela é muito boa em domar estúpidos, e acredite, Miguel é como eles.

Assim, arrasto a secretária do Cleber para nosso almoço, e Antônia. Ela está grudada em mim achando que vou ter um surto a qualquer momento, mas não vou. Apenas não estou pensando em nada, e assim vou deixar que as horas passem, que ele reconsidere, que a Amanda apareça e essa família maluca suma da minha vida.

Bah conta seu dilema a Celina, que como previ, vai logo falando:

— Estou desenvolvendo um manual que ensina mulheres a domarem pervertidos, como o Miguel Amorim. Enviarei esta noite para seu e-mail. Imprima-o e o siga à risca, não tem como falhar.

— E quanto vai querer por esta ajuda?

— Ah, nada demais. Faço isso porque agora somos amigas. E como somos amigas, preciso que alguém fique com a Nath amanhã à tarde. É rapidinho, só quero levar o Sebastian para conhecer um lugar.

— Celina, o seu resguardo já acabou? — pergunta Suzana preocupada.

— Não, Suzana. Mas o Sebastian me deu uns livros para ler e preciso mesmo de uma hora com ele, não passarei disso, porque minha pequena só mama no peito. E não vamos transar, Suzana, não se preocupe. Só preciso ver meu Sebs.

Assim, Nathalia passa para os cuidados de Bah, e Celina acaba de fazer mais uma amiga.

— Boa sorte, Bah — Suzana diz ao ouvir algumas das dicas de Celina sobre o manual.

Chego tarde e desanimada em casa. Espero que os Buscapé tenham ido todos embora, mas as malas ainda estão no meio da sala, com todo drama que uma ameaça de ir embora pode representar. *Isso é tão Amorim.* Jogo-me na poltrona e fecho os olhos, e duas mãos fortes apertam meus ombros. Abro os olhos, esperançosa, mas é Miguel.

— Olá, minha querida. Mamãe quer ir embora, irei com ela para que não fique sozinha, mas se meu irmão for um idiota com você, basta me ligar que eu te busco e a levo para um motel.

— O que?

— Um hotel — ele corrige com aquele sorriso safado.

— Espera, não vai me dar uma bronca por eu ter sumido com sua irmã caçula?

— É mais fácil que eu a aplauda por isso. — Ele dá a volta e para diante de mim. — Estava esperando ela completar dezoito anos para mandá-la para longe, seguir sua vida longe da mamãe. Sei que mamãe a ama, mas até mesmo eu me sentia sufocado pela forma como ela cercava a Mandy. Você nos fez um favor.

De repente, quero chorar. Alguém me entende, esse alguém deveria ser a merda do meu marido. Eu sei que errei, e ele tem razão em estar chateado, mas ela é irmã do Miguel também, e se ele pôde me entender, por que o Matheus não?

— Ei, você vai chorar? — ele pergunta preocupado.

Nego com a cabeça e faço uma careta quando as lágrimas rolam. Ele se abaixa a minha frente e pulo nele. E bem neste momento, passos ecoam perto de nós e sapatos pisam no tapete da sala. De Matheus e de Marisa.

— Chegou muito tarde, para uma mulher casada — provoca Marisa.

Não tenho ânimo para discutir, levanto-me, agradeço Miguel pela ajuda e vou saindo, quando a ouço dizer a Matheus:

— Vai permitir que eu saia desta casa, filho? Não vai pedir a ela que se retire?

É o bastante. Espero a voz na minha cabeça me mandar pular em cima dela e arrancar sua língua, mas, estranhamente, há dias ela não fala nada. Está muda e quieta em minha mente, então decido por mim mesma.

— Vamos, Matheus, me mande embora. Você só precisa pedir — desafio.

Ele me encara, olha bem em meus olhos, parece péssimo, tem olheiras terríveis e em volta dos olhos está inchado. Nunca o vi assim. Não me diz nada, olhando para mim, responde sua mãe.

— Ninguém precisa ir embora, mamãe. Fique ao menos até que a Amanda apareça.

Não sei identificar o que vejo em seu olhar, entre angústia, cansaço e derrota. Mas ele falou com ela, então, eu ir embora não é uma opção para ele.

Subo para o quarto e não digo mais nada. Se ele me pedisse para dar uma volta que fosse, eu juro que arrancaria aqueles olhos azuis de sua cara. Que merda essa coisa de estar casada, em qualquer outra situação, eu já teria dado no pé e ficaria esperando ele ir atrás de mim depois, ou criaria situações para nos esbarrarmos acidentalmente, mas não, fui assinar o nome dele no meu, agora algo me obriga a ficar aqui, aturando toda sua babaquice.

Ele entra no quarto tarde da noite, pega uma muda de roupas e se dirige a porta.

— Vai ser assim agora? Vai agir como se eu não estivesse aqui? — pergunto.

— Acredite, estou fazendo isto para não tratá-la mal.

— Ah, quanta consideração da sua parte! Talvez eu goste de ser maltratada!

Ele abre a boca para responder, mas um sorriso idiota surge em seu rosto, considero uma vitória, só que imediatamente ele se recompõe e sai do quarto. Eu o sigo, é claro. Ele sorriu, não deve mais estar com tanta raiva. Ele entra em um quarto ao lado do nosso e noto que a cama está arrumada para ele dormir.

— Então, este é seu novo quarto? Detestei a decoração. Branco demais.

Ele não diz nada.

Vou até a penteadeira dele e pego um quadro com um retrato da mãe dele.

— Que gay ter uma foto da mamãe na cabeceira da cama. — Jogo o quadro no chão.

Ele me olha assustado, mas não se aproxima. Então, vou jogando tudo no chão. Faz um barulho imenso, e está uma bagunça, e ele fica ali, com os braços cruzados, me vendo fazer toda aquela bagunça e não vem até mim para me impedir. Nem mesmo quando saio entortando todos os quadros da parede e jogo os lençóis de sua cama no chão. Por fim, pego o travesseiro ultra macio, faço uma bola com ele, uso o cordão do meu roupão para amarrá-lo e o atiro com toda força em seu rosto. Ele chega dar um passo para trás com o impacto. E quando vem de uma vez em minha direção, saio correndo, para o nosso quarto, mas ele não me segue. Volto ao quarto substituto e a porta está trancada.

— Tudo bem! Você sabe o quanto sou orgulhosa. É muito bom saber que na primeira oportunidade que tive de estragar tudo, você realmente desistiu. Seu mentiroso! Amanhã à noite você vai chorar como uma Barbie falsificada por não me ter naquela merda de quarto esperando você!

Assim, corro dramaticamente para o nosso quarto e tranco a porta. Mas ele não tenta abri-la. Envio uma mensagem para Celina:

Matheus está agindo como se eu não estivesse aqui.

Ela responde:

Então não esteja. E veremos como ele vai reagir.

Era tudo o que eu queria ler neste momento. Visto uma roupa, pego a chave do meu antigo lar e vou embora. Esse estúpido gay idiota que venha atrás de mim.

A chave não entra, sou avisada pelo porteiro que meu apartamento querido já foi alugado para outra pessoa. Brigo, questiono quem mais alugaria essa porcaria, mas estou na rua. Como o mendigo idiota que agora usa meu tutu como fronha. Eu mereço.

Aproximo-me dele que já se levanta sorrindo.

— Veio buscar suas calcinhas?

— Não, vim buscar companhia. Quer tomar uma cerveja?

Ele assente animado e viro a noite em um bar, chorando e rindo com o morador de rua, que agora é meu mais novo melhor amigo. Suzana me encontra bêbada pela manhã e me arrasta até sua casa. Caio na cama e durmo.

Mas poucas horas depois, sou sacudida por mãos enormes, e dois braços maiores ainda me carregam. Estou sonhando, porque Matheus jamais conseguiria me carregar assim. De repente, sou arremessada no chão frio, e só não reclamo do chão, porque uma ducha de água gelada faz minha alma correr do corpo dez vezes.

— Merda! Cleber! Ficou maluco?

— Este é o método difícil dele de acordar alguém. Boa tarde, Gilcelle — diz Suzana e Cleber sai do banheiro nos deixando a sós. — Sei que o último lugar que você quer ir é a V.D.A., mas iremos para lá agora mesmo.

— Não vou, não.

— Vai sim. Aconteceu alguma coisa, todos foram convocados para uma reunião. Você precisa ir, é o seu patrimônio também.

— Isso, com certeza, porque quando eu me separar daquele idiota, metade das ações dele da V.D.A., será minha.

— Então tome banho, pegue uma roupa minha e vamos. Você tem dez minutos.

O vestido mais curto de Suzana me faz parecer um gnomo enrolado em uma bandeira. É azul e embora deixe minhas pernas de fora, precisei dar duas voltas com o cinto para amarrá-lo na cintura.

— Estou parecendo um saco de batatas? — pergunto a Cleber.

— Não. Nunca vi um saco de batatas azul. Mas se sua roupa fosse marrom, estaria.

Acerto um tapa nele, que mesmo tentando brincar, está sério demais. Tento controlar meus batimentos cardíacos ao ver Matheus, vou para o lado oposto a ele, e não o dirijo a palavra, como ele fez comigo. Celina e Sebastian não estão, nem Bah, então imagino que ela esteja matando a saudade de seu Sebs, enquanto Bah está em sua casa olhando minha afilhada.

Continuo no jogo de não olhá-lo Não sei se ele me olha, não levanto a cabeça em momento algum para verificar. Mas, escuto sua voz, quando ele dá a merda da notícia:

— Fomos denunciados. A Receita Federal irá fazer uma auditoria nas obras do hotel de Madri.

— O que isto significa? — pergunta Suzana, que acabou ficando por estar preocupada com o

Cleber.

— Que eles vão achar as notas frias, e todo o valor que não foi declarado.

— Você será preso? — pergunto quando a ficha começa a cair.

— Pior do que isto, a V.D.A. será fechada por eles.

Quero abraçá-lo, imagino o quanto sua cabeça deve estar confusa agora, o medo que deve estar sentindo. Ele sempre foi tão correto em tudo. Se eu ficar nesta sala mais um minuto que seja, acabarei em cima dele, e não quero dar o braço a torcer, deve ser ele a falar comigo primeiro, pois foi ele quem parou de falar. Pego minha bolsa e me dirijo à porta, e tudo o que ele diz é:

— Ainda está no seu horário de trabalho.

— Me demita — respondo sem olhar para ele e corro para fora dali.

Como a vida da gente pode desandar tanto em tão pouco tempo? Tudo culpa dos Buscapé. É, parece que nem todos têm seu final feliz.

Rodo pelo centro, meu amigo mendigo não está ali e não quero beber sozinha. Não tenho para onde ir e não vou de jeito nenhum para a casa do Matheus. Sei que Cleber e Sebastian devem estar igualmente desolados e não quero ser um peso para nenhum deles. Então, só posso passar a noite em um lugar.

Não tenho a chave, mas assim que digo quem sou, o porteiro me entrega uma chave extra. Subo para o apartamento enorme e elegante. A caseira me cumprimenta, prepara algo para que eu coma, e me pede a noite de folga, o que dou mais do que satisfeita. Preciso mesmo ficar sozinha. Como um pouco, observo aquele quarto, onde duas magrelas estavam nuas, onde todas as fotos com suas putas foram tiradas. Onde fiquei presa à cabeceira da cama em um dos momentos mais deliciosos e vexaminosos da minha vida. E vou tomar um banho. O problema, é que o amo. Sei que não sou perfeita, mas esperava que ele fosse. E constatar que ele nunca será perfeito, me assusta.

Quando saio do banheiro, há alguém sentado no chão, com as costas encostadas a cama. Não tenho nada para vestir, então pego uma de suas camisas do closet e a visto. Não tenho nada para pentear os cabelos, então deixo que eles sequem ao vento, bagunçados como estão. Não dizemos nada. Ele sentou-se no chão ao invés de sentar-se na cama, então não está aqui em paz. Vai me pedir o divórcio.

Sento-me o mais distante possível dele, encostada à parede, mas de forma que possa vê-lo, ou pular em cima dele para matá-lo, dependendo do que ele disser. Espero que diga que quer se separar, ou que precisa escolher a mãe neste momento. Sua cara é tão ruim, que por um momento espero que ele vá dizer que Amanda foi encontrada destroçada, comida por um Pitbull, mas o que ele diz é:

— Preciso dormir. Não durmo há dias.

Sério isso, produção? O momento de maior tensão de todas nós e é isso o que ele tem a dizer?

— A cama está bem atrás de você — digo.

— Eu sei, há muitas camas no mundo. Meu problema não é a falta delas.

— Então não sei por que ainda está acordado.

— Porque eu não durmo sem você. Não consigo.

Não digo nada. Meu coração acelera e não sei mesmo se estou feliz ou magoada com ele.

— Quero te fazer uma proposta esta noite. — Sua voz é cansada, mas ele não olha para mim em momento nenhum, e isso me machuca. — Durma comigo, apenas deite-se nesta cama ao meu lado.

— O que eu ganho em troca? — pergunto.

Finalmente ele me olha e quase choro ao ver seu rosto, nunca o vi assim, tão abatido, tão fraco.

Meu peito dói, a dor estampada em seu rosto, não posso lidar com ela. Matheus não é assim, é um idiota forte, seguro e que sempre sabe o que fazer. Ele não é essa casca diante de mim, prestes a desmoronar.

— Nada — diz cabisbaixo. — Não tenho absolutamente nada a te oferecer.

Levanto-me e saio do quarto. Preciso fazer com que ele coma alguma coisa antes de falarmos de sua proposta.

Algumas pessoas, definitivamente, não têm seus finais felizes.

Não consigo decifrar o que vejo em seu rosto quando ela me olha. Mas não diz sim, não diz que vai deitar-se comigo. Ela simplesmente se levanta e sai. Demora cerca de dez minutos, antes de retornar com uma tigela nas mãos. Ela senta-se tão perto de mim, que poderia tocá-la, se tivesse forças para levantar o braço. Está linda. Ainda é a coisa mais linda que já vi na vida, usando apenas minha camisa, seus mamilos apontam através do pano fino. Mas não quero tocá-la. Não assim. Preciso apenas que ela durma comigo. Nem que seja nossa última noite.

Acho que ela estava certa, afinal, nos precipitamos com este casamento. Não estávamos preparados para fazer tudo tão rápido. Dez anos de repente não parecem nada. Não nos conhecemos. Estou aqui quase desmaiando de sono, passando por cima do meu orgulho para pedir a ela que durma comigo, e ela vai jantar tranquila e calma na minha cara.

Mas o que ela faz é estender a colher até a minha boca.

— Eu durmo com você se comer esta sopa primeiro. Caso contrário, você terá que ir embora agora mesmo. E sim, você terá de sair. Disse que este apartamento é meu, mandou alugar o que eu morava e tem muitas casas, não precisa desta.

Assinto. Não sabia que estava com fome até ela estender a colher a minha boca.

— Há quantas horas não come? — pergunta.

Dou de ombros, porque realmente não me lembro.

— Não foi você quem fez esta sopa — digo.

— Como sabe?

— Está um pouco salgada. Você nunca erra no tempero. Este tempero não é o seu.

— Não fui eu que fiz. Portanto, não está envenenada, coma sem medo.

Calmamente ela vai me dando as colheradas da sopa, e neste momento, olhando-a assim, não sei o que é maior em mim. O amor que sinto por esta mulher, ou o medo que sinto de ficar sem ela.

Tudo está dando errado, posso ser preso, minha empresa pode fechar. Pior do que tudo isto, é que meus amigos perderão o que é deles por minha causa, pois Marcus está atacando a mim. Tudo o que eu queria era chegar em minha casa à noite, ter esta maluca na minha cama e dormir abraçado a ela, para que pelo menos minhas noites fossem boas. Mas ela está certa em uma coisa. Na primeira chance dela de estragar tudo, de testar minha reação, eu falhei. Não sei se foi o momento em que me encontro, ou a gravidade do que ela fez, mas não consigo simplesmente entender que ela ajudou uma garota menor de idade a fugir de casa. Parece-me desajuizada e inconsequente demais. Amanda tem apenas dezessete anos, e mamãe não é fácil, é normal que queira sumir. Mas Gilcelle é uma mulher, não poderia de maneira alguma tê-la acobertado, e me escondido isso. Então, eu queria apenas ficar com raiva e longe dela, até que esta raiva passe, mas não consigo. Sei que procurá-la esta noite acabará em uma briga, pois não estou pronto para perdoar algo que ela não está disposta a pedir perdão, sei que estou colocando nosso casamento em cheque aqui, mas não pude fazer outra coisa, senão procurá-la.

— Há algo que possa fazer antes dessa tal auditoria que possa consertar as coisas? — pergunta.

— Sim. Descobrir quem ajudou o Marcus, pois eu posso provar que ele falsificou minha assinatura e desviou o dinheiro, mas não posso recuperar o valor que ele desviou que não está em sua conta. E sem esse valor, a V.D.A. fica sem fundos.

— Que merda!

Concordo e termino a sopa. Ela se levanta e sai de perto de mim. Não sei de onde tiro forças para me levantar também. Estou me sentindo o super homem amarrado a uma rocha de Kriptonita, para você entender. Sento-me na cama, e quando ela volta, bato a mão ao meu lado. Mas ela não senta. Cruza os braços e recosta-se ao batente da porta.

— Deite-se. Vou apagar as luzes e me deito em seguida — diz.

— Você quer falar, não é?

— Na verdade, não. Quando eu quis falar você não quis ouvir. Agora quero apenas dormir.

Assinto e me deito, e ela sai pelo apartamento apagando as luzes. Sinto que hesita um pouco, e respira fundo antes de deitar-se na cama. Mas deita o mais longe possível de mim. Não apago a luz do abajur do meu lado da cabeceira, de forma que posso vê-la.

— Então — começo. — Você estava certa. Nos precipitamos.

— Então, você é como qualquer outro homem, que quando consegue o que quer, não se importa tanto.

— De todas as coisas que você pode me acusar, Gilcelle, não me importar com você, não é uma delas. Eu sempre coloquei você à frente até do que a minha própria vida. Isso nunca mudou.

Ela apenas me encara. Aqueles enormes olhos de mel cravam em mim.

— Fale — ela sussurra. — Porque também vou falar.

— Não vim aqui pedir o divórcio. Nem pedir que fique neste apartamento, mas também não vim pedir que volte para casa. Estou na merda, não tenho mais nada, Gil. Eu precisava de você, quando tudo isso desmoronou, e você foi mais uma que me apunhalou pelas costas.

— Ah, pelo amor de Deus, quanto drama!

— Desta vez não estou sendo dramático. Eu amo você, muito. Mas não consigo te olhar com a mesma adoração, porque o que vejo quando olho pra você, é mais alguém que mentiu pra mim. É bem a sua cara ajudá-la a fugir, mas no mínimo deveria ter me contado. Fico com a sensação de que terei sempre que ficar de olho em você, para que não faça nada que uma menina de dezessete anos não faria.

Ela se aproxima de repente e seu rosto está tão perto do meu, que o acaricio.

— Chegou a alguma conclusão? — pergunta.

— Não. E sendo sincero, não sei se é tudo, todo esse momento que tem me feito desistir de tudo. Mas não tenho força agora para lutar por você de novo. — E espero muito, minha Sereia linda, que você lute pela gente desta vez.

— Então está desistindo?

Olho para ela ali, a mulher que amei a vida toda. A única mulher que amei. Vejo dois destinos em um segundo. Em um deles, ela está ao meu lado, e eu preciso sim vigiá-la e cuidar dela, como uma menina. Mas ela está ali. No outro, não a tenho mais, e por mais que não precise tomar conta de alguém, é como se não estivesse vivo. Nunca, jamais conseguiria viver sem ela.

Acho que fico tanto tempo em silêncio, que ela se deita em meu peito, eu a cerco em meus braços e ela segue fazendo com a boca, o som que meu coração faz, no mesmo ritmo.

— Você está sofrendo, Matheus. Seus amigos desconfiaram de você, seu trabalho está a ponto de ser jogado no lixo, pelo seu próprio irmão. Sua irmã fugiu e sua mulher, bem, você sabia que não seria fácil lidar com ela. Talvez você não possa fazer nada esta noite, que vá melhorar tudo isso. Mas você deveria chorar.

— Não deveria. Faria isso se estivesse sozinho. Mas mesmo desconfiados, meus amigos passaram

as últimas noites em claro, me ajudando a entender aquela merda de assinatura. Mesmo longe, sei que a maluca da minha irmã está em segurança. E a minha mulher, bem, ainda é a única coisa boa nisso tudo.

— Mesmo traindo sua confiança?

— Ainda assim.

Ela beija meu queixo de leve. Mordisca de leve, e fecho os olhos, apenas sinto-a ali. Então encosta os lábios nos meus de leve, mordisca, deposita um beijo tão terno, tão delicado, que é como um botão que aciona todo meu corpo, e a puxo para mim. Domino sua boca, a viro na cama e deito-me sobre ela. Todos esses dias em que nossos lábios não se tocaram cobram seu preço. Preciso tê-la assim, mais do que preciso dormir. Ela corresponde, enfia as mãos em meus cabelos, mas não os puxa. Quando desço meus lábios por seu pescoço, ela os puxa levemente, apenas para que eu me afaste.

— Estamos cansados — diz.

Descanso o rosto em seus seios e assinto. E fico ali, quero dormir bem neste lugar. Ela alisa meu cabelo com os dedos, em toques tão leves que nem parecem dela, e começa a falar:

— Eu errei, Matheus. Não em ajudá-la a fugir, mas em ter esquecido de mencionar isto a você. Mas eu disse a você que erraria todos os dias, e você me disse que estaria ali assim mesmo. Estou aturando sua família em nossa casa desde o dia em que nos casamos e demorei dias para errar. Você demorou um erro para se afastar de mim. E isso não justifica o que eu fiz. Mas, vamos contar nos dedos quantas vezes você errou, desde essa viagem maluca. Conte, quantas vezes você me feriu, e eu reagi na mesma hora, ou reagi assim que a dor passou, eu me esforcei e a fiz passar, e apesar de cada mentira, de cada omissão, de cada plano idiota, apesar de eu não poder confiar em você de verdade, eu tentei. Eu disse sim, quando estava apavorada. Eu dei todo o meu amor, mesmo quando você não merecia. E sei que não sou fácil, não achava mesmo que alguém, por maior que fosse o amor, conseguiria me amar e me adorar todos os dias a vida toda, como você prometeu. Esta sou eu. Sim, sou como qualquer outra mulher que você vai conhecer, a diferença estará sempre em você. Estará no que você sentir por cada uma delas. E não vou dizer a você que vou mudar e ser uma pessoa normal, e comportada e paciente com sua família chata, porque não serei. Mas eu nunca escondi isso, você me conhece a vida toda, e se só agora decidiu que não pode lidar com isso, eu sinto muito, muito mesmo.

Afundo a cabeça em seus seios. Merda. Ela acabou comigo. Há uma mistura terrível de mágoa e arrependimento em mim. É aí que ela diz:

— Eu quero o div...

— Não! — grito.

O desespero de horas antes parece estar de volta. Não quero que ela me veja assim, tenho que me acalmar. Afasto-me dela, deito ao seu lado e a puxo de volta para meus braços, a prendendo ali.

— Vá dormir, Gilcelle. Deixa tudo isso passar, então conversaremos de novo, não vai fazer bem a nenhum de nós falar agora. Estou sendo idiota, você está sendo vingativa e isso acabará com você presa nesta cama enquanto eu te marco com o chicote que está naquele closet.

— Você nunca teria essa sorte — ela diz.

Maldito amor, que te faz esquecer toda mágoa, toda dor e amar de volta. E te faz ter medo de perder alguém que pode acabar com você, mas você arrisca, tudo, todo dia, e machuca sem querer machucar, e espera que essa pessoa te ame na mesma medida, para que ela esqueça, perdoe e ame de

volta.

— O que você fará se eu perder tudo? — pergunto, mas ela já está dormindo.

O sol brilha no quarto todo e a janela está escancarada. Levanto-me meio zozinho, pelo calor, já deve passar das onze. Nunca acordei tão tarde. Tomo um banho rápido e vou para a cozinha, onde alguém cantarola desafinadamente.

Gilcelle está ainda com minha camisa, descalça, um coque no cabelo, cozinhando.

— Bom dia — digo rindo de seu bom humor.

— Eu abrirei a minha própria empresa e até te contratarei, mas eu serei a dona, porque vocês três, são três patetas.

Arqueio a sobrancelha e ela explica:

— Você perguntou o que eu farei se você perder tudo. Não consegui abrir a boca para responder por conta do sono, mas é isso. Eu serei a dominadora, você será meu escravo, mandarei em você o dia todo e te farei servir cafés em xícaras esterilizadas e aquecidas, para que você queime as mãos todos os dias, como faz comigo.

— Você queima mesmo as mãos?

— Sim. E não sei como a Bah não te meteu um processo por cada curativo que fez no dedo. Isso me faz pensar uma coisa, a Celina aquecia suas xícaras?

Sorrio. Só mesmo essa maluquinha linda para me fazer rir assim.

— Não mesmo. Ela sequer me servia café. Mas era tão inteligente e ágil, que eu detestava atrapalhar o trabalho dela para pedir qualquer coisa.

— Uau! A Celina manda em vocês desde sempre. Talvez eu a chame para ser minha vice-presidente.

Ela me serve o café e assim que deposita a xícara na bancada, a puxo pela cintura para o meio das minhas pernas.

— Eu amo você. Sempre vou amar, não importa o que aconteça — digo.

— Eu sei. Amo você também. Mas você estava certo, agora não é hora. Sei que quando pisarmos naquela casa, sua família estará lá e você não estará assim, tão leve e apaixonado, terá todo o peso do que fiz em cima de você, e eu terei todo o peso da noite que passei sozinha, com você em outro quarto e das coisas que disse.

Ela sai de perto de mim e senta-se do outro lado, com sua xícara. Toma seu café me observando.

— Me perdoa — digo.

Ela apenas me olha e não diz nada, nem faz qualquer gesto de que tenha me perdoado.

— Nosso casamento na igreja está marcado para amanhã — solto.

— Está mesmo? Desconfiei pelo tanto de coisa que a Celina me fez escolher.

— Você me mataria na igreja, não é?

— Sim, veja as coisas pelo lado bom e agradeça por não precisarmos ir à igreja. Vai manter sua vida.

Ela me espera tomar o café e diz:

— Está melhor?

Assinto e sorrio para ela. Estranhamente, me sinto bem melhor.

— Agora quero que saia deste apartamento e não ouse aparecer aqui esta noite. Se não consegue dormir sem mim, o problema é todo seu! Estou ciente que está magoado comigo, mas eu também estou com você. Da mesma forma que não confia em mim, também não confio em você. Portanto

enfrente as merdas que quer enfrentar sozinho, e muito obrigada por não ter me convidado a dividir isso com você em momento algum. E quando estiver triste e solitário no seu quarto esta noite, lembre-se que os únicos momentos de paz que teve nesses últimos dias, foram comigo. Boa sorte, querido.

Ela anda até o quarto e bate a porta, e não preciso ir atrás para saber que está trancada. Será melhor assim, talvez um amor seja melhor conservado se não for testado todos os dias. Mas então, de que servirá esse amor, não é mesmo?

Cleber não olha para nenhuma das mulheres bundudas que passam por nós. Nem Sebastian. Há um ano, os dois virariam as cabeças e apostariam com qual deles elas dormiriam. Ajeito o pano que forrei na minha cadeira e os observo. A cerveja quente em minha caneca não me chama a atenção. Os dois bebem, mas não dizem nada. Até que Cleber pergunta:

— Vocês vão se separar?

Confirmo com a cabeça. Ele me encara, Sebastian me encara, e nós três caímos na risada. Às vezes rimos para não chorar.

— Isso é como um círculo vicioso — diz Sebastian. — Essas malucas acabam com a gente, mas somos loucos por elas. Supere essa mágoa, cara. E vá comer sua mulher.

— Bem que eu queria, mas ela é muito brava. Preciso de algo que a amacie primeiro — explico.

— E está tudo bem pra você? Passar alguns dias sem ela? — pergunta Cleber já com aquele sorriso idiota no rosto.

— Claro, ainda não perdoei o que ela fez comigo. Além de mentir para mim, ontem ela me alimentou, me fez rir, cuidou de mim para depois bater a porta na minha cara. Ainda me desejou sorte para sobreviver sem ela.

— Mulheres! Capetas em forma de anjos — diz Cleber quando seu celular toca, e atende — Oi, meu anjo, estou morrendo de saudade de você.

Sorrimos. O que seria de nós sem elas?

Não vejo a Gilcelle há horas. Há mais de vinte e quatro horas. Há anos não passo tanto tempo sem vê-la, pois em suas folgas na empresa, eu sempre dava um jeito de tirá-la de casa e ficava de vigia na porta do seu prédio para vê-la pela rua. Era meio doentio, eu sei, mas eu tinha essa necessidade de vê-la. Ainda tenho.

Cada coisa que falamos martela em minha mente. Ser casado com uma mulher como ela, requer muita paciência, cuidado, paciência e mais paciência. Esta é ela. E nunca me escondeu que seria assim. É como entrar em uma guerra sem estar armado, e torcer para não ser atingido. E ser casada comigo requer muito amor, porque parece que nunca deixarei de ser um estúpido.

O cabelo loiro da minha caçula aponta na esquina e me levanto imediatamente.

— Que bom te ver, Amanda.

Ela só não fica mais vermelha, porque é pequena, e não há mais espaço para a vermelhidão.

— Então, você trocou sua vida em minha casa por um trabalho neste café.

— Oi, Matheus. Na verdade, não. Só queria ver como é trabalhar, é meio que uma aposta que fiz com o Nuno. Mas iremos para outra cidade na semana que vem.

Quero brigar e dizer o quanto ela é irresponsável, mas minha irmã parece tão feliz e leve, como nunca a tinha visto.

— Como você se sente? Estando longe de todos nós?

— Bem, como nunca me senti antes. Você sabe do que estou falando. Você fez dezoito anos e se

mandou para faculdade, quando foi a vez do Marcus, mamãe já o podou, e o Miguel também, não deu a eles a opção de continuarem aqui após se formarem. A mim, ela sequer permitiu estudar na capital. Qual você acha que seria meu destino?

— Você ainda é menor de idade e eu poderia acusar o Nuno de pedofilia.

— Ele quebraria seus dentes antes que você conseguisse terminar a palavra denúncia. Estou bem, irmãozinho. Vou passear um pouco e em poucas semanas volto. Preparem uma festa de dezoito anos para mim, prometi a Gilcelle que estaria lá.

— Então, ela ajudou você a fugir.

— Não. Ela me pediu para ficar, me prometeu não contar a ninguém, e me liga todos os dias para saber como estou. Também depositou em minha conta um dinheiro altamente desnecessário. Mas amo aquela maluca. De verdade. Você tem muita sorte.

Abraço minha irmã, peço um monte de vezes que se cuide e prometo não dizer a mamãe onde está, com a condição que ela ligue para a mamãe de vez em quando.

Quando volto para perto dos meus amigos e me jogo no forro da minha cadeira, digo:

— Pode ser que eu perca tudo após essa auditoria e não poderei dar a ela a vida que prometi. Eu pensava que o amor que sinto por ela passaria por cima de qualquer loucura, como sempre passou. Como o dela sempre passou por mim. Mas casar é mais do que isso. Estaremos juntos todos os dias, ela vai aprontar sempre, eu também a machucarei de algum jeito, porque são dias demais e horas demais juntos para que tudo seja perfeito.

— Então, vai deixar que a Receita Federal decida seu casamento? Se a V.D.A. for fechada, adeus Gilcelle. Se a V.D.A. não for fechada e você continuar rico, bem-vinda de volta, Gilcelle. É isso? — questiona Sebastian.

— Tudo muda, meu caro amigo, quando você percebe que o amor que sente pela mulher da sua vida, não supera na verdade cada merda dela — admito. Então, olho bem para meus amigos babacas. — Supera cada merda de tudo.

Olho para o relógio e Cleber pede a conta.

— Você acha que ela vai aparecer? — pergunta esperançoso.

— De jeito nenhum! Mas ficarei plantado ali até que ela apareça, nem que seja de madrugada, um de vocês conta para ela com pena que estou ali, e mesmo que seja para rir da minha cara, uma hora ela vai.

— Então vamos, seu casamento é em duas horas e estamos em outra cidade.

— Você dirige como um maluco, Sebastian, vamos chegar a tempo.

Assim, corremos como três loucos para dentro do carro do Sebastian, ele arranca o carro antes do Cleber entrar e ele corre e grita por uns cinco metros para que Sebastian pare o carro, claro que ele não para e Cleber consegue pular dentro dele.

Chego a minha casa correndo e já vou avisando:

— Meu casamento é hoje! Ao menos que amem minha mulher e estejam dispostas a esquecer de tudo e tratá-la como uma rainha, espero que não estejam aqui quando voltarmos, a casa é dela. — Mamãe e vovó me olham espantadas e vou tomar meu banho.

Estou sentado no altar. O casamento estava marcado para às dezoito horas. Já são dez para as vinte, e nem sinal dela. Nem de Suzana. Nem de Celina. Sebastian e Cleber tentam me dar força de seus bancos, com gestos idiotas, mas nem mesmo eles conseguem esconder a verdade: ela não virá.

— Quem quiser ir embora, sinta-se à vontade. Agradeço a presença de cada um aqui, mas eu

ficarei aqui até que ela apareça, e só Deus sabe quando será isso.

— Eu vou ficar, uma hora ela vem — diz vovó.

— Vou ficar também. Agora que não tenho mais a Amanda, preciso de outra filha — diz mamãe.

— Eu não saio daqui por nada — Miguel pisca para Bah, que revira os olhos.

— Estarei bem aqui quando ela aparecer. Não se preocupe, assim que perceber que está sentado no chão de uma igreja onde todo mundo pisa, irá te perdoar do que quer que tenha feito com ela.

— Obrigado, Bah, nem tinha reparado isso.

— De nada, senhor Amorim.

De repente Celina aparece, está balançando Nath e Suzana está atrás dela. Diz algo a Cleber e Sebastian, que se levantam e somem. Não conseguiram convencê-la e esperam que os meninos a arrastem a força, só pode.

As encaro esperando que digam qualquer coisa, mas Celina dá de ombros e diz sem emitir som:

— Sinto muito.

Ela não vem. E pior do que não ter o amor da sua vida ao seu lado no seu próprio casamento, é lembrar-se de cada momento em que a teve bem ali, em todos os lugares, em cima de você, embaixo de você. Cada dia em que ela te pertenceu volta à sua mente, e você se sente um merda, porque não foi capaz de passar por cima de um momento ruim de merda e ficar com ela.

Não vou chorar na frente desses idiotas que podem ter uma câmera e provavelmente tem, então o melhor seria ir para casa, mas não vou fazer isso.

— Filho, não seria melhor ir para casa? Descansar um pouco? — sugere mamãe.

— Não, mamãe. Ficarem bem aqui, obrigado.

O relógio badala as vinte horas, e antes que o vigésimo sino faça seu som, uma música começa a tocar, a marcha nupcial. Todo mundo se levanta, menos eu. Celina se aproxima e me levanta pelo cabelo.

O padre se levanta também, com a cara de tédio de alguém que espera há duas horas pela noiva mais atrasada da história, se espreguiça e boceja para realizar nosso casamento. As portas da igreja abrem e Cleber e Sebastian estão ali.

— Mas o que...

Eles dão um passo para frente, um meio empurrando o outro, e ela aparece. Usa um vestido pérola, de seda, colado ao seu corpo, tem algumas pérolas nele, e parece brilhar. Seu cabelo está preso em um coque, com alguns fios soltos, e uma coroa de pérolas o contorna. Nunca a vi tão linda. Nunca vi coisa mais linda na vida. Sei que estou babando, não consigo fechar a boca, não consigo me mover. Tão linda!

Cleber está de um lado e Sebastian do outro, ambos a trazem para mim, mesmo o espaço sendo apertado, mesmo que estejam esbarrando nas flores, um parece mais orgulhoso que o outro. Quando se aproximam de mim, Sebastian beija sua testa, e diz algo que a faz sorrir, posso ver que está nervosa. Então, Cleber segura seu rosto entre as mãos, tenho vontade de saltar em cima dele, mas assim que me aproximo ele se afasta, beija sua testa, sua mão e coloca a mão dela na minha.

— Muito cuidado com meu bebê, homem. Gosto mais dela do que de você, se a fizer sofrer, esfrego sua cara no esterco.

— Já não faria antes, e agora então...

Ele se afasta e finalmente, ela é minha. Seu sorriso tímido e a maneira como tenta desviar os olhos me fazem querer beijá-la agora mesmo. Pego sua mão e a beijo, então beijo a outra, e cada lado de

seu rosto lindo.

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida — consigo dizer — obrigado por ter vindo. — Queria dizer obrigado por me dar mais uma chance, obrigado por me permitir pedir perdão todos os dias, obrigado por ser a única coisa de que posso ter certeza quando não tenho de mais nada.

— Tem certeza que quer fazer isso? — pergunta baixinho.

— Amor, a única coisa de que tenho certeza agora, é que quero fazer isso.

Ela assente e segura meu braço, e a encaminho para o altar. Minha, perante a lei, perante Deus. Minha em todos os sentidos, de todas as formas. Nunca mais passarei uma noite que seja sem ela.

— Estamos aqui reunidos — o padre começa, olha para mim e para ela, então arregala os olhos. — Gilcelle? É você?

De onde este padre conhece minha mulher? E por que parece tão horrorizado?

Suzana estende a mão para que eu desça deste carro, mas estou nervosa. Não sei se quero fazer isso, mentira, sei que quero, mas não sei até onde isso pode dar certo.

— Quer parar de agir como uma galinha assustada e sair logo daí?

— Celina, sua vaca, não me compare a uma galinha. E além do mais, você não sabe o que passei nas últimas vinte e quatro horas, cale a boca e me ajude a respirar.

Ela entrega Nathalia a Suzana e entra de novo no carro, senta-se ao meu lado e me encara.

— Conte, conte suas últimas vinte e quatro horas, mas acelere, porque seu marido está prestes a ter um treco ali dentro.

— Ele nem espera que eu vá aparecer, portanto se eu demorar está no lucro.

— Conte, Gilcelle, desembuche para podermos sair deste carro. Você tem exatos dez minutos, porque minha filha vai chorar para mamar.

— Ok, tudo começou quando ele saiu do apartamento... Entrei no quarto, bati a porta e fui mexer no closet dele. Todas as roupas elegantes dele, com o cheiro dele, entrei ali, puxei umas cinco camisas e chorei. Foi uma cena muito sofrida. Passei a tarde ali me lembrando de cada dia em que ele usou cada uma daquelas camisas e eu sabia quando ele as havia usado. Cada uma delas. E percebi que isso é quase como uma doença, dessas que come seu cérebro, porque de tanta coisa para você lembrar na vida, por que vai se lembrar de cada dia em que alguém usou determinada camisa?

A noite chegou e quero deixar bem claro que consigo dormir sem ele tranquilamente, só tomei uma garrafa inteira de Gim porque eu estava afim de beber, e não para apagar. Também não foi para ignorar cada mensagem linda que ele me mandava dizendo como se sentia vazio sem mim e pedindo perdão. Acordei esta tarde, com um barulho chato, e era você, Celina, enchendo o saco. Enfim, você me disse para imaginar minha vida sem ele, e eu simplesmente não consegui fazer isso. Eu pensei em fazer lasanha na sexta, e imediatamente me veio à mente ele dizendo que está perfeito no sal. Pensei em fazer feijoada para mim, mas já planejei tirar as partes de porco e substituí-las por linguiça defumada, para que ele consiga comer. E então, quando comecei a me irritar com toda essa invasão na minha mente, enxerguei minha vida daqui há cinco anos, e eu tinha um menino lindo e ele era loiro, com os olhos azuis mais lindos que só vi uma vez na vida, no pai dele. Não tem vida sem Matheus. Isso é um saco.

— Que bom, agora vamos porque ele está te esperando para te dar um futuro, não queremos que sua vida acabe hoje, não é?

— Espera, Celina. Não acabei... Você me encheu o saco e acabei atendendo a Suzana, eu estava chorando, mas essa vaca nem se importou em me consolar, tenho péssimas amigas, e me arrastou para aquela loja de vestidos. E só havia vestidos brancos. E eu bati o pé que não viria a esta igreja hoje, de jeito nenhum, até que vi uma mulher invejosa, pegar o meu vestido. Este aqui, sabe?! O de pérola, seda e mais pérolas. Então tive que pedi-la gentilmente que me cedesse o vestido porque meu casamento seria em quatro horas e eu não me casaria de branco, porque já dei muito para o meu marido, mas ela não quis.

Celina me interrompe com um gesto de mãos.

— Como foi que você conseguiu este vestido?

— Ela não matou ninguém — defende Suzana.

— Eu puxei o cabelo dela... Até encostar a cabeça dela no chão e disse que se não me entregasse o

vestido, faria um arranhão enorme no seu rosto com minha unha que lascou, ela lascou, veja, e ela me deu o vestido de boa vontade. Chamou o segurança, mas tenho o sobrenome Amorim e ele não quis me tocar. Então voltei para o apartamento, eu tinha o vestido, tinha uma maquiadora e não tinha um sapato. Então Suzana e eu fomos a várias lojas ali no centro, e em nenhuma tinha um sapato que eu gostasse, então Suzana escolheu este, e eu não gostava dele, mas ela disse que o enfiaria na minha fuça se eu não o levasse. Então eu tinha o vestido, a maquiadora e o sapato. Deixei que ela brincasse de boneca comigo e o tempo todo minha mente estava divagando no que significa me casar com ele, e então você apareceu jogando a Nathalia em mim, e colocou isto em meu cabelo, e eu me senti a mulher mais linda do mundo quando me vi no espelho e quis que ele visse como estou bem sem ele, mas agora, chegando aqui, percebi que não faz sentido provar que estou bem sem ele, me casando com ele.

— Gil, respire. Acalme-se. Você o ama?

— Claro que amo, por que outro motivo eu aguentaria suas crises e frescura? Mas não vai dar certo, Deus vai nos abençoar e nos mataremos aos olhos Dele e não saberemos manter essa bênção.

— Gil, em toda minha vida, de tudo de estranho que já vi, nunca vi um amor como o de vocês. E olha que o Cleber e eu nos amamos loucamente, mas você e o Matheus, é uma coisa que venceu o tempo, e as diferenças e as loucuras e crises e meu Deus, se vocês não se mataram até agora, não se matarão mais. Se não quer entrar nesta igreja por ele, entre por você, porque ele é o homem que você merece e não pode aceitar menos do que ele, e jamais achará alguém melhor.

— Eu sei, Suzana, eu sei.

— Então não chore, custei fazer essa maquiagem e se borrá-la vai se casar com o olho roxo. Saia deste carro e entre naquela igreja para que ele babe em você.

— Gilcelle — Celina intervém. — Saia deste carro até eu falar cinco, ou juro que vou tirá-la daqui a pontapés. Um do istres quatro...

Saio correndo, quase tropeço em Suzana e respiro o ar da noite.

— O Cleber, quero que ele entre comigo.

— Um segundo. — Celina pega Nathalia e Suzana sorri para mim antes de segui-la para dentro da igreja.

— Sem borrar a maquiagem! — avisa antes de entrar. — Parabéns, Gilcelle. Vocês serão imensamente felizes.

Espero que sim.

Fico me perguntando se tem alguém aí dentro, se ele está mesmo aí dentro, se o padre ainda está aí. Estou duas horas atrasada. De repente, quero entrar logo, olhar bem na cara dele e perguntar se ele tem certeza disso, e se ele gaguejar para responder, enfio essas flores na boca dele. Ele vai ter um treco por não saber de onde vieram, então sairei linda no salto, porque ele terá me visto assim, de noiva. E toda noiva é linda. E ai, meu Deus, estou surtando.

Cleber surge do outro lado da rua e me sinto acalmar. E ao lado dele, está Sebastian, que se aproxima de mim estendendo a mão.

— Não chamei você, chamei o Cleber — protesto.

— Porque é uma puxa saco desalmada. Somos um grupo, Gilcelle. Eu vou entrar também, também gosto de você — ele diz mantendo a mão estendida, então a pego, enfio o braço no de Cleber e vamos os três rua afora

O espaço do corredor é apertado, Cleber é bem largo e não sei como caberemos nós três ali. Vou

falar isso para eles, quando Cleber percebe.

— Não tem espaço para nós dois — desafia Cleber.

— Vai ter que ter — responde Sebastian apertando minha mão.

— Vamos dar um jeito, agora parem com isso e me empurrem para que eu não saia correndo — peço.

A marcha nupcial começa, as portas se abrem e não vejo Matheus. O filho de uma égua foi embora. Mas é um gay mesmo! Estou prestes a dar meia volta para achá-lo e matá-lo (e para que ele me veja vestida de noiva) quando sua cabeleira loira surge de repente. Ele estava sentado. No altar. Da igreja. Onde todo mundo pisa. Esse homem me ama.

Sebastian despede-se de mim e sussurra que serei muito feliz, Cleber demora um pouco mais, me acalmando e ameaçando Matheus. Ele beija minhas mãos e meu rosto e diz emocionado:

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida, obrigado por ter vindo. — suas palavras saem meio emboladas e seus olhos brilham. Não quero chorar com ele, mas algo aqui no meu peito parece empurrar algo para fora dos meus olhos.

— Tem certeza que quer fazer isso?

O sorriso que ele dá antes de responder e toda certeza que ele representa é o suficiente para que esse medo passe.

— Amor, a única coisa de que tenho certeza agora, é que quero fazer isso — vocifera o que eu já havia lido em seus olhos.

Sorrio, e o sigo até o altar. Vou mesmo fazer isso, perante Deus, e ele terá que me amar e cuidar sempre, porque está prometendo em uma igreja e sei que ele é certinho demais para quebrar uma promessa desta magnitude, estou feita. Por que não me casei na igreja antes?

Olho para meu marido quando o padre começa a cerimônia, e ao ouvir sua voz, me viro imediatamente para frente.

— Estamos aqui reunidos...

Que bosta!

— Gilcelle? É você? — Ele arregala os olhos e fica meio roxo.

— Olá, padre Salvador.

Há três anos, quando fui ao convento convencer Antônia a sair de lá, este padre era um chato, que adorava pegar no meu pé e queria de todas as formas me exorcizar.

— Eu soube do pó de mico! — diz magoado.

— Padre, isso foi há muito tempo. O senhor sabe que não pode guardar mágoas, segundo seus ensinamentos, deve me dar outra batina para que eu batize.

Ele abre a boca para me repreender por algo que nem o afetou, mas Matheus contorna a situação.

— Padre, o senhor foi mesmo escolhido por Deus para realizar nosso casamento. Gilcelle hoje é uma nova pessoa!

Ele parece sem graça e este deve ser o casamento com o padre mais emburrado da história. E o tempo todo, me seguro para não rir, Matheus também, pois há um momento, quando o padre coça o braço pela quinta vez, que Matheus aperta minha mão, e aperta os lábios um no outro para não rir.

Matheus repete seus votos, me olhando daquele jeito de novo, com todo amor, adoração e aceitação por mim ali. Eu espero, querida leitora, que você tenha alguém que a olhe deste mesmo jeito, porque não há coisa melhor. E na hora de fazer meus votos, Matheus me pede que espere. Aproxima-se do meu ouvido e sussurra:

— Amor, eu prometi a você dar a vida que deveria ter tido desde sempre, cuidar de você e te dar somente o melhor. E talvez não possa cumprir isso. Talvez eu perca tudo na semana que vem.

Posso sentir o medo em sua voz, e não é medo que eu o deixe por isso, mas entendo que é medo de eu sentir falta da vida que ele criou em minha mente, caso não possa me dá-la.

— Matheus, caso você fique pobre, então não poderá mais ser tão fresco. E não estou desejando vê-lo falido, mas adoraria vê-lo pegar no cabo de uma enxada, das fazendas da sua família, essas enxadas que ficam pelo pasto, onde as vacas passam deixando seu rastro de bosta e então você pegaria nesse cabo e...

— Na riqueza e na pobreza, entendi — ele me corta.

— Só quero que me ame desse jeito sempre.

— Isso, eu posso prometer. Cada dia mais. Sempre.

Então faço meus votos sem desviar meu olhar do dele, dessa sensação deliciosa de que sou para ele, tudo o que ele sempre quis. O padre tem uma espécie de coceira imaginária, fala correndo e meio embolado, e assim que decreta:

— Eu os declaro marido e mulher, pode beijar a noiva. — Temos uma crise de riso.

Para que beijo, se podemos rir?

Mariana me abraça e ressalta que eu cuide dele. Marisa me abraça desculpando-se por sua reação, mas eu a entendo, porém, faço-a prometer sumir da minha casa e nunca mais aparecer sem avisar. Serei assim agora, para que ninguém espere que eu seja uma boa pessoa e se decepcione depois, já vou cortar todas as mordomias e bondades desde o início.

Celina praticamente pula em cima de mim, emocionada. E quando vai abraçar Matheus ele questiona:

— Por que você disse “sinto muito”, quando entrou aqui?

— Ah, era só uma brincadeira. Foi para que sua felicidade fosse maior quando a visse.

— Celina. — O tique começa a atacar. — Você não vale nem um mísero centavo.

— Ei, não fale assim da minha mulher, você acabou de se casar com a Gilcelle, não pode falar da Celina — defende Sebastian.

— O que quis dizer com isso? — questiono e mais do que depressa ele arrasta Celina para longe de nós.

Não temos uma festa. Matheus convida a todos para um jantar em um bom restaurante, mas dá o cano no povo, pois me leva diretamente para sua casa.

— Ei, não vamos comer? — questiono.

— Com toda certeza — ele responde abaixando-se a minha frente para que eu suba nele, o que faço com receio.

— Da última vez que entrei em sua casa desse jeito, sua família maluca estava nos esperando na sala de mala e cuia. Se tiver uma alma que seja nesta casa eu juro por Deus que faço greve.

— Você precisa entrar no meu colo. É a regra.

— Seria mais fácil eu carregá-lo no colo.

— Seria mais fácil se você fosse muda, eu seria imensamente feliz.

— Idiota. Você não se sentiria o *bam bam bam* do sexo se eu não gritasse tanto.

Ele pensa um pouco, e responde:

— Na verdade, eu seria mesmo imensamente feliz.

E só não o acerto com o salto do meu sapato, porque ele abre a porta. Dá dois passos para dentro,

me coloca no chão, e segura meu rosto entre suas mãos.

— Esta é sua casa, meu amor. É nossa casa. Quero que esqueça tudo o que aconteceu aqui desde a primeira vez que entrou aqui em minhas costas. Vamos começar agora. Nunca mais dormiremos em quartos separados, eu juro. E quando você me irritar a ponto de querer matá-la, descontarei minha ira com aquele chicote, ou sumindo a chave da nossa algema preferida.

— Se você usar aquela algema em mim de novo, Matheus, farei questão de passá-la por suas bolas assim que o chaveiro a abrir.

— Como eu disse, quem dera que você fosse muda.

— Então você não receberia meus avisos e suas bolas não existiriam uma hora dessas.

De repente ele fica sério e me faz olhar em seus olhos.

— Eu te amo. Você acha que pode esquecer aquelas noites e toda besteira que eu disse?

— Que noites? Nunca dormi aqui. Por que não me mostra a casa?

— Com todo prazer, meu amor. Vamos começar pelo quarto.

Afasto-me dele e subo correndo os degraus, e assim que entro no quarto, ele me alcança, quase rasgando meu vestido na pressa para tirá-lo. Estou com a mesma urgência, pois ele me deve um orgasmo desde o fatídico dia da nossa briga, e cobrarei com juro e correção monetária. Tento tirar sua camisa, mas acabo passando a unha lascada com força em seu ombro e ele dá o primeiro grito da noite.

— Desculpe, esqueci que minha unha quebrou.

Ele apenas assente, beijo o arranhão causado pela unha e voltamos a nos beijar, e quando vou abrir sua calça, algo fica preso na unha, e ele dá o segundo grito da noite.

— Ok, será que vou ter que amordaçá-lo? — ameaço.

Ele nega com a cabeça.

— Você vai agora mesmo cortas estas unhas!

— Não vou, não!

— Vai sim!

— Mas não vou mesmo!

— Corte essas unhas agora! — ele grita jogando-me na cama, pegando a tesourinha de sua cômoda e a arremessando ao meu lado. — Dois segundos para pegar esta tesoura, porque se eu tiver que pegá-la...

Começo a cortar as unhas. Bem pontudas. Vamos ver quem deveria ser mudo esta noite, querido.

1º DICA: NÃO SE APAIXONE POR UM PERVERTIDO.

Ah, dica desnecessária, claro que eu nunca faria isso. Não presto para nada relacionado ao amor, como costumo contar aos filhos da vizinha (ela tem sete, ninguém merece isso) era uma vez o amor, eu o matei, fim. Acho que é por isso que ela não os deixa muito tempo perto de mim. Enfim, ela não deveria me julgar, amou demais e acabou ali, sozinha e com sete filhos.

Olá, meu nome é Bárbara, mas todos me chamam de Bah. Tenho vinte e nove anos, dois seios enormes (não é silicone), muita coragem e uma imaginação muito fértil. Bom, basicamente isso é tudo o que eu tenho. Levando-se em conta que sou pobre, quase falida mesmo, devo mais de cinco cartões, de uma época em que fui feliz, tenho um sobrenome no mínimo estranho (não me pergunte que não direi) e não levo o menor jeito com crianças. Também não tenho casa, carro, nem bicicleta, ou namorado, mas não vamos começar este dia fazendo uma lista de tudo o que não tenho. Ninguém tem tudo o que quer, então uma lista dessas, qualquer um pode fazer.

Mas, também não tenho vergonha na cara, só para constar.

Leio a dica número um pela décima vez. Saio do elevador e me preparo. O clima na empresa está péssimo, é como um pré-enterro, estamos todos tensos, nervosos e tendenciosos a querer matar nossos chefes. Mas ainda esperamos um milagre. Não posso perder o emprego aqui, é divertido, são todos loucos, pagam bem e os chefes são lindos. São todos comprometidos, mas é muito bom trabalhar com a vista que os três patetas proporcionam. Mesmo porque, são os que pagam melhor suas secretárias e no momento, preciso de dinheiro.

Minha vida aqui era tranquila, na medida do possível, porque eles são todos meio malucos, mas então, quando eu achava que tudo acabaria bem, e estava superando minha paixão pelo Cleber, porque fiquei amiga da Suzana e a adoro, eis que ele me aparece. Miguel Amorim, irmão mais novo do Matheus. Imagine, lindo, gostoso, safado e um tremendo dum cafajeste. Antes de pegar este manual com a Celina, usei o manual da Bah, aquele que fica na mente da gente, para caso um dia você encontre um homem lindo e gostoso e tal, e dê para ele. Então, assim que ele passeou os olhos por cada mulher da empresa e os focou em mim, fechei o máximo que pude minha cara. Toda mulher sabe que homens não gostam de mulheres fáceis.

E então começou o meu dilema. Estou devendo até o último fio de cabelo do rabo, e aqui pagam muito bem. Estou morando de favor com uma prima, vizinha dessa mãe da creche, e preciso limpar meu nome, sair do buraco, me reerguer e não pegar o caçula do chefe mais moralista da empresa. Porque ele vai me demitir.

Logo, foda-se manual da minha cabeça, serei cortês com o cara e ele vai atrás de alguém que não vai dar bola para ele. Simples assim.

— Bom dia, gatinha — ele disse em seu primeiro dia aqui, apoiando os braços fortes na minha mesa.

— Bom dia, senhor Amorim, deseja alguma coisa?

— Sim, que tal uma companhia para o café?

Ele estava me oferecendo sua companhia e seria muito deselegante recusar em seu primeiro dia, quando ele precisava fazer amigos, portanto, me fingi de égua.

— Uma companhia, o senhor deseja? Um minuto. — levantei-me e berrei: — Mônicaaaaaa, o loiro

aqui quer companhia. — Então me sentei e sorri docemente para ele. — Pronto, senhor Amorim, sua companhia já vem, mas só para que senhor saiba, a empresa não fornece este tipo de lanche para os funcionários.

Então ele sorriu, um sorriso lindo, repleto de dentes brancos e aqueles olhinhos azuis... Parei, não mesmo, tenho contas a pagar e não posso perder o emprego.

No segundo dia dele aqui, estava nervoso por alguma coisa, provavelmente porque a empresa está prestes a fechar as portas. Não sei o que foi que estes estúpidos dos meus chefes fizeram, mas precisam desfazer, pois como estou dizendo desde o início do capítulo, pois é, não posso. Estava almoçando me fazendo de égua para tentar ouvir o que eles falavam, levei o garfo até a boca quando Matheus começou a falar sobre alguma verba desviada, de repente, um prato foi depositado com tudo à minha frente e gritei como uma louca, engasgando com o macarrão. Tossi, tossi, o responsável pelo meu engasgo deu tapas tão fortes nas minhas costas que quase o acertei de volta com um chute nas bolas. No fim das contas, o macarrão saiu pelo meu nariz, todo mundo saiu do refeitório morrendo de nojo, Miguel, o babaca, quase teve um surto, e sumiu. Resultado, fui ao banheiro e lavei o rosto, voltei para a mesa e comi a comida dele. Não vamos desperdiçar, não é mesmo?

E então, teve o terceiro dia, que foi o dia em que precisei recorrer à ajuda da Celina. Estava eu tranquila e calma em minha mesa, mentira, nunca sou calma, quando um ramalhete de flores surgiu flutuando à minha frente. Pensei por um momento se deveria sair correndo ou pegar o tal ramalhete, mas tive a brilhante ideia de abaixar-me por baixo da mesa para tentar ver do que se tratava, e era um entregador. Anão.

— Ah, que susto — reclamei pegando o ramalhete e assinando a nota apenas com meu primeiro nome.

Nunca na minha vida recebi flores. Era um ramalhete lindo de peônias. Uau! Quem se incomoda em escolher peônias? O cartão delicado, continha em uma letra perfeita, uma frase: *Para as flores, o espinho*.

Hum? Fiquei uns trinta minutos relendo a frase até entender que o idiota do Miguel estava me chamando de espinho. Na hora do almoço, outro ramalhete flutuou à minha frente. O tomei da mão do entregador e assinei o papel. Desta vez, era um ramalhete de orquídeas azuis, nunca vi orquídeas azuis. Eram lindas. O cartão poderia estar escrito: *flores para uma trouxa* que eu acharia lindo. Corri no Google e pesquisei, e eu estava certa, as flores eram raras. Como ainda tinha uns minutinhos, desci correndo e consegui vender as peônias e orquídeas por um preço exorbitante ao segurança da portaria, ele estava afim de uma das recepcionistas.

— Valeu por pagar minha janta, Miguel.

Fui embora feliz e saltitante como nunca fiz na vida. E quando cheguei a casa da minha prima, ela estava coberta de flores. Muitas mesmo, de variadas cores. E ele estava ali, sentado no pequeno sofá dela, com toda sua gostosura bem distribuída em músculos, estendido na pequena sala.

— O que é isso? — perguntei.

— Não sei por que vendeu as flores, mas, não venda estas, me deu trabalho para escolher.

Olhei para ele como se não me importasse com um jardim perfumado na minha sala e dei de ombros.

— O que é isso? — perguntei de novo e ele sorriu.

— Meu pedido de desculpas por tê-la feito engasgar.

— Legal, pode ir agora.

Então ele olhou minha mão. Tentei esconder a todo custo a caixinha de lasanha na sacola. Sabe essas lasanhas congeladas que você compra no mercado, esquentando no micro-ondas tira a água que escorre quando o queijo derrete e parecem borracha na hora de mastigar? Isso seria minha janta.

— Vendeu as flores para comprar isto? — perguntou espantado.

— Hunf! Até parece. Comerei isto porque sou viciada em lasanhas de borracha. Digo, de supermercado.

— Quer ir jantar?

— Não.

— Massa italiana.

— Não.

— Rodízio de carne.

— Por que você não vaza? Estou cansada, tenho uma lasanha, você está sobrando.

Ele cruzou os braços como se fosse me convencer, quanta pretensão, eu não iria com ele mesmo!

— Comida japonesa.

— Ok, vou só tomar um banho.

Tchau lasanha emborrachada, amanhã à noite nos falamos. Coloquei-a na geladeira com um bilhete para minha prima de que era minha e ela não devia pôr a mão, e fui com ele. Ele ainda inventou de colocar uma flor no meu cabelo antes de sairmos, mas a joguei de volta nos buquês.

— Isso é brega. — Então, aponte para mim e para ele repetidamente, girando o dedo entre nós. — Isso não é um encontro. E estou faminta, vamos logo.

O jantar foi bem mais tranquilo e menos idiota do que teria imaginado. Embora eu não tenha dito nada, pois passei a noite mastigando, ele me contou toda sua vida. Seu irmão gay, sua irmã maluca, o Matheus, que acho que é as duas coisas, sua mãe chata e avó estranha. Também contou sobre sua faculdade e da vez em que bebeu demais e acordou com a cabeça enfiada em um plástico que estava grudado em seu pescoço, então ele entrou em pânico porque não sabia de onde tinha vindo o plástico e quem o colocou ali. Sim, ele é bem fresco, bem fresco mesmo. Forrou um pano para sentar na cadeira do restaurante, levou os próprios talheres e tomou vinho no canudo. Enfim, quem sou eu para julgar?

Naquela noite, cheguei em casa tão cheia, que custei a subir as escadas, minha barriga parecia ter uma mão batendo um tambor por dentro, nem mesmo um sal de frutas aliviou. Passei a noite no banheiro e percebi que não dá mesmo para confiar em homens bonitos, eles te ferram de um jeito ou de outro. Mas, o cara me mandou flores, me chamou de gatinha, me levou para jantar, então, tive que pedir ajuda a Celina, que me deu este manual.

A primeira dica é: não se apaixone por um perverso. Não vou me apaixonar, é claro, quero apenas pegá-lo.

Sento-me em minha mesa, arredo a tela do meu computador e viro a cadeira no ângulo certo. Pronto, agora posso vê-lo em sua sala trabalhando. O dia todo. Como é bom trabalhar aqui. Pego as folhas amassadas do manual da Celina para ver o segundo passo e quase caio da cadeira.

2º DICA: DESCUBRA SE É BOM DE CAMA

— Que espécie de dica é essa? Se eu preciso de ajuda para chegar no cara não tenho como saber isso.

E então, há as subdicas:

Reparar como ele beija, se tem pegada e se há volume em sua calça quando faz isso.

Sim, não vou perder meu tempo com um cara ruim de cama. Uau, reparar se tem volume, então não tenho que beijá-lo, tenho que me esfregar nele. Abro um enorme sorriso, estou adorando este manual.

Capítulo 17

Matheus

Estou deitado ao lado dela na cama, com a câmera nas mãos, vendo as fotos que tirei a noite passada. Fotos dela, vestida de noiva, despindo-se para mim, fotos estas, que em breve estarão por toda nossa casa, nossa verdadeira casa. E só serão divididas nas paredes, pelas fotos dela, com os nossos filhos.

Olho para o lado e seus grandes olhos cor de mel estão focados em mim.

— O que vai fazer com estas fotos? — pergunta.

— Você vai ver. — Largo a câmera na cabeceira e pulo em cima dela. — Bom dia, MINHA Sereia linda, MINHA mulher, MINHA amada.

— O que você quer? — ela pergunta com um sorriso.

— Desculpar-me. Não a tratei direito após nosso casamento no civil, quero corrigir isto. Quero que saiba que estava enganada, há bem aqui, um homem que a ama e a adora, com todas as forças, todos os dias. Por mais maluca que você seja.

Seu sorriso doce quase me faz desmanchá-lo em meus lábios.

— Já ouvi palavras parecidas antes, Matheus. Mas sei que ninguém é perfeito. Acho que idealizei demais a maneira como você me amava e toda essa coisa de dez anos me perseguindo e cuidando. Acho que pensamos que isso fosse maior do que realmente era. E não devemos fazer isso. Devemos apenas nos amar, como duas pessoas normais se amam.

Nego com a cabeça.

— Não quero amá-la como uma pessoa qualquer poderia amar. Não quero dar a você o que outro poderia dar. Eu a amo acima de qualquer coisa, acima de qualquer amor, e quero que entenda isso. Acima de cada mágoa, e de cada idiotice que eu disse, Gil, mesmo quando achei que não deveria amá-la tanto, foi o seu amor que me manteve são. O mundo pode acabar hoje para mim, posso perder tudo e todos, porque sei que eles me culparão no fim das contas, mas não posso perdê-la. Porque você me faz rir e me faz sentir inteiro, mesmo quando estou em pedaços. — Beijo seu pescoço e subo levemente os lábios até sua orelha, e sussurro. — Eu disse que juntaria seus pedaços sempre, mas é você quem me faz inteiro. Apenas você.

Ela me puxa pelos cabelos e me beija, mas me afasto mais cedo do que gostaria, precisamos colocar tudo nesta cama, e deixar qualquer mágoa do passado exatamente aqui.

— Espere aqui, minha Sereia linda, vou buscar algo para você comer.

— Eu posso descer e comer alguma coisa.

— Não, vamos conversar. Você só sai deste quarto depois de conversarmos — aviso.

— Sobre o que quer falar? Já aviso que não estou totalmente acordada e se for algo relacionado a sua família chata nesta casa, então dormirei o resto da vida.

— Não é nada disso. E esta casa é sua, só entra aqui quem você quiser que entre.

— Desde quando?

— Desde agora.

Ela abre um sorriso assustador, essa é minha garota.

— Sua família está proibida de entrar aqui. Seus amigos também. E seu irmão gay, porque não vou inclui-lo em família. Vejamos, quem mais não quero aqui dentro?

Beijo sua testa e busco algo para que ela coma. Ela toma o café quietinha em meus braços, e quando afasto a bandeja de seu colo, sento-me de frente para ela.

— Nas noites em que dormiu sem mim, você teve pesadelos? — pergunto logo.

Ela apenas nega com a cabeça, tudo bem, talvez tenha superado isso, eu só preciso entender.

— E quando acordou de manhã sem mim? Você sentiu medo?

Seus olhos desviam do meu, e ela se senta mais ereta, sei que é difícil para ela falar disso.

— Sim, Matheus, não só nesses dias em que não dormi com você, mas nos dias que você estava saindo mais cedo para ir à V.D.A., eu sempre me sobressalto quando acordo e você não está ao meu lado. Acho que nunca irei superar isto. E eu sei que já passei por muitas merdas, mas de todas as que já passei, essa parece ser a que não supero, porque foi em você que deposei minha maior fé.

Pego suas mãos nas minhas e a sinto acalmar-se aos poucos.

— Eu sinto muito, muito mesmo por isso. Mas precisamos superar isso, preciso que você fique bem, o tempo todo, mesmo se eu não estiver por perto. Não que eu não vá estar, estarei sempre aqui, Sereia. Quero que me fale quando estes pesadelos começaram. O que você sentia ao acordar sozinha na cama toda manhã? O que mais eu causei a você ao ir embora? Do que mais você guarda mágoa, Gil? Quero que coloque tudo para fora, que se abra, e me mostre o que tenho que fazer para que você não sinta medo nunca mais. Para que supere cada merda que causei a você. Quero saber tudo.

— É muita merda para falarmos a esta hora da manhã.

— Não importa. Quero levá-la à nossa casa, Gil. Quero levá-la para sua nova vida ao meu lado, e não faremos isso com sombras do passado sobre nós. Eu quero que diga tudo, para que eu também possa dizer. Não quero brigar e prometo não me magoar com nada do que disser, sei que não é delicada, então, apenas coloque para fora.

A maneira como ela me olha, como parece enxergar dentro de mim, me hipnotiza.

— Eu não tive um exemplo de amor em casa. Você sabe disso. E então eu conheci você e eu te amei de uma forma tão pura, e era isso o que não me deixava enlouquecer, eu não era como eles, eu sabia amar. E então você foi embora. Eu passei a vida achando que não era nada, que ninguém se importaria comigo, porque eu não merecia. Porque eu sentia raiva e não conseguia me controlar, e eu morei em tantos lugares e todo mundo sempre se afastava. Até conhecer a Celina, acho que por ser tão maluca quanto eu, eu não a assustei.

— Na verdade, você ainda é mais maluca do que ela.

— Cale a boca. E você, era a lembrança da única coisa boa e da pior coisa que tinha me acontecido. Eu te odiei tanto quanto te amei, Matheus. E mesmo quando aceitei aquela viagem maluca, eu ainda sentia muita mágoa. Eu senti uma coisa ruim por você disputando com o amor imenso que você desperta em mim até o momento em que li aquela carta. Se você quer saber o que me causou, não foram apenas pesadelos. Eu desenvolvi uma espécie de trauma, por muito tempo, não permitia que ninguém me tocasse, se a coisa ficasse íntima, um pouco que fosse, eu me afastava, agredia, agia como uma louca. Eu comprava algemas para que um dia pudesse prendê-lo e torturá-lo por cada noite em que não dormi pensando em você. E tem a voz. Uma voz que fala na minha cabeça, desde o dia em que você foi embora, e eu me sentia ainda mais louca.

Uma voz? Era com isso que ela falava sozinha às vezes? Era por isso que a taxaram de louca na empresa?

— Tudo mudou quando li sua carta, porque eu percebi que você esteve por trás de tudo de bom que me aconteceu. Foi você quem pagou o tratamento da minha mãe. — Assinto e ela continua —

Você pagou minha formatura, minha faculdade, até mesmo a casa que temos em Baependi, não é? Ela estava hipotecada e um dia simplesmente foi quitada e devolvida a mim e eu não sabia como isso tinha acontecido. E depois eu percebi, que cada vez que não tinha para onde ir, e um lugar aparecia ou alguém aparecia, foi você. Você cuidou de mim a vida toda, não entendo porque demorou tanto para se reaproximar. E disso, eu guardo mágoa.

— Porque sou um covarde. Porque quando estava na faculdade eu não tinha nada a te oferecer, cuidava de você como podia, mas não parecia ser o suficiente para te levar para junto de mim. E quando abrimos a V.D.A. eu não podia simplesmente chegar em você anos depois e esperar que me perdoasse, você precisava conviver comigo, para que eu pudesse reconquistar sua confiança a cada dia. Mas, quando a levei para perto de mim, você estava tão magoada e tão inalcançável, achei que o tempo faria essa mágoa passar, mas não fez. Foi só aí que tive coragem o suficiente de fazer o que fosse preciso pra que você ficasse comigo.

Abaixo a cabeça e assumo, porque mesmo que às vezes duvide, sei exatamente como ela é, ela nunca escondeu nada de mim, e quero que saiba exatamente quem sou.

— Porque parece que posso superar todos os meus defeitos, menos este. Porque tudo o que vem de você me assusta o dobro e realmente tenho medo demais de te perder para sempre. Cada vez que você me afastava, mas voltava pra empresa no dia seguinte eu sabia que era uma nova chance. Quando eu fui te procurar naquela manhã que nunca existiu nessa casa, e você não estava e eu não consegui achá-la, fiquei louco. Gilcelle, eu achei que você iria embora, que sumiria e eu nunca mais a veria e então eu deixaria que a V.D.A. fechasse e deixaria meus amigos na mão, porque eu juro que estava disposto a deixar tudo e ir atrás de você onde você estivesse. E provavelmente eu serei um estúpido de novo. — Olho em seus olhos para que entenda. — Você tem tanto medo que não te amem por ser como é, e não percebe que é tão perfeita, que irei amá-la e adorá-la sempre, porque você é o que de melhor eu tenho na vida. E eu, Gilcelle? E eu que sou covarde, idiota e muitas vezes um estúpido? E eu que ajo pela paixão, que não respeito seu tempo, seus limites e a força sempre a ficar comigo? Por que você me amaria?

Ela sorri e lágrimas descem por seus olhos. Seco-as com os lábios e ela responde tão baixinho, que só a escuto porque estou muito perto de seu rosto.

— Porque apesar de tudo, você foi o único que me amou de verdade, que me deixou amá-lo do meu jeito, que nunca pediu que eu mudasse, você foi e é a melhor coisa da minha vida. E é somente por isso que não te matei por marcar dois casamentos sem me avisar e dizer que eu não sirvo para ser a mãe dos seus filhos.

Jogo-me em cima dela derrubando-a e a beijo.

— Nunca vou me desculpar o suficiente por ter dito isso. Não estou acostumado a ficar tão perdido, eu deveria tê-la pedido ajuda ao invés de afastá-la, mas agora aprendi isso. — Olho em seus olhos e peço. — Pare de tomar o remédio, Gil. Achei que você não tomasse.

— Eu tomo, e não vou parar.

— Mas você quer ser mãe. E eu quero que você seja mãe, pare de tomar e te prometo praticar três vezes por dia para que nossos filhos nasçam o mais depressa possível.

Ela sorri e morde meu lábio.

— Proposta tentadora, querido. Mas só vou parar de tomar o remédio, quando você provar que eu sirvo para ser a mãe dos seus filhos.

Levanto minha cabeça de seus seios e a encaro.

— E como eu vou fazer isso?

— Não sei, se vira. Se não me sentir segura, não serei mãe.

— Amor, se o Sebastian não matou a Nathalia até agora, você pode ser mãe.

— Preciso de mais do que isso — insiste.

— Se o Cleber leva jeito com crianças, você pode ser mãe.

— Ainda não é o bastante.

— Você quer que eu adote uma criança e a deixe sob seus cuidados para provar que você pode ser uma boa mãe?

Ela nega com a cabeça, com aquele sorriso de quem vai acabar comigo e apenas espero.

— Não quero ninguém como exemplo. Quero que você me prove que eu posso ser a mãe dos seus filhos. Como você vai fazer isto, não é problema meu, apenas me convença.

Merda. Malditas mulheres vingativas.

— Vamos sair desta cama, Matheus. Não concordo ainda com muitas coisas que fez, mas entendo perfeitamente. Vou tentar tirar todas essas mágoas.

A V.D.A. está um caos. A auditoria da Receita será amanhã, e embora já tenhamos provas o suficiente de que o Marcus foi quem desviou e falsificou as assinaturas, ainda não sabemos onde o dinheiro desviado está. Sebastian e eu estamos discutindo isso, quando Miguel aparece concentrado em alguns papéis.

— O que é isso? Achou alguma coisa? — pergunto esperançoso.

— Ah, isso é uma coisa que o Sebastian me deu. Uma espécie de manual para domar uma maluca.

— Um o que?

— Manual, homem — explica Sebastian — para que ele conquiste a secretária do Cleber. Ela não bate bem da cabeça, como a Celina, então dei este manual para que ele aprenda como domá-la.

Sorrio, só mesmo o imbecil do Sebastian para pensar em uma porcaria dessas e o mais imbecil ainda do meu irmão, para seguir isso.

— E desde quando você domou alguma coisa para achar que pode ensinar? — contesto.

— Desde quando enfiei um anel e um bebê naquela maluca e ela ainda está comigo. Eu domei a Celina, admita, homem, eu sou o rei em domar malucas.

— Opa, não quero nada de enfiar bebês nela, apenas dar uns pegas — diz Miguel.

— Siga este manual, Miguel. O siga à risca e vai dar tudo certo — garante Sebastian.

Gilcelle entra quando ele está saindo e ouve o fim da conversa, então anda até Sebastian e o pega pela gravata.

— Você deu a ele um manual que anula o manual que a Celina deu à Bah?

Ele assente. Ela o solta e os dois caem na risada, e eu não estou entendendo nada.

— É muito simples, Matheus, meu velho. A Celina fez um manual que ensina mulheres a domar pervertidos e o deu à Bah. Então eu fiz um manual que ensina homens a não caírem no manual dela. Vamos ver qual de nós dois vai se sair melhor com essa coisa de manual.

— Sebastian, meu amigo. A essa altura do campeonato você deveria saber que não deve jamais entrar em uma disputa de nada com a Celina.

— São só uns manuais, o que de mais pode acontecer?

— Ele será massacrado — diz Gilcelle e concordo com a cabeça.

Essa, eu pago para ver.

O que mais me desespera nesta situação toda, é a cara dos funcionários. Estão desanimados e com

medo. E não os culpo. O país prestes a entrar em uma crise, e todos ficarão desempregados se as coisas continuarem como estão. Os investidores estão abandonando o barco. A história da investigação da Receita no hotel de Madri vazou, e muitos acionistas estão entregando suas partes e retirando seu investimento. As ações da V.D.A. estão em baixa e ninguém irá comprar ações de uma empresa prestes a fechar as portas.

— Poderíamos abrir um clube noturno — Sebastian diz — colocaríamos a Miss Sue para dançar lá e ficaríamos ricos.

— Verdade. Você poderia chamar aquelas tias e a mãe maluca dela para serem as garotas da casa, o que acha, Cleber? — provoco.

— Claro. Somente se a Gilcelle fizer as apresentações, é só darmos um pouco de bebida para ela, e ela ficará rica mostrando a cabeleira ruiva — responde.

— Babaca.

— Foi você que começou.

— Na verdade, foi o Sebastian — defendo-me.

— Sim, mas não vou mexer com o nome da Celina. Ela é a bruxa mor, tenho pavor dela.

Pela primeira vez, tiro de boa vontade uma garrafa de Jack da adega do Cleber.

— Vamos brindar meus amigos, ao quão estúpidos somos. — Levanto a taça e Sebastian pega uma na adega, enchendo-a em seguida.

— Vamos brindar por todas as vezes deixamos a V.D.A. à beira da falência, porque somos muito idiotas — diz ele.

Cleber então pega a garrafa da minha mão e a estende, encostando-a em nossas taças.

— Vamos brindar às mulheres maravilhosas que temos, porque se a empresa fechar dependeremos da inteligência delas — diz.

— Estou fodido — diz Sebastian virando sua taça.

Está quase na hora de irmos embora, sinto como se fosse nosso último dia ali. Gilcelle entra na sala do Cleber e faz uma careta, mas ordeno imediatamente que Cleber mantenha as garrafas longe dela. Ela me arrasta até o banheiro feminino. Estou meio zozinho e não consigo tirar os olhos do seu decote.

— Você vem trabalhar todo dia com essas tetas enormes?

— Não posso tirá-las para vir, querido.

— Por que eu permito isso? Estas tetas são minhas.

— Não sou uma vaca para que minhas tetas tenham donos. Agora abaixe a cabeça, você é muito alto.

Sorrindo como um bêbado apaixonado, abaixo a cabeça em direção as suas tetas, mas a traíra pega meus cabelos e enfia minha cabeça na pia, ligando em seguida a torneira e um jato de água gelada quase me mata afogado.

— Você ficou maluca? — grito afastando-me dela, que sorri tranquilamente.

— Descobri este método muito bom para curar bebedeira. Aliás, eu ainda estava meio bêbada quando aceitei sua proposta, mas enfim, você ainda tem meia hora de trabalho.

— E um chicote na gaveta, você me paga por isso.

Pego a atrevida da minha mulher pelo cotovelo, que grita enquanto a arrasto para minha sala, deixando água por toda parte.

— Pode ser meu último dia como CEO dessa porra, por isso, vou comer minha mulher na mesa.

Sumam todos!

Por algum motivo ela parece mais vermelha do que seu cabelo, as pessoas saem correndo e rindo, foram liberadas meia hora mais cedo, devem mesmo estar felizes para rirem tanto. Minha vista está um pouco embaçada, mas consigo jogá-la sobre a mesa e abrir a gaveta.

— Matheus Idiota Amorim! É bom que esteja bêbado ou juro que vou apertar suas bolas...

— Calada! — grito acertando o chicote em suas pernas. — Você tem um minuto para tirar toda sua roupa e ficar de quatro nesta mesa.

— De quatro? — pergunta com os olhos arregalados.

— De quatro — confirmo com o chicote em riste.

— Mas, eu não consigo nem mesmo abrir todos estes botões em um minuto.

— Trinta segundos, se ainda tiver uma peça de roupa no seu corpo quando eu chegar ao zero, irei rasgá-la. Trinta, vinte e nove, vinte e oito...

Ela tira a roupa como uma desesperada, mas sua saia não escapa. Sobe na mesa meio desengonçada e antes que termine de perguntar para que lado deve virar a bunda, já a estou penetrando.

— Eeeee caralho, eu amo essa mulher! Abaixa a bunda, querida, quero ir mais fundo.

Não entendo por que ela está rindo, mas quando enfio dois dedos além do meu pau nela e mordo seu ombro, ela se cala.

— Veja quem deve ser muda agora, querida.

Estou segurando o máximo que posso, quero ouvi-la gritar primeiro. Quando finalmente ela grita, desmanchando-se sobre a mesa, grito também e caio sobre ela. Seus chutes fracos não machucam. Quase adormeço ali, mas ela me faz levantar e me ajuda a vestir a roupa. Xinga um monte por eu ter rasgado sua saia e amarra minha blusa social na cintura.

— Isso vai ter de servir. Lembre-me de montar um pequeno armário na empresa, caso vá me comer aqui mais vezes.

— Se a empresa ainda for minha depois de amanhã, te comerei aqui todos os dias.

— Promessas, promessas.

Assim que abrimos a porta, damos de cara com Alzira. Ela está com uma careta mais horrenda que sua cara normal.

— Mas que merda está fazendo aqui? Eu já não demiti você? — grita Gilcelle.

— Vai me dar meu emprego de volta quando eu te disser o que descobri.

— Não posso imaginar nada que me faria mantê-la aqui, sua ladra de fotos esquisita — acusa Gil.

— Tudo bem, se não quer saber o que descobri sobre o Sr. Marcus hoje, estou indo embora.

Não sei se estou lento, ou se a Gil é rápida demais, mas alcança Alzira como um flash e lança um olhar tão feio para ela, que eu quase começo a falar o que nem sei para que seu rosto melhore.

— Ok, me dê uma informação que valha a pena e eu te mantenho na V.D.A., desde que fique bem longe do meu marido, é claro.

— O Sr. Marcus deixou algum dinheiro na conta de um amigo e esse amigo está enrolando para devolver a ele o dinheiro. Ele estava bem nervoso falando ao telefone esta tarde. Parece que este homem está aqui na capital, ficará por poucos dias, e seu Marcus teme que ele vá embora sem lhe dar o dinheiro.

— Então, ele levou um golpe no golpe. E por que é que você estava com ele esta tarde?

— Já dei a informação, preciso ir. Resolvam isso, não quero perder meu emprego, nem ficar sem

ver seu marido.

— Ora, sua abusada... — Gil dá um passo em sua direção e ela sai correndo.

As coisas estão cada vez piores.

Abro o carro e rapidamente minha mulher toma a chave da minha mão.

— Nada disso, baby. Banco do carona, hoje eu sou a motorista.

— Tudo bem, baby, eu te digo o endereço — aviso.

— Eu sei o endereço.

— Acho que não.

Ela vai cantarolando Toni Braxton e quando passa pela rua que deve entrar agora, grito de repente:

— Vire aqui!

Ela grita e vira o volante de uma vez, subindo o carro na calçada.

— Porra! Você é barbeira como a Suzana — provoco.

— A culpa foi sua por gritar assim! E ninguém é barbeiro como a Suzana, aquela ali deveria ser proibida até mesmo de sentar-se no banco da frente. Por que me mandou virar aqui? Não moramos aqui.

— Agora moramos.

Ela me encara com a confusão estampada no rosto, mas não digo nada. Minha cabeça não gira tanto, não tenho mais vontade de rir, então devo estar melhor. A guio para o que será nossa casa agora e quando a mando estacionar o carro, ela abre a boca exageradamente.

— Caralho! Quem mora aqui?

— Um casal feliz e apaixonado.

— E rico. Isso é tipo, a casa mais linda que já vi na vida, e não estou dizendo que a sua é feia, mas esta, uau!

— Que bom que gostou, meu amor. É aqui que vai morar a partir de agora.

Ela sorri, sai do carro e saio atrás dela. Olha para a bela construção e noto que acha que estou brincando.

— Então, a V.D.A. está falindo e você comprou uma casa?

— Claro, antes que todo meu dinheiro seja embargado para pagar as contas da empresa. Último presente, amor. — Ela me encara e digo a verdade — Eu já a havia comprado para você, antes dessa confusão toda.

— E caso a V.D.A. feche, como manteríamos uma casa dessas?

— Trabalhando, é claro.

— É claro. Você não está falando sério, não é? Não me comprou uma casa de presente.

Tiro do bolso a chave e estendo a ela. Ela a pega desconfiada e anda até a porta, me olha como se fosse ser presa a qualquer momento por tentar invadir uma casa. Quando a chave gira na fechadura e a porta abre, ela fica totalmente parada. Corro até ela e a viro para mim, abaixando-me à sua frente. Ouço seu sorriso nervoso quando ela passa as pernas a minha volta e a levanto.

— Bem-vinda ao nosso lar, meu amor.

Desço-a por meu corpo e acendo as luzes. A casa é realmente linda, eu sabia que ela adoraria, mas nunca pensei que reagiria com uma boca aberta e esse brilho todo nos olhos. Coloco gentilmente a mão em suas costas e a guio de leve para o interior de sua nova casa. Ela levanta a mão para tocar em algumas coisas, mas não toca. Quando chegamos a sala principal, ela estaca. Encara a parede atônita e afasta-se de mim me olhando como se aquilo fosse uma miragem, ela reconheceu.

— Isso é porque você ainda não viu os quartos, amor — aviso e pego sua mão. — Vou mostrá-los a você.

Mal posso acreditar que ele fez mesmo isso. Uma vez, há uns dois anos, saiu uma matéria em uma revista sobre esta casa. Uma bela construção, feita por um homem muito rico, que levava chifre de sua mulher, na esperança de conquistá-la. Bom, a história não é exatamente esta, dizia que foi um homem muito apaixonado para dar a sua amada a casa de seus sonhos, mas ela foi embora uma semana após se mudar para a casa dos sonhos, pois não se achava digna de tamanho presente. Ou seja, ela chifrava o cara. Ele sumiu em um cruzeiro e a casa ficou fechada por meses. Poucos anos depois, ele retornou ao Brasil e tentou residir nela, mas não conseguia sem sua amada fujona, então a deixou nas mãos dos empregados e foi correr o mundo. Os românticos dizem, que atrás da tal mulher. Eu acho que ele foi é beber em bares pelo mundo para superar esse puta chifre.

Uma frase nessa revista me chamou a atenção na época, claro, além da casa maravilhosa: *espero que um dia esta casa abrigue a mulher digna de receber todo o amor que a preenche*. Traduzi aquilo como: *espero que um dia outro ser compre esta casa para presentear sua mulher e que ela não o meta um par de chifres para que todo meu trabalho não tenha sido em vão*. O grande problema, além do preço exorbitante que ela deveria custar, era que o cara sumiu pelo mundo, e nunca pôs a casa à venda. Pelo menos eu nunca fiquei sabendo. E eu disse repetidas vezes que era meu sonho uma casa daquelas, embora não acreditasse em tamanho gesto de amor.

Enquanto me guia pela enorme escadaria para o quarto, Matheus vai me explicando:

— Uma vez, na cantina da empresa, você estava mostrando uma revista ao Cleber, e dizendo que era seu sonho ter um idiota que a amasse o suficiente para fazer ao menos um cômodo daquela casa para você. Eu jurei a mim mesmo, que no dia em que você fosse minha, viveríamos aqui. Quando aceitou minha proposta de viajar para Baependi, coloquei detetives atrás do dono desta casa. Contei a ele nossa história, e o que eu pretendia fazer. Ele achou meu plano idiota e imaturo, mas disse que se desse certo, me venderia a casa. Assim que nos casamos no civil, enviei a ele uma cópia da nossa certidão. Então, ele me vendeu a casa. Também nos desejou muita felicidade e harmonia aqui. Agradei pela felicidade e não comentei que harmonia e Gilcelle não combinam.

Eu nem tenho palavras para mandá-lo à merda. Viro-me para trás de repente e o abraço.

— Isso é sério?

— Sim, meu amor. E veja bem, esta casa é sua. Ninguém que conhecemos entrou aqui além de nós. Não há lembranças ruins em nenhum cômodo dela. — Ele segura meu rosto entre suas mãos e olha em meus olhos, aqueles olhos azuis mais apaixonados do que já os vi. — Espero que possa ser feliz aqui. Que possamos ser. Quero te pedir que tente, de verdade, esquecer todo o resto, nos casamos ontem, nossa vida como um casal, o verdadeiro teste, começou ontem. Estou tentando não sentir medo, será que pode tentar me deixar provar que o meu amor por você é bem maior do que tudo o que você idealizou?

Acaricio seu rosto, não quero chorar na frente dele, não sou uma mulher emotiva, não mesmo.

— Você é mesmo, muito bom com essas propostas, meu bem. Milhões na conta, uma mansão dessas.

— E o maior amor do mundo.

— E o maior amor do mundo. Veremos, estúpido. Mas não serei boazinha com você.

— Você nunca foi — ele diz e me beija. Guia-me para um quarto no final do corredor e faz um gesto com a mão incentivando-me a abrir a porta. Ali na porta, há um papel colado, escrito: Antes de

entrar neste quarto, lembre-se que a amo da maneira mais perfeita, até mesmo em nossas imperfeições, não esteja armada e de preferência use o chicote. O que? Que espécie de quarto é esse? Abro a porta e caralho!

É um quarto todo branco, há um pufe macio e enorme no meio dele, alguns livros em uma pequena estante no centro, mas o que me faz soltar mesmo um palavrão são as paredes. Na parede branca à minha frente, há três frases escritas a tinta:

1 – Me perdoa por ser um covarde, prometo tomar emprestada toda sua coragem e assim jamais me afastarei de novo.

2 – Me perdoa por forçá-la a ficar ao meu lado, não posso viver sem você, mas prometo fazer valer a pena a minha companhia.

3 – Me perdoa por cada vez em que não te pedi perdão, prometo fazer o impossível para que essa palavra não seja necessária em nossa casa.

— Este é nosso quarto do perdão. Aqui devem ficar todas as mágoas. Está vendo estas paredes brancas? — ele pergunta atrás de mim. — São laváveis, em cima da estante, há diversas canetinhas, sempre que eu a magoar de alguma maneira, você pode vir aqui e escrever na parede o que fiz e como se sentiu. Caso eu não perceba por mim mesmo que estou sendo idiota. Virei aqui toda noite, Gilcelle. E prometo que meu pedido de desculpas não será escrito apenas na parede.

Meu Deus, o que eu vou fazer com este homem?

— Isto vale para você também. Sei que não sou fácil, mas sinta-se à vontade para pichar as paredes com todos os palavrões que eu despertar em você — digo e ele sorri.

— Vou descontar de outras formas, amor.

Olho para onde seu olhar aponta e em um canto, há um cesto e nele, algemas, chicotes, vendas e mordanças. Acho que usarei bastante este chicote.

— Não tem uma arma?

— Você não precisa de uma arma para me matar. Naquele canto há um aparelho de som, é bem potente. Você gosta de dançar e cantarolar quando está nervosa, achei que poderia ajudar. Venha, vou levá-la ao nosso quarto.

Eu o sigo sem conseguir dizer uma palavra, nem sei começar a descrever o que se passa aqui dentro agora. Entramos no quarto, e quando me afasto apenas para acender a luz, me sinto congelar.

Ali, na parede de todo o enorme quarto, há varios quadros. Fotos. Minhas. De ontem. Vestida de noiva, sorrindo para a câmera, me despindo, nua. Não sei nem o que pensar sobre isto. Sei que ninguém virá em nosso quarto, e consigo ter uma noção do que significam estas fotos todas.

— Queimei todas as fotos, Gilcelle. Das outras mulheres. Quero apenas fotos suas em minhas paredes, em meus álbuns. Quero que apenas você exista em minha memória. São estas, as fotos que quero dormir e acordar vendo todos os dias, é você quem vai preencher cada cômodo desta casa, e cada minuto de cada dia meu. Eu amo tanto você.

Não é preciso que diga mais nada, pulo em seus braços e o beijo. E beijo, e beijo, porque o amo de uma maneira que quase me sufoca. Porque agora sei que ele não é demais para mim, é perfeito para mim, às vezes, tão maluco e perdido quanto eu. Mas quase sempre, é este homem que me coloca acima de tudo, e me faz feliz de maneiras que eu sequer poderia imaginar, e me faz sentir tantas

coisas que jamais poderia descrever. Mas ele é definitivamente o amor da minha vida, meu maior presente, e tudo o que eu poderia pedir a Deus, mesmo não sendo uma boa menina.

Acordo de repente de madrugada. Matheus dorme tranquilo ao meu lado. Não ficamos ainda na casa nova, pois todas as minhas roupas ainda estavam aqui, mas nos mudaremos no fim de semana. Acordei com uma sensação ruim, e começo a pensar no que pode acontecer nesta tarde. A V.D.A. pode fechar as portas. Sei que no fundo, estes estúpidos esperam que um milagre aconteça, que os acionistas retornem seus investimentos, pois a Receita não fechará a empresa, mas eu sei por experiência própria que milagres assim, não acontecem simplesmente. Alguém tem que fazê-los por nós. Matheus foi o responsável por cada milagre que aconteceu para mim, e preciso dar a ele um milagre também. Não quero vê-lo mais com essas olheiras enormes, os olhos inchados, noites sem dormir, bebendo e sem fome. Não quero ver nunca mais em seu rosto, o que vi quando estávamos brigados e ele foi ao apartamento para dormir comigo. Não, aquele homem fraco e tão perdido não é o meu Matheus, e não posso permitir que se torne ele.

Saio da cama sem fazer barulho, pego o celular e ligo para Suzana. Ela atende com uma voz sonolenta e explico a situação. Ela demora mais do que eu imaginava para responder:

— Por que vocês sempre me incluem em planos para salvar um ao outro? Estou me levantando, Gilcelle, te pego aí em meia hora.

— Não! — grito, fazendo Matheus se mexer na cama — Eu a pego. Precisamos estar vivas para salvarmos a empresa dos nossos homens. Imagina se eles ficam falidos e viúvos de uma vez só?

— Idiota. Estou me levantando e sugiro que ligue para a Celina. Dificilmente ela poderá ir, mas sabe que nos mata se descobrir que fomos, apenas depois.

— Eu ia ligar, mas tenho certeza que ela não vai.

— Não acredito que vai levar a Nath. Não acredito nem mesmo que você vai.

Celina joga a bolsa da bebê no banco detrás e com maestria prende a cadeirinha com minha pequena dorminhoca apagada.

— É claro que eu vou, Sebastian está péssimo, não aguento mais vê-lo assim. Não posso ficar longe dessa comilona por muito tempo, além do mais, é bom que ela comece desde cedo a defender seus interesses. Esse convento é longe? — Ela se senta ao lado da cadeirinha com tanta classe, que nem parece a mãe de uma bebê de dois meses, e sim uma agente secreta de algum órgão perigoso que está indo desvendar o crime do século.

— Pelo que vejo neste mapa, umas duas horas — diz Suzana.

— Ótimo, me acordem quando chegarmos. — Ela coloca seus óculos escuros e se recosta na cadeirinha da Nathalia prendendo o cinto em sua cintura. — Da próxima vez, arme planos que podemos executar durante a tarde, por favor. Nathalia e eu detestamos ser acordadas.

Ela dorme nem dois minutos depois, e vou cantando com Suzana o caminho todo.

Dois olhos verdes arregalados me encaram quando olho para o banco detrás para acordar Celina.

— Suzana, acho que assustamos a pequena com nossa cantoria.

Suzana se vira no banco e sorri para a carinha assustada da bebê.

— Bom dia, pequena. Quer cantar com a titia?

Nathalia abre um imenso sorriso para ela e cutuco Celina.

— Acorde, sua vaca, amamente a sua bezerra e vamos. Não temos muito tempo.

Acho linda a forma como a Nathalia segura a mão da Celina e fixa os olhos nela enquanto mama.

Faço barulhos para chamar sua atenção, mas ela olha fixamente à mãe, para de mamar apenas para sorrir para ela algumas vezes e não permite que Celina afaste sua mão. É um tipo de amor que sonho em viver. O único que me falta.

Descemos as três no velho conhecido convento.

— Só para que vocês saibam, a madre é uma bruxa — aviso.

— Gilcelle, irá para o inferno por ofender uma madre — repreende Suzana.

— Não estou ofendendo, apenas constatando um fato. E alertando-as. Quando olhar para sua cara de safada e a cara de má da Celina, ira tratá-las no mesmo nível em que me trata, vocês verão.

O sol está nascendo quando aperto a campainha. Um vento gelado faz Suzana apertar Nathalia em seus braços, e a pequena adormece de novo. O portão range e espero que um porteiro apareça, mas claro que não tenho essa sorte, e a madre, a própria, está ali.

Ela me encara e fecha a porta na minha cara. Torno a bater campainha e grito:

— Estou com um bebê neste frio! Vai deixar a criança morrer congelada?

Ela abre a porta de má vontade e nos deixa passar. Ri apenas para a bebê adormecida nos braços de Suzana. Explico a madre que preciso ver Antônio, pois somente ela pode salvar a empresa dos nossos maridos. Ela acha que estou mentindo, mas a contragosto, chama minha irmã. Ela parece péssima. Tem bolas pretas em volta dos olhos e vai dizendo ao sentar-se:

— Eu já disse tudo o que sabia, Gilcelle, não sei mais como ajudá-los.

— Antônio, o homem que estava com o Marcus está na cidade. Ele está indo embora e parece que o dinheiro que foi desviado está com ele. Precisamos saber quem é para recuperarmos esse dinheiro, a maioria dos acionistas deixaram o barco e a V.D.A. vai falir se não recuperarmos esse dinheiro.

— Eu sinto muito, Gil, mas não sei o nome dele.

— Não há nada que se lembre sobre ele? Como ele é, algo que disse? — pergunta Suzana.

Ela tenta, tenta, e não diz nada. Pressionamos e ela começa a ficar nervosa, de repente começa a chorar:

— Eu não me lembro de nada! Desculpem, mas estou me perguntando por que eu só arrumo homens gays que querem comer meu rabo? — Ela tapa os olhos e chora compulsivamente. — Estou pensando em mil maneiras de protegê-lo. — De repente, ela tira as mãos do rosto e me olha esperançosa — Gil, há um jardineiro careca aqui. Você acha que eu deveria tentar para não dizer que morri virgem pela metade?

— Você tem certeza de que ele é homem? Antônio, não vá dar de novo o rabo!

— Eu acho que sim, mas sempre acho que sim. — Ela chora mais um tempo, então levanta de novo a cabeça e diz esperançosa. — Talvez você devesse dar uma olhada nele e me dizer se posso confiar.

— Valha-me Deus — a madre sussurra antes de desmaiar.

— Acho que você acabou de perder sua vaga aqui — digo a ela.

Antônia olha espantada a madre e faz um gesto negativo de pesar com a cabeça.

— Ela nunca fica calada, ficou tão quieta que me esqueci que estava aqui. Mas você irá, falar com o jardineiro? Principalmente se eu perder meu teto, precisarei dele.

— Farei algumas perguntas a ele, se você quiser. Mas agora, antes que a madre acorde e nos expulse, me diga alguma coisa que valha a viagem exaustiva que fizemos carregando um bebê.

— Vocês são malucas, mas não me lembro mesmo de nada. Ele não disse nomes na minha presença e o Marcus me levou apenas uma vez para o local das obras, quando teve algum contratempo. A única coisa que o homem disse, foi algo sobre os idiotas da V.D.A. terem-no falido e que ele se

vingaria.

— Mas isso é uma informação, Antônia, como não se lembrou disso antes? — resmunga Suzana.

Mas nem abro a boca para brigar, Celina também não. Nos olhamos ao imaginar o único acionista da empresa que perdeu tudo graças a Cleber e Sebastian. O mau caráter que chantageou a Celina, e que por acaso, é um dos únicos acionistas que não retirou seu capital da V.D.A..

— Você faz alguma ideia de onde ele pode estar, Celina? — pergunto.

— Se ele estiver na cidade, sim, eu faço — ela diz levantando-se. — Vamos mosqueteiras, temos umas bolas para matar e uma empresa para salvar.

— Vocês sabem quem é este homem? — pergunta Suzana.

— Sim, Suzana. Um imbecil que deu o maior capital de investimento para o hotel de Madri, e que me chantageou para que desse esse investimento. Ele me manteve longe do Sebastian por mais de um mês. Eu devia imaginar que ele não deixaria barato a vingança do Sebastian — explica Celina.

— O que vamos fazer? — pergunto.

— Nós? Apertar suas bolas e furar sua testa, mas isto, apenas depois que uma outra pessoa importante falar com ele — ela olha para Suzana que vai logo falando:

— Não sou tão agressiva, o que vou fazer para ajudar?

— Você nada — digo.

— Mas vamos entrar no quarto dele com a ajuda de Miss Sue — Celina completa.

— Que merda. Vocês precisam parar de achar que ela pode desencadear qualquer segredo. Não deu muito certo quando o Matheus tentou com aquele Pinto Pequeno.

— Relaxa, Suzana. Não sou o Matheus. E com a ajuda de Miss Sue, vamos entrar no quarto do hotel de Luciano Cartariam. Tenho mesmo umas contas a acertar com ele — diz Celina soprando as unhas em um gesto de perigo.

— Isso não vai dar certo — resmunga ela.

— Vai sim! — dizemos as duas e a madre acorda.

Após tentarmos convencê-la de que foi um pesadelo, ela claro, expulsa Antônia do convento. Mas, surpreendentemente, me pergunta quando estamos saindo:

— E a sua voz da sem vergonhice? Como está?

Paro para pensar, mas estranhamente, ela não voltou a me atazanar. Faz tantos dias que não a ouço, que estou até sentindo falta dela.

— Não sei, há semanas não a ouço mais. Desde que me casei, eu acho.

A madre coloca as mãos no rosto em um gesto exagerado.

— Você, casada, curada e correndo atrás de ajudar o seu marido. Enquanto sua irmã está seduzindo o jardineiro do convento. É o fim dos tempos. Tudo está errado neste mundo! Valha-me, Deus! — Ela sai corredor afora resmungando e fico com uma leve sensação de que enlouquecemos a madre.

Faço umas perguntas básicas ao tal jardineiro quando me aproximo. “Você já foi casado?” “Com uma mulher?” “Subia com ela?” “Já pegou mais alguma freira daqui?” “Já teve experiências *bibais*?” Ele fica vermelho, roxo, azul, mas me responde exatamente o que eu precisava ouvir.

— Excelente, este não é gay, Antônia, faça bom proveito! E você — digo apontando o dedo para ele. — Mantenha distância do furico da minha irmã.

Temos um plano, descobrimos em qual dos hotéis da V.D.A. ele está hospedado, e Miss Sue está emburrada ao meu lado. Estamos dentro do carro, meu celular já tocou doze vezes e o de Celina dezessete, enquanto Suzana esqueceu o celular em casa e desconfiamos que Cleber neste momento,

esteja acionando dez detetives diferentes, ou ameaçando a vida do Elias, o segurança estranho dela. Suzana usa a peruca vermelha, um sobretudo que cobre a lingerie e nada de máscaras.

— Não preciso ser Miss Sue para seduzir um homem — diz quando a chamo pelo nome artístico.

Dou de ombros e deixamos que ela vá na frente. Entramos sem problemas, pois somos as mulheres dos donos, sei que em questão de minutos os três saberão que estamos aqui, mas é nossa única saída. Nos escondemos enquanto Suzana bate na porta do quarto em que Luciano está. Não ouço a conversa deles de onde estou, mas o sorriso de Suzana indica que ela conseguiu. Nathalia começa a rir do nada e Celina desesperadamente tenta fazê-la calar-se, mas a pequena insiste em ser feliz audivelmente.

— Vamos, meninas! — Suzana chama e entramos rapidamente no apartamento de Luciano.

Suzana pega Nathalia enquanto ele arregala os olhos ao ver Celina.

— Olá, Celina, está exuberante — diz meio gaguejando e desconfio que esteja com medo, por algum motivo.

— Obrigada, querido.

— Não posso imaginar o que quer aqui. — Ele parece realmente assustado e nem sabe o que tem lá fora. Por que será que está tapando a bunda com as mãos?

— Me parece, Luciano, querido, que você está com algo que nos pertence, na sua conta. — Ela aproxima-se dele, que parece prestes a desmaiar.

— Não sei do que está falando.

— Hoje, tenho coisas mais pesadas e afiadas por perto. Talvez devesse colaborar.

Ele aperta as mãos na bunda e nega com a cabeça.

— Celina, não sei mesmo do que está falando. Estou aqui a passeio e claro, para retirar meu investimento dessa empresa que irá falir, nada mais.

— Sim, imagino. A empresa que ajudou a desmascarar suas falcatruas, está fechando as portas por falcatruas de alguém. É muita coincidência, não?

— Não sei mesmo do que está falando.

— Que merda — reclamo. — Por que vamos precisar de homens? Eu tinha certeza que você conseguiria assustá-lo, Celina.

— Ele está assustado, ok. Não me culpe e chame logo seus amigos.

Abro a porta do quarto e meu amigo aparece, acompanhado de duas montanhas.

— Ora, o que temos aqui, Luciano Cartariam. Você se superou dessa vez, ruivinha, o que querem que eu faça com ele?

— Apenas que o faça falar, Lagartão. Ah, e que o faça transferir o dinheiro que roubou da V.D.A. para aquela conta da qual falamos — explico.

— Certo, mas depois dessa, eu deveria ser sócio dessa bosta de empresa, estou sempre salvando-a.

O olhar que Celina lança para ele assusta até mesmo a mim, ele sorri e beija a mão dela, então estrala os dedos antes de aproximar-se de Luciano.

— Espera! — grito aproximando-me. Olho bem para aquele merda de homem tremendo ali e me lembro do rosto de Matheus naquela noite no apartamento. Eu acho que nunca vou esquecer aquela expressão, a derrota que havia ali, e esse ser imbecil a minha frente contribuiu para que ele ficasse daquele jeito. — Você também é responsável pelo inferno que meu marido tem vivido. Espero que se lembre de nunca mais se aproximar de nada ligado a ele ou a V.D.A.. E isso, é pelas noites que ele tem passado sem dormir procurando o dinheiro que está com você. — Enfio a mão no meio de suas

pernas, e como ele está usando uma calça social, é mais fácil apertar suas bolas até torcê-las. Desconto toda a minha ira e quando minha mão começa a latejar o solto.

Sequer ouvi seu grito, mas como Suzana e Celina estão tapando o ouvido de Nath, imagino que tenha gritado bastante. Respiro satisfeita e me sinto muito melhor. Então Celina se aproxima e dou lugar a ela.

— E isso é porque eu deveria ter feito bem antes — ela diz pouco antes de acertá-lo no meio das pernas com o bico dos sapato.

Ele cai no chão em posição fetal, abanando o saco.

— Porra! Depois dessa, não me procurem mais! — diz Lagartão de olhos arregalados.

— Não seja frouxo, Lagartão. Agora resolva, ele é todo seu. Vamos tomar café, meninas.

Assim, vamos à cafeteria torcendo que Lagartão consiga fazer isso em tempo recorde, pois as ações da V.D.A. precisam ser compradas ainda hoje.

Mandar ou não mandar, o meu irmão para a cadeia? Eis a questão.

Estou há mais de duas horas sentado nesta cadeira, olhando o nada e não conseguindo decidir nada. Estou atrasado para o que pode ser meu último dia de trabalho, e nem mesmo isto me faz ter ânimo de levantar-me. Minha Sereia não estava na cama quando acordei, havia apenas uma mensagem de que foi ajudar Suzana com alguma coisa e nos veríamos na empresa. Tentei ligar diversas vezes, mas ela não atende. E penso, que se ela me disser que tudo vai ficar bem e me mandar levantar desta cadeira e ir assumir meus erros, me levantarei, e tudo ficará bem. Eu só queria ouvir sua voz.

Alguém bate na porta e Sebastian aparece.

— Gilcelle também desapareceu para ajudar Suzana em alguma coisa? — pergunta e assinto.

— Por que não está na V.D.A.?

— A Receita nos contatará esta tarde. Achei que podíamos chegar mais tarde hoje.

Concordo.

— O que vai fazer com o Marcus?

— Matá-lo é uma opção? Sebastian, não consigo entender por que o meu irmão, sangue do meu sangue, quer me derrubar assim. Isso não vem de agora, você sabe quantas coisas tenho acobertado da mamãe nos últimos anos, mas tentar me mandar para a cadeia, nunca imaginei que chegaria a tanto.

— Sinto muito, homem. Não tenho irmãos, mas você e Cleber são o mais próximo disso. E não consigo imaginar como seria se um de vocês fizesse uma merda dessas. Mas não há o que pensar, Matheus. Ou você manda seu irmão para a cadeia ou é você quem vai parar atrás das grades. Está na hora do Marcus pagar pelo que fez.

Assinto. Isso vai destruir a minha família. Sei que são malucos, e muito errados de tantas formas, mas são minha família. Meu sangue. São aqueles que não importa quantas merdas eu faça ou diga, ainda estarão ali. Não consigo sequer imaginar como será o natal deste ano, com Marcus na cadeia por uma denúncia minha.

— Onde está o Cleber? Preciso que ele contate o Marcus. Há uma coisa que preciso entender. Antes que eu mande as provas contra ele para a polícia, preciso fazer uma reunião.

— Não importa o que seu irmão diga ou faça, você vai mandar estas provas para a polícia, entendeu?

— Sim, Sebastian. Não vou pagar pelos erros dele. Tenho uma mulher para cuidar, não a deixarei sozinha.

— Graças a Deus por isto, ou tenho certeza de que você não o entregaria.

Não discuto, ligo para Cleber e não consigo falar com a Gil para que ela participe. E era de suma importância que ela participasse.

Todos estão amontoados no meu escritório, desta casa que deixará de ser minha. Se por algum milagre as coisas derem certo, em breve ela será uma ONG de ajuda a crianças carentes. E meu verdadeiro lar será com a Gil, na casa dos sonhos dela. Encaro cada um ali, mamãe, vovó, Marcus, Miguel, Sebastian e Cleber. Sei que a conversa não será fácil, mas não posso mais evitá-la.

— Mamãe, vovó, o que tenho para dizer será difícil. Mas não posso mais esconder isso.

As duas parecem apreensivas e Cleber resmunga:

— Ah, para de drama, homem e diga logo.

— Silêncio, Cleber. Deixe-me fazer as coisas do meu jeito. — Afrouxo a gravata, olho mamãe e vovó ali e começo a contar de uma maneira que não provocará um infarto em nenhuma delas. — As senhoras sabem sobre o hotel de Madri, o maior passo que a V.D.A. já deu, e o que é a promessa de maior retorno da empresa. Nas últimas semanas, descobrimos que a verba destinada a essa obra, está sendo desviada.

As duas arregalam os olhos e respiro fundo. E peço a Deus que não permita que a vovó tenha um infarto. Penso, penso, penso em uma maneira de chegar a parte das notas falsificadas, vejo Marcus se remexer na cadeira e olhar toda hora para a janela lá fora. Estranhamente, ele não disse nada para se defender, mesmo sabendo o que vou falar. E mesmo tendo ensaiado isso diversas vezes na minha mente, não consigo achar uma melhor maneira de dizer a uma mãe, o grande ladrão que seu filho é.

— Essa bicha do seu filho desviou uma quantia enorme de dinheiro da empresa, sonegou esse valor e agora a Receita Federal está nos investigando — diz Cleber de uma vez.

— Cleber! — repreendo.

— Ah, você estava fazendo drama demais. Sua avó ia acabar tendo mesmo um infarto de tanta expectativa. É isso. Estamos falindo por culpa dessa biba.

— Matheus! — mamãe coloca a mão no coração e me lança um olhar decepcionado e trato de explicar logo:

— Não fui eu, mamãe, foi o Marcus. Não sou gay, pelo amor de Deus!

Então ela olha para Marcus com a mão no coração e o mesmo olhar destinado a ele.

— Marcus!

— Nunca achei que você chegaria a tanto — diz vovó levantando-se e aproximando-se dele. — Desde quando você descobriu sobre aquele dinheiro, estou esperando que venha falar comigo. Que venha me perguntar sobre isto, mas não, você agiu o tempo todo pelas costas, tentando derrubar o seu irmão.

— A senhora ainda o defende? Ele roubou minha herança! Roubou todos nós. A senhora tem mais três netos aqui e fomos lesados por esse imbecil. Ele fundou a empresa dele com o meu dinheiro, portanto tenho sim direito de fechá-la.

O que? De que dinheiro ele está falando?

— Não peguei dinheiro nenhum seu! Ficou maluco? Você nem tem nada que eu pudesse pegar, o dinheiro que torra é o da mamãe.

— Não se faça de santo! O dinheiro todo está em seu nome, você o roubou!

— Briga, briga, briga — Cleber, Sebastian e Miguel começam a bater os punhos na mesa e cantar em coro.

— A culpa disso tudo é minha — diz vovó desolada. — Matheus, quando seu pai morreu, deixou em testamento a herança igualmente dividida entre Marisa e vocês quatro. Amanda e Miguel eram ainda crianças, e Marcus muito imaturo. Por isso, dei a Marisa a parte dela e a sua a você, e abri aquela conta depositando nela o dinheiro dos meninos. Esperei que cada um viesse me perguntar sobre isso. Miguel o fez quando completou dezoito anos, dei a ele a opção de retirar sua parte, mas ele preferiu deixá-la ali até que precisasse dela. Amanda me perguntou aos treze e me pediu para investir uma parte do dinheiro dela na V.D.A., e deixou o resto na conta. Apenas o Marcus não havia me perguntado nada. — Então ela olha para Marcus — Abri a conta em nome do Matheus e disse a ele que o dinheiro era meu e apenas queria que ele administrasse. Ele nunca soube que vocês não receberam suas partes.

Mamãe parece prestes a desmaiar, eu pareço prestes a pular na bicha do meu irmão e matá-lo, quando Marcus se levanta com o nariz empinado.

— Eu não tinha como adivinhar. Descobri meu dinheiro na conta dele e o pegaria de volta de qualquer jeito.

— Então é por isso que você pôs toda a minha empresa a perder? Por uma vingança idiota?

Antes que eu possa perceber seu movimento, Cleber o acerta com um soco, que o faz dar um urro e cair para trás no sofá.

— Foi mal, dona Marisa, mas estou sem dormir há dias por culpa dele — justifica-se.

— Marcus, onde está o dinheiro que você desviou? Diga-nos onde está! — pressiono.

Ele nega com a cabeça ao levantar-se.

— Nunca saberão. Pode tentar me mandar pra cadeia, irmãozinho, mas a sua empresa já era. A menos que consiga alguém milionário e idiota o suficiente para comprar todas as ações que perderam, você é um bosta agora, tanto quanto eu.

Cleber vai em sua direção novamente, mas ele corre. Corremos todos atrás dele, mamãe e vovó atrás de nós, ele passa pela porta como um vulto e pula dentro de um carro colorido. Colorido mesmo, cheio de glitters. Ao volante está Samarão.

— Mas o que...

Marcus joga os braços para cima, *It's Raining Men* toca alto no som do carro e ele grita de um jeito bem afeminado:

— Nunca me acharão seus babacas! Vou ser livre! Usar rosa! Viva a Gilcelle!

E assim, o carro canta pneu e some pela rua abaixo.

— Cleber, achei que tivesse matado essa coisa — diz Sebastian.

— Ficou maluco, homem? Só dei um susto nele.

Assim, vamos para a empresa, derrotados. Entrego as provas que incriminam Marcus à polícia. A Receita liberou a V.D.A., e por mais que tenhamos feito com que esta notícia corra rapidamente, sabemos que os investidores não comprarão suas ações de volta assim, após um escândalo desses. Perdemos nossa credibilidade.

Vamos os três para a minha sala, Cleber chega por último, pois foi pegar suas Jacks. Ele beija cada uma delas e abaixa a cabeça, desolado.

— Meu Deus, que eu ainda tenha capital para viver de Jacks.

— Pelo que eu saiba, Suzana está indo muito bem na Academia, relaxe, ela te dará suas Jacks — diz Sebastian. — Tenho uma filha para criar. Não quero que a Nathalia passe pelas privações que passei na infância.

— Não fique assim, homem — diz Cleber. — Daremos um jeito. Pensem pelo lado bom.

— Essa merda não tem lado bom, Cleber — retruca Sebastian.

— Tudo tem um lado bom. Ainda somos amigos, temos mulheres gostosas e maravilhosas, me livrei da Samarão, e Suzana está preparando alguma surpresa para mim.

— Só mesmo a Suzana para pedir ajuda às duas malucas para preparar algo. Eu no seu lugar, estaria com medo — diz Sebastian.

— Não vai falar, nada, Matheus? Vai ficar como um babaca aí calado? — reclama Cleber.

— Todos nós, colocamos a empresa em cheque em algum momento. Sebastian, quando se envolveu coma a Celina. Por pouco não perdemos o investimento de Luciano Cartariam e depois, quando não se envolveu com a Vernee e por pouco a família dela não nos faliu retirando tudo o que pertencia a

eles na V.D.A..

— Um brinde a mim que fiz isso duas vezes — ele diz levantando a taça e nós brindamos, ele e Cleber viram tudo de uma vez.

— Cleber, caiu em um golpe de Heitor, tornando-o o quarto sócio da V.D.A., e quase conseguiu falir a empresa com aqueles saques que ele e sua quadrilha faziam.

— Quase consegui me falir também. Um brinde a isso. — Levantamos as taças e mais uma vez os dois viram as suas.

— E eu, bem, por vingança do meu irmão, consegui finalmente falir a empresa.

— Não vamos brindar a isso — afirma Cleber.

— Vamos ser sinceros, meus amigos. Nós três, babacas, não merecemos a V.D.A., a empresa nem tem dez anos e já esteve três vezes à beira da falência. Não sabemos administrar essa porra — confesso.

— Você está certo, homem. Somos péssimos com isso. Uma hora íamos perder mesmo a V.D.A., nos ocupamos demais com nossos paus e falhamos miseravelmente — diz Sebastian.

— O que será das nossas vidas como três bobocas desempregados? — questiona Cleber.

— Você poderia ganhar a vida com covers da Sofrência. Ou com seus vídeos no YouTube — Sebastian diz.

— Por que não está bebendo sua Jack, Matheus? Não podemos mais nos dar ao luxo de deixar uma taça de Jack esquentar, dê-me isso. — Cleber pega minha taça e a vira na boca.

— Esta não é minha taça. E como minha secretária não está aqui para pegar a minha, não beberei.

A porta abre e a secretária do Cleber aparece.

— Você deveria me amar por isso. Tome sua taça. Beba à vontade. Aliás, me deem uma destas garrafas. — Bah me entrega minha taça, toma uma garrafa da mão de Sebastian e sai virando-a na boca.

— Pobre Miguel — dizemos os três.

— E se abríssemos outra empresa? — tento. — Não, acabaríamos falidos e fodidos em poucos anos.

— Não sabemos administrar — concorda Cleber. — Seria uma empresa de que?

— Não vamos abrir outra empresa. A V.D.A. não pode continuar sem a gente. Vaughn, Dantas, Amorim. Somos nós. Se outra pessoa a assumir, terá que mudar o nome. Sejam sensatos aqui, é impossível que todos os investidores devolvam seu dinheiro a nós, e mais ainda que novos investidores decidam comprar as ações e nos salvar. O melhor a se fazer, seria declarar falência. Pagar nossos funcionários, vendermos todos os hotéis e ao menos não ficaríamos na sarjeta — diz Sebastian.

— A voz da razão — brinca Cleber de maneira trise.

— Então é isso? Vamos anunciar o fim da V.D.A.? — pergunto e os dois assentem com a cabeça.

Olhamos um para o outro, viramos nossas taças e caímos na risada. Somos patéticos. Perdemos a empresa. É isso aí leitor, a trilogia acaba, a V.D.A. acaba. Talvez vocês possam ver o futuro de nossos filhos sem nossa empresa, e tomara que sejam menos estúpidos do que os pais.

De repente, o contador aparece vermelho como um pimentão.

— Vocês não vão acreditar!

Atrás dele entra Miguel afobado.

— O que houve? — pergunta Sebastian alarmado.

— Compraram as ações. Todas elas. A V.D.A. tem capital para continuar.

Mal consigo me mover, isto não é possível.

— Mas, como? Os investidores voltaram?

— Aí é que está a má notícia, irmãozinho — Miguel diz. — Os investidores não voltaram. São três investidores novos. Eles têm um CNPJ, e compraram a empresa por ele, ou seja, como se fosse apenas um investidor.

— Merda. Merda. Merda — Cleber começa a murmurar.

— Isso significa — pergunto sabendo muito bem a resposta — que a V.D.A. tem um novo dono?

— Infelizmente, sim. Com este investimento a maior parte das ações da V.D.A. pertence agora a um único CNPJ, comandado pelos três investidores. Sinto muito, meninos, vocês não são mais os acionistas majoritários da empresa. A V.D.A. agora pertence a outras pessoas.

Não sei o que é pior, ver minha empresa fechar as portas, ou vê-la sendo dada a outras pessoas. E nem quero começar a imaginar quem teria todo esse capital para investir nas ações e comprar todas.

Bah entra na sala e diz alarmada:

— Estão aqui, os novos presidentes da empresa, devo mandá-los entrar?

— Mande, Bah, o que podemos fazer? — Sebastian diz derrotado.

Nós três nos levantamos, nos empertigamos e fazemos nossas piores caras de homens de negócios seguros, quando de repente, nossas mulheres aparecem pela porta. Imediatamente corro até Gilcelle e a abraço. Respiro em seu cabelo, sinto seu cheiro e ela me abraça de volta. Nem sei como dizer a ela que perdemos nossa empresa para estranhos. Ela alisa meu cabelo e tenta me acalmar, Cleber está sufocando Suzana e procurando por alguma surpresa e Sebastian abraça a filha que sorri para ele e abraça Celina, derrotado.

Elas estarão aqui quando os novos donos da empresa chegarem. Ao menos, não enfrentaremos isto, sozinhos. Puxo Gilcelle para junto de mim e encaro a porta. Sebastian e Cleber fazem a mesma coisa.

— O que estão esperando? — pergunta Celina.

Ela irá nos matar. Sebastian abaixa a cabeça e praticamente sussurra:

— As ações da V.D.A. foram compradas, amor.

— Que bom! — ela diz animada.

— Agora não somos mais os donos — ele completa.

— Isso é que dá serem tão estúpidos.

— Sabemos — Sebastian diz, e olha alarmado para Celina. — O que?

Olhamos todos para Celina, ela não está surtando? Não está gritando nem atirando coisas? Gilcelle também está calma demais para quem acabou de perder um patrimônio como a V.D.A., e Suzana, sorri para Cleber com toda sua pose e sabedoria. Olhamos para a porta e ninguém aparece.

— Prazer, Celina Vaughn — diz Celina fazendo uma mesura.

— Bom, ainda poderei dizer isto, mas, prazer, Suzana Dantas — diz Suzana elegantemente.

Não acredito. Não acredito.

Gilcelle nos olha com sua cara de bruxa e com as mãos na cintura, sendo superior a todos nós, diz:

— Olá rapazes, sou Gilcelle Amorim, uma das presidentes da V.D.A. Rede Hoteleira.

— Como é que é? — Cleber pergunta espantado.

Não acredito que perdemos a V.D.A. para nossas mulheres.

Capítulo 18

Gilcelle

Os babacas não conseguem fechar a boca e só não explodo de tanto orgulho da gente, porque boa parte da grande ideia veio do Lagartão. Foi ele quem nos deu a ideia de comprarmos as ações como um investidor apenas, e assim, a empresa seria nossa. Estamos as três de um lado, os três do outro, na enorme mesa da sala de reuniões. Cleber fala mais palavrões do que sou capaz de contar, Sebastian encara Celina e aperta Nathalia nos braços como se fossem suas últimas horas de vida e Matheus me olha de uma maneira estranha. E é ele o primeiro a falar.

— Então, o dinheiro estava com o Luciano?

— Sim, e vocês deveriam ter desconfiado disso, uma vez que o maior investimento no hotel era dele e foi o único que não o retirou — digo.

— Sim, deveríamos. E como é que vocês conseguiram fazê-lo confessar e devolver o dinheiro a vocês?

— Temos nossos meios e não diremos.

Então, Cleber, com aquela cara de cachorrinho sem dono, encara Suzana.

— Quer dizer que a surpresa que estava fazendo para mim é tomar minha empresa?

Ela sorri ao responder:

— Não sei de que surpresa está falando, mas não tomei sua empresa, querido. Eu a salvei para você.

— Então, vai me doar suas ações? — pergunta esperançoso.

— Não. Mas é você mesmo quem diz que o que é seu é meu.

— Não seja bobo, Cleber. É claro que as meninas nos deixarão ainda como presidentes da empresa, apenas administraremos as ações delas — diz Sebastian.

— Nunca seríamos tão burras — Celina responde imediatamente.

Os três arregalam os olhos e não sei dizer quem fica mais em pânico. Me seguro para não rir. É claro que não somos burras a ponto de doar as ações para eles, já tivemos provas de que são péssimos administradores e não vamos arriscar o suado dinheirinho que conseguimos. Mas, claro que temos consciência que esse dinheiro usado para comprar as ações, é deles. Porém, eles estão com as mãos atadas. Mesmo sendo deles, as ações estão em nossos nomes e eles, em nossas mãos. Nunca pensei que seria tão feliz.

— Celina, meu amor — Sebastian tenta. — Por mais inteligentes que vocês sejam, e vocês realmente são muito mais inteligentes do que nós, não saberiam administrar uma empresa como a V.D.A., sem terem qualquer experiência, vocês colocariam suas ações em risco e as nossas.

— Sebastian, meu querido, agradeço sua preocupação e elogios, mas em primeiro lugar: Gilcelle e eu estudamos para isso.

— Na verdade, acho que foi tudo um plano divino e nos formamos exatamente para administrarmos a V.D.A.. — provoco.

— E depois — Celina continua — claro que não temos a pretensão de simplesmente nos denominarmos as presidentes da empresa e fazer o lucro dos hotéis dobrar.

Sebastian suspira aliviado.

— Ainda bem amor, como eu disse. Não vão nos doar as ações, mas nos deixarão administrá-las.

— Elas não vão fazer isso — Matheus diz. — O que é irônico levando em conta que o dinheiro que usaram para comprar a empresa, é nosso. Vocês a compraram com o dinheiro que foi desviado das obras do hotel de Madri, dinheiro esse, que nós havíamos levantado.

Sorrio para meu amado marido.

— O que torna vocês, ainda mais estúpidos.

— Não entendo, o dinheiro que foi desviado somente, não seria o suficiente para vocês comprarem todas as ações, como conseguiram o restante? — pergunta Cleber.

— Não usamos apenas este dinheiro, bebê, não somos tão bobas — esclareço. — Luciano gentilmente também nos doou as ações dele.

Os três abrem a boca mais uma vez e sequer piscam os olhos. Nunca me senti tão inteligente. Cutuco Suzana e sussurro:

— Uau! Ser inteligente é muito legal!

— Você ainda não viu nada. — Então ela olha para os meninos e termina de dar as facadas. — E as ações, compramos com o dinheiro que foi desviado, o dinheiro que venho juntando na Academia, já que Cleber não me deixa pagar nada e...

Ela para de falar e os três parecem prestes a pular sobre nós.

— Quer dizer a eles, Gilcelle?

— Claro, Suzana, querida. E as partes da herança da Amanda, Miguel e Marcus. Marisa me contou, que após o surto do Marcus, ela não teve mais como manter a parte dele sob os cuidados do Matheus, então já tinha combinado com ele de devolver. Mas, entrei em contato com ele antes, assim como com o Miguel e a Amanda. Falei com todos eles, que concordaram em me emprestar esse dinheiro. Quero dizer, menos a Amanda, que quer mesmo ações na empresa. No mais, os meninos receberão o valor que emprestaram com juros. — Caralho! Muito inteligente da parte de vocês! — diz Cleber admirado.

— E então, como vai ser? — Matheus cruza os braços e sei que acha que vai nos derrubar do cavalo — Vão brincar de presidentes por aqui? Quero só ver quantos dias as três aguentam.

— Vamos conseguir, Matheus, meu estúpido com defeito, porque vocês vão nos orientar — decreta Celina.

— Como é que é? — Sebastian faz um careta tão horrenda que sei que desvendou como eles farão isso.

— O que você ouviu, amor. A partir de agora, você três serão nossos assistentes. Ou isso, ou serão demitidos.

— Vocês não podem fazer isso! — Cleber resmunga.

— Podemos sim, a empresa é nossa — diz Suzana.

Cleber sai da sala e some, pouco depois retorna com uma garrafa nas mãos e alguns copos. Dá um a Sebastian e um a Matheus, os enche e diz aos amigos:

— Um brinde a mim, grande babaca, que dei uma Academia de dança à minha namorada, sem ter tido a maldade de deixar boa parte dela em meu nome, e agora a ingrata me agradece usando os lucros deste presente, para mandar em mim. Vamos brindar porque eu mereço.

Eles brindam e viram os copos. Então Sebastian, coloca Nathalia em seu bebê conforto e pega seu copo, o levanta e diz:

— Um brinde para mim, que cometi a burrice de pedir em casamento a mulher mais esperta que já conheci na vida, que a coloquei em um cargo de confiança na empresa o que permitiu a ela saber

como tudo funciona, e não dei um fim decente ao idiota do Luciano por tê-la chantageado e agora, a bruxa mor é minha chefe. Um brinde, porque eu mereço.

Eles gritam e brindam e encaram Matheus, mas meu marido olha para mim quando levanta o copo, que não é o dele e que ele não encostou os lábios até agora.

— Um brinde, porque passei a vida cuidando da mulher que amo, dei a ela tudo o que ela chamou de milagres, e agora tive um milagre de volta, porque ela foi capaz de salvar a minha empresa, quando nós três não fomos. Este brinde vai para minha mulher. E para Celina e Suzana, por serem malucas, corajosas e tão espertas. Por serem vingativas, ardilosas e tão inteligentes. Por terem contatos assustadores que com certeza são os responsáveis por toda essa colaboração do Luciano e por não nos demitirem. Eu amo vocês. — Então ele vira o copo na boca.

Sorrimos e gritamos como só três mulheres que acabam de derrotar seus homens na empresa deles são capazes. Somos demais, ou não somos?

— Eu fico com esta sala — vou logo falando ao entramos na sala do Matheus. — E você, quero um café bem forte — digo para Matheus, que sorri e sai da sala.

— Estou desempregada? — Bah pergunta.

— Ah não, querida, você ocupará meu antigo cargo — diz Celina observando Sebastian fazer a pequena dormir.

— Eu sou um acionista da empresa — Miguel diz a ela, que revira os olhos e sai da sala. Ele finge que não se importou, assobia, olha para o teto e sai atrás dela.

— Sebastian, acho que o manual da Celina está sendo mais eficaz que o seu. Viu? Foi ele quem foi atrás — digo.

— Que manual do Sebastian? O que significa isso, Sebastian?

Ele imediatamente levanta Nath na frente de seu rosto.

— Amor, não é nada demais, é só uma brincadeira.

— Ele fez um manual para o Miguel ensinando homens a não caírem no seu manual — deduro.

— Gilcelle, sua cobra! Você precisa aprender a manter a língua dentro da boca!

— Psiu! Não grite comigo, Sebastian, sou sua chefe. Me respeite.

— Para a minha sala, agora mesmo, Sebastian Vaughn! — ordena Celina.

Ele abaixa a cabeça e vai na frente desanimado, ela pisca para mim e sai atrás dele.

Matheus retorna à minha sala com uma xícara fria de café.

— Você não aqueceu minha xícara — reclamo.

— Você não me pediu, chefinha.

Arqueio a sobrancelha e bebo. Credo, cuspo tudo na mesma hora.

— Isso está horrível! Você ficou maluco? Não colocou açúcar?

— Você não me pediu, chefinha. Pediu apenas um café bem forte.

Entendo o jogo dele. Está sendo eu. Agindo como eu agia quando trabalhava de secretária.

— Entendi, você vai fazer do jeito difícil.

Ele sorri.

— Longe de mim. Só não me passe trabalho aos sábados e domingos, eu não faço hora extra, não ensino o que não quiser ensinar e não sirvo cafés. Também não aceito que grite comigo, sou eu quem vou definir meu salário e você deve sempre me pedir as coisas, por favor.

Sorrio. Essa guerra vai ser boa.

Nem mesmo quando vejo Matheus conversando em um canto com Suzana, meu dia azeda, pela

primeira vez, não sinto um pingo de ciúme. Eu sempre achei a Suzana uma mulher tão linda, e tão segura de si, ela conseguiu colocar rédeas no Cleber, coisa que eu considerava impossível, e eu tinha para mim que Matheus poderia perceber que ela era muito mais mulher para ele do que eu. Isso não me fez tentar ser como ela, mas confesso que a admiração que ele tem por ela me incomodava. Agora, não mais. Sei que Matheus não admira ninguém na vida como admira a mim, foi para mim que ele olhou quando descobriu que éramos as novas presidentes, foi para mim que fez o brinde e foi para mim, que lançou aquele olhar de admiração, respeito e adoração que somente ele é capaz de deixar transparecer em um olhar. E como que lendo meus pensamentos, ele me abraça por trás e beija meu pescoço.

— Posso roubar um beijo da minha chefe ou isso é proibido?

— Ah não, na verdade fará parte das suas funções — digo virando-me em seus braços.

— Estou tremendamente orgulhoso de você, minha Sereia. Você não imagina o quanto. — Então seu beijo é tudo o que preciso para que este se torne um dos melhores dias da minha vida.

O dia termina uma loucura, anunciamos a alguns funcionários que somos as novas presidentes e Celina quase pulou em cima de um monte deles, que riram incrédulos e zombaram. Suzana não poderá vir todos os dias, ela tem a Academia, e quando não estiver, Cleber deve se reportar a mim, ou seja, terei dois escravos, quero dizer, assistentes, adoro a Suzana, você perdeu de novo, leitora.

Sentamo-nos apenas as três na sala de reuniões, cansadas e mais felizes do que já estivemos.

— A cara deles, foi impagável. Precisava ver quando mandei o Sebastian me dar a senha do perfil dele do notebook da própria sala, ele começou a gaguejar e fui logo gritando, acho que vou me divertir muito — comemora Celina.

— Eu, não poderei ficar muito aqui, mas, passarei quase todos os dias, faço questão de poder mandar no babaca do meu namorado — diz Suzana. — E o que faremos? Mesmo vocês tendo estudado para isso, duvido muito que queiram ser mesmo as presidentes da empresa. Você Celina, não vai querer passar sua vida aqui e deixar a Nath.

— Não mesmo. Não quero ser a presidente, isto é apenas para que esses idiotas aprendam a ter mais cuidado com o que é nosso. Além do mais, qualquer decisão a ser tomada aqui dentro a partir de agora passará por nós.

— E só devolveremos o trono a eles, quando nos provarem que são capazes de mantê-lo. Ou seja, seremos mulheres felizes e mimadas pelos nossos homens nos próximos meses — explico.

— Preciso dizer uma coisa — Suzana diz e parece tão tensa, que por um momento tenho medo. — Estou grávida.

Celina sorri e a parabeniza e eu também, mas sinto um incômodo, pois ela também é mais nova do que eu e já vai ser mãe.

— Agora só falta você, Gil. Já parou de tomar o remédio? — Suzana pergunta.

Nego com a cabeça.

— Mas, achei que você queria ser mãe, por que ainda o toma? — pergunta Celina.

— Eu quero, mas não posso deixar de tomar... aconteceu uma coisa. Lembra-se quando o Matheus e eu brigamos porque ajudei a Amanda a fugir? Quando estava nervoso ele disse que eu não servia para ser a mãe de seus filhos

— O que? Eu mato aquele estúpido idiota de merda!

— Calma Celina. Estou me vingando dele. Ele está louco para ser pai e eu disse que só vou parar de tomar o remédio, quando ele me convencer que posso ser a mãe de seus filhos.

— Mas Gilcelle, você acha mesmo que não pode ser?

— Claro que não, Suzana. Sei que sou capaz. Mas, ele precisa se sentir culpado por me deixar com mais um trauma por conta de sua estupidez. Então, deixemos que ele tente, quando eu quiser, pararei de tomar os remédios e não direi a ele. Vamos ver como meu marido fará para se redimir.

Celina sorri admirada e diz batendo nas costas de Suzana.

— Minha cria, estou muito orgulhosa dela. A verdade é que eles sempre vão nos ferir de algum jeito, é impossível que não o façam, são homens. Devemos esperar que façam isso e não permitir que nos atinja demais, e claro, castigá-los e ensiná-los como devem nos tratar. O Sebastian foi um babaca, ele transou com outra, completamente bêbado, quando eu estava começando a sentir algo por ele. Mas não éramos nada um do outro, ele não havia me prometido nada. Engoli isso, passei por cima e joguei na cara dele muitas vezes depois. Sem falar da Vernee e seu noivado que fui a última a saber.

— Nem me fale, se eu for contar nos dedos quantas merdas o Cleber fez. Entre festas em seu apartamento, as gêmeas estranhas que viviam lá, e dar em cima de mim e de Sue quando não sabia que éramos a mesma pessoa, com uma tremenda conversinha fiada para cima de cada uma. Sem falar, que ele escolheu Miss Sue quando estávamos em perigo e ainda destruiu Samuel por ciúme, praticamente. Isso porque nem vou citar quantas vezes fui pega transando com ele, porque essas partes foram culpa minha também. Mas enfim, ele era mentiroso, safado e completamente estúpido. Mas passei por cima de tudo, porque não podia mais viver sem ele, e confesso que nunca pensei que pudesse ser tão feliz.

— Suzana, o Cleber e o Matheus estão empatados, a diferença é que pelo menos o Matheus assumiu os seus sentimentos. Mas as armas que ele usou para me prender a ele, foram baixas. Do tipo que eu usaria em alguém, então você tem uma ideia de como foram baixas. Enfim, um viva a nossos estúpidos, são idiotas, mas são nossos.

— Viva! — as duas gritam rindo.

Mas, quando o Matheus aparece, Celina o encara, furiosa.

— Você, Matheus Idiota Amorim! Estou decepcionada com você. A convivência com esses dois não te fez bem, consertaram seu defeito.

— Perdoe-me, Celina, minha diva. Prometo a você que serei de novo seu estúpido com defeito.

Ela sorri para ele e levanta-se dizendo:

— Vou procurar minha filha porque não confio em deixá-la tanto tempo com o Sebastian. E você, pare de olhar para nós com estes olhos azuis tão pidões e nada dessa cara de menino sofrido, estou de olho em você, Matheus.

Quando finalmente chegamos em casa, em nossa casa. Saio saltitando por boa parte dela para conhecê-la direito. Aponto para tudo como uma menina boba e nem acredito que tudo aquilo é meu, Matheus não colocou a escritura em nosso nome, colocou no meu.

— Não acredito que perdi a biba do seu irmão me dando um viva. Mas, foi por isto que me atendeu quando liguei e ainda me ajudou. Ele não vai ser preso? — resmungo enquanto subimos para o quarto, após o jantar.

— A polícia o está procurando, mas se ele a ajudou no final das contas, não sei bem se direi onde está.

— Não diga, mesmo porque, será quase impossível que o encontrem.

— Do que está falando?

— Em breve você saberá.

Assim que saio do banho, meu marido me ataca. Ele me puxa para seus braços e sua boca domina a minha, mas o empurro e jogo na cama usando toda minha força.

— Nada disso, meu bem. Eu sou sua dona agora. Lembra o que disse que faria caso você falhasse? Você é meu escravo, quietinho aí.

Corro até a gaveta especial do closet. Pego uma venda e me aproximo dele.

— Tire a roupa e deite-se de costas na cama.

— O que? — pergunta alarmado.

— A partir de agora você não fala, apenas obedece. Faça o que mandei.

Sorrindo ele tira a roupa e deita-se como eu pedi. O pau delicioso já está em pé para mim, mas vai ter que esperar um pouco. Subo por cima dele na cama, que me toca, então o belisco.

— Não me toque, seu desobediente. — Passo a venda por seus olhos e ele parece tenso. — Hoje, eu serei sua dominadora e você, meu submisso.

— O que é que você vai fazer, Gilcelle?

Vamos ver se meu amado Dom vai conseguir aceitar receber ordens na cama. Porque vamos ser sinceras, se deixar ser vendado e amarrado por mim, é quase um suicídio.

Matheus

Posso senti-la pairando em cima de mim na cama. Ouço sua respiração acelerada e sinto seu cheiro, e o calor que emana dela. Ela desce as unhas delicadamente por meu corpo e quando se aproxima do meu pau, passeia o dedo por todo seu comprimento.

— Se você emitir qualquer som, querido, descontarei do seu salário.

Sorrio. Minha amada dominadora.

— Serei seu submisso, minha dona — digo com a voz rouca.

— Merda, não fale ou me desconcentrará.

Ouço quando ela sai da cama e há um silêncio no quarto, começo a temer o que será que essa maluca está aprontando. Gilcelle é vingativa e bem criativa, duas combinações perigosas. Ela pode simplesmente me depilar com cera quente e me matar de dor, ou montar no meu pau e me fazer o homem mais feliz do mundo. Ouço seus passos quando ela volta ao quarto, aproxima-se da cama e passa algo frio pelas minhas mãos.

— Esta não é aquela algema, é? — merda.

— Silêncio! Ou terei de puni-lo.

Mais uma vez ela se afasta e volta pouco depois, sobe na cama e quando seus seios roçam a lateral do meu corpo, sei que está nua.

— Quero tocá-la.

— Ah, Matheus, você quer mesmo ficar sem salário. Não queria ser uma chefe carrasca, mas você está me obrigando. Por que não se ajuda e fica quietinho?

Engulo em seco enquanto ela passeia os dedos por meu corpo, quando se aproxima do meio da minha barriga, seus dedos se afastam, e sua língua assume o lugar. Caralho. Tento não me mexer muito para não machucá-la de nenhuma maneira e o toque leve de sua língua percorre meu corpo me enlouquecendo. Até que se aproxima do meu pau.

Ela se afasta de mim na cama, acho que vai sair para pegar alguma coisa, mas em vez disso, ela passeia a língua por toda extensão do meu pau.

— Caralho!

Ouço apenas sua risada, a língua se afasta e poucos segundos depois, seus lábios doces contornam a cabeça do meu pau. Ela não pressiona, passeia sua boca ali bem de leve. De repente, aperta os lábios em volta dele e suga.

— Merda, Gil, mais forte!

Então ela sai da cama e me deixa ali.

— Gilcelle? Amor? Onde está? Amor? — Mas não ouço mais nada — Amor, eu te amo, me perdoa por cada merda que fiz, por cada vez que a algemei e amordacei ou vendei, você sabe que é minha vida, agora volte aqui e termine isso.

— Ah Matheus, como você é rebelde. O que posso fazer com você?

— Por que não me castiga chupando meu pau?

— E então eu poderia mordê-lo.

— Não se aproxime do meu pau.

Incomoda-me não poder me mexer e não gosto da sensação de estar à mercê dela. Quero tocá-la, foder sua boca com meu pau, fodê-la com a minha boca. Quero jogar essa atrevida embaixo de mim e penetrá-la com força, por cada ordem que me deu hoje.

— Gilcelle, me solte. Solte-me amor. Preciso tocá-la.

— Nada disso, você prometeu ser meu submisso, fique quietinho aí.

— Eu sei que prometi, mas não aguento mais. Por favor, amor, faça o que você quiser, mas me deixe tocá-la.

— Não! — ela diz de forma tão decidida que me calo. — Cale a boca e pare de se mexer. Vou tocá-lo agora, e se emitir qualquer som, você será punido, Matheus. Não fale, não se mova. Não esqueça.

Ouçoo seus passos calmos em volta da cama e sua mão acaricia de leve meu pau, que já lateja de saudade do toque dela. Gemo. Sua mão se afasta e ela fica quieta, tento ouvir qualquer barulho quando de repente algo acerta meu braço, com força.

— Ahhhh! O que foi isso? Você pegou o chicote? Gilcelle, você limpou isto?

— Sim, está limpo, não se preocupe. Ai que merda.

— Ai que merda o que? O que aconteceu?

— Vai ficar um vergão, acho que bati forte demais.

— Tenho absoluta certeza disso.

— Então, fique em silêncio, parece que tenho a mão pesada.

Pressiono um lábio no outro para não emitir som algum.

— Eu sou sua CEO agora, amor. Na empresa e em casa, você é meu. Vai fazer o que eu quiser, exatamente o que eu pedir. Acho que gosto de vê-lo assim, tão à minha mercê.

— Não preciso estar algemado para estar à sua mercê, eu vivo em função de você, amor.

Ouçoo seu sorriso.

— Silêncio ou irei acertá-lo de novo.

Ela volta a subir na cama, toca meu pau, o acaricia e sua boca o toma novamente. Chamo seu nome e ela chupa com mais força, minha pequena Sereia é voraz e quase não aguento mais.

— Gilcelle, monte em mim, agora!

Sua boca abandona meu pau e sinto suas pernas passarem por mim, ela monta em mim, afundando de uma vez. Gritamos juntos. Cavalga depressa, suas mãos se apoiam no meu peito e sinto seu cabelo tocando meu rosto. Quero puxá-lo. Quero colocar seus seios na boca, quero vê-los balançando enquanto a faço pular em mim. Ela prende meu pau por mais tempo dentro dela antes de voltar a cavalgar e sei que está perto de gozar. Conheço seus gemidos quando está próxima ao ápice. Ela grita, prende meu pau e não aguento mais.

— Goze! Agora, amor! Goze comigo! — ela grita junto comigo e gozamos.

Sinto o prazer me dominar por completo e em seguida algo me atinge no nariz e uma dor insuportável me faz gritar ainda mais alto do que ela.

— Ai meu Deus! — ela diz apavorada.

Eu nem pergunto o que aconteceu, sinto que minha esposa dominadora quebrou meu nariz.

— Você me tapeou — ela diz pressionando o pano com força demais em meu nariz, enquanto resmungo. — No final, você me deu ordens, será que não podia ficar calado?

— Amor. — Sei que é difícil entender o que estou falando por causa do nariz quebrado, mas tento. — Você ligou para o chaveiro?

Estou neste momento no carro do Cleber, indo para um hospital. Nem vou tentar explicar o que senti ao olhar-me no espelho e ver a sangueira que escorria por meu rosto, e para completar, Gilcelle não sabe onde está a chave da maldita algema. Juro que irei jogá-la fora. Então sim, estou no carro

do Cleber, com as mãos para cima presas pela algema e Gilcelle segura um pano para tentar conter o sangramento.

— Sim, Matheus, ele está esperando na entrada do hospital. Você sabe que não podíamos nos dar ao luxo de esperá-lo chegar para virmos. Foi muita sorte sua o Cleber e a Sue terem passado para conhecer nossa casa.

— Muita sorte mesmo — diz Cleber que não para de rir desde que botou os olhos em mim. — Você está filmando isso, amor?

— Suzana, você não faria isso — digo, mas sai tão embolado que ela apenas faz uma careta pelo retrovisor.

— Matheus, eu sinceramente não gosto desses seus joguinhos de vídeos, mas sim. Você vai definitivamente passar a sofrência depois desse vídeo.

Merda.

É claro que o chaveiro não está na entrada do hospital e como a porcaria do sangue não para de descer, entro assim mesmo, sem camisa, com as mãos para cima. Algumas pessoas riem, outras parecem horrorizadas, mas todo mundo, todo mundo mesmo, olha para mim. Se não bastasse o espetáculo a parte que estou dando, há Cleber com seu celular filmando meus passos e narrando da maneira idiota dele e Gilcelle, que quando o médico se aproxima, e pergunta como isso aconteceu, vai logo dizendo:

— Estávamos fazendo um sexo selvagem e ele era meu submisso, por isso está com as mãos presas. Sou meio agressiva quando gozo, ele me deu ordens e eu bati a cabeça no nariz dele. O senhor acha que é grave?

Cleber e Suzana mal conseguem parar em pé de tanto rir e até mesmo o médico está rindo.

— Acho que você quebrou o nariz do seu submisso.

— Sou marido dela — digo, mas ninguém entende.

Ainda com as mãos para cima, sou guiado até a sala de raio-x, onde os técnicos caem na risada, Cleber entra comigo e filma tudo. Digo que vou processar o hospital por permitir a presença dele ali, mas eles alegam que precisarei de ajuda por conta das mãos presas. A merda do chaveiro não chega. Meu nariz dói pra caralho, o sangue não para e estou a ponto de enlouquecer e sair gritando como um doido varrido quando saio da sala de raio-x e Gilcelle aproxima-se com uma chave nas mãos.

— O chaveiro chegou? — pergunto.

— Não, eu roubei a chave dele da última vez. Tinha colocado no bolso deste casaco, que estava usando, mas na hora do susto me esqueci.

— Solte minhas mãos agora mesmo para que eu possa matá-la.

Quando ela disse que não seria boazinha comigo não estava brincando.

Após as mãos para baixo, o nariz com um curativo horrível e um remédio para dor aplicado na veia, de uma agulha que nem vi de onde a enfermeira tirou e juro que vou fazer um monte de exames de sangue quando sair daqui. Olho para Gilcelle sentada ao meu lado, e quase a mato com meu olhar.

— Amor, não me olhe assim. Você disse há pouco que me ama, que sou sua vida e que faria qualquer coisa por mim.

— Você é uma pessoa cruel e vingativa. Não tem coração. Juro que quando me recuperar, Gilcelle, irei matá-la!

— Seu marido possui alguma arma? — a enfermeira pergunta assustada.

— Um chicote — a atrevida responde e a enfermeira chega a suspirar e passa a me dar olhadelas

indiscretas. — Mas fui eu que quebrei o nariz dele só para você saber como ajo quando me irritam.

Rapidamente a mulher sai do ambiente nos deixando a sós. Ela conversa comigo, mas não a repondo, fazendo-a rir. Isso terá volta.

Estou sem moral na minha empresa. Além de ser o assistente da minha mulher, o que de fato não me incomoda, pois ela foi brilhante salvando a V.D.A., estou com um curativo no nariz e recebendo algemas de presente. O idiota do Cleber colocou o vídeo no YouTube. Só não o mato, porque mesmo sendo muito assistido, ainda não chegou sequer a metade das visualizações dele. Então lhe mando uma mensagem.

Bom dia, eterno rei do YouTube.

Ele responde:

II

Então, a próxima mensagem, é para Suzana.

Como ela reagiu quando vc disse que estava grávida?

Ficou muito sentida. Estou me sentindo mal por isso, Matheus, conserte sua merda e pare de me envolver.

Sinto muito, minha bela Suzana. Ela disse que vai parar de tomar o remédio?

Não. E Celina pediu, mas ela disse que não serve para ser a mãe do seu filho. Não sei o que fez com ela, mas desfaça. Terá que consertar isso, você mesmo.

O que eu poderia fazer? Se ser a única das três a não ter um bebê não foi o suficiente para ela desistir de tomar o remédio, não sei mais o que seria. De repente, sei sim.

— Celina — entro em sua sala afobado. — Estou roubando seu marido, é apenas por uma hora e caso de vida ou morte.

A maldita coloca as duas mãos acima da cabeça, como se estivesse algemada e diz:

— Vá, leve o celular, amor. Não perca um passo.

— Está comigo — ele responde me seguindo.

Cleber nos vê correndo para o elevador e corre atrás.

— Seja o que for, também quero ir.

Maura, a secretária do Sebastian tem três lindos filhos. Um bebê de pouco mais de um ano, um menino de uns oito anos e uma linda menina de cinco. Preciso que me empreste seus filhos. Conto o plano para eles que já começam a rir.

— Não vai dar certo, mas vou rir muito com o resultado. Tente a sorte — diz Sebastian.

— Você trouxe o celular? — pergunta Cleber sorrindo quando ele assente. — Você é nosso melhor amigo, Matheus.

— Falou o rei dos micos. Meu vídeo algemado e com o rosto sangrando ainda não superou a tia

velha da Suzana pendurada pelada nas suas costas. Aquilo foi muito mais assustador que todo sangue do mundo.

— Cale a boca ou conserto seu nariz no murro. Ninguém viu aquele vídeo.

Sebastian e eu tossimos e rimos de sua ilusão. O vídeo é uma febre.

Ela aceita o dinheiro que ofereço, assim que explico a causa, quero ser pai. Buscamos seus filhos na creche e coloco meu plano em ação. Cleber liga para Gilcelle e pede a ela que o encontre na cafeteria que fica a três quarteirões. Assim que ela sai da empresa, tromba em Gui, o filho mais velho de Maura, derrubando-o. Ele finge chorar e ela se ajoelha à sua frente, conversa com ele e lhe estende uma nota de cinquenta. Ao que o menino aceita e sai correndo.

— Ela é maluca! Deu cinquenta reais a uma criança desconhecida?

— Calado, Sebastian, não comentaremos isso — repreendo.

A seguimos escondidos e quando está perto da cafeteria, a pequena Jaine entra em ação. A menina linda puxa a roupa de Gilcelle e diz que está perdida. Fecho os olhos e peço: meu Deus, que ela chame o guarda, ou a leve até a mulher vestida de babá que está por perto para fingir ter perdido a menina. Mas minha mulher, pega a menina no colo, entra com ela numa loja de doces e sai de lá com uma sacola enorme e uma Jaine com as bochechas azuis chupando um pirulito.

— Se a menina estivesse mesmo perdida e a mãe a encontrasse neste estado, mandaria prender sua mulher por sequestro.

— Sebastian, já disse para ficar calado.

— Talvez você devesse simplesmente aceitar que ela não está preparada para ser mãe. Eu adoro sua mulher, mas ela é maluca.

— Merda.

Vejo a mulher que se passa por babá se aproximar da criança, e pelo menos Gil faz um mundo de perguntas a ela antes de deixar a menina com ela, então caminha tranquilamente até a cafeteria.

— Melhor eu ir — diz Cleber dando dois tapas em meu ombro, com aquela cara de sinto muito e entrando na cafeteria.

— O que você vai fazer? — Sebastian pergunta.

— Vamos tomar cappuccino.

E vamos nós para a cafeteria também. Mal entramos, ouvimos um grito. É Cleber, ele corre até nós e não sei dizer se está desesperado ou feliz. Ele me abraça, quase me mata de dor, abraça Sebastian, o pega pelo rosto e beija sua testa e não diz nada com nada.

— Pare com isso, homem! Está babando em mim, seu gay! — reclama Sebastian.

— O que aconteceu, Cleber? — pergunto.

— Eu vou ser pai! — ele diz com os olhos brilhando. — Vou ser pai, Suzana está esperando um filho meu.

Olho para dentro procurando por Suzana e só me dou conta da merda toda, quando Gil aparece sem graça.

— Suzana vai me matar, eu não fazia ideia que ela ainda não havia contado a ele, ela não pediu segredo, então achei que ele soubesse. Você acha que ela vai me desculpar? — Ela se esconde em meus braços preocupada e desta vez é Sebastian quem dá dois tapas no meu ombro com um sorriso idiota no rosto.

— Boa sorte, homem. Você vai precisar.

Nem sei como desfazer tudo isso. Levo todos para uma mesa, pois é um local público e assim eles

não me matarão, eu espero. Quando todos se sentam, digo com um gesto teatral para que olhem meu nariz enfaixado.

— Meu nariz está quebrado, não se esqueçam. — Eles fazem caretas e começo. — Cleber, Suzana não está grávida, você não vai ser pai.

Seu sorriso enorme some de uma vez.

— Que papo é esse?

— Eu queria convencer a Gilcelle a parar de tomar o anticoncepcional, porque fui idiota o suficiente para dizer a ela que não servia para ser mãe dos meus filhos, e agora ela não se acha capaz de cuidar deles e não quer ter filhos e eu quero ser pai.

— E o que meu filho tem a ver com isso?

— Não acredito! — Gilcelle grita — Você a mandou mentir para mim?

— Sim. Porque achei que você se sentiria excluída sendo a única a não ter um bebê e pararia de tomar o remédio.

— Você parou para pensar que a barriga dela não cresceria e eu o mataria quando percebesse?

— Você não faria isso porque não deixaria seu filho órfão de pai.

Ela abaixa a cabeça na mesa e encaro Cleber, que apesar de decepcionado, está sorrindo.

— Não vou matá-lo, homem. A Gil vai fazer isso por nós.

— Espera! — Gil grita de repente — Aquelas crianças esbarrando em mim hoje. Isso tem dedo seu também?

Aponto claramente para o meu nariz, cubro o saco com as mãos e assinto.

— E se permite dizer... — começa Sebastian.

— Não permito — interrompo, mas ele continua assim mesmo.

— Você fez tudo errado, Gil. Você deu cinquenta reais a uma criança desacompanhada que nem conhece e levou uma garota perdida para uma loja de doces, como se fosse sua. O que faria se a mãe de algum deles tivesse aparecido?

Ela gagueja e abaixa a cabeça, e quero matar o Sebastian. Percebendo a reação dela, ele tenta consertar a cagada.

— Bom, se alguém me dissesse que a Celina seria mãe, eu mandaria a pessoa à merda, e ela é a mãe mais paciente e dedicada que já vi. Sequer grita com a Nath.

— Isso é verdade — Gil diz aborrecida, então me encara. — Satisfeito? Nem você nem eu estamos prontos para termos filhos agora.

Concordo com a cabeça.

— Precisamos ficar prontos, pare de tomar esses remédios. — Ela me olha espantada, mas preciso que ela faça isso — Fui um idiota ao plantar isto na sua mente, mas você está sim preparada para ser mãe. Estará no momento em que sentir o bebê se mexendo dentro de você, em que o pegá-lo nos braços e nos ver nele. Você estará preparada quando tiver de alimentá-lo, quando perceber o quanto ele depende de você, e sei que dará a vida por ele, assim como eu. Então não importa o quão idiota sejamos, eu te amo. Me desculpe mais uma vez pela merda que disse e pare de tomar o remédio, porque eu não poderia encontrar uma mãe melhor para os meus filhos.

Ela deita a cabeça em meu ombro e diz baixinho:

— Eu não entupiria nosso filho de doces.

— Eu sei.

— Também não daria cinquenta reais a ele.

— Eu sei amor, pare de tomar o remédio e vamos deixar que nosso pequeno pedaço nos ensine como devemos ser pais.

— O Sebastian não aprendeu a ser pai até a hoje e a Nathalia está viva — diz Cleber quebrando o clima e nos fazendo rir.

Seguro o rosto da minha mulher entre as mãos e pergunto esperançoso:

— Você vai parar de tomar o remédio?

Ela sorri docemente.

— Não! E volte para a empresa que está em horário de trabalho. — Ela se levanta e sai.

— Vou treinar com sua filha, Sebastian. Aprenderei a ser um bom pai.

—Cara, se a Gilcelle não se vingou da sua mentira idiota, terei mesmo que voltar seu nariz para o lugar — diz Cleber e em dois segundos não estou mais na frente dele.

UM ANO DEPOIS...

— Eu sabia que ele estaria aqui — digo vitoriosa.

— Não consigo acreditar.

— E você preocupado em ser o responsável pelo fim da sua família, mas veja só, como está o seu irmão.

No palco da boate onde nos encontramos, há dois “homens”. Ok, vou falar direito, há duas bibas dançantes. Uma delas usa uma peruca ruiva chamativa e um salto maior do que sua canela, está com um vestido de paetês e uma pluma rosa choque enrolada no pescoço. A outra usa uma peruca loira com lindos cachos, um vestido vermelho de couro, com um cinto de lantejoulas brancas. O sapato não é tão alto, um salto tamanho o que?

— Qual o tamanho daquele salto? Vinte e um?

— Não faço ideia, assim como não faço ideia de como alguém consegue se equilibrar em cima disso, e aquilo, definitivamente, não é o meu irmão.

— Sinto te informar, que sim, é ele. Marcus! — grito e aceno quando a música acaba e ele acena de volta, mais delicado do que miss.

Matheus abaixa a cabeça nas mãos e quando Marcus se aproxima, não toca a mão suada dele.

— Oras, quem vejo aqui. Obrigado pelo dinheiro, Gilcelle, querida. Vou montar um show com ele, se a polícia não me pegar, é claro. Você acha que a Suzana me ajudaria com a coreografia?

— Se você pagar, ela te ajuda sim, ou algum dos professores da academia dela.

Ele bate palmas como uma foquinha encantada.

— Excelente. Amanhã mesmo a procurarei. Você acha que me reconhecerão se eu andar assim pelo centro da cidade?

— E quem te reconheceria? — Matheus responde. — Parece um manequim de loja de drag ambulante. Mamãe te viu assim?

— Para o seu governo, sim. Ela também vai pegar boa parte do meu dinheiro e doar a você, para repor o que peguei emprestado.

— Você não pegou emprestado, você roubou. Quase acabou com minha empresa, minha vida e meu casamento.

— Não seja dramático. — Marcus me olha com uma careta — Sério, como é que você aguenta isso? Gilcelle, você deveria ser minha madrinha no bloco este ano.

— Só me falar a data.

— Não vai mesmo. Minha mulher não vai desfilar por aí com um monte de homens suados, mas não vai mesmo!

— Acalme-se Matheus. Marcus, não queremos seu dinheiro, o hotel de Madri é um sucesso, estamos abrindo outro em Paris, pegue o valor que roubou e doe para uma instituição de caridade.

— Mande mamãe fazer isso, então. Agora preciso ir, meu show começa em segundos.

Ele joga um beijo exagerado para o ar e sai desfilando de volta para cima do palco.

— Você não vai chamar a polícia, não é? — pergunto.

— Quem diria que teríamos outra dançarina noturna entre nós. Meu Deus, onde essa família foi parar?

— Essa família nunca existiu, Matheus, vamos, vamos buscar a Suzana e o Cleber.

Estamos reunidas no restaurante. Desde cedo, tenho achado Celina séria demais. Parece preocupada e com a cabeça longe. Tanto que Nathalia está virando sua papinha dentro da bolsa dela e ela sequer reparou.

— Celina, espero que não tenha nenhum documento dentro da sua bolsa — digo comendo minha almôndega.

Só então ela olha a bolsa e solta um palavrão, batendo na boca em seguida.

— Mêda. Titia, mêda — Nath diz me olhando entusiasmada.

— Não pode falar isso, Nathalia, esqueça.

A pequena assente e cantarola a palavra mêda.

— Ainda bem que ela não ouviu direito. Celina, o que está acontecendo?

— Nada, por quê?

— Você está estranha. Não está, Suzana?

Mas Suzana, que voltou ontem de sua lua de mel após um dos casamentos mais lindos que já vi na vida, parece irritada. Ela briga com o bife no prato e por fim, finca o garfo nele repetidas vezes. Nathalia acha graça e bate palmas, pedindo a ela o bife furado. Suzana o corta em pequenas tiras e coloca na boca da pequena.

— O que está havendo com vocês duas? — questiono.

— Peguei o imbecil do meu marido chupando um dos meus comprimidos de anticoncepcional.

A encaramos curiosas e ela explica.

— Experimentei chupá-la também, e adivinhem? Ele trocou todos os comprimidos do frasco por balas.

— E ainda ficou chupando? Mas é um tapado mesmo — reclamo decepcionada com meu amigo.

— Você está grávida? — Celina pergunta, mas Suzana nega com a cabeça.

— Mas vou fazer greve até ir ao ginecologista pegar outra receita e não posso prometer que não matarei esse idiota.

— Dota! Kebi dota! — Nathalia diz nervosa, e fica em pé em sua cadeira depositando um beijo babado em Suzana, que a pega no colo e abraça.

— Sim, pequena. Seu tio Cleber é um idiota.

— Suzana, não ensine minha filha a xingar o Cleber, ela aprenderá sozinha quando começar a entender as coisas.

— Amanhã ela já esqueceu — digo.

Celina sorri e pergunta à pequena.

— Nathalia, o que seu papai é?

A pequena sorri e diz pausadamente:

— Tu – pi – do.

— E só me ouviu chamando-o de estúpido uma vez. Vocês subestimam a inteligência da minha filha.

— Ele é estúpido mesmo. Deveria ensiná-la que todos eles são, e não deixá-la chamar por nada mais, apenas assim. O que há com você, Celina? — pergunto ao ver que ela sequer presta atenção ao que estou dizendo.

— Acho que preciso de um favor — diz com pesar e temo o que vai pedir.

Nessa hora, um garçom passa com uma porção de fígado de boi e como em sincronia, Celina e Sue

se sentem enjoadas, voltando o almoço cada uma de um lado meu.

— Vocês estão de brincadeira! Se fosse o Matheus aqui, o teriam matado de forma cruel. Homicídio doloso, hediondo — resmungo me certificando de que nada tocou meu pé.

— Farmácia — Suzana diz e as duas se levantam.

Pego Nathalia e as sigo. Vamos todas para a V.D.A., trancamos o banheiro e espero. Nathalia ficou com Sebastian, que irá levá-la para a babá, assim que Matheus e Cleber pararem de babar nela.

Ali, em cima da pia do banheiro, estão alguns testes de gravidez.

— Funciona assim — Celina explica. — Você mijá neste pote e depois enfia isso dentro. Se der um pauzinho, coloque um DIU. Se der dois, procure imediatamente um psiquiatra.

Suzana assente e segura seu teste meio tremendo. Uma olha para a outra como que dando força e cada uma entra em uma cabine.

— Boa sorte! — grito. Mas não sei se sorte para elas é estarem ou não grávidas. Pelas caras que estavam, imagino que não.

Olho aqueles testes ali, nunca fiz um teste na vida. Há meses não tenho tomado o remédio corretamente, mas quando me lembro, tomo todos os dias esquecidos de uma vez. Ainda preciso de forças para ser mãe, a V.D.A. está expandindo e não acho que seja o momento de me ausentar por uns três anos, pois não vou deixar que meu pedacinho seja criado por uma estranha. Por mais boazinha que ela seja. Quero ser eu a vê-lo crescer e ver tudo o que ele descobrir enquanto criança.

Por curiosidade, porque nunca fiz um destes, pego um e vou para a terceira cabine. Assobio enquanto faço xixi no potinho, coloco o teste nele e saio do banheiro. Lavo as mãos e olho para dentro da cabine, mas nada. De repente, a porta de Celina abre e ela sai com o teste nas mãos e branca como um fantasma.

— O que deu? — pergunto.

— Estou grávida — Suzana diz abrindo a porta de sua cabine.

Celina estende pra ela seu teste e os dois estão iguais, duas listrinhas.

— Psiquiatra? — Suzana pergunta sussurrando, acho que quer chorar.

— Pelo menos vamos juntas — Celina responde ainda mais desolada. — Dois filhos meu Deus.

— Eu juro que mato o Cleber, matarei a cada choro deste bebê, matarei se não souber cuidar dele. Eu sempre quis ter filhos, mas não quando estou prestes a viajar em turnê com meu espetáculo. Não acredito!

Mas não respondo, estou parada, vidrada, olhando minha cabine.

— Gil, está tudo bem? — Celina sacode as mãos na frente dos meus olhos e só consigo apontar como uma retardada para a cabine onde meu teste está depositado em cima da tampa do vaso.

Celina se aproxima o tira de lá, então com um sorriso enorme, me estende ele.

— Oba! Vamos as três enlouquecer algum psiquiatra.

Putá merda, eu estou grávida. Suzana está grávida e Celina está grávida de novo. Estamos todas grávidas.

— É bebê demais — sussurro e as duas concordam, então nós três choramos.

Quando saímos do banheiro, Matheus corre até mim, parece assustado, temo que tenha descoberto sobre a gravidez, mas não teria como, não é mesmo? Nem estou tendo sintoma nenhum.

— Gil, o Marcus foi preso.

— O que? Como?

— Parece que ele se meteu em uma briga com um traveco na praça, e o traveco puxou sua peruca.

Bem em frente à delegacia de polícia da praça.

— Que retardado! E agora? Vai contratar um advogado para ele?

— Eu? Não. Mas mamãe provavelmente vai.

— Ele vai adorar ser a dondoca da cadeia — digo rindo.

Matheus faz uma carreta horrível e sai resmungando que não precisava imaginar isto.

Saí mais cedo da empresa, passei na farmácia e comprei duas chupetas, preciso contar ao Matheus que vamos ser pais. O aguardo na escada da entrada da nossa casa. Quando ele chega, sorri para mim, e peço que pare antes de me alcançar.

— O que houve, amor? — pergunta preocupado.

Devo estar parecendo uma louca com as duas mãos para trás parada no meio das escadas.

— Escolha uma mão — digo.

— O que?

— Uma mão, direita ou esquerda, escolha um lado.

Desconfiado, ele aponta para meu braço direito, quando o tiro de trás de mim, está a chupeta azul.

— É, não vai ser a Gilsuelina.

— O que?

Balanço a chupeta à sua frente.

— Será um menino, este teste é infalível. Ah, quando sua mãe fez o teste na gravidez do Marcus, deve ter saído rosa, não é?

— Gravidez?

— Aí, mas você está lento esta noite, amor. — Desço os degraus e paro de frente para ele. — Escondi atrás de mim uma chupeta rosa e uma azul, mandei que você escolhesse, e você escolheu a azul, logo, será um menino.

— O que será um menino?

— Nosso bebê, Matheus. Ah, me esqueci de contar, desculpe. Estou grávida. E vai ser um menino.

Ele deixa a pasta cair e arregala os olhos. Não consigo dizer se está feliz ou triste.

— Amor, está me ouvindo? — chamo, mas ele permanece parado, olhando para meu rosto.

Começo a me preocupar quando uma lágrima solitária rola por seu rosto.

— Esta lágrima é de felicidade, não é? — pergunto temerosa.

Então ele sorri, o sorriso mais lindo que já o vi dar e me abraça, me puxa para ele e chora. Está emocionado. Me aperta em seus braços e murmura diversas vezes em agradecimento. Quando consigo me afastar. Acaricio seu rosto e ele segura minha mão, beijando-a com devoção.

— Eu amo você. Gil, eu amo você demais!

— Eu sei, também amo você.

— Nós vamos cuidar dele, seremos ótimos pais. E seremos uma família de verdade.

— Seremos sim, amor. Nosso filho saberá desde sempre como cada um de nós somos.

Ele assente e encosta a testa na minha.

— Obrigado.

Eu o abraço bem forte e digo, com toda emoção e confiança, deixando claro que isto é indiscutível.

— Ainda assim, sua mãe está proibida de entrar na minha casa. Apenas quando eu marcar, e ela não vai de jeito nenhum cuidar do nosso filho. Fui clara?

Ele apenas balança a cabeça em meu pescoço e deposita beijos leves.

É, seremos pais.

— Que meu filho não puxe o pai, meu Deus — peço.

— Que ele não puxe a mãe, meu Deus — Matheus responde.

Sorrimos.

7 meses depois

— Está querendo apostar corrida comigo, homem? — Cleber grita no viva-voz do telefone.

— Vamos chegar primeiro, meu filho será mais velho do que o seu! — responde Matheus empolgado.

— Mas não será mesmo!

Respiro fundo e me concentro em não rir destes babacas. Suzana entrou em trabalho de parto há duas horas, Cleber ficou desesperado e ligou para Sebastian, que ficou ainda mais desesperado e ligaram para Matheus, que ficou desesperado como eles. Para resolver a situação, tomei o telefone de sua mão e gritei com Cleber o que deveria fazer. Foi aí que algo escorreu pelas minhas pernas. Então gritei para Matheus fazer tudo o que eu havia acabado de ordenar ao Cleber. Foi uma loucura.

Minha gravidez foi bem tranquila. Eu não senti enjoos, tontura, nada assim. Celina e Suzana enjoavam tanto, que às vezes pensava que este ser na minha barriga é diferente dos delas. Suzana e Celina também esperam meninos, mas o de Celina está marcado para a partir da semana que vem. Minha sogra ligou algumas vezes, converso com ela numa boa, mas ainda não permiti que pisasse na minha casa. Quando nos encontramos, é nas festas da família em Baependi, ou então em restaurantes. Ou quando vamos visitar o Marcus, ele é uma espécie de atração na cadeia. O chamo de biba dançante enjaulada, mas ele não gosta muito. Acho que sempre teremos nossas rixas. Amanda voltou como havia prometido aos dezoito anos, fizemos sua festa de aniversário e no dia seguinte começou a trabalhar na V.D.A., é bem competente, minha cunhada. Desde então, mora sozinha, no apartamento que alugamos para ela. Ela fez questão de pagar aluguel, então não pudemos discutir. Também, assumiu o Nuno, o que quase levou Marisa à loucura. Os três patetas cortaram um dobrado com a gente nesses últimos meses. Nos trataram como rainhas, era divertido, eles não só mimavam cada um sua esposa, como mimavam as três. Imagine ter o trio de estúpidos aos seus pés todos os dias?

O que mais posso dizer? Matheus chorou como um bobo a cada ultrassom que fizemos. O filho da Suzana, estava sempre com um bico nas ultrassons e brincamos que será besta como o pai. E o da Celina, estava sempre com um dedo mais levantado do que todos os outros da mão, mas ela apela quando dizemos que está mandando todos nós tomarmos naquele lugar, então, vamos esperar que ele seja um anjo. Nossa pequena Nathalia é a princesa das nossas vidas. Ainda mais que agora estão vindo três homens. Tomamos todo cuidado para que ela não sinta ciúme, e estamos colocando desde sempre na cabeça dela, que ela mandará neles. Ela parece muito satisfeita em ter três tu-pi-dos para brincar. E, só para constar, Sebastian é um excelente pai.

As dores vêm e voltam e quase me matam. Quero deitar e me encolher, mas a vaca da enfermeira que tem uma verruga no nariz, me manda ficar andando pelo corredor para que a dilatação aumente. Quero matá-la, e para ajudar, Suzana caminha tranquila, apenas respirando pausadamente, para conseguir dilatação também. Por fim, damos as mãos e cantamos Legião Urbana pelos corredores, mas imagine minha voz com dor. Levamos bronca, é claro. Cada vez que me abaixo e berro de dor, arrasto Suzana comigo e aperto sua mão. Ela não parece sentir dor e tem que sofrer também, não é?

Celina chega pouco depois com sua barriga enorme, essa vaca não engordou quase nada. Suzana e eu parecemos duas, cada uma, de tanto que comemos. Já avisei que o bebê da Celina vai nascer

raquítico. Ela nos dá dicas de como respirar corretamente, Nath fica agoniada pedindo ao seu anjo que faça seus meninos nascerem logo, às vezes ela passa a mãozinha nas nossas barrigas e diz:

— Vai pala de doer, titia.

E quero muito que esteja certa. De repente, Sebastian paira ao lado de Celina como um urubu na carniça e sua expressão fecha. Celina olha para cima e sorri.

— Lá vem o médico, meninas. Acho que seus maridos vão aparecer em menos de um minuto.

— Por quê? — pergunto e então entendo. — Puta que pariu!

— Este é o açougueiro — ela diz.

— Me chama de carne, e me coma — diz Suzana baixinho.

E quase que instantaneamente, Cleber está ao seu lado e Matheus ao meu.

O médico que vai tirar uma criança pela minha perereca, é alto, gostoso, tatuado, gostoso, musculoso, gostoso. Uau! Não quero que ele veja minha bichinha aberta não. Assim que se aproxima, cumprimenta Sebastian com um aceno e sorri largamente para Celina.

— Olá, senhorita Morelli.

— É senhora Vaughn — diz Sebastian possessivamente.

Celina se levanta para tocar a mão dele, quando estaca de repente, e o chão aos seus pés se enche de água e fecha os olhos apertando a mão do médico.

— Mas que droga que meus filhos nunca respeitam todos as semanas em que devem ficar dentro da minha barriga!

— Oh céus! O que vamos fazer? Onde está a bolsa? Não a que estourou, mas o do bebê. Onde está meu sapato? — Sebastian corre para perto da porta, então volta e pega Nath pendurada — Vamos, Celina!

— Sebastian! Vá lá em casa, depressa e pegue a bolsa.

Ele assente a sai correndo e quase gritamos todos juntos seu nome. Ele volta desesperado e Matheus se aproxima cauteloso e estende os braços para pegar Nathalia.

— A pequena fica, cara. Agora, vá.

Então ele corre. E a vaca da Celina, olha para o médico, que imediatamente esconde as mãos e então diz:

— Preciso de mãos, quem se habilita?

Cleber e Matheus tiram no par ou ímpar e Cleber tem que dar a mão a ela.

— Pega leve — ele pede antes de começar a gritar com a gente.

Arthur Lopes Amorim e Victor Leal Dantas nasceram no mesmo dia, mas meu Arthur nasceu duas horas antes do Victor da Sue, graças a Deus, eu já não aguentava mais sentir dor. Já Diogo Morelli Vaughn nasceu na madrugada do dia seguinte, apenas uma hora e meia depois do de Suzana.

— Arthur será o mais velho, portanto, vai mandar nos seus — encaro meu pequeno, ele tem os cabelos loiros e os olhos de um tom azul bem escuro.

Marisa pareceu decepcionada por ele não ser ruivo, mas ele não poderia ser mais perfeito.

Diogo é uma cópia masculina de Nathalia, porém, seus olhos são castanhos, como os da Celina, mas tem a mesma pele clarinha com os mesmos cabelos negros. E Victor, este vai dar trabalho. Os olhos verdes e a pele bronzeada já conquistaram todas as enfermeiras da maternidade.

— Nathalia é a mais velha, vai mandar em todos eles — diz Celina.

— Ela mandaria mesmo se fosse mais nova. E se você tiver outra filha, Celina, enlouqueceremos com mais uma mini-Celina.

— Não terei outra filha — ela bate desesperadamente na madeira.

— Como coelhos — cantarolo e ela me acerta o potinho de gelatina. — Vaca!

Não dá para dizer quem baba mais, entre os três babacas com os meninos no colo. Matheus queria passar a noite com o pequeno nos braços e tivemos que brigar para que deixasse o corpinho dele descansar. Marisa queria dormir aqui, mas já cortei dizendo que quem passaria as noites acordado comigo seria o Matheus, então que começasse desde já. Até os tamanhos dos piu-pius dos meninos os babacas compararam, e Victor venceu. Por hora. Nathalia não sabia em que cama pedia para ficar, não aceitou ir para casa com a babá e Celina pediu que a deixassem dormir com ela. Então ela passou a noite alisando a cabeça de Diogo e dando beijos nele. Quando quis vir para minha cama pela manhã, ficou alisando bem de leve a cabecinha de Arthur, enquanto eu o fazia arrotar. Assim que ele golfou a primeira vez e acertou um pouco nela, a pequena fez uma careta e desceu a mão nele. O que fez Arthur sorrir.

— Acho que nossos filhos estão apaixonados — digo quase fazendo Sebastian ter um infarto.

— Os seus filhos não colocarão as mãos na minha filha, mesmo porque, Nathalia é mais velha, a turma dela será outra — garante ele.

— É pouca diferença — diz Matheus — vamos ver qual dos dois conquista a Nath, Victor ou Arthur?

— Se eles puxarem os pais, nenhum deles — garante Celina.

— Ninguém vai pôr as mãos na minha filha. Venha, Nathalia, vamos passear com o papai.

E todos rimos quando Sebastian tira a pequena de perto dos meninos. Mas meu riso some assim que Arthur berra copiosamente e só para quando tiro sua roupa golfada.

— Meu Deus, me diz que isso não foi por causa da sujeira. Por favor, me diz.

Mas, quando vou dar de mamar a ele, e um pouco do leite espirra em seu rosto, ele grita novamente. Achei que estivesse assustado, porém, se acalma assim que o limpo.

— Eu mereço — reclamo.

— Você não é a única — reclama Suzana e quando a olho, Victor está com os dedinhos em seu peito enquanto mama.

Nós duas olhamos imediatamente para Celina, mas Diogo apenas observa fascinado a mãe.

— Como os pais deles — constato. E que Deus me permita ser feliz com dois Matheus em uma única casa.

Capítulo 19

4 anos depois...

Sebastian

Chego em casa mais cedo para ficar um tempo maior com os meninos, mas assim que abro a porta, um sapato passa a centímetros do meu rosto.

— Merda! Perdi minha pontaria!

— Ficou maluca, Celina?

Acendo a luz e no meio da sala está minha mulher. Está descabelada, há algo preto escorrido em seu rosto e parece tremer. Aproximo-me cautelosamente.

— O que foi, meu amor? O que houve? Deu algo errado no ginecologista?

Celina ia hoje colocar algum método contraceptivo que duraria dez anos. Não que esteja reclamando de nossos filhos, Nathalia é como a mãe e Diogo agitado como uma criança de quatro anos, e eu os amo mais do que tudo na vida. Mas um casal nos basta.

— Deu algo errado no ginecologista? — ela repete irritada — Não sou eu que tenho que colocar DIU é você quem deve fazer uma vasectomia seu maldito! — Ela pega as almofadas, os vasos e tudo o que encontra pela frente e atira em mim. Nathalia desce assustada e ao ver a cena, me dá a dica.

— Vá de uma vez, papai. Corra que não dará tempo de ela pegar mais nada e pule cima dela.

Assim o faço. Corro de uma vez e pulo em cima dela, derrubando-a no sofá. Então ela chora, de soluçar em meus braços.

— O que foi, meu amor? O que aconteceu? — pergunto preocupado.

— Estou grávida. De novo. Estou grávida! — ela grita.

Nathalia imediatamente pergunta:

— Mamãe, me diz que é uma menina, porque se for outro Diogo eu vou morar com o tio Matheus.

— Amor. Acalme-se. Não planejamos, mas aconteceu, tudo bem? Nossos filhos são maravilhosos, o que quer dizer que damos conta, vamos dar conta de novo.

— Você diz isso com essa cara lavada porque não é você que vai engordar, não é você que vai passar mal e comer coisas estranhas, não é você que vai morrer de dor e ter a coisa aberta para o bebê passar, você não sofre nada!

— Não é verdade. Eu preciso te dar muita atenção quando engravida, você sabe. Além do mais, sou eu que aguento suas mudanças súbitas de humor, que te dou a mão na hora do parto e fico sem dormir ao seu lado porque nossos filhos nunca nascem sabendo dormir.

Nathalia senta-se no colo dela e a abraça.

— Parabéns mamãe. Eu vou ajudá-la, tudo bem? Vai ser uma menina e vou dar todas as minhas bonecas para ela.

Celina respira fundo e beija a cabecinha da nossa pequena.

— Obrigada, meu amor. Que bom que vai ajudar a mamãe, mas não pode jogar leite no nariz de bebê, você se lembra, não é?

A pequena assente, ela fazia muito isso com Diogo, Víctor e Arthur.

— Está vendo, amor? É por momentos assim que vale a pena passar por tudo. Recebemos mais um presente, e não pense que fico feliz que a praga da Gilcelle tenha pegado e seremos como coelhos,

mas não posso negar que sinto falta de um bebê nesta casa.

Diogo aparece correndo e pula em cima de mim.

— Olá, meu campeão. — Fazemos nosso cumprimento e ao ver a mãe chorando, vai para o colo dela e a enche de beijos, então contorna seu pescoço com os bracinhos e a aperta.

O olhar que ela me lança é de gratidão, e sei que assim que o susto passar, minha esposa ficará muito feliz com o bebê.

Depois de colocarmos as crianças na cama, acerto um tapa em sua bunda.

— E aí, já está na fase de querer transar toda hora?

— No momento? Estou na fase de querer matar. Idiota! Quem manda me comer o tempo todo? Você deveria ser como maridos normais que perdem o interesse sexual pela mulher depois de dois filhos e sete anos juntos, pare de desfilhar nu por este quarto e nunca mais irá tomar banho comigo!

Sorrio e a puxo para meus braços.

— Amor, homens normais não têm a mulher que eu tenho, você é o tesão ambulante, não tenho culpa se o Sebs não pode nem mesmo ouvir sua voz para acordar. Agora venha aqui que ele acabou de acordar neste momento.

Ela me beija e diz:

— Se você enfiar mais um bebê em mim, eu juro que não sobrá Sebs para correr esse risco de novo.

— Vou fazer uma vasectomia — digo, mas claro que ninguém além dela, vai colocar a mão no meu Sebs.

Amo esta mulher, amo minha família, e não me importaria se tivesse mais dez filhos como ela. E amanhã bem cedo vou dar um jeito de garantir que o obstetra dessa vez não seja aquele médico ridículo e açougueiro, pois ele já viu demais as partes íntimas da minha mulher.

— Papai! — aquele gritinho estridente me faz desviar os olhos dos seios da minha mulher e minha pequena bailarina levanta as mãozinhas e fica na ponta do pé — Aplendi.

— Parabéns minha princesa! Você será uma bailarina linda como a sua mãe.

Ela abre um sorriso enorme e beija meu rosto, antes de Victor levá-la para ver desenho em seu quarto. Levanto-me do sofá e puxo minha esposa pela cintura.

— A Maria Rosa aprendeu a ficar na ponta dos pés.

— A vi fazendo a ponta, mais cedo — ela diz me abraçando — é esperta demais para uma menina de três anos.

Suzana quase me matou quando engravidou pela segunda vez, Victor não tinha nem um ano. Usávamos camisinha, mas ela estava furada. E para colocar na cabeça dela que não fui eu quem furou a camisinha propositalmente? E juro que não foi, foi um presente do destino, que a impediu de ir à segunda temporada da turnê que ela queria fazer, com um monte de homens bailarinos seminus. Depois, com dois bebês em casa, ela desistiu dessa turnê. Mas não tive nada a ver com isto, assim como não tive a ver com o nascimento do Victor. Não precisei tentar um terceiro filho, porque ela desistiu da turnê, assim como começou a tomar injeção para se prevenir. Não consegui burlar esse método.

Victor é um menino de ouro. Vive atrás da Nath, pegando tudo o que ela joga no chão e a obedece fielmente. Maria Rosa, minha princesa, tem os cabelos negros da mãe, os mesmos olhos castanhos, o mesmo sorriso, e a mesma inteligência. E assim como Victor, é doce e calma. Tivemos muita sorte.

A tia maluca dela faleceu há pouco mais de um ano, não quis ir ao velório, seria imperdoável se eu risse, e não que desejasse a morte da velha, de jeito nenhum, mas fiquei aliviado de saber que aqueles beijos jamais tocariam nenhuma parte do meu corpo de novo. E além do mais, estava no enterro da Ginger. Infelizmente ela faleceu, foi um choque para todos nós, ainda acho que a Marisa teve alguma coisa a ver com isso. Pelo menos, ela não sofreu.

Verifico que os meninos estão vidrados no desenho, fecho a porta do quarto, e arranco Suzana do sofá?

— Cleber, o que está fazendo?

— Cálculos, o desenho começou agora, temos meia hora.

— Amanhã é nosso dia de folga, o Matt vai buscar os meninos, não prefere esperar do que arriscar?

— Amor, nunca fui um homem de esperar. Venha logo, trancaremos a porta e nada de errado pode acontecer.

A arrasto para dentro do quarto, mal tranco a porta já começo a despi-la. Então o paro de repente.

— Melhor não tirarmos a roupa. Suba seu vestido e eu abro a calça.

Ela concorda e se joga na cama, deito por cima dela e nossas bocas se encontram. O fogo que ela acende em mim só faz crescer cada dia mais, sou mesmo maluco por essa mulher. Meus lábios passeiam por seu pescoço e quando vou tirar o pau da cueca, ouço um gritinho.

— Papaiiiii, o Victor caiu.

— Manda ele se levantar, princesa.

Volto a beijá-la e quando arrasto sua calcinha para o lado.

— Papai, ele não consegue.

— Diga a ele que já estou indo.

— Mas tem que segula a tevê, falou o desenho.

Começo a penetrá-la, quando paro de repente. O que ela disse?

— Maria, onde o Victor caiu? — Suzana pergunta.

— No quarto.

— E por que parou o desenho?

— Porque ele caiu. E a tevê caiu. E falou o desenho.

— Ah meu Deus!

Nos levantamos depressa, tento enfiar o pau para dentro da calça, mas está duro e não quer fechar o zíper.

— Fique aí, vou ver o que aconteceu — diz Suzana abrindo a porta e correndo com a Maria no colo para o quarto.

Fico em uma briga de uns cinco minutos, vejo que não vai ter jeito, tomo um banho gelado, e depois de muita conversa, convenço meu amigo a descansar. Ele não gosta de ser iludido e deixado na mão. Suzana não voltou, então a coisa foi séria. Corro para o quarto como um desesperado, e quando entro, Victor dorme no braço direito dela, e Maria Rosa no esquerdo. Os três estão deitados sobre a cama e a televisão está no chão. Respiro aliviado, na certa ela foi acalmá-lo e acabou dormindo. Apago a luz, deito-me ao lado da princesa e adormeço. Essa é nossa vida aventureira de pais.

Matheus

Arthur sobe na cadeira e pega um de meus perfumes da penteadeira, apenas observo enquanto me visto. Ele borriça um pouco no ar, cheira e parece aprovar, então abre o vidro e antes que eu possa impedir, vira o frasco todo nele.

— Não é assim que usa, filho. Venha, vamos tomar um banho.

Espirrando por conta do cheiro, ele me dá a mão e tiro de novo toda a minha roupa, para não molhá-la ao dar banho nele. Após vesti-lo e me vestir, espiro um pouco de perfume nele e em mim e o levo satisfeito para o quintal.

Cleber está na beira da churrasqueira mostrando uma linguiça enorme para Suzana e lançando uma piscadela que a faz revirar os olhos. Celina penteia os cabelos de Maria Rosa e faz um coque perfeito, como a princesa gosta.

— Ela está treinando — Sebastian diz aproximando-se de mim.

— Quem?

— Celina, está grávida.

— Parabéns, homem. — digo apertando sua mão, e ele faz uma careta de dor ao afastar a mão da minha.

— Como eu disse, está treinando. Tomara que seja uma menina — diz ao ver Diogo atirar Arthur na piscina.

— Eu acabei de dar banho nele — reclamo.

Meu filho sai da piscina e se faz de chateado, mas assim que tira a água dos olhos, acerta Diogo com um soco.

— Vai começar — Sebastian diz e corremos até eles antes que Victor consiga alcançá-los para entrar na brincadeira.

— O Arthur me lembra tanto alguém — diz Suzana. — Embora seja fresco como o pai, ele é bem marrento, briguento e encrenqueiro.

— Ninguém é mais encrenqueiro do que o Diogo — Gilcelle diz.

— Meu filho não é encrenqueiro, pare de difamá-lo — defende Celina no momento exato em que ele estoura uma garrafa de cima da mesa com uma pedra — A mira dele é excelente — ela diz antes de gritar: — Diogo!

O menino arregala os olhos e mais do que depressa começa a pedir desculpas a ela e a Gil, pela bagunça. Quando Maria Rosa cai dançando no jardim, imediatamente Diogo corre até ela e ajuda a levantar-se, tenta amarrar sua sapatilha, mas seus dedos embolam na fita, e ele olha suplicante para o pai.

— Vá ajudar seu filho com a garota dele — digo a Sebastian.

— Eu ouvi isso! O Diogo não vai colocar as mãos na Maria Rosa, minha filha vai ser freira — diz Cleber.

Sento ao lado da minha mulher, que acaricia sua barriga enorme e diz:

— Sei o futuro de todos deles, vou contar a você. Obviamente, o encrenqueiro do Diogo vai ser aquele típico bad boy e vai se apaixonar pela Maria Rosa, ela é uma princesa delicada, então, vai precisar de um manual da Celina. O Arthur e o Victor vão continuar disputando a Nath, ela sempre será a mais velha, e sendo como é, vai mandar nos dois a vida toda. E essa menina aqui — diz alisando a barriga. — Tenho esperança de que será muito boazinha, uma vez que o Arthur já dá muito

trabalho.

— Está faltando um na sua conta — Celina diz se aproximando — ou uma.

— Você está grávida? — Gil grita e quando ela assente, minha mulher pousa a cabeça nas mãos desolada. — Droga! Estou ferrada. Arthur e Victor inverteram os papéis. O Arthur é bobão como o Cleber e o Victor fofo como o Matheus. Agora serão nossas filhas. Se seu bebê for uma menina, a minha Gilsuelina será uma peste e a sua boazinha.

Celina franze o cenho e diz:

— Primeiro, se está insinuando que elas inverterão os papéis puxando a gente, agradeça a Deus se sua filha for como eu, e compre tornozeleiras, capacete e cotoveleiras para ela. Tomara que não herde meu desastre. E segundo, se a minha filha puxasse seu caráter eu estaria ferrada, ela nunca seria boazinha.

Gilcelle sorri.

— Não sei qual de nós duas estaria mais ferrada.

— A Celina está grávida? — Suzana pergunta se aproximando, então encara Sebastian, que a apelidou de dona da escada quando ela engravidou da Maria Rosa, sendo o Victor ainda um bebê. — Olha só, sou a dona da escada e você o dono da creche.

— Vou abrir uma — ele responde. — E colocar a Nath para tomar conta. Terei crianças quietas e pais babacas que pagarão uma fortuna para deixar seus filhos lá. Vocês deveriam me ajudar, homens, que tal Creche V.D.A.?

— Já querem falir a creche — Gil diz com uma careta.

A V.D.A. nunca esteve tão bem. O hotel de Madri é um sucesso, em Paris já temos dois e agora vamos abrir o mais sofisticado e incrível hotel que já se viu em Tóquio. E não podemos negar que ter a mão firme delas nos negócios ajudou bastante a empresa a ir para frente.

Aproveito um momento em que todos estão distraídos e arrasto minha mulher para dentro de casa.

— O que está fazendo?

— Estou sentindo sua falta — digo puxando-a para um beijo.

— Ainda não acredito na paz em que vivemos, isso é como aqueles finais de contos de fadas, sabe. O felizes para sempre — ela diz suspirando.

— Você sabe que não seremos felizes para sempre.

— Enquanto eu tiver você, serei feliz mesmo nos piores momentos.

— Então, você será feliz para sempre. Eu te amo, Gil. Um amor da vida toda. Eu nasci para amar você. E que bom que Deus te fez assim, exatamente para mim.

— Se ele me fez assim exatamente para você, você não foi um bom menino na vida passada.

Sorrio.

— Acho que fui um excelente menino, o melhor deles.

— Não seja fofo.

— Não sou fofo, só te amo demais. Venha aqui, estou morrendo de saudade de você.

Ela me beija de volta e respiro aliviado ao constatar que o meu final, foi ainda melhor do que eu teria imaginado. Que coisa maluca é o amor, tão perigoso, e é o que te protege. Tão incerto e sua única certeza é que precisa dele. A pior e melhor coisa que pode te acontecer, então não julgue, não cobre, não fuja, simplesmente ame, com tudo o que pode, é arriscado, sim. Mas nenhuma certeza poderá te fazer tão feliz.

Epílogo

Gilcelle

Encaro a parede branca, lavada pela última vez há três dias. Sim, estas paredes do quarto do perdão são muito usadas, e como prometido, Matheus entra aqui todas as noites, quando não há nada escrito, ele me deixa uma declaração por mais um dia em que conseguimos manter algo além de todas as idealizações. Claro que foram muitas as noites em que algo estava escrito ali. Uma noite, escrevi cinco coisas de uma vez, e por duas vezes, ele escreveu para mim. Foi estranho. Estava acostumada a escrever ali toda minha ira em enormes palavrões e sempre mandá-lo à merda, mas no dia em que entrei para escrever e havia uma mensagem dele, meu coração doeu. Porque ele estava certo, eu estava sendo infantil e é estranho que o fato de ter decepcionado alguém que ama, seja pior do que saber que você errou. E mais estranho ainda que ler isto escrito em uma parede pela letra dele, tenha me feito entender sem brigas que eu estava errada. É legal essa coisa de quarto do perdão.

Decidimos por colocar este ano uma parede assim no quarto do Arthur. Apenas em um lado, onde assim que ele aprender a ler, escreveremos as coisas que não deve mais fazer e os riscos das consequências. E ele poderá nos dizer como se sente nos tendo como pais. Matheus é um pai maravilhoso, tão dedicado! Foram tantas as vezes em que se atrasou para o trabalho porque o pequeno chorava para que ele ficasse, e ele ficava. São tantas as noites chuvosas em que temos que levá-lo para dormir conosco e Matheus brinca com ele até tarde e não o deixa pensar ser fraco por ter medo da chuva. É engraçado quando Arthur se machuca, não dá para dizer quem berra mais de nojo, mas me divirto muito torturando os dois.

Sei o que está se perguntando e sim, ele é mesmo aquele homem que me ama e adora, que cuida de mim e me olha com a mesma admiração desde o começo, que me algema e amordaça quando está irritado, mas me ama como só ele sabe amar. Ele erra, muito, é um idiota, não tem jeito, mas já tenho o meu jeito de lidar com ele, de fazê-lo parar antes que chegue ao meu limite, e parece que cada tropeço é compensado quando estou em seus braços.

Acreditem ou não, mas sou uma boa mãe, do tipo que nunca colocou o filho em risco, nunca falou palavrão na frente dele e nunca deixou que nenhum incidente acontecesse com ele. Eu mereço palmas, e nem estou pegando dicas com a Celina, aprendi no Google. Mentira, aprendi convivendo com as responsabilidades de ser mãe, mas tudo em que tenho dúvidas, pesquiso no Google.

Estou aqui guardando as últimas roupas que minha bebê ganhou, ela está quase para nascer e está herdando tudo da Maria Rosa, ainda bem, porque a princesa da Suzana é delicada como uma rosa, e suas roupinhas são dignas mesmo de uma princesa. Como não precisamos gastar quase nada com isso, usamos o que gastaríamos em doações a orfanatos e minha Gilsuelina vai aprender desde cedo a doar seus brinquedos, como Celina fez com Nathalia e Diogo.

Não faça essa cara para mim, Gilsuelina é um nome lindo, meu e de minhas melhores amigas. Claro que não vou colocar esse nome horroroso na minha filha, de maneira nenhuma. Não sei escolher nomes, mas gosto de assustar o Matheus chamando-a assim, ele tem tiques e fica vermelho, é engraçado. Eu não queria seguir o padrão da família dele, e sei que se ele escolher o nome, dará um começado por A. Mas quando tento pensar em um nome para ela, só me saem coisas do tipo: Maristela, (não é com A), Arthina, (não, nada de feminino de Arthur), Mathelle, Giltheusa, não dá para juntar nossos nomes. Enfim, vou deixar que ele escolha o nome quando ela nascer, como fez com

o Arth. Ele sabe fazer isto melhor do que eu. Bem que eu gostaria que nossos coelhinhos não tivessem nomes começados pela mesma letra e sim, identidade própria, mas, amo demais essa criaturinha na minha barriga para decidir o nome dela.

Meu pequeno entra no quarto e pega uma das roupinhas que estou dobrando.

— Mamãe, quando sua barriga vai sumir?

— Por que quer que a barriga da mamãe suma?

— Porque quero pular em você — ele diz com aquele sorrisinho que sempre me derrete.

— Falta pouco, meu amor. Daqui a pouco sua irmãzinha sai da barriga da mamãe e ela some.

Ele parece confuso, arqueia apenas uma sobrancelha e me encara.

— A minha irmã está aí dentro? — Assinto. — Como ela foi para aí?

Oh merda. Meu filho tem quatro anos, isso não é hora de fazer uma pergunta dessas. Largo as roupinhas, abaixo-me diante dele e tento explicar:

— Eu a engoli. — Não estou exatamente mentindo, de certa forma.

Ele arqueia as duas sobrancelhas e arregala os olhos, aos poucos, vai dando passinhos para trás, como medo de mim. Ok, talvez eu não seja realmente tão boa mãe assim. Como não dá tempo de ir olhar no Google, nem de ligar pra Celina, tenho que inventar outra coisa.

— Sua irmã era uma sementinha, meu amor. Mamãe a engoliu e agora ela está crescendo na barriga da mamãe. Quando nascer, será uma linda menina.

— Sementinha? — De repente ele arregala os olhos. — Eu engoli uma semente hoje, mamãe. De melancia. Tem uma menininha na minha barriga!

— Ai, meu Deus, não! — O pego no colo e tento acalmá-lo. — Mamãe está brincando, meu amor, não há sementinha nenhuma e mamãe não engoliu sua irmãzinha.

— Não? — pergunta olhando em meus olhos com aqueles olhos azuis marejados.

— Não.

— Então como ela foi parar aí?

— Pergunte ao papai, foi ele quem a colocou aqui. — Pronto! O Matheus que se vire. Espero que ele se saia melhor do que eu.

O som da campainha indica que Cleber chegou para buscar Arthur, ele costuma pegar os meninos nos fins de semana e levá-los para andar a cavalo, pescar e coisas assim, que não incluam um aparelho eletrônico. O Cleber até joga amarelinha com eles, é ridículo para um homem do tamanho dele. Quando chego à ponta da escada uma dor horrível me atinge e caio sentada.

— Amor, abra a porta para mamãe — consigo dizer a Arthur que corre assustado até a porta e já vai pulando em Cleber.

— A mamãe caiu. A mamãe caiu.

Cleber me olha ali, com cara de dor e dá meia volta.

— Não estive aqui hoje.

— Volte aqui agora mesmo, seu imbecil. Ligue para o Matheus.

Ele volta para dentro e me ajuda a sentar-me no sofá. Então liga para Matheus, que diz algo que o faz soltar um palavrão e arregalar os olhos.

— Merda, tenho mais duas crianças naquele carro e não acredito que isso aconteceu perto de mim. Onde está a bolsa da bebê? Vou levá-la para a maternidade.

— Onde está o Matheus?

— Ele nos encontra lá.

Mas, quando chego a maternidade, nem sombra dele. Onde se meteu a merda do meu marido?

Matheus

Ignoro o telefone, até que o tatuador para seu serviço e me encara. Acho que o barulho o está desconcentrando. Então resolvo atender.

— Matheus, onde caralho você está? Sua mulher está em trabalho de parto.

— Merda. Não posso ir agora, leve-a para a clínica, encontro vocês lá.

— Eu não, estou com os meninos, venha embora agora.

— Estou no meio de uma tatuagem, não posso simplesmente sair correndo, leve a minha mulher para o hospital!

Ele diz um monte de palavrões e desligo o telefone. Merda. Encaro o tatuador.

— Preciso ir, minha filha vai nascer.

Ele arregala os olhos.

— Mas você não pode sair assim!

Mas já estou vestindo minha blusa.

— Você consegue terminar daqui depois, não consegue?

— Não, isso é um rosto, preciso terminar agora.

— Merda, faça logo isso.

— Pare de se mexer ou sua mulher vai sair aqui com um lado do rosto torto.

Ele enfia a agulha, o barulho insuportável volta, mas está demorando e só consigo pensar na minha Sereia e minha Sereinha que está nascendo e de jeito nenhum seria justo o Cleber vê-la nascer, me levanto de repente.

— Preciso mesmo ir. É minha primeira menina, minha mulher é agressiva e meu melhor amigo bombadão está indo com ela para a maternidade.

— Vá logo. Deixe-me apenas colocar um plástico nisso.

— Não, daqui a pouco eu volto.

— Vai infeccionar!

Imediatamente retorno e espero pacientemente que ele limpe o que fez e coloque o plástico, mas nem tenho tempo de olhar. Corro para a maternidade.

Cleber já está vestido com as roupas de quem vai assistir o parto, mas está tentando acalmar os meninos, com enormes olhos arregalados ouvindo os gritos que vem do bloco cirúrgico. Assim que apareço, Arthur corre até mim.

— Papai! Tire a bebê de dentro da mamãe! Foi o senhor que a colocou lá, tire, mamãe está com dor.

Ele chora e está assustado. E quem disse para essa criatura de quatro anos que eu coloquei a menina lá dentro? O abraço e tento acalmá-lo e o entrego a Cleber. Visto a roupa o mais rápido possível e assim que me vê, ela parece aliviada.

— Eu vou matá-lo por isso! — diz.

— Mate seu marido depois, senhorita Lopes, agora faça força.

— É senhora Amorim. — corrijo.

O maldito açougueiro e sua mania de chamar minha mulher pelo nome de solteira. Gilcelle grita, empurra, aperta minhas mãos, tento acalmá-la, nem posso imaginar a dor que está sentindo, e quando diz que não aguenta mais, o médico grita que está quase, não sei de onde ela arruma força e empurra mais uma vez. O médico levanta uma coisa pequena e branca em suas mãos e logo o choro estridente

da minha princesa ecoa pelo quarto. Meio tremendo, corto seu cordão umbilical e a enfermeira a enrola em uma manta e leva para Gilcelle.

— Ela é a sua cara.

Gil chora ao ver a pequena e beija sua mão emocionada. Eu a pego nos braços e ela para de chorar, fazendo um bico e franzindo a testa. Seu cabelo é ruivo, mas de um tom alaranjado, e mesmo com o rostinho inchado, se parece com a mãe. Espero ansioso que abra os olhos para que possa ver a cor deles, mas a enfermeira a leva para dar banho antes que eu consiga.

Já limpa e mamando, minha pequena abre os olhinhos, são cor de mel como os da mãe. Ela é a cópia da mulher da minha vida. Estou embasbacado olhando as duas juntas quando Gil me tira de meus devaneios.

— Por que está com este plástico no braço? E onde estava que demorou tanto a chegar aqui?

Levanto a camisa e mostro a ela, não era para ver assim, era para vê-la linda completa e sem esse inchaço e esse plástico. Ela parece surpresa e sem falas.

— Essa metade de rosto é...

— Sim, é você. Ia fazê-lo inteiro, claro. Mas a bebê resolveu nascer quando estava no processo.

— Mas, isso é uma tatuagem! — quase grita e assinto — Mas, você é fresco demais para fazer uma tatuagem. Tipo, você comprou essa agulha? Pesquisou sobre o tatuador? Fechou o estúdio dele ou o que?

Sorrio.

— Após todos esses anos você já deveria saber que sou capaz de qualquer coisa por você.

Uma lágrima solitária escorre por seu rosto.

— Termine isto. Não quero metade do meu rosto no seu braço. Eu te amo.

Beijo-a e agradeço por mais um momento em que meu amor a deixou sem palavras. Eu disse que viveria para isso.

— Também quero escrever os nomes dos meninos abaixo, Arthur e... — A encaro esperançoso. — O nome dela, se não for Gilsuelina.

Ela faz uma careta e sorri.

— Vamos ver sua carinha. Ela está sempre tão irritada, com essa carinha azeda. — Então ela dá um sorriso e temo por minha filha. — Valentina.

— Valentina? Por conta da carinha azeda? Mas o que você pensou de azedo que a fez escolher o nome Valentina?

— Você escolheu o dele, eu escolho o dela, se chamará Valentina e não reclame.

A e V, letras bem diferentes, mas ela está certa, escolhi o dele, ela escolhe o da bebê. Mas tinha que ser com V? Tantos nomes bonitos com A. Os babacas chegam e babam na minha pequena, Maria Rosa parece encantada com ela, mas Arthur faz todos lavarem as mãos antes de tocá-la e então há uma curiosidade sobre a bebê. Cada vez que alguém a pega, ela franze o cenho e faz o bico.

— Mas que garotinha mais mal humorada, é você — comenta Suzana com ela nos braços, mas nem assim ela desfaz a careta.

Só a desfaz quando está nos braços da mãe, principalmente quando está mamando. Espero que quando estiver enxergando perfeitamente, minha caçulinha ria das coisas. Pois os babacas dos meus amigos a estão apelidando de Nath 2, e eu amo minha afilhada atrevida e inteligente, mas não quero minha filha acabando comigo como a Celina faz.

— Celina não será a madrinha — decreto. Será a Suzana, já demos o Arth para Celina.

Ela faz uma careta e é aí que a turma zoa mais ainda a carinha fechada da minha pequenina Sereia.

Gil finalmente recebeu alta e estamos chegando com a pequena dorminhoca em casa, ela é tão tranquila, tão diferente de Arthur que nunca dormia. Aconteceu uma coisa, que não contei a você. Ontem, fui com Sebastian e Cleber registrar a bebê. Deveria ser Valentina Lopes Amorim. Foi este nome que a minha mulher escreveu no papel. Lembra-se daquele quarto do perdão? Pois é, hoje irei usá-lo para pedir isso.

Gilcelle sobe as escadas com a pequena e decide colocá-la em seu quarto. Tento argumentar que a coloque no nosso, mas ela insiste, abre a porta sem perceber e entra, respiro aliviado, mas nem três segundos se passam antes que ela volte para trás e puxe a porta, reparando as letras cor de rosa penduradas nela.

— Por que tem essas letras A aqui? Iguais as que estão na porta do Artth?

— Amor. — Tento pegar a bebê de seus braços para me proteger, mas ela não permite. Merda. — Combinou, não? Uma porta AA azul e na da frente AA rosa. Ficou sincronizado. Vá olhar o quarto do perdão — digo e saio correndo.

Ela vai me matar.

Meia hora se passa e nem sinal da minha mulher com uma metralhadora atrás de mim. Resolvo enfrentar o perigo, prometi que não seria mais um covarde e vou atrás dela. Não está no nosso quarto, nem no quarto do Arth, nem no quarto da Alexia, sim, foi com este nome que registrei a bebê. Alexia Amorim, combina com Arthur Amorim. Nem quero pensar no que pode estar nas mãos dela quando me aproximo do quarto do perdão, uma vez que a pequena Alexia dorme em seu berço. Abro a porta vagarosamente e ali está ela, totalmente parada, encarando a parede, onde escrevi ontem mesmo, após sair do cartório.

Amor, de todos os amores que me deste, são estes, os mais valiosos.

Arthur e Alexia e perdão.

Lembre-se que temos dois filhos, sou um excelente pai, e a bebê não dormirá a noite por alguns meses, então, você precisará de mim. Eu te amo, e amo tudo o que me dá todos os dias.

— Ainda bem que a VALENTINA dorme muito — ela diz quando me ouve aproximar.

— Amor, eu não consegui. Me deu nervoso, meu olho deu tique, não consegui colocar Valentina. A e V, não consegui. — Sinto que estou tremendo, meu tique ataca e ela está mais vermelha do que um pimentão.

— Então que colocasse Ana Valentina!

— Não pensei nisso — digo me amaldiçoando por minha burrice.

— Você vai segunda mesmo ao cartório e vai trocar o nome dela. Entendeu?

— Não dá mais — digo.

— Por que não?

Tiro vagarosamente a blusa e mostro a ela, em meu braço, seu rosto está completo e logo abaixo, dois nomes: Arthur e Alexia.

— Tem espaço para uma Valentina. Veja, tenho o braço todo para termos filhos e batizá-los como você quiser.

Ela fecha os olhos e me desespero.

— Seis milhões. Te dou seis milhões para não me matar e não trocar o nome da bebê, inutilizando

minha tatuagem que quase morri para fazer.

Ela arregala os olhos e quando acho que vai me matar, sorri.

— Ah, Matheus, você acha mesmo que se eu quisesse que minha filha se chamasse Valentina, te daria a chance de ir registrá-la sem mim? Nunca seria tão burra.

— Espera, então não era pra ser Valentina?

— Não, descobri que sou péssima com nomes. Não consigo pensar em nada melhor do que Gilsuelina, que é péssimo, então deixei para você escolher. A ideia de dizer que seria Valentina foi só para te irritar um pouquinho.

Como é? Me irritar? Estou há mais de vinte e quatro horas contando os segundos para morrer e a malvada só queria me irritar?

— Mas que fique bem claro que se você tivesse mesmo mudado o nome dela sem meu consentimento, eu o mataria e ainda pegaria suas bolas e as penduraria...

Beijo-a. Amo essa mulher, essa maluca, que sempre me surpreende, me irrita e fez agradecer a cada dia em que vivo com ela. Nunca é entediante ser casado com a Gilcelle, ela é como um ímã para encrenca e engenhosa como só ela. Sei que é exatamente por ser assim, que serei feliz a cada dia, a cada surpresa, a cada pegadinha, a cada vez que precisar usar aquele chicote e a cada mensagem na parede do perdão. Porque era para ser minha desde sempre, assim como fui seu desde o instante em que botei os olhos nela. Isso é o amor, ser capaz de viver isso a cada dia, por mais que te assuste, é o verdadeiro caminho da felicidade. As pessoas a buscam no lugar errado, amem mais e serão imensamente felizes.

BÔNUS: V.D.A. 20 ANOS DEPOIS...

Coloco meus óculos escuros assim que desço do carro. Estes olhares dos seguranças não me incomodam nem me agradam. Sou uma mulher de negócios, estou me acostumando a ser admirada. Principalmente porque agora sou a chefe deles. Papai e mamãe me surpreenderam ao me darem a presidência da V.D.A. aos vinte e seis anos. Não sou uma garota mimada, trabalhei duro para conseguir isto. Meus pais sabiam o que estavam fazendo, e eles e meus tios, queriam descansar. Papai e os titios ainda vêm aqui todos os dias, apenas não resolvem assuntos chatos, segundo eles.

Mamãe, tia Gil e tia Sue, são três dondocas lindas, que passam os dias jogando cartas e planejando o fim do mundo. Mentira, elas estão aqui todos os dias também. Ajudam-me e apoiam em tudo, só ficam menos tempo do que os homens, mesmo porque, a tia Gil precisa ficar de olho na Lexi, e a mamãe, bem, Cat Vaughn não é nada fácil. Mas vamos chegar nas caçulas depois. Recebi a presidência da V.D.A. há uma semana, e hoje é minha primeira entrevista. Preciso de um novo assistente, papai estava comigo, mas quer viajar com a mamãe, e desconfio, meus tios irão também, todos eles, são como grudes. Então quer que eu contrate um assistente, para que ele possa me ajudar aqui.

Mal saio do elevador, uma caneca de café fumegante paira à minha frente e vejo as mãos de Victor vermelhas. Ele sorri aquele sorriso tímido lindo dele e gagueja um pouco ao dizer:

— Bom dia, Nath. Trouxe o café para você.

— Obrigada, Victor. — Pego o café fumegante e sem olhar para trás, advirto. — Não me siga, meu humor hoje não está recebendo medalhas.

Chego a minha sala e tio Matt, meu tio preferido (que o tio Cleber não me ouça) está ali.

— Bom dia, tio. O que faz aqui tão cedo?

— Bom dia, pequena. — Ele se levanta e me dá um beijo no rosto.

Tio Matt é muito bonito, sei que a tia Gil corta um dobrado com ele. As mulheres caem matando, principalmente, desde uns dez anos atrás, quando ele foi fotografado em pleno centro da cidade, seminu, com um chicote nas mãos. O detalhe é que suas mãos estavam presas para trás por uma algema. Ninguém soube explicar como isto aconteceu. Eu tinha dezesseis anos e lia alguns livros e zoei tanto a tia Gil, mas agora, após algumas experiências, a entendo. E o tio Matt se tornou ainda mais meu tio preferido.

— Queria apenas saber se precisa de companhia na entrevista.

— Oh, obrigada, tio. Adorarei ter sua companhia.

Vamos abraçados até a sala de reuniões, onde entrevistarei meu futuro assistente, e assim que entro, noto Diogo, Victor e Arth girando como bocós nas cadeiras.

— O que estes três babacas estão fazendo aqui? — reclamo.

— Não adianta esbravejar, minha querida irmã. Somos vice-presidentes, temos direito de participar de tudo.

Sim, não mencionei este fato, perdão. Os três babacas são vice-presidentes. Isto, eu digo que não foi justo, porque além de pamonhas, eles são preguiçosos, bagunceiros e mais atrapalham do que ajudam. Há também uma coisa chata sobre eles estarem aqui. Aproximo-me de uma cadeira e imediatamente Arth e Victor a arrastam para mim, bem quando já ia me sentar. Me desequilibro no salto, e só não caio estatelada no chão, porque o Diogo me segura em tempo recorde. Essa é a coisa chata.

— Vocês dois — diz de maneira ameaçadora. — Fiquem longe da minha irmã. Esse cerco de vocês já encheu o saco, ela é mais velha, não vai ficar com nenhum de vocês!

— Agradeço, Diogo, mas eu tenho voz. Vocês dois — aponto o dedo para cada um deles — preciso de um chocolate quente.

Mais do que depressa eles correm porta afora e Diogo cai na risada com o tio Matt.

— Você é muito malvada com eles, irmã.

— São amores falsos, eles sobreviverão. Então, onde está meu suposto novo assistente?

— Atrasado — diz tio Matt com uma careta.

— Então está dispensado. Se não chega no horário para a entrevista de emprego, imagine quando já estiver contratado? Não tenho tempo para gente descompromissada.

— Talvez, o seu suposto novo assistente, tenha se atrasado dois minutos, por não achar uma vaga para estacionar o carro. Você, deveria ampliar o estacionamento da sua empresa ao invés de reclamar dos atrasos dos funcionários — diz alguém entrando na sala.

Não. Não. Não. Não.

Sabe quando a vida quer rir da sua cara, mas você é uma diva, em cima do salto e não faz careta para ela? Pois é, não seja assim. Abaixei a crina e seja humilde, porque você dribla as gracinhas da vida e o que ela faz? Joga baixo com você. Olho para ele ali e não posso acreditar, é ele mesmo. Mais lindo do que eu me lembrava, e ainda mais forte. A sabedoria em seu olhar está ainda mais evidente. Merda. Péssimo começo, Nath.

— Não me diga que esse é o famoso professor? — pergunta tio Matt aproximando-se de mim.

— Como sabe sobre isto? Meu Deus, papai sabe sobre isto?

— Querida, todo mundo sabe sobre isto. Seu tio Cleber colocou um segurança para segui-la e os seguranças do Cleber tendem a abrir o bico facilmente.

— Eu juro que ainda mato o tio Cleber. Tio, sente-se aí e fique quieto. Nenhum pio sobre isto — peço.

Ele se senta sorrindo e analisa o homem ali, parado na porta, com seu sorriso presunçoso.

— Você está ainda mais linda, Nathalia, se me permite dizer.

— Não permito. Entre e sente-se, isto é uma entrevista, não um bate papo.

Ele entra ainda sorrindo e senta-se de frente para mim. Não teria acontecido se eu tivesse sentado na cadeira da ponta, onde pretendia me sentar se os dois babacas dos meus primos não a tivessem arredado. Oh céus, só preciso me acalmar, não é nada demais. Você deve estar confusa, não é mesmo? Vamos lá, um breve resumo daquela história, traumática ou cabeluda que todo mundo tem.

Era uma vez uma menina que estava cursando a faculdade e eis que no seu último período, aparece um professor lindo, gostoso, enigmático e que faz todas as alunas babarem. E então, indo contra toda a lógica, uma vez que ela não gosta do que todos gostam, ele olha para ela. Justamente para ela. Então ela, uma pobre criatura virgem, abre as pernas para ele, porque convenhamos, o cara é lindo, professor, mais velho, toda garota tem uma tara por algum professor, esses de faculdade então. E a boboca pensa que estão namorando. Mas um dia, ela descobre que o traste é casado. Então ela gentilmente se afasta dele, não o atende mais, eles sequer terminaram, mas claro, ela põe fogo no carro dele, porque isto não podia ficar assim, certo? Ele é casado, ela é solteira, vai curtir a vida e ele que continue com sua vidinha sem sal. E então, quatro anos depois, ele se candidata a uma vaga de emprego para ser assistente dela. Essa é minha breve história.

Avalio seu currículo, ele saiu da faculdade onde me formei há seis meses. O salário dele lá

logicamente era um pouco mais alto do que vai receber aqui, tendo em vista que ele tinha mais de um turno. Abro a boca para questionar esta mudança de ares, quando a porta abre e antes que eu possa evitar, Victor tropeça na cadeira arredada do entrevistado e vira o chocolate quente nele. Arth se aproxima de mim com a caneca, todo sorridente e beija o canto da minha boca, porque estou distraída demais, vendo a cena a minha frente. Sem desviar os olhos daquele homem ali, tirando a camisa por conta do queimado, corrijo a ousadia de Arth.

— Não faça isso de novo, seu babaca. — Jogo um pouco do chocolate quente no saco dele. Só um pouco, porque não posso desperdiçar chocolate quente, é pecado.

Ele berra grita e guia meu entrevistado descamisado até o banheiro da sala. E eu, estou sendo avaliada por meu irmão e meu tio, então nem posso me abanar, porque Jesus, ele não tinha tantos gominhos quando minhas mãos passeavam por aquele pedaço.

Aproveito o momento “queimadura” dos garotos e ligo para mamãe.

— Mamãe, a senhora já está chegando? Não vai acreditar, o melhor candidatado ao cargo de meu assistente — faço uma pausa dramática — é ele.

— Ele? Tem certeza?

— Claro, mamãe. Eu o vi, com os cabelos desgrenhados, o cavanhaque sem vergonha e os gominhos, é ele. O que eu faço? Posso jogá-lo por esta janela?

— Não querida, não comece sua gestão provocando acidentes. Contrate-o. Mande nele.

— Mamãe, a senhora é meu exemplo e sabe disso, mas não sou tão forte assim. O homem exala sexo e eu não sei se... — olho parra trás e ele está ali, vestindo a camisa molhada, com um sorriso idiota, perto demais de mim. — O que você quer?

— Podemos voltar à entrevista?

— Chega atrasado e ainda quer exigir? Até logo, mamãe. Te amo.

Volto para a mesa e ele sorri ao sussurrar.

— Exalo sexo, gostei disso.

Então delicadamente mostro o dedo do meio para ele. Se ele espera encontrar a garota virgem e boazinha que ele conheceu por diversas noites, está muito enganado.

A apresentação de Maria Rosa é hoje, e Diogo parece estar suando.

— Por que está levando este violão, Digo? — pergunto.

— Eu? Não. Que violão?

— O que está na sua mão.

— Eu? Ok, isso é segredo, Nath. Após a apresentação da Maria Rosa, eu vou cantar.

— Cantar aonde?

— Se Deus for com a minha cara, no ouvido dela.

— Não vá acertá-la com o violão, nós dois sabemos como você é desastrado.

— Eu nunca machuquei minha princesa, não farei isso agora.

De repente, Cat aparece alarmada.

— Nathalia, me salve. Diga ao papai que me levará com você.

— Você vai ter que arrumar meu quarto por um mês, terá de voltar antes de a apresentação acabar e tome cuidado para chegar com as roupas inteiras.

— Eu te amo, você é a melhor irmã do mundo! — Ela me beija e corre até o papai.

Catarina Vaughn tem vinte anos. Não é porque é minha irmã, mas ela é linda. Só é meio maluquinha. Ela é guitarrista em uma banda de rock, nunca teve um namorado e pelo que percebi,

está de olho no Pedro. O Pedro, é filho da Antônia, a irmã da tia Gil. E é padre, então, é isso, minha irmã é maluca.

— Nath, você vai levar a Cat?

— Sim, papai.

— Promete trazê-la de volta?

— Isto, eu não prometo. O senhor me ensinou a analisar todos os riscos antes de assumir algo, só garanto que entrarei com ela na Academia Mineira de Dança, nada mais.

Ele arqueia a sobrancelha, avalia Cat quase implorando para sair, e quando nota que Diogo também vai, se aproxima do meu irmão ajeitando seu cabelo.

— Arrume-se direito, filho, a Maria Rosa é delicada. Não pode aparecer com essas roupas amarrotadas e este cabelo desgrehado.

— Relaxa, velho. Ela me conhece a vida toda, vai gostar de mim de qualquer jeito.

— Ela te conhece a vida toda e nunca gostou de você, então, seu método de ser você mesmo não funciona. Boa noite, família — diz Lexi entrando em casa.

— Olá, Lexi, o que é isto que está usando? Um tutu? De que século veio isto?

— Quieta Nath, isso é a nova tendência, e de moda você sabe que eu entendo.

Sim, esta é a Alexia Amorim, mas não a chame assim. AL, é como ela assina suas criações, Alexia Lopes. Ela estuda Moda, mas não pense que anda bem vestida. Quer dizer, elas usa umas roupas legais, mas geralmente é uma combinação de preto, roxo e glitter. Com seu cabelo vermelho gigante, suas maquiagens sempre fortes e seu jeito maluquinho, ela é nossa bruxinha. E por algum motivo que desconheço, eu que sou tão boazinha, sou a bruxa mor. Vai entender.

— Como estou, Lexi? — pergunta Diogo girando na frente dela.

— Horrível. Escove esses dentes, penteie este cabelo e vista uma roupa decente. Você não pretende ver a Maria Rosa deste jeito, não é?

— Vocês são todos muito babacas. Vou assim. Se quiserem ir comigo, vamos embora, pirralhas.

Despeço-me de papai, não moro com eles há dois anos, foi difícil sair daqui, papai escondeu minhas chaves por dias, e depois dormia quase todo dia no meu apartamento, isso foi até a Cat conhecer o padrego, então ele voltou para casa e a colocou em um castigo eterno.

Avisto tio Cleber e tia Sue, assim que entro na Academia.

— Uau! Quem é este homem deliciosamente forte? — brinco.

— Oras, se não é minha pequena babona com um decote grande demais.

— Nem começa, tio. Olá, tia.

Tia Sue é a mulher mais linda que já vi na vida. Depois da minha mãe, claro. Mas ela é linda. Mesmo após anos, lembro-me de quando era criança, sempre a olhava onde quer que ela entrasse, e agora, continua a mulher mais linda deste lugar.

— Oi, meu doce. Fiquei sabendo do professor — diz me puxando pelo braço.

— Não me lembre disso, tia. Estamos fora da empresa e quero esquecer que terei de lidar com ele todos os dias.

— Olá, meninas. Nath, olhe para mim. — Tia Gil avalia minha maquiagem, tira um batom vermelho de sua bolsa e passa rapidamente na minha boca.

— O que está fazendo, tia?

— Oh não! Nath, levante a cabeça, empine a bunda e não dê o braço a torcer — aconselha tia Sue.

— O que? Por quê?

Então o vejo. Lindo em um terno elegante, meioaberto e sem camisa por baixo. O filho da puta consegue ser sexy sem passar por ridículo com uma roupa dessas. Arth se aproxima e beija minha mão.

— Beijo sua boca para fazer ciúme no grandalhão ali, se você quiser — oferece.

— Não escovo os dentes desde ontem, Arth.

Ele faz uma careta e se afasta de mim, eu sempre soube que este amor deles por mim, era falso.

Veja a ironia da vida, Arth e Victor sempre estiveram no meu pé, e não vou mentir. Por mais babacas que sejam, são lindos. Victor tem dois metros de puro músculos, a pele morena e tentadores olhos verdes, já tive uma paixonite por ele, mas, ele é meio sonso. Bonzinho demais, covarde demais, coisas assim. E temos Arth, o filho da mãe parece um modelo. Tem os olhos mais azuis que já vi na vida, mais ainda do que os do tio Matt, um furo irresistível no queixo, um corpo magro, mas musculoso, porém, é um safado. Ele já foi capaz de dizer que me ama com a mão enfiada no peito de outra, numa festa da empresa. Enfim, se juntar os dois, não dá um. Meu irmão é um pouco melhor. Ele parece um imã para mulheres, mas é mesmo muito bonito, se parece demais com a mamãe, e seu jeito largado e ainda o fato de que toca e canta muito bem, sempre chama atenção das mulheres. Mas ele, desde sempre, só tem olhos para ela, minha melhor amiga Maria Rosa. Não estão juntos ainda porque o tio Cleber marca pesado. E porque meu irmão foi meio babaca um tempo atrás e minha amiga é muito vingativa. Mas não se engane ela é um doce de pessoa.

Após o espetáculo maravilhoso, avisto a cabeleira castanha clara de Cat sumir pelos bastidores e olho para todos os lados, menos para ele, que ainda não me viu ali. Aperto as alças do sutiã para que meus seios subam mais, empino a bunda, como a tia Sue ensinou e bem quando vou me aproximar dele e de sua acompanhante horrorosa, meu salto fica preso num espaço do piso de madeira, e fico parada feito uma idiota, perto demais dos dois. Puxo de leve, mas não quer sair, puxo mais uma vez, não quer sair. Olho para os lados e Maria Rosa corre até mim. Ela usa um roupão por cima de sua roupa de balé e olha alarmada o homem a minha frente e o salto aos meus pés.

— Amiga, eu não sei como você sempre consegue fazer essas coisas. É impressionante!

— Fale menos e aja mais, Maria, tire meu salto daí.

— Se eu me abaixar para puxar seu salto, ele vai perceber e vai ser o mico do século. Finja conversar comigo e vamos aguardar que ele saia.

Ela olha para os lados e seus olhos se prendem um tempo maior em Diogo, rodeado de meninas, faz um gesto negativo com a cabeça e quando solta um palavrão, sei que algo ruim vai acontecer. Minha amiga é uma lady, dificilmente fala palavrão. É aí que Victor aparece. E toda vez que ele aparece, algo me acontece.

— Oh céus, que ele não perceba que eu,...

— Está presa, Nath? Eu te ajudo — Ele corre até mim e puxa de uma vez meu pé, me desequilibrando e acho que torceu meu tornozelo no processo.

Quando estou nervosa, emito uma espécie de grunhido, é incontrolável, e sei que estou fazendo isto neste momento, porque ele está ali, olhando para mim com aquele sorriso idiota. Para o mico não ser maior, cutuco Victor com o dedo.

— Vic, me tire daqui. Acho que você quebrou meu pé, seu babaca.

Ele me pega no colo de repente, acho que minha calcinha ficou a vista porque todos os olhares se prenderam em mim. E, para não sair por baixo da carne seca, pego o sapato que está na mão dele, e atiro num garçom que passa no segundo andar. É certo, ele acerta a bandeja e cai, mas nem me

preocupo em onde ele vai parar, o que me importa é que ele a acertou por baixo, virando a bandeja aqui embaixo, em cima dele e de sua acompanhante. Porém, primeiro o sapato acerta em cheio sua cabeça e em seguida vêm as taças de champanhe.

Meio zonzo, ele pega o sapato e olha para o meu pé.

— Ops! Corre Victor, corre.

Meu grandalhão corre comigo para fora da Academia e só avisto o babaca do meu professor parado na porta do teatro com meu sapato nas mãos, enquanto Vic me leva para longe.

— Meu Deus, que eu acorde amanhã e tenha sido um pesadelo. Obrigada. De nada.

Contato com a autora:

<https://www.facebook.com/carlieferrerautora>

https://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

carlieferres@gmail.com

<http://carlieferrers.wix.com/autora>